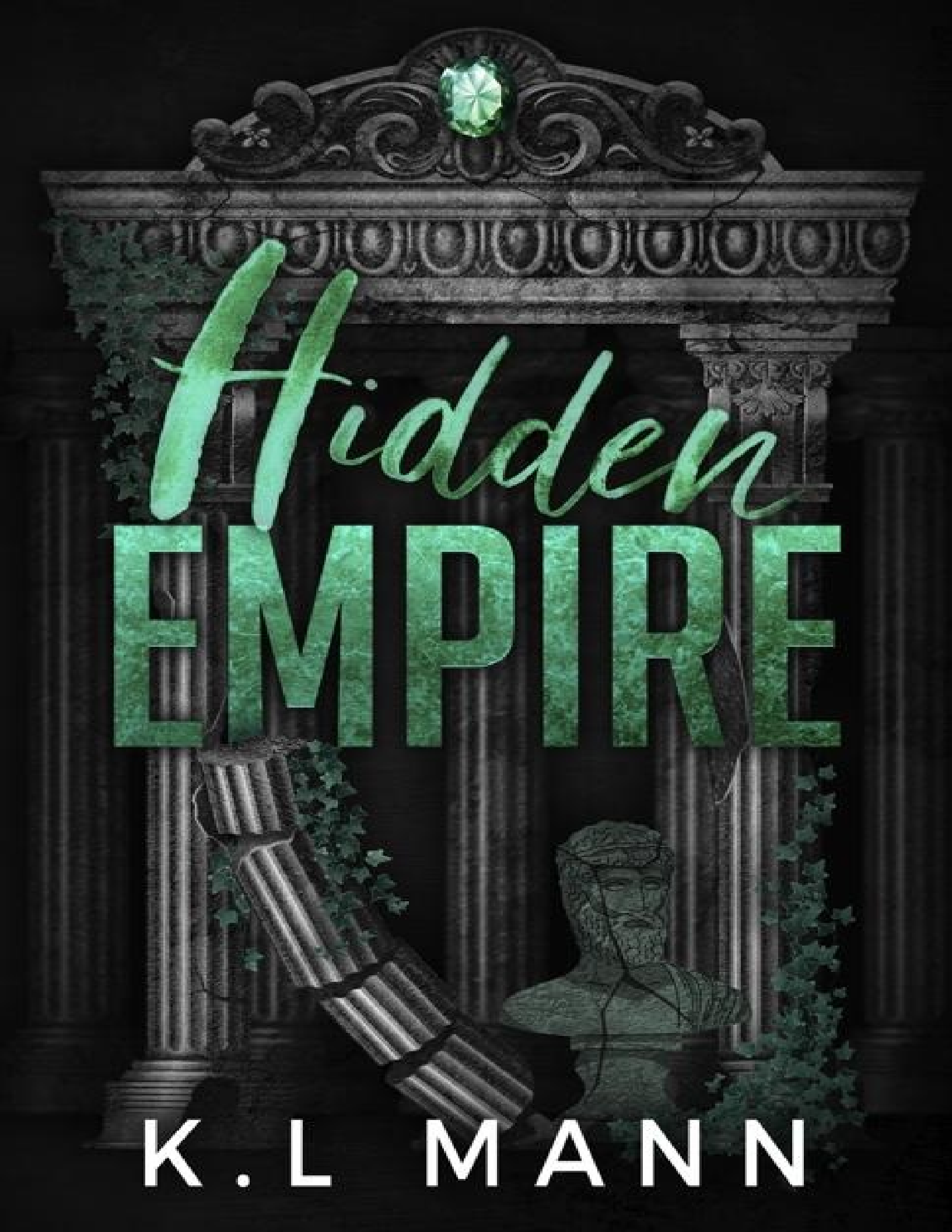

Hidden
EMPIRE
K.L MANN

AVISO

Esta tradução foi realizada de fã para fã, tratando-se de uma obra sem previsão de lançamento no território nacional. Não mantemos acervo e não compactuamos com qualquer método de comercialização. O lucro obtido por terceiros ocorre sem o apoio ou parceria do grupo Tradução EPUB. O uso deste material destina-se exclusivamente ao consumo privado, nos termos da Lei nº 9.610/98.

Siga nosso grupo no Telegram



Império Oculto

K.L. Mann

Conteúdo

Lista de reprodução
Árvores Genealógicas
Nota do autor

1. Capítulo 1
2. Capítulo 2
3. Capítulo 3
4. Capítulo 4
5. Capítulo 5
6. Capítulo 6
7. Capítulo 7
8. Capítulo 8
9. Capítulo 9
10. Capítulo 10
11. Capítulo 11
12. Capítulo 12
13. Capítulo 13
14. Capítulo 14
15. Capítulo 15
16. Capítulo 16
17. Capítulo 17
18. Capítulo 18
19. Capítulo 19
20. Capítulo 20
21. Capítulo 21
22. Capítulo 22
23. Capítulo 23
24. Capítulo 24
25. Capítulo 25
26. Capítulo 26
27. Capítulo 27
28. Capítulo 28
29. Capítulo 29
30. Capítulo 30
31. Capítulo 31
32. Capítulo 32
33. Capítulo 33
34. Capítulo 34
35. Capítulo 35
36. Capítulo 36

37. Capítulo 37
38. Capítulo 38
39. Capítulo 39
40. Capítulo 40
41. Capítulo 41
42. Capítulo 42
43. Capítulo 43
44. Capítulo 44
45. Capítulo 45
46. Capítulo 46
47. Capítulo 47
48. Capítulo 48
49. Capítulo 49
50. Capítulo 50
51. Capítulo 51
Epílogo

Notas finais
Agradecimentos
Redes sociais do autor
Outras obras

Copyright © Maio de 2024

Todos os direitos reservados

Propriedade intelectual de K.L. Mann

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da editora, exceto conforme permitido pela lei de direitos autorais dos EUA.

A história, todos os nomes, personagens e incidentes retratados nesta produção são fictícios. Nenhuma identificação com pessoas reais (vivas ou falecidas), lugares, edifícios e produtos é intencional ou deve ser inferida.

Edição por - geekygoodedits

Capa por - Maldo Designs

Criado com Vellum

Índice de Personagens

Família de Jade

Jade Moretti: Filha única, 18 anos (Princesa da Máfia)
Dante Moretti: Pai, 50 anos (Capo)
Apollo Moretti: Filho mais velho, 31 anos (Futuro Capo)
Leon Moretti: Filho, 29 anos (Subchefe)
Cassio Moretti: Filho, 28 anos (Conselheiro)
Elio Moretti: Filho gêmeo, 25 anos (Gestão de Ativos)
Emilio Moretti: Filho gêmeo, 25 anos (Embaixador da Família)
Armani Moretti: Filho, 23 anos (Instrutor de Armas)
Nico Moretti: Filho gêmeo, 21 anos (Universitário)
Remo Moretti: Filho gêmeo, 21 anos (Universitário)
Matteo Moretti: Filho mais novo, 19 anos (Universitário)
Cesar Moretti: Tio, 41 anos (Executor Atual)
Alina Moretti: Mãe dos meninos (falecida)
Cleo Moretti: Esposa de Leon, 23 anos.
Bastian Moretti: Filho de Leon e Cleo, 3 anos (Futuro Subchefe)
Isobel Moretti: Esposa falecida de Cassio.
Angel Moretti: Filho falecido de Cassio.
Melani Moretti: Esposa de Emilio, 24 anos (Herdeira)
Valerio Moretti: Filho de Emilio e Melani, 2 anos (Futuro Embaixador)
Mila Moretti: Filha de Emilio e Melani, 2 meses.
Martha: Cozinheira da família, zeladora da casa, 54 anos.

Família de Dmitri

Dmitri Morozov: Filho mais velho, 22 anos (Futuro Pakhan)
Anton Morozov: Pai, 52 anos (Pakhan)
Nina Morozov: Mãe, 44 anos (Traidora, Desaparecida)
Ivan Morozov: Filho, 18 anos (Segundo Filho)
Anya Morozov: Filha, 15 anos

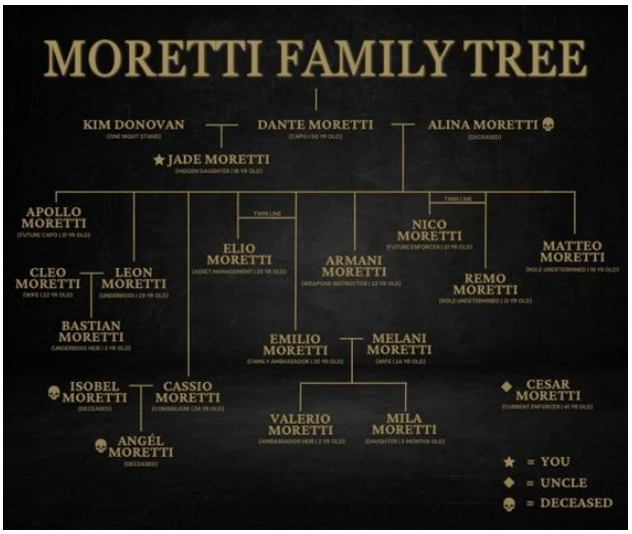
Outros Personagens

Kim Donovan: Mãe de Jade.
Bruce: Namorado de Kim, um cara totalmente mau.
Policial Brian: Policial que leva Jade até Dante.
O Lorde: Governante da Academia Imperial.
Anatoly Petrov: Membro da máfia Morozov, 19 anos.
Thiago Oliveira: Herdeiro de Os Espiões, uma organização brasileira de espionagem mercenária, 21 anos.
Ares Gabris: Herdeiro dos Deuses, uma máfia grega de jogos de azar, 18 anos.
Cole Knight: Filho dos Reis, uma máfia britânica, 19 anos.
Colton Wyatt: Herdeiro dos Foras da Lei, uma máfia texana formada por cowboys, 22 anos.
Dustin Wyatt: Irmão de Colton, 20 anos.
Gabbie Stone: Herdeira dos Ceifadores Perdidos, uma gangue de motoqueiros americana, 21 anos.
Clara Bell: Herdeira das Pombas, uma gangue feminina australiana, 20 anos.
Javier Cabrera: Herdeiro da Guarda, uma máfia espanhola de guarda-costas, 22 anos.
Ana Knight: Filha dos Reis, uma máfia britânica, 18 anos.
Sra. Haller: Instrutora de luta na Academia Empire.
Lorna: Instrutora de culinária na Empire, ex de Armani.

Lista de reprodução

Dollhouse — Melanie Martinez
Eyes On Fire — Blue Foundation
The Exit — Conan Gray
I Miss You, I'm Sorry — Gracie Abrams
Daylight — David Kushner
The Other Side — Ruelle
Work Song — Hozier
Soap — Melanie Martinez
Reflections — The Neighbourhood
Dammit (After Dark) — Dead On A Sunday
Meet You At The Graveyard — Cleffy
The Diary of Jane — Breaking Benjamin
Nobody's Home — Avril Lavigne
Skyfall — Adele
Home — Good Neighbours
The View Between Villages — Noah Kahan
Sex, Drugs, Etc — Beach Weather
Can't Fight The Moonlight— LeAnn Rimes
Home — Daughtry

Árvores Genealógicas





Nota da Autora

Império Oculto é um romance mafioso com um grande elenco e uma forte ênfase em laços familiares. Contém temas sombrios e cenas explícitas.

Possíveis Avisos de Conteúdo
Linguagem Explícita e Violência Gráfica
Abuso Parental
Trauma
Virgindade
Gravidez
Armas e Assassinato
Sexo sem Camisinha
Choro/Pânico
Tortura e Assassinato
Trauma de Abuso Sexual Implícito (não envolvendo os personagens principais)
Medo de Homofobia (não explicitamente retratado)
Assassinato de uma Mulher Grávida (passado, não cometido pelos personagens principais)
Assassinato de um Bebê (passado, não cometido pelos personagens principais)

Por favor, entre em contato comigo se tiver dúvidas ou preocupações sobre algum dos avisos listados. Sua saúde mental é importante.

Para quem deseja um namorado mafioso poderoso que a adore e que aniquile qualquer um que se atreva a cruzar seu caminho.

Capítulo 1



Jade

“Não aguento mais!” O grito é de desesperança e ecoa pelo quarto vazio, cortando o ar como um tapa na cara.

Finalmente consegui.

Finalmente levei Kim Donovan ao seu limite.

Não pensei que seria assim — chegar a esse ponto terminal. Não pensei que doeria, mas uma dor como nunca senti antes irradia do meu peito, descendo pelas minhas costelas. Sinto como se todo o ar tivesse sido sugado do quarto, arrancado de mim no processo.

Eu havia desistido de Kim anos atrás. Desistido da sua capacidade de amar, de cuidar… desisti de chamá-la de mãe. Então por quê? Por que essa dor arde tão terrivelmente?

Será que sou o tipo de pessoa que aguenta ser descartada duas vezes? Me pergunto isso, e ainda assim, eu sei. Não sou. Não sou forte. Quebro fácil e quebro com força. É menos como uma rachadura e mais como um estilhaço, tornando os pedaços de mim dolorosamente difíceis de consertar.

Eu cresci, sim. Aprendi a me proteger de maneiras que jamais imaginei ser capaz. Não sei se isso me torna forte ou estúpida, visto que me proteger foi exatamente o que me colocou nessa situação.

Com os olhos faiscando de raiva, ela continua. Enfiando uma faca invisível no meu estômago, dilacerando minhas entranhas sem pensar duas vezes. "Não a quero nesta casa nem por mais um segundo!"

A assistente social que foi obrigada a estar aqui conosco parece estar testemunhando um filhote sendo chutado. E eu sou o filhote.

Não é ela quem responde, no entanto. É o policial uniformizado ao seu lado. "Senhora, se a senhora tentar tirar sua filha de casa antes que ela atinja a maioridade, será acusada de abandono de menor."

Eu não imaginava que o estado se importasse tanto com o abuso de menores. Achei que algumas semanas não fariam diferença para eles e que eu encontraria outro lugar para dormir esta noite. Talvez a escola — se eu conseguisse entrar sem ser pega.

“Ela só tem duas semanas!” Kim vocifera, quase arrancando os cabelos pela raiz. “Com certeza nenhum júri me condenaria por expulsar aquela lunática da minha casa! Ela é instável e indesejável! Ela é que deveria estar algemada!”

Até o policial estremece com suas palavras cruéis. “Já conversamos sobre isso, Srta. Donovan. Sua filha não pode ser acusada, suas ações foram consideradas justas. O promotor não a levará a julgamento por atos cometidos em legítima defesa.”

Legítima defesa. Auto. Defesa.

Será que ele realmente pensa assim? Espero que sim.

É um homem qualquer que eu nunca vi antes, mas saber que alguém entende o que aconteceu, mesmo que minimamente, me traz um alívio enorme. Alguém não só acredita em mim, como também acha que eu tenho o direito de fazer o que fiz.

Kim grita tão alto que meus ouvidos latejam. "Eu. Quero. Ela. Fora!"

O policial solta um longo suspiro. "A menos que haja algum parente de sangue disposto a assumir a guarda da sua filha, ela precisará ficar aqui até completar dezoito anos, senhora. É a lei."

"Não existem abrigos para crianças problemáticas justamente para coisas assim?!"

A assistente social protesta ruidosamente. "Não é assim que funciona."

Antes que Kim pudesse gritar novamente, o policial ergueu a mão. "Há algum outro membro da família que possa assumir a responsabilidade por Jade? Alguém para quem você possa ligar?"

Espero que ela diga, exasperada, que não há ninguém. Kim não mantém contato com nenhum familiar. Os únicos laços que ela conserva são aqueles que ela pode esquecer num piscar de olhos, e isso é ainda mais difícil com parentes de sangue, então ela não os mantém por perto.

Mas enquanto observo a cena tensa do meu lugar desconfortável no sofá, algo em seu rosto muda. É como se ela estivesse se transformando numa supervilã bem na minha frente, os olhos brilhando com malícia, os lábios se curvando num sorriso sombrio.

"Oooh, tem alguém que pode ficar com ela."

O quê?

Minhas sobrancelhas se franzem quando o policial tira uma caneta e um bloco de notas do bolso. Ele encosta a ponta da caneta na língua, preparando-se para escrever.

“Qual o parentesco dessa pessoa com Jade, e você tem as informações de contato dela?”

“Ah, acho que você tem os dados dela, policial Brian.”

Ela disse o nome dele? Talvez ele esteja usando um crachá que eu não consigo ver. Policiais usam crachás? Não vem ao caso, o que Kim está tentando insinuar?

“O quê?” O policial Brian a olha confuso. “Por quê?”

“Você precisará entrar em contato com Dante Moretti. Tenho certeza de que você sabe como fazer isso, não é?”

Dava para ouvir um alfinete cair, de tão silencioso que ficou o ambiente. Não reconheci o nome, mas, a julgar pela expressão no rosto de Brian, ele reconheceu. Pelo olhar horrorizado no rosto antes doce da assistente social, sei que ela também reconheceu. E isso a assustou.

O tom de sua voz mudou para um murmúrio frio e profundo quando ele falou novamente. "Você está dizendo que é parente de Dante Moretti?"

"Ah, não", Kim estalou a língua. "Eu não. Só a Jade."

"Que tipo de parentesco você está insinuando—"

Pela primeira vez desde o início desta conversa, Kim voltou seu olhar para mim, prolongando uma palavra. Uma palavra cruel.

"Paternal."

Minha boca seca e sinto toda a cor sumir do meu rosto. Um som de surpresa misturado com medo escapa dos lábios da assistente social. Mais horror estampa sua expressão.

"Dante Moretti é o pai da Jade?", pergunta o homem com o crachá, as palavras embargadas pela incredulidade. "Ele jamais permitiria—"

"Ah, ele não sabe da pequena psicopata. Ele não merecia saber antes. Mas agora? Ela é igualzinha a ele. Ele pode ficar com ela!"

Igualzinha a ele, o que isso significa? Quero gritar, minha cabeça começa a latejar com as inúmeras perguntas que me vêm à mente.

“Você disse que meu pai foi embora”, eu sussurro, mal conseguindo pronunciar as palavras. “Você disse que ele me conheceu quando eu era bebê e foi embora. Disse que não conseguiria contatá-lo mesmo se tentasse. Por que você faria isso…?” Minha voz falha, enquanto reprimo as lágrimas.

O puro veneno em seu olhar é suficiente para fazer a bile queimar minha garganta. “Você deveria estar me agradecendo. Eu não te quis, e ele teria te

querido ainda menos. Eu te criei bem e corretamente. Dante não saberia o que fazer com um fardo como você. Uma filha no mundo dele", ela começa, estalando a língua. "Você seria devorada viva. Espero que ainda haja tempo para isso acontecer!"

Crack. Crack. Crack. Minhas costelas estalam a cada nova inspiração.

Mágoa, traição, confusão… tudo isso percorre minhas veias, me congelando por dentro. Tremo, respirando pela boca para tentar encher meus pulmões de ar.

"Espero que ele te mate assim que te vir", ela sibila. "Os Morettis gostam de mulheres puras. Morrer por ser uma prostituta seria ótimo para você depois do que fez!"

Algo no fundo da minha alma se quebra. Meu espírito despedaçado se transforma em uma raiva incontrolável. E em um instante, estou sobre ela, prendendo-a ao chão. Socando seu rosto.

Há dois minutos, eu estava devastada porque o último resquício de amor que eu achava que minha mãe ainda tinha por mim havia desaparecido. Agora? Eu queria nunca tê-la amado. Queria nunca ter ignorado a forma como ela me magoou para poder perdoá-la. Queria que ela nunca tivesse fingido se importar.

Neste momento, enquanto a golpeio com toda a força e velocidade que consigo antes de ser impedida, eu queria que ela nunca tivesse existido. Mesmo que isso signifique que eu também nunca tenha existido. Sinto como se estivesse socando concreto o rosto dela, apenas uma fina camada de pele de cada uma de nós criando uma barreira entre o contato osso com osso. É repugnante, e ainda assim não consigo acabar com isso sozinha.

Não sei quantos golpes consegui acertar antes que o policial Brian conseguisse me separar dela. Meus nós dos dedos estavam ensanguentados e meu peito parecia vazio enquanto ele me arrastava para longe de seu corpo inconsciente. Quando olhei para baixo, vi o que tinha feito, ela estava ali, sangrando e imóvel. A cena me fez sorrir e avançar, na esperança de continuar.

"Pare de lutar", resmungou Brian, tentando me segurar enquanto eu chutava e me debatia para escapar. "Se eu te machucar, mesmo que sem querer, ele vai me matar."

Eu me enrijeci, ficando imediatamente imóvel. Ele estava falando do meu pai. O pai que eu nem sabia que existia. O homem que Kim queria que me matasse. Mas se ele quisesse me matar, por que mataria Brian por me machucar?

"Ele não vai te machucar, Jade", ele sussurra a promessa no meu ouvido como se tivesse lido meus pensamentos. "Dante é um homem complicado. Mas ele cuida dos filhos."

Eu me pergunto se ele está falando a verdade, mas algo em seu tom suave e reconfortante, junto com a maneira como ele me solta, me faz pensar que sim.

Talvez Kim não conheça Dante tão bem quanto pensa.

Ele cuida dos filhos. A declaração se repete na minha cabeça, fixando-se em uma palavra. Filhos. Ele tem mais de um, e eu não estou incluída.

Eu tenho irmãos.

Eu tenho um pai.

A menos que Kim esteja mentindo, o que tornaria isso a coisa mais doentia que ela já fez comigo. Eu não vou dar a ela a satisfação de me iludir. Eu me recuso.

“Não posso ficar aqui”, diz a assistente social com a voz rouca. Viro a cabeça bruscamente em sua direção, tendo me esquecido completamente de sua presença. Ela parecia tão jovem e esperançosa quando chegou, e agora só demonstrava um olhar atormentado. “Vou informar ao nosso escritório que Jade será entregue ao pai. Não vi mais nada.”

Com um aceno de cabeça de Brian, ela sai correndo da casa como se estivesse em chamas.

Acontece tudo muito rápido depois disso — a tentativa de encobrimento. Brian me coloca na parte de trás da viatura e chama uma ambulância pelo rádio, relatando um possível roubo. Ele murmura algo em código ininteligível, mas estou anestesiada demais para perguntar o que significa.

Presumo que ele esteja me levando à delegacia ou a algum lugar para que meu misterioso pai venha me buscar, mas não me dou ao trabalho de perguntar. Apenas respiro, olhando fixamente pela janela enquanto o sol começa a se pôr.

Quando paramos para abastecer, sei que não estamos dirigindo há muito tempo. Então, ou o tanque estava quase vazio ou ele sabe que precisa de mais combustível para a viagem. De qualquer forma, não deixo que ele limpe meus nós dos dedos quando se oferece. Em vez disso, coloco as mãos no colo, balançando a cabeça em silêncio.

Elas doem, mas não quero que ele me toque. Não quero que ninguém me toque. Nem mesmo quero que me toquem.

Ele pragueja, resmungando por ter levado uma surra por me deixar sangrando, mas não insiste. Não mudo de ideia. Mal estou sangrando, vai secar antes de chegarmos. Penso.

São só pequenos cortes na pele, digo a mim mesma. Nada que não possa esperar. Talvez você possa tomar um banho e eles se limpem sozinhos.

O pôr do sol dá lugar ao céu do início da noite, e continuo olhando pela janela. Luzes piscam enquanto passamos em alta velocidade, as casas se tornando cada vez mais raras. Mais árvores preenchem a estrada panorâmica.

Brian tenta falar comigo várias vezes, perguntando se estou bem, mas só consigo murmurar em resposta. Não tenho certeza se estou bem ou não, mas não

tenho nenhuma queixa que ele possa me ajudar a resolver. A menos que ele possa voltar ao dia do meu nascimento e alterar toda a trajetória da minha vida.

"Estamos quase chegando", ele me diz, com a voz baixa e suave. "Vou pedir para você esperar no carro quando chegarmos. Não vai demorar, tá bom?"

Meu estômago se revira só de pensar em ficar sozinha. "Onde?" Para onde estamos indo? Preciso ouvir as palavras.

Ele suspira. "Para a casa do seu pai... do Dante. É bem vigiada, você estará segura no carro. Só preciso falar com ele antes que ele te veja. Tudo bem?"

Preparando-o para a bagunça que sou eu. Ótimo.

Dou de ombros, mesmo com o coração apertado. "Tudo bem."

Quando o carro para, solto um suspiro cansado e observo a paisagem ao meu redor.

Capítulo 2



Dante

“Capo, temos um problema.”

Contenho um suspiro profundo, junto com a vontade de atirar minha faca de carne em Beto. Ele é um dos meus melhores guardas, mas agora, não tenho certeza se meu temperamento se importa. É o primeiro jantar de domingo em meses que consegui agendar perfeitamente para reunir todos os meus filhos aqui.

“A menos que alguém esteja morto, não quero saber.”

“Você definitivamente quer saber”, a voz que responde não é de Beto.

“Você deveria ter ficado aí, porco”, meu guarda rosna, virando-se para o convidado indesejado com a mão firmemente apoiada na pistola que empunha no quadril.

O policial Brian definitivamente não é alguém que eu permita que estrague minha noite. Mas até eu admito que estou curioso. Por que diabos ele está na minha casa?

"Como se eu quisesse estar aqui", ele resmunga sarcasticamente. "Dirigi por três horas porque sabia que, se não viesse imediatamente, minha cabeça estaria em uma estaca."

Meus nove filhos parecem se animar ao ouvir a menção de cabeças em estacas, voltando sua atenção para o policial na entrada da nossa sala de jantar.

Nem consigo exigir que ele me diga por que está aqui antes que ele abra a boca novamente. Pelo menos ele é esperto o suficiente para não me fazer perder tempo, falando o mais rápido possível.

"Por acaso você conhece uma tal de Kim Donovan, Dante?"

“Você interrompeu o jantar de domingo para perguntar a ele sobre uma

mulher? Nossa, vou afiar a estaca", brinca Matteo. Meu filho caçula encontra humor em tudo.

"Talvez eu saiba o nome", respondo vagamente, avaliando-o. "Por quê?"

Ele solta um suspiro. "Eu estava na casa dela hoje, resolvendo uma briga doméstica…"

"E?" pergunto arrastado antes que ele consiga encontrar as palavras.

"Por acaso você a conhecia intimamente uns dezoito, dezenove anos atrás?"

O silêncio já presente no cômodo se torna mortal. A pergunta dele me causa uma dor de estômago que nenhum homem jamais me causou, a não ser em uma tortura.

"Por quê?" repito.

"Tem uma garota. O nome dela é Jade e ela tem dezessete anos." Ele pigarreia. "E a Kim disse que ela é sua."

"Que porra é essa?" um dos meus filhos solta um palavrão. Nem sei qual, porque estou sem palavras.

Ele passa a mão pelo rosto. "A Kim queria expulsá-la de casa, mas faltam algumas semanas para ela fazer dezoito anos e, obviamente, não podíamos deixar. Ela estava berrando e gritando, e quando finalmente perguntamos se havia algum parente de sangue que pudesse ficar com ela…" Soltando um suspiro, ele acrescenta: "Ela te dedurou."

Minha mandíbula se contrai. "Dedurou?"

Ele acena com a cabeça lentamente. "Para ser sincero… foi muito nojento de assistir. Me contou como se quisesse atingir a Jade onde dói. Aparentemente, ela disse para a Jade que o pai dela não queria mais nada com ela e as abandonou. Ela…" ele pausa, sem conseguir encontrar as palavras.

"Ela o quê?"

Isso não parece nada com a Kim que eu conhecia.

"Jesus Cristo, eu nem quero repetir essa merda", ele murmura. "Kim olhou nos olhos dela e disse que não a queria, mas que você a teria querido menos ainda. Que ela só a estava mandando para você agora porque ela era igualzinha a você, e que esperava que você a matasse."

Eu... Por que eu faria isso—

"Ela disse que as garotas Moretti são puras, e você—" ele luta para falar. "Droga, ela disse que você a mataria por ser uma prostituta."

"Ela é uma prostituta?", pergunta meu filho mais velho, Apollo, sem fôlego.

"Apollo", eu respondo bruscamente. Quero repreendê-lo ainda mais. E eu o faria, se ele realmente tivesse feito essa pergunta sobre a irmã dele. Mas... será que eu acredito nessa merda? Meus filhos têm uma irmã? Eu tenho uma filha?

Eu certamente não a mataria por ser uma prostituta, se fosse o caso. Quem a

Kim pensa que eu sou? Um bom homem? Definitivamente não. Mas um assassino de parentes? Nem pensar. Prefiro morrer a matar um dos meus.

"Pelo que ouvi, não", responde Brian, mesmo assim. "Mas as provocações e a revelação de que mentiram para ela a fizeram perder a cabeça. Deu uns socos a mais na Kim antes que eu conseguisse afastá-la. Ela está na enfermaria agora."

Meu coração dispara. "Jade?"

"Não, Kim."

Matteo assobia, como se estivesse impressionado. "Caramba. Vai, irmã."

"A gente não sabe que ela é nossa irmã, seu idiota", diz Leon, secamente. A provocação não é totalmente maldosa. Meus filhos brigam, sim, mas matariam, mutilariam ou morreriam uns pelos outros sem pestanejar.

“Você pode fazer o teste de DNA que quiser, mas Dante? Ela tem os seus olhos.”

Isso chama a atenção de todos nós.

Em tom firme, pergunto: “Onde ela está?”

Ele suspira. “Ela está no meu carro. E antes que você surte por tê-la deixado lá fora, eu não poderia trazê-la para cá sem explicar primeiro. Você ouve falar de ‘possível filha’ sua, vê os punhos dela secos de sangue e eu levo um tiro na cabeça, não é?”

Não vou dizer que ele está errado.

“Ela não me deixou fazer um curativo nela e ficou estoica durante toda a viagem. Ela já era uma criancinha triste. Eu atendia chamados domésticos sobre o namorado esquisito da Kim o tempo todo. Mais recentemente, porque ele deu em cima da Jade e ela o esfaqueou. Acho que ela não gosta muito de ser tocada.”

Meu copo de uísque se estilhaça na mesa quando o bato com força, levantando-me. "Um homem fez o quê com ela?"

"Meu Deus, Dante", ele exclama, estremecendo. "Há três dias, Kim tentou prendê-la por tentativa de homicídio. Eu não estava envolvido no caso, mas sei que foi arquivado e considerado legítima defesa.

"Ela o esfaqueou dezessete vezes e, pelo que sei, não ficou com mais do que alguns arranhões e hematomas. Mas ela tem esse olhar vago desde então, o que me faz pensar... coisas que eu não quero pensar. Não sei o que ela disse aos detetives e ao promotor, mas seja lá o que ela tenha dito, determinou que ela não era legalmente responsável por seus atos."

Ele acha que a Kim deixou algum desgraçado agredir minha filha. Puta merda, ela é minha filha mesmo? Preciso vê-la. Agora.

“Leve-me até ela.”

Jade

A primeira vez que vejo uma mansão de perto, estou no banco de trás de uma viatura policial. Não sei por que acho isso apropriado. Tirando a perspectiva da Kim, nunca me meto em encrenca. Nunca nem fui chamada à diretoria.

Acho que, por conviver com policiais quase o tempo todo nos últimos dois anos, me sinto até confortável com isso. Não sei se eles são pessoas boas, na verdade. Mas parece que os de Thornbridge são melhores que os outros. Eles cuidam de mim, ou pelo menos tentam. Sempre me ouviram, principalmente o Detetive De La Cruz.

Então, a polícia, em quem eu nunca confiaria totalmente, não me assustava tanto quanto a Kim há muito tempo. Principalmente porque parece que ela nunca aprendeu direito a manipulá-los para que me odiassem, e ela é ótima nisso.

Sentada no banco de trás do carro, enquanto a noite sinistra nos envolve, não me sinto mais tão segura. Estou sozinha com meus pensamentos, presa aos eventos do dia, que se repetem em um loop infinito. Assisto a tudo como se fosse um filme, a tela escurecendo antes que minhas mãos toquem a Kim.

É o pior filme que já vi. Tão repugnantemente triste — patético, na verdade. A pequena Jade Donovan — indesejada por todos. Enganada. Abusada com palavras horríveis.

Não só insultos, mas ameaças assustadoras. Eu poderia morrer esta noite, segundo Kim. Se a teoria dela estiver certa, eu deveria estar correndo pela minha vida. Independentemente de o que ela disse ser verdade ou não, não consigo me mexer. Não consigo fazer nada além de encarar minhas mãos ensanguentadas e esperar.

Admito que fiquei um tempo admirando a mansão deslumbrante, hipnotizado por seu tamanho e luxo. Era estimulante demais, no entanto. Observá-la só fez minha cabeça se encher de mais perguntas.

Ele mora aqui? Dante. Meu pai? Ele ficou chateado por ser interrompido em uma noite qualquer de fim de semana? A ideia me deu um nó no estômago. Será que já estou me tornando um fardo para ele?

Passam-se tantos minutos que o ar no carro fica viciado, e, pelo bem dos meus pulmões, penso em entreabrir a porta para deixar entrar um pouco de ar fresco.

Como se esse pensamento o tivesse invocado, o policial Brian se materializa, abrindo minha porta lentamente. Eu me encolho com o som, virando o olhar para

ele. Só que não é o policial Brian que me encara.

É um espelho. Um espelho distorcido que me faz parecer mais velha e máscula. Olhos azuis cristalinos, cabelo escuro, lábios carnudos, maçãs do rosto proeminentes… tão parecido que parece uma alucinação.

“Jade?”, pergunta o homem — não o espelho. Sua voz é grave e rouca.

Um gemido patético sobe pela minha garganta e meu rosto se contorce. “P-pai?”

Não consigo observar sua reação nem ouvi-lo responder antes de desabar em soluços histéricos. Não consigo respirar com a força das lágrimas, cega pelas lágrimas que inundam meus olhos. Minhas costelas se expandem e contraem em movimentos rápidos enquanto começo a entrar em pânico. Nunca choro assim, não na frente de ninguém. Desmorono completamente, mas desmorono sozinha.

Sou puxada para fora do carro e colocada em braços fortes, apertada contra um peito desconhecido. Pela primeira vez em muito tempo, minha pele não arde com o contato. Não sinto a forte vontade de chutar, socar e me debater para me libertar de seu aperto. Me entrego a ele, me amoleço, e enterro meu rosto na curva quente de seu pescoço para esconder as lágrimas.

Minhas pernas balançam no ar enquanto ele começa a se mover, me acalmando suavemente com um "shhh" enquanto se afasta do frio da noite em direção à mansão. Uma mão grande acaricia a minha nuca, repousando sobre meus cabelos despenteados.

"Shhh", ele sussurra, enquanto minhas costelas se contraem e meus pulmões se enchem de ar trêmulo. "Você está bem, querida. Está tudo bem, shhh."

O ar ao nosso redor fica tão quente que parece que eu poderia estender a mão e tocar a barreira entre o frio e o calor. Ele me trouxe para dentro, me chamou de querida e disse que está tudo bem. Sinto que poderia chorar assim por dias, mas tenho uma vontade enorme de parar. Não posso ficar soluçando em cima de um estranho, sujando-o todo de lágrimas e ranho. Eu me recuso.

Como se fosse um interruptor, começo a desligar tudo. A umidade restante nos meus olhos desaparece com uma piscadela, o pânico no meu peito se acalma e a emoção na minha garganta se desentope. Não é instantâneo, mas é rápido o suficiente, terminando com a minha respiração ficando mais lenta. Guardo os sentimentos horríveis, arquivando-os em seu compartimento mental, e então me afasto.

Enxugo o rosto com as costas da manga antes de levantar os olhos. Os olhos azuis espelhados estão lá quando os levanto, me encarando de volta.

"Isso é muito assustador", uma nova voz ressoa, me chocando o suficiente para me fazer estremecer.

Sou colocada de volta no chão lentamente, e meu suposto pai biológico

permanece por perto, mas se inclina para o lado, revelando mais pessoas. Na frente, estão nove homens. Todos altos, com diferentes níveis de robustez, idades variadas e todos com aparência relativamente semelhante.

"E aí, maninha?", a mesma voz de antes ressoa, vinda do rosto sorridente de um dos novos homens. Ele é jovem, moreno e tem uma expressão brincalhona que não combina muito bem com seus traços marcantes.

Um irmão, aparentemente.

Hum, vários irmãos?

Nove. São nove no total.

Meus olhos ardem com a possibilidade de mais lágrimas enquanto meus olhos se fixam em outro espelho. Ele é mais jovem que o primeiro espelho, e seus olhos demonstram mais ceticismo do que os de Dante. Ele está na defensiva ou mal-humorado; de qualquer forma, não tenho certeza se ele está feliz em me ver.

"Jade?", pergunta Dante, e eu me sobressalto, olhando para ele tão rápido que meu corpo se contrai com o movimento. Tenho a sensação de que ele disse algo e eu perdi completamente a atenção enquanto o encarava.

"O-o quê?"

Ele não se frustra nem se aborrece por eu claramente não ter prestado atenção nele. Se eu sequer ouvisse algo errado o que Kim disse, ela ficaria furiosa. Mas não Dante.

“Eu estava apresentando todo mundo”, explica ele, pigarreando. Lentamente, ele aponta para cada um dos nove homens, nomeando-os um por um. “Apolo, Leão, Cássio, Elio, Emílio, Armani, Nico, Remo e Mateus. Essa é a ordem de nascimento, mas não espero que você se lembre disso de imediato. Tenho certeza de que levará algumas semanas para se acostumar com todos. Embora nem todos morem aqui conosco.”

Algumas semanas? Conosco?

“Você quer que eu more com você?”, pergunto, tentando não deixar meu queixo cair.

Imediatamente, minha mente começa a girar com provocações venenosas.

Claro que ele não quer que você more com ele! Você é uma estranha. Provavelmente nem é filha dele. Isso seria típico da Kim, te jogando aos lobos e rindo enquanto eles te destroem.

“Claro, você vai morar aqui”, responde Dante sem hesitação ou dúvida na voz.

“Depois de um teste de DNA?” A pergunta fria vem do mais velho e o outro espelho, Apolo. As palavras doeriam se não fossem totalmente lógicas. A pergunta faz mais sentido do que qualquer outra coisa o dia todo.

“Apolo”, diz Dante como um aviso. “Não haverá teste.”

“Pode haver?” pergunto nervosamente. “Eu... eu quero um, se não for muito incômodo.”

É tão sutil que posso estar imaginando coisas, mas juro que Dante se enrijece.

“Droga”, Matteo, o caçula brincalhão, ri. “Nos rejeitando no primeiro dia, maninha? Ai.”

A ideia de ter essa família, de me tornar parte dela, e então, um dia, descobrir que na verdade não pertenço a este lugar é devastadora. Me mataria, literalmente me mataria, ter isso e depois ver tudo ser arrancado de mim. Eu quero uma família desde que entendi o conceito, e ser iludida com essa ideia... Preciso ter certeza.

Corando, começo a explicar. "Eu não quis dizer—"

"Tudo bem", Dante me interrompe. "Se você quer uma, nós fazemos."

"Ele já está comendo na sua mão", Matteo comenta com um sorriso. "Você definitivamente é a filha dele. Sempre quis uma menina, não é, pai?"

"O médico pode estar aqui em dez minutos", Apollo interrompe, olhando para cima de um telefone que eu não vi ele pegar. "Ele vai trazer o kit de teste; o teste rápido leva uma hora."

Uma hora? Meu estômago revira.

Existe a possibilidade de tudo isso terminar em uma hora. Será que eles me expulsariam assim que o resultado do exame saísse?

"Jade", diz Dante, chamando minha atenção de volta. Suas mãos quentes e calejadas seguram meus ombros, e seus olhos me encaram fixamente. "Não me importo com o resultado do exame, você vai ficar aqui. Você é minha filha."

Ele não pode estar falando sério. Não tem como.

Mas a parte de mim que sempre se agarra à dúvida para me proteger parece se dissipar com sua declaração gentil.

"T-tudo bem", sussurro, mal conseguindo me controlar.

"Você está com fome?", ele pergunta. Não sei se consigo comer sem vomitar. "Estávamos jantando—"

Por dentro, grito. Interrompi o jantar deles. Dante disse que nem todos moram aqui, e se eles tiveram que viajar para isso? Meu Deus.

Nervosa, mordo o lábio. "Talvez algo pequeno?" Posso beliscar um pãozinho ou dar algumas mordidas na salada, se isso significar que eles podem continuar jantando.

"Ótimo", Matteo comemora, já se preparando para sair. "Quero meu bife antes que esfrie."

Quero me desculpar, mas Dante já está me guiando para fora da sala,

seguindo meus — talvez — irmãos.

A sala de jantar não é o que eu esperava. É enorme, sim, mas também é inegavelmente aconchegante, como uma casa de verdade. Quando olho para a mesa, solto um suspiro de alívio. Nada parece estar frio.

Os pratos estão fumegantes, repletos de comida fresca. Bifes grossos, batatas empilhadas e brócolis amanteigado. Uma senhora mais velha, de cabelos grisalhos e óculos grandes, atende à mesa e levanta o olhar enquanto todos nós entramos. Tenho a impressão de que ela manteve a comida aquecida ou a repôs completamente, sem que ninguém pedisse.

Matteo fica mais do que satisfeito, aproximando-se dela, pegando sua mão e suspirando de felicidade. "Oh, Martha, quando você vai retribuir meu afeto? Você é a mulher perfeita. Basta dizer uma palavra e eu me caso com você em um instante."

Ela o repreende como se ele fosse um garotinho bobo e afasta suas mãos com um gesto brusco. "Coma e comporte-se, ou nada de sobremesa para você."

Ele engasga. "Martha, você nunca conseguiria me privar dos seus doces. O que eu faria com o meu café depois do jantar?"

"Tomara que eu me engasgue com ele", responde Apollo.

"Que grosseria!", resmunga Matteo, sentando-se.

Todos os outros se sentam e começam a comer. Ninguém os repreende, mandando-os esperar Dante comer primeiro ou comer mais devagar. Eles podem se servir à vontade, sem serem punidos. Tão bizarro, mas tão certo.

Capítulo 3



Jade

“Ah, quem temos aqui?” pergunta Martha, aproximando-se de Dante e de mim.

“Esta é Jade”, diz Dante. “Minha filha.” O orgulho em sua voz me atinge em cheio.

Seus olhos brilham e, instantaneamente, suas mãos estão em mim. “Filha?” pergunta ela, segurando meu rosto entre as palmas das mãos, examinando cada traço do meu corpo.

Não gosto que uma estranha toque meu rosto, mas também não quero irritar minha futura família afastando as mãos dessa mulher de mim.

Quando termina, ela lança um olhar fulminante para Dante. "Você me privou de uma filha, Ragazzo?" Embora eu tenha presumido que a família fosse italiana pelos nomes, Martha é a única com um sotaque carregado. Há também um leve sotaque italiano na voz de Dante, só que mais suave.

"Ela também me foi negada", ele corrige, cerrando os dentes.

Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, palavras desconhecidas começam a jorrar de sua boca, palavras raivosas e ásperas que não consigo entender. Se eu tivesse que arriscar um palpite, diria que ela está soltando uma série de palavrões em italiano.

Gostaria de falar italiano, porque tenho a impressão de que ela é bem criativa com os palavrões. Talvez ouvi-los aliviasse um pouco meu nervosismo.

Martha bufa depois de terminar seu desabafo, e seus olhos começam a ficar vermelhos. "Vou preparar o jantar para você", diz ela, voltando ao inglês com naturalidade. "Você está com fome, não é?"

"Não sei se conseguiria comer um jantar completo agora", admito, evitando

os olhares ao redor. Então, tenho o estômago sensível quando estou nervosa, e daí?

Ela inclina a cabeça em sinal de compreensão. "Vou preparar caldo e biscoitos para você", diz ela, sem dar margem para discussão. "Você tem alguma alergia? Algum alimento que não possa comer?"

Pisco os olhos, sentindo de repente dificuldade para pensar. "Hum, não. Posso comer qualquer coisa—"

“Perfeito.” Sua declaração alegre interrompe minha fala antes que eu termine. Ainda bem, ou temo que eu teria começado a divagar. “Senta, senta”, insiste Martha, praticamente me empurrando para a cadeira vaga. Sua pequena figura desaparece da sala no instante em que meu traseiro toca a madeira.

“Então”, começa Matteo, cortando alegremente o pedaço de carne em seu prato. “Conte-nos sobre você, maninha.”

Dante pigarreia, o som como um aviso.

Seu filho mais novo revira os olhos e dá uma mordida no bife quente e vermelho. Seus dentes afundam na comida e ele já está cortando outro pedaço. “O quê? Não posso fazer perguntas?”

Minha garganta aperta e eu engulo em seco. “Não, tudo bem.”

Ele só está curioso, e o Matteo parece ser muito simpático. Não sei bem como responder a uma pergunta tão aberta, mas não posso ficar brava com ele por tê-la feito. Não quero que o Dante faça com que todos andem em ovos perto de mim, mesmo que a aparente proteção dele me aqueça o coração.

"O que você quer saber exatamente?", pergunto, tentando definir melhor o que dizer. Conhecer pessoas novas não é algo em que eu tenha muita experiência. Conhecer pessoas que eu quero desesperadamente que gostem de mim? Menos ainda.

"Tantas coisas", ele responde com entusiasmo.

Martha volta, colocando uma tigelinha com um líquido fumegante na minha frente, junto com um pratinho de biscoitos. "Não a importune muito", ela avisa.

Matteo, fingindo estar ofendido, coloca a mão no coração. "Eu jamais faria isso."

"Aham", ela responde com sarcasmo. Antes que ele possa protestar mais, ela aperta meu ombro de leve. "Se você sentir fome mais tarde, venha me procurar. Meu quarto é perto da cozinha. Pode bater a qualquer hora."

É claro que não vou bater. Prefiro ir dormir com um pouco de fome do que incomodá-la no meio da noite! É claro que não posso dizer isso a ela.

"Obrigado", digo educadamente.

Mais um leve aperto no meu ombro e um sorriso caloroso são como ela se despede, dando uma suave boa noite à mesa. Assim que ela sai da sala, pego

minha colher. Quase me arrepio ao ver o sangue seco nos meus nós dos dedos. Eu poderia pedir para ir lavá-los, mas agora que me sentei, parece que seria incrivelmente difícil levantar de novo. Se é uma queda de adrenalina, ansiedade ou apenas cansaço, não sei ao certo. Digo a mim mesma que poderei tomar banho mais tarde e afasto esse pensamento da minha mente por enquanto.

Sinto o olhar de Dante sobre mim enquanto tomo o primeiro gole da sopa quente. Seus olhos preocupados são reconfortantes em vez de perturbadores, o que é bom. Ele não é tão assustador quanto eu esperava. Musculoso, com um ar de domínio e poder, sim. Mas ameaçador na minha direção? De jeito nenhum.

O caldo é bem leve para o meu estômago nervoso, felizmente. Matteo me permite comer um pouco antes de falar novamente.

"Você quebrou o nariz?", pergunta ele, continuando a comer casualmente. É uma pergunta inesperada para nos conhecermos melhor.

"Hum, sim", respondo timidamente. Ele provavelmente já tinha adivinhado por causa da pequena cicatriz na ponte do meu nariz. É pálida, mas não invisível, principalmente sob a luz direta. "Quando eu tinha cinco anos."

Ele franziu levemente o nariz e perguntou: "Como é que alguém quebra o nariz aos cinco anos?"

"O que aconteceu?", perguntou Dante ao mesmo tempo.

Como se todos percebessem o mesmo tom de perigo em sua voz, a mesa parou, e todos os olhares se voltaram para mim.

"Foi um acidente", expliquei, tentando aliviar a preocupação coletiva. Os olhares não cessaram, então continuei. "Caí da bancada da cozinha e bati com o rosto no chão de azulejo. Não foi uma queda muito alta, então fiquei bem depois que o hospital ajeitou o osso."

"Por que você estava na bancada?", perguntou Apollo, com o rosto disfarçando qualquer pensamento ou sentimento. É um pouco assustador como ele consegue fazer isso — ficar completamente inexpressivo.

“Acho que era só coisa de criança”, digo a ele, usando a mesma resposta que dei aos médicos do pronto-socorro. “Não me lembro muito bem.” Uma mentira completa, mas uma que não me importo de contar.

Antes que alguém possa questionar mais alguma coisa, um homem desconhecido carregando uma pequena mochila entra na sala, e Dante se levanta.

“Jade, este é o nosso médico de família.”

Não consigo fazer muito além de torcer para que tudo dê certo enquanto os próximos momentos passam.

O homem que insiste que eu o chame simplesmente de "Doutor" limpa minhas mãos antes de fazer qualquer outra coisa. Tento dizer que posso fazer isso sozinha, mas ele não se digna a responder. Meus nós dos dedos são

desinfetados, lavados de todas as manchas restantes e besuntados com algum tipo de pomada que brilha sob a luz do lustre. Agradeço a ele, e ele resmunga sobre ter cuidado com a pele delicada. Não sei bem como ter cuidado ao dar um soco de raiva na minha mãe, mas talvez eu peça dicas de luta a um dos meus irmãos. Acho que eles provavelmente terão algum conselho.

O processo de teste de DNA começa em seguida, e é rápido e indolor. O médico fura meu dedo, espremendo um pouco de sangue em um tubo antes de fazer o mesmo com Dante. Ele é quieto e aparentemente eficiente, conseguindo exatamente o que precisa e se retirando para outra sala para realizar o restante do teste.

Não demora muito para que mais perguntas sejam feitas.

"Você tem irmãos?", pergunta Matteo, sorrindo como se tivesse pensado em algo empolgante. "Quero dizer, além de nós."

Ele tem tanta certeza de que sou um deles, mesmo antes do teste confirmar. Sua confiança é realmente contagiante, e está cada vez mais difícil controlar minhas expectativas. Não quero viver com uma decepção esmagadora, mas quero ficar aqui para sempre ainda mais.

A declaração de Dante de que não se importa com o resultado do teste é apenas um pouco reconfortante. Ele diz isso agora, mas as pessoas mudam de ideia. Vai saber, eu posso ser filha do seu maior inimigo, e essa é a maneira que Kim encontrou para tentar me matar. Ou pior, eu posso não ser filha de ninguém, como sempre presumi.

"Por que você se importa se ela tem irmãos?", pergunta Elio. Acho que o nome dele é Elio mesmo. Não consigo ter certeza, já que ele está sentado bem na frente de uma cópia idêntica de si mesmo. Uma pontinha de culpa me invade. Sinto que deveria ser capaz de identificar cada um deles, mesmo que tenhamos acabado de nos conhecer.

"Eles não seriam nossos parentes", acrescenta ele, esclarecendo sua confusão.

Matteo dá um sorriso irônico. "Isso se o papai só tiver transado com ela uma vez, e, sejamos honestos, ele é meio safado. Somos literalmente dez irmãos."

Meus olhos se arregalam e eu olho para Dante, me preparando para o que ele vai dizer. Estou quase mais chocada com a expressão no rosto dele do que com as palavras ousadas de Matteo. Ele balança a cabeça, os lábios comprimidos em uma linha fina, mas há diversão em seus olhos.

"Sorte sua, já que sua existência é resultado da minha... vida amorosa."

Matteo gargalha, jogando a cabeça para trás e soltando uma risada deliciosa. "Vida amorosa", ele repete, rindo. "Já se censurando, perfeito."

"Eu nunca tive irmãos, não", respondo, dando de ombros.

"Até agora", Matteo completa, sorrindo.

Espero.

A tensão parece dissipar-se e a conversa flui com mais leveza. Meu estômago se acalma ao terminar a sopa e os biscoitos, mas não peço mais nada. De jeito nenhum vou arriscar vomitar rodeada pela minha potencial família.

Matteo conduz a maior parte da conversa, o que é um alívio, já que não me lembro da maioria dos nomes. Sou especialmente grata por ele não se intrometer nos ferimentos das minhas mãos, nem em nada muito pessoal. Ele me pergunta sobre minhas coisas favoritas: cor (vermelho), comida (batata frita), bebida (suco de maçã) e outras coisinhas que me escapam à memória enquanto respondo. Parece um sonho, mas não consigo impedir que aconteça. É o jantar mais tranquilo que já tive... bem, de toda a minha vida.

Armani, tenho quase certeza de que esse é o nome dele, também faz algumas perguntas. Meu cabelo é tingido? Não. Eu tenho redes sociais? Nem se eu quisesse teria, mas eu só digo que não. Ele é todo tatuado e pergunta se eu tenho alguma. Dante parece quase preocupado até eu explicar que não. Nem piercings. Precisa de dinheiro para essas coisas, então nunca nem me perguntei se eu gostaria de ter.

Me pego sorrindo até que passos chamam minha atenção, e eu respiro fundo, nervosa, ao perceber que Doc já voltou.

De alguma forma, já se passou uma hora desde que coletaram meu sangue. Não me lembro de uma única vez na minha vida em que fiquei sentada à mesa de jantar por uma hora inteira, simplesmente curtindo uma conversa. Por outro lado, também nunca estive em uma mesa tão grande e cheia de gente. Uma pequena pilha de papéis brancos é entregue a Dante sem que se diga uma palavra.

Os resultados do exame são entregues com um simples aceno de cabeça. O sorriso que ilumina o rosto de Dante enquanto ele lê o resultado impresso confirma tudo.

Sou filha de Dante Moretti. Tenho um pai, e ele está feliz por me ter.

Se isso for um sonho, não quero acordar nunca.

Capítulo 4



Jade

Metade dos meus irmãos precisa ir embora depois do jantar. Embora pareçam relutantes, tenho certeza de que têm ótimos motivos. Foi uma surpresa total para eles, e percebo que parecem homens ocupados.

Gostaria que tivessem me dito seus nomes novamente antes de irem embora, mas os olhares de desculpas são suficientes para eu saber que os verei novamente. Enquanto alguns vão embora, outros ficam. Principalmente Apollo, Armani e Matteo, que presumo que morem aqui.

É um pouco estranho me despedir do grupo que está indo embora. Não nos abraçamos nem apertamos as mãos, mas me pergunto se talvez tivesse sido legal. Não há muito tempo para pensar nisso, pois me oferecem uma olhada no lugar onde ficarei hospedada.

“Este é o seu quarto”, diz Dante — meu pai. Ele escolheu um quarto no segundo andar de sua casa gigantesca sem pestanejar. Como se soubesse exatamente onde me colocaria assim que me visse. “Podemos mudar qualquer coisa aqui para combinar com o seu estilo, se quiser. Não é usado há anos, precisa de uma reforma.”

Uma reforma? Sério? Até a realeza se hospedaria aqui confortavelmente.

Uma cama que com certeza acomodaria cinco de mim encosta na parede mais distante, pilhas de travesseiros repousam contra uma cabeceira estofada luxuosa, com lençóis de seda e cobertores macios. Cômodas, gaveteiros e mesas de cabeceira combinando preenchem o espaço, perfeitamente organizados para manter o quarto aberto, mas aconchegante.

Cada parede é pintada num tom rico e cremoso de avelã, com detalhes em

quadros e apliques de parede emoldurados em dourado. Há duas portas, uma de cada lado da cama, ambas entreabertas, revelando um vislumbre do interior. Um banheiro e um closet que poderia ser três closets.

O piso de mármore sob meus pés não é preto e branco como os que já vi; é como caramelo. Uma base creme com detalhes em marrom-caramelo que a atravessam como um relâmpago rasgando o céu. É como um café com leite em excesso, decorado com leves toques de xarope de bordo. Sinto que deveria ser presa por pisar em algo tão lindo com meus tênis surrados.

Pisco os olhos, me perguntando se minha visão está funcionando direito. Não é possível que este lugar seja só meu. É enorme.

Quer dizer, tem literalmente um lustre. Um maldito lustre de cristal pendurado no centro do teto.

“Este quarto é para mim? Tem certeza?”

“Se você quiser”, meu pai diz cautelosamente, como se não tivesse certeza se está dizendo a coisa certa. “Temos outros quartos de hóspedes, mas não são tão mobiliados e ficam mais longe dos nossos. Tem alguma coisa que você não goste?”

“É demais”, respondo francamente. “Não preciso de tanto espaço. Alguém precisa de tanto espaço assim?” Não estou reclamando, necessariamente. Só não consigo imaginar que não haja outra utilidade para ele. É isso que os ricos enfrentam? Quartos enormes demais, alguns deles sem uso por anos?

Ele dá uma risadinha de alívio. "Espaço não é exatamente algo que nos falte, querida. Confie em mim, não é demais."

Engulo em seco, ainda tentando absorver cada centímetro do lugar. "Não vou ocupar o quarto de ninguém, né?"

Quando me viro para ver meu pai responder, encontro Matteo por perto, rindo baixinho enquanto se encosta no batente da porta. Nem o ouvi se aproximar, perdida demais no momento.

Meu irmão me responde antes que Dante possa. "A menos que você ache que os mortos têm direito a um quarto, então não, você definitivamente não vai ocupar o quarto de ninguém."

Faço uma careta, meus olhos se arregalando. "Alguém morreu aqui?"

Olha, sou extremamente grata por tudo que minha nova família está me dando, mas não sei se consigo dormir em um quarto assombrado.

Nosso pai suspira. "Não aqui."

"Era da Alina", diz Matteo com um sorriso. "É por isso que o closet é o maior. Ou melhor, era o maior. O Armani ampliou o dele uns oito anos atrás."

"Não chame sua mãe pelo nome", repreende Dante. "Ela não ia gostar." A mãe deles está morta, não sinto falta desse detalhe. Como poderia?

Matteo revira os olhos e o encara fixamente. "Não me importo muito com o que ela gostaria. Ela morreu há mais de uma década. Eu chamaria o Apollo de 'mãe' antes de dar esse título à Alina. Tenho quase certeza de que ele me segurou mais do que ela segurou qualquer um de nós, então..." Ele dá de ombros, terminando sua explicação.

Enquanto reprimo uma carranca, uma onda de compaixão me invade.

Papai faz uma careta e suspira. "Enfim, o quarto está bom, querida? Temos outros, como eu disse, mas este é o mais perto do meu e do Apollo, o que o torna o mais seguro."

"Está mais do que bom", respondo, na esperança de aliviar um pouco o estresse que ele claramente está sentindo.

Ele acena com a cabeça, os lábios se curvando levemente em um sorriso. "Vou te dar um tempinho para se acomodar. Já é tarde, você provavelmente está cansada, né?"

Duvido que eu conseguiria dormir mesmo se tentasse. "Sim, tudo bem", respondo mesmo assim.

Após um momento de hesitação, Dante se aproxima e deposita um beijo suave no topo da minha cabeça. É o gesto mais doce. "Venha me chamar se precisar de alguma coisa, ok? Grite se não encontrar ninguém, há guardas por toda a propriedade e eles saberão me encontrar a qualquer momento."

Assinto com a cabeça, inclinando-a para baixo em confirmação de que entendi. "Ok, obrigada."

"Não", ele interrompe, ponderando suas palavras. "Não me agradeça, Jade. Sou seu pai e já perdi momentos importantes da sua vida. Não preciso de agradecimentos por cuidar de você. É uma honra."

Meu queixo ameaça tremer e Matteo bate palmas, interrompendo o momento. "Ok, velho, vá logo antes que você a sufoque no primeiro dia."

Não sei se ser sufocada por carinho ou palavras gentis é sequer possível para mim neste momento da minha vida. Acho que estou faminta por isso.

Papai pigarreia e dá um passo para trás, recompondo-se ao ajeitar os punhos da camisa. "Certo, conversamos mais amanhã. Vou te mostrar tudo direitinho depois do café da manhã." Virando-se para Matteo, ele acena com a cabeça. "Se ela precisar de alguma coisa—"

"Sim, pode deixar comigo, pai", ele responde arrastado, interrompendo-me em tom de brincadeira. "Pode ir embora para que eu possa acomodar a garota."

Suspirando, ele faz exatamente isso. Saindo do meu novo quarto, ele desaparece no corredor, deixando apenas o som de seus passos leves atrás dele.

“Vamos ver”, começa Matteo, entrando mais na sala. “Se bem me lembro, tem umas coisas boas escondidas bem aqui…” ele murmura, olhando nas

gavetas da mesinha de cabeceira. “Ah, bem aqui.”

Tirando um pequeno controle remoto preto, ele fecha a gaveta e se vira para a parede lateral. Apontando o aparelho para o nada, meus olhos se arregalam quando a parede se move, abrindo um compartimento secreto. Uma grande televisão de tela plana aparece e liga.

“Não sei quanto a você, mas dormir sem nenhum ruído de fundo é um dos meus maiores pesadelos”, comenta ele, navegando pelas opções de aplicativos da smart TV. “Você pode usar qualquer um deles para ouvir música ou assistir a filmes, todos ainda estão conectados. Tenho quase certeza de que a Martha também guarda garrafas de água na outra gaveta do criado-mudo, então você tem algumas para o caso de precisar.”

“Nossa”, digo sem jeito, um pouco impressionada.

“Não, ainda não é impressionante”, responde Matteo com naturalidade. “Vamos dar um jeito de ficar impressionante para você. Seu quarto é o mais sem graça, mas podemos dar um toque especial.”

Não acho que seja sem graça de jeito nenhum.

“Alguma pergunta, maninha? Tenho muita sabedoria para compartilhar.”

Na verdade, sim. “Tem alguma regra que eu deva saber?”

Matteo bufa, jogando o controle remoto da TV na minha cama. "Regras? Tipo o quê?"

"Não sei", respondo cautelosamente. "Tipo regras da casa. Coisas que eu não posso fazer?"

Ele pondera por um segundo. "Quer dizer, não saia sem avisar ninguém e não incendeie a casa", diz, dando de ombros. Mais seriamente, acrescenta: "E nada de garotos, a menos que você queira vê-los enforcados no jardim da frente."

Meu Deus. Me disseram que eles são criminosos, mas o jeito como ele fala essas coisas abertamente é um pouco perturbador. Com o rosto esquentando, balanço a cabeça negativamente. "Não tem nenhum garoto com que se preocupar, pode ter certeza."

"Bom, então você está basicamente tranquila", responde ele, satisfeito.

Mordo o lábio inferior, pensando que não pode ser só isso. Matteo é um cara engraçado e descontraído, pelo que percebo. Duvido que as regras sejam levadas a sério por ele, mas para mim são muito sérias. Não posso estragar tudo, não agora que acabei de receber tudo o que sempre sonhei.

"Tem certeza? Não tem mais nada?"

Ele faz uma pausa, tentando pensar melhor. "Que tipo de regras você está pensando? Quão rígidas eram as regras na sua casa?"

Engulo em seco, soltando um suspiro. Não vou entrar em detalhes. "Tipo, vocês têm hora para dormir? Lugares da casa onde não se pode ir depois de certo

horário? Limites para certas coisas?"

"Limites para certas coisas?" Sua voz fica mais grave com essa pergunta.

Tento sondar o terreno, fazendo perguntas vagas relacionadas às regras menos rígidas às quais estou acostumada. "Tipo, se eu tomar banho hoje à noite, quanto tempo posso ficar no chuveiro? Cinco minutos? Dez? E se eu quiser um lanche? Tem alguma comida proibida? Ou—"

"Pare", ele me interrompe, com os olhos marejados de perigo. "Jade, se eu algum dia souber que você sai correndo do chuveiro em menos de cinco minutos porque acha que precisa, eu vou ficar puto da vida. Coma o que quiser, tome banho pelo tempo que quiser e não, você não tem hora para dormir. Você não precisa ir para a cama se não estiver com sono."

Tento não me encolher. Sei que ele não está bravo comigo por perguntar, mas mesmo assim, meu cérebro entra em modo de defesa. "Tá bom, obrigada."

Ele se recompõe e respira fundo. "Droga, desculpa, acho que exagerei um pouco. Só não faça nenhuma dessas besteiras aqui, Jade. Tome um banho de uma hora se quiser, coma tudo, faça bagunça, assista TV a noite toda, não tem problema. Esta é a sua casa."

Estou me segurando para não me emocionar quando ele estala os dedos. "Aliás, deixa eu pegar uma roupa para você dormir. Toma um banho, veste meu moletom e a gente resolve o resto amanhã, tá bom?"

As roupas dele com certeza ficarão grandes para mim, mas isso não é problema. Prefiro ficar usando as roupas do meu irmão do que dormir desconfortavelmente com a roupa que estou vestindo hoje. Calça jeans e uma camiseta velha não são exatamente um pijama confortável.

"Seria ótimo, obrigada", digo a ele, agradecida pela oferta.

"Ei, você ouviu o que o papai disse", ele brinca, indo em direção à porta. "Não precisa agradecer, irmã. É para isso que servem os irmãos mais velhos."

Sinto um leve desconforto nas bochechas enquanto sorrio. Não demora muito para ele voltar, com os braços cheios de coisas. Duas calças de moletom, duas camisetas e alguns produtos de higiene pessoal.

“Duvido que alguma coisa aí seja boa”, explica ele, jogando tudo na minha cama para eu dar uma olhada. “A Martha mantém o sabonete, as toalhas e os produtos de higiene pessoal abastecidos, mas provavelmente só tem uma barra de sabonete no chuveiro.”

Ele trouxe xampu, condicionador e sabonete líquido. “Tudo o que eu tenho é cheiro de homem, mas logo vamos comprar as suas coisas para substituir.”

Eu poderia ter me virado com a barra de sabonete, mas não vou mentir e dizer que não estou ansiosa para lavar e condicionar o cabelo.

“Cheiro de homem está ótimo”, digo, falando sério. Cheirar a limpeza é tudo

o que preciso. Quase agradeço novamente, mas me contenho. “Seu quarto também é neste andar?”

Ele acena com a cabeça, entusiasmado. “Sim, no final do corredor à direita. O melhor quarto da casa.”

“É mesmo? Por quê?”

“Porque é meu, óbvio”, ele responde, sorrindo.

“Claro”, eu rio baixinho.

Matteo sai do meu quarto depois de me dar um toque de punho de boa noite.

Ainda atordoada com o dia, deixo o silêncio do meu novo espaço me envolver e começo a olhar ao redor. Sonhadora, encontro o caminho até o banheiro, levando as coisas que Matteo me deu. É mais parecido com um spa de revista do que qualquer banheiro em que já estive. O box do chuveiro é todo de mármore cor caramelo, do teto ao chão, e me chama imediatamente.

Mais de cinco minutos, lembro a mim mesma. Posso usá-lo pelo tempo que eu quiser, e é exatamente isso que vou fazer.

Despi-me, joguei as roupas de lado e encontrei uma toalha de rosto e uma bucha vegetal sem uso debaixo da pia. Levei alguns segundos para entender os controles da água, mas assim que consegui, água quente e fumegante começou a jorrar da torneira. O jato era denso e abundante, massageando minha mão enquanto a mergulhava na água para testar a temperatura. Estava tão quente que me arrepiei todo e meu corpo aqueceu.

Ao entrar, fui inundada por um calor reconfortante.

Então é assim que o paraíso é.

Capítulo 5



Jade

Pensei que talvez não conseguisse dormir depois de um dia tão agitado, com altos e baixos, mas o banho — o melhor da minha vida — foi praticamente uma canção de ninar com leite morno. Afundei na cama com a pele recém-limpa, o cabelo envolto numa toalha macia e o corpo envolto nas roupas emprestadas do Matteo.

Não demorei a pegar no sono, então nem olhei as opções da TV. Dormi profundamente e bem, só acordando quando o sol brilhou forte demais pelas janelas. Nem estava desorientada, sentada com todas as lembranças da noite passada bem vivas. Não conseguiria esquecer, mesmo que tentasse, e com certeza não tentaria.

Um pequeno relógio marca nove da manhã, várias horas a mais do que eu normalmente teria permissão para dormir. As aulas começam às oito, mas não vou mencionar isso para ninguém. Eu jamais poderia voltar àquele lugar e ficaria mais do que satisfeita.

Minha toalha caiu da minha cabeça em algum momento da noite, então passo os dedos cuidadosamente pelos cabelos, sem encontrar um único nó para desembaraçar. Graças ao condicionador do Matteo, meus cachos, normalmente secos, estão hidratados e macios como seda.

Uma batida suave na porta chama minha atenção.

"Sim?", pergunto, sem saber como responder.

"Sou eu", responde a voz familiar do Matteo. "Posso entrar?"

Sentada na cama com as pernas cruzadas, esfrego os olhos. "É!"

Sem esperar mais um segundo, ele abre a porta e entra. "Acordou tão cedo?",

pergunta. Ele está sem camisa e o cabelo um pouco despenteado, então presumo que também acabou de acordar.

"Vai ver como estou tão cedo?", respondo, sorrindo.

"Claro", diz ele, com naturalidade. "Dormiu bem?"

"Maravilhosamente. "Sim, foi ótimo."

Ele acena com a cabeça em aprovação. "Que bom. Posso te levar para tomar café da manhã daqui a pouco, se quiser. Todos, menos o Emilio, voltaram; ele teve que pegar um voo para casa ontem à noite."

Tento não franzir a testa, tentando associar o rosto de Emilio ao seu nome. Acho que ele é um dos gêmeos, embora eu não tenha certeza.

Matteo inclina a cabeça para o lado, olhando para mim. "No que você está pensando, maninha?" Preciso disfarçar um sorriso ao ouvi-lo me chamar assim. Ele continua usando esse termo com tanta naturalidade e confiança — e com tanta alegria.

"São tantos", admito timidamente. "Sinto que preciso de um diagrama para estudar, senão nunca vou lembrar quem é quem."

Seu sorriso se transforma em um sorriso malicioso. "Posso te ajudar com isso", declara Matteo, esfregando as mãos. "Fique aqui, já volto."

"Eu—"

Ele não espera que eu termine de falar e sai apressado do meu novo quarto. Talvez dois minutos se passem antes que ele retorne, com um grosso papel preto e canetas Sharpie douradas na mão.

Sem ser convidado, ele pula na minha cama de bruços, se acomodando antes de começar a escrever. Árvore Genealógica da Família Moretti.

“Não precisa”, digo baixinho, girando no meu traseiro para encará-lo enquanto ele trabalha. “Quer dizer, se você estiver ocupado, eu pago.”

Ele bufa. “Não, não tenho nada melhor para fazer agora. Preciso educar minha irmãzinha. Agora, preste atenção, tá?” Seu tom descontraído me deixa sem fôlego. Ele quer estar aqui.

Assinto com a cabeça. “Certo.”

Matteo sorri. “Ótimo! Então, primeiro”, ele começa, desenhando a primeira linha dourada. “Temos o papai — bem, Dante, nosso Capo. Seu Capo agora também. Ele está no comando de toda a Organização — nossa organização.”

“A máfia”, concluo.

Com uma risadinha, ele estala a língua para mim. "Sim, a Outfit é uma máfia italiana, a maior da Costa Leste, para ser exato, e uma das mais antigas. Existem algumas famílias italianas com organizações semelhantes, e nós as conhecemos todas. Mantemo-nos em nossos territórios, na maior parte do tempo. Mas isso é assunto para outra sessão de estudos."

Voltando ao jornal, ele continua: "Meu pai se casou com minha mãe há uns trinta e dois anos, quando eles tinham dezoito. Foi um casamento arranjado, mas ele não se importou. Não a amava, mas também não a odiava. O nome dela era Alina."

Era. Porque não há nenhuma madrasta para eu encontrar tão cedo. Afinal, estou morando no antigo quarto dela.

“Ela era o tipo de princesa da máfia mesmo. Eu diria, você sabe do que estou falando, mas você não sabe. Tenho certeza de que você vai conhecer muitas delas em breve. Existem dois tipos distintos de princesas da máfia por aqui: as queridinhas da sociedade e as mães dedicadas. Alina era do segundo tipo. Teve muitos filhos, claro, mas preferia a imagem que isso lhe dava do que ser mãe de verdade.”

Ai. Quero pedir desculpas, porque isso não deve ter sido legal, mas ele não hesita, não me dando chance de dizer nada.

“Eles tiveram o Apollo primeiro”, Matteo continua, escrevendo o nome do irmão mais velho abaixo da linha mais à esquerda. “Ele é o que parece uma versão mini do papai — o que, imagino, significa que ele também se parece com você, né?”

Ele dá uma risadinha como se fosse engraçado antes de voltar à descrição. "Apollo tem trinta e um anos agora e é um babaca rabugento. Não espere passar muito tempo criando laços com ele, e não leve para o lado pessoal. Ele é um idiota, mas é assim que ele é. Ele será o Capo quando o papai se aposentar. Bem, ele será se ele se animar e casar com alguém logo."

Com um resmungo, ele revira os olhos. "Não dá para ser um Capo sem esposa, é claro. A Máfia não é totalmente retrógrada, mas somos bem tradicionais em muitos aspectos."

Tradição é importante. Entendi.

"Em seguida vem Leon, o queridinho, cabelo loiro dourado e tudo mais." O único loiro da noite passada. Isso deve me ajudar a diferenciá-lo.

“Ele é um Subchefe, o que significa que cuida da parte do nosso território mais distante do resto de nós. Ele comanda sob o comando do papai, mas não é o próximo na linha de sucessão para Capo — porque é o segundo filho — embora ainda tenha muitas responsabilidades. Ele lida bem com isso, claro. Tem vinte e nove anos e está nessa posição há oito anos.”

Começo a me preocupar que não vou me lembrar das idades ou dos cargos quando percebo que ele está escrevendo em letras menores embaixo de cada nome. Inteligente.

Ele acrescenta uma linha ao lado do nome de Leon. “Leon, sendo o bom rapaz que é, casou-se com Cleo há quatro anos. Foi um casamento de aliança.

Ele ainda não a ama, pelo que sei, mas ela é legal. Uma boa mãe para o filho deles."

Eles têm um filho? Eu fico boquiaberta. Eu sou tia?

Outra linha se conecta, descendo daquela entre os dois nomes. "Bastian, o pestinha, tem três anos. O primeiro neto, mas ainda apenas um herdeiro Subchefe. A menos que Apollo não tenha um filho, então Capo passa o bastão para ele. Ele gosta de caminhões monstro e dragões, então é bem legal."

Meu coração dá um salto. Um sobrinho.

"Por que você diz que Leon é o filho predileto?"

Ele solta um longo suspiro. "Porque ele é. Leon faz tudo certo. Ele é o favorito do papai, embora ambos neguem. Leon é perfeito, você verá em breve."

Não acho que alguém seja perfeito o tempo todo, mas não comento isso.

"Isso nos leva a Cássio, o terceiro filho mais velho. Foi ele quem te encarou como se você fosse um alienígena. Ele é meio problemático, mas quem pode culpá-lo? Eu provavelmente seria pior se fosse ele."

Minhas sobrancelhas se franzem em confusão, e Matteo continua.

"Cássio tem vinte e oito anos e é nosso Consigliere, que é como um líder e conselheiro de alto escalão. Ele é absurdamente inteligente e calculista, então combina muito com ele. Ele também é viúvo."

"Ah", suspiro tristemente.

"É, é uma situação bem complicada." Ele traça uma linha ao falar da esposa falecida. "Isobel tinha apenas vinte e cinco anos e era minha amiga de infância. Não foi um casamento arranjado, eles se amavam muito. Eles estavam tentando ter um filho há cinco anos antes de ela engravidar."

Ah, não.

Ele acena com a cabeça ao ver minha expressão. "O nome dele era Angél. Ele morreu três minutos depois de Isobel — durante o parto."

Eu... Meu Deus, acho que vou chorar.

Que horrível! Coitado do Cássio.

"Isso foi no ano passado, e Cássio não é o mesmo desde então. Ele não é frio como Apolo, mas está... vazio, eu acho. Não espere uma recepção calorosa e afetuosa da parte dele, mas ele provavelmente ainda vai falar com você, já que mora aqui e tudo mais. Só não mencione Isobel ou Angél."

"Não vou", prometo.

"Legal", ele responde animadamente, mudando de assunto. "Mudando de assunto. O próximo é o primeiro dos gêmeos Moretti, Elio. Ele cuida da gestão de ativos. É mais voltado para o lado comercial da organização, claro, mas ainda assim importante — mesmo que seja um saco."

Dou risada apesar de mim mesma e da tristeza persistente que sinto por

Cássio.

“Elio tem vinte e cinco anos e é solteiro. Ele será um dos mais aparentemente normais entre nós.”

“O gêmeo dele é Emílio?” pergunto, torcendo para ter me lembrado direito.

“Correto”, ele confirma, entusiasmado. “Emilio e Elio são gêmeos idênticos, embora não ajam mais como tal. Emílio está bastante ocupado e tende a priorizar a esposa e os filhos, acima de Elio.”

Isso é ruim?

“Emilio é o nosso embaixador. Ele representa a família no mundo normal, mostrando como somos pessoas comuns, participando de eventos beneficentes e toda essa baboseira. Ele se mantém discreto, a menos que seja absolutamente necessário.”

“Para fazer a família parecer normal?”

“Sim”, confirma ele, encarando-me. “Há muita gente que sabe o que somos e o que fazemos. Nunca subestime quantas pessoas podem ser subornadas e compradas. No entanto, é sempre mais seguro manter a inocência e uma imagem limpa. Emilio faz isso com a esposa, Melani.

“O casamento deles foi arranjado, mas eles se amam muito agora. Eles têm dois filhos, Valerio, de dois anos, e Mila, de apenas dois meses. É por isso que ele voltou para casa, principalmente. Ele mora na cidade, a algumas horas daqui, a trabalho, e ter a filha de dois meses longe dele o deixa louco.”

Imagino.

“Ah, e Valerio herdará o cargo de Emilio como nosso embaixador, se quiser.”

“Se?” Eu não sabia que “querer” era uma opção nesse tipo de negócio.

Ele acena com a cabeça, terminando de pronunciar os nomes. "Sim, porque é um cargo nos negócios. O filho de Emilio e os futuros filhos têm mais opções — os futuros filhos de Elio também, se ele tiver algum. Eles podem passar o cargo para outro filho Moretti ou para um membro de confiança da Máfia, se preferirem uma posição diferente, mais... envolvida. Nunca temos atiradores de elite ou capangas demais, não é?"

Eu pisquei. "Acho que não?"

Ele deu uma risadinha. "Você vai aprender mais sobre os meandros do negócio em breve; não precisa se estressar. Enfim, o próximo é Armani, que acabou de fazer vinte e três anos. Você perdeu uma festa daquelas naquela noite."

"Já perdi muita coisa", murmurei, triste.

Ele franze a testa. "Nada de ficar remoendo, maninha. Ainda tem muita coisa para ver pessoalmente agora que você está aqui. Tenho um monte de festas de aniversário pela frente."

Uma risada escapa dos meus lábios, e ele sorri antes de voltar para a aula.

"O Armani não é casado — mas ele nunca se sente sozinho, se é que você me entende — e ele é instrutor de armas. É aquele com o coque no cabelo e cheio de tatuagens. Ele é bem legal, mas tenho a impressão de que ele vai ser muuuito protetor com você. Então, isso não vai ser legal."

"Protetor" soa bem, penso comigo mesma.

“Passando para o segundo par de gêmeos, temos Nico e Remo. Nico é quatro minutos mais velho, mas Remo é o maior. Eles têm vinte e um anos e ainda estão na Empire, como eu. Nico vai ser um executor, disso já temos certeza. Acho que Remo vai fazer algo com a Tech, mas ele ainda não tem tanta certeza.”

Empire? Quero perguntar, mas Matteo já está mudando de assunto.

“E o melhor para o final, claro. Temos eu. Dezenove anos, solteiro e o Moretti mais durão de todos.” Ele pisca o olho de forma brincalhona, continuando a soletrar seu nome.

“Ah! E o tio Cesar é importante, eu acho. Vou apresentá-lo aqui. O tio é irmão do nosso pai. Ele tem quarenta e um anos e é o nosso atual executor. Um cara meio assustador para todo mundo, menos para nós. Ele vai te mimar assim que descobrir que você existe. O pai provavelmente já mandou mensagem para ele, já que eles são melhores amigos.”

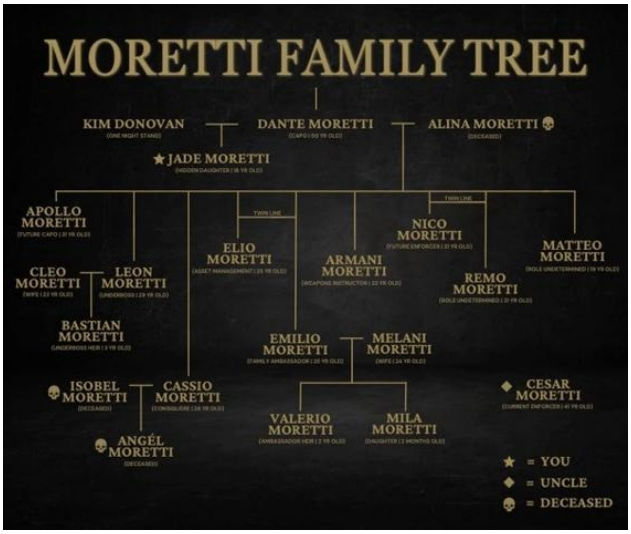
“Melhores amigos?” Eu rio baixinho.

“Sim”, ele concorda, estalando o “p”. “Irmãos unidos para a vida toda e tudo mais, mas o tio não tem filhos, então ele só tem a gente. Aliás, eu não me surpreenderia se ele aparecesse para o café da manhã.”

Ele fica em silêncio por um minuto, e eu percebo que ele está me adicionando à árvore genealógica, mencionando Kim em letras pequenas como minha mãe. Letras menores do que as dos outros, como se ele nem quisesse colocá-la ali. Eu sorrio com isso. Não sou boba. Sei que o policial Brian provavelmente contou alguns segredos da minha vida familiar, e seria difícil fazer Kim parecer favorável.

"O que você quis dizer quando disse que ainda estava 'na Empire'?"

Seus olhos brilham enquanto ele termina a árvore genealógica, fazendo uma pequena legenda na parte inferior. Estrela para mim, Diamante para o tio e Caveira para o falecido. Ele rabisca os pequenos caracteres onde se aplicam e então me entrega o trabalho concluído.



"A Academia Empire é para onde as famílias do crime organizado mandam seus filhos para se tornarem deuses."

Engulo em seco, nervosa. "Ah?"

"Ah, sim." Ele acena com a cabeça, animado. "Não é exigido por nenhum conselho mafioso nem nada do tipo, mas a maioria das famílias manda pelo menos seus herdeiros para lá, dos dezoito aos vinte e dois anos. Eles te treinam muito bem."

"Então é uma espécie de academia mafiosa para meninos?"

Ele bufa. "Não é só para meninos. Meninas também vão. Na maioria das vezes, elas fazem coisas diferentes, mas depende da família. Algumas organizações têm mulheres em suas fileiras, embora não muitas, mas algumas têm. Muitas das garotas que vão para o Império estão lá para aprender a se defender e construir conexões."

"Ah, isso é... interessante?" Não sei o que mais dizer, ainda um pouco confusa com o que ele está me contando. O conceito que ele está descrevendo é totalmente estranho para mim.

Antes, ele chamou meus dois sobrinhos de herdeiros, mas minha sobrinha não recebeu esse título. Presumo que isso signifique que não temos mulheres em nossas fileiras.

"As mulheres Moretti, o que elas fazem?"

Ele sorri, e é um sorriso genuíno. "As mulheres Moretti têm o papel mais importante de todos. Elas são a razão da nossa existência e o que nos mantém firmes."

"Então a Máfia não tem mulheres em suas fileiras?"

"Não", ele responde sem demonstrar o que pensa a respeito. "Para ser

honesto, nunca quis ser. Por quê? Você quer ser?"

De jeito nenhum! "Não, obrigado."

Ele dá uma risadinha. "Ótimo. Acabei de ter minha irmãzinha. Não posso ficar preocupado com a sua segurança agora, posso?"

"Eu também não quero me preocupar com você correndo perigo", admito em voz baixa.

“Maninha, eu vivo para o perigo”, ele me diz com orgulho. “Além disso, sou eu quem te protege, principalmente quando chegarmos ao Empire. Você não precisa se preocupar com nada. Serei seu guarda-costas mais feroz. Na verdade, o Armani talvez me supere nisso. Aquele idiota é sempre mais dramático do que eu, não importa o quanto eu tente.”

Minhas palmas suam e minha mente gira. “Quando chegarmos ao Empire? Tipo, eu vou para lá? Com todos vocês?”

“Bem, só eu, o Nico e o Remo com o Armani, porque ele dá aulas lá. O resto dos homens Moretti já se formou.”

Sinto a garganta dolorosamente seca e entrelaço os dedos nervosamente. "Por que eu iria? Papai não disse..." Pisquei para conter as lágrimas. "Ele está me mandando embora? Eu já fiz alguma coisa errada?" Acabei de chegar.

"Droga", ele praguejou, arregalando os olhos. "Você vai chorar?"

Solucei e ele pulou da minha cama. "Papai! Acho que quebrei minha irmã! Socorro!"

"O que você fez, stronzo?"

Comecei a enxugar as lágrimas furiosamente com as costas das mãos porque aquela não era a voz do meu pai. Já é ruim o suficiente meus irmãos terem me recebido com os olhos inchados e o rosto manchado de lágrimas, não preciso que nenhum deles testemunhe um colapso. Muito menos dois ao mesmo tempo.

“Vá embora”, Matteo avisa, escurecendo o tom de voz. “Você é a pior pessoa para fazê-la se sentir melhor. Vá chamar o papai.”

“Você age como se pudesse me dar ordens, irmãozinho”, Apollo debocha, entrando no meu quarto sem cerimônia.

Soluçando as últimas lágrimas, tento ao máximo conter o choro.

Ele inclina a cabeça para Matteo, avaliando a situação. “O que você fez com ela?”

“E-eu estou b-bem”, sussurro.

“Eu só estava conversando!”, insiste Matteo.

“Bom, aí está o seu primeiro problema. Você provavelmente a entediou até as lágrimas ou machucou os ouvidos dela com suas reclamações.”

Balanço a cabeça. “Ele não fez isso—”

“Que grosseria”, rosna Matteo. “Eu só estava falando sobre ir para a Empire,

e ela começou a chorar.”

“Não, eu não fiz isso”, minto estupidamente.

“Uma péssima mentirosa”, pondera Apollo. “Isso vem em primeiro lugar, família. Uma aula de dissimulação talvez ajudasse.”

Aula. Na Empire. Será que todo mundo sabe que estou sendo mandada embora, menos eu?

Meu rosto se contrai, resistindo a outro soluço, e Matteo inspira profundamente. “Vou chamar o papai antes que você a faça chorar também”, ele dispara, saindo furioso antes que eu possa protestar.

Apollo apenas pisca para mim, me observando como um quebra-cabeça que ele não sabe como resolver. Ou, melhor dizendo, um que ele não quer resolver.

“Com medo da escola ou algo assim?”

“Ele está mesmo me mandando embora?”, sussurro, com a garganta ardendo.

Ele inclina a cabeça como se tivesse me decifrado depois de apenas cinco palavras.

“Você acha que ele vai te descartar assim que você chegar?”, pergunta Apollo, com suavidade. “Parece um salto muito grande.”

Sinto uma forte vontade de me defender, mas, de alguma forma, as palavras dele também me acalmam. Ele não chegou à mesma conclusão que eu e, se for o sucessor do nosso pai, provavelmente sabe o que ele pensa melhor do que ninguém.

Com a voz trêmula, ouso perguntar: "É mesmo?"

"Sim", ele responde com naturalidade. "Para começar, o próximo barco para a Academia Empire só sai daqui a cinco meses."

Ah! Meus olhos se arregalam.

"Além disso, ele não te mandaria para lá para se livrar de você, ele te mandaria para te proteger. Ele vai sentir sua falta, assim como vai sentir falta dos outros. Pode esperar e-mails dele diariamente, tenho certeza."

Menos apavorada agora, informo: "Nunca fui boa na escola."

Ele solta um suspiro. "Bom, então você vai se dar muito bem com o Matteo."

“Não sei como fazer amigos ou conversar com as pessoas”, acrescentei, esclarecendo o que queria dizer. Minhas notas nunca foram ótimas, mas interagir com as pessoas sempre foi muito difícil para mim.

Ele deu de ombros. “Prefiro que não vá.”

“E se eu não quiser ir?”

“Que pena para você, suponho.”

Antes que eu pudesse responder, Dante invadiu meu quarto, seguido de perto por um Matteo visivelmente estressado.

“Por que você está chateando minha filha?”, exigiu ele, com a voz grave e

ameaçadora.

Apolo não se deixou abalar pelo tom do nosso pai. “Foi sua segunda filha mais nova que a fez chorar, meu querido pai. Eu apenas corrigi a situação. De nada.”

“Se você ajudou, então estamos em um universo paralelo”, Matteo retruca irritado.

“Ela está bem. Matteo mencionou a Empire e presumiu corretamente que ela iria com eles no próximo semestre. Expliquei que ela não será mandada para um internato dias depois de chegar à sua nova casa, e está tudo bem.”

“Ah, claro!” Matteo responde apressadamente. “Não vamos embora tão cedo. Não queria te assustar.”

“Ele se empolga facilmente”, explica Apollo. “Como um cachorrinho.”

Nosso pai interrompe a discussão com um olhar e me oferece a mão para sair da cama. “Você está com fome?”

Timidamente, aceito a mão e aceno com a cabeça. “Eu comeria.”

Capítulo 6



Jade

Martha é a primeira pessoa na sala de jantar lotada a notar nossa chegada. Ela imediatamente flutua até nós, caminhando direto até mim e começando a se agitar.

“Como você está, querida? Dormiu bem?”

“Cara, você ganha uma filha perdida há muito tempo e, de repente, eu viro nada”, reclama Matteo, dando um tapinha nas costas do pai antes de contornar Martha para chegar à mesa.

“Dormi muito bem, obrigada”, respondo, me sentindo um pouco constrangida ao lado dela. Ela está totalmente vestida para o dia, e eu estou perdida em meio a roupas masculinas. Todos os outros parecem estar vestidos também. Alguns de terno, outros com roupas casuais. Eu me encaixo melhor com Matteo sem camisa do que com qualquer outra pessoa.

“O que você gosta de comer no café da manhã?”, ela pergunta, virando-se para a mesa farta. Só de olhar, já consigo ver vários tipos de panquecas e coberturas, ovos, frutas, batatas fritas, frios, iogurtes, sucos e muito mais. “Se não tiver aqui, posso preparar algo especial para você.”

Normalmente, eu nem tomo café da manhã, a menos que tenha comida de graça na escola. “Com certeza consigo encontrar algo”, respondo rapidamente. “Na verdade, acho que vou ter dificuldade para escolher, tudo parece incrível.”

O sorriso dela se ilumina como se eu tivesse acabado de lhe fazer o maior elogio de todos. “Você é uma boa menina”, diz ela, aprovando. “Que modos lindos.”

“Martha”, uma voz nova e grave fala, roubando minha atenção. “Você está

monopolizando a menina.”

Sem hesitar, ela dá uma pancada no recém-chegado com um pano de prato, e ele sorri. "Você é um menino impaciente."

"Só você para olhar para a minha cara velha e feia e me chamar de menino", ele responde com carinho.

Ela resmunga sobre a insolência dele e se afasta para cuidar da mesa. O homem certamente não é feio, nem parece velho, e acho que sei exatamente quem ele é.

O tio César se parece mais com Leão do que com Dante ou Apolo. Seu cabelo loiro-escuro está penteado para trás, bem arrumado, e seu terno é impressionante para uma roupa de café da manhã. Eu não entendo muito de ternos de grife, mas imagino que seja algo assim.

"Minha sobrinha", ele cumprimenta, abrindo os braços, mas permanecendo imóvel. Ele está me dando a opção de aceitar o abraço ou não.

“Oi, tio Cesar”, cumprimento baixinho, entrando em seus braços. Seu caloroso acolhimento é adorável, e ele cheira a cravo.

“Já ouviu falar de mim? Excelente.” Tio dá uma risadinha, afastando-se um pouco para olhar meu rosto. “Ela é a sua cara, irmão”, diz ele ao irmão, com orgulho na voz.

Papai concorda com um aceno de cabeça, seus olhos me examinando com ternura.

“Não se preocupe, tio, eu falei de você para ela”, Matteo interrompe antes de enfiar um pedaço de waffle na boca. “Dei a ela uma árvore genealógica completa e tudo mais.”

“É mesmo?”, pergunta tio Cesar, divertido.

“Sim”, concorda ele, engolindo a comida. “Não esperaria que ela conseguisse acompanhar nós oito mil sem uma.”

“Inteligente”, concorda ele, ignorando o exagero.

“Não se faça de surpreso, tio, você vai ferir o ego dele”, diz Nico — acho eu — arrastando as palavras, sentando-se numa cadeira ao lado do irmão gêmeo.

“Nada fere o ego do Matteo”, argumenta Apolo. “Doenças não ferem.”

Matteo o encara de volta. “Olha, pessoal, a personalidade radiante do Apolo resolveu nos agraciar com sua presença antes do meio-dia. Rápido, alguém dê comida para o rabugento antes que ele exploda.”

“Ignore as palhaçadas deles”, aconselha o tio César. “Você se acostuma.”

Não me incomoda muito.

“Venha”, ele gesticula em direção à mesa. “Vamos comer antes que seus irmãos façam tudo desaparecer.”

Não consigo imaginar que toda a comida na mesa tenha sido comida hoje.

Embora, suponho que não deva subestimar a quantidade de comida que nove homens adultos conseguem consumir. Já vi atletas devorarem duas ou três porções no almoço e ainda ficarem com fome depois. Talvez eles comam isso todos os dias. Espero que Martha não tenha feito isso só para me fazer sentir bem-vindo. Parece que deu um trabalhão.

Dante ocupa a cabeceira da mesa com Leon e Apollo de cada lado dele. Tio Cesar ocupa a outra ponta da mesa, mais perto de Matteo. Eu me sento lá também, achando o lugar mais confortável para me acomodar.

Sinto olhares curiosos enquanto preparo meu prato, pegando uma panqueca de mirtilo, uma linguiça de café da manhã e uma colherada de ovos. Ao dar as primeiras mordidas, a mesa fica mais barulhenta. As pessoas conversam abertamente, com muito mais naturalidade do que ontem à noite. O choque inicial com a minha chegada já passou, e fico feliz por isso.

Tio César me serve um suco de laranja e um para si mesmo, interpretando meu sorriso como um agradecimento. Todos são tão... simpáticos. Não diria normais, já que não consigo me lembrar de ninguém que eu conheça com tanta riqueza ostensiva. Sem mencionar que eles são literalmente a máfia. Provavelmente já mataram pessoas antes. Mas isso não muda o fato de que esta é a vez em que me senti mais segura em uma sala cheia de gente.

“Irmão/Irmã favorito(a), me passa seu celular. Preciso colocar nossos contatos”, diz Matteo, inclinando-se para mim, sentado(a) mais perto.

Como era de se esperar, todos me observam, analisando nossa interação atentamente. Eu preferia que não o fizessem, porque ter olhares sobre você transforma coisas completamente normais em situações constrangedoras. Como esta.

“Hum, eu não tenho”, respondo, largando o garfo. Tenho medo de deixá-lo cair sem querer, fazendo um barulho alto.

Matteo franze a testa. “Como assim?”

Meu rosto queima e levanto os olhos do prato, dando de ombros. “Eu não tenho celular.”

“Por quê?”

Armani pigarreia, lançando a Matteo um olhar como se ele tivesse acabado de fazer a pergunta mais idiota do mundo. Não quero que ele se sinta mal por estar curioso, e não quero ficar constrangida por algo que não controlo. Então respondo.

"A Kim disse que se eu quisesse um celular, teria que comprar um. Ela não me deixava trabalhar para juntar dinheiro para comprar um, e não dá para arrumar emprego sem celular ou carro, então simplesmente não comprei. Nunca tive um."

Dá para sentir a mudança de clima. Gostaria de não ter que continuar estragando a atmosfera positiva com histórias tristes da minha vida, mas tenho a sensação de que isso vai continuar acontecendo.

"O que você usava em emergências?", ele pergunta, franzindo o nariz.

Dou de ombros.

“Tipo, e se você precisasse de uma carona?” ele insiste.

“Eu fui andando”, respondo com cautela. “Não é como se eu tivesse ido a algum lugar fora da escola. A Kim não me daria carona de qualquer jeito.”

Algo brilha em seus olhos. “Você andou… sozinha… sem celular?” O jeito como ele prolonga as palavras dá a impressão de que está tentando se recompor.

“Isso não é tão anormal”, observo. “As pessoas fazem isso o tempo todo.”

“As pessoas não são minha irmãzinha”, ele retruca, cerrando os punhos sobre a mesa.

“Até ontem à noite, eu também não era”, sussurro tristemente.

Talheres se chocam contra os pratos, e o som de uma cadeira raspando na madeira ecoa pelo ar. Sem dizer uma palavra, Armani sai da mesa com o maxilar cerrado e os olhos escuros. Meus lábios se entreabrem, e antes que eu possa dizer mais alguma coisa, Dante também se levanta.

“Tenho assuntos a tratar, com licença.” Ele arregaça as mangas e começa a se afastar. “Beto! Carlsmio! Comigo!”

Ele para um instante antes de sair da sala de jantar e respira fundo, recompondo-se. “E, pelo amor de Deus, alguém dê um celular para a minha filha!”

Volto-me para Matteo. “Eles estão bravos?”

Ele balança a cabeça. “Não com você.”

Tio César dá de ombros e se levanta, deixando a refeição inacabada. "Eu cuido disso." Virando-se para Apolo, pergunta: "Você vai ficar e cuidar de tudo?"

"Não tenho nada melhor para fazer", suspira ele.

"É isso aí", diz César com um aceno de cabeça. "Volto em uma hora."

"Eu realmente não preciso de um telefone", argumento. "Não quero que você gaste dinheiro comigo. Eu—" Não é totalmente verdade, mas preciso protestar um pouco, pelo meu orgulho. Ou o que restou dele, pelo menos.

César pisca para mim como se não entendesse, e Apolo apenas sorri de canto. "É melhor dar um cartão para ela também, tio. Parece que nossa nova Moretti não sabe que agora tem dinheiro próprio."

O homem mais velho ri do sobrinho. "Boa ideia."

“Que cartão?” Franzi a testa. “Eu já disse que não tenho dinheiro.”

Matteo deu uma risadinha, dando um tapinha na minha mão. “Seu cartão de crédito familiar. Todos os filhos dos Moretti têm dinheiro, então vai nessa,

maninha.”

César deu outra risada antes de nos deixar. Eu não costumo recusar coisas de graça, principalmente quando preciso. Mas um cartão de crédito inteiro? Só para mim?

“E se alguém roubar?”

Apollo me olhou de relance. “Quem exatamente roubaria de você enquanto estiver aqui com a gente?”

Meus lábios se contraíram. “Eu não vou terminar a escola?”

“Você vai terminar aqui. Só faltam duas provas, e as duas serão aqui. Já está tudo combinado.”

Eles pensaram em entrar em contato com a minha escola? Que legal.

“Ah”, suspirei.

“E então?” Apollo pergunta. “Quem vai roubar seu cartão aqui em casa?”

Sem ter uma boa resposta, dou de ombros. “E se o Matteo me assaltar no corredor?”

Uma gargalhada irrompe de Matteo, que bate na mesa.

“Engraçado”, diz Apollo, arrastando as palavras, sem achar minha piada engraçada. “Se seu irmão por acaso roubar algo de você enquanto estiver andando pela casa, fique à vontade para contar ao papai. Tenho certeza de que ele dará um jeito.”

“Ou você poderia simplesmente esfaqueá-lo”, pondera Nico, tomando um gole de um líquido âmbar em seu copo baixo. Ele está bebendo uísque no café da manhã? “Algumas vezes.”

Me enrijeço na cadeira. O quê?

Matteo se aproxima, sua respiração superficial roçando meu rosto. "Futuro executor, lembra?", ele sussurra. "Ele está realmente sugerindo que você me esfaqueie algumas vezes se eu te irritar. Ele não está te provocando."

Solto a respiração que prendia. Então eles sabem do incidente — pelo menos tanto quanto Brian sabia — mas não estão me zoando por isso.

"Vamos ter que trabalhar para você ficar mais resistente", comenta Remo gentilmente. "É quase um requisito no nosso mundo."

"Eu consigo ser durão", murmuro honestamente. Consigo mesmo. "É só que eu nunca tive uma família antes, e acabei de invadir a sua. Sinto que estou a um passo de dizer a coisa errada e ser expulso. Não quero estragar tudo."

Matteo abre a boca, provavelmente para me consolar, quando a voz mais grave e severa de Apollo o interrompe. "Nesta família, não existe essa de ser expulsa, Jade. Morettis são para a vida toda."

Sem nenhum comentário sarcástico, todos concordam com grunhidos e acenos de cabeça.

Eu realmente espero que seja verdade.

Capítulo 7



Jade

O resto do dia se resume a Matteo me mostrando como configurar um iPhone, adicionando os contatos de todos e me cadastrando no Instagram. Ele deixa a conta privada, escondendo meu nome, e segue apenas os membros da nossa família — incluindo as esposas. Ele diz que eu não preciso postar nada, mas que devo curtir tudo o que ele postar.

E é importante que eu tenha várias maneiras de contatá-los. Por exemplo, se meu celular quebrar, mas houver um computador que eu possa acessar, poderei entrar e mandar mensagem para cada um deles facilmente. Uma ideia muito inteligente, para ser sincera.

Ele também me deu uma calça antiga dele que ficou muito melhor na minha cintura. Eu o ajudei a procurar no armário bagunçado dele, e foi até divertido. O quarto dele é meio caótico, com toques de cores escuras e coisas jogadas de qualquer jeito. É a cara do Matteo, o que eu admiro. Quero me conhecer tão bem quanto ele.

É só eu e ele no almoço, então a Martha faz pizzas individuais para nós dois. Como só consigo comer metade da minha, o Matteo devora o resto com prazer. É muito bom passar o dia juntos.

Estamos relaxando no meu quarto, assistindo a um filme de zumbis, quando alguém bate na porta aberta. Alertados pela batida, nós dois viramos a cabeça e encontramos o Dante — meu pai — entrando.

“Se divertindo?”

“Ah, sim”, responde Matteo, assentindo com um largo sorriso. “Muita carnificina zumbi e tiros, estamos nos divertindo de forma saudável.”

A palavra “saudável” nem parece tão deslocada. Claro, pessoas estão sendo devoradas vivas na minha tela de TV, mas estou apenas curtindo um dia com meu irmão. Não houve um pingo de briga, grito ou medo. Tem sido ótimo.

“É ótimo”, concordo, sorrindo também.

Com um aceno de compreensão, ele se aproxima mais. “Tenho uma notícia ruim”, diz nosso pai, cautelosamente.

Meu estômago se revira de expectativa. Notícias sobre mim?

“Aconteceu alguma coisa?”, pergunta Matteo, imediatamente preocupado.

“Parece que Kim está desaparecida”, ele nos informa, observando-me enquanto minha garganta se move para cima e para baixo. “Quando o policial Brian voltou para o hospital da cidade, ela já havia fugido, com os ferimentos sem tratamento e tudo.”

“Se ela fugiu, é porque está com medo”, aponta Matteo, irritado. “O que provavelmente significa que ela não contava com o fato de que machucaríamos Jade, como disse.”

“No mínimo, ela estava insegura”, concorda meu pai. “Tenho gente nas ruas procurando por qualquer sinal dela. Não se preocupe, Jade, vamos encontrá-la.”

Ele hesita, e eu percebo. “Mas?”

“Mas pode demorar um pouco”, diz ele, contendo uma careta. “O agente de condicional dela também não consegue encontrar o namorado. Eles acham que ele fugiu da cidade depois de pagar a fiança, então só posso presumir que eles estão juntos.”

Sinto o sangue fugir do meu rosto. "B-Bruce pagou a fiança?"

Um brilho sombrio surge no olhar do meu pai enquanto sua mandíbula se contrai. "Sim, ele pagou. Mas não se preocupe com ele, Jade. Ele não pode te tocar aqui. Nenhum dos dois pode."

Eu conheço o Bruce, e ele fica como um cachorro chutado quando se machuca. Ele chora, geme e faz beicinho até precisar revidar. Por enquanto, estou a salvo dele, e acho que é tudo o que posso pedir.

"Certo", digo, soltando um suspiro.

"Vou te apresentar a todos os guardas esta noite", meu pai me diz suavemente. "Você não precisa decorar nomes, mas é importante ver rostos com os quais você se familiarizará. Há muitas pessoas aqui o tempo todo para garantir a segurança da família. É importante para mim que você se sinta confortável aqui."

“Você também está a duas portas do lugar mais seguro da Terra”, diz Matteo.

“Estou?”, pergunto, confusa.

“O quarto de Apolo tem uma entrada para o nosso quarto de segurança secreto”, explica Dante. “Ele mesmo vai te mostrar. Há outra entrada que

também vamos te mostrar.”

“Quarto de segurança, hein?” Olho para os dois. “Eles usam muito esse lugar?”

Matteo dá uma risadinha. “Não muito, não. Esta casa não foi invadida mais do que algumas vezes em toda a minha vida. A propriedade foi invadida talvez dez vezes desde que nossa família a comprou. É mais provável que os invasores precisem de um quarto de segurança do que qualquer um de nós se esconda lá dentro.”

“Mas se alguma coisa der errado, é para lá que você vai imediatamente”, acrescenta Dante, sem deixar espaço para discussão.

Acredite, não preciso discutir com ele sobre isso. Vou correr e me esconder sem precisar que ele me diga duas vezes. “Faz sentido”, respondo tranquilamente.

Papai acena com a cabeça, soltando um suspiro. “Tem certeza de que gosta deste espaço?”, pergunta, mudando de assunto e olhando ao redor. “Tem espaço suficiente para as suas coisas?”

Dou uma risadinha irônica. “Eu poderia colocar todas as minhas coisas em um canto. Acredite, tem bastante espaço.”

Imediatamente, ele parece menos satisfeito e pigarreia com um grunhido. “Então vamos ter que te levar para fazer compras.”

“Ah, não, não fui eu que perguntei. Eu já tenho o suficiente—”

Matteo ri tão alto que me assusta. "O Armani vai encher esse closet, quer você goste ou não. É melhor você aceitar, senão ele vai comprar só o que ele gosta e não o que você curte."

Eu nem sei do que eu gosto. Quando você não tem dinheiro, você realmente não tem estilo. Você usa o que te impede de ficar nu e usa até a roupa se desfazer.

Dante sorri, e é um sorriso orgulhoso. "Meu garoto entende de moda."

"Ele provavelmente vai dar uma olhada enquanto estiver empacotando suas coisas", acrescenta Matteo. "Se fosse um de nós, ele jogaria fora tudo o que considerasse imperdoável, mas ele não vai fazer isso com você. Pelo menos não ainda."

"Desculpe", digo devagar. "Empacotar minhas coisas?"

“É, o Apollo e ele vão se encontrar com o tio Cesar na sua antiga casa para resolver tudo e pegar suas coisas.”

“Não!”, grito imediatamente.

Dante franze a testa. “Não?”

“Eles não podem entrar no meu quarto. Eu não quero que eles entrem lá.”

As sobrancelhas grossas de Matteo se juntam. “Eles provavelmente já

terminaram.”

Meu Deus.

Meu estômago se revira num nó doloroso. “O-o quê?”

Seu olhar confuso se torna cauteloso. “Eles saíram faz um tempo—”

“Não”, digo novamente, o medo subindo pela minha espinha.

Eles viram… eles viram minha casa. Meu quarto. E não há nada que eu possa fazer para impedir, porque já aconteceu. Acho—meu Deus, meu coração está acelerado—acho que vou ter um ataque de pânico.

“Jade, está tudo bem, Bruce e Kim não estão lá, lembra?” diz Matteo, tentando me acalmar do pânico iminente. Mas ele não entende. Não estou preocupada com Kim ou Bruce os encontrando, estou preocupada com o que eles verão por causa deles. Os dois não precisam estar presentes para que a crueldade deles seja testemunhada.

Minha cabeça balança de um lado para o outro, minha boca seca e fria. “Não.”

Ouço o eco distante de portas batendo, e sei que não há tempo para fugir e me esconder disso. Eles estão em casa e, se eu estiver certa, virão direto para nós — para mim.

Algumas respirações trêmulas escapam dos meus lábios antes que eles entrem no meu quarto. Vejo meus irmãos primeiro, ambos com máscaras de raiva, enquanto o tio Cesar vem atrás deles, sua máscara ainda mais sombria que a deles.

Nos punhos cerrados do meu irmão mais velho reside a essência dos pesadelos. A realidade em sua forma mais física, a visão dela causando uma rachadura no meu coração. Suas mãos afrouxam o aperto em torno da relíquia, estendendo-a em sinal de apresentação antes de soltá-la completamente.

Apolo deixa a corrente e o cadeado caírem, o metal tilintando dolorosamente alto até que tudo atinja o chão. Em uma pilha a seus pés, a prova brilha sob a luz do lustre do meu quarto. Luto para respirar, piscando como se pudesse desaparecer se meus olhos permanecessem fechados por tempo suficiente.

Odeio aquela corrente de metal mais do que odeio muitas coisas horríveis. Não consigo esconder meu desprezo por ela. Imagine precisar de algo tão grande e horrendo para ter paz de espírito suficiente para dormir à noite. Imagine ter que roubar essa coisa para sequer possuí-la e depois ter dificuldade para arrastá-la até em casa.

Arrastei aquele trambolho pesado por oito quilômetros de um ferro-velho e o manobrei centímetro por centímetro pela janela do meu quarto. Tentei cinco maneiras diferentes de trancar a porta com ele antes de encontrar uma que funcionasse bem o suficiente.

Matteo arregalou os olhos. "Que merda é essa?"

Não, não, não. Um dia aqui e eles já vão saber. Nem vou ter uma semana para fingir que está tudo bem.

Minha respiração fica presa na garganta e lanço um olhar de pânico para meu irmão mais velho. Ele não está olhando para mim, porém; seus olhos estão fixos nos do nosso pai. Parece que eles estão se comunicando sem palavras, compartilhando segredos silenciosamente.

Até que o silêncio se instala.

"Esta é a fechadura da porta do quarto da nossa irmãzinha."

A sala respira fundo coletivamente e então o caos se instala.

"Que merda você acabou de dizer?", pergunta Dante, as palavras me causando um arrepio horrível. Ele sobe pelos meus braços, corroendo qualquer resquício de conforto que ainda me restasse.

"É por isso que você perguntou sobre as regras?", pergunta Matteo, ainda encarando a corrente.

Papai se vira para ele. "Que regras, porra?"

"Com licença", eu solto, correndo para o banheiro. Fecho a porta com força e a tranco atrás de mim antes de correr para o vaso sanitário. Com ânsia de vômito, de joelhos, não consigo ignorar o que Matteo diz, repetindo nossa conversa da noite passada.

"Por que você não disse nada?", pergunta Apollo, embora seu tom seja quase gentil. Ele poderia ser grosseiro com nosso irmão, mas não vai. Não é culpa do Matteo.

“Achei que ela só estivesse nervosa”, defende-se Matteo, com a voz em pânico. “Quem diabos leva bronca por tomar banho por mais de cinco minutos?”

“Explica a trava da geladeira.” Acho que isso veio do Armani.

Tento controlar a respiração, com o estômago embrulhado da pior maneira possível.

Está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem.

Merda, merda, merda.

Uma batida na porta sacode e minhas mãos começam a tremer.

“N-não entrem”, imploro.

“Jade.” É o papai. “Querida, está tudo bem. Venha conversar com a gente.”

“Preciso de um minuto”, digo, respirando fundo e com dificuldade. Rapidamente chego à conclusão de que nada vai sair — só bile para queimar meu esôfago — e fecho a tampa do vaso sanitário.

Encolhendo-me contra o vidro do box, saboreio a sensação do frio cortante na minha nuca. Eu sabia que isso ia acontecer, só não estou preparada.

Não há como me arrumar, então preciso me recompor e rápido. Não duvido

que eles arrombem a porta. Estão mais do que preocupados, e nem me conhecem direito. Eu poderia estar aqui me machucando, e não há a menor chance de eles deixarem isso acontecer. Pelo menos, eu acho que não.

Murmúrios preocupados do outro lado da parede chegam até mim, então sei que não tenho muito mais tempo sozinha.

"Jade?", meu pai pergunta novamente. "Você consegue me ouvir, querida?"

"S-sim", respondo. Me sentindo ousada, acrescento: "Só quero ficar sozinha."

“Sinto muito, mas não posso te dar isso”, ele responde, parecendo sincero.

Eu imaginei que ele diria isso.

“Concluímos que você pode se sentir sobrecarregada com a ideia de falar com todos nós de uma vez”, meu pai continua cautelosamente. “Se for mais fácil, você pode escolher um de nós para conversar. Mas você precisa falar com um de nós. Sinto muito, mas a privacidade tem limites nesta família. Alguém precisa pagar por isso, e eu preciso saber quem estou punindo e como. Você entende, certo?”

Engulo em seco, assentindo lentamente para mim mesma. “T-tudo bem. Hum, todos foram para o meu quarto?”

Há um momento de silêncio antes de sua resposta. “Só o Apollo.”

Com as mãos trêmulas, seguro meu rosto, sentindo o calor nas bochechas. Não vou vomitar, mas a possibilidade de desmaiar ainda existe. Não quero me familiarizar demais com essa sensação avassaladora. O medo não é novidade para mim, mas é terrível senti-lo a esse ponto depois de finalmente me sentir segura.

"Apolo pode entrar", sussurro, hesitante, antes de me levantar para destrancar a porta. Me afasto dela como se pudesse me queimar, voltando para o meu lugar no chão antes que alguém possa entrar.

Alguns momentos pesados se passam e, para meu completo alívio, Apolo entra sozinho.

Sem dizer uma palavra, ele fecha a porta atrás de si e se junta a mim no chão. Ele é enorme, projetando uma sombra sobre mim mesmo sentado. Todos os meus irmãos são mais altos do que eu, e Apollo é o mais alto de todos. Ele também é mais forte, como o papai. Enquanto Nico, Emilio e Leon são bem magros, o resto dos meus irmãos parece capaz de tirar carros de um atoleiro com uma corda e as próprias mãos.

"Você está bem?", ele pergunta, seus olhos penetrantes examinando meu rosto.

Tento esboçar um sorriso trêmulo. "Aposto que você nunca imaginou que estaria no chão de um banheiro consolando uma irmã, não é?"

"Não", ele concorda, a voz ficando mais grave. "Aposto que você nunca imaginou que alguém visse seu quarto, não é?"

"Não", repito, a voz arrastando a simples palavra.

“Conte-me sobre a corrente, Jade.”

Roo as unhas. “Então, vamos direto ao ponto?”

“Sim, bem, infelizmente para você, agora você faz parte de uma família cheia de homens impacientes e com problemas de raiva. Se não tivermos alguém para destruir por isso nas próximas horas, provavelmente começaremos a aniquilar qualquer um que já tenha posto os olhos em você. Matar inocentes em potencial não é exatamente o nosso forte.”

Tão assustador e tão doce ao mesmo tempo.

Em dois dias, passei de uma casa que me preferia morta para um lar que mataria para me manter viva. Choque é pouco para descrever.

Ainda com medo, mas reconfortada pela presença de Apollo ao meu lado, consigo me abrir.

Fecho os olhos, conto até três e começo a falar.

“Bruce gostava de jogos.”

Capítulo 8



Jade
Cinco Meses Depois

Apollo resmunga enquanto o abraço com força suficiente para derrubar um homem de tamanho normal no chão. Ele não hesita, me segurando facilmente enquanto enterro meu rosto na lateral do seu pescoço. "Que emotiva você é", ele resmunga, mas sinto seus braços me envolvendo em resposta.

"Vou sentir tanta saudade de você, irmãozão", digo a ele, falando sério. Apollo pode ser um rabugento e geralmente antipático para a maioria, mas ele é uma das minhas pessoas favoritas no mundo inteiro.

Cinco meses atrás, ele me ouviu desabafar sobre o pior do meu passado e, desde então, me acolheu. Sei dar um bom soco, atirar com qualquer arma que me derem e até mentirei um pouco melhor. Tudo graças a esse homem.

"Sim, eu também sentiria minha falta", ele concorda. Na linguagem de Apolo, isso se traduz em: Eu também sentirei sua falta, irmãzinha.

Sorrio, me soltando de seus braços, e olho para seu rosto impassível. "Você vai me mandar um monte de e-mails, não é?"

"Responderei a todos os seus e-mails, sim."

Dou um sorriso de canto. "Você é o máximo."

"Eu sei."

Matteo bufa ao nosso lado. "Vamos, Jade, vamos para o barco antes que Apolo o congele com essa frieza dele."

“Espera!” Corro de volta para perto do meu pai, interrompendo sua conversa com o tio Cesar para lhe dar o mesmo abraço apertado que dei no Apollo.

Ele ri quando meu cabelo cai no seu rosto, retribuindo o abraço com a

mesma força. “Divirta-se, querida. Se cuide e obedeça aos seus irmãos no barco.”

Ele já disse a mesma coisa pelo menos trinta vezes no último mês, e eu nem ligo. Me acostumei com o jeito que minha família cuida de mim. É a melhor parte de toda a minha nova vida — me sentir verdadeiramente amada.

“Vou sim”, prometo novamente. “Me mande muitos e-mails e mantenha a Martha informada sobre mim! Vou sentir saudades dela.”

Meu pai dá uma risadinha. “Ela vai me matar se eu não fizer isso.”

Ele me coloca no chão e beija o topo da minha cabeça, olhando nos meus olhos. "Se você quiser voltar para casa, eu posso dar um jeito, querida. É só dizer."

Ele já me disse isso inúmeras vezes. O tio Cesar se ofereceu para ajudar Apollo a me treinar em tudo que eu pudesse aprender na escola, se eu realmente quisesse ficar. É uma oferta tentadora, de verdade. Mas eu quero ser como todos os meus irmãos e ir para a escola que eles frequentaram. Além disso, acho que ficaria muito triste sem ver o Matteo por meses. Ele não é só meu irmão, é como meu melhor amigo.

"Não, tudo bem", eu o tranquilizo. "Vou me divertir, e você sempre pode me tirar de lá mais cedo se eu não gostar."

Ele preferiria incendiar a ilha a me deixar ficar um minuto a mais do que eu queria, ele mesmo me disse.

"É verdade", ele concorda firmemente.

Nossas despedidas não duram muito, se dissipando até que as pessoas que ficam se separam das que vão embora.

Viajamos em um avião particular para chegar aqui. Papai, tio Cesar, Apollo, Nico, Remo, Armani, Matteo e eu. Foi minha primeira experiência voando, e estou muito feliz por ter sido um voo particular. Se minha família não tivesse um avião ou dinheiro para alugar um, não consigo imaginar o quão nervoso eu estaria — cercado de estranhos fazendo algo pela primeira vez.

Não foi tão ruim. O avião era espaçoso e confortável, com poltronas de couro macias e um banheiro de tamanho razoável. O pouso não foi dos meus favoritos. Tenho quase certeza de que machuquei o antebraço do Apollo de tanto que o segurei durante aquele processo horrível. Ainda bem que tenho meses para me preparar para fazer isso de novo.

Não somos os únicos que tiveram que vir de avião para chegar aqui. O aeroporto estava extremamente movimentado, mas, felizmente, não era longe de carro até o cais. E este cais é enorme. O barco é assustadoramente grande, como um pequeno navio de cruzeiro, e Armani está praticamente grudado em mim enquanto caminhamos até a área de embarque.

Pela última vez, olho para trás e vejo Apollo ainda parado onde o deixamos, enquanto papai e tio Cesar voltam para os carros alugados. Levanto a mão, aceno e lhe dou um sorriso. Parece meu primeiro dia de aula, só que com muito menos medo e muito mais amor.

Para minha surpresa, Apollo levanta a mão e acena de volta, concordando com a cabeça.

"Última chance de voltar correndo", avisa Matteo, com um sorriso maroto.

"Agora não tem como se livrar de mim", brinco, cutucando suas costelas.

Ele ri e me entrega minha passagem de barco. "Armani e eu vamos te acompanhar até o posto de controle. Remo e Nico vão na frente para encontrar nosso lugar reservado."

"Certo." Concordo com a cabeça, olhando nervosamente para os homens grandes conferindo as passagens ali perto.

“Eles não são assustadores”, ele me diz, acenando com a cabeça naquela direção. “Eles verificam identidades e nada mais. Mesmo que você não devesse estar aqui, eles não te tocariam. Simplesmente não te deixariam passar.”

“Não são assustadores”, repito, tentando me convencer de que é verdade.

“Exatamente”, diz Matteo, dando um tapinha brincalhão na ponta do meu nariz. “Além disso, se eles sequer olharem para você de um jeito que o Armani não goste, ele os amarrará às hélices do navio e simplesmente esperará enquanto se afogam ou são sugados e obliterados pelas lâminas.”

“Você sabe que não precisa inventar maneiras criativas e hipotéticas de ameaçar de morte todos que me deixam um pouco nervoso, né?”

“Não precisa?” ele debocha, me guiando em direção aos homens. “É uma das muitas alegrias que me são concedidas como irmão.”

Armani coloca uma mão firme no meu ombro antes de entregar seu ingresso a um homem grande com uma tatuagem detalhada de uma caveira na lateral do pescoço. O homem olha para o ingresso e para o rosto de Armani antes de assentir. Entrego o meu a ele em seguida, e ele faz o mesmo, depois mais uma vez para Matteo.

“O resto dos Morettis”, diz ele, devolvendo os ingressos. “Você está aprovado.”

Seu corpo grande se move para o lado, permitindo que passemos. Ele tira um cartão do bolso do paletó e o estende para que eu o pegue.

Matteo acena com a cabeça, indicando que está tudo bem, e eu aceito, tomando cuidado para que nossos dedos não se toquem. "Todos os calouros recebem um", diz meu irmão. "Por questões de responsabilidade. Ninguém pode alegar desconhecimento se todos estiverem informados."

Acenando com a cabeça enquanto me guiam para dentro da nave, estudo o

cartão, relendo as regras que minha família já martelou na minha cabeça.

Regras e Regulamentos do Império

Assassinato é estritamente proibido e punível com a morte.

Funcionários não podem ter relacionamentos com alunos, a menos que haja um contrato de casamento.

Sair antes do término do semestre é permitido, com a penalidade de suspensão até o próximo período. Há duas exceções a esta regra.

Sair e retornar à ilha antes do fim do semestre não é permitido, a menos que haja permissão expressa do Senhor. Ou, se a pessoa que sai não for detectada durante a viagem.

Cartas e e-mails são as únicas formas permitidas de contato externo.

O cheiro da brisa do mar vindo do cais vai se dissipando à medida que avançamos pelo navio, sendo substituído por notas de madeira quente e diversos perfumes. Armani e Matteo me mostram discretamente alguns pontos do navio para que eu me familiarize com eles antes de me levarem de elevador até o terceiro andar, onde precisamos ir.

Quando os encontramos, Remo e Nico já tinham descoberto nosso espaço e tirado suas próprias lembranças da nossa mochila compartilhada. Uma revista para Nico e um baralho para Remo. O resto das nossas malas está sendo transportado debaixo do barco e, aparentemente, está sob vigilância.

Dante paga três homens para garantir que nada do que temos seja violado. Pessoas que não são estudantes ou funcionários não podem ficar no campus, então eles não podem ficar. Eles voltarão para casa com o barco depois de nos deixarem com nossas coisas.

O barco é organizado como um cruzeiro, se os filmes servem de referência. Só que não estamos todos amontoados em minúsculos quartos de dormitório com camas pequenas e vigias. Em vez disso, foram criados quartos maiores com configurações que lembram salas de estar. No nosso quarto reservado, há dois sofás, um frigobar com lanches, uma TV de tela plana e alguns travesseiros e cobertores em um cesto.

Matteo explica que as famílias mafiosas maiores geralmente possuem quartos reservados que compraram lá atrás, quando a escola foi fundada. Famílias menores também podem reservar o uso de quartos menores no navio, já

que qualquer pessoa admitida na Academia Empire tem direito a um assento. Afinal, é a única maneira de entrar e sair da ilha.

Bem, mais ou menos. Aparentemente, aviões também podem pousar lá, mas isso é malvisto sem motivo aparente e pode resultar em multas se for feito com muita frequência sem justificativa.

Bocejando, me jogo no sofá que Armani reservou, e meu corpo vibra ao afundar no couro macio. Nico, Remo e Matteo estão espalhados no outro sofá, maior. O barco ainda está atracado, pelo que posso ver, mas, a julgar pelo meu relógio, devemos partir em breve.

Papai disse que a viagem é lenta, mas que o quarto não a torna um fardo. Já estou pensando que concordo com ele. Eu poderia ficar aqui por quatro horas sem me sentir entediada. Às vezes, conforto é tudo o que você precisa.

Armani envolve meu ombro com o braço, acariciando a lateral da minha cabeça, e me puxa lentamente para perto dele. O lado do seu peito e o seu braço estão quentes contra o meu rosto, e não consigo evitar relaxar em seus braços.

"Durma, a viagem é longa e você está cansada."

Tento não corar. Estava nervosa demais para dormir ontem à noite e, aparentemente, meu irmão percebeu. Tentei cochilar no avião mais cedo também, mas meu cérebro não colaborou.

"Eu estou b—"

"Você não está bem", ele me interrompe, mantendo a mão protetoramente sobre o meu cabelo. "Você está cansada, então durma. Eu não vou a lugar nenhum."

Ele não precisa me dizer isso novamente. Mergulhando em um sono relaxante, deixo qualquer preocupação se dissipar junto com o mundo ao meu redor.

Vozes flutuam ao meu redor. Baixas a princípio, mas mais altas à medida que começo a despertar. Tento não fazer beicinho, ainda me sentindo sonolenta e confortável onde estou. Mantendo os olhos fechados, permaneço imóvel, imaginando se conseguirei cochilar novamente. Quando as vozes ficam mais claras, sei que não conseguirei dormir porque preciso ouvi-las.

"Sério, Armani?", pergunta uma voz anasalada e feminina. "Já está terminando sua confraternização antes de atracarmos, é?"

Confraternização?

"O que eu faço ou deixo de fazer não é da sua conta, Lorna", responde meu

irmão em um tom monótono e entediado.

"Parece um pouco indigno de você, não é?", Lorna, presumo, alfineta. "Pensei que demonstrações públicas não fossem a sua praia."

“Só quando me dá nojo estar perto da pessoa”, ele retruca, parecendo tão entediado quanto antes.

“Você é um porco, e se rebaixou”, ela rosna. “Isso foi combinado? Não consigo imaginar você deixando alguém babar em você de outra forma. Sério, ela parece um bebê.”

“Faz sentido, já que ela é a nossa irmãzinha”, Matteo resmunga.

Abro os olhos ao ouvir o suspiro dela e vejo meu irmão mais novo parado bem na frente dela. Ele deve ter acabado de chegar.

“O quê?”, ela pergunta de repente, piscando para ele.

Acho que entendo por que ela diria que pareço jovem, porque Lorna é definitivamente mais velha do que eu. Ela continua linda, claro, o que é uma pena, considerando que ela não parece ser muito simpática.

“É. Querida. Irmãzinha”, Matteo enfatiza. “Precisa repetir pela terceira vez?”

“Você não tem irmã”, afirma Lorna, recusando-se a acreditar.

Matteo parece querer estrangulá-la. “Para uma professora, você é bem lerda, não é?”

Essa mulher é professora? Meu estômago embrulha. Meu Deus, onde eu me meti?

“Cuidado”, ela avisa. “Você não pode falar comigo assim quando sairmos deste barco.”

“Cuidado você”, ele retruca. “Você sabe tão bem quanto eu o quanto eu posso te sacanear dentro das regras. Você tem sorte de eu não começar agora por causa dos seus comentários sarcásticos sobre a Jade. Some daqui.”

Ela praticamente solta fumaça pelas orelhas enquanto sai, furiosa e bufando de raiva.

“Que jeito de acordar”, brinco, tentando disfarçar a carranca do rosto de Matteo.

Ele franze a testa. “Você não deveria ser tratada assim, Jade. Não vou aceitar isso.”

“Ei.” Dou uma cutucada de brincadeira nele com o cotovelo. “Ser chamada de inferior por causa do meu irmão e de um bebê é uma das formas mais ridículas de insulto que já recebi. Nem está entre os cinquenta momentos mais grosseiros da minha vida, eu juro.”

Ele estreita os olhos. “Isso não me faz sentir melhor. Escreva essa lista dos cinquenta para mim para que eu possa matar os responsáveis.”

Dou um tapinha na mão dele. “Você é um amor.”

“Ele está falando sério”, retruca Armani.

“Que dramático”, retruco. “Sou adulta; não preciso que ninguém seja morto por me xingar. Se eu me importasse com o que dizem de mim, eu mesma os teria matado.”

Matteo suspira. “Quem me dera.”

“Bem, nem todos podemos ser assassinos, podemos?”

Ele cai na gargalhada e bagunça meu cabelo. “Claro que podemos, somos Morettis.”

Reviro os olhos, mas dou uma risadinha. O humor de Matteo é brincalhão e provocador na maior parte do tempo, mas também tem um quê de melancolia. Ele é honesto demais para se importar com a opinião alheia, e é isso que eu mais amo nele. Isso, e seu jeito peculiar.

Quando tenho certeza de que Lorna está fora de vista, levanto-me e aviso meus irmãos que preciso fazer xixi. Armani se levanta rapidamente comigo, mas eu balanço a cabeça negativamente.

"Você já me mostrou onde fica o banheiro mais próximo, e de jeito nenhum vou ser a garota que deixa o irmão ficar de guarda nela no banheiro."

Armani balança a cabeça. "Você não deveria ir sozinha."

Eu gemo, soltando um suspiro. "Eu te amo, mas você é um pouco paranoico, irmão."

Ele ergue uma sobrancelha e cruza os braços. "Você mal sabe para onde está indo, e ninguém aqui realmente te conhece. Quer dar de cara com a Lorna de novo? Sozinha?"

“Ela foi para o outro lado e precisaria passar por vocês de novo para vir atrás de mim”, aponto. “Vamos lá, Armani. Eu vou ficar bem, não me envergonhe mais do que o necessário, por favor.”

Seus olhos escurecem e ele range os dentes. “Tudo bem, você tem cinco minutos.”

Contenho um gemido. “Vai levar vários minutos só para chegar lá, e se tiver fila?”

“Ah, bem”, ele responde.

Com um sorriso forçado, estendo a mão e dou um tapinha no rosto dele. “Que tal se, depois de dez minutos, eu não voltar, você vier me procurar?”

Ele está pensando nisso quando Remo lhe dá um tapinha nas costas. "Só deixa ela ir. Ninguém vai encostar nela, eles já a viram com a gente. Os boatos podem não ter chegado a todos ainda, mas está bem claro que ela está protegida."

"Viu?", eu digo, dando um sorriso de gratidão para Remo. "Ninguém vai se arriscar a mexer comigo. Eu praticamente tenho Moretti escrito na testa."

"Que ideia genial", Armani resmunga amargamente.

Se ele tentar escrever alguma coisa na minha testa, eu conto pro meu pai.

“Tudo bem”, ele finalmente cede. “Fique de olhos abertos, Jade, estou falando sério. Preste atenção por onde anda e como voltar. Não hesitarei em vir te buscar se você demorar muito. Sabe o que é mais constrangedor do que ser acompanhada até o banheiro pelo seu irmão? Ele ficar gritando seu nome sem parar até te encontrar.”

É discutível, mas não estou em condições de continuar discutindo. Minha bexiga está começando a doer.

“Obrigada”, digo a ele, feliz por ter vencido essa pequena batalha.

Sinto Armani me observando como um falcão até me perder de vista. Parece que a maioria das pessoas está em seus quartos reservados, porque não cruzo com mais do que alguns homens e mulheres no caminho. Alguns deles nem olham para mim, o que é até interessante. Há pessoas neste navio que se importam muito pouco com uma garota nova, ao contrário do que meus irmãos parecem pensar. Todos conhecem nossa família, mas há pessoas que simplesmente não se importam ou não precisam se importar conosco.

Admito que tenho um pouco de dificuldade para encontrar o banheiro, mas quando consigo, fico feliz em ver que é um banheiro privativo e limpo. Depois de fazer minhas necessidades e lavar as mãos, dou uma longa olhada no espelho e sorrio com o que vejo. Sem olheiras, sem bochechas encovadas por falta de alimentação, cabelos saudáveis e brilhantes, e dentes brancos como nunca.

Eu costumava imaginar como seria ter uma aparência tão boa quanto me sinto, e é melhor do que minha mente jamais poderia imaginar. Me tornar uma Moretti me salvou em mais de um sentido.

Ajeitando meu uniforme, lembro-me de agradecer à Armani mais uma vez. Ter minhas saias e blusas ajustadas para o semestre fez toda a diferença. Não gosto muito do estilo que a faculdade escolheu para os uniformes, mas poderia ser muito pior. Prata com um verde tão escuro que chega a ser preto não é a pior combinação de cores do mundo.

Ao sair do banheiro antes de ficar muito tempo e provocar uma verdadeira caçada humana, verifico os dois corredores antes de sair da sala. Infelizmente, cada lado do corredor é como um espelho de si mesmo.

Eles são tão parecidos, e agora estou debatendo comigo mesma sobre por qual lado entrei no banheiro. Escolhendo o caminho que parece mais certo, dou alguns passos largos antes que comece a parecer errado de novo.

Eu definitivamente não vim por aqui... vim?

Ai, não, faço beicinho, franzindo a testa. Perdida antes mesmo de atracarmos? Armani e Matteo vão ficar loucos.

Me virando para olhar para trás, meu rosto bate de frente com um músculo. Entro em pânico, me afasto bruscamente e solto um suspiro de surpresa.

"Meu Deus! Me desculpe, me desculpe mesmo! Você está bem?"

O homem corpulento não diz uma palavra, mas, para meu total alívio, acena com a cabeça, indicando que está bem. E não está bem apenas porque eu não o machuquei. Este homem está bem em todos os sentidos da palavra. Ele é enorme. Pelo menos uns quinze a vinte centímetros mais alto do que eu. E é largo, com ombros tão largos que eu definitivamente poderia usar aqueles ombros para escalar o seu...

Ai, meu Deus, aqueles olhos!

Grandes poços de um castanho lindíssimo, realçados por cílios grossos e escuros, lábios carnudos, um queixo forte e maçãs do rosto proeminentes para completar o visual? Ele é deslumbrante.

Pisquei algumas vezes, imaginando se ele desapareceria porque era bom demais para ser verdade. "Desculpe, eu devia ter prestado atenção por onde andava", repeti, só para ter certeza. "Estou meio perdida, mas esbarrei em você com bastante força. Te machuquei?"

Seus traços rígidos suavizaram um pouco e um sorriso surgiu nos cantos dos lábios.

"Certo, você é enorme, com certeza não te machuquei", falei, corando. "Hum, será que você poderia me dizer como voltar para meus irmãos?"

Capítulo 9



Jade

Devo mencionar que tenho irmãos caso me perca. É um dos protocolos do meu pai para quando viajo. Ninguém me reconhecerá, mas reconhecerão nosso nome e pensarão duas vezes antes de ter qualquer pensamento impróprio. Não tenho certeza se quero que esse cara pense duas vezes, no entanto.

Ele não responde verbalmente, mas ergue as sobrancelhas, olhando ao redor.

"Quem são eles?", pergunto, esperando que seja isso que ele esteja querendo saber.

Seus lábios se contraem levemente e ele acena com a cabeça. Uma onda de calor me invade com o menor movimento. Não sei se ele não consegue falar ou se não quer, mas ele entende.

“Os Morettis”, respondo, oferecendo um sorriso. “Armani, Remo, Nico e Matteo? Qualquer um deles serve, só sei que provavelmente estão surtando. Nem chegamos ainda e eu já estou me perdendo.”

Ele inclina a cabeça, e algo me diz que quer que eu continue. Provavelmente porque conhece meus irmãos e sabe que eles não deveriam ter uma irmã.

Embora, se isso fosse no ensino médio, o barco inteiro já estaria comentando o boato. Pelo menos seria verdade. Mas imagino que os filhos de impérios mafiosos não estejam tão interessados em uma garota qualquer. Aposto que têm outras coisas mais importantes para discutir.

“Você os conhece, hum, minha família?”

Este aceno de cabeça é mais rígido.

Tento não franzir a testa. “Não é fã deles, então?”

Ele balança a cabeça levemente, num gesto que interpreto como um leve "é

complicado".

Bem, pelo menos ele não os odeia.

"Ah." Cruzo os dedos, inquieta. "Bem, eu sou meio que uma novata no grupo e não quero chatear ninguém sumindo por muito tempo. Você acha que poderia me ajudar?"

Como se não conseguisse se decidir, ele hesita por um instante antes de abaixar a cabeça. Um cara tão gostoso e enorme definitivamente não deveria ser visto me levando de volta para meus irmãos. E eu não posso deixar nenhum deles saber que o acho atraente. Tomara que ele possa me dar uma luz.

Quanto mais eu o observo, mais acho que meus irmãos podem esperar só mais um pouquinho. Olha, não se encontram caras assim no ensino médio, nem mesmo na faculdade. Dá para culpar uma garota por admirar a vista?

Antes que ele possa falar, apontar ou gesticular para mim, mudo de assunto. Não faço ideia de quantas pessoas novas vou conhecer nesta ilha, mas quero saber como encontrar este cara de novo. Não posso deixar que esta seja a única vez que o vejo!

"Quantos anos você tem?"

Divertido, ele levanta dois dedos.

"Vinte?"

Ele enfatiza os dois dedos mais uma vez, balançando-os para a frente.

"Vinte e dois?"

Ele confirma com um leve aceno de queixo.

“Uma pergunta totalmente hipotética e aleatória”, começo, umedecendo meus lábios ressecados. “Você namora garotas que acabou de conhecer e que—”

“Jade?”

Meu nome ecoa mais adiante no corredor, e meus olhos se arregalam. A voz de Armani me chama novamente, e o homem misterioso parece entender meu pânico. Sem hesitar ou ser questionado, ele começa a passar por mim na direção oposta à voz do meu irmão.

“Espere”, me surpreendo, sussurrando a palavra enquanto ele se afasta. “Vou te ver de novo?”

O que poderia dar errado? Só seria constrangedor se ele não dissesse nada ou me rejeitasse de cara.

Ele se vira o suficiente para me ver por cima do ombro. “Vai sim.”

O homem desaparece no corredor enquanto o timbre grave de sua voz me faz fraquejar.

Quase dou um gritinho de empolgação. Ele fala! Quer dizer, não é essencial. Com certeza daríamos um jeito de nos comunicar sem a voz dele. Valeria muito a pena, mas saber que posso ouvir aquela voz de novo? É emocionante!

Meu Deus, eu gosto desse cara!

Ele me disse duas palavras e eu já estou completamente apaixonada por ele. Ai, meu Deus, eu não sei como lidar com uma paixão. Principalmente com uma paixão que eu não posso contar para os meus irmãos. E, por isso, não posso contar para ninguém. Não duvido da capacidade deles de arrancar segredos dos outros.

A primeira coisa que vou fazer quando for dormir hoje à noite é pensar em como passar um tempo com o meu garoto misterioso, e logo.

“Aí está você!” uma voz preocupada me tira das nuvens e me traz de volta à realidade. “Onde você esteve? Está tudo bem?”

Armani se aproxima do meu rosto, avaliando meu estado. “Você se perdeu? Alguém te machucou?”

“Não, não, estou bem”, prometo, balançando a cabeça. “Eu estava tentando encontrar o caminho de volta e me distraí olhando em volta. Desculpe, ninguém me machucou, eu juro.”

Verdadeiramente preocupado, ele solta um suspiro. “Você precisa ter cuidado, Jade. As regras no barco fazem as regras na ilha parecerem rígidas. Muita coisa é permitida e fácil de encobrir. Nós conversamos sobre isso—”

“Eu sei, eu sei, eu—” Engolindo em seco, me interrompo.

Me sinto uma irmã péssima por preocupar meus irmãos só para ter mais alguns momentos roubados com um estranho lindo e perigoso.

"Me desculpe mesmo", digo a ele honestamente. "É muita coisa para assimilar."

"Eu sei", ele murmura, suavizando o tom. "Você pediu ajuda a alguém?"

Ih, rapaz. "Hum—"

"Você pediu", ele deduz, os olhos percorrendo o corredor vazio ao nosso redor. "Quem foi? Te ignoraram? Como eram? Para onde foram—"

E é por isso que não posso contar a nenhum dos meus irmãos que estou apaixonada. Eles reagem de zero a cem em um segundo. A proteção deles é realmente reconfortante. Não desprezo o fato de se importarem tanto, mas sei que isso vai dificultar conhecer um cara.

Estou torcendo para que meu cara misterioso esteja disposto a guardar segredos, porque eu gostaria de contar mais do que alguns para ele.

"Jesus!", exclamei, interrompendo-o. "Pensei que você estivesse trabalhando nessa coisa assustadoramente superprotetora?"

"Eu estava, até alguém falar com você", ele respondeu bruscamente. "Quem foi? Isso é importante, maninha. Preciso saber."

"Você não pode simplesmente confiar em mim?", perguntei esperançosa, sorrindo para ele. "Você não interrogaria o Matteo assim, interrogaria?"

"Eu já vi o Matteo derrubar homens com o dobro da idade e do tamanho dele. Sei que o Matteo pode acabar com uma vida tão rápido quanto conta uma piada idiota. Não preciso perguntar essas coisas para ele."

Cruzei os braços, meio ofendida. "Eu já me virei sozinha antes."

“E agora você não pode mais”, ele retruca. “Você deveria estar segura, não jogada aos lobos.”

Talvez eu goste de lobos, quero questionar, mas me contenho. “Ninguém me ignorou, ninguém foi malvado comigo e ninguém me ameaçou, ok? Podemos mudar de assunto agora? Estou cansada.”

“Quando foi a última vez que você tomou seu suco?”

E lá vamos nós.

Armani leva muitas coisas a sério, mas hidratação talvez seja a principal delas. É bom para tudo, segundo ele — e talvez para os cientistas também, suponho.

“Quanto você gasta com roupas e suco isotônico?”

Ele debocha. “Em que mais você gastaria dinheiro?”

“Comida?”, digo a primeira coisa que me vem à mente.

“Meu pai paga a comida.”

“Não sei, Armani”, resmungo. “Uma casa?”

Ele faz uma careta de desgosto. "Eu moro com o papai."

"E um carro? Um barco? Atividades?"

"Eu já tenho três. Papai tem uma frota de navios, então por que eu precisaria de um barco? E em que atividade eu gastaria dinheiro?"

"Tá bom, isso é uma brincadeira idiota", resmungo. "Não bebo suco há uma hora."

Como se eu o tivesse ofendido moralmente, ele engasga, segurando minha mão na dobra do seu cotovelo. "Vamos antes que você desidrate. Juro, não sei o que fiz para merecer tantos irmãos com tão pouca habilidade para cuidar de si mesmos. Se eu não regasse vocês, morreriam como plantinhas mimadas."

O sol brilha forte no barco, mas não o suficiente para me fazer morrer por ficar uma hora sem beber água. Meninos são tão dramáticos.

“Durou um mês inteiro que eu só bebi Dr. Pepper diet porque era a única coisa que a Kim queria comprar, e a água da torneira era radioativa.”

A expressão no rosto de Armani era assassina. Eu tinha me esquecido de que não posso dizer coisas assim sem que pensamentos de guerra e tortura imediatamente me venham à mente.

“Pelo lado bom, eu gosto de refrigerante?”, acrescentei cautelosamente, tentando amenizar o impacto da informação.

“Parece que você quer que eu a mate”, ele resmungou, me guiando para

longe do corredor e de volta para onde deveríamos estar. Um olhar esperançoso surgiu em seus olhos. “Você quer que eu a mate? Porque eu literalmente sairia daqui para fazer isso.”

“Mas aí quem me protegeria dos corredores?” brinco, cutucando-o com o cotovelo. “Por que ainda estamos conversando? Estou sem suco aqui, Armani, sem suco!”

“Sua brincadeira não tem graça”, ele mente, sem conseguir esconder o sorriso.

“Eu sou sempre fofa”, discordo. “Eu—”

Tudo o que eu ia dizer é interrompido por um abraço apertado demais.

Inspiro fundo, assustada, e relaxo ao reconhecer o cheiro do corpo que me envolve. “Matteo”, gemo. “Não consigo respirar.”

“Você sumiu!” ele acusa, me abraçando com a mesma força. “Achei que ia surtar se não te encontrasse em um minuto!”

“Você já estava surtando”, Nico responde com indiferença, folheando uma revista.

“Vejo que você estava preocupado”, rio, observando seu estado relaxado.

“Imaginei que você estivesse se agarrando com algum coitado e sabia que, se eu o deixasse em paz, poderia jogá-lo do navio. Uma pena estar enganada, isso teria trazido um pouco de alegria a este dia tão tedioso.”

A ideia de Nico e meu homem misterioso se pegando é horrível. Nico é mais do que habilidoso, eu sei disso, mas o tamanho do homem quieto certamente lhe causaria problemas.

Um pensamento triste começa a girar na minha cabeça. E se o homem misterioso for um herdeiro? Se for, meus irmãos não poderiam simplesmente jogá-lo do navio sem iniciar uma guerra fora dos muros do Império. Isso os impediria? Eles iniciariam uma guerra por causa de uma paixonite?

Ignorando a pergunta, mantenho a calma. Vai ficar tudo bem. Não estou me convencendo de que não quero vê-lo de novo. Eu só quero.

Conheci o homem há poucos minutos, e ele poderia ser horrível, mas de alguma forma eu sei que não é. Ele pode não querer nada comigo, mas e se quiser? Bem, quem sou eu para me privar de algo que quero? A vida já me tirou tantas coisas. Ela pode me dar algumas em troca, eu acho.

"Desculpe decepcionar", digo com a voz rouca. "Não gostaria que você ficasse muito entediado no navio de luxo durante nossa viagem para a faculdade particular de elite que o papai paga."

"Você está perdoada", diz Nico amigavelmente, virando outra página com um gesto fluido da mão.

Me debatendo nos braços de Matteo, eu o empurro, com dificuldade. "Você

pode me soltar agora antes que eu desmaie por falta de ar?"

Ele me solta, apenas para começar a sacudir meus ombros. "Não faça isso de novo. Vou ficar com rugas e começar a parecer o maldito Apolo."

"Apolo não tem rugas", brinco, mas é verdade. Sua pele é praticamente impecável. Como se ele tivesse sido feito por uma máquina em vez de pessoas.

Matteo bufa. "Apolo não tem a profundidade emocional necessária para criar rugas, mas ainda assim é velho."

Carinhosamente, dou um tapinha em sua bochecha. "Você está fazendo beicinho? Não tomou suco suficiente hoje?"

"Ughhh", ele geme alto. "Nem fale com o Armani sobre o maldito suco."

As próximas horas parecem passar num piscar de olhos.

Passo a maior parte do tempo ouvindo Matteo contar piadas sobre o que está passando na TV e pensando no meu misterioso pretendente. Ainda estou pensando nele quando Remo se oferece para me levar ao convés superior para ver o barco atracar.

Em minha defesa, é natural ficar pensando nele enquanto caminho pelo barco. Afinal, eu poderia vê-lo de novo! Falar com ele, não. Mas admirá-lo de longe é uma possibilidade, com certeza.

Remo me protege de um jeito diferente do que Armani e Matteo costumam fazer. Ele não me toca, mas caminha ao meu lado de uma maneira dominadora, como quem diz "fique longe". Remo é provavelmente o meu irmão mais quieto, depois de Cassio. Às vezes me pergunto se Remo não é realmente quieto, e se ele é apenas triste como Cassio. Quando você tem nove novos irmãos, todos com idades e personalidades diferentes, é difícil sentir que conhece todos eles.

"Prepare-se para o vento", avisa Remo, estendendo a mão para uma porta que dá para o último andar do navio.

Sem saber o quão forte o vento será, já que veio com um aviso, agarro seu antebraço com a minha mão, apertando-o com meus dedos.

Seus olhos descem rapidamente, observando onde estamos conectados. Quase me afasto, pensando que ultrapassei um limite com ele, quando ele olha para mim novamente. "Você vai ficar bem. Não vou deixar você ser levada pelo vento."

"Isso é possível?", pergunto nervosamente.

"Vamos", ele diz, me puxando pela porta com um leve puxão.

O vento açoita meus cabelos, mas não me faz cambalear. Os cachos castanhos de Remo giram ao redor de seu rosto, cobrindo seus olhos, mas ele não se esforça para afastá-los. Eu, por outro lado, prendo meu cabelo imediatamente em um coque baixo para mantê-lo mais no lugar. Algumas mechas menores continuam a balançar ao redor das minhas orelhas e pescoço,

mas as ondas já não invadem minha visão.

Continuo segurando seu braço até chegarmos à beira, onde consigo me agarrar ao corrimão para ter mais estabilidade. O metal frio me causa arrepios, mas meu casaquinho me mantém aquecida. É um item opcional do uniforme, e agora entendo o porquê. Não parece que vou sentir muito calor tão cedo.

"Ali está", ele aponta para a porção de terra que emerge da neblina à frente.

"Uau", comento, genuinamente sem palavras.

A vista é incrível e completamente diferente de tudo que eu poderia ter imaginado. Matteo já mencionou este lugar um milhão de vezes, mas nunca comentou o quão bonito ele é. Para ele, este lugar não se importa com a aparência, mas sim com o que ele representa para ele. Eu jamais conseguiria presenciar algo assim sem mencionar o quão deslumbrante é.

O cheiro de água salgada e morna nos envolve enquanto eu contemplo a paisagem. A ilha não é tropical, mas sim como uma floresta. Há areia negra como a noite na costa, mas logo atrás, começam as árvores. Altas e imponentes, parecem se estender por quilômetros. Suas folhas são de um verde escuro exuberante, demonstrando que são saudáveis e fortes.

O céu está num tom cinza escuro e turvo, com nuvens carregadas circulando acima, deixando apenas alguns raios de sol penetrarem. Parece mais um lugar no noroeste do Pacífico do que uma ilha secreta a horas da costa.

Nem vou fingir que entendo de clima e tempo para teorizar sobre as condições da ilha. Vou apenas aceitar a vitória, porque se este lugar fosse quente e ensolarado, eu estaria suada e queimada de sol no segundo dia. Não me entendam mal, minhas mãos e pés ficam gelados facilmente, e é péssimo quando não posso enfiar um cobertor quentinho neles. Mas, no fim das contas, sou o tipo de pessoa que se sente bem quando está um pouco frio. Que pena para as garotas que curtem o verão e não vão poder aproveitar este lugar tanto quanto eu.

“Parece um filme”, digo a ele, respirando fundo o ar fresco e revigorante.

“Não é tão ruim”, concorda ele, assentindo com a cabeça.

Murmurei, continuando a observar o barco se aproximar lentamente. “Frio?”

“Meio a meio”, respondeu ele. “Não vai nevar, mas haverá algumas noites mais frias. Alguns dias quentes também, mas é bem ameno.”

Não poderia ter pedido uma resposta melhor.

“Estou animada”, confessei, sentindo meu rosto começar a corar com o vento frio. “Nervosa, mas animada.”

“Não precisa ficar nervosa”, afirmou Remo, tranquilizando-me. “Estaremos todos aqui para você o tempo todo.”

Espero que não o tempo todo.

“Vamos, vocês dois!”, ouvi alguém gritar.

Nós dois nos viramos e vemos Matteo caminhando em nossa direção, espantando o vento como se isso fosse possível. "Maldita natureza", ele resmunga, passando uma mecha de cabelo pelos cabelos. "Eu devia ter pedido para o Nico vir buscar vocês. Coitado do meu cabelo."

"O Nico teria se recusado", comenta Remo.

"Que o Nico se dane", bufa Matteo. "Vamos, o Armani quer a gente pronto para desembarcar assim que o navio atracar. Impaciente."

Dou uma risadinha ao ver sua frustração e dou uma última olhada na ilha antes de sair com os dois. Matteo assume sua posição habitual, guardando meu lado, enquanto Remo fica atrás. Eles não discutem nada, simplesmente se posicionam naturalmente.

“Pronta para sua devida apresentação à Sociedade das Princesas da Máfia?” Matteo pergunta, me cutucando de leve com o cotovelo.

Estou mais do que pronta.

Capítulo 10

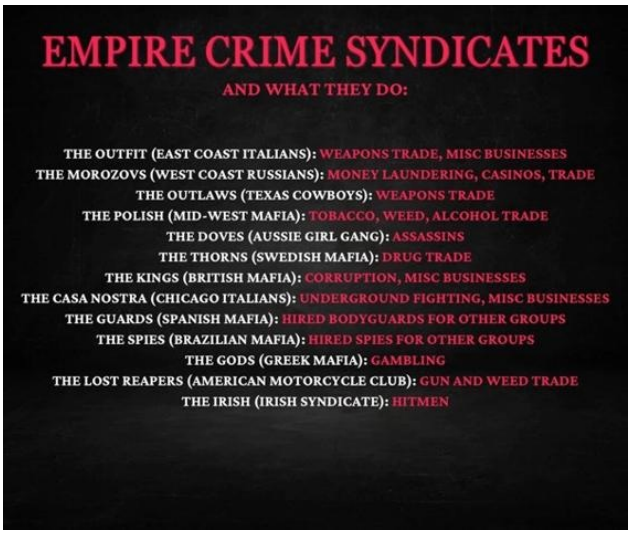


Jade

Fico bem chateada por não conseguir ver o meu misterioso rapaz desembarcando, mas Armani compensa isso nos tirando da multidão mais rápido do que qualquer outro grupo por perto. Matteo me distrai — de propósito ou não — apontando sutilmente pessoas importantes e associando nomes aos rostos. Pessoas com quem nossa família se dá bem e pessoas com quem não se dá.

É uma confusão de nomes e rostos que se cruzam, mas acho que consigo me lembrar de boa parte deles. Assim como fez com a nossa família, Matteo preparou vários gráficos para mim antes de partirmos, para que eu pudesse estudar. Um deles mostrava os maiores grupos que frequentam a Academia do Império atualmente, com os nomes de quem os comanda e de quem herdará o controle. Outro, mais uma lista, continha os mesmos sindicatos, mas também indicava por que eles são conhecidos.





Quando finalmente chegamos ao prédio onde meus irmãos e eu — com exceção de Armani — ficaremos hospedados, eu já tenho uma ideia melhor de quem são os Reis, os Foras da Lei e os Guardas. É um pouco assustador, e são apenas alguns nomes. Felizmente, eu trouxe minhas pequenas folhas de cola para me ajudar nas primeiras semanas.

O primeiro quarto para onde vamos é o meu, onde minhas malas já estão trancadas com segurança. Como alguns guardas conseguiram chegar ao prédio antes de nós com as malas é um mistério completo para mim. Agradeço muito, mas isso também me faz questionar se alguns dos homens que trabalham para meu pai têm superpoderes de verdade.

Matteo e Armani me levam para dentro e fazem uma rápida verificação de segurança no espaço antes de começarem a relaxar. Meus irmãos são uns

verdadeiros preocupados.

Enquanto conferem se minhas malas estão todas aqui, dou uma primeira olhada no lugar. Uma cama de casal, uma bela janela, espaço suficiente para guardar minhas coisas e meu próprio banheiro. Não é nada mal, certamente maior do que qualquer dormitório universitário do primeiro ano em que eu teria ficado se tivesse ido para outro lugar.

Empire é quase uma faculdade. Só que não tem um diploma pomposo para exibir depois que você se forma. Mas tem habilidades, e se meus irmãos servem de exemplo, as habilidades aprendidas aqui não são nada desprezíveis.

Meu sorriso se alarga. "Tudo isso é meu? Que fofo!"

Jogo meu cardigã na cama desarrumada e sorrio ao pensar em como ficará muito mais aconchegante quando eu me instalar.

Matteo bufa. "É minúsculo, parece um armário."

Armani dá um tapa na nuca dele. "Cuidado com o que você diz, idiota."

"Ai!" Matteo protesta, esfregando o local dolorido. "O que eu disse?"

"Meu quarto era metade desse tamanho na casa antiga", respondo, supondo que era esse o ponto de Armani. "Tudo bem. Você não viu, então não sabia."

Ele suspira tristemente. "Não, mas eu poderia ter imaginado." Fazendo um gesto com as mãos, ele abre os braços para que eu me aproxime. "Vem cá, abraça seu irmão idiota enquanto ele pede desculpas."

Dou uma risadinha, balançando a cabeça. "Não precisa se desculpar e definitivamente não precisa de um abraço. Não estou chateada. Tenho quase certeza de que tecnicamente é um quarto pequeno. Você tem permissão para fazer observações."

"Sem abraço?" Ele faz uma careta. "Minha terapeuta disse que o contato físico é importante para meninas com pais ausentes. A menos que elas não gostem de abraços, e você adore abraços."

Ergo os lábios, escondendo um sorriso. "Você faz terapia?"

"Faço, desde que você apareceu", ele exclama. "Você tirou meu status de irmã mais nova e me deu um complexo."

Quando meus olhos se arregalam, ele cai na gargalhada. "Brincadeira, foi isso que eu disse a ela. Só queria ver se a moça tinha algum conselho útil para te ajudar a se adaptar. Não consegui nenhuma informação útil porque mantenho o lance com a máfia em segredo. Então, abraços são tudo o que eu tenho a oferecer, infelizmente."

Isso é tão perturbador e tão doce ao mesmo tempo.

"Tentando ser o irmão do ano?", brinco, abrindo os braços para um abraço rápido.

"Irmão da década", ele responde, me envolvendo em um abraço delicado,

mas levantando meus pés do chão. "Não posso deixar nenhum dos outros perdedores me superar na disputa pelo título."

"Tão competitivo", resmungo.

“De qualquer forma, você está bem em frente ao quarto, mas pode dormir aqui quando quiser”, ele oferece, referindo-se ao quarto triplo que divide com Remo e Nico. “Temos uma regra de não permitir garotas, mas você é a exceção, claro. Privilégios de irmãs e tal.”

“Claro”, concordo. “Privilégios de irmãs, é? Mais um daqueles privilégios que meus irmãos super fortes e capazes têm para me ajudar a colocar o lençol de elástico?”

O rosto de Matteo se contorce. “Pergunte ao Armani, eu não faço serviços domésticos. Estas mãos foram feitas para destruição e caos, não para arrumar seus lençóis cheios de babados.”

“Lençóis cheios de babados”, imito, repetindo o tom dele. “Você parece um universitário.”

“Você não sabe como um universitário fala”, ele argumenta.

“Imagino”, respondo, revirando os olhos. “Você está me dizendo que nunca arrumou a sua cama? Não me diga que você obriga a Martha a fazer isso?”

Ele resmunga. “A Martha jamais tocaria na minha cama. Já a arrumei sob coação, mas não é um hábito. Por que eu deveria perder preciosos minutos suando para dar um trato na minha cama?”

Dar um trato na cama? Matteo consegue fazer qualquer coisa parecer ridícula. Até as coisas mais normais, como manter a cama arrumada.

“Você já pensou que gosta tanto de ficar no meu quarto porque ele está limpo e organizado?”, questiono, arqueando uma sobrancelha.

“Que coisa estranha de se pensar”, responde ele, sério. “Eu não ficava lá antes de você chegar, ficava?”

“Bem—”

“Gosto de ficar no seu quarto porque meu melhor amigo mora lá”, Matteo me informa docemente. “Parece óbvio.”

“Você acabou de transformar sua aversão a arrumar camas em um elogio?” Não consigo conter o riso. “Você tem um dom para as palavras, cara. Um dom para as palavras.”

“Pronto”, diz Armani, me deixando sem ar.

Segurei meu coração acelerado e me virei para ver que ele arrumou minha cama inteira. Eu não conseguiria colocar meu lençol, muito menos toda a roupa de cama, tão rápido e silenciosamente quanto ele fez. Ele é como um mágico atlético e tatuado.

“Você não precisava fazer isso”, digo, com o coração aquecido de gratidão.

“Obrigada, Armani.”

“Não foi nada.” Ele dá de ombros. “Eu me ofereceria para arrumar seu guarda-roupa, mas—”

“Não precisa se oferecer”, interrompi. “Prefiro que não haja a menor possibilidade de você ver minhas roupas íntimas.” Em casa, Armani encheu meu guarda-roupa de roupas, mas deixei claro que sutiãs e calcinhas eram minha responsabilidade. Eu não precisava que ninguém escolhesse isso para mim, muito menos meu irmão.

Armani não se importou com isso, mas se autoproclamou o diretor de tudo o que eu visto. Ele me consultou, é claro, antes de simplesmente comprar o que quisesse. Cinco dias depois de eu ter me mudado para morar com eles, ele me fez uma série de perguntas enquanto me deixava experimentar diferentes tecidos. Ele realmente é o guru da moda que Matteo e meu pai me fizeram acreditar, com certeza.

Quando ele me perguntou se havia algum estilo que eu preferisse, timidamente perguntei se ele já tinha visto Coyote Ugly. Era um dos poucos filmes que a Kim tinha em DVD. Sempre que ela viajava ou passava a noite fora, eu podia assistir depois das 20h, quando a energia elétrica ficava gratuita.

Eu provavelmente já tinha visto umas cem vezes, e as roupas da personagem feminina sempre me marcavam. Não sou fã de couro, mas era divertido imaginar os outros elementos da década de 2000 em mim. E se a personagem principal do filme conseguia comprar essas roupas mesmo passando por dificuldades, imaginei que um dia eu também conseguiria.

Armani pareceu ofendido com o visual "desleixado anos 2000" que eu preferia, mas não esperava que eu escolhesse algo diferente. Em vez disso, ele fez perguntas mais específicas para entender melhor o que eu gostava e o que eu amava. Agora, meu guarda-roupa em casa está abarrotado de roupas femininas no estilo Coyote Ugly. Descobri que eu realmente adoro rosa. É tão agradável aos olhos.

A maioria das minhas roupas também é um pouco mais discreta do que as das personagens femininas do filme. Meus tops cropped não são tão curtos, e meus vestidos e saias também não têm a barra tão curta. Isso se deve em parte ao fato de Armani ser quem escolhe tudo — ele é muito protetor —, mas também porque eu sinto frio com facilidade. Gosto da sensação das roupas e de como elas se ajustam ao meu corpo, então nunca vou reclamar de um pouco de tecido a mais.

Meu irmão, um esnobe da moda, levou em consideração minha necessidade de conforto ao escolher minhas roupas para ficar em casa. Suéteres oversized e calças macias com pantufas são essenciais para um dia em que não preciso sair

de casa. Não que o Armani jamais fosse visto morto usando algumas das peças básicas que ele me deu, o que só torna a ideia ainda mais significativa.

Mas o Matteo... o Matteo vive de calça de moletom. Estando na Empire, acho que vou vê-lo usando mais camisetas do que eu usei em casa durante todos esses meses. O homem é um aquecedor, juro. Às vezes ele toca no meu braço ou em alguma coisa casualmente, e é como uma pedra quente batendo no gelo.

“Sinto muito em te dizer isso, maninha, mas eu vejo sua calcinha uma vez por semana quando ajudo a Martha a dobrar roupa.” Matteo ri como se eu fosse boba.

Faço uma careta, apertando a ponte do meu nariz. “Você acabou de dizer que não faz faxina nem arruma a cama, mas ajuda a Martha a dobrar roupa?”

“Isso não é faxina”, ele argumenta, ofendido. “É só o meu momento de conexão com a Martha. Ela não fala comigo a menos que esteja trabalhando, e eu não sou um completo idiota. Se eu for conversar com ela, não vou ficar olhando ela trabalhar sozinho.”

Como ele pode ser tão íntegro e tão desequilibrado ao mesmo tempo? As maravilhas nunca cessam.

“Mostraremos meu quarto para você amanhã de manhã”, Armani interrompe, mudando de assunto. “A menos que você queira vir com a gente hoje à noite?”

“Não, obrigada”, resmungo.

Os meninos vão ajudar o Armani a se instalar na sala de aula dele — se é que dá para chamar um estande de tiro de sala de aula. Eu preferiria comer pedras a ter que ajudar o Armani a limpar rifles de novo. Já passei por isso uma vez. O cara é perfeccionista quando se trata de segurança, limpeza e manuseio de armas. Tenho quase certeza de que o fiz se encolher mais naquele dia do que em toda a vida dele.

Prefiro dormir cedo a limpar armas, qualquer dia da semana.

"Ah, entendi", Matteo provoca. "Deixando todo o trabalho pesado para a gente enquanto você pinta as unhas e faz tranças no cabelo."

“Minhas unhas já estão pintadas”, digo a ele, mostrando as pontas pintadas de azul claro. “Você que fez, lembra? Tenho quase certeza de que da última vez que trancei meu cabelo, você também fez.” Não sei bem por que digo isso, porque não é só uma questão de quase certeza, é certeza absoluta.

Ninguém nunca me ensinou a fazer isso, e quando ele me pegou tentando aprender com um tutorial do YouTube no meu celular, trouxe tiras de couro e me mostrou como praticar. Depois de me mostrar com o couro, ele me mostrou com o meu cabelo de verdade. Não tirei as tiras por três dias, porque significavam muito para mim, e nunca mais tentei recriá-las.

Ele bufa. "Bem, você podia me convidar para ficar e fazer de novo. O

Armani talvez me deixe escapar se você fizer aquele olhar suplicante que você tem—"

"Não", Armani interrompe, indo em direção à porta. "Você não vai se safar dessa. Vou ver como estão o Remo e o Nico. Acomode a Jade e encontre a gente lá; vamos jantar juntos."

Matteo geme, jogando a cabeça para trás. "Tudo bem, pai. A gente se encontra lá, mas você se esqueceu de me lembrar de trancar a porta dela. Você está fora de si."

"Você nunca se esqueceria de trancar a porta dela", ele responde, já fora do quarto.

"Que idiota", Matteo suspira. "Certo, vamos te arrumar."

Eu disfarço uma risada, mordendo o lábio. "Cardigã ou sem cardigã?"

“Sem cardigã”, ele responde imediatamente. “Os refeitórios são aquecidos, e se você sentir frio, terei a oportunidade de tirar essa camisa idiota.”

Não o lembro de que ele nunca precisou de uma desculpa para ficar sem camisa antes, porque me recuso a dar ideias a esse homem.

“Parece um bom plano”, digo em vez disso.

Cheia de energia por causa da insistência de Armani, vou rapidamente ao banheiro e deixo Matteo me puxar para o corredor, pronta para encarar meu primeiro jantar aqui como uma profissional.

Capítulo 11



Jade

O Empire oferece duas opções de comida. Uma grande sala que lembra uma despensa, repleta de diversos petiscos e pequenas porções. E o refeitório, que é um espaço ainda maior com quatro seções estilo bufê para escolher a cada noite. Matteo diz que geralmente há algumas culinárias diferentes em rotação, então nunca há reclamações. Sempre há algo que agrade a todos.

Entramos juntos no refeitório. Quase perco o equilíbrio quando meus olhos encontram um rosto familiar. Meu homem misterioso está saindo assim que entramos, e ele não está sozinho. Ao seu lado está outro homem. Ele tem uma aparência mais jovem e é mais magro do que o grandalhão que encontrei, mas os dois poderiam ser irmãos.

Talvez sejam! Há tanta coisa que eu não sei sobre ele, e a vontade de descobrir mais está começando a me consumir.

Observo-o enquanto me vê olhando para ele, seus lábios se contraindo antes de desaparecer. De novo. Descobrirei o nome dele quando nos sentarmos para jantar, não posso esperar mais. Sou esperta, posso pedir a um dos meus irmãos para me contar.

Eu sei exatamente a quem perguntar.

Dando uma olhada rápida nas opções, Matteo e eu optamos por um prato de massa. Almôndegas enormes com espaguete e molho marinara para ele, tortellini cremoso de espinafre para mim, ambos acompanhados de pão de alho. Armani, Nico e Remo pedem pratos cheios de tacos. Alguns de frango, outros de carne, todos decorados com diferentes recheios.

A comida não é tão boa quanto a da Martha, mas ainda assim é deliciosa. O

tortellini cremoso está fumegante, mas não muito quente, o que é ótimo. Com certeza comeria de novo. O Matteo também deve achar bom, porque já comeu quatro garfadas inteiras do meu prato desde que se sentou. Pelo menos já me acostumei; sempre peço uma porção extra só para ele. O homem consegue comer quantidades absurdamente grandes de comida sem nem pestanejar, e é realmente impressionante.

Enquanto Nico e Remo começam aquela coisa de gêmeos que às vezes fazem, conversando baixinho um com o outro, Armani e Matteo conversam comigo.

"Então existem mesmo mafiosos caubóis?", pergunto, com os lábios tremendo. "Sinceramente, achei que vocês estavam me pregando uma peça quando os colocaram na lista."

Não posso perguntar sobre o homem misterioso logo de cara. Matteo é esperto demais para isso. Preciso que ele saiba que estou curiosa antes de falar dele.

Matteo bufa. "Jade, o que você acha que são os cowboys? Ou pelo menos o que eles eram?"

Dou de ombros. "Tudo o que sei sobre cowboys é que provavelmente eles faziam mais do que simplesmente cavalgar juntos naquelas longas viagens. Pelo menos, essa era uma teoria que debatíamos na aula de História da Civilização Americana Ocidental."

Meu irmão mais novo dá uma gargalhada, chamando um pouco de atenção para nós, mas não muita. "Vocês falaram sobre cowboys transando na aula? Talvez eu tenha perdido a oportunidade de estudar em escola pública!"

"Mal posso esperar para contar para o Colton que era só nisso que você conseguia pensar quando perguntavam sobre cowboys em geral", Armani ri baixinho.

Colton Wyatt é o herdeiro dos Outlaws, algo que Matteo me fez lembrar quando estávamos desembarcando do barco. Sinceramente, achei que ele estivesse brincando com a história do cowboy, mas vê-lo com outros quatro caras de chapéu Stetson no jantar me deu a dica de como as coisas eram.

"Bom, não é só isso", resmunguei. "Mas tudo bem, eu gostaria de saber a opinião dele. Eu, por exemplo, sou fã de cowboys gays. É lógico."

Armani deu uma risadinha. "Lógica ou estatisticamente falando? Porque se estamos falando de números, isso significa que pelo menos um dos seus irmãos também é gay. O que você acha disso?"

“Como me sinto em relação a isso?” repito. “Acho ótimo—” Uma pontada de preocupação me sobe pela espinha e baixo a voz para um sussurro. “Será que… será que a Organização não acha ótimo?”

Sinto um frio na barriga. Isso seria horrível.

“A Organização se importa com os herdeiros”, responde Matteo com um sorriso. “Além de garantir a continuidade da nossa linhagem, a organização não tem escrúpulos quanto a com quem estamos. E papai já tem três netos, então não importa se o resto de nós se reproduzir ou não. Embora ele queira que Apollo se reproduza, e preferiria que estivéssemos na taxa de reposição.”

Bem, que alívio.

“Taxa de reposição?”

“Dez de nós, pelo menos treze”, explica Armani. “Os três extras substituiriam ele e Cesar, e ainda adicionariam um novo membro da família Moretti. Mais se você quiser substituir as esposas também.”

Nossa! “São muitos bebês.”

“Somos muitos para fazer muitos bebês”, ele responde. “Máfias que dependem de um nome de família forte esperam altas taxas de natalidade. Não podem nos parar se continuarmos nos multiplicando.”

Concordo com a cabeça. “E, hum, sobre o que você perguntou antes—” Antes que eu consiga, sem jeito, encontrar as palavras certas para dizer aos meus irmãos que podem ser sinceros comigo, Matteo abre um sorriso magnético.

“Nico é gay”, ele me conta. “Ele não tem vergonha disso. E Armani—”

“Pode falar por si mesmo.”

“—transa com qualquer coisa que ache bonita.”

Armani solta um longo suspiro. "Obrigado por informar nossa irmã de forma tão grosseira que sou bissexual."

"E você, maninha?" Matteo cutuca meu braço de brincadeira. "Alguma chance de termos uma cunhada no futuro?"

"Extremamente improvável, desculpe", respondo timidamente.

Mulheres são lindas, mas olhar para elas? Não sinto nada parecido com o que sinto quando olho para um homem bonito. Não consigo evitar.

Armani dá um tapa no peito de Matteo com as costas da mão. "Eu nem quero pensar nela olhando para alguém com olhos sonhadores, e você está pensando nela se casando?"

"Sou um homem realista", ele resmunga. "É bem provável que ela esteja apaixonada até o final do primeiro ano na Empire. Deus sabe que teremos que recusar propostas de contrato."

Na verdade, estar apaixonada pelo meu cara misterioso até o final do ano parece uma ideia adorável. Mas espera aí! "Que diabos é uma proposta de contrato?"

Casamentos arranjados e noivados são coisas com as quais estou familiarizada, já me explicaram antes, mas uma proposta de contrato? Parece tão

fria e distante.

Matteo me olha confuso. "Hum, exatamente o que parece?"

Era disso que eu tinha medo. Acho que não é tão diferente do que já ouvi falar, mas nunca tinha me colocado nessa situação hipotética. Acho que não gosto nem um pouco da ideia.

Meus olhos se estreitam ao encarar Matteo, e eu me esqueço completamente do meu jantar. "As pessoas vão tentar fazer um acordo comigo? Tipo, oferecer alguma coisa em troca da minha mão em casamento? Que tipo de besteira é essa?"

Ele revira os olhos como se eu fosse a louca. "Não há nenhuma oferta que consideraríamos. Não precisamos de nada."

"Mas se precisassem, vocês me venderiam em troca?", pergunto, levando as mãos à cintura.

"Bem, eu não faria nada", ele bufa. "E não, é provável que meu pai não concordasse com isso. Principalmente com tantos filhos solteiros. Ele simplesmente escolheria um de nós para casar. Foi assim que Cleo e Leon foram casados."

Franzo a testa, lembrando disso agora. Dois dos meus irmãos estão em casamentos arranjados, um deles sem amor. Deve ser horrível, né?

Matteo vê minha expressão e levanta meu queixo com a mão. "Ei, não sinta pena deles", diz ele, como se lesse meus pensamentos. "Eles podem não ter escolhido suas esposas, mas nenhum dos dois trocaria seus filhos por nada. A gente tinha uma aposta de que a Melani e o Emilio iam se apaixonar um dia, e agora estão apaixonados."

Claro, eles apostariam no casamento do irmão. "Apostaram mesmo?" Dou uma risadinha. "Por que vocês pensaram isso? Porque ela é legal?"

Ainda não conheci a Melani, e fico feliz por isso. Ela tinha um bebê de dois meses quando cheguei, então fico contente que ela tenha priorizado cuidar de si mesma. Eu me sentiria muito culpada se ela tivesse feito uma viagem até a casa do meu pai só por minha causa. De qualquer forma, ela virá com o Emilio para nos visitar quando voltarmos do Empire. Acho que será o momento perfeito.

Mesmo sem conhecê-la, já percebi que ela é uma querida. Ela me mandou flores e o contato dela para usar em diversas situações. Se eu precisar de um buffet para uma festa, um vestido elegante de última hora ou uma carona para algum lugar, já tenho o número dela para resolver tudo.

“Ela é legal”, concorda Matteo. “E é muito gata, o Emilio só estava sendo teimoso. Ele já era obcecado por ela, só precisava perceber que estava completamente envolvido. Acho que o cérebrozinho codependente e confuso dele não conseguia entender nada que o Elio não explicasse passo a passo, e o

Elio odiava a Melani.”

“Não acho que o Elio a odiasse”, argumento baixinho, mesmo sem estar presente. O Elio não é uma pessoa rancorosa. “Ele provavelmente só sentia falta do Emilio.”

Matteo dá de ombros. “Não subestime a capacidade do Elio de colocar a culpa onde não é dela. A Melani é a gata estonteante que roubou a atenção do irmão gêmeo dele por horas a fio. Mas antes disso, ela também roubou a atenção do Emilio.”

“Eu não estava brincando quando disse que ele era obcecado por ela. Ele tinha rastreadores e seguranças a vigiando o tempo todo, e ela adorava. Ela dava um sorriso enorme sempre que ele se preocupava com a segurança dela. E quer dizer, se ele já não tivesse se apaixonado por ela, com certeza teria agora. Eles já tiveram dois filhos. Você não vê uma mulher como a Melani nua várias vezes sem sentir algo por ela.”

“Ok, chega de casamentos e bebês”, suspiro, começando a mexer na comida de novo. “Tem um cara que eu vi entrando e não ficou. Um cara grande, moreno, não disse uma palavra, e estava com alguém que parecia uma versão menor e mais jovem dele. A pessoa mais jovem parecia ser do primeiro ano também, só estou curiosa para saber se vamos ter aulas juntas.”

Matteo mastiga, assentindo enquanto pensa. Armani não parece suspeito, então acho que estou livre de suspeitas.

"Hum, você provavelmente está falando de Dmitri Morozov e seu irmãozinho Ivan. Eles são como nós, da realeza do Império."

"São mesmo?", tento perguntar com leveza, mantendo um tom curioso para que Matteo não perceba nada além disso. A última coisa que preciso é ficar sempre longe dele por causa de uma paixonite. Ou melhor, uma paixonite enorme.

Ele acena com a cabeça, engolindo um pedaço de comida. “Os Morozov são a única máfia russa com mais de vinte membros nos Estados Unidos — eles têm centenas, senão milhares, de homens na Costa Oeste. Eles dominam o território sem esforço, e seu número é o mais intimidador de todos os grupos da lista que eu te dei. Eles são absolutamente letais, e nós não somos exatamente amigáveis.” Ele faz uma pausa para refletir sobre suas palavras. “Não somos inimigos, mas também não somos aliados.”

“Dmitri é o herdeiro deles?” Confirmo, tentando me lembrar da folha de estudos que ele fez para mim.

“Correto”, ele responde, sorrindo. “Olha só você, estudando e tal.”

Então Dmitri é um herdeiro. Não sei se isso é bom ou ruim.

Por um lado, com esse título ele estaria mais seguro dos meus irmãos

malucos. Por outro lado, ele já poderia estar prometido em casamento a outra pessoa. Ter um herdeiro prometido em idade jovem não é incomum. Embora, talvez ele tenha se safado como Apolo porque sua família não precisa de nada.

"Eles tendem a ficar na deles, no seu grupinho. Tenho quase certeza de que comem longe das áreas comuns, provavelmente por isso você os viu sair."

Por mais que eu queira fazer mais perguntas, me contenho. Uma pequena mudança de assunto deve me livrar de qualquer suspeita. Dedos cruzados.

"Então, qual é o maior grupo que não vem ao Império?"

Matteo murmura, pensativo. "Provavelmente a Tríade. É um sindicato chinês, mas eles não confiam no Império com informações sobre eles ou sua segurança."

Meus ombros enrijecem. "Eles não acham que é seguro?"

Revirando os olhos, ele dá um tapinha na minha mão. "É mais do que seguro para você aqui. Tem um monte de gente cuidando de você."

"Mas?"

"Mas a suspeita deles não é totalmente infundada", admite ele. "As regras são boas e, até hoje, têm sido eficazes. No entanto, tecnicamente, só a ameaça de morte e desespero mantém todos na linha. Se você irritar um inimigo o suficiente, a ameaça de morte não vai impedi-lo de vir ao Império para te eliminar."

Engulo em seco.

“E geralmente são organizações sem rosto porque isso as torna mais furtivas. Além disso, elas treinam desde jovens. Então, embora o Império seja uma ótima ferramenta, é meio inútil para elas. Mais risco do que recompensa.”

Inteligente.

“Muitos grupos do Império têm base nos Estados Unidos”, acrescenta Armani pensativamente. “Até os britânicos têm algum tipo de influência aqui, principalmente na cidade de Nova York, que é um território compartilhado. As tríades atuam muito mais no exterior do que nos Estados Unidos. Os Estados Unidos são cheios de segurança, e se você não tem a polícia no seu bolso, vai aprender isso rapidinho.”

“Faz sentido”, penso. “Agora minha cabeça está doendo um pouco.”

“Sobrecarga de informação”, Matteo ri baixinho. “Não se esforce tanto para aprender tudo de uma vez. No final do semestre, a maior parte já estará decorada.”

Mordendo o lábio, escondo um sorriso. “Você também acha que vou estar apaixonada até o final do semestre. Você tem grandes expectativas em relação a mim, cara.”

“Não são expectativas”, ele corrige. “Se eu pudesse te manter solteira até os

quarenta, eu manteria.”

“E se eu quiser ter filhos?”, provoco, dando um peteleco no braço dele. “Quarenta é tarde demais.”

“Tudo bem, trinta e nove”, ele negocia, e eu rio, escondendo o rosto na mão.

“Você é um bobo.”

“Ei, Armani”, uma voz grave e suave chama, atraindo a atenção de toda a nossa família. Vejo o rosto sorridente de Colton Wyatt vindo em direção à nossa mesa. “Você vem hoje à noite? A festa de estreia é no prédio antigo de novo, e... ei, quem é essa?”

Os olhos de Colton estão fixos em mim enquanto ele pergunta, aparentemente pego de surpresa pelo meu rosto desconhecido. Ele tem traços muito bonitos de perto, mas o cowboy não é nem de longe tão excitante ou atraente quanto Dmitri é para mim.

Matteo passa um braço pelos meus ombros, puxando-me para mais perto dele enquanto ainda estou sentada. “Ela está fora dos limites”, ele responde, com a voz séria e nada amigável.

Uma risada rouca escapa do recém-chegado. "Que chato", ele diz arrastado, com um sotaque sulista carregado em cada palavra. "Então os rumores são verdadeiros, tem um novo Moretti."

"Rumores?" Eu faço uma careta, torcendo os lábios para o lado.

"Ah, nada muito sério", ele me garante.

"Você sabe que eu não vou", Armani interrompe, respondendo à pergunta inicial de Colton. "Nenhum de nós vai."

O homem geme. "Que chato."

"Festas são chatas", argumenta Matteo. "Somos uma família certinha."

Ok, ele está sendo sarcástico, com certeza. Matteo adora uma festa, bem, se ele mesmo a organiza. Talvez seja essa a diferença para ele.

"Como quiser." Colton olha por cima do ombro como se fosse sair quando Armani fala de novo, me dando um sorriso enquanto faz isso.

“Ei, Colton, o que você sabe sobre cowboys gays?”

Capítulo 12



Jade

Aprendo duas coisas com a presença de Colton Wyatt durante o jantar. Primeiro, ele também é totalmente a favor dos cowboys gays. E segundo, vai ter uma festa hoje à noite para a qual meus irmãos não irão, mas Dmitri talvez vá. Segundo Colton, todo mundo, menos meus "irmãos idiotas", sempre vai, e é uma tradição bem forte. Então, os fatos parecem estar a meu favor. Quer dizer, qual o problema em verificar?

Sair escondida na minha primeira noite aqui é provavelmente a coisa mais insana que eu poderia fazer. Mas isso não me impede de ficar na cama. Eu já deveria estar dormindo tranquilamente a essa hora, mas estou andando na ponta dos pés no escuro para sair sem ser pega. Será que consigo fingir que estou sonâmbula se encontrar algum dos meus irmãos?

Meu Deus, isso é tão estúpido, mas também acho que não me importo. Tenho uma sensação forte no estômago que diz que preciso ir. É como se eu estivesse sendo atraída por uma sereia ou algum tipo de força mítica.

É um pouco paranoico presumir que eu possa ser pega por um dos meus irmãos, já que eles saíram há mais de vinte minutos para o prédio onde Armani trabalha. Fica a pelo menos oito minutos de caminhada do meu quarto e na direção oposta ao local da festa — que não é uma caminhada longa. Aliás, assim que saio do meu prédio e me viro em direção à floresta nos fundos, eu a vejo. Seria impossível não vê-la.

Luzes brancas piscantes e música pulsante iluminam o lugar. Sou grata por isso; os sinais de uma festa animada são como setas apontando exatamente para onde preciso ir. Caminhar sozinha nesta ilha arborizada à noite me faz olhar por

cima do ombro a cada poucos passos apressados, dando um pequeno pulo a cada som. Quando saí furtivamente do meu quarto e do prédio, esqueci que tenho um lado um tanto medroso.

Ainda bem que decidi usar minha meia-calça preta forrada de lã por baixo da saia e minhas botas em vez de tênis. Enfio as mãos nos bolsos do meu cardigã e continuo me aproximando. O leve estalar de passos esmagando galhos e o aroma frio de pinho me envolvem. Algumas pessoas passam, mas ninguém diz uma palavra enquanto mantenho o olhar desviado.

Ao chegar ao Empire, uma pequena parte de mim se preocupou com a possibilidade de meu pai ou Apollo terem contratado alguém para me vigiar quando meus irmãos não estivessem por perto, mas até agora, essa ideia se mostrou absurda.

Se fosse um trabalho de reconhecimento, eu sentiria olhares sobre mim — como um sexto sentido perturbador. Mas não me sinto vigiada. E o único outro tipo de vigilância que conheço me manteria no meu quarto, em um segundo apartamento. Algum grandalhão me pegaria com cuidado, me colocaria sobre o ombro e reportaria a Armani. Meus pés estão no chão, então acho que estou tranquila nesse quesito. Principalmente porque finalmente cheguei.

Uma casa branca se ergue no meio de um terreno, cercada por enormes árvores. Há corpos por toda parte, e a maioria deles se toca. Casais se beijam e se esfregam, ignorando a falta de privacidade em prol da satisfação de seus desejos. O cheiro da floresta se dissipa, saturado pela combinação de álcool, cigarros e outras pessoas.

Paro por um instante para observar o lugar.

Uma festa em casa, afinal, estou vivendo a experiência universitária completa.

Recusando-me a destoar, sigo algumas pessoas para dentro, mantendo a cabeça baixa para evitar qualquer atenção indesejada. A música está mais alta quando cruzo a soleira da casa, mas não a ponto de me impedir de pensar. Mais corpos giram e se entrelaçam em cantos escondidos, trocando toques apaixonados sem se importar com olhares curiosos.

Levo um minuto para me acomodar, encontrando um lugar não muito apertado para ficar em pé. É uma sala de estar, mas está vazia. Apenas o que parecem ser móveis extras estão espalhados esporadicamente, todos já ocupados. Fico em pé.

Estava pensando em explorar mais o prédio quando uma discussão me chamou a atenção. Duas garotas discutiam abertamente, cada uma com outras mulheres que pareciam estar de costas para elas.

"Você está delirando, Clara. Ninguém se importa tanto com você quanto

você mesma."

"Com ciúmes, Stone?"

Não reconheci nenhuma delas imediatamente, provavelmente por causa da iluminação. Além disso, é um pouco difícil decifrar rostos novos quando estão com expressões de raiva.

"Eu é que estaria delirando se tivesse ciúmes de você. Você não tem nada que eu queira e certamente nada que eu não possa conseguir sozinha. Não entendo por que você age assim. Isto é Empire, não uma república estudantil. Não existe uma líder suprema, por mais que você deseje que existisse."

Clara ferve de raiva, apertando a lateral dos quadris enquanto suas bochechas coram intensamente. "Todas nós sabemos que eu sou a rainha deste campus, e nada pode mudar isso."

A outra garota debocha. O nome dela é Gabbie Stone, tenho quase certeza. "Ela vai tomar esse título de você rapidinho." Ela acena para mim, me olhando de cima a baixo.

Caramba, ela está acenando para mim.

"O quê?" Eu pergunto de repente, pensando que devo ter entendido errado.

"Ela? Você está brincando."

"Ela é uma Moretti", responde Gabbie simplesmente. "E isso significa que você está a uns duzentos milhões e nove irmãos gatos de distância de chegar ao nível dela."

Nove irmãos gatos, que nojo.

Mas não sei por que Gabbie estaria me bajulando desse jeito. Ela é a herdeira dos Lost Reapers, uma gangue de motoqueiros americana. Ela está na minha lista de pessoas que não representam ameaça, mas eu jamais imaginaria que ela falaria de mim como se fôssemos íntimas.

A mulher é deslumbrante. Antes, eu só tinha vislumbrado seu rosto. Agora, posso ver que ela tem cabelos negros, grossos e brilhantes, cortados na altura do peito, e pele clara, mas olhos escuros. Ela é hispânica, se bem me lembro. Tanto os cowboys quanto a gangue de motoqueiros têm muitos falantes de espanhol. Sem mencionar os Guardas, que falam pelo menos três idiomas, sendo o espanhol a língua materna da maioria deles. É uma boa língua para se aprender, e grande parte dos americanos a domina.

Se eu não estivesse tão determinada a estudar italiano para falar com a minha família, com certeza tentaria espanhol. Já sei bastante italiano por causa das aulas de culinária da Martha e por ouvir os guardas conversando pela casa.

Depois deste semestre, porém, meu pai disse que vai arranjar um professor particular de italiano se eu realmente quiser aprender. O Matteo achou a oferta um insulto, até meu pai lembrá-lo de como ele é impaciente quando ensina,

então, se ele quisesse ser quem me ajudaria, precisaria melhorar isso. Parece que vou ter um professor particular.

Gabbie poderia ser uma amiga em potencial, mas estou desconfiada. Sem pedir permissão, ela está chamando a atenção para mim, e pelo jeito, não é uma atenção positiva. Não quero brigar com alguém por causa do título de rainha do campus. Principalmente não com alguém que me olha desse jeito; como se eu fosse sujeira debaixo das botas dela.

Clara Bell também é herdeira, mas das Pombas, uma gangue exclusiva de mulheres australianas que são assassinas de aluguel. Só que, segundo meus irmãos, Clara tem vinte anos e nunca tirou uma vida. Corre o boato de que ela foi mandada para cá para endurecer, mas parece que ela está mais interessada em ser rainha do que executora.

"Que merda você está usando? Um Moretti? Aham, sei."

“Eu sou uma Moretti”, digo, sentindo-me envergonhada por ter ficado calada enquanto elas discutiam sobre mim na minha frente. “Dante Moretti é meu pai.”

A maldosa revira os olhos. “Claro que é.”

“Você era a garota sentada com o Matteo no jantar”, comenta a garota ao lado dela. Não faço ideia de qual seja o nome dela. Ela provavelmente também é uma das Pombas. “Ele estava com o braço em volta de você.”

Nervosa, concordo com a cabeça. “Sim, bem, o Colton se aproximou e sentiu a necessidade de se impor, suponho. Meus irmãos são muito protetores.”

“Imagino”, responde Gabbie, lançando um sorriso malicioso para Clara. Nossa, os dentes dela são perfeitos como os de uma estrela de cinema. “Você é a sensação do momento, princesa. Seu nome está dando o que falar, com certeza.”

Engulo em seco. "Eu realmente não acho—"

"Sabe, se você realmente acha isso, existe um jogo para esse tipo de coisa", pondera Clara, erguendo uma sobrancelha e inclinando a cabeça.

Gabbie bufa com desdém. "É um jogo estúpido e não significa absolutamente nada para ninguém. Você é a única pessoa que se importa com isso."

"Não é verdade", discorda Clara, cruzando os braços. "Só não significa nada para quem tem medo de jogar."

Medo? Que tipo de jogo de festa é assustador?

"Você não está com medo, está?", pergunta Clara, estreitando os olhos para mim.

"Eu não estou aqui para jogar", respondo calmamente.

Clara suspira. "Tudo o que você precisa fazer é encontrar um cara para posar em, digamos, dez minutos. Eu tenho que fazer o mesmo. Quem ficar mais gata com o seu namorado ganha e será para sempre conhecida como a rainha do

campus. Eu ganhei nos dois anos que estive aqui."

É um desafio parecer sexy? É isso que determina a superioridade para nós? Bem, isso é meio chato.

"Eu realmente não me importo em ser rainha de nada", confesso. "Parece meio sem sentido. Por que deveríamos brigar por um título de beleza?"

"Parece sem sentido, ou parece que você não tem como ganhar?"

Meu Deus, o que é que esses mafiosos têm com essa competitividade toda? Será que não podemos todos relaxar um pouco? Se é assim que as festas são, concordo com o Matteo; elas são um saco.

Eu poderia voltar para o meu quarto agora mesmo. Um banho quente, um pijama quentinho e um filme me fariam dormir rapidinho. Eu poderia até ir para o quarto dos meninos e esperar que eles voltassem. Tudo isso parece muito mais tentador do que esse joguinho.

Mas eu nem tive a chance de procurar o Dmitri ainda, então parece que vou ficar. Vou participar dessa competiçãozinha boba e já vou procurá-lo. Não me importo se perder. O que a Gabbie disse é verdade. Eu não preciso provar nada para ninguém, minha família já fez isso por mim.

"A única regra é que você não pode tocar na pele. Seria muito fácil assim. Você poderia simplesmente deixar ele te lamber ou algo do tipo", esclarece Clara, e eu empalideço.

“Eu não faria isso”, insisto, sentindo a necessidade de deixar isso bem claro. Não consigo imaginar que a primeira vez que deixei alguém me tocar tenha sido por causa de um jogo, muito menos um jogo com plateia.

“Ora, ora, você é a senhorita inocência”, diz Clara, com um tom arrastado, checando as unhas com tédio. “Se não sabíamos da sua existência até agora, presumo que você cresceu sem o seu pai. E se você não sabia que fazia parte deste mundo, então não tem como ter passado pelo ensino médio sem fazer algo que o papai não aprovaria.”

Ela está tão enganada que chega a doer.

“Você tem bastante experiência com escola pública, é?”, pergunto, tensa. “Você sabe que não é como nos filmes, né? É muito normal se abster.”

“Abstenha-se”, ela debocha, dando uma risadinha. “Meu Deus, se eu soubesse que estava desafiando uma virgem, talvez nem tivesse me dado ao trabalho. Isso vai ser fácil demais.”

Minhas bochechas estão em chamas, e espero que as luzes da festa estejam ajudando a disfarçar. “Ser virgem não é uma coisa ruim”, defendo, relutante em fingir ser algo que não sou.

“Clara, não seja ingênua”, Gabbie alfineta. “Você sabe que acabou de deixá-la mais atraente para, tipo, mais da metade dos caras aqui, né? Não há nada que

um mafioso goste mais do que ser o único a tocar na própria esposa. Eles literalmente pagam por isso.”

“E aí eles contratam amantes para transar com eles porque suas esposas frígidas não conseguem chupar um pau como eles estão acostumados”, ela argumenta, com um sorriso irônico.

“É aí que você entra em cena, né?”

Ok, podemos parar de falar sobre isso agora? Essa discussão sem sentido está me dando dor de barriga.

"Quem decide quem ganha?", interrompi, disposta a participar só para que tudo isso acabasse.

Clara ergueu o queixo, acenando para um grupo de rapazes não muito longe dali. "Colton, Javi e Cole podem julgar." Ela não perguntou a eles, apenas presumiu que concordariam.

Colton Wyatt, Javier Cabrera e Cole Knight. Nenhum deles é inimigo da minha família, então não posso exatamente objetar com base em preconceito. Aliás, ela pode até ter me dado uma vantagem. Colton é amigo dos meus irmãos. Javier, ou Javi — não sei qual ele prefere — é guarda, e a Máfia tem ótimas relações com os negócios espanhóis. Cole Knight é um dos meio-irmãos de Ana. Como membro dos Kings, ele também tem ótimas relações com os Moretti.

No entanto, essas três poderiam ter sido boas opções para serem minhas parceiras se ela não as tivesse escolhido como juízas. Imagino que tenha sido esse o pensamento dela. Juízes que me favorecem não vão ajudar se eu não conseguir reunir a capacidade de pedir a outra pessoa para jogar comigo. Preciso ter cuidado com quem converso e em quem confio. Parece que ela é inteligente o suficiente para perceber isso. Sua maior vantagem aqui é a experiência. Ela conhece pessoas, e eu não.

"Boa sorte", ela provoca com pena. "Tenho certeza de que você vai se sair muito bem."

Eu realmente não gosto dessa garota.

Impotente, observo Clara chamar os rapazes até nós. Sem saber como agir, permaneço imóvel, com cara de perdida, enquanto ela explica o jogo e as regras. Assim que eles concordam em ser nossos juízes, Javier liga o cronômetro do relógio e ela se vira, avaliando o grupo para decidir quem quer.

Meio que congelo, sem sair correndo imediatamente.

Colton se afasta dos amigos e se aproxima, acenando com a cabeça para mim. "Tudo bem?", pergunta, com um olhar que sugere que ele poderia me ajudar a fugir se eu pedisse.

Levantando o queixo, pergunto: "Por acaso você viu o Dmitri hoje à noite? Ou o Ivan?"

Ele arqueia uma sobrancelha bem definida, os lábios se abrindo em um sorriso torto. "Russos, hein?"

"Ei!", ouço meu concorrente gritar. "Nenhuma ajuda dos juízes."

Colton responde antes que eu possa. "Para com isso, Bell. Estamos conversando sobre perfume."

"Você é um mentiroso", ela bufa.

Levantando as mãos em sinal de falsa rendição, ele dá um sorrisinho irônico. "Desculpe se a Jade cheira a sorvete. Um homem se acostumaria com esse tipo de coisa."

Cubro a boca com a mão para disfarçar o riso, e ela sai pisando duro. Se a minha mera existência é suficiente para ela não gostar de mim, o problema é dela. Que ela lute sozinha, porque não quero ter nada a ver com esse joguinho psicológico que ela está tentando jogar.

Não vou brigar com ela por status, mas com certeza não vou deixar que ela pense que está me fazendo desistir. Morettis não desistem, nem mesmo em desafios bobos. Se ela quer ganhar, não vou facilitar as coisas para ela só porque ela é má comigo.

"Vai lá, Morettizinha", incentiva Colton. "Abaixa", ele me diz. "Vou estar de olho, então não tenha medo. Armani me mataria se eu deixasse alguma coisa acontecer com você."

Meu coração se aquece, um calor irradiando do centro do meu peito até os meus pulmões. Agora entendo por que minha família não contratou ninguém. Amizade significa alguma coisa neste mundo. Colton me conheceu hoje, na verdade, ele nem sabia da minha existência. E o cara já está me dizendo que me apoia.

“Obrigada”, respondo baixinho. “Significa muito para mim.”

Ele acena com a cabeça, seus olhos gentis brilhando.

Infelizmente, descubro rapidamente que não conheço muitas pessoas aqui. E as que reconheço, não devo abordar. Há Thiago Oliveira, herdeiro dos Espiões. Um cara legal, segundo Matteo, mas não confiável. Não se pode confiar em espiões a menos que se pague a eles. Isso me faz considerar seriamente pagar para que ele seja meu parceiro, mas seria extremamente constrangedor ser rejeitada enquanto ofereço dinheiro.

Ares Gabris também está aqui. Eu o reconheço, pensando que Matteo deve tê-lo mencionado antes, mas não acho que ele seja uma boa opção. O homem está noivo, e embora eu não conheça sua noiva nem o relacionamento deles, eu não poderia fazer isso.

E então há Dustin Wyatt, o irmão mais novo de Colton. Eu o abordaria se ele não parecesse preferir estar em qualquer outro lugar. Ele está em seu próprio

mundinho no canto da sala de estar, dando tragadas lentas em um cigarro. Familiarizada com a esperança de ser invisível antes, balanço a cabeça e o deixo em paz. Ele pode concordar em me ajudar apenas por gentileza, e isso seria pior do que perder.

Parece que a senhorita grosseira sem motivo vai ganhar. Não consigo acabar com o espírito dela sem ninguém para participar comigo.

"Vamos lá", murmuro baixinho. "Alguém me ajude."

É um pedido particular, feito para ninguém mais ouvir. Mas alguém ouve.

"Eu faço isso por você." A oferta me causa arrepios, um formigamento na nuca.

"Homem misterioso", respiro, olhando para cima e encontrando aquele rosto lindo. "Você está aqui."

Capítulo 13



Jade

Dmitri acena com a cabeça em resposta e meu estômago se revira. Quero tanto falar sem parar com ele, fazer um milhão de perguntas, mas o tempo está quase acabando.

"Então você vai me ajudar?" pergunto, mordendo o lábio. "Não temos muito tempo."

Um pequeno murmúrio me diz que ele entende. "Como você me quer?"

Minha boca saliva ao ouvir sua voz. Há tantas maneiras como eu o quero. Droga, pense no jogo!

"Hum, o que você acha de tirar a camisa?"

Com a maior naturalidade, ele levanta uma sobrancelha e tira a camisa com uma mão. O tecido desliza por ele sem dificuldade, e meus olhos se arregalam. Músculos definidos decoram seu torso, junto com várias cicatrizes irregulares de tamanhos variados. É errado eu querer percorrê-las com a língua?

Ele me lança um sorriso de canto, sem dúvida reconhecendo o desejo em meus olhos. "Hora", o homem misterioso me lembra, batendo no relógio.

"Certo!", respondo, irritada. "Obrigada. Tenho uma ideia, você se importa se eu escrever em você? É só batom, totalmente lavável."

"Tudo bem", ele responde simplesmente.

Ele tem um sotaque que não consigo identificar, mas presumo que tenha a ver com o fato de ele ser russo. O inglês deve ser sua segunda língua, e estou curiosa para saber se é por isso que ele é mais quieto. Para ser sincera, estou curiosa sobre tudo relacionado a ele.

Com pouco tempo de sobra, solto o cabelo, bagunçando um pouco a escova.

Usando o mesmo tom de vermelho nos lábios, começo a escrever cuidadosamente em seu peito.

As letras vermelhas são cremosas e fluidas. Perfeição.

Desabotoando alguns botões da minha blusa, levanto o decote e dou uma espiada, encontrando seus olhos brilhando sobre mim.

“E em três, dois, um… pose!”

“Fique sobre mim e coloque a mão no meu cabelo”, digo rapidamente, me ajoelhando aos seus pés. “Você não pode tocar na minha pele, mas não disseram nada sobre o cabelo.”

Ele obedece, passando a mão pelos meus cabelos castanhos na nuca. Seu polegar desliza pela pele da minha nuca antes de se afastar. Um toque compartilhado em segredo — espero que seja o primeiro de muitos.

Sussurros flutuam ao nosso redor enquanto os convidados da festa observam os casais posando. Olho para o meu homem misterioso e me afasto do barulho ao nosso redor. Em minha caligrafia, seu peito revela uma palavra simples.

Meu.

Eu quero muito que essa palavra seja verdade, mas vou aceitá-la mesmo que seja mentira. Agora, quando estamos só nós dois, ele é meu, e eu quero que todos saibam disso. Ele se ofereceu para fazer isso comigo, e, meu Deus, eu quero beijá-lo por isso. Ele me fez parecer perfeita com tão pouco esforço.

Permanecemos imóveis enquanto os juízes e Clara nos encontram, já tendo visto a pose dela aos cinco minutos. Eu não tive tempo de ver a minha, então não faço ideia com o que estou competindo, mas, dado o choque no rosto dela, presumo que me saí muito bem.

"Puta merda", diz Cole, observando nós dois de lado.

Sem sequer um movimento muscular visível, a mão de Dmitri aperta meu cabelo. Com isso, meus olhos voltam a se voltar para ele, e minhas coxas se contraem ainda mais quando consigo vê-lo. Seu olhar intenso diz o que ele não pode dizer, alto e claro.

Olhos em mim.

"Podem sair da pose agora", diz Javier, e eu solto um longo suspiro.

Dmitri me oferece a mão, ajudando-me a levantar. O simples contato me ilumina, e meu coração começa a acelerar. Não quero soltar sua mão, prolongando o alívio do toque. Nossos dedos se roçam até se separarem, e nós dois nos viramos para os rapazes.

A música está baixa enquanto os jurados deliberam em silêncio, e a sala parece vibrar. Sinto uma vontade enorme de me aconchegar ao lado de Dmitri e esconder o rosto. A expectativa está me consumindo, e mal começou.

"E aí?", pergunta Gabbie, tomando um gole de algo em um copo de plástico

vermelho. "Quem ganhou?"

Os rapazes trocam olhares. Juro que eles demoram só para criar suspense.

"Por unanimidade", começa a anunciar Colton, prolongando as palavras para atiçar a plateia. "A novata levou a melhor."

Pisco os olhos, torcendo para não ter ouvido errado.

O grupo ao nosso redor comemora, aparentemente concordando com a decisão.

Caramba, eu ganhei!

Solto um suspiro, olhando para Dmitri com um sorriso animado. Meus lábios permanecem entreabertos, a respiração presa nos meus pulmões enquanto o vejo já me observando. Seus olhos são calorosos e admirados, tanto que quero esfregar os meus e olhar de novo só para ter certeza de que estou vendo direito. Ele poderia se inclinar agora mesmo e eu esperaria que seus lábios tocassem os meus.

Aproveitamos o momento, sem dizer uma palavra.

Nosso momento é apenas isso, um momento.

"Sério?" Clara grita indignada. "Ela? Ela só passou batom nele e se ajoelhou, nada criativo!"

"Precisa ser criativo se for incrivelmente sexy?" Cole Knight resmunga, claramente entediado com as reclamações dela.

"Ele a tocou", ela argumenta, batendo o pé. "E ela praticamente estava fazendo sexo oral nele!"

Quem me dera.

"Não a pele dela", diz Colton. "Não há regras contra um punhado de cabelo ou olhar sedutor para o pau dele."

Gabbie dá uma gargalhada, claramente muito satisfeita com o resultado do encontro. "Como é ser derrotada pela Senhorita Inocência?", pergunta ela, usando o insulto que Clara pretendia me dar contra ela.

Clara ferve de raiva, soltando um gemido agudo. "Javi?", tenta ela, chamando sua atenção. "O que você acha?"

"Dmitri e a fulana ganharam", diz ele, dispensando-a com um gesto de mão.

"Meu nome é Jade", digo, sem querer ser chamada de fulana por um semestre inteiro.

Javi me lança um olhar. "Por que eu deveria me importar?"

“Os Guardas e a Máfia são bons amigos”, afirmo, aceitando o desafio e encarando-o. “Eu sei que você já sabia meu nome, Javier.”

Uma pausa se passa antes de seus lábios se curvarem em um sorriso. “Gostei dessa.” Ele se move para sair, mas me lança um último olhar antes de ir embora. “Até mais, amigo.”

“Que se dane esse jogo idiota, e que se dane essa festa”, rosna Clara, girando nos calcanhares e saindo furiosa. Tenho a sensação de que ainda vou ouvir falar dela. E não é um pensamento que me agrade.

Todos parecem voltar aos seus afazeres, mas Colton não vai embora. Em vez disso, lança um olhar avaliador para Dmitri. Seus olhos passam entre nós dois, e ele inclina a cabeça para o lado.

Parecendo aprovar o que quer que encontre, ele acena com a cabeça para Dmitri. "Eu a levaria de volta para o quarto dela logo, se fosse você. Armani deve terminar as coisas dele em uns vinte minutos. Não demora muito quando todos estão trabalhando juntos."

Meus olhos se arregalam. "Você acha que eles vão terminar tão rápido?"

"Não duvidaria", confirma Colton. "Sei que ele não gosta da ideia de você sozinha no quarto. Com certeza não gostaria de saber que você veio esta noite."

Toco meu rosto, escondendo-o atrás das mãos. "Ai, meu Deus."

"Não se preocupe muito", diz o charmoso cowboy. "Eu cuido de tudo. Qualquer boato sobre você estar aqui esta noite será abafado."

"Por que você faria isso?"

“Entre nós dois”, ele começa, inclinando-se para frente para esconder a voz de ouvidos curiosos. “Estou tentando causar uma boa impressão na minha futura cunhada.”

Meu queixo cai. Ele acabou de…

Não acredito.

“O quê? Quem—”

“Não há tempo para fofocas, garota”, ele interrompe, sorrindo. “O Dmitri vai te levar em segurança até o seu prédio. Não vai, Dmitri?”

“Na verdade, ele não pode”, uma voz leve e masculina interrompe. “Ele tem compromissos e vai se atrasar.”

Dmitri lança um olhar de advertência para o irmão, e os dois começam a conversar em russo. As palavras são afiadas, mas em tom baixo, mantendo a conversa um tanto privada. Tenho certeza de que há outras pessoas aqui que falam o idioma. Apesar de bonito, Dmitri parece cada vez mais insatisfeito à medida que fala e acaba suspirando.

"Meu irmão vai te levar", diz ele com firmeza. "Eu acompanho vocês dois até a saída."

"Não é uma caminhada longa, eu posso simplesmente—"

"Deixe que ele te leve", sugere Colton. "Seja curta ou longa, tem muita gente bêbada por aí hoje à noite. Ter um acompanhante é o melhor."

“Certo”, digo, concordando com ele a contragosto. Não é que eu não queira que Dmitri ou o irmão dele me acompanhem até em casa, é que não quero que se

sintam obrigados a fazer isso.

Nós três saímos juntos, Dmitri se despedindo rapidamente, a contragosto. Definitivamente, ele precisa resolver alguma coisa, porque corre na direção do que quer que seja, em vez de caminhar.

Mesmo com pressa, paramos enquanto os grilos cantam e o ar fica mais frio ao nosso redor. Felizmente, o silêncio se dissipa rapidamente.

“Sou Ivan”, ele se apresenta. “Prazer em conhecê-la.”

Corando, sorrio. “Igualmente.”

“Você se sente segura comigo acompanhando você até em casa? Se não, posso chamar o Dustin também”, ele oferece. “Ele aproveitaria a oportunidade para ir embora mais cedo, pode ter certeza.”

“Não, tudo bem”, digo rapidamente. “Confio em você.” Ele sorri e eu solto um suspiro. “Hum, meu quarto é ali em cima”, digo sem jeito, apontando para o prédio logo à frente.

“Entendi.” Ele acena com a cabeça e começamos nossa curta caminhada. “Então, você e meu irmão, hein?”

“Espero que sim”, admito.

Ivan balança a cabeça, me guiando para mais longe da festa. “Não precisa ter esperança, Jade. Continue aparecendo. Dmitri é cauteloso, mas dá para ver que ele gosta de você.”

Meu rosto queima. “Você consegue?”

“Ah, sim”, ele confirma. “Ele nunca teria se voluntariado para o jogo se não gostasse.”

Bom, que ótima notícia!

Com certeza, que noite incrível.

Ivan é muito gentil, me ajudando a entrar no prédio e esperando embaixo da minha janela até que eu lhe desse um sinal de positivo indicando que eu estava segura e fora de perigo. Só então ele voltou para a casa da festa.

Correndo para me trocar e tirar qualquer cheiro de fumaça ou álcool da minha pele e roupas, pulei no chuveiro. Não pude demorar, esfregando rápido e mantendo a água quente. Coloquei minhas roupas sujas embaixo da toalha usada no cesto de roupa suja e me vesti para dormir.

Prendi meu cabelo molhado em uma camiseta velha, calcei meus mocassins e saí do meu quarto, trancando a porta atrás de mim. Usei a chave do apartamento do garoto para entrar e tranquei a porta também. Encontrei a cama do Matteo imediatamente, sabendo que era aquela bagunçada, com cobertores e travesseiros diferentes. A maquininha de som dele estava na mesinha de cabeceira, e eu a liguei no modo chuva.

A música suave da natureza ajudou a acalmar meu coração, e eu suspirei.

Subi na cama do Matteo, aconchegada no meu pijama, e me enfiei debaixo das cobertas. Não demorou muito para eu ouvir o tilintar das chaves e a cama afundar ao meu lado.

"Estou tão cansado, você não tem ideia", gemeu Matteo, virando-se de costas. "O Armani me matou de trabalhar."

Meus dedos pressionam a lateral do seu pescoço. "Não, você não está morto, seu coração ainda está batendo."

"Droga", ele murmura. "Acho que só estou dormindo, então."

Dou uma risadinha.

Bem, ele está prestes a dormir.

Capítulo 14



Jade

A manhã seguinte começa bem cedo. Remo é o responsável por tirar Nico, Matteo e eu da cama e nos organizar para irmos tomar café da manhã. Cada um de nós tem aulas para assistir depois do banquete, e Remo também nos dá os horários. Quem diria que ele seria o responsável quando Armani não estivesse por perto?

Depois de comermos, mal tenho tempo de me recompor antes de Remo me arrastar pelo campus para a minha primeira aula. Aparentemente, é uma das primeiras. E é de culinária, o que me faz soltar um suspiro de alívio. Sei que terei uma aula de treinamento de luta em algum momento, e não ter uma logo cedo pela manhã é definitivamente uma vantagem.

Remo se certifica de que estou pronta, sentando-se em uma carteira antes de ir para sua própria aula. A sala em que ele me coloca já está quase cheia, e a maioria das pessoas são garotas, o que eu já esperava. Há alguns garotos, porém, sentados juntos no fundo.

Fico mexendo nos dedos, ainda não pronta para tentar conhecer nenhum dos meus colegas. Talvez da próxima vez, penso. As aulas são em dias alternados na maioria dos casos para dar tempo para estudar e para atividades extracurriculares. Quando se tem um treinamento de luta intenso, pausas são necessárias para evitar lesões.

Essa aula em particular deveria ter dois dias de intervalo entre cada sessão, já que é uma disciplina eletiva que permite cursar duas ao mesmo tempo. Se você fizer culinária, também pode fazer uma aula de confeitaria, e esse horário permite isso. Será que eu também estou em uma aula de confeitaria? Eu

realmente deveria ter perguntado mais sobre meu horário antes das aulas começarem.

"Muito bem, turma, chega de conversa fiada, vamos terminar essa apresentação e começar a trabalhar." A voz familiar me faz olhar para a porta, pensando em fugir.

Ela não me vê enquanto larga suas coisas na mesa, tirando o casaco e jogando-o no encosto da cadeira. Na verdade, ela não vê nenhum de nós, porque nem sequer olhou para cima ainda. Ajeitando a blusa, seus dedos impecavelmente pintados envolvem o copo de café descartável, levando-o aos lábios vermelhos. A professora se vira para escrever no quadro enquanto toma um gole da bebida.

“Esta é a aula de Introdução à Culinária, um curso básico de culinária para princesas da máfia”, anuncia ela, rabiscando o título do curso e seu nome abaixo. “Estou aqui para ensinar vocês a não irritarem seus maridos com comida queimada ou uma cozinha incendiada.”

Ela suspira, começando a escrever uma lista. "Você vai aprender cinco pratos até o final do semestre. Começando pelo mais básico: ovos, frango, bife, macarrão e arroz."

Não sei se ela está tentando ser direta ou grosseira.

Algo me diz que ela não está tentando ser gentil.

Além disso, por que estou numa aula de culinária básica? Não vou aprender nada que a Martha já não tenha me ensinado ou que eu nunca tenha descoberto me virando sozinha enquanto morava com a Kim. Quer dizer, eu aprendi a cozinhar um ovo há uns oito anos, e a Martha melhorou muito minhas habilidades desde que me mudei para cá.

Tem algum orientador aqui? Como as pessoas trocam de turma se precisarem? Devo mandar um e-mail para o meu pai?

"Então, o que temos aqui?"

Endureço, erguendo os olhos da mesa e encontrando-a me encarando fixamente.

"Lorna, que bom te ver", cumprimento sem jeito, tentando endireitar os ombros.

Eu realmente gostaria que um dos meus irmãos tivesse me avisado sobre isso. Eu sabia que ela era instrutora aqui, mas não imaginava que seria uma das minhas!

"Sra. Moretti", ela responde, exibindo um sorriso malicioso. "Jade, não é? Que interessante você estar na minha aula. Eu estava torcendo para te ver mais vezes."

Ai, meu Deus. Por que essa mulher está tão brava comigo?

Armani é meu irmão, não represento nenhuma ameaça se é ele quem ela quer. Embora eu não gostaria que ela fosse namorada do meu irmão. Principalmente porque ela me olha como se quisesse cortar meu cabelo... ou minha cabeça inteira.

“Acho que pode haver um engano”, digo com cautela.

A risada dela em resposta é estridente, tão alta que me faz estremecer.

“E por quê? Acha que é avançada demais para estar aqui? Você?”

Que diabos isso quer dizer?

“Com todo o respeito—” de forma desrespeitosa, “—não há nada nessa lista que eu precise aprender. Eu já sei—”

“Ah, aposto que sabe”, ela interrompe, rindo. “Os mimados sempre acham que sabem de tudo.”

Mimada? Eu sou mimada agora?

Quer dizer, definitivamente não acho que tenha me comportado como uma mimada. Ela poderia alegar que sou abençoada com tudo que minha família me proporciona agora, mas se ela soubesse como era minha vida antes de conhecê-los, acho que nunca mais me chamaria de mimada.

"Eu devia ter previsto essa turma", diz ela à sala, soltando um suspiro de decepção. "Todo ano tem pelo menos um aluno que acha que está acima de fazer Introdução à Culinária. A Sra. Moretti não é a única com essa ilusão", diz Lorna, com suas unhas vermelhas afiadas batendo impacientemente na mesa.

Ilusão — Mordo a língua, esperando que ela termine essa tentativa de monólogo vilanesco. Armani vai ouvir um sermão meu quando eu sair da aula. Minha esperança de que isso seja um erro de agendamento se foi, mas ainda existe a possibilidade de ele não saber. Duvido que ele a teria insultado como fez em minha defesa no barco se soubesse. Todos os meus irmãos evitam ativamente fazer coisas que tornem minha vida um pouco mais difícil. Quer dizer, Armani literalmente prepara meu prato se eu estiver atrasada para o café da manhã em casa.

“E como isso acontece com tanta frequência, é claro que existe uma solução.” Meus ouvidos se aguçam ao ouvir a palavra “solução”. Há muitas coisas que eu faria para me livrar deste curso. Uma aula de culinária mais difícil seria infinitamente melhor do que um semestre inteiro com essa mulher que claramente não gosta de mim.

“No melhor estilo Empire, há um desafio para calouros que qualquer aluno desta turma pode aceitar.” Pelo jeito que seu sorriso presunçoso se alarga e seus olhos brilham de animação, percebo que a tarefa não será fácil. Ela já está me olhando como se eu tivesse perdido, mas tudo o que consigo pensar enquanto observo seu rostinho convencido é: um desafio, você diz…

Talvez eu tenha sorte com desafios, já venci um aqui.

Uma garota, cujo nome descobri ser Ana Knight, levanta a mão educadamente, falando apenas quando Lorna a chama para fazer sua pergunta.

"Qual é o desafio exatamente?"

Não tenho certeza se Lorna gosta ou detesta a garota por causa da pergunta. Ana Knight, pelo que vi, é uma pessoa legal. Ela é uma mulher asiática deslumbrante, da minha idade, que parece ter saído da capa da Vogue. Acho que ela nunca teve uma espinha no rosto ou uma ponta dupla. Ela é aquele tipo de beleza impecável que você quase não acredita quando vê com os próprios olhos.

Assim como eu, ela é novata neste mundo. Segundo Matteo, sua mãe se casou com Bron Knight — Monarca dos Reis — há três anos. Foi um casamento por amor, não arranjado. Sua mãe é pintora, e Bron se apaixonou por sua arte e depois por ela.

Ana está aqui com um de seus meio-irmãos, Cole, e o irmão mais velho dele, Killian, já garantiu a morte de qualquer um que se atreva a mexer com ela. Killian, formado na Empire, não está aqui para vigiá-la, mas isso não significa que ele não seja uma ameaça. Matteo diz que a maioria das pessoas tem certeza de que ele a odeia por aumentar seu trabalho, mas ele discorda.

Amor e ódio são muito parecidos, segundo meu irmão mais novo.

Lorna se controla, observando a turma. "A única maneira de pular esta aula e ainda receber créditos é provar seu valor na primeira semana do semestre. Vocês precisam cozinhar algo — qualquer coisa que quiserem — e servir para alguém que não tenha nenhum vínculo com a família de vocês. Se a pessoa gostar, vocês serão automaticamente transferidos para a próxima turma."

Só isso? Cozinhar algo para alguém que não pertence à Máfia e esperar que a pessoa goste?

“Achei que fosse isso que você queria dizer”, diz Ana, desta vez sem levantar a mão. Ela parece bastante descontente, olhando Lorna diretamente nos olhos com desaprovação. “Cole diz que esse desafio é uma tática de humilhação, e você não deveria poder usá-lo sem nos informar como geralmente acontece com os alunos.”

Nossa, Ana tem coragem, além desse rostinho bonito. Responder com sarcasmo a uma professora? Meu Deus, como eu queria ter essa coragem.

Com um sorriso forçado, Lorna desvia o olhar da garota e se dirige à turma de forma mais geral. “Eu só estava chegando ao ponto principal, Srta. Knight.”

“Tenho certeza”, concorda Ana, assentindo com a cabeça.

Caramba, alguém me arranja um pouco desse temperamento britânico. Seu rosto bonito, jeito doce, mas atitude de quem não leva desaforo para casa é invejável, para dizer o mínimo. Seu adorável sotaque londrino é a cereja do bolo.

"Ninguém nos últimos dez anos ganhou o desafio do primeiro ano. Ele ganhou a reputação de ser... pouco favorável para quem o aceita."

"Por quê?", alguém pergunta lá do fundo da sala.

Lorna não demonstra tanta arrogância ao responder. "Nada impede que quem você pedir para provar sua comida a jogue fora na sua frente."

"Ou que jogue na sua cara", acrescenta Ana, sem rodeios. "Ou que tire sarro de você pelo resto do semestre só por ter tentado."

Que cruel. Isso já aconteceu mesmo?

Lorna acena com a mão, dispensando-a. "Sim, sim, bem, é um desafio, não é?" Voltando sua atenção para mim, ela exibe um sorriso doce e forçado. "Nem todos nós nascemos para os riscos associados às coisas mais difíceis da vida, não é?"

Essa mulher acabou de insinuar que sou fraca demais para isso? Para um desafio de culinária que pode me fazer rir? Ah, ela não faz ideia.

Encarando-a, ofereço um sorriso doce em resposta. "Temos acesso à cozinha para o desafio?"

Ela hesita por um instante antes de assentir. "Sim. Qualquer pessoa que queira aceitar o desafio tem acesso às cozinhas e uma semana para completá-lo. Você só pode pedir a um aluno para provar sua comida. Se for rejeitado, seu desafio acaba e você não terá uma segunda chance."

Droga, uma chance é um pouco cruel. Que pena que eu já decidi que vou fazer isso. Nada me daria mais satisfação do que dominar esse desafio.

Minha teimosia floresceu desde que conheci minha família. Ninguém me pune por isso, e posso deixar essa parte da minha personalidade brilhar sem problemas. Parece que a teimosia é uma característica fortemente genética, porque cada um dos meus irmãos pode ser ainda pior do que eu quando decide fazer algo.

"Fácil", digo, dando de ombros. "Eu faço."

Alguns sussurros se espalham, acho que alguém até solta um suspiro de espanto.

"Talvez você queira consultar um dos seus irmãos primeiro", ela sugere, tentando parecer atenciosa. "Não queremos que você se meta em algo que não entende muito bem."

Parece que é exatamente isso que você quer, na verdade.

“Não, obrigada”, respondo, dispensando-a. “Meus irmãos não controlam minha educação. Tenho certeza de que concordariam que sou mais do que capaz.”

“Arrogante”, ela comenta para a turma. “Afinal, ela é uma Moretti.”

Ah, sim, com certeza. Conheço meus limites, e este desafio está prestes a

perder sua sequência de dez anos de vitórias. Sei exatamente quem vou convidar para provar minha comida, e será a melhor coisa que ele provou em meses, podem apostar.

Não tenho nenhuma ambição de me tornar uma chef renomada, mas uma aula de culinária do primeiro ano não será minha ruína. Vencer este desafio é o que vai mostrar às pessoas que eu pertenço a este lugar. Uma novata, sim. Uma futura princesa da máfia? Também sim.

“E como uma Moretti”, digo, cerrando os dentes, pensando na declaração dela. “Não sou uma boa cozinheira, pelo bem do meu futuro marido. Não preciso de habilidades de dona de casa para encontrar um bom. Só preciso estar viva.”

“E com nove irmãos, isso não é difícil”, comenta Ana, alimentando sua própria diversão. Obrigada, Ana Knight, pela sua língua afiada. Você arrasa, irmã.

Lorna pigarreia, visivelmente exausta. “Tudo o que temos para hoje é revisar o programa e fazer um tour pela cozinha. Vocês precisam estudar as regras de segurança antes da nossa próxima reunião para que possamos começar. Se vocês se machucarem cozinhando, a culpa é de vocês, e a Academia Empire não se responsabilizará por estupidez.”

O tempo restante é usado para revisar o plano do semestre e fazer um tour rápido pela cozinha. É uma grande cozinha comercial com quatro seções idênticas para trabalhar, todas equipadas com eletrodomésticos de aço inoxidável e bancadas de granito. O curso é estruturado de forma que os alunos trabalhem em equipes para facilitar o aprendizado.

Fazemos um tour pelo estoque de equipamentos, etiquetando armários e gavetas com post-its. Tábuas de corte, facas, colheres, pratos, panelas, frigideiras e muito mais. Há também um estoque enorme de alimentos, e Ana força Lorna a admitir que os participantes do desafio culinário não estão limitados ao que temos aqui. Podemos pegar ingredientes crus da cantina também. Essa informação útil me dá muito mais opções para trabalhar.

Após quarenta minutos, decidimos que terminamos por hoje.

"A aula acabou, não me incomodem até a próxima", diz Lorna com desdém, saindo da sala antes de qualquer aluno.

“Não sei por que a Empire paga a ela se poderíamos aprender a cozinhar com tutoriais do YouTube”, ouvi uma aluna murmurar.

É isso aí!

Bom, não vou contribuir para o salário dela mais do que o necessário. Vou terminar isso logo. Sigo a multidão para fora da sala de aula e decido procurar o Armani. Minha próxima aula é só depois do almoço, e preciso perguntar se ele sabe sobre a Lorna. Mas primeiro, quero agradecer à Ana. O que ela fez foi

muito gentil, tenha sido por mim ou não.

Chegamos lá fora antes que eu tenha coragem de correr e alcançá-la.

“Ei, espera”, grito, seguindo-a.

A linda garota se vira, me vendo me aproximar.

“Ana, certo?”, pergunto nervosamente, estendendo a mão para um aperto de mãos.

Ela olha para o meu braço estendido antes de aceitar o cumprimento. Trocamos um rápido aperto de mãos antes de nos soltarmos.

"Eu só queria dizer que foi legal da sua parte contar para todo mundo sobre o desafio. Acho que a Lorna não contava com que eu soubesse de tudo."

Ela abaixa a cabeça, concordando. "Sem problemas."

"Eu também queria dizer que, se você quisesse sair da aula, eu poderia pedir para o Matteo experimentar a sua comida. Ele nunca jogaria em você, e—"

"Não", ela interrompe. "Não, obrigada."

"Ah, é, tudo bem—"

"É gentil da sua parte se oferecer", Ana interrompe, tentando amenizar a recusa abrupta. "Mas o Cole vai surtar se eu falar com o Matteo, muito menos se eu der comida para ele."

Minhas sobrancelhas se franzem. "Achei que meus irmãos não se importassem com a Família Knight. Quer dizer, não temos laços, mas..."

"O Cole não quer que eu fale com nenhum homem", ela explica, dando de ombros. "Se dependesse dele, todos entrariam em combustão espontânea só por olharem na minha direção."

"Intenso", comento, piscando.

"É o que é."

Acho que ela tem razão. Não adianta ficar remoendo coisas que não podemos controlar.

"Você... você gostaria de sair comigo algum dia?" Meu Deus, parece que estou convidando-a para um encontro!

"Não", responde Ana, sem nem pensar duas vezes.

Uma facada no coração. Fazer amigos é um saco.

"Ah, tá", digo de repente, dando um passo para trás. Obrigada por me dar um fora com delicadeza, Ana.

Ela me impede antes que eu possa fugir. "Posso te dar um conselho?"

Por favor, que seja um conselho gentil.

"Sim?"

"Não tente fazer amigos aqui."

"Eu—"

Ana não me dá a chance de questioná-la. "Seus irmãos já fizeram muitos

conhecidos aqui, não é? Provavelmente te disseram quem você pode abordar e quem deve evitar. Eles me rotularam como uma aposta segura para você, certo?"

Em silêncio, eu aceno com a cabeça.

"Eles não estão errados, eu não quero te fazer mal de forma alguma. Isso não significa que você deva querer ser minha amiga. Não aqui."

Um alívio ouvir isso, mas ainda confuso.

"Você vai perceber rapidinho que as garotas não são tão amigáveis aqui, por que você acha que é?" Ana pergunta, inclinando a cabeça para mim.

"Hum, para manter as pessoas longe?" Acho que sim.

Seus intensos olhos castanhos examinam o ambiente ao nosso redor antes que ela dê um passo em minha direção e abaixe a voz. “As mulheres devem estar sempre em alerta neste mundo, especialmente aqui. Só porque não podemos nos matar não significa que não possamos ser apunhaladas pelas costas. Os homens lutam com os punhos, e as mulheres lutam com a cabeça.

“Você não me conhece, nem nenhuma outra garota aqui. Você não sabe o que elas fariam para ganhar o favor da família. Que mentiras contariam ou com quem se associariam sob falsos pretextos. O império é uma ilusão de segurança. Você pode não levar um soco no rosto fora do treinamento de luta, mas sua cabeça não está automaticamente a salvo de outros tipos de golpes.”

“Ah, é?”

“Guarde seus segredos”, ela diz baixinho. “Use esse tempo para se aproximar dos seus irmãos. Construa amizades com eles. Evite qualquer pessoa que pareça muito ansiosa para te agradar. Até as garotas mais legais trocariam seu tormento por benefícios. Você não sabe o que elas passam em casa ou o que fariam para melhorar de vida, entende?”

Alto e claro. Infelizmente, esse conselho adorável só me faz desejar que fôssemos mais amigas.

“Sim, isso é muito útil, obrigada.” Olho para os meus pés, sem saber o que mais dizer ou quando devo me retirar.

“E”, ela diz, soltando um suspiro. “Se você ainda quiser sair depois que o semestre acabar, eu ficaria feliz em organizar tudo. Fazer amigos deve acontecer em um ambiente onde as ações têm consequências. Você não consegue construir algo que valha a pena guardar quando é feito com materiais instáveis.”

Nossa.

Meu humor melhora completamente e meu rosto fica vermelho.

“Seria legal”, digo rapidamente. “Eu adoraria.”

“Legal”, ela repete. “Até mais, novata. Se cuida.”

“Você também”, respondo alegremente, observando-a se virar e ir para onde precisa ir. Sinto vontade de pular de alegria e gritar de felicidade.

Minha primeira amiga, mais ou menos! Pelo menos algo para esperar com ansiedade.

Capítulo 15



Jade

Armani está furioso.

Preciso segurá-lo fisicamente para que ele não saia da sala de aula furioso atrás de Lorna quando conto que ela é minha professora e que não ficou nada feliz em me ver na aula. Ou melhor, ficou feliz demais em me ver e parecia mais do que disposta a tornar este semestre um inferno para mim.

"Ela quer que você vá causar um escândalo", digo a ele, insistindo para que se acalme.

"Ah, ela vai causar um escândalo", ele rosna, me pegando pela cintura e me girando para que eu não consiga bloquear a porta.

"Ahh!", exclamo, jogando meus braços em volta dele para que não me solte. "Sério, Armani, espera uns três segundos, tá?"

“Me solta, Jade”, ele resmunga, tentando me puxar. Ele não vai usar toda a sua força para simplesmente se livrar do meu aperto.

“Eu tenho um plano”, digo firmemente. “Quero fazer isso do meu jeito. Não quero parecer que não consigo lidar com ela e que vou correr para os meus irmãos assim que algo der errado.”

O que, de fato, eu meio que corri para ele… mas eu só queria ter certeza de que ele não soubesse de nada e não me avisasse. Eu teria algumas palavras bem duras para dizer se isso acontecesse. É mais do que óbvio que ele não fazia ideia.

“Ninguém vai pensar isso”, ele argumenta. “Vão presumir que eu fiquei sabendo, o que provavelmente aconteceria em breve. Se você não me contasse, outra pessoa contaria. Você é minha responsabilidade, Jade. Ela não pode agir assim com você só porque eu não a quero por perto.”

Eu sorrio com compaixão. “Sinto muito que ela esteja te incomodando desse jeito.”

Ele balança a cabeça incrédulo. “Minha ex-ficante está te assediando na aula, e você está se desculpando comigo?”

“Claro”, eu digo docemente. “Você é meu irmão, e eu te amo. Odeio que ela esteja te perturbando.”

Ele se acalma, me colocando no chão, e dessa vez, eu deixo.

“Eu posso resolver isso”, prometo, endireitando os ombros. “Já tenho um plano, e estou animada. Você não pode pelo menos me deixar tentar?”

Armani olha para a porta e depois para mim. "E você não vai me contar qual é o plano, vai?"

"Não", admito sem hesitar. "Não quero ajuda, nem sugestões, nem nada. Acho mesmo que consigo fazer isso."

Ele hesita antes de abaixar a cabeça. Dou um gritinho, pulando de alegria antes de ficar na ponta dos pés para lhe dar um beijo na bochecha. "Eba, obrigada! Você é o m- ...

"Ocupado?" pergunta Colton, encostando-se na moldura aberta da porta.

"Não, ele não está", respondo por Armani, pegando minha bolsa do chão. "Eu já estava de saída. Vingança para executar e tudo mais."

"Vingança?" Colton ri baixinho. "No segundo dia?"

"Nunca é cedo demais para isso", digo em tom de brincadeira, dando a volta nele para deixá-los a sós. "Te vejo no almoço?" pergunto, olhando por cima do ombro para Armani.

"Estarei lá", ele concorda. "Não se afaste muito da multidão se for andar sozinha."

"É, é", respondo com sarcasmo, revirando os olhos.

"Até mais, pequena Moretti", acrescenta Colton enquanto começo a caminhar pelo corredor. Aceno para trás sem me virar e sorrio ao ouvi-lo rir.

Desde que ouvi a confissão dele na festa, começo a me perguntar se ele e Armani são apenas amigos ou não. O caubói ou tem uma queda pela Nico que eu não percebi, ou um relacionamento secreto com a Armani, ou com um dos meus outros irmãos. Há variáveis demais para considerar, então não tenho certeza se sei o suficiente para arriscar um palpite. De qualquer forma, Colton Wyatt quer se casar com uma das minhas irmãs. Não tenho tempo para questionar isso, e realmente não há motivo para isso. Colton parece ótimo.

Com três horas até o almoço, volto para o meu quarto e começo a planejar.

“Agora você vai treinar com armas”, diz Remo, me guiando para longe do refeitório e subindo o caminho até o mesmo prédio onde Armani trabalha. O ar está fresco esta tarde, revigorante.

O almoço foi rápido, mas bom. Consegui ver todos os meus irmãos e comi um sanduíche de frango incrível. Colton também sentou conosco, o que foi legal. Ele é engraçado, mas não está me dando nenhuma pista sobre com quem quer se casar.

Consegui fazer bastante planejamento estratégico antes disso também, então o dia já parece ter dado uma guinada.

“É treinamento com facas e não deve ser muito intenso. Javier Cabrera é o instrutor.”

“Javi?”, pergunto, surpresa. “Ele não é aluno?”

Remo faz uma pausa, arqueando uma sobrancelha. “Javi, é?”

Não. Corar.

Meu rosto fica quente, e ainda bem que parte do meu cabelo esconde isso.

Nossa, como eu coro fácil.

"Umas meninas da aula de culinária estavam babando por ele", digo calmamente, tentando disfarçar. "Achei que ele fosse um aluno."

Não sei se ele acredita em mim, mas também não insiste. Remo é bom nisso, me dando um mínimo de privacidade em nossas conversas.

“Bem, ele não é”, informa-me, entrelaçando os dedos no meu braço para continuarmos a caminhada. “O Javi formou-se no semestre passado e tem vinte e dois anos. Embora a família dele seja conhecida por serviços de segurança, como ele é herdeiro, só aceita trabalhos muito específicos ou altamente confidenciais. Daí o tempo livre para dar aulas na Empire. Ele é especialista em facas, e o antigo instrutor aposentou-se no ano passado. Vai ser um bom professor.”

Bom, pelo menos é bom saber. Um instrutor horrível mais cedo sendo substituído por um muito promissor.

“Espero que corra melhor do que a minha primeira aula”, brinco.

“É, sobre isso”, começa ele, lançando-me um olhar cauteloso. “Não conte ao Nico, se puder evitar.”

"Ele não sabe?" pergunto, surpresa. Eu imaginava que Armani tivesse contado para todos.

"Decidimos em grupo que era melhor que ele não soubesse", responde Remo, honestamente.

"Você acha que ele não vai lidar bem com isso?" arrisco.

"Você impediu Armani de ir resolver isso sozinho, certo?" Não é uma pergunta, embora pareça. É uma introdução ao seu argumento. "Se fosse o Nico... ele daria um jeito de matá-la, mesmo que não esperasse até o fim do semestre. Armani poderia tê-la humilhado ou ameaçado, mas Nico a teria em sua lista negra ou a teria feito escrever uma carta de suicídio até o fim da semana."

"Meu Deus", exclamo.

Não importa quantas vezes eu já tenha ouvido isso, a ideia de algum dos meus irmãos matar alguém ainda me parece estranha. Para mim, eles são os caras mais carinhosos e amorosos do mundo. Mas, no fundo, eu sei que eles podem matar sem piedade. Se eu for sincera comigo mesma, esse é um dos motivos pelos quais me sinto tão segura por causa deles.

"É", concorda Remo. "Então, para a tranquilidade de todos, evite falar essas coisas com ele enquanto estivermos aqui."

Anotado.

"Entendido", confirmo rapidamente, entrando no prédio enquanto ele segura a velha porta de madeira aberta para mim.

Remo não precisa se apressar tanto quanto esta manhã, mas ainda assim é breve, me acompanhando até o terceiro andar e me mostrando a sala de aula. É menor que a do Armani, mas suponho que faça sentido — armas menores e tudo mais. Está organizada como uma sala de aula tradicional, com as carteiras agrupadas no fundo e o quadro na frente para as aulas. Só que o quadro chama menos atenção do que a mesa com as facas e lâminas expostas.

Preciso morder o lábio para conter um sorriso radiante ao ver o grupo de alunos. Não é muito intimidador, apenas seis aqui até agora, e não há muitas carteiras livres, então não devem chegar muitos mais.

A Ana está aqui, o que é ótimo!

“Se acontecer alguma coisa que te deixe desconfortável, levante e saia, ok?” Remo pergunta, discretamente falando baixo. “O Armani está logo lá em cima ou lá fora, no estande de tiro, lembra?”

“Lembro sim”, sussurro de volta, sorrindo agradecida.

Javi entra, e Remo aproveita para sair, embora ainda faltem cinco minutos para a aula começar.

Eu estava distraída demais para olhar direito para o Javier na festa, mas se tivesse prestado mais atenção, provavelmente teria adivinhado que ele não era aluno. Não porque ele não parecesse jovem, mas porque não estava usando uniforme escolar. Embora as luzes piscando por todo lado e o figurino parecido pudessem ter algo a ver com isso.

Ele veste calças pretas, parecidas com as do meu irmão, e uma camisa de botões com o brasão da Academia Empire no bolso. É alto, mas não muito

corpulento, e tem o cabelo bem curto. A barba está aparada, mas emoldura o rosto de forma bem intencional. Com seus olhos cor de avelã e pele bronzeada, fico surpreso que não seja casado.

Cruzo as pernas na cadeira, sentindo um friozinho no ar. Estou a alguns assentos de distância de Ana, e teria escolhido o lugar ao lado dela se não estivesse ocupado por Cole. Duvido que uma aula para iniciantes como essa possa fazer muita diferença para ele, mas provavelmente ele a escolheu de propósito. O jeito como ele domina o ambiente ao redor faz com que as pessoas naturalmente desviem o olhar, e pelo que Ana disse, é exatamente isso que ele quer.

Faltando menos de um minuto para o fim da aula, o último assento da sala é ocupado. É o que fica bem à minha direita e, felizmente, é ocupado por alguém que eu conheço.

Dessa vez, não consigo conter o sorriso, mostrando todos os meus dentes quando ele se senta ao meu lado. Ele retribui o sorriso e eu me sinto imediatamente mais à vontade.

O Ivan está nessa aula? Que sorte!

"Oi", digo, baixinho, mas animada.

"Oi, Jade", ele responde, aparentemente feliz em me ver.

"Não sabia que você estaria aqui, estava torcendo para que tivéssemos aula juntos."

"Mudança de última hora", ele explica, inclinando-se para ter mais privacidade. "Tem alguém aqui que meu irmão queria ficar de olho."

"Eu?", pergunto, soltando um suspiro.

"Quem mais?", ele ri, piscando para mim de forma brincalhona.

Isso não poderia ser mais perfeito.

O Dmitri pediu para ele trocar de turma comigo para me observar? Isso provavelmente soa muito estranho para algumas pessoas, mas, meu Deus, eu quase preciso me abanar com a notícia. O Ivan não está aqui para me encarar ou me perseguir de longe.

O cara de quem eu gosto acabou de me apresentar um amigo porque se preocupa com a minha segurança e confia em mim ao irmão dele, e eu não poderia estar mais feliz. Preciso me controlar para não tirar muitas conclusões disso, mas, mesmo assim, é um ótimo sinal. O Matteo é só um ano mais velho que eu e não conseguiu entrar em nenhuma das minhas turmas.

O Dmitri e o Ivan parecem ter um ótimo relacionamento. Assim como o Cole, duvido que o Ivan precise desse tempo para aprender, mas é legal que ele esteja aqui mesmo assim. Mas o Dmitri pediu ou deu a entender que gostaria que ele estivesse aqui, e ele tomou a iniciativa de fazer isso acontecer.

E eu já ia tentar encontrar o Ivan hoje de qualquer jeito; agora não preciso ficar parecendo um louco para isso. Os Morozovs são minha arma secreta para essa palhaçada de desafio de culinária.

Não são aliados da minha família? Ok.

Não vão jogar comida na minha cara quando me oferecerem? Ok... acho.

A segunda metade do dia compensa totalmente a primeira.

"Muito bem", anuncia Javi em voz alta para chamar a atenção da sala, batendo palmas. "Esta é a aula de Noções Básicas de Armas para Lâminas; eu sou Javier Cabrera e serei o instrutor de vocês durante o semestre. Podem me chamar de Javi ou Javier, não quero ouvir as palavras 'Instrutor Cabrera' saindo da boca de nenhum de vocês. Nesta aula, não me importo com o sobrenome de vocês, e vocês não deveriam se importar com o meu."

Justo.

“Vejo que alguns de vocês não estão aqui para aprender de verdade, já que não há nada que uma aula básica vá ensinar que vocês já não saibam. Não tentem ensinar meus alunos, não se tornem um incômodo e não teremos problemas. Não me importo com as suas escolhas ruins de horário. Se quiserem perder tempo aqui, fiquem à vontade.”

Estabelecer limites com firmeza também poderia ser uma aula aqui, e Javier certamente poderia ministrá-la. Não há malícia em suas palavras, apenas franqueza. Ele não está aqui para brincar, e eu não o culpo. Acho que eu jamais conseguiria ser professor em um ambiente profissional, muito menos em um que trabalha com armas letais.

“Hoje, vamos abordar a segurança e, na próxima aula, falaremos sobre facas de verdade, tipos de facas e manuseio de lâminas.” Ele distribui uma pequena pilha de folhetos e continua falando enquanto os entrega. “E sim, eu sei que esta é a parte terrivelmente chata da aula. Segurança é chata, mas também é o que mantém seus dedos no lugar, então não a ignorem se vocês nunca viram uma faca.”

O restante da aula é dedicado à análise das regras, bem como às consequências por infringir as mais extremas.

“Se você tentar ferir alguém com qualquer uma dessas facas, tenho total permissão para lidar com você como achar melhor. Tente matar outro aluno, ou a mim, na minha sala, e você estará morto antes mesmo de seu corpo tocar o chão.”

É seguro dizer que não vou tocar em nada aqui a menos que me digam explicitamente para fazê-lo. Não vou desafiar a sorte agora que ela finalmente está sendo gentil comigo.

Assim como na aula de culinária, terminamos mais cedo, só que Javier não

sai furioso da sala como Lorna fez. Ele espera que todos nós saiamos, provavelmente por precaução. Quase me despeço dele, mas não quero que seja interpretado de forma errada.

"Alguém vai te acompanhar até a próxima aula?", pergunta Ivan, caminhando ao meu lado para fora da sala.

"Remo vai me encontrar lá embaixo", respondo. "Obrigada por perguntar."

Ele coloca as mãos nos bolsos e acena com a cabeça. "Claro."

"Ei, Ivan?", pergunto.

"Sim?"

"Você sabe onde o Dmitri costuma ir antes do almoço?"

Capítulo 16



Jade

Não tenho mais tempo para brincadeiras. Preciso terminar logo essa palhaçada de cozinhar. Já faz uma semana que as aulas começaram e não aguento mais dividir a sala de aula com a Lorna.

Felizmente, o resto do meu primeiro dia foi incrivelmente tranquilo e ainda estou nas nuvens. O Remo me buscou na aula de armas, comemos um lanche rápido juntos na copa e ele me levou para a aula de treinamento de combate. Ficou comigo o tempo todo, mesmo não sendo a aula dele. Desta vez, os instrutores são dois: um homem e uma mulher para dar aula para a turma grande. A Ana também está nessa turma, junto com a maioria das meninas do primeiro ano. Somos oito no total, mas quinze meninos.

No primeiro dia, eu tinha que escolher entre assistir e participar, e o Remo escolheu por mim. Assistir é uma boa maneira de saber o que esperar no futuro e, assim, eu não precisei trocar de roupa para ir à academia.

Nada foi muito chocante ou desconfortável, então eu me senti bem quando estávamos prontos para ir embora. Já fiz alguns exercícios básicos de defesa pessoal com os meninos em casa, mas ainda acho que será uma aula desafiadora.

Depois disso, Nico ficou comigo no meu quarto enquanto todos os outros estavam ocupados, e fomos jantar juntos. Nico e eu chegamos antes do resto da família, mas não esperamos para comer. Enquanto ele pedia sushi, eu experimentei uma pizza de frango com bacon. Nico não é tão falante quanto Matteo, mas ainda assim foi bom passar um tempo com ele.

A última aula da minha grade horária era um curso de dissimulação. É basicamente um curso básico de mentiras, e eu imediatamente tive esperança de

que seria a parte mais fácil das minhas aulas. Até agora, isso se provou correto.

Manusear facas é melhor do que cozinhar, mas não tão fácil quanto eu esperava. O treinamento de combate tem sido basicamente condicionamento físico, então parece uma aula de ginástica glorificada, mas pelo menos ninguém me deu um soco ainda. A decepção tem sido divertida, com muita interpretação e exercícios de atuação que fazem o fim do dia ser algo para se esperar ansiosamente.

Mas cozinhar? Já passou da hora de subir de nível e sumir da vista da Lorna.

Eu precisava de alguns dias para me sentir confortável aqui, aprender a me locomover pelo campus sozinha e me preparar para encarar esse desafio de verdade. Agora que me aqueci, não vou mentir e fingir que não estou morrendo de nervosismo, mas quase consigo sentir o gosto da minha vitória. E, nesse caso, a vitória tem gosto de carbonara caseira da Martha.

Tendo abandonado meus irmãos para isso, estou me certificando de ter o máximo de cuidado ao sair da cozinha e me dirigir ao pátio das ruínas. Precisei memorizar o caminho até lá antes de me sentir confiante o suficiente para encontrar meu provador de comida escolhido enquanto ele estiver lá.

O pátio das ruínas é o que restou de um antigo prédio que desabou nos anos 80. Está repleto de colunas em estilo grego, arcos parcialmente destruídos e decorado com mesas e cadeiras de pedra para torná-lo mais utilizável. Aparentemente, o desabamento do prédio tem um quê de mistério, pois nenhum dos meus irmãos tem certeza absoluta do que aconteceu.

As ruínas bonitas e melancólicas não são o que procuro quando entro no pátio. Estou procurando por ele.

O pátio está casualmente cheio de estudantes. É silencioso, mas longe de estar vazio. Felizmente, o homem que vim ver está sentado sozinho, lendo silenciosamente um livro antigo. Respiro fundo, examinando rapidamente as mesas em busca de qualquer sinal dos meus irmãos. Quando tenho certeza de que o caminho está livre, faço meu primeiro movimento em sua direção.

Ele me ouve se aproximar, interrompendo a leitura para encontrar meu olhar.

"Hum, oi de novo." Mordo o lábio, sentindo meu rosto esquentar enquanto paro diante dele. Hum, oi de novo, é o melhor que consigo dizer? "Você é o Dmitri, não é?"

O homem, um verdadeiro Adonis, me olha de cima a baixo, piscando sem responder. É bobagem perguntar o nome dele, já que ouvi pessoas o mencionarem na festa e conversei sobre ele com Ivan. Estou nervosa, tá bem? O rosto dele me dá a sensação de que vou cair.

"Bem, enfim, fiz isso para você." Estendo o prato com um garfo em cima, e fico completamente atônita quando ele pega. "Meu instrutor disse que eu deveria

dar para alguém que não seja da minha família para ver se é realmente bom."

Dmitri continua me olhando como se estivesse esperando para ouvir mais alguma coisa que eu tenha a dizer. "Então, hum, você vai experimentar? Ouvi dizer que a maioria das pessoas joga a comida dos calouros fora, mas—"

Sem dizer uma palavra, ele rouba toda a minha comida. O homem estoico, mas lindo, abre meu prato, enfia o garfo e leva uma garfada direto para a boca. O carbonara desliza entre seus lábios, deixando-os brilhantes enquanto sua língua lambe o molho. Ele mastiga o prato de massa com bacon enquanto minha boca se abre em espanto.

O pátio para, e eu também prendo a respiração. Ele está comendo a minha comida! Tanta gente olhando, e ele está comendo a minha comida! Meu Deus, acho que vou desmaiar.

Devo me beliscar?

Sua garganta grossa se move com um engolir, e fico surpresa por não estar sendo cuspido aos meus pés como uma espécie de mensagem para ficar bem longe dele. Logicamente, eu não achava que Dmitri seria malvado comigo, mas ilogicamente, sempre espero o pior, lá no fundo da minha mente. Estou tão feliz por aquela vozinha da dúvida ter se provado errada mais uma vez. Assim que sua boca está vazia, me esforço para encontrar algo para dizer.

"Você—"

"Está bom", ele resmunga, me interrompendo. Se as palavras não fossem suficientes para me chocar, ele dá outra mordida.

Contenho um guincho, minha garganta vibrando com um som que me recuso a deixar escapar.

Ouço sussurros ao nosso redor, mas tudo o que vejo é ele. Sem pensar, meus braços se estendem, envolvendo seus ombros largos.

“Obrigada!” digo em seu pescoço, a pele com cheiro de recém-lavada. Por que me deu essa vontade repentina de lamber?

Dmitri se enrijece em meus braços, mas não me afasta bruscamente. Desajeitadamente, me afasto lentamente, soltando-o com um sorriso nervoso.

“Obrigada”, repito mais suavemente, me recompondo. “A propósito, meu nome é Jade. Não queria te atacar agora.”

“Eu sei quem você é, Jade”, ele me diz, fazendo meu rosto queimar.

“É mesmo, eu já te disse antes.” Na festa em que você escreveu em seu peito nu com batom e quase o beijou.

“Eu já sabia disso”, ele afirma secamente. O homem olha para o resto do prato de massa. “Vou ficar com o resto.”

“Claro!” exclamei, apontando com o polegar para a pequena mochila perto dos meus pés, onde o resto da comida estava guardado. “Tenho mais também, se

você quiser.”

Não tem como fazer uma porção de macarrão de cada vez. Martha me repreenderia só por tentar, então fiz bastante. Planejei dar um pouco para o Matteo, mas o Dmitri pode ficar com todo o macarrão se pedir.

“Coma comigo.” Não é uma pergunta nem um convite, é mais uma ordem. De alguma forma, uma ordem educada.

“Ah?” Olhei em volta. “Você não tem medo de ser visto comigo?”

Ele deu uma risadinha tão baixinho que eu quase imaginei. “Não tenho medo de nada, Jade. Coma comigo.”

Compelida a sentar-me com ele no banco, tiro um pequeno recipiente de plástico da minha bolsa e coloco-o no colo. "Se eu vir um dos meus irmãos, vou me abaixar e me esconder", digo, sorrindo para ele.

Ele balança a cabeça. "Eles vão descobrir de qualquer jeito. É melhor manter o uniforme limpo."

Franzei a testa, não querendo que estragassem tudo tão cedo. "Você acha?"

"Com certeza." Ele deu de ombros. "Não importa. Quanto mais cedo eles souberem, mais cedo vão aceitar."

Hã? "Nós conversando?"

"Nós", respondeu ele, enrolando mais macarrão no garfo.

Sinto um arrepio percorrer meus braços. "Nós?" pergunto, esperançosa. "Somos amigos agora ou algo assim? Se eu soubesse que ser amigo só exigia um carbonara caseiro, já teria feito para você."

"Você poderia nos chamar de amigos", diz ele, dando de ombros. "Mas estaria enganada."

Meus olhos se arregalam. "Ah, é? O quê... o que você diria sobre nós?"

Ele me observa como se procurasse sinais de que eu possa fugir. Não sei se minhas pernas funcionariam mesmo se eu tentasse. E definitivamente não quero tentar. Preciso saber o que ele está pensando por trás daqueles lindos olhos.

"Inevitável."

Ao ver minha expressão de choque, um pequeno sorriso surge em seus lábios.

"Demais?" ele pergunta.

Na verdade, não o suficiente.

“Não, não, gostei do som disso”, admito, e sinto minhas orelhas tão quentes quanto meu rosto.

Com ousadia, ele pergunta: “Você está com medo ou lisonjeada?”

Acho que os dois.

“Não estou com medo”, minto. “Por que você pensaria isso?”

“Consigo ver seu coração batendo no seu pescoço”, informa Dmitri, com um

sorriso ainda maior.

Instintivamente, minha mão se levanta, levando-a à base do meu pescoço. “Que vergonha”, murmuro, sentindo o sangue quente pulsar sob a pele.

“Não fique com vergonha”, diz ele, pegando minha mão e a afastando lentamente do meu pescoço. “Gosto de ver, é bonito.”

Antes de soltar minha mão, ele a guia até meu colo e desliza o polegar sobre meus nós dos dedos. Sua pele é mais áspera que a minha, com marcas claras de trabalho árduo; calos na palma da mão e algumas pequenas cicatrizes antigas.

Mas são as veias dele que me prendem a atenção. Talvez eu consiga entender por que ele acha meu batimento cardíaco bonito, já que tenho quase certeza de que quero passar a língua por cada reentrância e saliência de suas mãos.

"Você levou uma semana para me procurar", comenta ele, interrompendo meus pensamentos. "Eu estava me perguntando se você viria ou se eu precisaria vir te buscar pessoalmente."

Eu sorrio. "Você teria vindo?"

"Sim." Ele acena com a cabeça em confirmação. "Eu te dei tempo, não queria te assustar."

Eu não teria medo se ele viesse me procurar. Bem, não no sentido de medo propriamente dito, embora eu definitivamente ficasse nervosa como estou agora. Ele provavelmente conseguiria quebrar meu pescoço com pouco ou nenhum esforço, mas eu não o acharia assustador. Dmitri é lindo, e sentir o olhar dele sobre mim é uma das melhores sensações que já senti.

"Eu teria te abordado antes, mas não sabia se você me entenderia completamente. Fiquei sem jeito demais para perguntar ao Ivan sobre isso." Eu coro e admito: "Considerei aprender russo antes de te encontrar, mas descobri que não é algo que se aprende rápido. Pelo menos não rápido o suficiente para mim."

Seus lábios se contraem num sorriso, e meu coração acelera. "Ansiosa para me ver? Ótimo."

Eu rio, e ele observa como se a ação significasse algo para ele.

"Eu reforço meu sotaque e falo um pouco de inglês quando estou perto de grupos grandes. Quanto mais pessoas acharem que eu não as entendo, mais chances tenho de captar coisas que elas diriam mais baixo."

"Inteligente", elogio. "Acho que você teria entendido o que eu estava querendo dizer se eu tivesse te pedido um beijo na festa, né?"

Prendi a respiração, mas não precisei por muito tempo. Seus lábios se curvaram num sorriso malicioso, e ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

"Eu teria entendido, mas não teria te beijado."

Minha expressão de desânimo se fechou. "Não?"

"Não", ele concorda. "Eu teria te dito que, quando eu te beijasse pela primeira vez, não seria numa festa qualquer."

"Ah?" pergunto, reprimindo um gritinho de alegria.

"Hum-hum", ele murmura.

De alguma forma, consigo afastar a vontade de pedir um beijo agora mesmo.

"Queria te agradecer por ter convidado o Ivan para trocar de turma comigo. Não tenho aulas com nenhum dos meus irmãos, então é bom ter um amigo."

Seu peito se expande com a respiração, atraindo meu olhar. Meu Deus, ele é enorme.

"Ele se ofereceu", diz, dando crédito ao irmão pelo gesto gentil.

"Mas ele fez isso por você?" pergunto, confirmando.

"Se ele está lá, sei que você está segura", responde.

Decidindo guardar a comida que ainda não abri na bolsa, me aproximo lentamente dele enquanto estamos sentados.

"Dmitri?" pergunto.

"Sim?"

“Não estamos numa festa decadente agora…” Quase me repreendo por ser tão óbvia, mas quem se importa com sutilezas? Quero que esse homem me beije até eu perder a virgindade. Talvez até literalmente.

Seus lindos olhos castanhos percorrem o ambiente ao nosso redor, e ele coloca o recipiente quase vazio sobre a mesa à nossa frente. “Venha comigo”, diz ele, pegando minha mão e minha bolsa, começando a carregá-la enquanto nos guia para longe da mesa.

Deixando seu prato para trás, ele me puxa por um caminho desconhecido, sem se afastar muito das mesas e bancos. Com cuidado, ele afasta um galho de árvore, revelando um recanto escondido. Uma parede mais alta do que nós dois ainda está de pé. Trepadeiras exuberantes decoram a base da estrutura, tendo subido lentamente com o passar do tempo. Quando Dmitri deixa o galho cair de volta ao lugar, cria algo parecido com um cômodo.

O pequeno espaço escondido não é totalmente isolado; ainda podemos ouvir os sons das pessoas no pátio ao nosso redor, mas elas não conseguiriam nos ver sem contornar a parede caída ou o galho da árvore.

Em silêncio, Dmitri me guia para trás até que minhas costas se encontrem com a parede do prédio antigo. Ele deixa minha bolsa cair no chão, sem que nenhum de nós se dê ao trabalho de lhe lançar outro olhar. A parede de pedra fria é firme o suficiente para que eu possa me encostar nela sem me preocupar. A vegetação macia balança ao redor dos meus joelhos, mas não me incomoda o toque.

"Você quer um beijo?", ele pergunta, com a cabeça inclinada para o lado.

"De você", eu esclareço.

"Só de mim?"

Minha cabeça balança, e, com a voz embargada, respondo: "Só de você".

"E qual é o meu nome?", ele pergunta, as mãos encontrando a parede de pedra de cada lado da minha cabeça enquanto se inclina, observando meus lábios.

O jeito como ele se inclina sobre mim é viciante.

"Dmitri."

Ele diminui a distância entre nós num instante, os lábios avançando para pressionar os meus. Eu me encosto com mais força na parede atrás de mim, as pernas fraquejando ao primeiro contato. O que começa como uma pressão esmagadora se alivia, permitindo que ele entreabra os lábios e os mova, levando-me a tentar acompanhá-lo. Minhas tentativas desajeitadas não parecem incomodá-lo, então continuo tentando igualar seu ritmo com os olhos fechados.

Ele tem o gosto da comida que eu preparei para ele, e eu nem me importo. Um prazer desconhecido percorre meus lábios até o meu estômago, aumentando minha fome por mais.

Não sei o que fazer com as minhas mãos, mas sei o que quero fazer. Com avidez, agarro sua gravata com as duas mãos, usando uma força inflexível para mantê-lo ali.

O tempo parece parar, e é como se ninguém mais existisse. Só existe nós dois, e eu não me canso da sensação de beijá-lo.

Por fim, ele se afasta lentamente, e nossos olhos se abrem para se encontrarem.

"Este é o seu primeiro beijo, Jade?", ele pergunta sem demonstrar qualquer julgamento.

Solto um suspiro. "Sou tão transparente assim?"

Ele balança a cabeça. "Gosto de poder te ler."

"E de você ser o primeiro a me beijar?", pergunto. "Você gosta disso também?"

Dmitri sorri. "Gosto de ser o último."

Nossos lábios se encontram novamente, sem saber quem se inclina primeiro.

De qualquer forma, eu me derreto.

Capítulo 17



Jade

Estou deitada no sofá que divido com meu irmão, sonhando acordada com um beijo, quando Armani entra no quarto. Ele está com as mãos ocupadas: uma carregando uma caixa, a outra segurando uma maçã vermelha já mordida.

"Os e-mails chegaram", diz ele, como cumprimento.

"Já era hora!", exclama Matteo, pulando da cama para pegar a caixinha de papelão marrom.

"Eles estavam prontos há alguns dias", admite Armani. "Eu sempre esquecia de ir buscá-los antes do prédio da administração fechar."

"Tudo bem", digo antes que Matteo possa repreendê-lo. "Estamos todos ocupados mesmo."

Armani sorri e se aproxima para bagunçar meu cabelo. "Eu devia ter lembrado. Você provavelmente está com saudades do papai, não tem problema ficar chateada comigo."

"Eu sei que não tem problema", respondo. "Eu não estou chateada de verdade, mas sinto falta do papai."

"Bom, agora você pode mandar uma mensagem para ele", diz Matteo, me entregando um pequeno aparelho. Parece uma mistura de celular com pager.

É uma tecnologia personalizada que só acessa uma rede segura para enviar e receber e-mails da Academia Empire. Não tem como pesquisar nada no Google, baixar um aplicativo ou tirar uma foto, o que torna o uso perfeitamente seguro aqui.

"Lembra como funciona?", pergunta Remo do outro lado da sala. Matteo também deu o aparelho para ele, mas ele não demonstra nenhum interesse no

momento.

“Tipo mensagens de texto”, digo, lembrando de quando ele tentou me explicar como funcionavam. “Temos alguns contatos pré-carregados, e tudo que enviamos para eles vai para o e-mail especial deles.” O destinatário não precisa do aparelho, só da internet e acesso a um computador ou celular.

“E não mande nada comprometedor”, acrescento rapidamente. “Eles não são monitorados, mas só para garantir, mantenha a conversa leve.”

“Certo.” Remo acena com a cabeça em aprovação, seus cachos castanho-claros balançando.

“Você tem o papai, o tio Cesar e o Apollo aí”, acrescenta Matteo, inclinando-se para apertar o pequeno botão liga/desliga. Ele aponta para o nome de cada um dos contatos. “É melhor mandar um e-mail para o papai primeiro para ele respirar aliviado e parar de se preocupar com você.”

Meus lábios se curvam em um sorriso. “Você acha que ele ainda está preocupado?”

Ele bufa. "Essa é uma pergunta de verdade?"

Eu sorrio porque ele provavelmente tem razão. Não gosto da ideia de meu pai se preocupar demais, mas adoro saber que tem alguém que se importa comigo tanto quanto ele.

"Vou correr", anuncia Remo, se despedindo casualmente antes de sair do quarto e ir para o corredor.

"Correr no seu dia de folga é coisa de louco", reclama Matteo, fazendo uma careta ao pensar nisso. "Que nojo."

"Não critique o gosto dele", repreendo.

"Quem gosta de correr merece ser criticado", ele rebate.

Reviro os olhos e começo a explorar meu novo aparelho. "Vou dar um oi para o papai."

"Não se esqueça de contar para ele sobre o seu namorado", provoca Matteo, me fazendo congelar.

"O quê?", pergunto, sentindo um arrepio na espinha.

“Brincadeira”, ele explode, rindo alto. “Nossa, cara, respira fundo, você parece que viu um fantasma.”

“Se sentindo culpado?”, pergunta Armani, inclinando a cabeça para mim.

“Não, ele só me pegou de surpresa”, respondo, soltando um suspiro. “Achei que ele pudesse saber de algo que eu não sei.”

É exatamente o que eu deveria dizer, porque Armani acha hilário. “Fique tranquilo, Matteo é a última pessoa em quem papai ou Apollo confiariam informações sobre noivado.”

“Ei!”, protesta Matteo, por princípio. “Sou ótimo com segredos.”

“É, e eu sou o bicho-papão”, diz Armani, arrastando as palavras, sem hesitar.

Sarcasmo é como a linguagem do amor favorita da família Moretti.

Ignorando a discussão iminente, começo a digitar uma mensagem para papai.

EU

Oi, pai, que saudade! Acabei de receber meu e-mail e queria saber como você está. A escola está ótima até agora. Como estão as coisas em casa?

Como ele não responde imediatamente, mando uma mensagem para o Apollo também.

EU

E aí, irmãozão, já está com saudade?

Ao contrário do papai, o Apollo deve estar no computador, porque o e-mail vibra na minha mão poucos segundos depois de eu clicar em enviar.

APOLLO

Você teve uma primeira semana e tanto, maninha.

APOLLO

Sete pedidos de casamento em nove dias, você deve ter batido algum recorde.

"O quê?!" exclamo, boquiaberta.

"O quê?" Matteo e Armani repetem ao mesmo tempo, virando a cabeça na minha direção.

Empurro aquele aparelhinho idiota de e-mail na frente dos rostos deles, balançando-o incrédula. Matteo segura meu pulso para mantê-lo firme, permitindo que eles finalmente leiam a tela.

"Sete?" Matteo estala a língua. "Eu esperava uns dez, pelo menos dez."

Armani parece menos divertido. "Quantos deles estão aqui?"

"Eu não pedi nomes!" exclamo, entrando em pânico.

"Não? Então eu mesmo peço."

Ele digita tão rápido que só consigo ler o que ele pediu depois que já foi enviado.

EU

É o Armani, quem mandou as propostas?

“Você poderia mandar um e-mail para ele com seu próprio dispositivo”, murmuro, mas fico observando para ver o que Apollo vai dizer. Estou torcendo para que Dmitri não tenha feito nenhuma loucura, como mandar uma proposta

de casamento. A última coisa que precisamos é do meu irmão me enchendo o saco enquanto estamos tentando agir às escondidas.

APOLLO

Principalmente, Javier Cabrera, Ares Gabris e Killian Knight. Os outros quatro eu não consideraria nem se estivéssemos procurando. Qualquer coisa abaixo de um herdeiro não serve.

Contenho um suspiro de alívio. Não tem como ele não mencionar o nome Morozov se uma proposta vier deles. Eles são muito importantes, e Dmitri é um herdeiro.

E, caramba, por que Ares está na lista? Eu jurava que ele já estava noivo. Casado com alguém escolhido pelo pai por razões estratégicas, sim. Mas noivo mesmo assim.

"O irmão do Cole?" A expressão de Matteo se contorce. "Ele é muito velho para você."

"Quantos anos ele tem?" pergunto, na defensiva sem motivo aparente.

"Ele tem a idade do Apolo", diz Matteo, gesticulando com a mão, o que me faz pensar que ele está exagerando.

"Você age como se o Apolo tivesse a idade do papai", digo, revirando os olhos.

Armani bufa com o drama de Matteo. "Ele tem 28, não 31." Me lançando um olhar preocupado, ele cruza os braços. "E mesmo assim, ele é muito velho para você."

“Pelo jeito que ele falou, me fez pensar que ele deve ter uns quarenta anos”, refuto. “Eu nem conheci o cara, não me importa o quanto você acha que ele é um bom partido para mim. Estamos nos desviando do assunto.”

“Você tem razão, estamos nos desviando do assunto”, Matteo concorda rapidamente. “Mais importante, o Javier não é seu instrutor de armas neste semestre? Uma aula com você e ele já está me pedindo em casamento? Isso é muita loucura, mesmo para alguém tão ousado quanto o Javi.”

“Ei”, repreendo, beliscando seu braço. “Por que isso é loucura? Você acha que ele não deveria querer casar comigo? Qual é o meu problema, hein?”

“Ai”, ele sibila, esfregando o local afetado. “Nossa, Jade. Se tem alguém que é bom demais para ele, é você — você é boa demais para qualquer um. Não era isso que eu queria dizer.”

“O Javier dá aula de facas?” Armani pergunta, e eu não gosto do tom assustador que ele deu à sua voz. Tem um ronco perigoso e arrepiante.

“Ok, todo mundo precisa sentar com o Remo e revisar minha grade horária se quisermos continuar sendo surpreendidos por quem eu vou encontrar todos os

dias”, declaro, quase reclamando.

Eu deveria ter mantido meus pedidos de casamento entre o Apollo e eu, embora eu tenha certeza de que meu pai sabe. Eu só fiquei realmente chocada ao ler e não pensei duas vezes antes de mostrar para meus irmãos.

Às vezes, é fácil ignorar o instinto protetor deles. Eles são meus amigos, mesmo sendo parentes, e uma garota gosta de compartilhar coisas com os amigos. Preciso me lembrar constantemente de que nem tudo que vejo, penso ou ouço deve ser repetido para eles. Eles tentariam incendiar o ar se eu engasgasse enquanto respirasse. Os extremos deles não têm limites quando se trata de me proteger.

“Ele é seu instrutor?”, Armani repete, ignorando o que acabei de dizer. Meu e-mail vibra na mão dele, e eu o pego de volta antes que ele veja.

APOLLO

Parabéns, você já são dez. Thiago Oliveira e Abramo Giuliani também entraram na disputa, embora eu suspeite que isso seja obra dos pais deles.

Eu: Acho que não quero mais notícias sobre propostas de casamento.

APOLLO

O Armani já explodiu?

EU

Ele está prestes a explodir.

"E o Abramo também?" Matteo cospe as palavras, depois de olhar por cima do meu ombro.

"Você não está falando sério", Armani debocha, passando a mão pelos cabelos com raiva.

Abramo faz parte da Casa Nostra, a mesma família da Melani. Temos uma aliança por causa do casamento dela com o Emilio. Não sei por que ele se casaria comigo se não fosse por um relacionamento mais forte com a Máfia. Ele nunca me viu, e como não frequenta a Empire, é improvável que tenha me visto.

"O que há de errado com o Abramo?" pergunto, nervosa, e os dois trocam um olhar sombrio. "Ele é realmente perigoso ou algo assim?"

“Somos todos muito perigosos”, diz Armani enigmaticamente, como se eu precisasse de um lembrete.

“Mas o Abramo é um caso perdido”, acrescenta Matteo, balançando a cabeça. “Ele é metade do motivo pelo qual papai e tio César queriam acabar com a nossa rixa. Ele não é alguém com quem você queira se indispor, e não é alguém com quem você casaria sua filha. Papai consideraria casá-lo com o Nico

antes de te dar para ele. Pelo menos o Nico revidaria na mesma moeda."

Armani balança a cabeça em concordância. "Esses dois se matariam em uma semana." Acho que ele está se acalmando quando percebo que, na verdade, ele está apenas se recompondo, ajeitando o paletó. "Não posso lidar com os que não estão aqui, mas posso colocar os que estão em seus devidos lugares."

"Com certeza!", Matteo comemora. "Violência é tão boa à tarde."

"Hum, nada de violência", eu deixo escapar, elevando a voz. "De jeito nenhum. Você não pode simplesmente brigar com as pessoas só porque elas querem se casar comigo."

Armani dá de ombros. "Vai ver."

Não entendo o que ele quer dizer até que ele sai correndo, com Matteo e eu logo atrás. Correr pelo campus no nosso dia de folga e perseguir meu irmão não estava na minha lista de afazeres para esta semana!

Antes que eu perceba, estou ofegante, seguindo-o enquanto ele invade a sala de afiação de facas. Ele entra sem se importar com quem possa estar lá dentro.

Por sorte, não há aula nem alunos por perto.

"Cabrera!" Armani grita como um aviso, continuando a entrar na sala com arrogância, como se fosse o dono do lugar. "Você quer casar com a minha irmãzinha, é?"

Javi levanta os olhos da faca que está afiando e pisca. "Está me oferecendo?"

Ai, meu Deus, não é hora para insolência! Por que os homens ficam falando justamente quando deveriam calar a boca e ouvir?

"A única coisa que estou oferecendo é a chance de escolher o seu túmulo antes de eu te enterrar", dispara Armani, dando um passo ameaçador para frente que não consigo impedir.

"Me desculpe", digo sem emitir som para Javi, agarrando o braço do meu irmão e usando todo o meu peso para impedi-lo de ir mais longe. A última coisa que eu preciso é que ele seja esfaqueado ou, pior, que acabe na guilhotina por assassinato.

"Matteo, me ajuda", rosno, lançando-lhe um olhar fulminante.

"Mas eu quero que eles se batam", ele resmunga, mas relutantemente obedece, entrando no espaço entre os dois homens. "Muito bem, rapazes, vamos com calma, estamos na presença de uma dama."

"Você é o instrutor dela, porra, não tem o direito de olhá-la como se fosse uma oportunidade. Você deveria ensiná-la alguma coisa, não cravar os dentes nela com essa sua cara de bonitão idiota e—"

"Então você acha que eu sou bonita", Javi interrompe, não ajudando em nada a situação.

"Você não vai se arrepender se encostar um dedo na Jade", Armani jura, com

os olhos faiscando de ameaça.

“Podemos falar mais baixo, por favor?”, pergunto, rangendo os dentes. A última coisa que precisamos é de mais atenção para essa situação.

“Tá bom, vou entrar na conversa”, Javier começa. “O que exatamente eu fiz para te irritar? Porque estou ficando ainda mais confuso.” Seus olhos se voltam para mim. “Eu fiz alguma coisa na aula que te deixou desconfortável?”

“Não, não”, respondo rapidamente. “Você estava bem, eu juro.”

Tranquilo, ele olha para meus irmãos. “Então, o que eu fiz?”

“Você é um—”

“Espera”, Matteo interrompe, levantando a mão para impedir Armani. “Ele não sabe.”

Armani parece querer dar um tapa na cabeça de Matteo, mas se contém. "Como assim ele não sabe, porra? Ele que fez!"

"Acho que não", responde Matteo, arrastando as palavras, duvidoso.

"Agora estou confusa", admito, começando a sentir dor de cabeça.

"Estou na mesma", acrescenta Javi, erguendo as mãos. "O que eu fiz ou não fiz?"

"Apollo me mandou um e-mail sobre pessoas me pedindo em casamento", explico, tropeçando nas palavras. "O seu estava na lista."

Os olhos de Javier se arregalam, as sobrancelhas quase tocando a raiz do cabelo. "Que porra é essa?"

"Viu?", aponta Matteo. "Ele não sabia."

"Ele pode estar mentindo", observa Armani, obviamente.

“Nunca enviei uma proposta de contrato na minha vida”, nega Javi, com convicção na voz. “E não é por nada, tenho certeza de que sua irmã é ótima e tudo mais, mas casar com ela é a última coisa em que penso agora. O máximo que pensei sobre ela na aula foi em como ela provavelmente vai precisar de facas personalizadas quando sair daqui, porque as mãos dela são minúsculas. Estou ocupado demais para ficar pensando em casamento.”

Facas personalizadas seriam ótimas—

“Se você não fez uma proposta de casamento, então seu pai fez”, deduz Armani, ignorando a explicação. “E se seu pai fez uma proposta, você contou a ele sobre a Jade.”

“Acabamos de chegar. Nem falei com meu pai ainda”, defende-se Javi. “Você dá tantas aulas quanto eu, já falou com o seu?”

“Você espera que eu acredite que não se reportou a ele? Ele não faria uma oferta sem confirmar que ela existe e que atende aos padrões.” Armani faz aspas com os dedos em “atende aos padrões”, o que me faz franzir a testa.

Faço uma careta. “O que isso quer dizer?”

“Ele não faria uma oferta sem saber que você é bonita o suficiente para o filho bonito dele”, explica Matteo, sem rodeios.

“Isso é tão—” Nem sei o que ia dizer, mas é estranho.

“E também que você é intocada.”

“Não me chame de intocada, é assustador”, exclamo, virando o nariz para Matteo.

“Você perguntou”, ele se defende, bufando.

Contenho um grito de frustração. Como é possível saber se alguém é virgem só de olhar? A menos que as pessoas estivessem prestando muita atenção na festa e agora todo mundo saiba.

Aff, eu diria que nada de bom vem de sair escondida, mas não posso. Ver o Dmitri valeu a pena se a minha língua solta for a causa disso.

“Ele deve tê-la visto”, afirma Javier, com uma expressão que demonstrava alguma compreensão. “Ele jamais arriscaria a vergonha de enviar uma proposta para alguém que não viu — só por precaução, caso ela não existisse de verdade. Vocês postaram alguma foto dela antes de virem para cá?”

“Se tivéssemos postado, você teria visto”, retruca Armani, ainda irritado, mas bem menos barulhento. Graças a Deus.

“O que significa que ele a viu desde que ela chegou”, conclui Matteo, esfregando a nuca. “O que significa que temos um problema.”

Armani olha para o nosso irmão. “Você acha que…”

“Alguém tem um celular no campus.”

Capítulo 18



Jade

É a primeira coisa que digo a Dmitri quando o vejo novamente. Dois dias se passaram desde nosso encontro com Javier, e finalmente consegui um tempo para escapar e vê-lo. Será que eu deveria ter saído escondida do meu quarto no meio da noite para ir ao dele? De jeito nenhum. Foi um pouco imprudente, mas menos agora que proibi Matteo de entrar no meu quarto pelos próximos dias, alegando estar menstruada.

Não é mentira nenhuma, eu menstruei ontem de manhã, mas não estou tão desconfortável quanto dei a entender. Tive minha primeira menstruação completa em anos um mês depois de me mudar para a casa da minha família, e foi um caos, para dizer o mínimo. Todas as emoções me atingiram como um caminhão, e era como se cada cólica que eu tinha perdido quisesse compensar o tempo perdido.

Matteo era o único em casa comigo quando aconteceu, e tenho quase certeza de que o traumatizei para sempre. Como eu só tinha pequenos sangramentos devido à falta de nutrição e uma dieta balanceada, não estava nada preparada para a quantidade de sangue que ia receber. Sem nenhum produto de higiene feminina à vista, tive que mandar o Matteo à farmácia para mim. Ele resolveu tudo sem problemas, trazendo várias opções para eu escolher, incluindo um coletor menstrual que ainda está guardado, sem uso, embaixo da pia do meu banheiro.

O que veio depois, ele não conseguiu suportar. Confesso que fui um pouco grosseira com ele. Eu estava com uma dor insuportável, a ponto de considerar chamar um médico ou ir ao hospital. Todos os absorventes, analgésicos e

chocolates do mundo não me aliviaram, e o pobre Matteo teve que aguentar tudo sozinho. Foram cinco horas em que eu fiquei irritada, chorando e me revirando no sofá de dor, até que ele colocou uma bala de goma na minha boca, dizendo para eu mastigar e engolir se quisesse me sentir melhor.

Tive vontade de cuspir nele, mas ele parecia tão estressado que obedeci. A coisinha tinha um gosto estranho, mas percebi o porquê em uns quarenta minutos. Ele tinha me dado drogas. Drogas gloriosas e doces que trazem alívio. Devo tê-lo agradecido quinhentas vezes antes de dormir. Minha boca estava seca pra caramba quando acordei, mas me senti dez milhões de vezes melhor pela manhã.

Meu pai gritou com ele por causa disso, claro, mas eu o defendi. Era uma balinha de maconha, mal dava para alguém do meu tamanho, aparentemente. Matteo fez a coisa certa, e eu mantenho minha posição. Às vezes ele ainda me oferece uma quando estou menstruada — o que ele agora monitora para se preparar —, mas nem sempre preciso. A primeira foi de longe a pior, e me sinto orgulhosa por ter aprendido sobre meu corpo e como aliviar o que ele precisa.

Mas, já que fui torturada por ela uma vez, me sinto justificada em usá-la como desculpa para ter um pouco de espaço desta vez. Uma garota e sua menstruação precisam se unir de vez em quando.

Por sorte, o fato de eu não saber o número do quarto do Dmitri antes de vir correndo para cá não foi um problema. Havia uma garota com uma tatuagem do Morozov no pulso no corredor quando entrei, e ela me ajudou imediatamente. Não houve nenhuma apresentação, apenas um "Você está aqui por causa do Dmitri?" e meu "Sim" entusiasmado foi o suficiente para ela.

Agora estou sentada na cama de um rapaz que não é meu parente pela primeira vez, mordendo o lábio enquanto espero Dmitri voltar com Ivan. Assim que vomitei tudo o que sabia, ele disse que Ivan também precisaria saber. Não estou chateada com isso, mas uns beijinhos antes teriam sido legais. Quer dizer, corri uns oito minutos para chegar aqui enquanto meu útero se despedaçava por dentro. Acho que isso merece um beijinho de boas-vindas. Talvez depois que Ivan for embora.

Talvez não, porque Dmitri definitivamente está um pouco chateado comigo por ter vindo sozinha à noite. A expressão no rosto dele quando abriu a porta era de alívio e, ao mesmo tempo, de puro terror. Ele me checou cinco vezes, certificando-se de que ninguém falasse comigo ou me tocasse enquanto eu corria para cá, antes que eu pudesse explicar por que precisava vir.

A porta se abre com um clique, o som da tranca me fazendo endireitar a coluna. Ivan entra primeiro, seguido por Dmitri, que fecha a porta imediatamente.

"Oi, Jade", Ivan cumprimenta, puxando uma cadeira para perto da cama enquanto Dmitri se senta ao meu lado. "Você está bem?"

“Estou bem”, respondo, sorrindo para a pergunta. Ivan é um querido, a energia dele é tão agradável. “Dmitri te contou tudo?”

“Entendi o básico”, diz ele, sentando-se. “Propostas de casamento secretas, Javier, suspeita de que alguém aqui tenha um celular?”

“É, basicamente isso”, respondo. “Sinto muito pelo Javi. O Armani surtou um pouco com ele antes de descobrirmos que ele não sabia de nada.”

“Ele é seu irmão”, diz Ivan, dando de ombros. “Tenho certeza de que Javier entende. Ele também tem uma irmãzinha.”

Eu não sabia disso.

“Que bom que você tem essa aula comigo”, admito, mordendo a bochecha. “Eu estava quase enlouquecendo tentando convencê-los de que o Javier não tinha feito nada de errado comigo. Ele só dá aula. Você viu, né?”

“Com certeza”, concorda Ivan, sem hesitar. “O Javier não está procurando um caso, muito menos uma esposa. Ele está muito focado em terminar este semestre.”

Surto aliviada. Pelo menos tenho o Ivan, que também viu. Não tem a menor chance de o Javi estar tentando se casar comigo em segredo.

“Eu só queria saber por que isso está acontecendo”, admito, com tristeza. “Parece que é algo mais sério do que uma simples proposta de casamento, sabe?”

Os irmãos trocam um olhar.

“Tem algo que precisamos te contar”, Ivan começa, dando um sorriso forçado para Dmitri, incentivando-o a falar.

“É mesmo?” pergunto, sem saber se devo começar a me preocupar.

Dmitri pigarreia. “Nossa família tem uma tradição que praticamos quando participamos do Empire.”

“Uma tradição perigosa”, acrescenta Ivan, claramente sem querer amenizar a situação.

“Ah, é? Quão perigosa?”

“É complicado”, responde Dmitri. “Os Morozov ganham a maior parte do dinheiro com cassinos, lavagem de dinheiro… e comércio.”

Certo, nada muito assustador por enquanto.

“Tipo tráfico de drogas?” pergunto, curiosa.

“Ocasionalmente”, afirma Dmitri vagamente. “Mas, na maioria das vezes, nos concentramos em levar coisas para pessoas em áreas de difícil acesso. Fornecemos coisas que elas não conseguiriam obter sem a nossa ajuda.”

“Áreas difíceis? Como aqui?” pergunto, desejando que eles falassem

simplesmente. Sei que sou nova neste mundo, mas consigo lidar com isso, de verdade.

“Exatamente como aqui”, responde Ivan. “Dmitri, com a minha ajuda e a dos nossos membros aqui, sai do campus para se encontrar com nossos fornecedores a alguns quilômetros da costa. Algumas vezes por mês, durante o semestre de cinco meses, ele traz contrabando, e nós o vendemos por dinheiro ou favores contratados.”

Minha boca se abre em espanto. “Vocês saem? C-como isso é possível? Vocês não são pegos?”

“Nossa família faz isso desde que a academia abriu, Jade”, diz Ivan com leveza. “Temos nossos métodos, mas isso não vem ao caso.”

Nervosa, meus olhos alternam entre os dois homens. “Qual é o ponto?”

“Ninguém mais entra e sai”, diz Dmitri. “Ninguém que não esteja comigo, e não trazemos celulares. Nunca. Nada de celulares, câmeras ou gravadores. Qualquer coisa que possa ser usada contra nós, não tocamos.”

Ok, quanta informação de uma vez. Acho que entendo a relutância em revelar tudo de uma vez.

“Você está mesmo confiando em mim com um segredo desses?”, pergunto, mal conseguindo conter meu sorriso surpreso. Dmitri deve querer muito ficar comigo se está me contando algo tão comprometedor para ele e sua família.

Eu poderia contar isso para qualquer um e colocá-lo em sérios apuros. Mas eu jamais faria isso, e parece que ele já sabe. Que lisonja.

“Eu sei que você vai guardar”, ele diz, depositando um beijo carinhoso no meu ombro.

“Vou sim”, prometo, mesmo que não seja necessário.

Trocamos um olhar intenso antes de Ivan pigarrear, e eu me recomponho do transe momentâneo. Ainda não é hora de beijos.

“O Dmitri sai do campus em horários aleatórios algumas vezes por mês para contrabandear coisas que vocês vendem?”, pergunto, para ter certeza de que ouvi direito. “Mas não celulares, porque eles comprometem a operação de vocês.”

“Porque celulares tiram fotos”, acrescenta Ivan, concordando com a minha conclusão. “Então, se alguém tem um celular aqui, é porque alguém o contrabandeou.”

“Eles não poderiam ter trazido no navio?”

“Não”, Dmitri responde baixinho, sem dar muita importância. “A nave tem sensores tecnológicos por toda parte. Ninguém tenta sequer tentar levar celulares ou computadores escondidos. É um dos motivos pelos quais eles preferem que os jatos não pousem aqui, a menos que seja uma emergência. Qualquer pessoa que entre e saia daqui sem o seu próprio meio de transporte — o barco —

representa um risco.”

“Certo”, murmuro, compreendendo. “Então, se você não trouxe o aparelho e não sabe quem mais poderia conseguir um escondido, estamos perdidos.”

“Mas o Dmitri talvez consiga descobrir alguma coisa quando encontrar nosso próximo contato”, Ivan observa, lembrando-me por que o assunto foi levantado. “Ele precisa usar um telefone no ponto de acesso e talvez consiga descobrir se alguém ouviu falar de algum vazamento.”

“É improvável”, avisa Dmitri, preparando-me para uma possível decepção. “Você trouxe seu leitor de e-mails?”

“Trouxe!”, confirmo, animada por estar preparada para algo. Tiro-o do bolso do meu moletom e aceno para ele.

“Posso?”, pergunta ele, e eu me derreto. Boas maneiras são tão atraentes.

“Claro.” Entrego-o a ele e observo atentamente enquanto ele lê minha sequência de e-mails com Apollo. Seus olhos percorrem a conversa rápida e cuidadosamente, analisando-a como se fosse um livro.

“Ele não parece preocupado com as ofertas”, observa. “O que significa que ou ele está escondendo algo, ou não houve nenhum vazamento público.”

“Então, quem quer que esteja com o telefone não está me difamando nas redes sociais, mas enviando fotos e informações secretas sobre mim para os chefes de diferentes organizações sem nenhum motivo aparente?”

“Pode não haver um motivo aparente, mas sempre há um”, corrige Dmitri. “Alguém tem um telefone nas dependências do Império e está usando-o para garantir que você fique noivo. Não importa quem seja, eles só querem que você saia do mercado.”

“Uma garota, você acha?” pergunto, franzindo as sobrancelhas.

“Pode ser.” Ivan concorda com a cabeça. “Se livrando da concorrência para conseguir alguém que eles querem para si?”

“Ou me afastando dos meus irmãos”, murmuro, pensando a respeito.

É possível, mas eu realmente não gosto da ideia.

“Como assim?”, pergunta Ivan. “Você acha que alguém quer que você se case para ficar mais longe dessa pessoa? Por quê?”

“Tem algumas pessoas que poderiam fazer isso”, admito, sentindo um enjoo repentino. “Lorna é a que faz mais sentido. Ela tem uma obsessão assustadora pelo Armani. Tipo, ela realmente acha que eu sou uma ameaça ao relacionamento dela com ele, mesmo sendo parentes de sangue. Acho que se ela descobrisse que existe algo mais do que amor fraternal entre nós, ela tentaria usar meu rosto para ficar com ele.”

“Nossa”, exclama Ivan, jogando a cabeça para trás em sinal de nojo. “Lorna é uma possibilidade, então, mas é tão difícil para os funcionários contrabandear

coisas quanto para os alunos. Em quem mais você está pensando?”

“Vai parecer loucura”, admito, cruzando os braços.

“Confie em mim, não vai”, diz Ivan, convicto de suas palavras.

“O que é?”, pergunta Dmitri, acariciando meu braço delicadamente com as costas da mão. “Você pode nos contar, Krasotka.”

Krasotka. Anoto mentalmente para perguntar o que isso significa mais tarde.

“Parece absurdo”, repito, só para garantir que estejam preparados. “Mas talvez não seja um aluno. Talvez tenha sido alguém tirando fotos antes de eu entrar no barco para dar a impressão de que foi.”

“Alguém que trabalha para a sua família?”, pergunta Ivan.

“Não, duvido”, respondo rapidamente. “Todos lá me tratam como família. Eu só…” Engulo as palavras, tentando encontrá-las. “Acho que talvez minha mãe tenha algo a ver com isso.”

Dmitri inclina a cabeça. "Sua mãe?"

"Kim", corrijo-o, detestando o termo maternal associado ao seu título.

Não há nada de maternal nela. Alimentei a esperança de que ela fosse uma mãe para mim por tempo demais, mas depois de ver como o amor de uma mãe deveria ser, não há um pingo sequer de saudade dela.

"Não sei como os boatos se espalharam para vocês, mas só conheci meu pai há seis meses", admito, sentindo-me um pouco tímida em revelar qualquer detalhe do meu passado. Se eles podem confiar em mim com um segredo tão grande, posso confiar neles com alguns dos meus. "Até então, eu morava com a Kim e... o namorado dela, Bruce. Eles eram horríveis."

O clima fica tenso, como sempre acontece quando meu passado é mencionado perto da minha família. Não é um assunto agradável e, para qualquer pessoa com um mínimo de moralidade, é uma conversa difícil.

"Não quero entrar em detalhes agora, tudo bem?", pergunto, vulnerável, mas sem dar margem para resposta. Mal consegui contar tudo para Apollo naquela noite, e ele está literalmente ligado a mim por DNA. "Não duvido que eles fariam algo assim."

Dmitri e Ivan parecem estar com uma expressão sombria, e sei que o que eu disse é o responsável por isso. Felizmente, eles não insistem. Na verdade, leva um longo tempo até que qualquer um deles decida o que perguntar em seguida.

“Por que você acha que eles querem que você fique longe da sua família?” A pergunta, cuidadosamente formulada, vem de Ivan.

Solto um suspiro que prendia. “Provavelmente estão bravos”, admito. “Sei que o que vou dizer agora vai gerar muitas outras perguntas, mas se você pudesse evitar perguntar, seria ótimo.”

“Vamos evitar”, promete Dmitri imediatamente, me oferecendo um alívio

momentâneo. “Por enquanto.”

É tudo o que preciso. Se meus sentimentos por esse homem forem tão fortes quanto penso, não vai demorar muito para que eu me sinta confortável e me abra completamente.

“A única razão pela qual sei quem é meu pai é porque Kim queria que ele me matasse”, confesso, com a voz trêmula. “Houve um… incidente, e eu me defendi do Bruce.”

Esfrego a nuca, tentando me livrar do arrepio que começa a subir.

"Eu o esfaqueei, hum, algumas vezes", admito. "Kim surtou e tentou me expulsar de casa, mas eu ainda não tinha dezoito anos, e a polícia não deixou. Então, quando perguntaram se havia algum parente que pudesse me acolher, ela disse que sim."

Não importa quantos meses tenham se passado, ainda sinto a traição me invadindo quando penso naquele dia.

"Eu sempre achei que meu pai não queria nada comigo, mas Kim disse ao policial que meu pai era Dante Moretti. Ela disse que esperava que ele tivesse me matado à vista. Não a vi desde então."

Omito o fato de que a agredi repetidamente e que ela desapareceu do hospital antes que meu pai pudesse chegar até ela.

“Por que ela esperaria que Dante a matasse?”, pergunta Ivan, em meio ao choque e à confusão.

Faço uma careta, olhando para o meu colo.

“Ela disse que ele não ia querer uma prostituta como filha”, sussurro, correndo imediatamente para me defender. “Mas eu não sou, eu juro. Eu nunca __”

“Não defenda sua castidade para mim, Krasotka”, interrompe Dmitri, balançando a cabeça. “Seu primeiro beijo foi nos meus lábios, eu sei que você não é o que ela disse que você é.”

“Mesmo se fosse, você não mereceria a morte”, diz Ivan, cerrando os punhos.

“Mesmo se fosse, você ainda seria minha”, jura Dmitri, derretendo minha alma. “Venha aqui, Krasotka.”

Num instante, sou envolvida por braços fortes, puxada para um abraço carinhoso que me faz lacrimejar. Enquanto seu irmão me abraça forte, Ivan me dá um beijo carinhoso no topo da cabeça.

O conforto que eles me proporcionam me acalma o suficiente para falar novamente, e eles se afastam. Dmitri permanece perto, segurando minha mão enquanto Ivan volta para o seu lugar.

"Então temos três suspeitos", concluo, fungando. "Para onde vamos agora?"

"Eu sei que você acha que Kim é capaz de te machucar, e nós acreditamos em você, mas você sabe como ela está contatando essas pessoas?", pergunta Ivan, cautelosamente. "Ela faz parte de alguma gangue? Ela tem muito poder ou influência?"

Tento pensar sobre isso porque tenho a mesma dúvida. Se forem mesmo Kim e Bruce, eles subiram de nível. Não é impossível conseguir informações de contato das pessoas com quem eles devem estar se comunicando, mas também não é fácil.

"Não sei bem como", admito. "Só sei que eles são bons em conseguir o que querem e são muito espertos. Meu pai sabe de tudo o que eles fizeram e não conseguiu encontrá-los. Ele quer matá-los há meses."

"Foi difícil?", pergunta Ivan. "Contar para o seu pai?"

É uma boa pergunta, embora eu não entenda por que ele a fez. Racionalmente, faz sentido. Assim, ele pode tentar avaliar o quão mal eu fui tratada sem pedir detalhes. Mas algo me diz que ele tem outro motivo para querer saber.

De qualquer forma, estou disposto a responder. Se não for para dizer mais nada, que seja para dar crédito ao Apollo por quão incrível ele foi comigo durante aquele período. Acho importante que mais pessoas saibam que ele não é apenas a pessoa mal-humorada e grosseira que mostra para todos. Ele é um irmão e um homem incrível.

"Apollo contou para ele por mim", revelo, apertando a mão de Dmitri em busca de conforto. "Eu contei tudo para ele, e não foi fácil. Principalmente porque tudo saiu muito rápido. Eu mal tinha chegado lá, e já tinha me contado alguma coisa. Eu não conseguia esconder, mas também não podia contar para um monte de gente de uma vez. Meu pai sugeriu que eu contasse para uma pessoa só, e eu escolhi o Apollo."

“Você é mais próxima dele?”, pergunta Dmitri. Percebo que ele está tentando mudar de assunto delicadamente, por minha causa. Droga, ele é tão incrível. Eu gosto tanto desse homem.

“Dele e do Matteo”, respondo, agora com um sorriso genuíno. “Amo todos os meus irmãos, mas dois deles têm filhos e esposas, então não os vejo com tanta frequência. O Matteo, porém, fez questão de ser meu irmão desde o início. Ele quebrou o gelo ao conhecer gente nova. Fazia piadas e deixava o clima mais leve. Agora somos muito próximos, tipo, fazemos festas do pijama no meu quarto.”

“E o Apollo?”

“É difícil explicar sem parecer um pouco louca, mas Apollo é como um deus de verdade. Ele me faz sentir em um nível totalmente diferente de segurança.

Não só fisicamente, mas mentalmente também. Ele me acalma e me anima só por estar ali.”

“Que bom”, comenta Ivan, e eu concordo rapidamente com a cabeça.

“É mesmo”, concordo. “Algum de vocês já conheceu o Apollo? Ou o viu?”

“Não”, respondem os dois.

“Bem, muita gente acha que nos parecemos. Ele é a cara do meu pai, e eu sou a cara dele, segundo praticamente toda a nossa família. Eu gosto disso nele também. Me faz sentir mais próxima deles, por me parecer tanto com o Apollo e com o meu pai. Nossos narizes são iguais, assim como nossos olhos e cabelos. Matteo acha que sorrimos igual, mas o Apollo não mostra muito o dele.”

“É impossível alguém se parecer com você”, comenta Dmitri, com doçura. Sei que é um elogio, pelo jeito carinhoso como ele me olha.

“Todos nós nos parecemos um pouco”, digo, com as bochechas coradas. “Papai tem genes fortes. Leon é o único que se parece mais com a mãe. Ele é loiro como ela era. E Elio e Emilio são os únicos que têm os olhos castanhos escuros dela. Não consigo imaginar como o típico azul Moretti ficaria neles.”

Os dois riem baixinho, e meu peito se enche de alegria. Eles estão interessados nisso, mesmo que não seja algo de vital importância para suas vidas. Ambos querem saber mais sobre mim e minha família.

“Ainda não a conheci, mas aparentemente, a filha do Emilo também tem os nossos olhos azuis. As aulas de ciências na escola pública me deram um desastre, então não faço a mínima ideia de como isso funciona, mas estou ansiosa para vê-los com meus próprios olhos. Tenho dois sobrinhos e uma sobrinha, mas ainda não os conheci. Depois deste semestre, porém, terei a minha chance.”

Estou muito animada. Nunca peguei um bebê no colo, mas o Matteo garante que é moleza. Ele me disse que segurar um bebê só dá medo até você estar segurando. Ele já segurou todos eles, então vou confiar na palavra dele por enquanto.

Meu relógio apita no início da hora e percebo que é meia-noite. “Droga”, murmuro, tentando não franzir a testa. “Acho que devo voltar logo.”

Ivan se levanta, sacudindo a poeira das calças. "Vou dar um tempinho para vocês dois."

Tento não soltar um gritinho. Talvez ainda haja tempo para uns beijos. Nossa, é normal desejar beijos assim? O Dmitri me viciou neles.

Antes de sair, Ivan me manda um sorriso e um aceno discreto. "A gente se fala, Jade."

"Tchau", digo, sorrindo e acenando de volta.

Assim que ficamos sozinhos, sou puxada para o colo do Dmitri, com a bunda

entre as pernas dele como se ele fosse me carregar. Me ajeito no abraço, apertando-o um pouco mais. "Senti sua falta", ele murmura no meu pescoço, inalando o perfume do meu cabelo.

Só se passaram dois dias, mas... "Eu também senti sua falta."

“Da próxima vez, peça a alguém por mim”, ele instrui, firme, mas cuidadoso. “Não vou conseguir dormir à noite se você não prometer que nunca mais fará isso.”

Engulo em seco, franzindo os lábios. “Desculpe, não queria te assustar. Não farei de novo se isso te preocupa tanto, eu prometo.”

“Mas?”, ele pergunta, percebendo minha hesitação.

“Só quero poder te ver mais”, admito, sem me importar se soa possessivo. É a verdade.

Ele assente, compreendendo. “Ivan e eu cuidaremos de você de agora em diante.”

Meu coração dispara. “Vocês vão?”

“Claro.”

Suavemente, passo o polegar sobre seus lábios. “Pode me beijar agora?”

A boca de Dmitri se abre em um sorriso sensual. “Estava esperando por isso, Krasotka?”

“A noite toda”, confesso, sem fôlego.

“Bem, não podemos deixar isso acontecer”, ele estala a língua.

Dmitri pressiona seus lábios contra os meus com força, beijando-me como se nossas vidas dependessem desse toque. Seu gosto me faz arfar, e ele usa a abertura entre meus lábios para me inundar com mais dele, a língua penetrando por entre eles. Ainda não domino completamente essa parte, mas sigo seu exemplo, buscando a sensação que sinto quando nossas línguas se entrelaçam.

Me ajeito em seu colo, tentando me posicionar para ficar mais perto enquanto nos beijamos. Minhas coxas acabam de cada lado de seus quadris, apertando-os com força para me sustentar. Preciso abrir as pernas para envolver seu corpo robusto, mas vale muito a pena.

Meus dedos se agarram ao seu pescoço musculoso, cravando-se com força suficiente para deixar marcas brancas quando finalmente o solto — talvez até hematomas, se eu o mantiver aqui por tempo suficiente. Eu o manteria aqui para sempre, se ele me deixasse.

Uma de suas mãos me firma, segurando-me pela frente da coxa. Ele consegue segurar tanto que me sinto ancorada, menos como se eu pudesse escorregar por causa da largura das minhas pernas, e mais como se estivesse firmemente no lugar. Seus dedos estão escondidos sob minha saia, mas não sobem. Mesmo assim, o toque me dá uma onda de excitação que me faz pensar

que deveríamos ir muito mais rápido do que estamos. Tudo em Dmitri Morozov me excita.

Sua outra mão segura meu rosto, dois dedos abaixo da minha orelha, os outros acima. É uma sensação tão boa, como se ele me possuísse com um simples toque. O jeito como ele controla o peso da minha cabeça, usando o toque para me excitar ainda mais.

"Você é meu namorado, certo?" pergunto, interrompendo o beijo e corando intensamente. "Posso te chamar assim na minha cabeça?"

"Sou seu", ele responde imediatamente, inundando meu cérebro com serotonina. Seus lábios pressionam meu queixo. "Você pode me chamar do que quiser."

"Como você me chama na sua cabeça?" pergunto, mordendo o lábio.

"Meu", ele diz simplesmente.

"É isso que Krasotka significa?" pergunto, tentando não pronunciar a palavra errada.

“Não.” Ele sorri, fazendo círculos com o polegar na pele macia da minha coxa. “Krasotka significa linda.”

Meu rosto cora. “Nossa”, respiro fundo. “Que fofo.”

“É verdade”, ele afirma simplesmente. Sua mão repousa na lateral do meu rosto, o polegar acariciando suavemente minha maçã do rosto. “Você é a coisa mais linda que eu já vi.”

Não tem como isso ser verdade, mas eu não ligo. Eu sei que ele se sente assim, mesmo que já tenha visto pessoas fisicamente mais bonitas, ele não as vê dessa forma. Ele me vê dessa forma.

“Você já fez sexo antes, né?” Eu pergunto de repente, tapando a boca com a mão assim que as palavras saem. “Você não precisa responder”, acrescento imediatamente.

“Já fiz”, ele responde, indiferente à minha intromissão. Nem sei por que perguntei, já que é praticamente uma certeza, considerando a idade e a posição dele. Homens da máfia encaram a promiscuidade sexual como algo extremamente normal. “Isso te incomoda, Krasotka?”

Bem, eu não gosto.

“Não”, digo, por fim. “Você não controla o seu passado, assim como eu não controlo o meu. Fico um pouco aliviada que pelo menos um de nós saiba o que eles estão fazendo.”

E eu acabei de insinuar que vamos transar. Preciso mesmo aprender a filtrar meus pensamentos antes de falar sem pensar perto dele. Ele faz todos os meus pensamentos cuidadosamente elaborados simplesmente desaparecerem da minha cabeça assim que nossos olhares se encontram.

Ele abre um sorriso encantador. "Não precisamos nos preocupar com isso por enquanto, querida."

Meu Deus, ele me chamar de querida me faz desejar estar com ele. Como é que uma simples palavra me atinge tão forte? Sério, será que estou pulsando?

Espera, o que ele disse antes disso?

"Não?" pergunto, franzindo a testa. Será que ele realmente não quer transar comigo? Ele acabou de dizer que eu sou dele!

"Krasotka, quando eu transar com você, você vai estar perdidamente e irrevogavelmente apaixonada por mim. Vai ser logo depois que eu colocar um anel neste seu dedinho", ele diz com ousadia, erguendo minha mão esquerda para enfatizar meu dedo anelar. "E até você estar pronta para isso, nossas roupas ficam."

Puta merda.

Engulo em seco, sentindo uma sede repentina. "Você sabe que não pode dizer coisas assim enquanto me diz que não podemos nos pegar", reclamo, puxando a frente da camisa dele para dentro das minhas mãos. "Não é justo."

"Não foi isso que eu disse, Krasotka", ele responde, estalando a língua. "Eu disse que não ia transar com você, nunca disse que não ia cuidar de você."

"Ah, é?"

"Hum-hum", ele concorda, o som vibrando em seu peito.

Engulo em seco. "Algo para esperar ansiosamente?"

O sorriso dele me causa uma sensação de calor intenso entre as coxas.

"Você não faz ideia, Krasotka."

Capítulo 19



Jade

Dmitri me acompanhou até o meu prédio, fazendo o mesmo que Ivan havia feito antes: esperando que eu acenasse lá de cima antes de desaparecer na noite. Meus lábios ainda estavam inchados de tantos beijos, e uma onda de desejo me invadia.

Eu nunca havia me tocado até alguns meses atrás, mas aquele desejo, agora familiar, crescia de uma forma incontrolável. Então, entrei no chuveiro, apenas para usar o chuveirinho para me aliviar. Precisava fazer silêncio, mas não demorou muito. Só de pensar em Dmitri, eu já estava mordendo a mão e tremendo até ter um orgasmo em menos de dois minutos. Quando me deitei, adormeci pensando em como seria muito melhor se Dmitri fizesse isso comigo.

No café da manhã do dia seguinte, um administrador que eu não conhecia me entregou um papel com os detalhes da minha nova aula de culinária. Isso me lembrou que eu ainda não tinha contado aos meus irmãos sobre o desafio. Sinceramente, eu também tinha meio que esquecido. O período de transição, com a mudança de horário, fez com que o assunto culinária saísse completamente da minha cabeça. Sem mencionar todo o outro caos que ocupava espaço na minha mente.

É claro que, quando relutantemente revelei como me livrei da aula introdutória de culinária, eles imediatamente exigiram saber quem me ajudou. Até o Nico deixou de lado seu desinteresse habitual para me importunar.

“Não é nada demais, pessoal”, insisto, mandando-os calar a boca com os olhos arregalados. A atenção de todo o refeitório às oito da manhã não me parece nada atraente.

“É sim”, declara Matteo, ainda conseguindo enfiar a omelete na boca enquanto se preocupa comigo. “Você fez história, e fez isso pelas nossas costas.”

“Tá bom, isso é um pouco dramático”, protesto.

“Não é”, argumenta Remo. “Você se associou a alguém que não é nosso aliado e está se recusando a nos dizer quem. Isso é suspeito e preocupante, Jade.”

“Não seria tão preocupante se vocês tivessem um mínimo de confiança nas minhas habilidades”, murmuro tristemente. “Não basta que eu esteja obviamente segura e que meu plano tenha funcionado? Por que tudo tem que ser um drama tão grande—”

“Você ainda não entende o quão perigoso é o nosso mundo, maninha”, Matteo me diz suavemente, dando um tapinha na minha mão. “Você acha que viu uma amostra, mas não entende completamente.”

“Há um milhão de peças funcionando, e vocês estão preparados para algumas centenas delas”, acrescenta Nico.

“Não estamos perguntando para poder atacar a pessoa”, Remo me garante. “Queremos saber para podermos ficar de olho nela.”

Exatamente o que eu não quero.

Cruzo os braços sobre o peito, meu muffin de mirtilo há muito esquecido. "Ótimo, então alguém faz algo legal para mim e, em troca, ganha quatro perseguidores?"

"Chame isso de recompensa", diz Nico, dando de ombros.

Cerro os dentes. "Vou chamar de nada, porque não vou contar para nenhum de vocês."

"Ah, é? É assim que você quer jogar?" pergunta Armani, largando o garfo.

"Não estou tentando jogar nada", defendo, apertando a ponte do nariz. "Podemos, por favor, parar com isso? Os últimos dias já foram estressantes o suficiente."

"Não", responde meu irmão.

"Eu—" não consigo terminar a frase porque ele já está se mexendo.

Armani se levanta da cadeira, levando as mãos à boca para gritar. Suas tatuagens pretas como azeviche, em contraste com sua pele levemente bronzeada, só enfatizam a ação. Antes que eu possa impedi-lo, ele já tem a atenção de todos na sala. "Dou cinquenta mil dólares para a primeira pessoa que me disser quem comeu a comida da minha irmã no desafio do primeiro ano!"

Rugidos de murmúrios irrompem ao nosso redor e eu o belisco pela perna, puxando sua calça. "Desce."

"Alguém?" Armani grita novamente.

"Matteo, por favor", imploro, agarrando seu braço com força. "Tire ele do

chão antes que eu morra de vergonha. Isso não é justo."

Meu irmão hesita, franzindo o nariz antes de se levantar e puxar Armani da cadeira. "Nada para ver aqui, pessoal", anuncia. "Voltem para o café da manhã."

Armani e Matteo trocam uma discussão acalorada, mas sussurrada, até que Armani se senta novamente, claramente convencido a deixar o assunto para lá. Pelo menos por enquanto.

Sinto uma queimação de vergonha nas orelhas e coloco meu muffin na frente de Matteo, sem apetite nenhum. O pouco de fruta que eu já comi vai ter que ser suficiente até mais tarde, porque não consigo comer mais nada agora.

Armani me observa entregar minha comida e franze a testa.

"Você está—"

"Nunca mais faça isso comigo", sussurro com raiva, interrompendo-o.

"Jade", Armani tenta dizer, com o rosto empalidecendo.

“Eu sei que você não se importa com o que as pessoas pensam de você, mas eu me importo em causar uma boa impressão. Tudo o que eu faço reflete no papai, e estou tentando não desonrar a primeira pessoa que já me amou.”

“Droga”, ele geme, passando a mão pelo rosto. “Desculpa, tá bem?”

“Então você vai parar com isso?”

Seus lábios se comprimem em uma linha. “Você sabe que não posso.”

“Então você não está muito arrependido, né?” Segurando minha garrafa de suco de laranja vazia e minha salada de frutas meio comida, me levanto e saio pisando duro para jogá-las fora.

Eu sei que não deveria ficar tão chateada com as perguntas deles, estou ativamente escondendo coisas deles, mas um pouco de privacidade não é pedir demais. Posso amar o quanto eles são superprotetores e me frustrar com isso ao mesmo tempo.

Enquanto jogo o lixo fora, percebo olhares familiares me observando. Os lábios de Ivan se curvam num sorriso e ele me pisca. Solto um suspiro, compreendendo o significado maior daquele pequeno gesto. Ninguém vai aceitar a proposta de Armani. Todos que estavam no pátio das ruínas naquele dia devem estar com eles ou facilmente comprados.

Meus homens Morozov já lidaram com quaisquer rumores sobre o dia do desafio, tirando uma preocupação a menos do meu prato metafórico.

Logo após o café da manhã, Remo me mostra onde ir para o meu primeiro dia na nova aula de culinária. Felizmente, essa não é dirigida por uma psicopata. A professora é uma mulher adorável na casa dos trinta, super animada para me ter por perto. Sem falar que o programa do curso já pressupõe que o aluno saiba cozinhar ovos, então não é tão básico a ponto de eu ficar entediada todos os dias.

E quando vejo Ivan na aula de facas, ele confirma minha suspeita. Ninguém

que viu Dmitri comer a minha comida vai dizer uma palavra. Nem mesmo a administração, que precisava verificar minha vitória, vai falar nada. Embora, Ivan diga que isso acontece principalmente porque eles adoram privar os alunos de fofocas que podem guardar para si.

Como eu já conheço o campus, pelo menos a maior parte dele, o Remo não vem me buscar depois do Knives. Mas o Ivan não está muito a fim de me deixar andar sozinha. Ele fica alguns passos atrás de mim, mas eu reviro os olhos e insisto para que ele ande ao meu lado. Se alguém nos vir juntos e resolver contar para os meus irmãos, eu simplesmente vou fingir que me perdi um pouco e fiquei presa com o Ivan, já que vamos para o mesmo lado.

Estamos quase chegando ao pequeno prédio da cantina quando vejo duas pessoas entrando. Sem pensar, acelero o passo e vou direto para lá.

"Você está com fome?", pergunta o Ivan, confuso com a minha mudança de direção.

“Não estou com fome, estou curiosa”, respondo, abrindo a porta de madeira maciça antes que ele possa fazer isso por mim. Quando entramos, fico aliviada ao ver que eles não saíram pela porta dos fundos nem desapareceram misteriosamente antes que eu pudesse encontrá-los.

Felizmente, a despensa está particularmente vazia agora.

“Aqueles são Ares e Thiago, não são?” pergunto, sussurrando para Ivan.

Ivan olha para cima e os encontra do outro lado do pequeno prédio, olhando as barras de proteína.

“Sim”, ele responde, parecendo relutante. “Por quê?”

“Quero falar com eles”, respondo com naturalidade, dando um passo à frente para fazer exatamente isso.

“Você está louca?”, pergunta Ivan, segurando meu braço para me impedir de continuar.

“Não estou louca, estou curiosa”, enfatizo, repetindo o que disse antes.

Endireitando os ombros, ignoro a leve resistência do meu amigo e faço meu movimento. Sei que eles me ouvem chegar pelo leve tremor em seus corpos antes mesmo de se virarem para me ver.

"Olá", cumprimento, sorrindo gentilmente.

"Olá?", responde Ares primeiro, com um tom confuso na saudação.

"Oi", acrescenta Thiago, olhando para trás de mim, provavelmente avaliando Ivan.

"Desculpem, não vou tomar muito do tempo de vocês. Sou Jade, mas como ambos já me pediram em casamento, tenho certeza de que já sabem disso."

Foi preciso muita persuasão para manter Armani longe desses dois depois do incidente com Javier. Eles não fizeram nada tecnicamente errado, meu pai não

vai me casar com eles de qualquer forma, e eles não são meus professores, então nenhum limite foi ultrapassado. Eles nem sequer me procuraram e, portanto, não são responsáveis por qualquer caos que meus irmãos possam causar, visto que talvez nem tenham sido eles que fizeram as propostas. Mas estou curiosa para saber se foi obra dos pais deles ou não.

A essa altura, tenho certeza de que eles já sabem que as propostas foram feitas. Os pais deles devem ter entrado em contato, já que agora tiveram tempo. Ou, na remota possibilidade de terem feito isso por conta própria, é claro que eles saberiam.

Os dois homens trocaram um olhar, provavelmente sem saber como responder.

"Só queria avisar que vocês dois não devem me cortejar."

Thiago arqueou uma sobrancelha negra e bem definida. "Ah, é?"

"Sim", confirmei com firmeza. "Vejam bem, meu pai não está procurando um pretendente para mim, e mesmo que estivesse, eu já escolhi quem eu quero."

Não sei se a presença de Ivan aqui está me dando a confiança necessária para fazer isso, ou se me tornar uma Moretti já me deu essa confiança, mas de qualquer forma, é meio emocionante. Nunca tinha conseguido falar tão diretamente com as pessoas antes, muito menos com homens desconhecidos. Eu tinha a impressão de que todos me viam como Bruce me via.

Agora, não me importo com o que eles pensam de mim. É como se eu tivesse desenvolvido imunidade a tarefas intimidantes. Pode até haver algum medo rondando meu estômago, mas sou mais forte do que ele.

"Fique à vontade para contar isso aos seus pais, ou simplesmente diga a eles que meu pai não está olhando. Você pode até mentir e dizer que tentou, mas, por favor, não tente."

Ares avalia meu rosto, tentando medir minha seriedade. "Não é o seu tipo, né?"

Que pergunta estranha, já que ambos parecem e agem de forma diferente.

Ares é significativamente mais baixo, e ele nem é baixo, Thiago é que é muito alto. E enquanto Thiago tem a pele morena escura, Ares tem um tom de pele mais oliva e um bronzeado profundo. Thiago tem olhos verde-claros e Ares tem olhos castanho-escuros bem mais profundos. Enquanto a cabeça de Thiago é raspada de forma semelhante à de Javier, o cabelo de Ares é grosso e ondulado, mais curto nas laterais, mas mais selvagem no topo.

"Vocês dois são muito bonitos", admito, sem querer mentir, mesmo não gostando de elogiar homens que não são meus namorados. Antes que eu possa acrescentar um "mas", Thiago me interrompe.

"Bons genes", comenta ele com um sorriso malicioso. "Negro e brasileiro

ficam muito bem juntos, não é, Ares?"

Ares debocha. "Arrogância não."

"Mentiroso."

“Mas”, interrompi, quebrando a brincadeira. “Não sei nada sobre nenhum de vocês dois e preciso deixar claro que não tenho interesse em conhecê-los. Já estou comprometida.”

Dmitri Morozov é o único homem para mim, não importa o quão cedo eu diga isso. Sinto isso no meu íntimo.

“Está nos avisando?”, Ares deduziu, inclinando a cabeça para o lado.

“Por causa do namorado ou dos irmãos, imagino”, Thiago ponderou, cantarolando.

“Ambos”, respondi secamente.

“Deveríamos estar com medo?”, perguntou Thiago, coçando a barba por fazer.

“Por que estariam com medo?”, retruquei. “Vocês ainda não fizeram nada com consequências para se assustarem. Ainda.”

“Devo dizer que estou surpreso”, começa Thiago, imperturbável pelo aviso velado — ou melhor, pela ameaça. “Como exatamente você conseguiu que ele deixasse você se aproximar de nós? Certamente isso será um ponto de discórdia para o seu… relacionamento.”

“Ah, Ivan não é meu namorado”, respondo com voz doce e cantada. Virando-me por cima do ombro para olhá-lo, sorrio. “Mas ele ainda vai me proteger como sempre. Não é, Ivan?”

“Sem hesitar”, declara ele, sem a menor demora na resposta.

Surpreso, Ares me olha de cima a baixo. “Então você é do Dmitri?”

“Não sei do que você está falando.” Dou de ombros, fingindo inocência.

“Ah, que ótimo”, diz Thiago, com um risinho. “Papai não sabe, né?”

Estalo a língua. "Garanto que isso não é da sua conta."

"Por pura curiosidade, o que exatamente aquele bruto russo silencioso tem que nós não temos?" Ares pergunta arrastado, observando com o canto do olho que Ivan permanece imóvel.

Isso é fácil.

"Eu."

"Atrevido", comenta Thiago.

"E se combinássemos nossas ofertas?" pergunta Ares. "Dois por um te fariam desistir dele?"

A pergunta de Ares parece mais um teste do que uma última tentativa desesperada de me conquistar. Talvez ele considerasse compartilhar uma esposa com Thiago, mas não parece tão desesperado para que essa esposa seja eu.

Então, embora seja uma oferta surpreendente, não é tentadora. Talvez em outra vida, se eu tivesse visto algum deles primeiro, as coisas poderiam ser diferentes. Mas eu não quero outra vida. Eu quero esta, e a quero com Dmitri.

Até que se prove o contrário, ele é o homem certo para mim.

Inclinando-me um pouco mais para perto, sorrio de canto. "Desculpe, mas nem vocês dois juntos são o meu bruto russo silencioso."

"Jade, temos que ir", avisa Ivan, interrompendo cautelosamente.

Erguendo o queixo, lanço um último olhar para cada um dos dois homens. "Bem, essa foi uma conversa muito esclarecedora. Tenho certeza de que podemos manter isso entre nós", insinuo com um tom carregado. "Considerem isso uma demonstração de boa vontade entre nossas famílias. Eu não gostaria que nada perturbasse o equilíbrio que criamos."

“Ameaças disfarçadas de conversa fiada”, murmura Thiago. “Afinal, ela é uma Moretti.”

Meu sorriso de resposta é de pura alegria. “É o que tenho ouvido por aí.”

Viro as costas para eles, deslizando alegremente até a porta e pegando um pacote de Skittles na saída. Não sou muito fã de doces, mas com certeza mereci um mimo.

Assim que Ivan e eu estamos saindo, ouço um deles resmungando baixinho. “Não gostaria de estar na pele daquele coitado.”

Quando a porta se fecha atrás de nós, imediatamente o puxo para o lado do prédio, nos mantendo longe de olhares curiosos.

“Por que eles disseram isso quando estávamos saindo?”, pergunto com urgência.

“Disseram o quê?”

“Eu sei que você ouviu”, argumento, sem nem dar trela à sua tentativa de mentir.

Ele suspira, esfregando a nuca. "É complicado, Jade. Assuntos de família com os quais você não precisa se preocupar."

Franzei a testa e o encarei com impaciência. "Eu quero me preocupar com isso."

Ivan soltou um suspiro e avaliou o ambiente ao redor. Considerando-o muito público, ele me guiou para trás do prédio da despensa, desviando de arbustos e pequenas árvores.

Quando decidiu que tínhamos privacidade suficiente, passou a mão pelo rosto barbeado. "Eles estão falando sobre a minha posição, por estar abaixo de Dmitri."

Finjei o nariz. "Por que isso os faria sentir pena de você? Só porque eles são herdeiros e você não?"

"É complicado", repetiu ele. "Para os Morozov, segundos filhos não são a mesma coisa."

Eu me inclino para frente, interessada. Matteo não tinha mencionado nada sobre isso antes.

"Como assim?"

"Não quero que você entenda errado", diz ele, com a voz suave.

"Você está começando a me assustar um pouco", admito. "Por favor, me conte."

Seu próximo suspiro soa mais como um gemido.

"Na nossa família, os segundos filhos são os guardiões do herdeiro. Meu trabalho é manter Dmitri vivo, mesmo que isso signifique morrer no processo. É a nossa tradição mais antiga e importante, e eu a levo muito a sério. Eles têm pena de mim por isso."

Bem, por mais horrível que a morte de Ivan por qualquer motivo fosse, não parece ser um grande problema. Meus irmãos também se protegeriam com suas próprias vidas. É verdade que a ordem de nascimento que decide quem deve morrer primeiro é um pouco perturbadora.

“Não é tão ruim assim”, respondo, tentando não me encolher de vergonha. “Por que eles teriam pena de você? Todo mundo tem tradições—”

“Jade, é que…” Ivan se interrompe, balançando a cabeça. “É difícil explicar isso para você sem dizer algo errado.”

“Não precisa se preocupar, eu não vou fugir”, juro, fazendo um X sobre o meu coração.

Depois de enrolar um pouco, Ivan se encosta na parede do prédio. “É um cargo de guarda muito sério. Minha vida é dedicada à sobrevivência de Dmitri. Não vou me casar, nunca terei filhos e ficarei ao lado dele até que um de nós, ou ambos, estejamos mortos. Não saio, não bebo nem uso drogas, e nunca usarei. Eles veem minha vida como algo sem sentido, como se eu fosse um escudo humano. É por isso que eles têm pena de mim, Jade. Eu realmente agradeceria se você pudesse evitar fazer o mesmo.”

“Ah, Ivan”, murmuro, estendendo a mão para apertar a dele. “Eu jamais teria pena de você.”

“Não?”, ele pergunta, quase incrédulo.

“Não.”

É muita coisa, não vou mentir. Difícil imaginar uma vida sem tantas coisas. Mas quem sou eu para julgar a família deles? Não conheço a história deles, e se Ivan diz que está bem com isso, devo respeitá-lo o suficiente para acreditar nele.

"Você poderia fugir a qualquer momento, não é? Criar uma nova identidade e nunca mais ser visto?", pergunto, tentando ilustrar meu ponto. "Se você

realmente odiasse a situação em que se encontra, poderia jogar tudo fora."

"Sim, eu poderia ir embora", ele reconhece. "Mas eu nunca faria isso."

"Eu sei que você não faria", concordo, assentindo. "É exatamente esse o meu ponto. Eles estão desperdiçando a pena deles com um homem que tem escolha."

Cautelosamente, seus lábios se curvam para um lado. "Que bom que você pensa assim."

“É mesmo? Porque sou sua amiga e você se importa com a minha opinião?”

“Porque eu não sou mais guarda do Dmitri, Jade. Sou sua.”

“O-o quê?”

Se eu tivesse água na boca, com certeza estaria escorrendo pelo rosto dele agora. Eu não conseguiria me conter e cuspiria tudo.

“Quando o herdeiro se casa, o segundo filho se torna o protetor da esposa. Minha prioridade muda dele para você.”

“M-mas nós não somos casados”, gaguejei, meu coração começando a acelerar.

“Dmitri não está correndo nenhum risco”, admite Ivan, dando de ombros. “Minha prioridade mudou desde que ele me fez trocar para o combate com facas. Agora também estou fazendo um curso de natação e sobrevivência na água, já que fica embaixo da academia no horário em que você está lá para o treinamento de luta. Só como no refeitório para ficar de olho em você.”

“Nossa”, exclamo, sem palavras.

“Dmitri será o Pakhan, e isso significa que a pessoa que ele escolher para esposa é a única mais importante para se manter viva do que ele.”

“Como posso ser mais importante?”, pergunto, boquiaberta. “Ele é o líder.”

“E as esposas geram herdeiros”, aponta Ivan. “Se você for casada com Dmitri, presume-se que você pode engravidar a qualquer momento do futuro Pakhan.”

“Ele poderia simplesmente engravidar outra pessoa”, protesto, apesar do gosto amargo que as palavras deixam na minha boca.

Ivan balança a cabeça. “Um Pakhan em luto é perigoso, provavelmente ele ficaria obcecado com vingança e perda por tempo demais, a ponto de não conseguir gerar um herdeiro.”

“E se nós dois morrermos?”

“Nossa irmã ficará encarregada de gerar um herdeiro.”

“Você tem uma irmã?” Acho que não sabia.

“Sim”, ele diz, com um sorriso triste. “Anya, ela tem dezesseis anos e… está passando por muita coisa.”

Entendo. Assunto delicado, não é o momento.

“Certo, então por que Anya seria o próximo passo? Se Dmitri e eu estamos

metaforicamente mortos, por que você não se tornaria Pakhan?”

“Eu aceitaria”, diz ele, corrigindo minha suposição. “Eu a substituiria até que o filho dela atingisse a maioridade, mas ainda assim não me casaria nem teria filhos.”

“Mas por quê?”

“Não posso ser recompensado pela morte do meu irmão”, diz ele, com um tom sério. “Se a morte de Dmitri era o que me impedia de me tornar Pakhan, o que me impediria de matá-lo eu mesmo?”

Hum, o fato de você amá-lo!

“Você nunca faria isso”, argumento, franzindo a testa.

“Não, eu não faria”, concorda ele solenemente.

“Tudo isso é tão intenso”, murmuro, com a mente a mil.

“Só vai ficar mais intenso”, avisa ele. “Estamos te dando tempo para se adaptar, mas minha vida é sua, Jade. Eu a protegerei como protegeria Dmitri. Custe o que custar.”

Engulo em seco, olhando para os meus pés. "Então... você não queria mesmo ser meu amigo? Você só se sente na obrigação de ser?"

"Não", Ivan rebate, pegando minha mão e apertando-a com firmeza. "Claro que eu queria ser seu amigo. Ainda quero. É por isso que hesitei em te contar, Jade. Eu não ando com você só para me colocar na frente de alguém ou de alguma coisa que tente te machucar. Eu me importo com você."

Meu humor melhora instantaneamente, assim como meu sorriso. "Ok, ótimo."

"É mesmo?" ele confirma, olhando nos meus olhos. "Você acredita em mim?"

"Claro que acredito", prometo. "Que tipo de melhor amigo eu seria se não acreditasse?"

Capítulo 20



Dmitri

“Ela lidou bem com isso.”

“Khristos, Dmitri”, Ivan pragueja, afastando-se de mim.

Jade acaba de voltar para o meio da multidão de estudantes que se dirigem para o próximo destino. Meu irmão preferiu ficar para trás, dando a ela tempo para se isolar caso algum dos irmãos dela esteja por perto. Uma estratégia inteligente, já que Armani está no horário livre.

Ofuscando, ele passa a mão no cabelo, penteando-o para trás. “Dá para você parar de pular de prédios? Você vai me matar do coração.”

Olho para o telhado do pequeno prédio e dou uma risadinha diante do seu drama. Era uma queda de três metros, nada com que ele precisasse se preocupar.

“Quanto tempo você levou para perceber que eu estava ouvindo?”, pergunto, genuinamente curiosa.

“Eu automaticamente presumo que você está por perto sempre que ela aparece”, ele responde, balançando a cabeça. “Você ainda vai às aulas?”

“Só estou em uma matéria.”

“Eu sei”, ele comenta. “Mesmo assim, estou perguntando.”

Infelizmente, a resposta é sim. Eu frequento essa aula inútil. Por sorte, dura apenas uma hora em dias alternados, então tenho bastante tempo livre.

“Cuide dos seus estudos”, respondo, sem responder à pergunta dele.

“A única coisa que me preocupa é você assustá-la antes que ela se apaixone completamente por você”, afirma Ivan, massageando as têmporas como se eu estivesse o exaurindo ativamente. “Você está se tornando uma stalker.”

Não há “se tornar” nisso. Eu sou uma.

Jade ocupa quase todos os meus pensamentos quando estou acordado. Ela está nos meus sonhos e na minha mente de forma aparentemente constante. Qualquer segundo que ela esteja fora do meu campo de visão me deixa extremamente estressado. Encontrá-la no barco foi o suficiente para me convencer de que Jade Moretti era a minha preferida.

A garota antes misteriosa se tornou uma obsessão completa logo depois de me olhar com aqueles olhos azuis delicados, porém intensos. Eu a queria para mim, e consegui. Tudo o que eu precisava era um pouco de interesse da parte dela, e ela me deu muito mais do que o esperado.

Ela me procurou e me reivindicou. Mesmo que não possa me apresentar à família e se casar comigo imediatamente, ela deixou bem claro o que quer. Sou o homem dela, e nada vai mudar isso. Não se depender de mim. Vou colocar um anel no dedo dela assim que puder.

"Então você acha que ela está se apaixonando por mim?", pergunto, satisfeito por ele ver o mesmo que eu. Jade pode não estar me seguindo por toda a academia, mas minha garota está se apaixonando tão rápido quanto eu.

"Você só quer me ouvir dizer isso", ele acusa, revirando os olhos.

"Qual o problema?", pergunto. "Eu me importo com a sua opinião."

"Sim, ela está se apaixonando por você", Ivan cede, "Mas não vai demorar muito se ela te pegar olhando para ela como um tarado."

“Não sei, acho que ela pode gostar.”

Vejo como ela cora quando a olho. Isso me faz pensar se ela coraria o tempo todo se soubesse que estou observando.

“Além disso”, acrescento, passando o braço em volta do ombro dele. “Há um motivo para estarmos de olho nela agora. Alguém quer que ela se case e fique longe da família. Esse tipo de objetivo não vem sem implicações nefastas.”

O rosto de Ivan se fecha. “Eu sei.”

“Ei”, digo com leveza. “Vai dar tudo certo. Ela tem a gente agora.”

Estou tão chateada com essa situação quanto ele, se não mais. Mas Ivan? Ele é muito emotivo. Não me importo de ser eu quem o acalma quando ele está preocupado. Precisamos de cabeças frias para dar o nosso melhor, e Jade merece nada menos que o nosso melhor.

“É”, ele concorda, relaxando os ombros. “Ela nos tem.”

O som doce e angelical da sua risada aquece meu peito. Jade joga a cabeça para trás, batendo palmas com risadinhas contagiantes. O pequeno recanto que sua

família preparou para a noite está lhe trazendo imensa alegria, e eu mal posso acreditar que estou presenciando isso.

Ela e seus irmãos estão sentados em cadeiras em um cantinho isolado na praia de areia preta, com uma pequena fogueira acesa com chamas alaranjadas no centro do círculo.

Com a luz da fogueira refletindo e tremeluzindo ao redor, consigo ver bem o rosto dela, mesmo que alguns detalhes estejam muito distantes para serem distinguidos. Seus cabelos escuros e ondulados estão sendo trançados de cada lado pelo caçula dos irmãos, Matteo. Ele não para de provocá-la, fazendo cócegas em seu pescoço para fazê-la rir.

"Ela parece tão feliz", comenta Ivan do meu lado, hipnotizado.

"Ela está incrível", corrijo.

"Você sabe que eu não a vejo dessa forma", começa Ivan, como se precisasse me lembrar. "Mas sim, ela está linda. É bom vê-la contente, sem o peso de uma ameaça misteriosa à espreita. Ela não deveria ter que se preocupar com isso."

Concordo. Saber que Jade pode se permitir relaxar e se divertir enquanto está aqui me traz um enorme alívio. Se ela estivesse constantemente olhando por cima do ombro, eu não conseguiria lidar com isso.

Minha garota nunca mais deveria ter medo.

Eu sei que ela ainda tem medos, principalmente em relação ao passado. Não vou forçá-la a se abrir antes que esteja pronta. Mas quando ela se abrir... não sei como vou reagir.

Coisas sombrias e malignas não podem atormentar Jade.

Quando ela me permitir, mostrarei a ela o quanto isso é verdade. Destruirei sistematicamente qualquer vestígio das pessoas que a prejudicaram. Elas serão pó quando eu terminar.

Um estalo alto ecoa da fogueira, e Jade se encolhe de surpresa, fazendo com que Matteo a provoque ainda mais. Eu deveria comprar um presente para ele em troca das risadas constantes dela. Nenhum som jamais me deixou tão excitado quanto esse.

Tudo o que Jade faz me deixa cada vez mais certo de que ela é a mulher da minha vida.

"Não ouvi falar de nenhum telefone ou câmera avistados", informo, cerrando os punhos nos bolsos. É irritante como a informação é lenta na Empire. Os rumores se espalham como fogo em palha seca, mas a informação? É como se fosse uma mercadoria à parte.

As pessoas guardam sussurros que acham que podem ser úteis mais tarde, porque não podem ser torturadas por saberem o que sabem aqui. É exaustivo.

“Todos os nossos homens estão de olho, e nada”, acrescento, balançando a

cabeça. Pode ser que sejamos dez aqui este ano — sete homens Morozov e três mulheres — mas está se provando insuficiente.

Não consultei nossos aliados aqui, principalmente porque é mais difícil confiar neles. Teria que ter cuidado com as minhas palavras, pois nunca se sabe quando uma parceria vai se desfazer. No fim das contas, somos todos apenas pessoas tentando proteger nossas famílias, e isso é mais perigoso do que qualquer treinamento que recebemos.

Pessoas desesperadas fazem qualquer coisa para se salvar, como um cão encurralado em uma sala cheia de lobos famintos.

“Sofiya anda perguntando por aí sobre a Jade”, Ivan me conta. “Ela está sendo discreta, agindo como se estivesse pensando se a Jade poderia ser uma boa amiga para ela. Como ela é normalmente tão quieta, ninguém a questionou. Ninguém tinha nenhuma informação útil também.”

Sofiya é filha de um conselheiro. Meu pai escolheu pessoalmente o pai dela para o cargo há mais de vinte anos, tomando-o como pupilo. Embora eu tenha dois tios que estão acima dele na hierarquia, ele é como um terceiro irmão para o meu pai agora.

Sua única filha é uma garotinha tímida, caloura como a Jade, então é inteligente tê-la para ajudar. Só estou surpreso que ela tenha se oferecido, mas talvez eu não devesse. Ela sempre fica feliz em ajudar, mesmo que fique ansiosa.

“Inteligente”, comento. “Uma pena que pareça que não vai dar em nada.”

Ivan resmunga em concordância.

“Vamos falar sobre o elefante na—” Ele pausa, olhando ao redor porque não estamos em uma sala para completar a frase típica. “Na floresta.”

“Você também pensou nisso?” pergunto, esperando que não estejamos pensando a mesma coisa.

Ele acena com a cabeça. “Pode ser ela.”

Meu irmão não precisa dizer o nome dela para esclarecer. Nós dois sabemos que ele está falando de uma das pessoas mais desprezíveis que conhecemos.

Nina.

Nossa mãe biológica.

Só de pensar nela assim já me dá nojo. Se eu pudesse nunca mais pensar no fato de que ela me deu à luz, eu pensaria. Infelizmente, ela continua a me assombrar porque ainda respira.

Nossa mãe traiu nossa família da pior maneira possível. Ela já era uma traidora, tendo roubado dinheiro do meu pai por anos. Quando ele descobriu, a baniu. Não há lugar para traidores na família Morozov.

Ele deveria tê-la matado.

Se tivesse feito isso, ela não teria chegado até Anya.

É difícil não sentir um pouco de ressentimento em relação ao meu pai por causa disso, mas ele já se culpa o suficiente. Nina ainda está foragida, e ele mais que triplicou seus esforços para encontrá-la desde então. Anya nunca mais será a mesma, não depois do que sua própria mãe planejou para que acontecesse com ela. Tem que haver uma punição por isso.

"Se houver, eu a matarei antes que papai o faça", juro, falando sério.

Nina é a vítima dele.

Ela lhe deu três filhos, e isso não significou nada para ela. Ela quebrou seus votos e feriu a filha dele de uma maneira que nenhuma tortura imaginável poderia causar.

Mas se Nina vier atrás de Jade, não hesitarei em enfiar uma bala entre os olhos dela. Nenhuma vingança vale a pena arriscar a segurança de Jade. Anya dormirá melhor à noite sabendo que aquela mulher está morta.

"Você terá que puxar o gatilho mais rápido do que eu", afirma Ivan com firmeza.

O sentimento é muito importante, mas acho que não será o caso. "Espero que, seja lá o que for, seja quem for, você esteja bem longe, protegendo minha garota. Não quero Jade perto do que certamente acontecerá."

"Já pensou em pedir para ela ir embora?", pergunta Ivan, cauteloso. "Eu iria com ela, claro. Mas talvez o Império não seja tão seguro para ela quanto gostaríamos."

"Já pensei nisso."

Egoisticamente, eu realmente espero que não chegue a esse ponto.

Quero passar um tempo com ela.

Anseio por passar um tempo com ela.

Mas se eu achasse que mandá-la para casa com Ivan como guarda a manteria a salvo de qualquer perigo iminente, eu não hesitaria em contatar o pai dela.

“Por enquanto, só temos teorias. Não quero tirá-la disso”, suspiro, acenando com a cabeça para o grupo. Matteo está acendendo marshmallows, usando o palito onde estão espetados para segurar as chamas para que Jade as apague. “Até sabermos que existe uma ameaça real contra ela, não quero tirá-la de perto deles. Ela está prosperando.”

Ivan acena suavemente com a cabeça, continuando a observá-los comigo. Não sei o que ele vê quando olha para o grupo, mas não consigo deixar de nos imaginar lá embaixo com eles. Jade estaria no meu colo, aconchegada ao meu lado para absorver o calor que lhe transmito. Ivan estaria ao nosso lado, provavelmente debatendo alguma bobagem com Matteo.

É só um sonho, mas um dia deixará de ser.

“Ver o Nico comendo um s’more é como um episódio de Além da

Imaginação”, Ivan ri baixinho, observando o futuro capanga dos Moretti comer timidamente a sobremesa que Jade preparou para ele. Ele está se esforçando ao máximo para não deixar o marshmallow ou o chocolate derretido tocarem sua pele, claramente desconfortável, mas mesmo assim comendo por Jade.

Nico é um homem complicado, e não tenho certeza se Jade se deu conta do poder que tem sobre ele. Nico odeia muitas coisas, mas agradar a irmã nunca será uma delas. Já o vi ser grosseiro com os irmãos em semestres anteriores, até mesmo com o gêmeo, mas não consigo imaginá-lo fazendo o mesmo com ela.

Afastando-se da cena estranha, Ivan coça a nuca.

“Você falou com o papai? Sobre a Jade?”

“Ainda não”, admito.

Não me preocupo com a desaprovação dele. Nosso pai não tem poder de decisão sobre com quem me caso, e ele sabe disso. Tecnicamente, ele detém o poder, mas me conhece bem o suficiente para saber dos meus limites. Não sou o tipo de homem que se pode forçar a um casamento arranjado. E mesmo que fosse, eu o lembraria de como o casamento arranjado dele deu errado.

Aos dezesseis anos, eu já o havia informado que escolheria minha própria esposa. Sonho em ter uma desde que me entendo por gente, e não ia deixar que ele me prendesse a uma mulher qualquer por uma pequena vantagem potencial. Posso governar nossa organização sem mais alianças.

Qual a diferença entre meu pai e eu? Ele não gosta de causar conflitos, e eu acho que não há demonstração de poder melhor do que demonstrar o seu poder na prática. Palavras são baratas quando se pode simplesmente cortar gargantas.

"Vou informá-lo sem mencionar o nome dela", digo, já tendo decidido esse plano. "Até que eu possa garantir que ele não fará nenhuma besteira, como abordar a família dela pelas minhas costas, ele não saberá quem ela é."

"Concordo", diz Ivan imediatamente.

Nós amamos o papai, não posso fingir que não. Mas nós dois sabemos que ele tem menos de uma década para isso. Ele é um Pakhan medíocre, e todos nós teremos vidas melhores quando ele se aposentar. Nós sabemos disso, e ele sabe disso.

"Quando você vai vê-la de novo?"

Essa é a parte mais difícil de guardar esse segredo.

Precisamos descobrir como passar mais tempo juntos sem levantar muitas suspeitas dos irmãos dela. Eu contaria tudo sobre nós agora mesmo se não achasse que isso causaria uma briga entre eles. Minha garota precisa de um tempo a sós conosco. Se isso significar nos encontrarmos às escondidas até que ela esteja pronta, é assim que faremos. Ela não ouvirá objeções da minha parte.

Lançando um último olhar para o grupo lá embaixo, aceno para a trilha atrás

de nós. Precisamos voltar antes que eles se levantem para ir embora.

Mas e quando verei minha Krasotka novamente?

"Em breve."

Capítulo 21



Jade

Leva uma semana inteira até que eu consiga ficar com o Dmitri de novo. Felizmente, a semana não passou num ritmo ridiculamente lento. O Armani compensou a cena que teve no refeitório fazendo uma pequena fogueira para todos os nossos irmãos, com marshmallows assados e tudo mais. Aquela noite na praia de areia preta vai ser uma das minhas lembranças mais queridas da Academia Empire. Eu até mandei um e-mail para o papai contando sobre isso, e ele ficou trocando mensagens comigo por uma hora inteira.

A partir daí, passamos a semana inteira aproveitando nosso tempo livre para curtir juntos. Fomos todos nadar no mar de uniforme, eu fiz uma pequena trilha com o Remo, o Nico me ensinou a amarrar alguém direitinho e o Matteo me ajudou a estudar para o treino de luta, já que minha primeira luta de sparring está chegando. E todos comeram minha primeira criação da aula de culinária: crepes de morango com chocolate que ficaram deliciosos!

Eu não achava que poderia me divertir mais, a menos, é claro, que Dmitri também estivesse presente. Então, quando Ivan me disse na aula para me preparar para uma visita esta noite, fiquei instantaneamente eufórica. Tive que inventar uma pequena mentira sobre estar com enxaqueca para que meu colega de quarto pudesse ficar em casa, mas, felizmente, não me sinto tão mal por isso.

Dmitri é como uma droga, e no momento, preciso de mais uma dose.

Está escuro lá fora, mas deixei a janela entreaberta, exatamente como Ivan pediu. Já tomei banho e vesti o melhor pijama que trouxe comigo — uma saia de dormir aveludada e uma blusa justa. Como Dmitri virá, coloquei uma calcinha limpa e mantive o sutiã.

Coloquei também uma toalha contra a pequena fresta embaixo da porta para impedir que a luz do meu abajur vazasse para o corredor. Eu não sobreviveria se Matteo ou Armani vissem os sinais de que eu estava acordada e resolvessem me checar. Ser pega seria horrível.

Mesmo sabendo que não podemos transar, já que estaremos a dois metros e duas portas de distância dos ouvidos do meu irmão, ainda estou vibrando de expectativa. Uma expectativa sexy.

Devo beijá-lo primeiro?

Será que ele vai me tocar mais dessa vez?

Eu me encolho. E se ele só quiser conversar?

Conversar seria bom, eu adoro o som da voz dele… mas beijar seria melhor. Não me culpem por isso, senti muita falta dele a semana toda!

Quando meu relógio marcar onze horas, sei que ele chegará a qualquer momento.

Dou mais uma olhada rápida no meu quarto, para garantir que tudo esteja em ordem. Não há calcinhas espalhadas pelo chão, nem outros itens pessoais constrangedores à mostra, então solto um suspiro de satisfação.

Assim que o som sai dos meus lábios, ouço um leve rangido.

A pequena fresta na minha janela se alarga, mãos grandes forçando o vidro a se mover para cima. Eu sabia que Ivan estava insinuando que Dmitri entraria pela minha janela quando me disse para deixá-la aberta. Mas saber e ver são duas coisas diferentes neste caso. Meu namorado é enorme, e esta janelinha nem tanto.

Mesmo com um pouco de dificuldade, ele trabalha tão rápido que nem tenho tempo de perguntar se precisa de ajuda. Ele precisa inclinar os ombros para passar uma porta de cada vez, puxando lentamente seu corpo grande pela abertura e para dentro do meu quarto. Quando ele se levanta completamente, engulo em seco, obviamente o olhando de cima a baixo.

"Isso foi tão sexy", deixo escapar, sem conseguir conter o comentário.

Dmitri dá uma risadinha, o som profundo e delicioso me atingindo bem entre as pernas. Ele tira o paletó e sou atingida mais uma vez. Meu Deus, será que ele pode simplesmente me jogar na cama e me tocar por todo o corpo? Jesus Cristo, ele é tão irresistível que eu posso explodir só de olhar para ele.

“Olá, Krasotka”, ele me cumprimenta carinhosamente, inclinando-se para me dar um beijo doce na testa. Quase o puxo pela camisa para beijá-lo mais, mas ele se move rápido demais. “Trouxe algo para você.”

Está na sua calça?

Dmitri começa a vasculhar os bolsos internos do paletó que jogou fora. Não é a calça, mas ainda é o uniforme. Ele começa a tirar algumas coisas, colocando-

as na minha cama. Analiso as guloseimas que ele trouxe com um sorriso que me faz corar.

Há duas garrafas de bebida, um leite de amêndoas com chocolate e um suco de maçã — espero que seja para mim. E brownies grossos embrulhados em filme plástico.

Ele trouxe sobremesa para mim.

“Isso é um encontro?”, pergunto, mordendo o lábio.

Dmitri acena com a cabeça. “Nosso primeiro.”

Suco de maçã e brownies na minha cama, que o Dmitri faz parecer minúscula.

Este é o melhor primeiro encontro de todos os tempos.

"Adorei", declaro, subindo na cama e me sentando enquanto sorrio para ele.

Dmitri tira os sapatos para fazer o mesmo. Sentamos um de frente para o outro, eu de costas para a porta e ele de frente para ela. Assim, ele poderá ver se a maçaneta faz barulho. Espero muito que não faça.

"Qual é a sua sobremesa favorita?", pergunto.

Observo enquanto ele desembrulha o primeiro brownie, sorrindo ao me entregar. Martha provavelmente teria um pequeno ataque cardíaco se soubesse que estou comendo sem prato na cama, mas o que ela não sabe não a matará.

"Medovik", ele responde prontamente. "É um tipo de bolo de mel russo, bem folhado e macio."

Anotação mental: preciso descobrir como fazer Medovik.

"Parece ótimo", digo, abrindo a garrafa do meu suco de maçã. "Ainda não sei qual é o meu favorito. Nunca comi muitos doces quando era criança, mas o Matteo tem se empenhado em me apresentar a eles. Até agora, acho que gosto mais de tiramisu, embora eu ache que seja mais por ser italiano do que pelo sabor, já que normalmente não suporto o gosto de café."

"Você se sente conectada a ele porque sua família se sente", ele conclui, assentindo como se entendesse. "Faz sentido."

Que bom que faz sentido, porque eu não saberia explicar melhor.

“Senti sua falta”, confesso, levando o pedaço de brownie aos lábios. “Sei que pode parecer dramático, já que faz pouco tempo, mas senti mesmo.”

Dando uma mordida, caso a confissão soe estranha, fico feliz quando ele sorri. O sabor do chocolate explode na minha língua, e Dmitri dá um tapinha na minha coxa exposta.

“Eu também senti sua falta.”

Uma sensação estranha me invade o estômago, com borboletas voando por todos os lados.

“Então, o que você fez esta semana?”

Passamos um bom tempo conversando sobre isso. A semana de Dmitri não foi tão agitada quanto a minha, mas ele definitivamente tem muita responsabilidade. Herdeiros são como chefes interinos na Academia Imperial. Eles têm a responsabilidade de manter seu povo na linha, além de garantir sua segurança e bem-estar.

Quando nossos brownies acabam e nossas bebidas estão vazias, pego um saquinho de lixo para ele levar quando for embora. Não duvido que o Matteo ache meu lixo suspeito, senão eu simplesmente jogaria na lixeira do meu banheiro.

“São todos vocês?”, pergunta Dmitri, pegando a foto emoldurada da minha mesa de cabeceira. É uma foto de paisagem com todos os meus irmãos.

Papai conseguiu que Leon e Emilio dessem uma passada aqui por uma hora enquanto estavam por perto alguns meses atrás, então agora temos um retrato de família atualizado. Temos nós dez com papai e tio Cesar, então é minha foto favorita de todos os tempos.

“Sim”, respondo, olhando para a foto junto com ele. “Eles costumavam ter uma foto da família sobre a lareira em uma das salas principais, mas a substituíram por esta para que eu também pudesse aparecer nela.”

Devagar, ele a coloca de volta no lugar. “É linda.”

“Vamos tirar outra com meus sobrinhos, minha sobrinha e as mães deles em breve”, digo, entusiasmada para quando pudermos fazer isso.

“É mesmo?”

“Sim, mal posso esperar”, confirmo. “Eu amo crianças. Elas são tão gentis e inocentes. Só quero poder pegá-las no colo e garantir que nada de ruim aconteça com elas.”

Os olhos de Dmitri brilham e ele pega minha mão, me guiando delicadamente de volta para a cama. “Você é boa demais para este mundo, Krasotka.”

“Eu penso o mesmo de você”, confesso, sussurrando.

Meu namorado, lindo demais para ser verdade, me coloca no colo, me fazendo sentar em seu colo quente. Quando seus olhos se voltam para meus lábios, sei o que ele está pensando porque eu também estou pensando a mesma coisa. Nos inclinamos para frente, buscando a mesma coisa.

Nossos lábios se encontram num roçar suave, minha pele macia como um travesseiro se conectando com a boca mais forte dele. Não temos pressa, movendo nossos lábios de forma provocantemente lenta. Dmitri saboreia o toque, envolvendo meu rosto com mãos grandes e protetoras.

Quando seus lábios se separam, os meus também se separam.

Ele tem gosto da sobremesa mais doce e cheira a nada além de homem.

Cedro ou algo amadeirado com leves toques de especiarias. Eu poderia inalar seu perfume por dias, sem nunca me cansar.

Os beijos de chocolate do Dmitri são os meus novos favoritos. Ele já é gostoso por si só, e agora a boca dele está impregnada com uma doçura decadente e açucarada que eu quero lamber direto da fonte. Aliás, tenho um desejo estranho de chupar a língua dele.

Perdida no beijo, as carícias suaves e carinhosas dos lábios dele se tornam mais firmes e exigentes. Ondas de prazer me invadem, o desejo começa a crescer dentro de mim.

"Meu Deus, como eu senti sua falta", eu gemo, puxando-o para mais perto pelos ombros.

O peito dele encontra o meu, os músculos firmes e definidos provocando meus seios pesados, mas macios, comprimidos pelo sutiã.

Quero tirá-lo. Por que eu estava usando um, afinal?

"Eu sei, Krasotka", ele responde, a voz transbordando desejo. "Não me canso de você."

O sentimento é recíproco.

"Você pode ter tudo", ofereço sem pudor. "Sou sua."

"Sim, você é", ele concorda, pressionando nossos lábios contra os dele novamente.

Estamos nos beijando intensamente agora, um emaranhado de línguas e dentes, cada beijo mais febril que o anterior. Só de tocá-lo já me excita, minhas mãos queimando contra seu peito. Sinto vontade de tirar toda a roupa e continuar fazendo exatamente isso.

"Jade", ele geme, acariciando meu rosto. "Krasotka", ele murmura mais claramente. "Calma, meu amor. Não precisa ter pressa."

Meu coração continua acelerado enquanto arfo contra seus lábios. Ele me chamou de meu amor.

"Talvez eu queira ter pressa."

A dor dentro de mim precisa ser aliviada, ou eu posso morrer. É tão pesada, oprimindo meu âmago. O desejo de me atirar sobre os ossos de Dmitri é insuportável.

Com o polegar deslizando pelo meu lábio inferior, ele balança a cabeça lentamente. "Quero você devagar", diz ele, os olhos seguindo o movimento da mão. "Vou saborear cada momento que tiver com você por um longo tempo antes de darmos qualquer passo adiante."

"Eu—"

"Precisa de alívio?", ele deduz, afastando uma mecha de cabelo do meu rosto.

Engulo em seco, assentindo firmemente.

Sua mão desliza da ponta do meu cabelo até a frente da minha saia. Dmitri me toca através do tecido, usando apenas um dedo para dar leves toques na região. "Você precisa de mim aqui, querida?"

Assinto com firmeza, sussurrando ansiosamente: "Simmm."

“Essa gatinha gostosa precisa de atenção?”

Ai, droga. Nova palavra favorita nos lábios de Dmitri.

“Por favor”, respondo, tentando não me remexer no colo dele.

“Você está sendo tão paciente comigo”, ele elogia suavemente. “Continue me beijando e eu te mostro como aliviar essa dorzinha que você está sentindo.”

Adorando a ideia, me inclino para trás, pressionando meus lábios contra os dele. Sinto-o sorrir com a nossa conexão, absorvendo a minha óbvia necessidade de mais.

Aquele sorriso sensual só me faz desejá-lo ainda mais, mas eu o beijo, mostrando o quanto eu o quero.

“Sente na minha coxa, Krasotka”, ele instrui, me ajudando a obedecer ao me levantar. Minhas pernas se abrem e ele posiciona sua coxa grossa bem no meio da minha.

Já me sinto melhor, sentindo o leve atrito contra minha vagina.

Mantendo as mãos nos meus quadris, ele aperta a carne macia ali, e eu gemo.

"Você precisa tentar ficar quieta, amor", ele me lembra, beijando meus lábios para abafar o som. "Consegue fazer isso por mim, ou precisa de algo na boca para morder?"

Consigo pensar em algo que quero na boca, mas definitivamente não para morder.

"Consigo", sussurro, tentando parecer confiante.

Dmitri acredita em mim e me beija com intensidade.

Quando estou prestes a implorar por mais, ele se move. É um movimento tão sutil, mas que aumenta gradativamente. Ele está movendo a coxa sob mim, me aquecendo lentamente. Lentamente não dura muito.

Ele guia meus quadris para frente, e eu arfo contra seus lábios.

“Porra”, ele geme. “Você é tão quente, Krasotka.”

Quando ele move meus quadris novamente, eu me sento com mais força contra sua coxa.

“Ooooh”, eu gemo, deixando minha cabeça cair em seu ombro. “Isso é… uau.”

A pressão de seu músculo grosso tão apertado contra meu centro sensível me faz ver estrelas. Ele mal começou, e já é muuuito melhor do que um chuveiro ou meus dedos desajeitados.

Não consigo me concentrar em tentar beijá-lo, apenas no que está acontecendo comigo. Estou queimando sutilmente de dentro para fora, e Dmitri está atiçando o fogo.

“Está gostoso, amor?”, ele pergunta, lambendo os lábios. “Quer que fique ainda melhor?”

Isso é possível?

Eu engulo em seco, balançando a cabeça em concordância. “Sim, por favor.”

Seus olhos escurecem com a minha resposta, e ele beija o centro do meu peito. "Tão educado da minha parte." Dmitri espalha beijos por todo o meu pescoço até o meu queixo, sugando levemente ali. "Deslize sua calcinha para o lado, por baixo da saia, e não deixe que eu veja."

Hesito. "Você não quer me olhar?"

"Krasotka, se eu vir sua bucetinha molhada agora, eu a devorarei. Suas pernas estarão para o ar, e minha boca estará em você até você chorar."

Oh, por favor, meu Deus, deixe esse homem ver um pedacinho de mim por baixo das minhas roupas.

“Você ainda não está pronta para isso, meu bem”, ele diz pensativo, depositando um beijo na minha bochecha. “Seja uma boa menina e tenha paciência, eu posso te fazer sentir incrivelmente bem assim. Confie em mim, Jade.” O jeito como meu nome sai da boca dele me deixa sem fôlego.

Com as mãos tremendo levemente, discretamente as deslizo para baixo da saia. Movo minha calcinha para a esquerda, estremecendo quando uma brisa fria toca minha pele nua. Mal me roço com os dedos, e eles voltam brilhando quando os retiro. Me inclino para limpá-los na saia quando ele me impede.

Dmitri levanta minhas mãos, olhando para elas com um olhar ardente. Ele separa cuidadosamente meus dedos molhados e os suga entre os lábios. Seus olhos se fecham e sua cabeça cai para trás, batendo na parede com um baque suave.

"Comece a se esfregar, Krasotka, antes que eu não resista a provar mais um pouco."

O primeiro movimento que faço me faz suspirar de prazer. É muito mais intenso assim, apenas uma fina camada de tecido separando minha pele da dele.

"Isso mesmo", ele incentiva com a voz rouca. "Quer uma ajudinha para ir mais rápido, querida?"

"Simmm", eu gemo. A resposta é sempre sim.

Dessa vez, ele me guia pelas coxas, segurando minhas pernas com firmeza por baixo da saia. Se ele subisse um pouco mais, poderia me tocar diretamente. A ideia é tentadora, mas eu gosto mesmo é de como ele quer fazer isso aos poucos. Aprender a interagir com ele sem sexo já tem sido estranho. Não

consigo imaginar o quão desajeitada eu ficaria se a gente transasse rápido demais.

As expectativas são diferentes quando estamos em pé de igualdade, e parece que é isso que o Dmitri está tentando criar para nós. Um lugar onde ele não tem tanta vantagem sobre mim em termos de experiência. Nada está acontecendo rápido demais ou me confundindo, e ele ainda me dá prazer.

Eu sabia que tinha um gosto excelente quando o vi.

“Você está me ensopando como uma garota perfeita, não é, Krasotka?” ele pergunta, o elogio enviando ondas ainda maiores de prazer por todo o meu corpo.

“Eu sinto que…” respiro fundo, tentando comunicar o que quero.

“Mostre-me, amor. Do que você precisa, hm?”

Apressadamente, seguro seus pulsos e puxo suas mãos para cima. Por cima da minha blusa e sutiã, pressiono-as contra meus seios, apertando a parte superior deles para que ele os acaricie. Meus quadris se movem mais rápido, buscando a sensação crescente no meu centro.

“Você quer que eu dê atenção a eles?” ele pergunta, provocativamente descendo pelo decote da minha blusa. Ele expõe meu sutiã e o puxa para baixo também, revelando meus seios nus diante de seus olhos.

“Você é tão incrivelmente linda”, ele grunhe, com a voz grave e rouca. “Cada maldito centímetro seu.” Meus quadris se movem por conta própria, adorando o jeito como ele me olha.

A intensidade crescente contra meu clitóris faz meus dedos dos pés se contraírem e meus músculos começarem a enrijecer. Estou cada vez mais perto do ápice de algo maior do que jamais senti antes.

Dmitri provoca meus mamilos arrebitados, deslizando os polegares sobre eles enquanto continuo a me contorcer contra ele. Preciso morder o lábio com força suficiente para sentir uma leve dor, e mesmo assim não é o bastante para abafar todos os sons que escapam da minha boca.

Eu o observo enquanto ele suga meu mamilo para dentro da boca, e eu me derreto em êxtase. Minha garganta trava num gemido alto, transformando o som num grito abafado que eu contraio em seu ombro. Minha vagina se contrai ao redor do nada, pulsando como um coração bombeando sangue. Com os ouvidos zumbindo, eu me deixo levar pela onda, apreciando a atenção que Dmitri continua a dedicar aos meus seios.

Minhas pernas tremem, se contraindo em torno de sua coxa enquanto o orgasmo me percorre.

"Shhh", ele sussurra, me guiando pelas ondas de êxtase que diminuem. "Você precisa ficar quieta para mim, Krasotka. Mmm, isso mesmo, respire fundo,

querida."

Eu gemo contra ele, uma onda de calma e frescor me envolvendo. Meu coração está acelerado, mas a sensação é incrível. É como se uma onda de contentamento eletrizante me dominasse, e não há nada que eu possa fazer a não ser me entregar a ela.

Dmitri beija cada um dos meus seios antes de cobri-los e alcançar meu rosto. Ele distribui beijinhos por todo o meu corpo, cobrindo meu pescoço e rosto enquanto eu apenas respiro. Ele parece não se importar nem um pouco com a mancha molhada em suas calças, nem com o fato de eu estar um pouco aérea.

"Está melhor assim, meu amor?", ele pergunta, passando as mãos pelos meus braços em um carinho suave.

Meus lábios se curvam em um sorriso cansado. "Muito melhor."

"Você precisa descansar", ele observa, sem parecer nem um pouco decepcionado.

“E você?” pergunto, acenando com a cabeça para o volume considerável em suas calças.

Não preciso ver por baixo para saber que ele está duro.

“Eu me viro”, ele me diz, inclinando-se para mais perto. “Hoje à noite, enquanto você estiver aconchegada na cama, se masturbando com essa lembrança, eu estarei me masturbando pensando no seu gosto e em como você é incrivelmente linda quando goza para mim.”

Como eu consigo um ingresso para esse show?

“Ah, tá bom.”

“Me faça um favor, Krasotka?”

Qualquer coisa.

“Sim?”

“Quando você estiver se tocando antes de dormir, e estiver quase gozando… diga meu nome.”

“Mas você não vai ouvir?”

“Eu vou saber que você disse”, ele me responde. “Vou gozar com mais intensidade sabendo que minha garota está na cama dela, fazendo a mesma coisa que eu estou fazendo na minha.”

E, caramba, apenas quinze minutos depois que ele sai, preciso enfiar os dedos na minha calcinha e me masturbar até gozar. Cumpro minha promessa, sussurrando o nome dele no meu travesseiro até o orgasmo passar, e adormeço num sono sem sonhos.

Capítulo 22



Jade

A aula de luta é um saco.

Ao contrário do que eu disse para a Kim, eu não sou o tipo de garota que gosta de dar socos. Por que eu tenho que machucar minhas mãos para machucar alguém? É uma baita sacanagem, e eu odeio isso.

Prefiro usar uma arma.

"Não vou fazer aula de luta de novo no ano que vem", digo para o Matteo enquanto ele coloca uma bolsa de gelo nos meus nós dos dedos doloridos. "Não me importo se eu subir de nível ou não, nunca mais."

Ele ri do meu suspiro dramático.

"Quer alguma coisa para a dor?"

Me animo com a oferta.

"Você tem alguma coisa?"

"Tylenol", interrompe Armani, lançando um olhar duro para o Matteo.

"Ah, relaxa, Sargento Estraga-Prazeres", ele debocha, revirando os olhos. "Eu ia dar uma bala de goma para ela, não um maldito Percocet."

“Você tem Percocet?” pergunto, arregalando os olhos para ele.

“Não para você, ele não tem”, responde Armani, constatando o óbvio.

“Eu não quero”, respondo, lançando-lhe um olhar que grita “óbvio”. “Só estou chocada que ele tenha. A Máfia vende drogas aqui?”

“Não, nós só temos um estoque pessoal com os médicos daqui”, explica Matteo. “Para emergências.”

Faz muito mais sentido.

“Mas você tem balas de goma?”

“Sim”, diz Matteo, levantando minha outra mão para inspecioná-la. “Você precisa enrolar as mãos com uma camada mais grossa da próxima vez.”

“Enrolei as luvas até mal conseguir fechar os punhos”, resmunguei, irritada. “Não posso simplesmente mudar para outra aula de armas?” Atirar com o Armani parece muito melhor do que aprender a me defender de qualquer jeito naquela aula horrível.

“Podemos te tirar do treinamento de combate por mais um período livre, mas é tarde demais para mudar”, sugeriu Armani, sem qualquer julgamento na voz. Ele não se importa se eu quero desistir, contanto que isso me faça feliz.

Mas, ao vir para cá, eu me prometi que daria o meu melhor. Desistir agora não seria a melhor opção.

Hesitei antes de dizer: “Talvez se piorar”.

“Certo.” Ele assentiu. “É só dizer, e eu resolvo.”

“Obrigada”, respondi sinceramente.

“Tente não usar a mão direita na próxima aula”, aconselha Matteo, apontando para a junta do meu dedo médio. “Está bem machucada, então provavelmente é por isso que você está tão dolorida.”

“Temos a opção de fazer exercícios de condicionamento físico quando estamos com dor, então vou fazer isso.” Correr e fazer alguns exercícios de força parece nojento, mas é melhor do que esmagar minhas mãos já machucadas em um saco de pancadas.

“Boa ideia”, concorda ele, colocando delicadamente uma segunda bolsa de gelo na minha mão.

Com os dois membros cobertos de gelo, não consigo pegar meu e-mail, que vibra contra meu quadril.

“Você pode verificar isso?”, pergunto, acenando com a cabeça para o pequeno dispositivo para que Matteo o pegue.

Ele o abre, examinando a tela antes de seus lábios se abrirem em um largo sorriso.

“O que é?”

Sem dar explicações, ele gira a tela para que fique virada para mim. "Adoro ver ele todo bobinho por você."

Sorrio antes mesmo de ver a mensagem, sabendo que é do nosso pai.

PAI

Como você está, querida? O Leon trouxe o Bastian hoje e mostramos fotos suas para ele. Ele está muito animado para conhecer a nova tia.

Faço beicinho, com um sorriso de orelha a orelha.

"Ah, que fofo", digo, arrastando as palavras. "Você pode mandar uma mensagem para ele?"

Claro que ele concorda, perguntando o que eu deveria escrever e mostrando a tela novamente antes de clicar em enviar.

> EU
>
> Estou super animada para conhecê-lo também. Estou bem, um pouco dolorida do treino de luta, mas curtindo tudo. Vamos cozinhar peixe-espada esta semana na aula de culinária!

“Só mais uma coisa”, Matteo murmura, digitando outra mensagem. Enquanto me mostra, ele leva o dedo aos lábios, como quem diz que é um segredo da Armani.

> EU
>
> Aliás, papai, tudo bem se o Matteo me der uma balinha? Eu estou bem, de verdade, mas meu dedo está roxo e dói um pouco.

Preciso contrair as bochechas para esconder o riso. Um olhar de aprovação é tudo o que ele precisa para entender. “Papai” era um pouco exagerado, mas acaba amolecendo o coração dele. A primeira vez que o chamei assim, eu estava chorando durante um pesadelo, e foi ele quem me acordou.

Era óbvio o quanto significava para ele poder me confortar, e ele me abraçou durante a desorientação até que eu conseguisse dormir de novo. Desde então, usei o celular algumas vezes, geralmente quando digo que o amo. Nunca pude chamá-lo assim quando era criança, então sinto que tenho o direito de compensar o tempo perdido.

Nem trinta segundos se passaram antes do meu e-mail vibrar novamente.

> PAPAI
>
> Contanto que ele esteja com você o tempo todo e você se sinta bem em usar o celular, por mim tudo bem. Tenho uma noite agitada hoje, então preciso ir, mas conversamos em breve, ok? Se cuida, querida. Todos nós te amamos.

"Ponto para mim!", Matteo comemora. Ele me manda uma mensagem rápida de "Eu também te amo" antes de jogar o celular de lado.

Ele se dirige à sua pequena mesa de cabeceira de madeira, remexendo na gaveta de cima.

"Matteo", repreende Armani, bufando para ele.

"Papai disse que comestíveis estão liberados. Você foi contrariado."

"Um", Armani cede. "Você pode dar um para ela, e não pode consumir nenhum enquanto estiver cuidando dela."

"Eu sou algum tipo de amador para você?", pergunta Matteo, claramente ofendido. "Eu não vou ficar chapado com ela. Estou dando remédio para ela."

"Remédio que vai deixá-la chapada", aponta Armani.

"Essa é a parte do remédio", argumenta Matteo, bufando. "Você não pode curar um hematoma, mas pode fazer com que ele não o sinta mais."

“Se isso realmente te preocupa, eu não preciso tomar”, digo a Armani, falando sério. Eu sei como é se sentir ansiosa, e se o fato de eu tomar um comestível enquanto estamos aqui o assustar muito, eu não vou tomar.

“Nãooo”, Matteo geme. “Não alimente a necessidade dele de controlar tudo.”

“Tudo bem”, Armani resmunga, surpreendendo Matteo. Ele olha para o nosso irmão boquiaberto.

“Jade, rápido, abra a boca e tome isso antes que ele mude de ideia”, ele insiste, colocando um ursinho de gelatina azul nos meus lábios. “Vou verificar se ele não foi substituído por um alienígena depois.”

“Como—”

O gosto de framboesa azul invade minha boca antes que eu consiga terminar a pergunta. Reviro os olhos para meus dois irmãos antes de mastigar e engolir a pequena guloseima.

"Eu ia perguntar, como exatamente se verifica se alguém é um alienígena?"

"Facilmente." Matteo dá de ombros, aproximando-se de Armani. "Vem cá, e deixa eu tentar arrancar seu rosto."

"Toca no meu rosto e eu te dou um soco."

"Nossa, que grosseria!"

"E tentar arrancar meu rosto não seria grosseria?"

"Estou tentando salvar sua vida!"

"Vocês dois podem calar a boca?" Nico reclama, jogando o travesseiro sobre a cabeça.

"Você estava tentando dormir esse tempo todo?" Pergunto, fazendo uma careta. "Desculpa, achei que você estivesse lendo."

A cama do Nico fica no canto mais afastado do quarto porque ele precisa de mais tempo sozinho do que o Matteo ou o Remo. Ele gosta do seu espaço, e eu tento dar isso a ele o máximo que posso.

"Não é sua culpa", ele murmura. "Você não é uma das barulhentas."

"São 16h, você não deveria estar dormindo mesmo", reclama o Matteo. "Pare de ser chato e faça alguma coisa com a gente."

"O jantar é daqui a uma hora", responde o Nico, ignorando o pedido do Matteo. "Você pensou nisso antes de dar maconha para ela?"

Ops.

"Tudo bem", digo antes que alguém entre em pânico. "Significa apenas que eu vou poder comer mais."

Matteo dá uma gargalhada, jogando a cabeça para trás. "Ah, isso vai ser ótimo."

O jantar não é ótimo.

Não por causa de uma ressaca ou algo do tipo, mas porque eu não pensei que o Ivan me veria chapada. Meu pobre melhor amigo está me observando com olhos preocupados desde que chegamos aqui.

Eu entendo a preocupação dele. Estou rindo abertamente, com os olhos semicerrados e comendo sem o controle de sempre. Embora me sinta ótima, também me sinto uma péssima amiga. Isso até que eu veja uma oportunidade de corrigir meu erro.

"Vou pegar um pedaço de bolo de chocolate", anuncio para a nossa mesa, me levantando. Matteo se levanta também, mas eu balanço a cabeça negativamente. "O Colton está ali, eu vou ficar bem. Senta aí, eu pego um pedaço para você também."

"Não sei", ele pondera, olhando em volta.

"Está a apenas três metros de distância", lembro a ele. "Estou perfeitamente bem."

Mesmo relutante, ele acena com a cabeça e volta para o seu lugar.

Felizmente, esse pequeno debate não dura o suficiente para Colton mudar de lugar, porque ele é exatamente quem eu preciso ver. Eu me aproximo dele, caminhando com confiança para não cambalear.

"Oi", cumprimento, pegando um prato vazio.

O som da minha voz chama sua atenção, e ele se vira parcialmente para me cumprimentar.

"Oi, Jad... Nossa, você está chapado."

"Estou mesmo", concordo, sorrindo feito bobo. "Preciso da sua ajuda."

Imediatamente, ele se endireita. "Alguém te drogou?"

"Ai, meu Deus, não", respondo apressadamente. "Desculpa, desculpa, não. Foi o Matteo que me deu. Era só uma bala de goma. Já comi antes, e minhas mãos estão doloridas do treino."

Ele relaxa imediatamente. "Então, com o que você precisa de ajuda? Para pegar um bolo?"

“Bem, na verdade, sim”, respondo rapidamente. “Dois de chocolate, por

favor, um normal e um enorme para o Matteo, se não se importar.”

Colton pega meu prato e começa a cortar a sobremesa de chocolate duplo.

“Mas também”, digo, mantendo a voz baixa. “Você se importaria de dizer ao Ivan que estou bem e explicar sobre a bala de goma? Acho que ele percebeu que eu tomei alguma coisa, e ele não sabe o quê, então está preocupado.”

“Ah”, ele murmura. “Mais uma das suas travessuras, hein?”

Coro, dando de ombros. “Se não se importar.”

Dando uma risadinha, Colton me devolve o prato, agora cheio de bolo. “Eu conto para ele por você, minha pequena Moretti.”

“Obrigada!”, exclamo, com um sorriso enorme.

“Não precisa agradecer”, ele responde, apontando com a cabeça para a minha mesa. “Volte agora antes que o Armani tire conclusões precipitadas.”

Um ótimo conselho, porque quando me viro, ele está olhando diretamente para nós.

Ele não parece exatamente bravo, mas certamente não parece satisfeito. Parece rude não confiar em alguém que obviamente é seu amigo para cuidar da sua irmã, mas o que eu sei? Não tenho muita experiência com amizades.

“O que o Colton queria?”, pergunta Armani antes mesmo de eu conseguir me sentar.

Estou com muita vontade de dizer algo sarcástico, como fingir que ele estava me pedindo em casamento ou algo assim. Mas mesmo chapada, sei que é uma péssima ideia.

Pisco para ele. “Ele me ajudou a cortar o bolo.”

Ele ergue uma sobrancelha, duvidoso. “Você falou mais do que isso.”

“Ele percebeu que eu estava chapado”, comento, dando de ombros. “Ele queria ter certeza de que eu não seria drogado ou precisaria de ajuda.”

A postura de Armani relaxa e ele acena com a cabeça. “O Colton é assim mesmo.”

“Ele parece ser um bom amigo”, comento, observando Matteo começar a atacar o bolo. “Por que vocês não saem mais juntos?”

Matteo ri baixinho com a boca cheia de bolo. “O pai do Levi odeia o Armani.”

“O pai do Colton?” pergunto, inclinando a cabeça para trás, surpreso. “O que você fez para ele te odiar?”

“É que—”

As palavras morrem em seus lábios, qualquer explicação que ele fosse dar se perde quando algo explode do outro lado do refeitório. Há uma enorme confusão de sons. Suspiros, palavrões, cadeiras arrastando ruidosamente no chão e, droga, briga.

Com cadeiras tombadas, talheres e pratos espalhados ao redor dos dois corpos e uma multidão começando a se formar, a situação não parece nada boa. Meu estômago revira ao perceber quem está brigando.

Pisquei rapidamente, sem acreditar no que via. Ivan estava dando uma surra em um cara. Tipo, espancando o sujeito até ele cair no chão, e ninguém o impedia. Ele era menor, mais magro e obviamente mais baixo, mas, pelo que eu podia ver, isso nem era uma desvantagem. Ivan parecia saber exatamente como usar seu tamanho e suas habilidades. Nem parecia que ele tinha levado um golpe.

E Colton não estava mais perto dele. Na verdade, ele estava indo em direção à nossa mesa, olhando a briga por cima do ombro, mas continuando a avançar. Meus irmãos se levantaram, erguendo a guarda como escudos impenetráveis. Eu também me levantei, nervosamente estendendo a mão para Matteo em busca de apoio.

Minha mente estava a mil, e eu não fazia ideia de como agir.

A necessidade de ver como Ivan está é grande, mas Colton me olha nos olhos com severidade, e eu sei que ele está me lembrando que não posso.

Nos aproximamos lentamente da cena, o som de socos cortando o ar com um estalo nauseante. Matteo usa o corpo para me proteger, me mantendo escondida atrás dele. Mal consigo desviar o olhar por entre seus braços para observar.

O refeitório se tornou oficialmente um risco biológico. O sangue do homem no chão está espalhado ao redor dele, até mesmo respingando no rosto e nos punhos de Ivan. Parece cena de filme de terror, cena de assassinato.

Meu estômago se revira, revirando de náusea. Acho que grandes quantidades de sangue nunca deixarão de me fazer mal. Muitas lembranças.

Quando penso que acabou, Ivan dá um último chute na barriga do homem. Juro que o som é de ossos quebrando, tão forte que me faz estremecer. Matteo aperta minha mão, lembrando-me de que ele está ali e que estou segura.

"Você está morto", o cara sussurra, com os dentes manchados de sangue. "Você quebrou as regras." Ele tosse. "Russo de merda—"

"Então me denuncie ao Senhor", desafia Ivan, com a voz grave e carregada de uma ameaça fria. "E eu vou garantir que ele saiba exatamente por que você apanhou tanto. Quer que ele saiba o que você disse? Se ele souber, o pai dela descobre, e aí veremos quem está realmente morto."

"O que ele disse?", pergunta Armani ao amigo. "Você ouviu?"

“Ele disse algo sobre a Jade estar drogada e vulnerável”, Colton relata baixinho, e eu engulo em seco. “Você pode imaginar o resto.”

“Ele bateu nele por causa da Jade?”, Matteo pergunta seriamente, estufando o peito. “Por que ele se importa com a minha irmãzinha?”

“Acho que não foi especificamente por causa da Jade”, Colton mente. “Tenho quase certeza de que foi por princípio. Você sabe dos boatos sobre a irmã dele.”

Não, eu não sei.

“Droga, é verdade”, diz Matteo, visivelmente enjoado.

Não preciso saber dos boatos para entender a implicação. Algo aconteceu com a irmãzinha do Dmitri e do Ivan, e foi algo horrível.

“Bem feito para ele, aquele cretino merece se afogar”, Remo murmura.

“Na verdade, por que contar para o pai dela se ela tem quatro irmãos bem aqui?”, sugere Ivan, encarando o homem a seus pés como se ele não fosse nada.

“Que ótima ideia!”, exclama Armani, abrindo caminho pela multidão.

Um silêncio sepulcral se instala entre os sussurros e discussões ao nosso redor. As pessoas observam Armani com olhos ávidos e sedentos de sangue. Elas querem que ele destrua ainda mais esse cara, mas eu realmente espero que não. Precisamos acalmar os ânimos antes que a situação saia ainda mais do controle. Não posso lidar com Ivan ou meu irmão se metendo em encrencas das quais não conseguiriam se recuperar. Seria demais.

Mais do que isso, eu queria poder subir lá e dar um abraço no meu melhor amigo. Ele acabou de detonar alguém numa briga por causa de um comentário babaca. Ele podia ter deixado pra lá, mas não deixou. Me defendeu sem pensar duas vezes.

"Fica aí", Armani avisa enquanto o cara tenta se levantar. Meu irmão não precisa encostar nele, a ordem já basta.

"Ouvi dizer que você gosta de garotas vulneráveis", ele debocha, deixando seu desprezo evidente. "Como é se sentir a pessoa mais vulnerável da sala agora?"

"Eu não disse nada—" o cara tenta argumentar.

"Um covarde de merda e um mentiroso ainda por cima", Armani estala a língua, balançando a cabeça enquanto circula o homem como um lobo ronda sua presa. "Que pena para você."

Pelo canto do olho, vejo Ivan sair da cafeteria sem olhar para trás. Tenho uma vontade desesperada de correr atrás dele para ver se está tudo bem, mas não posso. Dmitri vai cuidar dele, com certeza. Além disso, ele mal tem um arranhão.

"Só me bate e acaba logo com isso", ele dispara, rangendo os dentes.

Armani ri. "Ah, eu não vou te bater. Ficar falando da minha irmãzinha te rende muito mais do que uma surra rápida. Não, eu vou te dar uma escolha."

O cara geme, agarrando a lateral do corpo com dor. "Eu não dou a mínima para a sua irmã ou para os seus joguinhos idiotas. Some daqui."

“Opção um”, continua Armani, ignorando o pedido do homem. “Você pega o barco de emergência para casa hoje à noite, e eu te dou uma vantagem até o fim do semestre, mas depois disso, eu vou atrás de você.”

Meu Deus, que hora horrível para estar chapado.

“Vai se foder”, ele cospe.

“Eu não tinha terminado, porra”, Armani rosna. Eu sei que ele quer bater nele, mas não pode ser visto espancando um aluno. Muito menos um que já está no chão, mesmo que seja um escroto que mereça.

“Você pode ir para casa hoje à noite com a sua vantagem, ou eu posso cortar sua garganta de orelha a orelha assim que sairmos do cais no fim do semestre. A escolha é sua.”

Há uma longa pausa antes que o cara sangrando ceda.

“Tudo bem.”

“Boa escolha”, comenta Armani. “Estaremos de olho em você.”

Depois disso, tudo acontece muito rápido. Matteo aproveita que nossas mãos estão entrelaçadas para me tirar de lá. Saímos do prédio como se estivesse pegando fogo, enquanto o resto dos nossos irmãos e Colton nos seguem mais devagar.

"E o meu bolo?", protesto, triste por tê-lo deixado para trás.

"Te compro mais depois", Matteo garante.

"Podemos ir mais devagar?", resmungo.

"Não", ele responde, e antes que eu possa reclamar de ter tropeçado, ele me pega no colo e me coloca sobre o ombro.

Dou um gritinho, sentindo-me imediatamente tonta com o movimento.

"Cubra a saia dela!", Armani grita atrás de nós.

"Já estou fazendo isso", Matteo responde arrastado.

Ele segura minha saia com o antebraço, usando o cotovelo para me manter no lugar com segurança.

“Acho desnecessário ser carregada”, digo, aproveitando minha nova posição para beliscar seus quadris.

Matteo nem se mexe.

“Te coloco no chão quando chegarmos ao quarto.”

Solto um longo suspiro, mas deixo rolar. Não é uma caminhada longa e, com a velocidade que estamos, não adianta discutir. Já estaremos aonde precisamos ir antes que esse garoto teimoso ceda.

Levo alguns segundos para me recompor depois que me colocam de pé. Tanto que me jogo no sofá em vez de tentar me equilibrar.

Assim que entramos e a porta se fecha, respiramos fundo juntos.

“Nossa, que refeição insana”, diz Matteo, ainda incrédulo. “Aquele russo

acabou com ele. Não esperava que ele conseguisse esmagar a cara dele com aquele tamanho.”

Sinceramente, eu também não. E eu sabia que o Ivan era extremamente bem treinado.

“Ele não é muito menor que o Nico”, aponta Remo. “E todos nós sabemos do que ele é capaz.”

Eu não sei ao certo, mas também não acho que queira ver com meus próprios olhos. Estou totalmente satisfeita em acreditar na palavra deles.

“Tudo bem, Jade?”, pergunta Colton, parecendo cauteloso.

“Tudo bem”, asseguro a ele. “Só um pouco tonta por ter sido transportada como um saco de farinha gigante. E também chateada por terem esquecido meu bolo.”

O caubói ri. "Tem muito mais; tenho certeza de que Matteo vai cumprir a promessa de repor."

É melhor que cumpra.

Meu efeito está passando por causa de todo o estresse, e um bom pedaço de chocolate vai ajudar a compensar, penso.

"Agora", diz Armani, ajeitando os punhos da camisa. "Antes de eu ir, certifique-se de que o morto-vivo — ou melhor, mancando — está entrando no barco. O que aprendemos hoje, crianças?"

"Nada de drogas antes do jantar", dizemos Matteo e eu em uníssono.

Que lição de vida estranha para se aprender.

Capítulo 23



Dmitri

Com o reflexo da lua prateada tremeluzindo nas ondas agitadas, a noite se revela e minha máscara cai. O som da água corrente e o ronronar suave do motor do barco zumbem ao redor, preenchendo o ar com pouco mais que um ruído tênue. Isso cria uma barreira, permitindo-me mover sem a necessidade do silêncio absoluto.

Invadir e desembarcar furtivamente de navios mercantes não é novidade para mim. Já fiz isso inúmeras vezes, aprimorando as habilidades necessárias para ter sucesso na tarefa. Esta noite é diferente. Esta é uma missão não programada, que não foi meticulosamente planejada e cuidadosamente pensada.

Meu alvo nesta incursão não são mercadorias para negociar.

É uma vida para tirar.

Com as poucas informações que consegui reunir antes de me colocar nessa situação, eu já sabia exatamente onde encontrá-lo. No convés inferior, sem vigilância.

Uma completa falta de precaução da parte dele, mas, nesse caso, os guardas não ajudariam, nem o salvariam de mim. Nada poderia salvar um homem que abre a boca para vomitar coisas repugnantes sobre meu Jade.

O nome dele é Billy Bosen, e ele é o novo membro dos Ceifadores Perdidos. O clube de motociclistas simplesmente terá que seguir em frente sem ele, porque ele não voltará para casa. Não neste barco, e não nesta vida.

Eu me esgueiro pelas partes mais escuras da embarcação, alinhando-me com as sombras para permanecer oculta. Billy não tem um momento sequer para se preparar para mim. Quero ver a luz da esperança se apagar em seus olhos

quando eu me revelar. Não tenho tempo para torturá-lo por horas a fio, ou estarei longe demais para nadar de volta à ilha. Aceitarei seu horror e medo como penitência antes de acabar com sua vida.

Se ele tivesse realmente encostado um dedo nela, não teria chegado ao cais. Eu o teria matado ali mesmo, que se dane as regras.

Deslizando para o lugar, encontro-o com os olhos baixos, concentrado em pressionar uma bolsa de gelo contra as costelas. Ivan o deixou em frangalhos, isso eu consigo ver daqui. Sangue seco rachado no canto da boca e hematomas já se formando em seu rosto inchado.

Chego perto o suficiente, divertida com sua péssima noção de espaço. Ele deveria sentir que estou observando-o. Deveria haver pelos eriçados na nuca e medo percorrendo sua espinha. E, no entanto, suas orelhas nem se mexem ao leve som dos meus passos.

Estou fazendo um favor aos Ceifadores Perdidos ao removê-lo deste mundo. Ele é um maldito risco.

"Ele quebrou as costelas? Ou você ainda não conseguiu verificar?"

Ele levanta o olhar, estremecendo ao ouvir minha voz.

“Eu esperava que ele tivesse perfurado um pulmão, mas aí ele teria o prazer de dizer que acabou com você sozinho. Fico feliz que ainda tenha sobrado um pedaço para mim.”

“Ah, droga”, ele pragueja, o rosto empalidecendo.

“Inteligente o suficiente para ter medo de mim e burro o suficiente para se colocar nessa situação”, comento, franzindo os lábios. “Que desperdício.”

Ele tenta correr, mas não é rápido o suficiente. Em um instante, eu o derrubo no chão, gemendo de dor. Fico em pé sobre ele, pairando minha bota sobre seu antebraço até encontrar o ponto certo.

Crunch.

Seu grito arrepiante é música para meus ouvidos.

“Droga!”, ele grunhe quando alivio a pressão, mantendo o peso ali como uma ameaça.

“Ainda não quebrou”, digo a ele, embora esteja claramente fraturado. “Não chore por isso, você mereceu, Billy.”

“Os Morettis me deram uma vantagem”, ele cospe como se isso devesse significar alguma coisa para mim. “Nós fizemos um acordo—”

“Eu pareço uma Moretti para você?”, pergunto, pressionando com mais força seu braço imobilizado. Mais alguns quilos de pressão e começarei a quebrar ossos de verdade.

“Puta merda!”, ele grita, gemendo e tentando se esquivar. “Por que você se importa?! Ela é só uma garota qualquer!”

“Essa garota é minha.”

“Não”, ele protesta, com o rosto branco como um fantasma.

Ele está desesperado para acreditar que não é verdade.

“Minha garota”, repito. “Minha mulher, a futura mãe dos meus filhos, minha futura esposa”, continuo, ficando cada vez mais irritada a cada palavra. “Ela é minha. Devia ter ficado de boca fechada, Bosen. Agora veja o que você me fez fazer.”

“Eu não sabia!”, ele exclama, implorando.

“Você acha que isso importa?”, disparo, perdendo a paciência. O tempo está se esgotando à medida que o barco se afasta da costa. “Qualquer um que pense na minha mulher merece morrer. E você não só pensou, como profetizou.”

“Me desculpe”, ele gagueja.

“Não me importo”, respondo, impassível. “Não há lugar para gente como você aqui, e não tenho piedade.”

“O que você vai fazer comigo?”, ele choraminga. Lágrimas se acumulam em seus olhos, e então eu vejo, o olhar de terrível derrota.

“Bem, primeiro, vou te matar”, respondo, saboreando o grito estrondoso que ele solta em resposta. “E depois vou deixar os tubarões te devorarem.”

Ele simplesmente chora mais alto, alimentando minha necessidade de sua dor. É tão satisfatório vê-lo morrer antes mesmo de eu matá-lo.

“E amanhã à noite, enquanto os peixes estiverem devorando o resto do seu corpo inútil, eu estarei devorando minha futura esposa. A mulher que você tanto queria, a ponto de se matar por ela.”

“P-por favor”, ele implora.

É inútil. Como se eu fosse deixá-lo respirar depois de tudo o que ele disse sobre a minha garota. Minha Jade. Minha preciosa garota, boa demais para este mundo horrível.

“Só homens patéticos e fracos morrem implorando por misericórdia”, digo a ele, com nojo só de olhar para ele. A faca que guardo no cinto pesa na minha mão enquanto a puxo, o metal prateado reluzindo sob a luz do barco. “Então acho que é bem apropriado, não é?”

Cortando sua artéria femoral, arrasto a lâmina pela sua coxa até os testículos, arrancando-os com um único corte profundo. Ele grita como um porco e sangra ainda mais rápido. Sua pele fica pálida e fria. Mas, só para garantir, perfuro sua jugular antes de lançar seu corpo ensanguentado nas águas escuras lá embaixo.

O som repugnante do seu cadáver sem vida vai chamar a atenção da tripulação, mas antes que eles tenham tempo de investigar, eu já estarei na água.

Ao chegar à borda da popa, consigo ver bem a ilha ao longe. Deve estar a cerca de um quilômetro e meio, talvez um pouco mais.

Já nadei mais de um quilômetro e meio antes, mas nunca por um motivo melhor.

Exatamente vinte horas depois, escalo o prédio de Jade, entrando sorrateiramente em seu quarto pela janela entreaberta. O lugar é ridiculamente pequeno, mas não me importo de ter que me espremer para passar. Preciso vê-la, e esta é a maneira mais segura de fazer isso sem ser visto. Desta vez, porém, não pretendo ficar. Vou levá-la comigo.

Ela já está dormindo quando meus pés tocam o chão, e não se mexe nem um pouco quando caminho até a lateral da cama. Ainda bem que Jade tem tantos irmãos para protegê-la, porque parece que ela tem um sono muito pesado.

Ela também me tem agora, lembro a mim mesmo, satisfeito com isso.

Inclinando-me, consigo ver bem seu rosto fresco, a pele ainda brilhando por causa dos cuidados pós-banho. Ela não dormiu muito tempo, então, a menos que tenha removido o hidratante se mexido na cama.

"Jade", sussurro, tocando seu braço nu com delicadeza. "Acorda para mim __"

Ela me interrompe com um gemido frustrado e sonolento.

“Matteo, eu já te disse que não quero assistir a um filme de zumbis”, ela murmura, afundando o rosto ainda mais no travesseiro. “Estou com sono.”

Não consigo conter o sorriso. “Sonolenta demais para mim, Krasotka?”

Ela congela, os músculos se contraindo por todo o corpo antes de levantar a cabeça lentamente. Seus olhos cansados se arregalam ao me ver. Ela está tão adorável, toda chocada e confusa até se livrar do torpor.

“Dmitri”, ela sussurra docemente, as maçãs do rosto corando. “Oi.”

“Oi, meu bem”, eu cumprimento, inclinando-me para lhe dar um beijo na testa. “O que você acha de sair comigo? Ainda está com muito sono?”

“Com sono? Quem está com sono? Estou bem acordada”, ela responde, esfregando os olhos para espantar qualquer resquício de cansaço. Jade se atrapalha, jogando o cobertor para o lado e cambaleando até ficar de pé. “Ops, levantei muito rápido. Um segundo, por favor.”

Dou uma risadinha, segurando seu braço para ajudá-la a se equilibrar. “Pode ir mais devagar, Krasotka, temos tempo.”

“Não precisa de tempo”, ela canta, com um sorriso largo e colocando as mãos na cintura. “Estou pronta para ir.”

“Amor, você está de pijama”, lembro a ela, olhando para sua camisola

curtinha. E embora eu quisesse levantar as pontas e mostrar o quanto gosto dela com essa roupa, não é prático para o que eu planejei.

Ela olha para si mesma, notando as coxas expostas e o decote profundo que realça seu colo. "Ah, é mesmo."

Dou uma risadinha, levantando seu queixo. "Você tem algo quente para vestir?"

Jade engole em seco e, por um segundo, acho que ela vai pular nos meus braços e me atacar com beijos, implorando para que eu a tenha ali mesmo. Fico muito feliz que ela não faça isso, já que não confio na minha capacidade de recusá-la esta noite.

"Quente?", ela pergunta, virando-se para procurar o armário.

Mordo meu dedo enquanto ela se afasta, o vestido balançando em suas coxas e enfatizando sua bunda. Tanta pele nua que eu poderia estender a mão e tocá-la.

Para minha total surpresa, Jade tira o camisolão, deixando-o cair aos seus pés no pequeno closet. Meu pau salta na calça, inchando contra a costura do zíper, e eu me viro parcialmente, escondendo a maior parte dela dos meus olhos. Seus seios estão nus, pesados como uma palma da mão, com mamilos rosa-pêssego que ainda consigo sentir o gosto. Felizmente, ela está usando calcinha, ou minha garota teria acabado de me quebrar.

Pelo canto do olho, observo-a puxar lentamente uma calça legging preta para cima das pernas, e meu punho se fecha com força ao ver sua calcinha fio-dental de renda rosa. Vou tirá-la dela com os dentes.

Agora só preciso conseguir fazer isso sem enfiar meu pau nela.

Quando dou uma olhada nela novamente, seus seios estão cobertos por um sutiã rosa, e ela está vestindo um suéter de gola redonda oversized. Para ser sincero, o fato de ela estar coberta não está ajudando em nada a minha ereção, nem o fogo que queima dentro de mim, implorando para prová-la.

"Algum problema?", ela pergunta, fingindo inocência enquanto calça um par de meias.

"Você é uma tentação irresistível, Krasotka", respondo honestamente, observando-a descaradamente. "Sou o cara mais sortudo desta ilha inteira só pelo fato de você me querer tanto quanto eu te quero."

Seus olhos escurecem enquanto ela calça as botas, os lábios entreabertos em um suspiro silencioso.

"Pronta para ir?", pergunto, bancando o tímido, assim como ela fez.

Ela acena com a cabeça ansiosamente, dando um passo em direção à porta, parando apenas quando balanço a cabeça negativamente. "Não vamos por aí, querida."

Jade engole em seco, os olhos arregalados fixos na janela. "Você não quer

dizer..."

Eu sorrio, pegando sua mão e a conduzindo até lá. "São só três andares, e além disso..." Apontando para o chão, incentivo-a a fazer o mesmo. "Olha quem está lá para te amparar."

Meu irmão emerge da sombra do prédio, olhando para cima para que Jade possa ver seu rosto sob o luar.

"Ivan", ela diz, um sorriso se abrindo em seus lábios, mostrando os dentes.

"Confia em nós?", pergunto, aproximando meus lábios da concha de sua orelha.

Ela inclina a cabeça em um aceno de cabeça. "Sempre."

Vendo Ivan sinalizar que está pronto, ajudo Jade a passar pela janela. Peço que ela se segure firme em meus braços e me apoio na parede antes de me inclinar, abaixando-a até um ponto de queda mais confortável. Um assobio corta o ar, e sei que Ivan está posicionado para pegá-la.

"Solta para mim, querida", instruo baixinho.

Sem um pingo de medo nos olhos, Jade solta minhas mãos e cai. Ela me impressiona com o movimento hipnotizante, caindo direto nos braços de Ivan com um baque.

"Isso aí!", ouço Ivan comemorar. "Bom trabalho, garota corajosa."

Jade ri com ele, e meu coração se aquece.

Desço com facilidade, fechando a janela dela enquanto desço. Usando os tijolos aparentes e o revestimento da janela, desço rapidamente antes de chegar ao chão.

"Sinto muito que você tenha tido que bater em alguém por minha causa", diz Jade suavemente quando a encontro. Ela já está de pé, abraçando Ivan pela cintura.

Meu irmão ri baixinho, mas a abraça de volta. "Não precisa se desculpar, eu gostei."

"Você não está só dizendo isso?", ela pergunta, afastando-se para vê-lo responder.

Ele balança a cabeça negativamente. "Não, eu gostei muito de vê-lo sangrar."

Soltando-o completamente, ela ri baixinho e acena com a cabeça, indicando que acredita nele. "Tenho certeza de que Armani também gostou. Deu para ver que ele queria muito bater nele. Espero que, depois que o semestre acabar, a surra que eu der nele seja incentivo suficiente para ele aguentar."

Ah, ela ainda é tão inocente.

Armani não se contentaria com alguns ossos quebrados e um pouco de sangramento interno. Ele o teria caçado como um cão, torturado e o deixado em um sono eterno. Mas não há nada que o faça aguentar, aquele verme era meu

para me livrar, e eu não tenho nenhum pudor quando se trata da minha mulher.

Pelo menos no que diz respeito à proteção dela e à honra do seu nome.

Ivan nos acompanha até o prédio, mas não se afasta depois que chegamos ao meu quarto. Ele vai para o dele e fica de olho em tudo enquanto estamos ocupadas.

"É aqui que te despeço", diz ele para Jade, com um sorriso torto nos lábios. "Aproveite seu encontro e nos vemos em breve, garota corajosa."

"Tchau", ela responde, acenando levemente enquanto ele desaparece.

Destrancando a porta, abro para ela e a sigo silenciosamente para dentro. Ela já viu meu apartamento antes, mas não assim. Desta vez, me preparei para a presença dela.

A luz de velas tremula, preenchendo o quarto com um tom alaranjado quente. Minha cama está arrumada e todas as superfícies disponíveis estão cobertas com altas velas brancas que perfumam o ambiente com um leve aroma de baunilha. Não tenho doces para oferecer desta vez, principalmente porque duvido que ela esteja com vontade de um lanche agora que estava tentando dormir há poucos minutos.

A surpresa ilumina o rosto da minha garota, seus olhos azuis brilhando enquanto ela olha ao redor, com a mão cobrindo a boca.

"Dmitri", ela sussurra, atônita, dando uma volta completa e examinando cada canto do quarto de uma só vez. "Isso é... uau."

"Você gostou?"

"Isso é tão romântico", ela respira, girando para apreciar tudo mais uma vez.

Não é grande coisa. Haverá encontros muito mais luxuosos e românticos no nosso futuro, mas fiz o melhor que pude com o que tínhamos na ilha. Não há muito o que fazer para um encontro secreto quando passa da meia-noite numa ilha isolada com olhares curiosos.

"Serve", digo, estendendo a mão para ela. "Você não está com fome, está?"

"Nem um pouquinho", ela responde, ficando na ponta dos pés.

Seus braços envolvem a minha nuca e os meus a envolvem pela cintura, puxando-a para um abraço apertado.

"Eu estava preocupado com você ontem", admito. "Como você está se sentindo?"

"Culpada", ela responde com uma careta. "Não pensei em você antes de tomar a goma, e deveria ter pensado. E aí veio o Ivan..."

“Não se sinta culpada”, eu a encorajo, brincando com as pontas do seu cabelo enquanto nos abraçamos. “Você não precisa pedir permissão, não pense que eu espero isso de você. Mas—”

“Um aviso seria bom”, ela interrompe, adivinhando.

“Sim”, concordo. “Um aviso ajudaria.”

Jade acena com a cabeça, o rosto roçando meu peito. “Desculpe.”

Pressiono meus lábios contra seus cabelos macios. “Você não precisa se desculpar, e mesmo se precisasse, já estaria perdoada, Krasotka.”

“Então, o que vamos fazer neste encontro?”, ela pergunta, mordendo o lábio inferior.

Minhas mãos envolvem seu rosto, encerrando nosso abraço. “Pensei que poderia te ensinar uma forma diferente de lidar com a dor.”

Seu nariz se enruga. “Você vai me dar Tylenol?”

“Eu estava pensando em te lamber, mas se você preferir um Tylen—”

“Vamos fazer o que você gosta”, ela interrompe, com um sorriso nervoso no rosto.

“É mesmo?” pergunto, roçando suas bochechas com os polegares. “Você quer minha boca em você, querida?” Uma mão acaricia seu rosto enquanto deslizo meus dedos sobre os lábios de Jade, fazendo-a estremecer.

Suas pupilas se dilatam e ela acena com a cabeça, a boca entreaberta para soltar um suspiro trêmulo. Sinto o calor aquecer a ponta dos meus dedos e sorrio maliciosamente.

“Foi por isso que você se despiu na minha frente hoje à noite, Krasotka?” pergunto, cantarolando. “Você queria me provocar para que eu a mantivesse nua?”

“Bem, um pouco”, ela confessa, com a voz rouca e suave.

“Menina travessa”, estalo a língua, aproximando meus lábios de sua bochecha. “Faça de novo para mim.”

Sua garganta estremece com um engasgo. "A-agora?"

"Hum," murmuro, concordando. "Agora, querida."

Seu moletom é jogado para o lado com um puxão apressado. Em seguida, ela tira os sapatos, deixando as meias escaparem e chutando-as para o lado. Jade não é exatamente confiante quando se despe para mim, mas ela faz isso tão bem, me observando enquanto as roupas continuam a cair dela. Quando ela fica só de calcinha e sutiã, levanto a mão para que ela pare.

Dou um passo à frente, meus dedos levantando a alça do sutiã, deslizando pelo tecido macio. "Isso fica aí."

"Você não quer ver?" ela pergunta, com os lábios se curvando em um sorriso irônico.

"Não posso ver," corrijo, interrompendo sua carranca. "Você não tem ideia do poder que exerce sobre mim, não é?"

“Eu... eu quero?” ela sussurra.

Absolutamente adorável.

“Não posso te deixar completamente nua na minha cama, ou nunca mais vou te deixar sair, Krasotka. É esse o poder que você tem sobre mim.”

Eu também matei um homem por falar de você ontem. Eu diria isso a ela se não achasse que estragaria o clima.

Os lábios de Jade se curvam num sorriso. “Então, se eu tirasse meu sutiã...”

“Não”, aviso, com a voz firme, mas baixa. “Ainda não.”

“Tudo bem”, ela cede. “Mas logo?”

“Assim que você for minha esposa.”

“Logo”, concordo, conduzindo-a lentamente de volta para a minha cama. “Agora seja uma boa menina e deite-se, querida. Quero tirar essa calcinha e abrir essas pernas lindas.”

Eu a ajudo a desenrolar a renda pelas pernas e contenho um gemido enquanto ela se deita, com os joelhos entreabertos. Sua vagina é exatamente como eu imaginei, incrivelmente deslumbrante, assim como o resto dela.

Rosa-pêssego e já molhada para mim.

"Caramba", murmuro, admirando-a por completo.

Ela é incrivelmente macia e perfeita.

Mordendo o lábio, ela pergunta: "Você gosta?"

"Eu adoro", respondo, sem hesitar. "Como eu não adoraria?"

"Eu só..." Ela cora, parando para pensar nas palavras. "Eu li na internet que alguns caras não gostam de pelos ali. Não é imaturidade, né?"

"Claro que não", respondo sinceramente. "Você gosta de ficar sem pelos?"

Ela acena timidamente com a cabeça.

"Sim? Então é só isso que importa, meu bem."

Ela nunca poderia se depilar ou se depilar o tempo todo, e eu a desejaria do mesmo jeito. Quem se importa com pelos no corpo? Eu sou coberta deles, e ela nunca reclamou.

"Eu nunca pude me depilar antes", ela admite baixinho. "Eu nunca quis fazer nada que a Kim pudesse considerar vulgar. Então, quando me mudei para a casa do meu pai, raspei tudo, e gostei muito. Não só porque me deixa mais macia, mas porque eu posso escolher, sabe?"

Se o pai dela não encontrar aquela vadia, eu encontro. Vou estripá-la como um porco e garantir que ela saiba que não destruiu a Jade, e agora nunca mais vai. Escória como ela merece apodrecer, sozinha e fria, sem nunca mais ser amada ou lembrada.

“Deixa eu te mostrar o quanto eu gosto disso”, ofereço, tirando a camisa com uma só mão. Os olhos dela se arregalam, percorrendo os contornos e saliências dos músculos expostos. “Gostou do que viu, amor?”

“Uhum”, ela responde, com os lábios entreabertos.

Caramba, eu amo essa garota.

Eu já suspeitava disso, mas não estou apenas me apaixonando por ela, já estou perdido. Meu coração parece triplicar de tamanho quando estou perto dela, como se pudesse explodir do meu peito de tanta exposição à Jade. Ela faz com que todos os meus instintos protetores se acendam com uma potência incrível, e eu jamais pediria que isso mudasse.

No início, foi avassalador, quase preocupante. Um Pakhan deve manter o controle total para proteger as pessoas que dependem dele, mas Jade começou a me privar da minha capacidade de pensar com clareza muito mais rápido do que eu esperava. Ela me deixou sem fôlego, e agora? Agora ela é todo o ar que preenche meus pulmões, e estou tão feliz por poder respirá-la todos os dias pelo resto da minha vida — se ela me aceitar.

Meus joelhos tocaram o chão com um baque suave, caindo diante dela. Meu nariz roçou a parte interna do seu joelho, subindo provocantemente por sua coxa. Respirei fundo, inalando uma dose generosa de seu aroma viciante.

Jade cobre o rosto, as pontas dos dedos deixando pequenas marcas brancas em suas bochechas rosadas enquanto fecha os olhos com força. Eu nem sequer a beijei ainda, e ela já está ofegante.

"Não se esconda, você está tão perfeita daqui de baixo, meu bem." Acaricio suas pernas, depositando beijos na parte interna macia de suas coxas. "Deixe-me ver esses lindos olhos azuis antes de te lamber, amor."

Ela geme, abrindo os olhos de repente e entreabrindo os lábios para inspirar, provavelmente para se acalmar. Minha garota está agitada. Tudo bem, eu posso ajudá-la com isso.

Olhando-a nos olhos, deslizo minha língua por toda a extensão de sua vagina. O som de seu gemido agudo e entrecortado é suficiente para me deixar excitado. Gozar duas vezes antes de ir buscá-la definitivamente não foi o bastante. Ela tem um gosto fenomenal, e os sons que ela emite são ainda melhores.

Sem precisar de mais incentivo, continuo a lamber, alternando entre apontar e achatar a língua e brincar com a pressão. Minha garota solta um gemido de prazer, ofegando enquanto seus quadris se movem por conta própria, buscando cada toque meu, implorando silenciosamente por mais.

Seu peito sobe e desce, os olhos ficando turvos e pesados de desejo enquanto tremulam.

Ela fica cada vez mais molhada à medida que continuo, e eu não consigo me fartar.

“Oooo”, ela geme, respirando com dificuldade.

Eu gemo, sentindo a excitação dela inundar minha língua.

Timidamente, ela pergunta: “T-tem um gosto bom?”

Eu já deveria ter dito, mas isso significaria tirar minha boca dela por um instante sequer.

“Tem um gosto impecável, Krasotka”, eu juro, mordiscando seu clitóris com meus lábios dobrados. Acho que é cedo demais para usar os dentes. “Essa boceta linda é meu novo sabor favorito, como mel doce na minha língua.”

“É esse o gosto?”, Jade pergunta, aparentemente incrédula.

“Ela tem o seu gosto, querida. Vou desejá-la até morrer, nunca se esqueça disso.”

Para provar, fecho meus lábios em torno do clitóris dela e a devoro como um banquete de quatro pratos. Minha língua gira, circulando a pele suculenta e saboreando sua excitação.

O desejo carnal se agita em meu estômago, e eu reprimo a sensação, escondendo-a para me concentrar em Jade. A vagina dela é minha prioridade número um, e fazê-la se sentir bem será imensamente mais satisfatório do que o meu próprio prazer.

"Oh, uau", ela geme alto, inclinando a cabeça para trás.

"De quem é essa vagina, Krasotka?"

Ela estremece, ofegando enquanto provoco sua entrada com a ponta da minha língua.

"Sua", ela grita bruscamente.

"Minha?", pergunto, movendo minha língua um pouco mais fundo. "Quem sou eu, querida?"

"Porra", ela geme. "Minha vagina é sua, Dmitri."

Meus testículos doem com a resposta dela.

“Isso mesmo, querida. Olha só como você é esperta.”

Sua vagina se contrai, apertando ao som do meu elogio.

Ela é tão perfeita.

Selo meus lábios em volta de seu clitóris pequeno e molhado, sugando com força antes que ele escape novamente. Repetir a ação faz com que um grito rouco e repentino escape de seus lábios. Como um raio, ela está no limite, tão perto de gozar para mim que eu consigo literalmente sentir o gosto.

Eu a puxo para mais perto, e suas pernas se apertam em volta da minha cabeça antes de começarem a tremer. Faíscas brilham atrás de seus olhos, e a expressão em seu rosto corado é irresistível.

Puta merda, não coloque seu pau nela.

Minha língua para, diminuindo o ritmo enquanto ela treme. Ao expirar, gemendo alto, começo a deslizá-la novamente sobre seu clitóris. Diminuo a pressão, tornando-a mais leve para continuar a excitá-la com força e rapidez,

sem sobrecarregar o botãozinho sensível.

Mesmo com as coxas tremendo, o estômago enrijecendo, os músculos se contraindo enquanto todo o seu corpo se tensiona. Dedos dos pés se curvando e mãos se fechando em punhos, ela precisa se entregar, ou tudo vai acontecer por si só.

"Quase lá, meu bem", eu a provoco, recuando para soprar suavemente em seu centro. "Deixe acontecer, linda. Você está tão perto."

Ela geme, se debatendo e agarrando meu cabelo com os dedos, buscando controle.

Entendi o recado, pressionando meus lábios contra sua pele.

Jade grita, arqueando as costas e elevando os quadris.

"Simmm", ela geme, a voz embargada por um gemido.

Ela não sabe como respirar durante o orgasmo, mas se sai bem de qualquer maneira. Ela me abraça forte enquanto seu corpo estremece com a onda quente de prazer.

Eu a acaricio enquanto o orgasmo sobe e desce, lambendo sua vagina com movimentos lentos e suaves e massageando suas coxas com carícias relaxantes. Quando termina, me sento, lambendo o restante do seu gosto da minha boca e bebendo-o.

"Tudo bem, amor?", pergunto suavemente.

"Tão bom", ela responde, suspirando feliz. "Eu posso retribuir o favor desta vez?"

Meu pau pulsa, gritando sim, mas eu balanço a cabeça. "Ainda não, Krasotka."

Se ela encostasse esses lábios lindos no meu pau, de qualquer jeito, a virgindade dela ia por água abaixo em segundos. Já estou por um fio, vendo ela desse jeito. Mas quero que a Jade experimente sexo pela primeira vez como minha esposa. Não associo a virgindade dela à honra dela, mas muita gente associa, e eu ia surtar se visse alguém a menosprezando por algo que eu poderia ter evitado.

Além disso, um pouco de autocontrole faz bem para a alma. Por enquanto.

"Droga", ela faz beicinho, e eu dou uma risadinha.

"Você vê como se sente agora, meu bem? Leve e feliz?"

"Sim. É uma sensação incrível", ela responde, toda animada.

“Então, da próxima vez que você precisar se distrair de uma dorzinha”, murmuro, beijando a parte interna da sua coxa, “venha até mim, e eu vou te fazer sentir muito melhor assim. Sem precisar de bala de goma, querida. Vou te lamber por tanto tempo que tudo, menos essa sua linda buceta rosada, vai ficar dormente.”

Não tenho problema nenhum com o uso recreativo em princípio, mas aqui? Nunca mais quero ver a Jade bêbada em um lugar onde eu não possa intervir. Conquistar a confiança dos irmãos dela vai ser uma das coisas mais difíceis para manter nosso segredo. Logicamente, eu entendo que eles são habilidosos e dispostos a fazer o que for preciso por ela.

Eu também sei que é impossível para qualquer um protegê-la no nível que estou disposto a fazer. Esse tipo de devoção não se constrói com sangue. É forjado na parte mais profunda da minha alma, criado exclusivamente para ela.

"Meu Deus", ela geme. "Ter um namorado é tão legal."

Congelando entre as pernas dela, levanto o olhar para o dela. "Corrija essa frase, Krasotka."

Ela fica ainda mais vermelha. "Ter você como meu namorado é tão legal."

"Muito melhor", elogio, pairando minha boca sobre o clitóris dela. "Deite-se para mim, amor. Preciso de mais um gostinho."

"Ai. Meu. Deus."

Ela achou que eu só teria ela uma vez?

Que boba.

Na terceira vez que ela goza na minha língua, seus braços e pernas estão tão moles que me recuso a levá-la de volta para o quarto dela. Ela vai dormir na minha cama, e eu a trago de volta antes que alguém perceba. Vou dormir menos se isso significar tê-la em meus braços o máximo de tempo possível. Agora estou tentado a ver quantas vezes posso tê-la aqui.

Assim.

Capítulo 24



Jade

Uma festa no gramado é algo que eu imaginava que damas ricas davam para tomar chá e fofocar. Mas isso é completamente diferente.

O pátio não é tão legal quanto o das ruínas, mas até que gosto que a festa não esteja rolando lá. Aquele lugar parece especial — como se fosse meu e do Dmitri. Isso é como uma festa na praia, só que ao norte, definitivamente não combina com a atmosfera antiga e etérea das ruínas.

Este lugar fica mais perto da praia, dando à festa toda um cenário com o oceano e a areia preta da praia. Está frio demais hoje para entrar na água, mas felizmente ninguém parece estar bêbado o suficiente para pular tão cedo. Parece que metade dos alunos está aqui, e metade deles está com alguma bebida alcoólica na mão.

Tabaco, vinho e cerveja são permitidos nos terrenos da academia, mas não tenho certeza de quanto disso foi trazido para cá no navio. Aposto que Dmitri saberia.

Meu estômago se revira só de pensar nele. Ele não está aqui hoje, pelo menos não que eu consiga ver. Mas Ivan está, sentado em um banco com Dustin Wyatt. Os dois mal conversam; parecem mais desajeitados do que um par natural, mas nenhum dos dois realmente chama a atenção. Só noto porque queria poder ir lá cumprimentá-los.

"Bem", Matteo pergunta, parado ao meu lado. "O que você acha?"

Ainda não sei ao certo.

"É alguma coisa."

Pelo menos não precisamos usar uniforme nos fins de semana. Eu me

sentiria muito estranha usando saia e meia-calça nesse clima. A blusa de gola redonda do Matteo e minha calça legging forrada de lã são o único motivo pelo qual não estou tremendo de frio.

"Aff", ele reclama. "Meu pai criou gente demais que odeia festas."

"Ah, que fofo", eu digo, dando um tapinha no braço dele. "Calma, Matteo. Você é o mais divertido, o resto de nós não chega nem perto."

Ele se derrete todo. "Você acha?"

"É verdade."

Matteo sorri de canto, encostando o ombro no meu. "Isso significa que eu posso mesmo dar uma festa para você fazer dezenove anos?"

Não tenho certeza se Matteo algum dia vai superar a devastação de eu não querer uma grande festa para o meu aniversário de dezoito anos. Ele entendeu, claro. Eu tinha acabado de chegar, e todo o meu trauma tinha vindo à tona. Ninguém, nem eu, estava com ânimo para festa. Mesmo assim, Martha fez um bolo para mim — não havia como convencê-la do contrário — e cantou parabéns em italiano, uma canção que me fez chorar. Foi o melhor aniversário da minha vida. Não havia necessidade de festa nem de presentes.

Embora ninguém tenha recebido o memorando sobre os presentes, eu ainda não desembrulhei todos os presentes que meu pai e meu tio César me deram. Principalmente, um carro enorme que eu tenho medo de dirigir sozinha, mas o Matteo me ensinou rapidinho. Dirigir é uma habilidade essencial para a sobrevivência, aparentemente. Mesmo sabendo o suficiente para me livrar de problemas agora, minhas mãos ainda tremem quando pego o volante. Quer dizer, é um Lexus.

Pesquisei quanto custam esses carros e dirigir um que vale mais do que eu jamais imaginei ganhar de salário é uma loucura. O pior é que esse foi o carro mais barato que meu pai considerou. Segundo meus irmãos teimosos, é seguro e não tem jeito de convencer nosso pai a devolvê-lo.

“Acho que você pode dar uma festa para mim”, admito, adorando egoisticamente o sorriso radiante que se abre em seu rosto. A felicidade de Matteo é uma das alegrias mais contagiantes do mundo. O sorriso dele faz você sorrir também.

“Se você prometer sempre me apoiar, mesmo se eu fizer alguma coisa para te irritar.”

Matteo dá uma risadinha irônica. “Claro. Você é minha irmãzinha, sempre pode contar comigo.”

“Mesmo se eu te irritar”, repito, estendendo meu mindinho. “Você ainda vai me apoiar?”

Ele olha para o meu dedo, franzindo as sobrancelhas. “Você já fez alguma

coisa para me irritar?”

Dou de ombros, lançando-lhe um olhar desafiador. “Você não gostaria de saber?”

Matteo cai na gargalhada, entrelaçando meu mindinho com o dele. “Tudo bem, eu prometo. Mas não prometo ficar feliz com isso.”

“Combinado.”

Ele ri baixinho. "Fechado."

"Então," murmuro, olhando ao redor para o pequeno mar de gente. "O que vamos fazer?"

"Bem, não vamos beber," ele resmunga, chutando uma pedrinha para longe dos pés. "Para ser sincera, metade da graça dessas coisas é essa. Ficar bêbado e talvez se envolver com alguém que não devia. E as duas coisas estão fora de questão, então..."

"Agora eu sei por que ninguém queria vir com você," brinco.

"Que se danem aqueles caras," ele bufa. "Vamos nos divertir."

Ele é teimoso, mas seu otimismo é tão cativante.

"Podemos jogar cartas," sugiro, acenando para a pequena mesa onde as pessoas estão jogando.

Matteo hesita. "Perder é horrível e o Ares é quem comanda isso. Ninguém administra um império de jogos de azar sem aprender a ganhar constantemente."

Tudo bem. Mas... "Sabe, aposto que conseguiríamos vencê-lo se jogássemos juntos."

Um sorriso travesso se abre em seus lábios. "Você quer trapacear?"

"Ele não está trapaceando?" Dou de ombros. Ninguém ganha sempre sem contar cartas ou manipular o baralho. Penso. "Parece justo."

"Certo", responde Matteo, parecendo mais animado. "Vamos ver como é."

Quando chegamos à mesa, só restam Ares e mais um jogador. Os outros ficaram em silêncio para observar o desenrolar da rodada.

"Eles estão jogando Mentira", sussurra Matteo. "Você tenta se livrar das suas cartas o mais rápido possível e, às vezes, mente sobre as cartas que está jogando. Se alguém descobrir a sua mentira, você perde."

"É um jogo de blefe", digo baixinho. "Já vi em um filme."

"Mentira!" alguém grita.

É o último jogador com cartas na mesa, tentando impedir Ares de ganhar. Mas ele está errado, eu sei pelo brilho nos olhos do homem. Ele ganhou e prova isso virando as cartas descartadas, revelando a verdade em sua afirmação.

"Melhor sorte na próxima", Ares sussurra, fazendo o perdedor rosnar.

Ele se afasta da mesa, joga as cartas no chão e sai furioso.

"Você é a próxima, novata?" Ares pergunta, com os olhos semicerrados fixos

em mim.

Me chamar de "novata" é um pouco rude, considerando que já nos conhecemos.

"Não seja idiota", Matteo avisa, cruzando os braços.

"Ok", diz Ares, com um sorriso malicioso. "Quer ser a próxima, Jade?"

O jeito sugestivo como ele sussurra meu nome faz Matteo se enrijecer.

“Que porra é essa?” meu irmão rosna, com o rosto contorcido em desgosto. “Não fale assim com ela, é muito pior.”

“Foi por isso que ele fez isso”, digo, revirando os olhos. “Você já perdeu hoje?”

“Não”, ele afirma categoricamente. “Por quê? Quer ser o primeiro a me vencer?”

“Só acho interessante. A probabilidade de ganhar um jogo de azar e adivinhação sem perder é difícil de acreditar.”

Seus olhos se estreitam. “Sou um bom mentiroso.”

“Eu também.”

Ele ri baixinho. “É mesmo? Você aprendeu isso na aula neste semestre?”

“Não, na verdade”, digo, erguendo levemente o queixo. “Meu irmão me ensinou.”

“Este aqui?” Ares pergunta, curioso.

Balanço a cabeça. “Apolo”, respondo, adorando a surpresa na reação de Ares.

Não era o que ele esperava, claramente. Não vou fingir que Apollo teve tempo suficiente para me treinar e me tornar a mentirosa excepcional que ele é, mas ele me ensinou muita coisa. E sim, a aula de dissimulação me deu bastante prática.

Erguendo uma sobrancelha, pergunto: "Ainda quer arriscar sua sequência de vitórias?"

Não espero que ele dê um sorrisinho irônico. "Eu gosto de um desafio—"

Uma risada estridente e o nome do meu irmão roubam minha atenção, e viro a cabeça bruscamente para encontrar a origem da risada. Quando miro na pessoa que a ouviu, meu sangue começa a ferver. Ah, eu vou matá-la.

"Você ouviu isso?", rosno, agarrando o braço de Matteo. Preciso ter certeza de que ele ouviu o que eu ouvi, porque certamente devo estar enganada.

"Ignore", ele diz, revirando os olhos.

Não tem a mínima chance de eu ignorar isso.

Ela está perto o suficiente para que eu não precise ir até ela, posso confrontá-la daqui mesmo, e é exatamente isso que vou fazer. Ela é burra o suficiente para vir até mim.

"Que merda você acabou de dizer sobre o meu irmão?"

Clara Bell vira a cabeça bruscamente para me encontrar. Preciso de muita força de vontade para não partir para cima dela e socá-la imediatamente. A expressão de desagrado no rosto dela ao me ver me deixa furiosa.

"Problemas de audição?", ela debocha, me olhando de cima a baixo como se eu fosse uma presa.

Eu não sou uma presa. Não para ela.

Ela e seu grupinho de amigas se aproximam lentamente, deixando uma garota para trás. Provavelmente aquela que estava falando bem do Matteo, o que levou ao insulto da Clara.

“Repita”, desafio, ignorando sua atitude.

Com um resmungo, ela pousa a bebida e dá de ombros. “Tá bom. Eu disse, Matteo Moretti é uma opção péssima para você se apaixonar. Um nono filho? É o fundo do poço.” Clara me lança um olhar de pena. “Só estou avisando a garota que se apaixonar por esse cara é perda de tempo.”

A pobre garota está saindo da festa rapidamente, provavelmente humilhada pela cena.

“Você não entenderia, já que não sabe nada sobre esse mundo.”

As pessoas começam a prestar atenção, se aproximando de nós. Não consigo me imaginar falando ainda mais alto no lugar dela, mas aqui estamos. Há uma atmosfera densa de desconforto enquanto todos avaliam a situação, até Ares está em guarda, parado atrás de nós.

“É isso que você pensa?”, desafio, cerrando os punhos e com a mandíbula trêmula. “Posso não ter crescido no mundo, mas sei o suficiente.”

“Claro que sabe”, ela concorda, com ar condescendente.

Ai, meu Deus, como eu queria apagar esse sorriso da cara dela.

“Sei o suficiente para dizer que você é uma hipócrita do caralho”, retruco, dando um passo à frente. Ela é esperta o suficiente para se enrijecer junto comigo. “Você acha que seu status é sequer comparável ao do Matteo? Você não é ninguém. Herdeira de uma gangue de assassinos que nunca matou ninguém. Você não é só ninguém; você é uma piada.”

“Você não sabe do que está falando!”

“Não?”, arqueio uma sobrancelha antes de examinar a multidão. “Alguém discorda?”

Ninguém diz uma palavra, e eu lhe dou um sorriso patético.

“Nossa, nem seus amigos, hein?”

“Vai se foder”, ela rosna, ficando nervosa.

“Não, vai se foder você”, eu respondo, irritada. “O Matteo pode ser o nono filho, então ele nunca será o Capo, claro. Mas eu sou uma filha — a décima filha

— sem nenhuma posição de poder, e recebi mais propostas de casamento em algumas semanas do que todas as garotas aqui juntas em toda a vida. Por que você acha que isso acontece?”

“Porque—” ela começa, mas eu sei que não será uma resposta aceitável.

“Porque a Família Moretti não é uma organização com a qual se mexe”, eu a interrompo. “As pessoas pagam milhões pela oportunidade de se associarem a nós. Primogênito ou nono filho, o Matteo vale mais do que toda a sua família.”

A multidão solta um “ooo” coletivo e ela se arrepia, ficando vermelha como um pimentão.

“Peça desculpas a ele e eu considerarei não contar ao meu pai que tem uma garota aqui de quem eu realmente não gosto. Uma que talvez se beneficiasse se nunca mais fosse vista.”

Me surpreendo com a ousadia da ameaça, mas não recuo. Encaro-a nos olhos, ainda tão perto de explodir e pular em cima dela antes que Matteo possa me impedir.

“Você não pode me ameaçar”, ela dispara, mas seu entusiasmo está lentamente se dissipando.

“Eu posso te ameaçar o dia todo”, discordo, estalando a língua. “Posso fazer coisas muito piores do que ameaças se você não se desculpar logo.”

“Jade, está tudo bem”, murmura Matteo, mas eu o ignoro.

“Minha paciência está se esgotando”, aviso, com a voz carregada de fúria.

“Tudo bem”, ela cede. “Desculpe, Matte—”

“Não”, eu digo com a voz rouca. “Isso não é suficiente.”

“Eu nem comecei”, ela argumenta.

“E você está sendo hipócrita”, eu zombo. “Francamente, é um insulto. Então ajoelhe-se e faça isso de verdade.”

“Ah, droga”, alguém ri, mas eu ignoro.

A única coisa que a multidão faz é aumentar a humilhação dela. Eu não dou a mínima para o que eles pensam de mim ou de tudo isso.

“Jade—” Matteo tenta novamente, e eu levanto a mão para silenciá-lo.

As narinas de Clara se dilatam e ela solta um gritinho assustado. “Eu não vou me ajoelhar, sua louca—”

“Ou você se ajoelha, ou eu te ajoelho”, eu prometo, quase esperando que ela me dê um motivo. Quando ela não faz nenhum movimento para obedecer, eu fico impaciente.

“Cinco, quatro, três, dois…” Eu conto regressivamente.

Agora genuinamente assustada, Clara Bell se ajoelha aos meus pés e aos do meu irmão. Ela afunda na grama úmida, parecendo amedrontada e pequena, como deveria.

"Se recomponha, ou não se levante", ordeno, observando-a respirar fundo, com a voz trêmula.

"M-me desculpe, Matteo. Eu não queria dizer aquilo, eu errei."

"Peça perdão a ele", respondo bruscamente.

Seria tão fácil quebrar os dentes dela agora.

"V-você me perdoa?"

Não tanto choro quanto eu gostaria, mas será o suficiente por enquanto. A garota está devidamente humilhada. Mas, se Matteo quiser mais, eu a farei soluçar.

"Você a perdoa?", pergunto ao meu irmão, olhando para ela com os braços cruzados. Não consigo enfatizar o suficiente o quanto estou disposta a bater nela se ele preferir.

“Não”, ele responde, com a voz baixa e assombrada. “Mas ela pode continuar vivendo.”

Quase franzo a testa, mas talvez ele só queira que tudo acabe.

“Levante-se”, ordeno, dando a ordem em tom de grito. “Se eu ouvir você falando dele desse jeito de novo, não vou perguntar se ele te perdoa antes de destruir sistematicamente a sua existência. Você vai correr para casa implorando pela misericórdia de Deus, porque eu não vou te dar nenhuma.”

Clara parece que vai passar mal quando se levanta, mas, por sorte, seus amigos a ajudam a sair dali. Será que exagerei um pouco? Provavelmente. Mas aquele é meu irmão, e ninguém vai desrespeitá-lo assim na minha frente. Ela tem sorte de eu estar controlando meus acessos de violência física, senão ela poderia ter precisado de um cirurgião plástico para consertar muito mais do que um ego ferido.

Fico preocupado que as palavras dela possam tê-lo afetado seriamente quando ele pega minha mão e saímos na direção oposta. Para meu total alívio, ele começa a gargalhar assim que ficamos sozinhos, longe o suficiente, mas ainda do lado de fora.

“Jesus Cristo, Jade”, ele ofega. “Você a fez se curvar para pedir desculpas. Droga, queria ter gravado isso. Mal posso esperar para contar para o papai.”

“Achei que você pudesse achar que eu exagerei”, digo com cautela.

Ele ri baixinho. “Não, só estava escondendo a mão dos outros. Amanhã vão me oferecer pelo menos três coisas para me fazer um boquete e me animar.”

“Que nojo”, eu estremeço, fingindo engasgar.

Ele ri. “Não vou aceitar nenhuma oferta, maninha. Estou com a cabeça no lugar este ano. Nenhuma tentação vai me tirar do sério. Posso transar com quem eu quiser quando chegarmos em casa.”

“Que nojo também”, aponto.

Matteo revira os olhos. “É natural.”

“E se eu conversasse com você sobre transar com garotos, hein? Seria natural também?”

“Você vai me dar pesadelos”, ele reclama, fazendo uma careta. “Nada de papo furado, entendeu? É uma boa regra.”

É definitivamente uma boa regra. Matteo pode não estar transando com ninguém no Empire, mas eu certamente estou. O máximo possível, se depender de mim.

Capítulo 25



Anônimo

“Precisamos tirá-la daquela ilha maldita”, grito, puxando os cabelos pela raiz. Essa pirralha vai me enlouquecer se não morrer logo.

“A essa altura, é melhor esperarmos. É uma escola, ela não vai ficar lá o ano todo.”

De jeito nenhum vamos esperar. Ela está se divertindo pra caramba lá, se as fotos que recebi forem minimamente precisas, e eu não vou tolerar isso.

Ela merece sofrer, como bem sabe. Não sei que tipo de feitiço ela lançou sobre todo mundo, mas Jade não é nenhuma princesa inocente que precisa de proteção. Ela é vil.

A mãe dela era vil, e ela é tão repugnante quanto.

Tal pai, tal filho.

“Que se dane”, rosno. “Ela está se divertindo.”

Ele dá de ombros. “Ela aproveitar a vida só vai tornar o fim dela ainda mais divertido. Deixe-a provar um pouco de felicidade antes de arrancarmos tudo dela. Qual o problema?”

“Qual o…” Cerrei os punhos com tanta força que minhas unhas perfuraram a pele das minhas palmas. “Qual o problema?”, repeti, cuspindo a pergunta ofensiva. “Essa garota deveria morrer sem conhecer um dia sequer além da miséria. Quero vê-la transbordando de medo, como ela era antes de você deixá-la escapar.”

A garrafa de vidro em sua mão ameaça se estilhaçar sob seu aperto firme. “Eu não a deixei fazer nada. Ela é escorregadia.”

Vocês dois são incompetentes, quero gritar, mas me contenho.

Se eu quiser Jade morta, preciso de mais do que apenas a mim mesma para que isso aconteça.

Dante deveria ter feito dela um exemplo. Com uma garota como Jade, fico surpresa que ele não tenha sentido o cheiro do pecado em sua pele. Ele transformou uma desgraça em uma princesinha da máfia.

Ah, mas eu vou mostrar a ele.

Ele não merece os nove filhos que já tem, quanto mais outro. Talvez eu tente eliminar alguns dos seus capangas no processo, embora seja muito mais difícil. Eles são treinados para matar, e tudo o que Jade sabe fazer é correr e se esconder como um ratinho sem noção. Se eu pudesse chegar àquela ilha, encurralá-la e estrangulá-la eu mesma, já estaria feito. Mas, aparentemente, isso é pedir demais.

“Dante não vai mantê-la longe por muito tempo. Não consigo informações sobre o lugar, mas sei que não abre todos os anos, senão ele também estaria lá.”

Meu lábio se curva num sorriso ao ouvir o nome dele.

Homens como Dante Moretti são a escória da Terra. Com mais dinheiro do que Deus para manter sua família segura, ele é um inimigo irritantemente bom. Ele tem uma quantidade repugnantemente vasta de aliados, pessoas que quase nos pegaram duas vezes.

“Saberíamos mais se aquela vadia da informante fizesse o trabalho dela direito”, resmungo.

“Ela tem medo deles”, ele bufa como se eu já não soubesse. “Diz que não são só os irmãos dela que a protegem, mas outras pessoas também. Uma família russa qualquer. Ela não quer ser pega.”

Não. Merda.

É claro que ela está com medo, e é claro que Jade teria algum homem com pena dela para que ela se protegesse. Bem, pena, ou ela está comprando mais proteção com a sua buceta.

"Precisamos subir de nível", declaro, começando a andar de um lado para o outro. "Não vou ficar me escondendo, pulando de barraco em barraco enquanto Dante nos caça. Quero pendurá-la no jardim da frente da casa dele e vê-lo chorar feito um louco."

Não me importo se o método é irrealista; estou faminto por isso, morrendo de vontade de sentir a vida dela se esvair para que eu finalmente possa respirar.

"O que você quer fazer?", pergunta meu parceiro, com as orelhas em pé, demonstrando interesse.

É por isso que o mantenho por perto. Ele é um capanga glorificado, e não me incomoda que me trate como uma espécie de deusa da sabedoria. Inteligência é algo que claramente lhe falta, mas pelo menos ele consegue seguir ordens. Na

maior parte do tempo.

"Vamos começar descobrindo quem são esses russos que ela tem na palma da mão", instruo, um novo plano se formando a cada passo que dou. "Vamos usá-lo para chegar até ela."

"Como?"

Pela primeira vez em duas semanas, sorrio.

"Homens da máfia sempre têm inimigos."

Capítulo 26



Jade
Duas Semanas Depois

“Eu quero mais”, sussurro, movendo meus quadris suavemente.

Dmitri respira fundo, roçando os lábios na minha clavícula. Ele sabe que não estou simplesmente pedindo outro orgasmo. Se ele pensasse que era só isso que eu queria, ele simplesmente começaria a fazer acontecer. Ele terminaria nossa fricção seca e colocaria a boca entre minhas coxas.

Mas mais significa mais agora.

“Em breve”, ele murmura, acariciando meus quadris com as mãos. “Em breve, Krasotka.”

Ele vem dizendo isso há duas semanas, e não é culpa dele. Toda vez que transamos agora, eu praticamente arranco as calças dele para tirá-las e sentir o pau dele dentro de mim. Ele nem me deixou vê-lo ainda, e já me fez sexo oral oito vezes.

Escapar para o quarto dele ficou muito mais fácil, e fazemos isso quase todas as noites. Às vezes, nossos beijos nos levam a adormecer enquanto ele me abraça, mas na maioria das vezes eu me remexo, pedindo mais.

Dmitri me deixa tão excitada que não consigo pensar direito até que ele me toque. Antes eu ficava chateada por não termos aulas juntos, mas agora sou grata por isso. Se ele estivesse na mesma sala que eu durante uma aula, eu não aprenderia nada. Estaria ocupada demais pensando em como poderia sentar ao lado dele para que ele pudesse brincar comigo debaixo da mesa.

Não ajuda em nada o fato de eu estar completamente apaixonada por ele. Não me importo se já se passaram dois meses, estou apaixonada por esse

homem, e isso está me consumindo. Não contei para ele, e definitivamente não contei para nenhum dos meus amigos. Obviamente, não posso me abrir com o Matteo, mas também não falei com o Ivan sobre isso. Confio que o Ivan não deixaria a notícia vazar para o Dmitri, mas ele deveria ser o primeiro a saber.

Balanço a cabeça e umedeço os lábios. "Não agora", argumento. "Não quero esperar até nos casarmos. Eu quero você agora. Agora e para sempre."

Com palavrões abafados contra a pele do meu pescoço, ele deixa um rastro terno de beijos até meu queixo e encontra meu olhar. "Nos casaremos em breve, e você ficará feliz por termos esperado. Quando eu a possuir, você deverá usar um símbolo do meu compromisso em seu lindo dedo anelar esquerdo. Não deve haver dúvidas de que estamos ligados antes que eu me enterre dentro de você, minha linda, linda garota."

Quero gritar e fazer beicinho como uma pirralha, mas ele é doce demais para eu reagir dessa forma.

"Então me deixe sentir você nua", respondo, precisando de algo para me sustentar. Preciso de cada pedacinho dele que puder ter. "Faremos o que acabamos de fazer, mas sem barreiras. Por favor, Dmitri?" Sussurro seu nome tão perto do seu rosto que nossos lábios se roçam.

Ele parece prestes a me dar um fora, mas não consegue. "A tentação." Sua garganta se fecha, o pomo de Adão subindo e descendo. "Não sei se conseguiremos lidar com isso."

Eu não quero lidar com isso. Quero ver o pau dele. Já o senti através da calça tantas vezes que não consigo resistir à tentação de vê-lo. Quero saber se é macio como o peito dele, mesmo estando inchado e duro. Quero ver o formato e sentir o peso. Já tentei beijá-lo como ele faz tão bem comigo, mas ele sempre me impede.

Com a voz embargada, provoco: "Vai ser tão bom, não é?"

"Bom demais", ele concorda. "Não deveríamos."

"Mas podemos?", pergunto docemente.

Ele não disse não nem me afastou, mas eu não farei nada que ele não queira. Então, se esse homem está realmente resistindo à tentação de me foder na cama para o meu próprio bem, bem, ele pode ficar com a cavalheirice dele, e eu fico com o pau dele.

Meus dedos percorrem seu peito, descendo para provocar a cintura da calça. Seus olhos acompanham cada movimento meu, e ele finalmente acena com a cabeça.

"Você quer se esfregar em mim sem camisinha, Krasotka? Tire meu pau para fora."

Ai, meu Deus, finalmente.

Eu me atrapalho com o cinto dele, mas finalmente consigo tirá-lo, desabotoando a calça em seguida, mirando ansiosamente no zíper. Assim que consigo abrir a calça o suficiente, enfio minha mão avidamente na cueca dele.

Uma pele macia, porém firme, me recebe, e eu gemo, puxando o algodão para finalmente expô-lo.

Congelo, com a boca salivando ao vê-lo pela primeira vez. Sua pele é mais escura aqui, a cabeça do seu pênis parece um vermelho arroxeado, o sangue pulsando sob a carne. Ele é longo e grosso, o peso da sua ereção batendo contra o umbigo enquanto eu o solto para libertá-lo mais da calça. Assim que seus testículos estão livres, começo a explorá-lo com as mãos.

Uma gota de líquido pré-ejaculatório escorre da ponta, e eu a toco, usando a ponta do dedo para deslizar o líquido por todo o seu comprimento. Envolvo-o com as duas palmas das mãos, erguendo-as para avaliar seu tamanho real. Precisaria de outra mão para cobri-lo completamente. Caramba, isso é um pouco assustador, mas eu sou gananciosa por isso, com medo e tudo.

Eu quero Dmitri. Cada pedacinho dele.

Incapaz de esperar mais um segundo, monto no pau exposto, afundando para senti-lo contra minha vagina. A sensação imediata me fisga.

O desejo percorre minha espinha como uma bola de fogo.

É como…

Mágica.

Meus olhos ameaçam revirar. "Uau."

"Hum", Dmitri murmura em concordância.

"Parece que eu já esqueci como isso funciona", brinco, mordendo o lábio nervosamente.

"Não se preocupe, Krasotka", ele rosna, guiando meus quadris. "Vou te mostrar de novo."

Um movimento para frente, e estou em chamas.

"Oooooh", arfo, jogando a cabeça para trás. "É tão bom."

"Isso mesmo", ele incentiva, ajudando-me a mover minha vagina ao longo do seu pau. "Isso, continue assim."

A essa altura, ele já sabe muito bem o efeito que seus elogios têm em mim.

Sua pele é como veludo contra a minha, tão macia mesmo ele sendo duro como pedra. Ele está pulsando, o líquido pré-ejaculatório escorrendo da ponta, que deveria estar pingando dentro da minha vagina.

"Talvez possamos colocar", sugiro, quase implorando.

"Jade..."

"Só a pontinha", corrijo, girando os quadris. "Não conta se você não estiver todo dentro, tudo bem."

Ele arqueia uma sobrancelha escura. "É assim que funciona, Krasotka?"

Assinto com entusiasmo. "Com certeza. A gente só coloca a pontinha um pouquinho. Eu quero tudo, não posso ter só um pouquinho para me satisfazer, amor?"

"Droga", ele sussurra roucamente. "Só a pontinha?"

Contenho um gritinho.

"Só a pontinha."

Ele inclina a cabeça em sinal de aprovação, e eu quase gozo ali mesmo.

Não perco um segundo, recusando-me a deixar que ele mude de ideia por causa de qualquer hesitação da minha parte. Meus dedos se fecham em torno do seu membro, sentindo-o úmido com a minha própria excitação, e tento posicioná-lo no meu centro.

Dmitri precisa me levantar para conseguir. Com as coxas tão abertas e o pênis tão ereto, meus joelhos não conseguem se aproximar o suficiente na cama para que eu fique na altura certa acima dele.

Para que o ângulo funcione, ele abre um pouco as pernas, apoiando meus joelhos nos músculos de cada coxa. Um pequeno ajuste faz com que a glande brilhante do seu pênis roce suavemente na minha vagina.

Uso meu peso para me sentar, o primeiro milímetro penetrando minha entrada. Não desliza facilmente, mas não preciso me esforçar muito para que a cabeça do meu pênis deslize pela resistência firme do meu centro.

"Ah, simmm", arfo, gemendo em apreciação.

Dmitri sibila entre os dentes, segurando-me pelas costelas para me manter erguida.

"Você está dentro de mim", sussurro, meus olhos semicerrados fixos em seu rosto.

Ele passa um braço ao redor da minha cintura, libertando uma das minhas mãos. Dois dedos percorrem a linha dos meus lábios, roçando-os com fascínio.

"Você é tão minha agora, meu bem."

"Eu poderia ser mais sua", provoco, prendendo as pontas dos seus dedos entre meus lábios e sugando-as para dentro da minha boca.

Ele grunhe, o som áspero vibrando em sua garganta.

“Mais fundo”, imploro, enrolando minha língua em seus dedos. Lambo, chupo e lambo os dois dedos, acariciando-os como se fossem seu pênis. Talvez ele me deixe fazer isso também.

“Porra”, ele geme. “Jade—”

“Só mais um pouquinho”, corrijo, já começando a afundar mais. “Eu preciso tanto, Dmitri. Você não vai me dar mais? Estou sendo tão boazinha—”

Meus pulmões ficam sem ar quando ele nos vira, me abrindo embaixo dele.

Pernas abertas para os lados, costas esticadas contra os lençóis.

“Diga para eu não fazer isso”, ele avisa. “Diga para eu parar, ou vai entrar tudo.”

Me contorço, tentando fazer com que ele entre por mim mesma. “Não pare”, imploro sem fôlego. “Por favor, por favor, por favor, continue.”

Ele olha para mim, seu olhar se encontrando com o meu. "Que se dane", ele sussurra, inclinando-se para baixo. "Continue me olhando, Krasotka. Eu vou te dar o que você quer, mas mantenha esses olhos abertos, querida."

Ele penetra um pouco mais fundo, e meus olhos já começam a pesar.

A sensação de alongamento arde; eu deveria ter insistido mais para convencê-lo a colocar mais do que a língua em mim antes desta noite. Ao mesmo tempo, eu meio que gosto da ideia de que seu pau será a primeira coisa a romper esse espaço intocado. Eu aguento a dor se isso significar que estou sendo fodida pelo amor da minha vida e seu pau enorme.

"Olhos, querida", ele me lembra, e eu os arregalo, focando em seu rosto.

“Não consigo evitar”, gemo. “Parece que estou sonhando. Você é tão grande e, meu Deus.” Ele penetra ainda mais, me impedindo de falar.

“O que é isso?”, ele provoca, levantando um dos meus joelhos para ter melhor acesso.

A dor aguda do alongamento me faz soltar um suspiro, mas o desejo por mais continua intenso. Não quero que ele pare, e definitivamente não quero que ele pegue leve comigo.

“Mais”, exijo, tentando me impulsionar para baixo para encontrar suas estocadas suaves.

“Devagar, meu bem, não quero te machucar—”

“Dmitri, por favor”, imploro desesperadamente. “Quero cada centímetro.”

“Droga”, ele geme. “Segure-se em mim, amor.”

Estendo a mão, agarrando seus ombros. Dois segundos se passam e ele o faz, enfiando todo o resto de seu membro grosso em minha vagina com uma estocada longa e poderosa.

Um gemido rouco escapa da minha garganta e ondas de calor percorrem meu corpo.

Olhando para baixo, vejo que estamos completamente conectados, e nada jamais pareceu tão certo. Sua pélvis está encaixada perfeitamente contra a minha, seu pênis grosso me abrindo para acomodar seu tamanho. É impressionante de se ver e ainda mais excitante de se sentir.

"Ohohoh", murmuro, com os dedos dos pés se curvando na roupa de cama.

"Khristos", ele pragueja. "Você é tão gostosa, Krasotka."

Uma das minhas mãos cai e eu a uso para acariciar meu seio, o mamilo

sensível se contraindo sob o leve peso da minha palma.

“Tire-os para fora”, ele ordena, com os olhos fixos no meu peito.

Quase não consigo obedecer à ordem, ficando tonta enquanto ele sai e entra novamente. Uma única estocada, e sinto um orgasmo vibrando dentro de mim, crescendo no meu âmago.

Minhas mãos trêmulas arrancam minha blusa, o sutiã junto, enquanto Dmitri inicia um ritmo lento e profundo, penetrando e saindo de mim, testando as águas.

É torturante demais assim, provocante demais.

“Mais rápido”, imploro, passando as mãos pelo seu peito.

Ele obedece sem questionar, impulsionando os quadris para frente com mais velocidade do que antes. Descrever o quão bom é é impossível sem nada com que comparar. Só sei que faremos isso muito mais vezes.

Meus seios saltam enquanto nos esfregamos, atraindo seu olhar.

Dessa vez, não preciso pedir para ele ir mais rápido, ele faz tudo sozinho. Quanto mais fundo ele penetra, mais forte sua pélvis pressiona meu clitóris.

Puta merda, estou pegando fogo.

Não consigo parar de gemer e retribuir o prazer, rebolando contra suas estocadas. Minha vagina se contrai com as estocadas particularmente prazerosas, apertando seu pau. Isso só intensifica o impacto, me levando cada vez mais perto do êxtase.

Com a mão na minha nuca, Dmitri me puxa para mais perto. "Olha só isso, meu bem."

Observando-o penetrar e sair de mim, eu gemo baixinho.

Seu pau está manchado de vermelho.

"Você acha que poderia ser ainda mais minha agora, meu bem?"

"N-não."

“Isso mesmo”, ele concorda, com a voz tensa. “Como é a sensação de encharcar meu pau com sua virgindade, amor? É a sensação certa?”

Claro que sim. “Eu adoro.”

Seus dentes brilham em um sorriso vitorioso. “Bom.”

Começo a me perder no calor, cada toque se tornando mais delicioso.

“Eu nunca quero parar.”

“O final é a melhor parte”, ele provoca, inclinando-se para mordiscar meus seios com os dentes rombudos. “Você não quer gozar para mim, Krasotka?”

A sensação de prazer crescente se instala em meu ventre, meus músculos se contraindo em preparação para o que está por vir.

Não sei o que dizer ou como agir, tudo o que posso fazer é sentir o que ele está fazendo comigo.

“Dmitri”, gemo, perdida no momento.

“Você está quase lá, meu bem”, ele incentiva. “Isso, deixe tudo entrar, me mostre como é bom.”

“Tão bom”, repito, expirando. “Quero mais.” Nem sei exatamente o que estou pedindo, mas estou pedindo.

“Goze para mim, e eu te dou mais um”, ele oferece entre dentes cerrados, tentando se conter. “Você consegue, Krasotka. Sinto você se contraindo, concentre-se nessa sensação crescendo aqui—” ele coloca a mão na parte inferior da minha barriga “—deixe tomar conta, meu bem. Eu te protejo.”

“Eu…” Perco as palavras e o fôlego, o prazer percorrendo meu corpo como um raio incandescente. “Ah, simmm!”

Minha vagina começa a se contrair, apertando e relaxando em torno de seu grosso pênis. Respirações trêmulas me mantêm lúcida enquanto ele me leva a um nível que nunca experimentei antes.

"Mmm, isso mesmo", ele rosna, mantendo o ritmo. Seu osso púbico roça meu clitóris a cada estocada consistente, e minha mente começa a se desintegrar.

Gritos indescritíveis escapam dos meus lábios, mechas úmidas de cabelo se agarram ao meu pescoço e peito. Minha pele queima com um calor delicioso, e cada toque no meu clitóris irradia gloriosamente por todo o meu corpo.

"Olha a bagunça que você está fazendo", Dmitri estala a língua com um brilho sexy nos olhos. "Sua doce vagininha está me encharcando, querida. Olha só como você está sendo boazinha para mim, cobrindo meu pau com seu esperma. Faça de novo, Krasotka."

"D-de novo?", eu arfo.

“De novo”, ele confirma, acelerando o ritmo. A mão na minha barriga desce, encontrando meu clitóris com facilidade. Ele começa a girá-lo entre dois dedos antes que eu possa perguntar como fazer de novo. O primeiro orgasmo nem terminou quando o segundo me atinge em cheio.

Cada sensação se torna intensa demais, me atingindo com um prazer tão inesperado e ofuscante que tudo o que consigo fazer é gritar.

“Ahhhh!”, eu grito, com arrepios percorrendo meus braços e costelas.

Minha garganta dói e meus olhos se fecham com força enquanto aperto o colchão sob mim, agarrando-o com firmeza. É demais, e ainda assim não consigo pedir para ele parar. Nem consigo me controlar.

Meus quadris se elevam e se movem ao encontro de cada movimento dele, viciada no prazer que ele me proporciona.

“Mmm, perfeito”, ele ronrona, deslizando a língua pelo meu seio até envolver meu mamilo arrebitado. Ele suga enquanto continua a me penetrar, provocando cada pedacinho de mim que consegue alcançar. “Minha garota perfeita, aceitando tudo o que eu lhe dou.”

Minha boca se abre em um “O”. “D-Dmitri.”

“Só mais uma, Krasotka”, ele me diz, olhando para cima, dos meus seios. “Aperte essa sua boceta carente em volta do meu pau para mais uma pontada, querida. Quero que você goze para mim quando eu te preencher. Vamos, você consegue.”

“Eu não consigo—”

“Não, não”, ele discorda. “Sim, você consegue, amor. Você está quase lá, eu consigo sentir. Só mais um pouquinho—ohhhh, aí está.”

Quase não acredito quando ele diz isso, mas é verdade. Estou gozando, de novo. Minhas mãos se agarram aos seus bíceps, segurando-o com toda a força enquanto seus músculos se contraem sob meu aperto.

Dmitri me abraça forte, encostando a testa na minha enquanto se afasta. As estocadas ficam menos controladas, os movimentos mais trêmulos, seu pau incha e, finalmente, um calor me invade.

"Porra, Krasotka", ele geme, gozando fundo dentro da minha vagina.

Nossos lábios se encontram e nos beijamos através do beijo, ofegando enquanto nossas línguas se entrelaçam. Seu gosto é quase tão viciante quanto seu toque.

À medida que nossos orgasmos diminuem, a realidade volta a me atingir em cheio, e não me arrependo de nada. Tudo parece leve e arejado, como se eu estivesse flutuando entre as nuvens acima de nós. Aquilo foi incrível, e só tenho a agradecer ao Dmitri por isso. Ele não apenas cuidou de mim, ele transformou meu mundo.

"Você está bem?", ele pergunta suavemente, retirando seu pênis, agora mais mole, de dentro de mim.

"Estou incrível", respondo, sorrindo para ele. Olhando para baixo, faço uma leve careta. "Só que talvez eu devesse me limpar, estou me sentindo um pouco pegajosa."

Ele ri baixinho. "Você está tão macia e molhada agora. É muito sexy."

"É mesmo?", sorrio. "Vou ter que me lembrar disso. O Dmitri adora quando estou bagunçada."

"O Dmitri te ama, ponto final", ele corrige, beijando meu nariz.

Meu coração dispara, uma confissão borbulhando em meu peito.

“Que querido”, provoco, retribuindo o beijo no nariz dele.

“Só com você.”

“Do jeito que eu gosto.”

“Eu não te pressionei muito, né?” pergunto, mordendo o lábio. “Você não está bravo comigo, né? Você não sentiu que precisava?”

“Eu sabia que meu pau estaria dentro de você hoje à noite assim que você

pediu para me sentir nu, Krasotka. Você não pediu nada que eu não quisesse dar. Eu estava tentando ser bom para você, me controlando.”

Meus lábios se curvam num sorriso travesso, olhando para ele com malícia. “Você foi muito bom para mim, amor.”

Com uma risadinha, ele beija o topo da minha cabeça. "Eu quis dizer que estava tentando ser honrado. Se as pessoas descobrirem, seu nome será sussurrado por anos em certos círculos. Eu nunca quero que você sinta que estava tão perto de algo e eu tirei isso de você no último minuto."

"Ser virgem antes do casamento não é importante para mim", prometo. Chegou a hora, a hora de expor meus sentimentos. "Eu sempre tive interesse em sexo, a única coisa que eu estava esperando era você. Eu estava esperando para me apaixonar."

"Se é amor que você precisa, não tem com o que se preocupar, Jade."

Sorrindo para ele, sussurro: "Eu sei."

Dmitri acaricia meu rosto, olhando para mim com olhos adoráveis.

"Você quer que eu diga primeiro?"

"Muito."

Ele acena com a cabeça, me abraçando forte. "Eu te amo, Jade. Você tem todo o meu coração e toda a minha força. Nunca deixarei de ser seu, não importa o que aconteça."

"Não importa o que aconteça", repito, as palavras como se um enorme peso tivesse sido tirado dos meus ombros. "Eu também te amo, Dmitri. Sou sua também, para sempre."

Eu poderia morrer feliz hoje.

Tenho tudo o que sempre sonhei.

Uma família e um amor épico que ninguém pode me tirar.

Capítulo 27



Jade

Na noite seguinte, abro o bico assim que fico sozinha com Ivan.

"Eu e o Dmitri transamos", deixo escapar, mal esperando um segundo depois que a porta se fecha atrás do meu namorado. Ele tem um encontro marcado hoje à noite, mas eu não queria dormir sozinha, então os dois me tiraram do meu prédio e me levaram para o deles alguns minutos atrás.

Envergonhada, cubro a boca, mas não retiro o que disse.

"É", ele responde com uma risadinha. "Estou bem em frente, Jade. Paredes finas."

Ai, meu Deus!

Que vergonha!

Meus olhos se arregalam e eu balanço a cabeça. "Por favor, me diga que você está brincando."

“Não é nada demais”, diz ele, dando de ombros tão levemente que quase acredito. “É inevitável, principalmente porque agora estou te protegendo. Provavelmente vou ouvir muita coisa.”

Bom, se ele realmente não se incomoda com isso.

“Nós também dissemos ‘eu te amo’”, digo, mordendo o lábio inferior.

Seu sorriso juvenil se ilumina. “Então o sexo foi bom.”

Dou uma risada, apesar do nervosismo. “Você é safado.”

Ele levanta as mãos, dando uma risadinha. “Quer comer alguma coisa? Ou está cansada?”

“Não estou com fome, mas também não estou muito cansada”, admito, olhando para o velho sofá de couro marrom. “Podemos só ficar de conchinha?”

“Sim, podemos.”

Como já estou de pijama, só preciso tirar o casaco e os sapatos enquanto Ivan vai ao banheiro trocar de roupa e colocar uma calça de moletom. Pego meu cobertor favorito da cama do Dmitri, abraçando o tecido macio contra o rosto e me envolvendo com o cheiro amadeirado dele. Se Ivan acha estranho eu estar praticamente inalando o cheiro do irmão dele através do cobertor, ele não diz nada.

Estendo o cobertor para ele, oferecendo-o para que ele o jogue sobre o encosto do sofá e o cubra completamente. Ele se aconchega primeiro, encostando as costas nas almofadas. Ele se cobre facilmente, esperando que eu faça o mesmo.

"Então, nas noites em que o Dmitri estiver fora, eu posso ficar com você?"

“Claro”, responde Ivan, levantando o cobertor para que eu me aconchegue com ele.

Cochilar no sofá do Dmitri se tornou facilmente uma das minhas maneiras favoritas de dormir. Principalmente quando é com o Ivan. Se eu quero abraçar meu namorado, ele me pega no colo e me leva para a cama dele. É só a alguns passos de distância, mas muito mais confortável para o tamanho dele.

O Ivan, por outro lado, cabe perfeitamente aconchegado no sofá comigo. Abraçar o irmão do seu namorado provavelmente é muito estranho para quem não tem um Ivan, mas se tivessem, entenderiam. Um abraço desse homem, e tudo faria sentido.

Além disso, ele não é mais só o irmãozinho do Dmitri para mim. Ele está no mesmo nível do Matteo como um dos meus melhores amigos. Às vezes, sinto falta dele assim que tenho que sair para a aula. É incrível como nossa ligação parece natural, como se eu a tivesse desde sempre, em vez de apenas alguns meses.

"Estou começando a me sentir meio mal por mentir para os meus irmãos", confesso, pensando agora no Matteo. Me acomodando deitada de lado com ele, franzo a testa. "Eu queria que eles soubessem, mas—"

"Mas eles iam surtar completamente e você quer aproveitar a felicidade de manter seu relacionamento em segredo. Acredite, eu entendo."

Mordo o lábio inferior, relaxando um pouco. "Entendeu?"

"Sim", concorda Ivan. "Eu também tenho segredos."

"Você sabe?" Olho para ele com meus grandes olhos arregalados. "Até mesmo do Dmitri?"

"De todo mundo", ele sussurra.

Sentindo sua tristeza, me inclino, encostando meu rosto em seu queixo.

"Se você quiser contar para alguém, pode contar para mim", ofereço, falando

sério. "Eu nunca contarei para ninguém. Nossa amizade é inquebrável."

"É mesmo?" ele pergunta, vulnerável, enrolando uma mecha do meu cabelo entre os dedos.

"Sim", respondo, dando um beijo rápido em seu coração. "Você pode me contar o que quiser, e eu guardarei seus segredos."

Fica tudo em silêncio por alguns minutos, apenas o som da nossa respiração preenche o quarto. Ivan continua acariciando meu cabelo, fazendo carinho na minha cabeça. Tudo o que ele faz me oferece um nível de conforto que só Dmitri e Matteo me proporcionaram antes. Todos eles têm a capacidade de me fazer sentir pequena de uma forma segura. Como se eu fosse feita de vidro, mas eles nunca me deixariam quebrar.

"Há uma coisa que eu gostaria de dizer em voz alta", ele finalmente diz, murmurando as palavras como uma canção suave.

"Diga-me", eu o encorajo, mantendo a cabeça baixa para que ele não perca a coragem.

Mais carícias no meu cabelo e o coração dele começa a bater mais rápido, o som ecoando no meu ouvido. Eu sei que isso é difícil para ele porque ele está realmente hesitando. Estou prestes a lembrá-lo de que não há pressão e que ele não precisa me contar quando falar.

"Eu sou gay."

Duas palavras que me atingem em cheio.

Sinto Ivan prendendo a respiração e praticamente a agarro para fora.

"Estou tão feliz que você me contou", exclamo, sentindo que vou chorar.

"Você está?" Ivan pergunta, com a voz trêmula.

"Claro!" prometo, levantando a cabeça para olhar nos olhos dele. Dou um beijo rápido no canto da boca dele, precisando tranquilizá-lo. "Você está bem? Parece que isso foi muito difícil para você—"

"Foi", ele concorda, engolindo em seco. "Eu nunca pensei que diria isso."

"O quê?" pergunto, devastada. "Por que não?"

"É estúpido", ele murmura, com os olhos marejados.

"Nada do que você sente pode ser estúpido, Ivan Morozov."

Um suspiro trêmulo escapa de seus lábios. "Acho que há muitos motivos."

"É mesmo?" pergunto, aconchegando-me a ele novamente. "Como o quê?"

"Tipo, eu nunca vou me casar de qualquer jeito, então não importa muito. E se eu quisesse amar alguém, não gostaria de ter medo por causa disso. Definitivamente não gostaria que meu parceiro tivesse."

"De quem você deveria ter medo?" pergunto, franzindo a testa. "De você é um Morozov."

"Exatamente", ele responde tristemente. "A homossexualidade só foi

descriminalizada na Rússia em 1993. Como você acha que minha família lá se sentiria a meu respeito? Eu nem sei como meu pai se sentiria, quanto mais..."

“Dmitri?” Eu engasgo. “Você não pode estar pensando... Ivan, seu irmão te ama tanto. Ele nunca faria isso...”

“Talvez”, Ivan me interrompe levemente. “Mas não estou disposto a correr o risco. Ele vai ficar enojado comigo, ou não vai se importar e outras pessoas vão ficar enojadas com ele. Não é como a sua família, Jade. As gerações mais velhas ainda têm muito poder, e eu não vou fazer do Dmitri um alvo para mim. Talvez quando todos eles morrerem...”

“Eu posso fazer isso acontecer”, digo a ele sombriamente.

Ele ri baixinho, depositando um beijo no meu cabelo. “Tão feroz.”

“Eu estava falando sério”, faço beicinho.

“Eu sei que estava”, ele responde. “Por isso que te contei.”

Estou dividida entre me sentir imensamente lisonjeada por essa demonstração de amizade e me sentir péssima por Ivan sentir que não pode contar para mais ninguém.

“Para que conste, todos os meus irmãos amam o Nico do jeito que ele é”, digo a ele, entendendo que não é exatamente a mesma coisa. “Eu sei que nossas famílias não são iguais, mas o amor que você e o Dmitri têm não é diferente do amor que meus irmãos têm um pelo outro.”

“Não? Você acha mesmo?”

“Não”, juro.

Pego uma das mãos de Ivan, isolando seu dedo indicador, e a levo ao meu rosto. Antes que ele possa questionar o que estou fazendo, passo o dedo sobre a pequena cicatriz na ponte do meu nariz, deslizando-o suavemente sobre a marca.

“Você sente isso?”, pergunto, passando o dedo mais uma vez.

“Uma cicatriz?”, ele pergunta, aproximando-se para vê-la e guiando o dedo sobre ela.

“Sim”, sussurro. “Eu a disfarço com um pouco de maquiagem.”

Antes eu não fazia isso. Mas sempre que meu pai ou meus irmãos olham para o meu rosto por muito tempo, sinto que o olhar deles se fixa ali. Eles disfarçam bem a raiva que sentem ao ver isso, mas para mim é difícil de qualquer jeito. Eu menti sobre isso, e agora que somos próximos como uma família de verdade, me sinto culpada. Mas talvez contar para o Ivan ajude.

Um segredo por um segredo.

"Quando conheci minha família, o Matteo percebeu e perguntou se eu já tinha quebrado o nariz", conto a ele, e os dedos dele se afastam lentamente do meu rosto. "Foi durante um jantar com todos, e eu não sabia bem o que dizer, então contei que sim e expliquei como."

Ainda me pergunto se Apollo percebeu que eu estava mentindo, mas não tive coragem de perguntar. Ele me disse que eu era uma péssima mentirosa antes de começar a me ensinar a mentir, mas nunca tentou me confrontar sobre isso.

"Eu disse a eles que, quando tinha cinco anos, caí do balcão da cozinha e bati com a cara no azulejo", digo, evitando seu olhar. "Eu não tinha cinco anos."

"Não?", ele pergunta, com a voz trêmula.

"Eu tinha três", digo com a voz embargada, olhando para ele com os olhos marejados. "E eu não caí."

"Ah, Jade." Ivan me aconchega em seu peito, sem se importar quando começo a chorar copiosamente em sua camiseta, encharcando o tecido.

“Eu só estava com fome”, murmurei, ainda tentando contar todo o meu segredo. “Nem cheguei a entrar no armário quando senti mãos me empurrando por trás. Caí no chão com tanta força que achei que meu cérebro tinha estremecido.”

“Ei, ei”, ele me acalmou, passando os braços ao meu redor para acariciar minhas costas enquanto me segurava. “Shhh, calma, eu estou aqui.”

Eu não imaginava que fosse chorar tanto assim alguns minutos atrás, quando decidi me abrir. Achei que ia doer muito falar sobre isso. Caso contrário, eu já teria contado a verdade para a minha família, mas subestimei completamente o poder das lembranças horríveis. É como se eu ainda estivesse lá, caindo e me espatifando no chão sem parar, sentindo as feridas recentes da traição me atingirem.

Você não entende essas coisas quando tem três anos. Você não entende como a pessoa que você mais ama no mundo pode te machucar sem pestanejar. É impossível compreender o ódio vil necessário para fazer uma criança pequena e vulnerável sangrar tanto a ponto de desmaiar.

"A-alguém pode chamar o Matteo?" Eu choro, tremendo contra o peito dele. Se eu não posso ter o Dmitri ou meu pai, preciso do meu irmão. Preciso contar a verdade para ele, sinto que ela está me corroendo por dentro.

"Droga", ele murmura. "Merda, tá bom, espera aí—"

Ele tenta se esquivar quando uma onda de decepção esmagadora me atinge. Ele não pode trazer o Matteo aqui, porque eu não deveria estar aqui.

“Não vá”, eu digo de repente, apertando-o com mais força. “Eu esqueci, ele não pode vir aqui, eu—”

Ivan congela. “Jade, se você precisar do Matteo, eu o trago aqui, que se dane o segredo. O Dmitri não vai se importar, nós damos um jeito.”

“Não, não”, eu enfatizo, cravando os dedos na camisa dele. “Ele não pode saber ainda. Por favor, não—”

“Tá bom, tá bom”, ele diz rapidamente, interrompendo meu tom de voz

elevado. “Eu estou aqui com você, tá bem?” Ivan me abraça tão forte que quase sinto como se estivesse sendo esmagada, mas não peço para ele parar. “O Dmitri volta logo, tá bom? Você quer contar para ele?”

Eu não quero contar para ninguém nunca. Eu simplesmente não sei se consigo viver muito mais tempo com isso guardado. Tudo. Não só o incidente do nariz quebrado, mas tudo.

Ser empurrada de um balcão pela minha própria mãe pode ter sido a primeira traição, mas está longe de ser a pior ou a mais violenta. Presumo que todos os meus irmãos já saibam o básico sobre Kim e Bruce. Tudo o que contei para Apollo foi repassado ao nosso pai, provavelmente com detalhes minuciosos. Mas tenho a impressão de que tentaram poupar o resto da família com um resumo menos gráfico. Já Dmitri mal sabe de alguma coisa.

Todos esses segredos parecem ficar cada vez mais difíceis de guardar, e sinto que vão explodir na pior hora possível. Namorar Dmitri pelas costas da minha família, a mentira do nariz quebrado, meu passado e os jogos…

Meu Deus, os jogos, preciso contar para o Dmitri sobre os jogos.

Capítulo 28



Jade
6 Meses Antes

“Bruce gostava de jogar videogame.”

Um arrepio nauseante percorre meu corpo, mas tento ignorá-lo.

“Bruce era namorado da sua mãe?” Apollo pergunta, e eu aceno com a cabeça em silêncio. “Quando esse relacionamento começou?”

“Eu tinha dez anos”, respondo prontamente. “Não sei quanto tempo ela o conhecia antes disso, mas foi quando ele apareceu pela primeira vez. Ele se mudou para cá alguns dias depois de nos conhecermos.”

“Certo”, Apollo concorda, sinalizando para que eu continue.

“De cara, ele não gostou de mim, mas, honestamente, eu meio que aceitei isso”, digo, mantendo o ritmo lento para controlar a respiração. “Era melhor do que o trauma da Kim. Tínhamos meses em que eu achava que ela me amava e outros ainda mais longos em que eu não conseguia me convencer de que ela não preferiria que eu estivesse morto.”

Não importava quantas vezes acontecesse, eu continuava absorvendo qualquer resquício de amor ou gentileza com que ela me provocava. Não havia como eu esquecê-la completamente, eu não podia ficar sem ninguém. Eu precisava de alguém, mesmo que ela nunca tivesse precisado ou sequer me desejado.

“O Bruce era malvado”, digo para o Apollo, encostando a cabeça na porta do box para olhar para o teto. Envolvo os joelhos, abraçando as canelas para me aconchegar numa posição mais relaxada. “Ele dizia abertamente que não gostava de mim, para eu não o incomodar, e blá-blá-blá. Era grosseiro, mas não

era assustador.”

“No começo”, Apollo deduz, e eu engulo em seco.

“É”, sussurro. “No começo.”

“Uns seis meses depois de ele ter começado a morar com a gente, eu fiz onze anos. O Bruce disse que ia me dar uma ‘lição de vida valiosa’ de presente. Imaginei que isso significava que ele tinha gasto todo o último salário com cerveja e vodca e ia falar alguma besteira bêbada sobre ‘na minha época’ disfarçada de conselho.”

Passei o dia todo me preparando para manter uma expressão neutra durante o discurso dele, para que ele não tivesse motivos para ficar bravo comigo.

"Mas depois do jantar, e como ele ainda não tinha me dado nada, eu tinha quase certeza de que ele simplesmente tinha esquecido."

Pelo menos, era essa a esperança que minha mente ingênua tinha.

"Naquela noite, acordei porque não conseguia respirar. Havia uma pressão ardente e horrível no meu peito, tão insuportável que eu queria me arranhar até abrir as costelas só para conseguir respirar. Mas eu não conseguia me mexer. Minhas mãos estavam amarradas, e meus tornozelos também. Eu só conseguia me debater e tentar puxar mais ar, mas só piorava a situação."

"É uma reação natural", diz Apolo, justificando minhas ações.

Sei que tecnicamente ele está correto, mas naquele momento, não havia nada de natural naquela noite.

"Havia plástico cobrindo meu rosto", continuo. "Não conseguia dizer se era um saco plástico ou o quê, mas estava cobrindo minha boca e nariz, e não havia como eu tirá-lo. Então meu nariz começou a sangrar, e tudo o que eu conseguia sentir era cheiro de metal."

O cheiro de sangue ainda me dá dor de estômago.

"A queimação diminuiu, e todo o meu corpo ficou dormente. Mas bem antes de tudo escurecer, o plástico foi removido, e eu respirei fundo."

Foi a inspiração mais dolorosamente aliviadora que já senti.

“Foi aí que eu percebi que era o Bruce. Ele ficou parado sobre mim o tempo todo, me observando sofrer e lutar. Ele começou a me provocar enquanto eu me recuperava, ofegando em busca de todo o oxigênio possível.”

“O que ele disse?”

A bile sobe pela minha garganta.

“Ele perguntou se eu gostei do meu presente de aniversário.”

Há um leve enrijecimento ao meu lado, e eu me retraio ao ver isso, sabendo que significa que ele se importa. Mesmo que um pouco.

“A lição de vida que ele queria que eu aprendesse? Como alguém como eu pode ser facilmente morto. Pequeno, jovem, fraco. Bruce queria que eu soubesse

que ele me permitiu viver, e que ele poderia tirar isso de mim a qualquer momento.” Engulo a bile de volta, sentindo o nojo me invadir. “E que ele teria prazer em tirar isso de mim.”

Eu sabia que ele não estava mentindo; eu conseguia ver o brilho de satisfação em seus olhos enquanto ele me observava me sentir como um peixe fora d'água. Ele gostava do meu sofrimento e adorava ser o responsável por ele.

"Quando comecei a chorar, ouvi Kim rindo. Achei que estava alucinando, mas talvez eu só quisesse. Eu não queria que minha mãe risse de mim enquanto eu me sentia morrendo. Eu queria que tudo fosse mentira — um pesadelo horrível do qual eu acordaria assim que o sol nascesse."

Mas o sol nunca mais nasceu, na verdade.

Acho que não até Dante me abraçar. Mesmo estando escuro lá fora e eu ainda com medo, o mundo não parecia mais tão frio.

"Jade, você contou isso para alguém?"

Funguei, balançando a cabeça e tentando conter o desespero o máximo que pude. "No dia seguinte, na escola, usei um computador da biblioteca para pesquisar no Google os efeitos colaterais da falta frequente de oxigênio, e fiquei horrorizado. Você sabia que isso pode causar danos cerebrais permanentes? Basta uma vez por tempo suficiente sem respirar, e pronto, pode acontecer na hora."

"Sim", ele respondeu. "Eu sabia disso."

"Bem, quando descobri, fui falar com o conselheiro da escola. Já tínhamos tido assembleias antes, onde explicaram que ele era obrigado a denunciar casos de abuso e que estava ali para os alunos que precisassem dele."

"Você contou a ele o que aconteceu?"

Uma risada amarga escapou da minha garganta. "De que adiantou?"

"Ele não acreditou em você?"

“Não sei se ele achou que eu estava mentindo, mas sei que ele não queria lidar comigo mesmo que eu não estivesse”, respondo, ainda sentindo a mesma raiva daquele dia. “Ele me disse que estou tendo muitas emoções fortes nessa idade e que devo ter interpretado mal o que aconteceu. Que eu deveria tirar alguns dias para relaxar e que perceberia como estava exagerando.”

É. O homem de quarenta anos desmereceu a menina traumatizada de onze anos em seu consultório, tratando-a como se fosse apenas uma vítima da puberdade.

Depois disso, desisti de pedir ajuda.

Não olho para o rosto de Apollo, mas consigo sentir a raiva praticamente emanando dele. Ele pode até saber controlar a forma como demonstra suas emoções, mas sua postura rígida diz tudo.

“Quando cheguei em casa, Bruce sorriu para mim, e eu soube que ia acontecer de novo. Eu não sabia por que ou como, mas sabia que aconteceria. Os jogos eram diferentes, mas todos os objetivos eram os mesmos. Convencer Jade de que ele podia matá-la e que não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.”

Sufocamento, facas encostadas na minha garganta, uma semana sem comer, até mesmo água sendo despejada na minha garganta até eu quase me afogar. Tudo o que ele podia fazer comigo sem deixar vestígios, ele tentou.

“E isso durou anos?” A voz sombria de Apollo me tira das minhas lembranças, e eu aceno com a cabeça, trêmula.

“Foi por isso que coloquei a corrente na porta”, confesso. “Ela o impedia de entrar quando ele estava bêbado demais para arrombar, então, felizmente, a frequência das investidas não era tão ruim por causa disso.”

“Mas ele encontrou maneiras de contornar a corrente?”

“Ele parou de fazer isso só quando eu estava na cama”, murmuro, dando de ombros. “Chegava por trás de mim com uma faca apontada para o meu rim enquanto eu pegava um copo d’água. Insinuava que tinha colocado veneno de rato na minha comida para que eu não pudesse comer. Pulava em cima de mim e amarrava um saco plástico na minha cabeça enquanto eu andava pela casa. Ele ficou criativo.”

Às vezes, a antecipação era pior do que a agressão em si. Como andar constantemente em cima de ovos, sem nenhuma esperança de alívio.

“Foi tudo horrível, e eu realmente achei que ele fosse me matar um dia. Acidentalmente ou de propósito, eu esperava que fosse. Ele se aproveitou do meu tamanho e usou o peso dele contra mim. Eu nunca tive certeza se conseguiria revidar.”

“Mas isso mudou recentemente?” Apollo deduz.

“Ele mudou as regras do jogo”, sussurro, uma lágrima solitária escorrendo pelo canto do meu olho. “Ele não queria apenas me provocar, ele queria me caçar de verdade.”

Respiro fundo algumas vezes e abraço minhas pernas com mais força.

“Uma noite, ele me puxou da cama. Ele entrava pela janela só para me puxar de volta. Antes disso, eu sentia que ele se controlava para não me tocar — evitando deixar muitos hematomas, para que eu não tivesse provas. Desta vez? Cada toque era como um soco.”

O jeito como seus dedos se cravavam na carne dos meus braços e pernas me fez perceber que algo estava diferente. Como se a situação tivesse subido de nível, e ninguém me preparou para o quão alto isso poderia chegar.

“O Bruce me jogou pela janela e eu bati no chão com tanta força que me

faltou o ar. Enquanto eu tentava me levantar, ele pulou atrás de mim. Ele não estava cambaleando, mas ainda cheirava a vodca, e eu sabia que ele tinha bebido, mas menos do que o normal. Ele queria a cabeça dele para o que quer que estivesse planejando, isso era óbvio."

Meu estômago embrulha, o desconforto se tornando inevitável.

"Eu tinha dormido de roupa na noite anterior", conto a ele. "Na verdade, eu estava tentando ficar acordada porque era mais seguro, e eu tinha adquirido o hábito de matar aula para dormir no auditório da escola. Esse é o principal motivo das minhas notas serem péssimas."

Isso, somado à falta de cuidado. Como eu ia me importar em estudar cálculo ou história mundial se eu não sabia se estaria vivo para fazer a prova?

"Minhas pernas estavam bem cobertas pela calça jeans, mas a camiseta não foi suficiente para me impedir de tremer, e andar descalço não ajudava em nada. Quando me levantei, parecia que elas já estavam congeladas na grama lamacenta."

Por sorte, elas não estavam realmente grudadas.

"Bruce me disse para correr e que, quando me pegasse, me mataria. Eu só conseguiria respirar por mais um dia se aguentasse até o sol nascer. Ele disse que queria uma boa caçada, então me daria dois minutos de vantagem. Então eu corri."

Com a voz tensa, ele pergunta: "Para onde você foi?"

A casa do vizinho mais próximo ficava nos fundos, atravessando a floresta atrás da casa, do outro lado do rio que as separava. Corri naquela direção, contando até sessenta duas vezes antes de começar a gritar. Eu sabia que ele odiaria, mas não me importava. Sabia que ele ia me matar dessa vez; já havia hematomas aparecendo nos meus braços, e ele não podia deixar ninguém vê-los. Se vissem, talvez acreditassem em mim.

Desdobrando as pernas, olho para baixo e faço uma careta.

Lentamente, tiro minhas meias de algodão, expondo as solas dos meus pés. A pele pálida está marcada por cicatrizes. Pequenos cortes e grandes arranhões, ainda doloridos e vermelhos, mas em sua maioria cicatrizados. Ainda doem quando fico em pé por muito tempo, mas não sangram desde que o hospital os fechou.

"As pedras, galhos e gravetos espalhados pela floresta me machucaram muito", digo, inclinando-me para trás para que ele possa ver os ferimentos. "Eu sentia o cheiro de sangue, e cada passo doía mais que o anterior, mas continuei correndo e gritando o mais alto que pude."

A mandíbula de Apollo se contrai, o único movimento quebrando sua fachada calma, fria e serena. Quero pedir que ele segure minha mão ou algo

assim, mas não sei como.

"Eu estava com tanto medo, mas mais do que isso, estava furiosa", admito. "Meus pés doíam demais, e meus pulmões pareciam estar pegando fogo. Então, eu revidei. Dessa vez, de verdade."

"Onde você encontrou uma faca?", pergunta Apollo.

"Uma faca?", questiono, franzindo a testa.

"Você o esfaqueou. Dezessete vezes, segundo o policial Brian."

"Ah", murmuro, balançando a cabeça. "Eu não usei uma faca."

Ele inclina a cabeça, curioso.

"Kim trancava as facas naquela casa com mais segurança do que trancava a comida", informo, meus ombros se curvando a cada novo detalhe embaraçoso que revelo. Como se ficar sem comida fosse culpa minha, quando sei que não é. "Eu literalmente cortava a comida rasgando-a ou usando uma colher."

"Certo, sem faca", ele diz. "O que você usou, Jade?"

"As pessoas costumavam dar festas perto do rio que corta aquela região, e eu estava tão perto que conseguia ouvir a água correndo. Mal conseguia enxergar alguma coisa, mas continuei correndo naquela direção. Eu tinha me distanciado dele, e sabia que não ia durar muito, então não podia diminuir o ritmo."

Sinto resquícios daquela adrenalina sempre que penso nisso. Meu coração já está acelerado, dificultando ainda mais pensar com clareza.

"Quando cheguei perto o suficiente do rio para poder entrar ou atravessá-lo, se quisesse, comecei a procurar. No início, eu ainda gritava, na esperança de que a casa do outro lado das árvores pudesse me ouvir, mas tive que parar. Eu o sentia se aproximando e me recusei a levá-lo diretamente até mim."

Eu sabia que ele estava furioso e me recusei a enfrentar essa fúria desarmada.

"Tive que me ajoelhar e rastejar para encontrar algo que pudesse usar. Fiquei com um corte no joelho por causa disso. Acho que o hospital teve que tirar uma pedrinha de lá."

Estou me desviando do assunto.

"Enfim, eu estava passando a mão na grama úmida quando finalmente senti algo pontiagudo. Não conseguia ver direito, só o pedacinho que a lua acima me mostrava, mas o tempo estava se esgotando, então eu precisava que funcionasse."

Eu tinha noventa por cento de certeza de que era um caco de garrafa de vinho, talvez uma garrafa grande de cerveja, mas de qualquer forma, era uma tábua de salvação. Minha única esperança.

"Ouvi galhos estalando sob passos pesados e vi pequenos flashes de luz

vindos de trás das árvores, e soube que meu tempo estava se esgotando. Tirei a camisa e a enrolei na extremidade mais opaca do vidro quantas vezes pude antes de ficar sem tecido."

Conforme ele se aproximava, me escondi atrás de um enorme carvalho, usando a sombra para desaparecer da luz da lanterna. Quando ele passou por mim, sem nem olhar para trás, eu simplesmente fiz.

Nunca antes havia sentido tanta força me invadindo, nem tanta coragem me percorrendo. E, felizmente, foi o suficiente para me dar a energia necessária para o que eu precisava fazer.

"Acertei-o primeiro no ombro", murmurei, desapontado. "Mirava no pescoço, mas ele se moveu antes que meu braço descesse. Mesmo assim, me movi rápido, puxando o caco com toda a força para cravar o vidro de novo. Não me importava onde o atingisse, contanto que acertasse. Ele tropeçou nos próprios pés, gritando de dor, e eu não o deixei levantar. Encurralhei-o, golpeando onde podia sem ser pego."

O tempo pareceu se desfocar naquele instante. Não conseguia dizer se estava passando muito rápido ou incrivelmente devagar. Mas o cheiro horrível de metal se misturava ao aroma da floresta ao nosso redor, e eu sabia que estava causando o dano necessário.

"Enquanto eu o esfaqueava, ele tossia sangue e tentava dizer essas palavras-código como se isso fosse me fazer parar. Mas eu não conseguia parar, não até que ele parasse de se mexer, falar… e respirar."

"Palavras-código?" Apollo pergunta, interrompendo.

"Ah, sim", confirmo, me perguntando como ainda não as mencionei. "Ele achava que podia usar controle mental com palavras-código para 'desbloquear meu cérebro'. Como se ele realmente acreditasse que podia me controlar com algum tipo de condicionamento? Sei lá, ele usava palavras-código como se fossem a chave e a fechadura do meu cérebro, mas nada disso me afetava de verdade."

"Controle mental?" Apollo repete.

"É", digo, franzindo o nariz. "Na maioria das vezes, eu fingia que funcionava. Eu via o quanto ele ficava feliz quando eu obedecia às ordens, tanto que, quando eu não obedecia, ele ficava bravo consigo mesmo. Tipo, eu já tinha confirmado a capacidade dele antes, então, obviamente, ele devia ter feito alguma besteira se eu saísse do transe. Isso o deixou tão perto da loucura, eu juro. Às vezes, os colapsos dele eram mais assustadores do que os próprios jogos."

"Por que ele achava que podia te controlar? Ele disse?"

Bem, não exatamente.

“O Bruce não parava de falar dos Cavaleiros”, conto, balançando a cabeça. “Ele achava que podia me controlar por causa do que aprendeu com eles? Como se ele achasse que tinha palavras que me tornariam submissa às suas exigências.”

Eu nunca entendi, mas não tinha tempo para analisá-lo enquanto passava cada minuto acordada tentando evitá-lo.

“Os Cavaleiros não sabem o quão talentosa eu sou, não sabem o que perderam me deixando ir, sou boa demais para eles e para o clubezinho deles”, acrescento, imitando alguns de seus discursos recorrentes.

“Os Cavaleiros?”, pergunta Apollo, com o maxilar tenso. “Tem certeza?”

Assinto firmemente. “Ele falava disso o tempo todo. Você… você sabe do que ele estava falando?”

“Tenho uma ideia”, diz ele, cauteloso.

“Os Cavaleiros existem mesmo?” pergunto, sentindo uma náusea crescente. “Eu esperava que fosse um delírio de bêbado, algo que ele inventou.”

“Eles existem mesmo”, ele comenta. “Mas você não precisa se preocupar com eles.”

“Não?”

“Não.”

Hesito, achando difícil de acreditar. “Hum, por quê?”

“Será resolvido.”

Sinistro.

“Como assim?” pergunto cautelosamente. “Se realmente existe um grupo de pessoas praticando controle mental, por que eu não me preocuparia com isso?”

Apolo me olha. “Porque a primeira coisa que vou fazer quando sair desta sala é garantir que os Cavaleiros não estejam protegendo Bruce. E depois vou fazê-los pagar por não o terem matado quando ele claramente se recusou a se juntar a eles. É tudo o que você precisa saber.”

“Por favor, não”, imploro, agarrando imediatamente seu pulso com a minha mão. “Não comece uma guerra para se vingar. Eu só quero que isso acabe. A última coisa que eu quero é que algum de vocês se machuque por minha causa.”

Apolo baixa o olhar, encontrando minha mão trêmula que o segura com força. A parte de mim que anseia desesperadamente por sua aprovação grita para que eu o solte, para que eu me desculpe por sequer tê-lo tocado. Mas eu não posso. Não posso deixar Apollo fazer algo que possa se voltar contra toda esta família, não agora que acabei de conquistá-los.

“M-matem Bruce e Kim se for preciso”, digo com a voz trêmula. “Eles são só pessoas, mas eu não sei do que os Cavaleiros são capazes. Por favor, não—”

“Eu sei do que os Cavaleiros são capazes, Jade”, interrompe Apollo, com a

voz tão firme quanto sempre esteve. Não há sequer um vestígio de preocupação em seu rosto. "Eu sei do que eles são capazes e sei que posso esmagá-los como um inseto insignificante."

"Mas—"

"Jade", ele me interrompe novamente, com a voz mais firme. "Você é nova aqui, eu entendo. Mas quando se trata de assuntos da Máfia, você não tem voz. Tenho certeza de que isso soa injusto, mas você deve se lembrar que, assim como você não sabe sobre os Cavaleiros, você também não sabe sobre os Morettis."

Não posso discordar.

"Mas não se preocupe", acrescenta ele. "Você saberá em breve."

Capítulo 29



Dmitri
Presente

“Parei de esfaqueá-lo quando vi luzes azuis e vermelhas refletindo nas árvores e ouvi sirenes cortando o ar”, diz Jade, com a voz trêmula.

“Os policiais me encontraram cambaleando, tremendo, coberta de sangue, e foi como se eles simplesmente soubessem. Ninguém gritou comigo nem me acusou de nada; eles apenas começaram a me cobrir com seus casacos e a me examinar em busca de ferimentos. Eu sabia que meus pés estavam machucados porque uma policial ficou pálida quando os viu, mas eles estavam bem dormentes de frio naquele momento.”

O sangue ferve nas minhas veias, meu coração martela nos meus ouvidos. Preciso bater em alguma coisa ou matar alguém; a necessidade é avassaladora e implacável, mas não consigo me mexer. Preciso ouvir isso porque é a minha Jade.

Voltar e encontrá-la fungando nos braços do meu irmão já foi o suficiente para me fazer ter pensamentos violentos rondando a cabeça. E agora ela nos contou tudo. Da bancada da cozinha à caçada, parando para chorar e se recompor às vezes.

“Eu estava com tanto frio, mas ainda assim sentia um alívio enorme. Até que alguém gritou que tinha um batimento cardíaco, e de repente, eu desejei que Bruce tivesse conseguido me matar. Desejei não ter lutado, porque foi em vão. Eu sabia que eles o trariam de volta e que ele nunca me deixaria em paz. Eu falhei. Eu não escapei, eu só—”

“Você não falhou”, murmura Ivan, acariciando suas costas.

“Eu gritei”, continua Jade. “Eu simplesmente desabei e comecei a implorar para que o deixassem morrer, mas eles não podiam.”

“Deveriam ter deixado”, concorda meu irmão, continuando a confortá-la enquanto eu permaneço paralisada.

“Uma van de reportagem estava chegando”, ela afirma amargamente. “Eles não podiam ser pegos sem tentar salvá-lo. Ainda bem que eu tinha dezessete anos, assim eles não podiam dizer meu nome nem falar de mim por causa das leis de proteção a menores. Só que uma garota menor de idade foi atacada e o agressor estava em estado crítico.”

Se eu não a conhecesse, pensaria que ela estava tentando me convencer a não matar os repórteres que destruíram seu espírito quando ela já estava por um fio. Mas não importa, porque não está funcionando.

Com os olhos marejados, Jade usa as mangas para enxugar as lágrimas nas bochechas úmidas. "Me desculpem por não ter contado para vocês duas antes. Eu não deveria ter deixado vocês se aproximarem tanto sem avisar. Parece que, aonde quer que eu vá, alguém quer se livrar de mim."

"Não peça desculpas", eu rosno, tentando ao máximo conter minha raiva. A última coisa que eu quero é descontar nela, mesmo que acidentalmente. "Nunca peça desculpas, Krasotka."

Como se não conseguisse se controlar, ela se lança para frente, pressionando o corpo contra o meu e escondendo o rosto na curva do meu pescoço. Ela geme, os braços trêmulos se fechando em torno dos meus ombros. "Me desculpe, me desculpe, eu s —"

"Shhh", eu a acalmo, segurando a nuca dela. "Não, Jade."

“Desculpe”, ela insiste. “E se eles te atacarem também? Estou com m-medo.”

“Jade, escuta, querida”, digo, mantendo a voz firme. “Espero que venham atrás de mim. Quero que tentem me eliminar porque, se fizerem isso, vão se expor. Se eu soubesse onde eles estão, já teria saído da ilha para crucificá-los.”

“Não tenha medo”, acrescenta Ivan. “Eles podem querer você morta, mas você não é mais uma presa fácil, Jade. Com os Moretti e os Morozov, você é intocável.”

“Não me sinto intocável”, ela murmura tristemente, fungando.

“Você vai se sentir assim que todos eles estiverem mortos.”

Com a madrugada chegando rápido, sei que ela precisa voltar para o quarto, mas não antes de dormir algumas horas.

Eu a levo para a cama, murmurando palavras suaves de encorajamento.

Você está segura.

Eu estou aqui com você.

Apenas descanse.

Sem dizer uma palavra, Ivan se deita conosco debaixo das cobertas, do outro lado de Jade. Suas mãos se entrelaçam e, por fim, ela adormece silenciosamente.

Ivan fecha os olhos, mas eu sei que ele não está completamente dormindo. Eu mesma não consigo fechar os meus, sabendo que, se o fizer, terei um pesadelo acordada. A história de Jade se repete na minha cabeça em um ciclo infinito, e tudo o que consigo ver é seu espírito despedaçado e seu rosto aterrorizado.

Não vou dormir um segundo sequer hoje, mas tudo bem. Contanto que ela consiga dormir, eu consigo lidar com isso. Contanto que ela consiga suportar as lembranças, eu suportarei o conhecimento delas.

Até que eu possa fazer algo a respeito.

Jade acorda muito mais feliz. Na verdade, ela parece um pouco envergonhada pelo seu estado emocional da noite anterior. Felizmente, ela não se desculpa novamente.

Com a ajuda de Ivan, a levamos de volta para o quarto antes que os madrugadores comecem a circular pelo campus, correndo para o treino ou se levantando para comer antes da multidão.

Se não precisássemos ficar em alerta, estaríamos a caminho do ringue de luta para nos espancarmos e extravasar essa tensão. Mas isso não é uma opção, então preciso ouvir algo que me faça sentir um pouco melhor, e sei exatamente onde ir para isso. Ivan ficará por perto, de olho em Jade, enquanto eu desapareço na floresta.

Depois de caminhar cerca de oitocentos metros, encontro a mísera cachoeira, e lá está ela, sentada em frente a ela.

"Eu nunca deveria ter te dito que venho aqui", ele murmura, sem levantar os olhos do livro. "Por que você veio me incomodar desta vez?"

"Jade", respondo honestamente.

Nico levanta os olhos do livro, piscando para mim como se tivesse entendido errado.

"Que engraçado", ele resmunga sem o menor sinal de humor. "Achei que você tinha acabado de falar o nome da minha irmã, mas não pode ser verdade, pode?"

"Ela é amiga do Ivan", revelo, sabendo que não é hora de mostrar todas as minhas cartas.

Com uma mão, ele fecha o livro, estalando as páginas. "Desde quando exatamente? É a primeira vez que ouço falar disso."

“Eles estão juntos com facas.” Dou de ombros, tentando amenizar a notícia.

Ele arqueia uma sobrancelha, desafiando-o. “Existe algum motivo para o Ivan estar fazendo um curso de facas? Ele bateu a cabeça e esqueceu que usa facas desde criança?”

“O Ivan faz cursos que não o irritam, como outra pessoa que eu conheço”, digo, dispensando-o com um gesto de mão. Se há algo em que o Nico se identifica com o Ivan, é no desprezo pelas aulas tediosas da Academia Empire. Meu irmão está aqui por mim, e agora está aqui pela Jade.

“Então eles são amigos”, ele repete, assimilando a ideia. “Tudo bem, ela poderia escolher pior. Pelo menos ele não é um caubói chato, a Armani já tem muitos desses.”

Faço uma pausa, surpresa por ele ter deixado escapar isso. Nico não gosta de detalhes pessoais.

Embora tenhamos uma relação profissional há anos, talvez ele finalmente esteja aceitando o fato de que somos meio que amigos.

"Não estou aqui para protestar contra a amizade deles", digo firmemente. "Estou aqui por causa de algo que ela contou a ele — e, consequentemente, a mim — sobre o passado dela."

Seus ombros se endireitam, o único sinal de nervosismo que ele deixa escapar. "O que ela disse?"

"Ela tem medo dos Cavaleiros", respondo, recusando-me a admitir o quanto ela compartilhou. "Na verdade, está apavorada, mas Ivan garantiu a ela que eles não vêm aqui. Ele não disse que eles não vão a lugar nenhum mais, porque não entende por que ela ainda não saberia disso."

Seu maxilar se contrai. "Ah, é?"

“É muito estranho que ela pareça não saber que os Cavaleiros simplesmente desapareceram. Eu imaginaria que a família dela a informaria sobre isso.”

Ele murmura, tentando parecer desinteressado.

“Por acaso você sabe disso?”

“Apolo e eu os massacramos”, ele diz, sem demonstrar qualquer emoção. “Por quê? Eram seus amigos?”

“Nem um pouco”, respondo, cerrando os punhos.

“E então você está perguntando por quê?”

Meus punhos se fecham com mais força. “Por que você não contou a ela? Ela claramente ainda tem medo deles. Ela chorou por causa disso.”

“Só sobrou um”, ele retruca. “Ela saberá quando eliminarmos o que falhou também.”

“Ela chorou”, repito, desta vez com mais rispidez.

“Sim, garotas adolescentes traumatizadas tendem a fazer isso”, ele retruca, visivelmente irritado. Eu não sei exatamente como funciona a gama de emoções de Nico, mas sei que Jade é um ponto fraco em sua armadura geralmente impenetrável.

“Eu sei”, enfatizo.

Nico sabe melhor do que ninguém aqui, além da minha família, o quanto eu sei do que ele está falando. Ele sabe sobre Anya.

Ele suspira longa e profundamente.

“Jade tem medo de que tirem coisas dela”, ele revela quase friamente, começando a explicar seu raciocínio. “Quando ela veio para nós, Apollo mencionou um teste de paternidade. Ele é muito analítico e, de muitas maneiras, Jade também é. Papai disse, rispidamente, que não precisava de um teste para conhecer a filha, mas ela quis fazer mesmo assim.”

Faz muito tempo que não consigo arrancar mais nada do Nico disso.

"Ela tem muitos medos, mas principalmente, tem medo de conseguir algo e perder logo em seguida. Ela não conseguiria aceitar ter uma família a menos que soubesse que era real, no papel, e não algum tipo de brincadeira de mau gosto para manipulá-la."

Eu estava prestes a perguntar onde ele queria chegar quando ele finalmente chegou ao ponto principal.

"É a mesma coisa", ele murmurou sombriamente. "Não posso aliviar o medo dela até que todos eles tenham ido embora. Se eu disser que os Cavaleiros estão mortos, ela se sentirá melhor e não ficará tão na defensiva, e então algo ruim acontecerá. Só vai machucá-la ainda mais."

Odeio que pareça que ele está certo.

Teimosamente, pergunto: "Foi Apolo quem chegou a essa conclusão, ou foi você?"

"Sabe, você está começando a dar a entender que tem um interesse pessoal no bem-estar da minha irmã, muito além da simples amizade entre ela e seu irmão."

"E se eu tivesse?"

Nico me olha, seus olhos azuis tentando penetrar minha alma.

Não espero sua aprovação, mas me preparo para o caso de ele tentar me atacar. Por respeito à minha garota, não o machucarei, mas também não permitirei que ele me machuque. Tenho um motivo para me manter em forma, e lesões não são recomendáveis agora.

"Você quer se casar com ela ou algo assim?"

"Você tentaria me matar se eu quisesse?", retruco, inclinando a cabeça para

ele.

“Não, na verdade”, diz ele, torcendo os lábios como se estivesse surpreso. “Eu poderia aprovar, quer dizer, se ela também quiser você.”

“Você aprova?”

“Ela vai se casar com alguém”, afirma ele, sem rodeios. “Que seja um homem que saiba o que eu farei com ele se a magoar. Ou pressioná-la. Ou fizer qualquer coisa que ela não goste.”

Eu sei o que ele quer dizer. Eu gostaria do mesmo para Anya.

Se ela se recuperar, como espero, e aquela luz voltar aos seus olhos, eu gostaria de alguém que eu sei que não terá escolha a não ser tratá-la como ela merece. Ele teria que amá-la como eu amo Jade, e teria que saber que eu iria até os confins da Terra para vingá-la.

“Certo”, comento, assentindo. “Boa conversa.”

“Boa conversa”, ele repete.

Pelo menos terei um dos irmãos dela do meu lado. Bem, mais ou menos.

Capítulo 30



Jade
Seis Semanas Depois

Vou abandonar essa aula maldita de vez.

A cada dia na aula de luta, a vontade de ir embora aumenta. Eu realmente não gosto de sparring. Metade do tempo é só eu e a Ana fingindo que estamos nos batendo e nos derrubando enquanto o instrutor fica olhando. Na outra metade, a gente treina com algumas outras garotas, evitando o inevitável momento em que teremos que demonstrar que realmente aprendemos alguma coisa aqui.

Hoje, a tentação de ir embora é alimentada pela visão do meu namorado. Eu o vejo o tempo todo, mas nunca tanto durante o dia. Toda vez que o vejo, uma vontade enorme de correr para ele me consome. Meu autocontrole nunca é tão testado quanto quando o pego me observando, e não posso fazer nada a respeito.

Há alguns minutos, Dmitri me chamou a atenção no corredor, descendo para a piscina com Ivan. A aula que acontece no andar de baixo não parece ser muito grande nem muito rigorosa. Ivan uma vez comparou a aula a um período livre, só que com natação, e se isso for verdade, duvido que eles notariam se eu aparecesse por lá.

Ah, que se dane, eu saio escondida quase todas as noites, o que é uma aula perdida?

“Ei, Ana”, sussurro, aproximando-me dela. A aula ainda não começou, então Cole continua grudado nela como um guarda. Felizmente, ele é mestre em ignorar todo mundo, menos ela, então apenas me lança um olhar rápido e desvia o olhar.

“Aconteceu alguma coisa?”, ela pergunta, também em voz baixa.

“Vou sair—”

“Da ilha?”, ela exclama, surpresa.

“Não, não”, respondo, rindo. “Da aula.”

Seus olhos brilham de surpresa. “Você vai matar aula?”

“Sim”, concordo. “Não estou pedindo para você me encobrir nem nada, mas se alguém perguntar, estou muito doente. Com febre e tudo.”

Ela faz uma pausa, examinando meu rosto. “Está mesmo?”

Com um sorriso irônico, pigarreio fingindo tossir. “Muito doente.”

Ana sorri. “Melhoras.”

“Pretendo sim”, digo docemente. Olhando de relance para o seu meio-irmão, aceno com a cabeça. “Ele vai dizer alguma coisa?”

Dando-lhe uma cotovelada na barriga, ela espera que ele a olhe antes de falar. “Você ouviu alguma coisa, Cole?” Sua voz é leve e suave, com um toque adocicado, e, se não me engano, ela pisca os cílios para ele.

“Um zumbido abafado?”, ele deduz com um tom entediado.

Com um sorriso satisfeito, ela se vira para mim. “Você é boa.”

“Obrigada”, respondo sem emitir som, saindo lentamente da sala.

Com a multidão ainda entrando, consigo sair sem levantar suspeitas. Ninguém me observa, e ninguém me segue enquanto subo as escadas saltitando, praticamente correndo dois degraus de cada vez.

Primeiro encontro Ivan, observando sua localização do outro lado da longa piscina olímpica. Ele ainda não me viu, mas tenho certeza de que verá. É como se Ivan e Dmitri tivessem uma visão supersônica de Jade e simplesmente sentissem quando estou por perto. Eu adoro isso.

Eu iria cumprimentar meu amigo, mas não é ele que eu vim ver. Depois de mais alguns segundos procurando, eu o encontro e fico boquiaberto.

Ele está na água, nadando de um lado para o outro da piscina, onde Ivan estava. Ele não está competindo, mas também não está nadando devagar. Ele está deslizando tranquilamente, os músculos das costas e dos braços se contraindo a cada movimento prolongado. Se ele estivesse nadando de costas, acho que eu desmaiaria. Será que eu conseguiria ver o abdômen dele se mexendo assim sem engolir a língua?

Aperto as coxas, sentindo meu clitóris pulsar contra o short. Dmitri, encharcado, quase sem roupa, e brilhando intensamente sob as luzes fluorescentes, é o suficiente para fazer meu corpo ansiar por ele.

Seus braços cortam a água como manteiga, movendo seu corpo grande até a borda da piscina com um deslizar gracioso. Quando ele chega lá, Ivan pigarreia do outro lado, atraindo o olhar de Dmitri. Enquanto seu irmão inclina a cabeça

na minha direção, esse olhar se volta para mim.

Um sorriso branco e perolado surge em seus lábios, e ele começa a nadar em minha direção, indo direto para a borda da piscina onde estou. Ivan me lança uma piscadela discreta antes de retomar a conversa que estava tendo com os rapazes ao seu redor.

Antes que Dmitri chegue até mim, noto um pequeno grupo de pessoas no canto da sala. Não há nada nelas que se destaque inerentemente. Exceto pela ruiva bonita no meio, cujos olhos não estão onde deveriam estar.

Não sei quem ela é, mas sei que está olhando para o meu homem, e precisa fechar esses lábios entreabertos antes que eu os arranque de seu rosto hipnotizado. Dmitri é sexy, obviamente, mas o que lhe dá o direito de notar isso? Quem diabos é ela?

Ela está tão distraída com meu namorado que nem percebe meu olhar fulminante, mas não importa agora. Ele está nadando na minha direção, não é?

O barulho da água me chama a atenção de volta para a piscina, e meu humor melhora quando consigo vê-lo. Ele é a personificação do sexo, e preciso resistir à vontade de abanar o rosto. Minhas bochechas provavelmente estão em chamas, mas tudo bem. Meu namorado gosta do meu rubor constante.

Dmitri emerge da água, as ondas rugindo ao seu redor e quebrando contra o chão de pedra com a força do seu movimento. Quando se levanta, dá alguns passos à frente, aproximando-se de mim. A água escorre pelo seu abdômen, atraindo meu olhar para o cós do seu short. Quando termino de admirá-lo, levanto os olhos e encontro seus olhos escuros e sensuais me percorrendo também. Na verdade, ele não está olhando para mais ninguém além de mim.

Ótimo. Espero que todos vejam.

Sou tudo o que ele vê, e eles deveriam saber disso.

Esse nível de possessividade é novo para mim, e provavelmente me assustaria se não parecesse tão natural. Se eu pudesse enfiar minha língua na garganta dele aqui mesmo, para todo mundo ver, eu faria. Por que eu deveria me envergonhar de marcar meu território? Meninos fazem isso.

"Oi, gatinha", ele cumprimenta, mantendo a voz baixa. Ele está sendo cauteloso, respeitando meu desejo de manter meus irmãos longe do nosso relacionamento. Mas, olhando em volta, nenhum dos meus irmãos ou amigos deles está aqui. Aleluia. "Você matou aula para vir me ver?"

"Talvez", provoco, lambendo os lábios.

Os sussurros me deixam atenta, e eu me enrijeço.

"Você nunca matou aula para ver o Ivan antes", ele comenta, me olhando de cima a baixo, notando minha roupa justa. "Devo me sentir especial?"

“Você deveria”, concordo. “Nunca te vi tão molhada antes, e me sinto muito

especial agora.”

Ele se inclina para mais perto. “Parece justo, já que te vi molhada quase todas as noites desta semana.”

Mais sussurros, e eu franzo o nariz em frustração.

“Você está bem, Krasotka?”

“Não”, digo, praticamente cuspindo a palavra. “Ela está olhando para você.”

Ele não se move para olhar. “Quem?”

“Aquela garota”, murmuro. “Não sei o nome dela.”

Dmitri parece querer me tocar. Talvez acariciar minha maçã do rosto como gosta de fazer ou colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, mas ele se contém. Estou começando a odiar o fato de sermos um segredo.

“Você não quer que ela olhe para mim, querida?”

“Não desse jeito”, resmungo, sentindo minhas unhas cravarem nas palmas das mãos.

“Como é que ela está me olhando?”

Franzei a testa para a pergunta. “Como se ela te quisesse.” Estendi a mão, colocando-a possessivamente sobre o coração dele. Que se dane o segredo. Vou afastar qualquer boato se isso significar reivindicá-lo. De novo. Obviamente, essa garota não estava na festa onde eu desenhei nele, mas ficarei mais do que feliz em lembrá-la disso, caso estivesse. “Como se ela tivesse o direito de ficar te encarando. Como se ela nunca tivesse levado um soco na cara antes, e talvez ela precise.”

“Puta merda, você fica tão linda quando está com raiva.”

Gosto que ele não me acuse de ter ciúmes. Ter ciúmes significa que ela tem algo que eu quero, e ela definitivamente não tem. Não estou com ciúmes, estou furiosa.

Como ela ousa olhar para ele como se estivesse tirando as calças dele com os olhos!

"Você já dormiu com ela?" pergunto apressadamente. "É por isso que ela acha que pode olhar para você desse jeito?" Só eu posso olhar para ele desse jeito. Ninguém mais.

Dmitri pisca, mas lentamente abre um sorriso. "E se eu já tivesse dormido? O que você faria com ela, querida?"

Odeio essa pergunta porque sei que ele está me provocando. Dá vontade de lamber aquele sorriso idiota e lindo do rosto dele.

Não tiro minha mão dele. Em vez disso, aperto ainda mais, demonstrando o quanto estou falando sério. "Eu provavelmente faria alguma loucura, tipo descobrir em que prédio ela mora e matá-la enquanto ela dorme."

Se ele se surpreendeu com minhas palavras ousadas, não demonstrou. Em

vez disso, suas mãos envolveram meu pescoço e ele olhou fixamente nos meus olhos.

"Ainda bem que eu nunca nem falei com aquela garota, né?"

"Como você sabe?" perguntei, indagando. "Você nem olhou para ela."

"Por que eu desviaria o olhar de algo tão maravilhoso para olhar para algo menos?"

Se eu já não estivesse morrendo de vontade de conhecê-lo, estaria agora.

"E eu sei, porque nunca quis nenhuma outra garota neste campus. Nem em nenhum dos anos anteriores a você, e com certeza não depois que eu te conheci."

Meu coração se aquece, mas a mágoa não desaparece completamente.

Apenas um pouco mais tranquila, cruzei os braços. "Eu ainda não gosto que ela olhe para você."

"Você quer fazer alguma coisa a respeito?"

"Tipo arrancar os olhos dela?", pergunto amargamente.

Sua voz ressoa como um ronronar. "Tipo mostrar a ela que não deve babar pelo seu homem. Tipo mostrar a ela que estou completamente na sua mão, que ela não tem a menor chance."

Com as mãos dele ainda em volta do meu pescoço, deslizo meus dedos pelos seus antebraços e os puxo para baixo. Ele inclina a cabeça, com uma pergunta pairando no olhar, mas não lhe dou a chance de perguntar.

"Tem vestiários aqui, não tem?"

Ele acena com a cabeça, apontando na direção deles.

"Ótimo", digo com a voz rouca, umedecendo os lábios. "Me leve a um."

Com um brilho excitado nos olhos, ele pega minha mão, sem nem hesitar em dar a ordem. Preciso me apressar para acompanhar seus passos largos, meu coração disparado de excitação. Ao nos aproximarmos da porta escolhida, ele chama Ivan.

"Ninguém entra", ordena, com a voz firme e ameaçadora.

Imediatamente, os dois homens sentados com Ivan se levantam e vão guardar a porta. Ivan dá uma risadinha e se vira para dar algumas ordens em russo que não entendo. Mas não importa, Dmitri já está me puxando para o vestiário.

Com piso de cimento e paredes de azulejo, não é exatamente o lugar mais aconchegante para um encontro. Na verdade, parece meio frio e úmido, mas o fogo que corre em minhas veias é suficiente para me impedir de sentir frio. Antes que eu possa pressioná-lo contra as paredes brancas, ele olha cuidadosamente ao redor, certificando-se de que estamos realmente sozinhos.

Satisfeito por sermos apenas nós dois, ele volta para perto de mim. "Está vazio—"

A palavra morre em sua língua quando uso um dos poucos bancos de

madeira para subir, envolvendo meus braços em volta do seu pescoço e o beijando com paixão.

Dmitri geme ao contato, suas mãos envolvendo minha cintura para me manter firme contra ele. Minha língua desliza pela linha de seus lábios, mergulhando ousadamente em sua boca. Seu gosto está levemente alterado pela água salgada da piscina, mas não me importo. Nosso beijo ainda tem o gosto dele, e eu não consigo me fartar.

Eu não vim aqui apenas para beijar. Minha mente perversa tem outros planos para esses lábios.

Girando o corpo, coloquei as mãos em seus ombros e o empurrei, fazendo com que suas costas encostassem suavemente na parede sólida atrás dele. Desci do banco para me aproximar novamente, meus dedos deslizando rapidamente em direção ao seu peitoral. Adoro sentir os músculos firmes sob sua pele macia, provocando a região com a ponta das unhas. Talvez eu devesse escrever meu nome ali, isso mandaria uma mensagem para os observadores.

As mãos de Dmitri foram até o cós do meu short, e eu balancei a cabeça negativamente.

"Não?", perguntou ele, confuso.

"Não", concordei, deslizando meus dedos pelo seu peito. "Você pode usar sua boca em mim o tempo todo." Olhei para cima, piscando os cílios. "Agora é minha vez de provar."

"Porra", ele suspirou. "Tem certeza?"

“Dmitri, se você tentar me impedir de chupar seu pau de novo, eu vou gritar.”

Com as pupilas dilatadas, observo seus lábios se contraírem. “Se é isso que você quer—”

Não o deixo terminar de falar antes de me abaixar até o chão. O cimento não é o tipo de chão mais agradável para isso. Que se danem os hematomas, estou dando ao Dmitri a melhor mamada que ele já teve. A inexperiência não vai me impedir de dar o meu melhor. Quero que ela o ouça gemendo para mim.

“O chão é duro”, ele começa a protestar.

"Bem, tenho certeza de que consigo lidar com duas coisas difíceis ao mesmo tempo", canto docemente, puxando seu short. O tecido úmido cai no chão, libertando seu pênis inchado. Ele bate contra sua barriga, pulsando enquanto o puxo para baixo, envolvendo meus dedos em torno de seu grosso comprimento.

Me impressiona a rapidez com que ele pode passar de completamente mole a mais duro que aço em segundos. Se ele não fosse tão grande, eu me preocuparia com o sangue subindo para o pênis muito rápido. Se fosse menor, eu esperaria que ele desmaiasse toda vez que tivesse uma ereção repentina.

Como meu cabelo já está preso para a aula de luta, ele não está no meu rosto, e fico feliz por não ter que me preocupar com ele sendo jogado para dentro da minha boca de forma estranha. Inclinando a cabeça para a frente, pressiono minha língua na parte de baixo do seu pênis, deslizando-a lentamente até a ponta. Ele é tão gostoso, sua pele queimando de desejo.

"Porra, Krasotka", ele murmura, os olhos fixos em cada movimento meu. Quando fecho meus lábios na glande, seus testículos se erguem num pulo rápido.

Querendo saber como eles são, minha mão livre os envolve por baixo, acariciando-os experimentalmente com um leve aperto enquanto chupo suavemente a ponta.

"Caramba, gata", ele geme mais alto, tocando o topo da minha cabeça com uma mão grande. "Onde você aprendeu a fazer isso, hein?"

Meus lábios se retraem, e seu pênis cai com um estalo alto.

"Instinto", respondo honestamente. "Está gostoso?"

Sem esperar por uma resposta, continuo, colocando seu pênis de volta na minha boca e indo um pouco mais fundo desta vez. Meus lábios adoram a sensação da sua pele macia contra eles, uma onda lenta de excitação começando a iluminar meu interior.

"Sim", ele geme, movendo os quadris para frente e a mão envolvendo meu rabo de cavalo. "Está muito bom, Jade."

"Poderia ser melhor", provoco, girando a língua ao redor da ponta saliente. Meus dedos usam a lubrificação da minha boca para acariciá-lo, arrancando-lhe gemidos roucos de prazer.

"Poderia?"

"Sim", murmuro, acariciando-o mais rápido e massageando seus testículos. "Você poderia foder minha boca."

“Jade—”

Meu nome é um aviso em sua língua, mas não precisa ser. Há tanto tempo penso em Dmitri usando minha boca. Quero vê-lo tremendo a cada estocada, tentando não me sufocar enquanto toma o que precisa. A combinação de se sentir bem enquanto me sufoca é perversa, mas eu anseio por isso.

“Vamos lá”, provoco, abrindo bem a boca. Coloco o pênis dele na minha língua, mas não fecho os lábios. “Você não quer saber como é a sensação na minha garganta?”

Ele parece querer hesitar, mas não consegue. “Me belisca se precisar que eu pare. Entendeu, querido? Você tem que prometer.”

Pisco para ele, tremendo com o seu tom. “Não se preocupe, Dmitri”, ronrono. “Serei uma boa menina e te beliscarei se não aguentar.”

Existe a possibilidade de ser demais para mim. O pau dele é enorme, e eu

quase engasgo toda vez que simplesmente roço a língua nele, mas que se dane se eu não vou dar o meu melhor. A menos que eu esteja prestes a vomitar ou sufocar, eu não vou beliscá-lo. De jeito nenhum.

O aperto dele no meu cabelo fica mais forte, usando-o para me puxar para mais perto. Meus lábios o envolvem, cobrindo meus dentes. Tenho que respirar pelo nariz, precisando de ar nos pulmões para acompanhar meu coração acelerado.

Deixando minhas mãos deslizarem até suas coxas, relaxo, dando a ele total controle. Minha boca fica mais macia à medida que se umedece, molhando seu pau enquanto Dmitri começa a usá-lo. É fácil fazer assim, toda a pressão de ter um bom desempenho desaparece. Em vez de me preocupar se estou fazendo certo, só preciso chupar enquanto ele me fode na boca exatamente do jeito que quer.

Ele é cauteloso no início, mas quanto mais se move, melhor fica e menos consegue se conter. Meu clitóris está pulsando por atenção, e por enquanto o ignoro. Quero que ele chegue tão perto do orgasmo que possa ejacular assim que eu me sentar sobre ele. Claro, quero que ele me penetre com força por um tempo antes de realmente gozar.

Sou louca por esse homem, quem pode me culpar?

A cabeça do seu pau grosso e quente começa a roçar no fundo da minha garganta, suas estocadas ficando mais longas e profundas. Respiro fundo pelo nariz em vez de tentar me debater em torno da grossura dele, lutando contra o instinto de engasgar.

"Ah, sim, isso é tão bom, amor", ele geme, fazendo meu estômago revirar e meu clitóris pulsar. "Você fica tão linda de joelhos para mim."

Os olhos de Dmitri pesam a cada toque entre meus lábios, e sua velocidade aumenta, me fazendo engasgar mais de uma vez. Ele não se incomoda com os engasgos ou com a saliva escorrendo pelo meu queixo; acho que ele até gosta.

Dmitri gosta de mim toda bagunçada, lembro a mim mesma.

Meus olhos começam a arder, lágrimas se acumulam nos cantos e escorrem lentamente. Minha boca parece tão inchada, mas flexível. Secretamente, eu queria que ele fosse ainda mais fundo para realmente testar do que sou capaz. Mas isso já basta por enquanto.

Começo a me sentir um pouco tonta quando ele se retira. "Levante-se, Krasotka. Preciso da sua buceta." Nem preciso obedecer, porque ele me levanta antes que eu consiga.

Acariciando minha intimidade por cima da roupa, ele faz meu clitóris pulsar.

"Você está tão molhada, querida", ele geme, com a voz tão rouca que beira um rosnado. "Você gosta de ter a garganta fodida assim?"

"Tanto", eu murmuro.

“Perfeita demais”, ele murmura, tirando meu short de spandex. “Sexy demais nesse seu roupão de ginástica justinho. O que eu preciso fazer para te tirar dessa aula e ninguém nunca mais te ver com essa roupa, hein?”

Tão tentador. Eu largaria a aula agora mesmo se achasse que ele estava falando sério.

Observando-o sentar no banco, me coloco entre suas pernas. Minha calcinha fio-dental vermelha é puxada bruscamente para baixo, arrancada das minhas pernas e deixada por cima do meu short para que não toque o chão.

“Amor?”, pergunto, acariciando seu rosto.

“Sim, meu bem?”

“Não seja delicado comigo dessa vez.”

Com força, suas mãos agarram minha bunda, os dedos cravando na carne macia. Solto um suspiro, e ele sorri, apertando com mais força. “Sem problemas.”

Dmitri me puxa para o seu colo, me levanta para nos alinhar e dirige para casa.

Minha garganta queima com o som de gemidos agudos, minha vagina se esticando para acomodar o tamanho dele. Seus lábios quentes envolvem um dos meus mamilos arrebitados enquanto eu grito.

"Porra!", ele pragueja, me levantando pelas costelas apenas para me deixar cair de volta, me usando como um brinquedo sexual para acariciar seu pau. O jeito como ele consegue me jogar para lá e para cá é tão absurdamente sexy que eu não consigo me fartar.

"Faça isso de novo", peço, gemendo as palavras.

"Sim?", pergunta Dmitri, me manobrando novamente. Ele me levanta, meu corpo pairando sobre o seu membro com apenas a ponta ainda dentro. "Assim?"

Dessa vez, ele me puxa para baixo, usando mais do que apenas meu peso para me empalar. O jeito como ele nos força a ficar juntos, impulsionando os quadris para cima e me jogando para baixo para encontrar sua estocada, me deixa instantaneamente tonta.

Quando gemo, ele usa sua pegada para circular meus quadris, esfregando meu clitóris contra seu estômago. "O que foi, Krasotka? Está tentando me dizer alguma coisa?"

Eu não conseguiria formar uma frase coerente agora, mesmo que ele me oferecesse um milhão de dólares para isso. Estou tão cheia, as paredes sensíveis o envolvendo tão firmemente dentro de mim, que nada mais importa. Onde eu termino, ele começa. Estamos tão grudados, e eu nunca quero ser separada.

"Você me excita tanto", sussurro, admitindo.

“Essa xoxota tá tão gulosa hoje”, ele diz, confirmando meu ponto. “Ela tá me abraçando tão forte, amor. Tentando me manter enterrado nela o máximo de tempo possível.”

Eu tremo, passando o nariz pelo pescoço dele antes de prender meus lábios na lateral do seu pescoço. Sugo com força, brincando com a língua na pele.

Dmitri não pode me marcar sem desencadear uma série de consequências, mas eu posso marcá-lo o quanto eu quiser. Ele solta um chiado, e eu passo para um lugar mais abaixo, fazendo o mesmo.

“Me deixa roxo, amor”, ele incentiva. “Mostra pra eles.”

Ele é simplesmente o melhor. Ele sabe o que estou fazendo e não se importa com uma pequena pontada de dor se isso significar me agradar. Solto seu pescoço para observar meu trabalho, admirando a vermelhidão que logo ficará roxa. Como nunca havia feito isso antes, minhas marcas de chupão estão ficando bem bonitas.

Dmitri alcança entre minhas pernas, acariciando meu clitóris com precisão de especialista. Ele está penetrando com tanta força que o banco treme e minhas paredes se contraem com força. A vontade de gozar me atinge como um caminhão, o clímax chegando ao ápice.

"Eu te amo", gemo, deixando as únicas palavras que consigo pensar fluírem livremente.

"Agora, você ama meu pau", ele corrige, beijando entre meus seios. "Vai em frente e me mostra o quanto, meu bem. Me encharque de porra, Krasotka."

Não me importo com quanto tempo estamos aqui dentro ou com o quão alto eu esteja gritando enquanto me aproximo do êxtase. Dmitri me leva ao limite, e eu grito em seu ombro, o som apenas levemente abafado contra sua pele.

Minha vagina se contrai e relaxa como um torno, apertando-se ao redor de seu membro.

"Olha só como você aguenta bem", ele geme antes de chegar ao seu próprio clímax. Ele está tão fundo que, quando seu pênis incha, o sêmen quente inunda meu colo do útero. Não tem como eu não estar dolorida amanhã.

Aliás, não tem como eu não estar dolorida esta noite.

Dmitri pega minha calcinha, me orientando a vesti-la antes que eu possa me lavar. Ele faz o mesmo com meu short e começa a domar meu cabelo bagunçado.

“Dmitri, ainda estou cheia de esperma”, lembro-o, remexendo-me de um lado para o outro por causa da umidade e da viscosidade da minha vagina.

“Ótimo”, ele resmunga, dando um tapa rápido na minha bunda. “Se eu não posso te marcar visivelmente, você vai andar por aí com uma lembrança firme de a quem você pertence.”

“Não fale assim, ou nunca mais sairemos deste quarto”, ameaço.

Ele ri baixinho. “Se nunca mais sairmos deste quarto, como é que eu vou te deixar curvada sobre a minha cama, levando outra surra mais tarde?”

E assim, sem mais nem menos, estou pronta para ir embora.

“Vamos, quero ver a cara dela quando vir o seu pescoço.”

É ainda melhor do que eu esperava. Todos os homens de Dmitri desviaram o olhar, demonstrando respeito, independentemente do que acabassem de ouvir vindo do vestiário. Mas ela, seja lá quem for, parece devastada.

Perfeito.

Capítulo 31



Jade

Na manhã seguinte, não estou apenas dolorida, estou com muita dor. A parte inferior do meu estômago dói tanto que me dá cólicas. Se eu já não tivesse faltado à aula, não iria de jeito nenhum. Mal consigo ficar em pé no chuveiro, fazendo caretas a cada movimento para me lavar.

Será que Dmitri realmente me fodeu tão forte a ponto de me dar cólicas?

Bem, droga. Essa é a primeira vez para nós.

Ele demorou tanto ontem à noite, talvez eu não devesse me surpreender. Houve algumas vezes em que ele penetrou tão fundo que meu colo do útero protestou veementemente, mas eu aguentei o desconforto. Adorei que ele conseguisse ir tão fundo.

Droga, com certeza vou tomar um ibuprofeno ou algo assim. Sei que o Matteo tem alguns e não se importaria de me dar alguns. Ele sempre me dá analgésicos quando tenho cólicas. Franzo a testa, concentrada na palavra "cólica".

É isso mesmo? A dor irradia de um jeito que me deixa enjoada e desconfortável, então não sei com o que comparar. Parece um pouco com as cólicas menstruais fortes.

Ou espera, será que minha menstruação está para chegar?

Paraliso, pensando mais sobre isso.

Quando... quando foi minha última menstruação?

Meu estômago revira e eu solto um suspiro, cobrindo o rosto com a mão.

Ai, meu Deus.

Em pânico, desligo a água e corro para pegar minha toalha. Nem me dou ao

trabalho de me secar, enrolando-a em volta do corpo com um nó antes de correr para o meu quarto. Quando encontro meu e-mail, abro-o e pisco, procurando a data.

Droga, droga, droga.

Quase quatro semanas atrás, minha menstruação deveria ter começado há quase quatro semanas.

A ficha cai, e o pensamento só piora a dor de estômago.

Meu Deus, como sou burra.

Eu estava tão consumida pelos meus sentimentos por Dmitri e pelo meu desejo inexplicável de estar com ele que não pensei nas consequências. Não tomo anticoncepcional e acho que nunca usamos camisinha.

Por mais que eu queira culpar a educação sexual deficiente do sistema público de ensino, a culpa é minha. Se eu estiver grávida, a culpa é minha.

Ok, não entre em pânico.

Me recomponho, largo meu e-mail para me secar e vestir algumas roupas. Preciso descobrir se é verdade. Ainda existe a possibilidade de eu estar apenas me sentindo mal. Ter a menstruação atrasada não seria novidade para mim. Quase nunca menstruei antes, talvez seja só uma questão hormonal ou talvez eu não tenha me alimentado o suficiente este mês.

Alguém bate na porta e eu congelo, quase terminando de calçar as meias.

"Sim?" respondo.

"Sou eu", Matteo responde com voz melodiosa. "Posso—"

"Ainda não me vesti", conto a mentira às pressas.

“Certo”, ele diz com uma risadinha. “Você quer tomar café da manhã? Vamos todos daqui a pouco.”

Pergunte a ele. Peça para ele te ajudar a fazer um teste.

Não, não, não. Eu não posso fazer isso.

Eu preciso ver o Dmitri. Por mais difícil que seja pedir, eu preciso.

“Acho que vou ficar aqui o dia todo”, eu digo, tentando controlar a voz. “Cólicas.”

“Nossa, já está na hora, né?” Você não faz ideia. “Tudo bem, eu volto antes do almoço?”

“Sim, por favor”, eu sussurro. “Só quero ficar sozinha um pouco.”

“Pode deixar”, ele me assegura, e eu me encolho de culpa com o tom atencioso dele. “Vou avisar o resto de nós para te deixar em paz.”

Eu respiro fundo. “Obrigada.”

“De nada, maninha. Me avisa se precisar de alguma coisa.”

Não respondo porque, se responder, posso chorar. Preciso mesmo descobrir como vou compensar todas essas mentiras. Meus irmãos não merecem isso, mas,

infelizmente, tenho coisas mais importantes com que me preocupar agora.

Nervosa, sento-me perto da janela e começo a roer as unhas, esperando que meus irmãos passem lá embaixo, indo para o refeitório. Não sei se Dmitri ainda estará no quarto dele, mas preciso tentar encontrá-lo de qualquer maneira.

Está garoando quando desço as escadas, mas felizmente o ar não está quente o suficiente para ser úmido, nem frio o suficiente para me fazer bater os dentes. O chão úmido da floresta estala sob minhas botas, mas mesmo assim corro, escorregando e quase caindo apenas três vezes. Ignoro todas as pessoas que cruzam meu caminho, mantendo a cabeça baixa e acelerando o passo até o prédio onde os Morozovs estão hospedados.

Já me peguei desejando que nossos quartos fossem no mesmo prédio mais de uma vez, mas pelo menos o caminho entre os dois não é longo nem íngreme.

Tento ao máximo sacudir a chuva do meu suéter enquanto subo as escadas, enxugando também a umidade das minhas bochechas. É arriscado vir aqui em plena luz do dia, mas aparentemente, perdi toda a capacidade de ser responsável. Por isso mesmo que fugi para cá.

Com as mãos trêmulas, bato com força na porta de Dmitri, fazendo uma pequena prece para que ele atenda. Se não atender, provavelmente vou surtar ainda mais e fazer alguma loucura, como exigir que um dos seus homens vá buscá-lo para mim.

Antes que eu possa ponderar a ideia, a porta se abre de repente.

"Jade?", ele pergunta, surpreso ao me ver aqui.

Mordendo o lábio, contorno-o, entrando sem ser convidada. "Podemos conversar?"

"Está tudo bem?", pergunta Dmitri, imediatamente preocupado.

Ele fecha a porta atrás de nós e eu tiro o suéter, sentindo-me um pouco sufocada pelo peso. Tiro os sapatos e me acomodo, subindo na cama dele e cruzando as pernas. Pego o cobertor que está no pé da cama, me enrolo nele e solto um suspiro.

"Jade, você está me preocupando", diz Dmitri, aproximando-se da cama para sentar ao meu lado. "Você está bem? Diga-me isso, pelo menos."

"Estou bem", respondo com a voz rouca, apertando as mãos.

"Sobre o que você quer conversar, Jade? Pode me contar qualquer coisa."

É melhor que ele esteja falando sério.

Não sei o que farei se ele surtar ainda mais do que eu. Provavelmente sairei correndo e chorando para o Matteo e piorarei ainda mais a situação para nós.

Solto um suspiro. "Dmitri... se eu precisasse de alguma coisa que não estivesse no campus, você conseguiria para mim?"

Sua expressão preocupada se torna séria e seus ombros se endireitam. "Claro.

Precisa de alguma coisa?"

Mordo o lábio e aceno com a cabeça, tentando reunir coragem para perguntar.

"O que foi? Suas bochechas estão vermelhas, Krasotka."

"Acho que preciso de um teste de gravidez", confesso, soltando um suspiro trêmulo.

"Precisa?", ele pergunta, olhando para mim de um jeito que não consigo decifrar.

"Estou atrasada", explico baixinho. "Quase um mês de atraso."

"Não está?", Dmitri começa, com a voz suave. "Você não toma anticoncepcional?"

Balanço a cabeça, recusando-me a chorar de vergonha. "Eu não pensei nisso, eu juro, me desculpe. Nós deveríamos ter conversado sobre isso, e eu não toquei no assunto—"

"Ei, ei", ele insiste, interrompendo meu balbucio de culpa. "Eu também não toquei no assunto, Jade. Não estou chateado com você, nem um pouco."

"Você não acha que eu fiz isso de propósito, né?", pergunto, impotente. "Você não vai ficar bravo se eu engravidar e achar que tentei te prender, né? Eu juro, eu simplesmente não pensei nisso. Eu estava tão envolvida em me apaixonar por você que eu—"

“Krasotka, olha pra mim”, ele insiste, levantando meu queixo. “Eu jamais pensaria isso de você. E, para ser sincero, se você me engravidasse para me manter por perto, eu provavelmente acharia isso muito fofo e divertido.”

Fofo e divertido?

Meu queixo cai e eu o encaro boquiaberta.

“Você acharia?”

“Jade, você é a mulher da minha vida. Se você não estivesse grávida e quisesse estar, eu te engravidaria agora mesmo.”

Uma risada aguda escapa dos meus lábios, repleta de alívio.

“Mesmo que nossas famílias não aprovem?”

Elas vão ter que aprovar se houver um bebê, não é?

“Mesmo que”, ele me assegura. “Não vamos nos preocupar com isso até termos certeza, ok? Vamos fazer um teste e ver o que acontece.”

Solto um suspiro trêmulo. “Ok, se você tem certeza de que não está bravo.”

“Prometo que não estou”, ele reafirma, inclinando-se para me dar um beijo suave. “Preciso contar para o Ivan”, acrescenta com cuidado. “Ele vai conseguir um teste para nós.”

Conseguir um teste para nós.

Dimitri sempre me faz sentir como se estivéssemos em uma equipe. Como se

ele estivesse do meu lado, não importa o que aconteça, e graças a Deus ele não está diferente agora. Eu preciso dele.

“Tudo bem”, concordo, engolindo em seco, nervosa.

Dmitri beija minha testa duas vezes, dois beijos rápidos de conforto, antes de ir em direção à porta. Ele assobia para o corredor, e nem três segundos se passam antes de ouvir o som da maçaneta da porta rangendo. Do meu lugar na cama, consigo vislumbrar o cabelo mais claro de Ivan.

“O que foi?”, ele pergunta, espiando para dentro do quarto.

Dmitri não responde em inglês. Ele muda para o idioma deles sem esforço e fala baixo. Nenhum dos dois faz menção de entrar ou sair.

Eles conversam em russo em voz baixa, e eu vejo o momento em que Dmitri conta ao irmão o que está procurando. Seus olhos azuis se arregalam, olhando para mim enquanto estou aconchegada na cama de Dmitri. Coberta com os cobertores, ofereço um sorriso tímido.

Trocando mais algumas palavras sussurradas, Ivan acena com a cabeça e volta para o corredor.

"Ele já volta", diz meu homem, aproximando-se da beirada da cama para beijar o topo da minha cabeça.

Aceno com a cabeça, relaxando com seu toque. "Ele pode pegar um?"

"Facilmente", afirma ele, acariciando minha bochecha com as costas dos dedos. "Ele será discreto."

“Quase pedi um para o Matteo”, admito. “Fiquei com medo de falar com você, e sabia que conseguiria fazê-lo calar a boca por um tempinho se chorasse um pouco.”

Espero uma risada, mas só recebo seu olhar severo. “Krasotka, você não deve ter medo de falar comigo. Não deve ter medo de nada quando se trata de mim. Você é minha responsabilidade.”

A convicção pura em suas palavras me enche de alegria.

“Eu sei”, admito. “É que é tão cedo. Eu não queria que isso acontecesse. Não quero te atrapalhar.” Bebês não são fáceis, e com ele se tornando Pakhan, uma criança certamente mudaria sua vida. Talvez não para melhor.

“Você não vai”, ele nega simplesmente. “Você nunca conseguiria me atrapalhar, Jade.”

Não tenho a chance de lhe dizer que poderia estar grávida, caso isso realmente esteja acontecendo, antes que Ivan entre no quarto.

"Caramba, isso foi rápido", comento, notando a sacola de papel pardo em suas mãos.

Ivan parece indeciso entre rir para aliviar a tensão ou me abraçar para me consolar. "Só temos em estoque o modelo antigo: duas linhas, grávida; uma

linha, não. Mesmo que a segunda linha seja bem fraquinha, são duas."

Sem pressão.

"Você quer?", pergunta Dmitri, pegando a sacola de Ivan e tirando de dentro o pequeno pacote rosa e azul.

Mesmo nervosa, aceno com a cabeça, convicta. "Quero saber."

"Quer que eu entre com você?"

Meus olhos se arregalam. "De jeito nenhum."

Ivan riu baixinho. "Você não pode fazer xixi na frente dele? Ele já viu tudo —"

"Eu fazendo xixi, não", interrompi-o firmemente.

Levantando-me da cama, peguei a embalagem de Dmitri com hesitação.

"Tem certeza?"

"Vou trazer", respondi, caso ele estivesse perguntando porque queria ver o teste quando virasse ou algo assim. O teste tem uma tampa para cobrir a parte onde se urina, então estará limpo o suficiente. Acho.

As coisas ficam meio confusas quando fui ao banheiro sozinha. Verifiquei as instruções do teste duas vezes e então, desajeitadamente, fiz minhas necessidades do lado direito. Lavei as mãos duas vezes e coloquei a tampa antes de ter coragem suficiente para voltar ao quarto.

"O Ivan já foi embora?", perguntei, encontrando Dmitri sozinho.

“Ele queria nos dar a chance de fazer isso a sós, meu bem.”

Que fofo da parte dele.

“Eu não olhei”, digo, apontando para o teste de gravidez de plástico na minha mão. “Acho que leva alguns minutos.”

“Leva mesmo”, ele concorda, fazendo um gesto para que eu me sente de volta na cama.

Mantenho o palitinho virado para baixo enquanto me sento.

“Você já precisou fazer isso antes?”

A resposta dele pode me devastar ou me aliviar, mas pergunto mesmo assim.

“Nunca transei sem camisinha”, ele admite, e fico feliz em ouvir isso. “Nunca nem considerei a possibilidade de transar sem uma, não até você.”

“Que fofo”, sussurro.

“Eu deveria ter te perguntado—”

“Nenhum de nós perguntou”, interrompo.

“Não, mas eu sou mais velho que você e tenho experiência. Eu não deveria ter te tocado sem conversar sobre isso.”

“Você é quase da minha idade”, defendo-me, relutante em deixá-lo levar toda a culpa. Somos ambos adultos e deveríamos ter conversado sobre isso. Mas não vou colocar a culpa nele quando tenho certeza de que sou igualmente

responsável.

Ele ri levemente. “Que bom que você não pensa assim.”

Já estou apaixonada demais por ele para me importar, mesmo que quatro anos fosse muito tempo.

Olhando para o teste de gravidez, presumo que o pequeno tempo necessário para o resultado já tenha passado.

“Não consigo olhar”, admito, mordendo o lábio. “Você consegue?”

Ele nem hesita, pega o palitinho e olha diretamente para onde o resultado deveria estar. Seu rosto não revela nada enquanto ele o examina.

Não consigo evitar perguntar: “O que diz?”

Quando ele não diz imediatamente que é uma linha, eu sei.

Sinto um frio na barriga e engulo a emoção que me sobe pela garganta. "Duas linhas?"

"Duas linhas", Dmitri confirma suavemente. Descartando o teste, suas mãos grandes emolduram meu rosto e seus polegares acariciam minhas bochechas.

Solto um suspiro trêmulo. "T-tudo bem. Talvez eu deva fazer outro?"

Balançando a cabeça de um lado para o outro, ele diz que não, sem abrir a boca.

"Pode estar errado", argumento em um sussurro.

Ele balança a cabeça com mais firmeza e uma de suas mãos desce. Espalha os dedos no centro da minha barriga, segurando-a ali. "Não está errado, Krasotka."

Contenho um soluço. "Como você sabe?"

“Eu simplesmente sei”, ele afirma, com simplicidade. “Sem segundo exame, mas vamos te levar ao médico de confiança aqui. Muita coisa precisa mudar rapidamente, e vamos precisar de documentação.”

Meu pai vai descobrir?

Engoli em seco. “N-nós vamos?”

“Jade, querida, você está fazendo aulas de educação física. Isso precisa parar imediatamente. Você não pode ser atingida durante o treino, não é seguro.”

Ah. Certo.

“Todo mundo vai descobrir?”

Ele inclina a cabeça. “Você quer esconder nossa filha? Tem algo que eu deva saber?”

“Não, não”, respondo rapidamente. “Nada disso. Eu... você sabe o que eu sinto por você. E estou emocionada, mas feliz. É só que...”

“Seu pai?”

“Eu não quero contar isso para ele por e-mail”, admito, com a voz embargada. “Você acha que ele vai ficar bravo comigo?”

Ele me mandou para cá para que eu ficasse mais forte, e eu estraguei minha chance de treinar de verdade.

"Ele provavelmente vai ficar muito bravo comigo", ele responde honestamente. "Pelo que você me contou, ele te ama muito. Ele não vai ficar bravo com você, meu bem."

"Eu também não quero que ele fique bravo com você", faço beicinho.

Confiante, ele responde: "Eu vou conquistá-lo."

"Você acha mesmo?"

"Meu bem, quando se trata de você, não tem jeito. Eu vou conquistá-lo porque não tem a menor chance de eu viver essa vida sem você e nosso filho."

Eu fungo, tentando conter a emoção.

"Eu não vou te roubar da sua família, mas também não vou deixar que eles me afastem, Krasotka. Vai ficar tudo bem."

Meu Deus, eu realmente espero que ele esteja falando sério.

Capítulo 32



Jade

Agir normalmente nas aulas do dia seguinte não é fácil. Sinto que todos estão me olhando e que todos sabem do meu segredo. Ivan me ajuda a superar isso, aparecendo ainda mais do que o normal para me dar um olhar de apoio sempre que pode. A única coisa que realmente me consola é que Dmitri vai me levar ao médico hoje à noite.

Depois da aula de Enganação, Remo e eu comemos um lanche rápido antes de voltarmos para nossos quartos. Como Matteo avisou todos os meus irmãos que estou menstruada, nenhum deles espera que eu durma na casa deles hoje. Eles também não esperam que eu saia escondida, mas não tem jeito desta vez.

Preciso ir ao médico, e tem que ser logo. Hoje, só consegui fazer o treino de luta, mas não vou poder continuar assim por muito tempo. Sem falar que acho que preciso tomar remédios agora, não é? Vitaminas, talvez.

Seja porque provavelmente estou grávida ou simplesmente porque eles sabem que podem fazer isso de outro jeito, Dmitri e Ivan não me fazem entrar pela janela desta vez. Em vez disso, Ivan me encontra no andar de baixo e me acompanha até Dmitri. Ivan é melhor em passar despercebido em espaços menores, já que não é muito alto e não ocupa muito espaço nos corredores.

Está escuro, mas Dmitri e Ivan não se intimidam em usar as estrelas e a lua para iluminar o chão, caminhando com passos firmes enquanto eu, cautelosamente, imito seus movimentos. Não estamos indo para o mesmo prédio médico que Matteo havia indicado, mas não questiono. Faz sentido que os Morozov consultem outro médico.

Quando diminuímos o passo, olho para cima e vejo mais luz. Uma pequena

lâmpada presa a uma estrutura que lembra uma casa ilumina o espaço ao redor como um farol, apontando para onde estamos indo.

A pequena construção de pedra está quase toda escondida atrás de árvores assustadoramente altas, e o chão ao redor está coberto de raízes irregulares. Parece uma antiga casa de conto de fadas, com musgo cobrindo as paredes e parte do telhado. Quase espero que uma chaminé esteja expelindo nuvens de fumaça comicamente perfeitas, mas não há nenhuma.

"Nunca vi este lugar antes", comento baixinho, enquanto galhos estalam sob nossos pés ao nos aproximarmos da porta. Acho que nem sabia que existia. Como pude estar aqui por tantas semanas e ainda ter partes da ilha para explorar?

"Há alguns lugares diferentes onde se pode encontrar médicos por aqui", informa Ivan diplomaticamente. "Este é só nosso."

Sem bater, Dmitri puxa a maçaneta, abrindo a porta para que todos nós possamos passar. Embora o exterior do lugar tenha um ar aconchegante de cabana, o interior é estéril e branco. Parece uma clínica veterinária ou um pequeno hospital.

"Preyemnik", diz uma voz desconhecida, chamando minha atenção. "Está tudo bem?"

O homem mais velho que fala tem cabelos grisalhos e usa óculos finos, mas ainda é alto e tem uma aparência robusta. Parece um avô que ainda consegue correr na praia, mas precisa de uma soneca às 14h para funcionar pelo resto do dia. Ele está atrás de um balcão baixo, aguardando uma resposta.

"Ninguém se machucou", informa Dmitri. "Há mais alguém aqui hoje?"

"Estamos sozinhos", responde o homem firmemente.

Acenando com a cabeça, meu namorado o informa: “Precisamos de um ultrassom”.

Se o homem — que deve ser o médico — se mostra surpreso com o pedido de Dmitri, ele não demonstra. Na verdade, ele não reage emocionalmente, apenas verbalmente.

“Claro”, diz ele, disposto a atender. “Venha por aqui.”

Dmitri, ainda segurando minha mão, me guia para segui-lo enquanto Ivan caminha ao meu lado. Curiosa sobre tantas coisas, me inclino para mais perto do meu amigo.

“Como ele o chamou?”, pergunto baixinho. “Preyemnik… alguma coisa?”

“Preyemnik, significa sucessor”, Ivan sussurra de volta. “É assim que alguns dos homens mais velhos chamam Dmitri. Eles estão ansiosos para que ele assuma o papel de Pakhan.”

Então, esse cara não só respeita o Dmitri, como gosta dele. Isso é bom. Me

sinto muito mais à vontade para confiar nele se ele tiver um interesse genuíno no bem-estar do Dmitri.

"Sente-se, senhorita", o médico faz uma pausa, esperando que alguém diga meu nome.

"Moretti", completa Dmitri.

"Jade está ótimo", protesto levemente. "O senhor está prestes a olhar dentro da minha barriga, acho que pode me chamar pelo meu primeiro nome."

Enquanto subo para me sentar na maca de couro acolchoada, observo o médico olhando para Dmitri em busca de permissão. Ele nem sequer usa meu primeiro nome sem a aprovação dele. Meio ousado, para ser sincera. Mas, vamos lá, é só um nome.

Felizmente, Dmitri concorda que não há problema.

"Jade, então", concorda ele. "Sou o Dr. Petrov. A senhora acha que está grávida?"

“Ela fez um teste”, responde Dmitri. “Ela está grávida do meu filho.”

Primeiro, caramba, que jeito de jogar isso assim do nada.

Segundo, meu Deus, por que isso é tão sexy?

“Contanto que o teste não esteja errado”, acrescento, sentindo a necessidade de dizer algo.

Dmitri é tão confiante e não hesita em demonstrar isso.

“Não estava.”

A mesinha acolchoada está fria, mas ignoro o arrepio que sobe pelo meu braço e começo a puxar a barra da minha blusa. “Posso enrolar isso, né?”

“Correto”, concorda o médico, pegando um frasco transparente com gel azul dentro. “Não temos um aparelho de ultrassom completo aqui, mas tenho um menor, portátil. Vai servir.”

“Quer que eu espere lá fora?” Ivan pergunta, e eu bufo, levantando a blusa e ajeitando-a sob o sutiã para que não saia do lugar.

“Nem pense em ir embora”, rosno, estendendo a mão para ele. “Eu só tenho duas mãos, e você está segurando uma cada um.”

Ivan pisca, mas sorri. “Sim, senhora.”

“Eu já estou grávida. Não me faça sentir velha também”, resmungo, agarrando a mão estendida dele.

“Temos a mesma idade.”

É, e só um de nós está com um bebê a caminho.

“Você também, mocinho”, digo a Dmitri, agarrando a mão dele com a mesma avidez.

Ele beija meus nós dos dedos, e eu o aperto de volta.

“Vai estar um pouco frio.” O aviso vem logo antes de o gel gelado ser

aplicado na minha barriga, e eu faço uma careta. “Vai esquentar logo.”

Nossa, seria bom se já viesse quentinho desde o início.

Usando uma pequena varinha branca, ele espalha o gel, observando uma tela do tamanho de um tablet. Deslizando-a, ele encontra um ponto que lhe agrada e manipula o instrumento bem mais devagar, pressionando-o mais fundo na minha barriga.

Quando um som de assobio começa a pulsar pelos alto-falantes, eu solto um suspiro. É uma batida forte e intensa. Não consigo distinguir nada além de manchas pretas e cinzas na tela. Mesmo sem conseguir ver a imagem, o som me diz tudo o que precisamos saber. É um bebê.

"Bom, você definitivamente está grávida", relata o Dr. Petrov. "Parabéns."

Meu coração se enche de alegria ao ouvir a palavra. Ele está feliz por nós. Solteiros e com uma gravidez acidental, e ainda assim nos parabeniza. Decido que gosto do Dr. Petrov.

Dmitri estava certo, e acho que não estou chateada com isso. Estou nervosa pra caramba porque não tenho a menor ideia do que estou fazendo, mas não triste.

"Esse é o batimento cardíaco, certo? Então o bebê está bem?" pergunto, mordendo o lábio.

"Os dois bebês estão be—"

"Os dois?" exclamo, balançando a cabeça. Não é possível que ele tenha dito isso.

"Sim—"

"São dois?" pergunto, inclinando-me para frente para tentar enxergar a tela embaçada. Estou apertando as mãos de Ivan e Dmitri com força, mas não consigo soltá-las. "É algum tipo de humor russo antigo que eu não entendo? Não são dois, né?"

O Dr. Petrov não ri. Ninguém ri.

“Dmitri?” Viro-me para ele, com os olhos arregalados de preocupação.

“Está tudo bem, Krasotka, mas ele não está brincando.”

Como ele não está surtando? Será que está em choque? Eu queria estar em choque, mas tenho plena consciência do que está acontecendo. Não estou apenas grávida, estou grávida de gêmeos.

Olhando para o médico, faço uma careta. “Tem certeza?”

Seu aceno de cabeça confirma.

“Veja aqui”, ele aponta para os pequenos aglomerados, arrastando o dedo pela linha que os separa. “Dois sacos, ambos fetos em desenvolvimento. Você está esperando gêmeos fraternos.”

“Meu Deus”, sussurro, piscando rapidamente. “Como isso aconteceu?”

“Bem”, ele pigarreia. “Há casos de gêmeos fraternos na sua família?”

Nico e Remo.

“Mais ou menos?” Esfrego a nuca, sentindo-a repentinamente dolorida. “Quatro dos meus irmãos são gêmeos, mas dois são idênticos.”

Elio e Emilio não são muito difíceis de distinguir, principalmente porque vejo Emilio com menos frequência. Mas eles têm cortes de cabelo diferentes, e Emilio mantém o rosto barbeado enquanto Elio deixa a barba crescer. Nico e Remo, no entanto, parecem mais irmãos comuns do que gêmeos.

“Ter gêmeos fraternos na família aumenta a probabilidade de você também tê-los”, explica o Dr. Petrov. “Ser gêmeo aumenta ainda mais essa probabilidade, mas não é incomum que irmãos de gêmeos tenham outros gêmeos.”

Bem, as aulas de educação sexual não abordaram esse assunto.

Com os lábios tremendo, olho para Dmitri enquanto ele acaricia meu ombro com o polegar. "Desculpe", sussurro.

"Não se desculpe", ele repreende. "Nada mudou desde ontem à noite. Vai ficar tudo bem, e eu ainda não estou chateado."

Com certeza, algo mudou desde ontem à noite.

Um bebê em potencial se transformou em dois bebês certos.

Preciso acreditar que ele está sendo sincero quando diz que está tudo bem. Não posso me dar ao luxo de ter medo de me tornar mãe e de como ele se sente em relação a se tornar pai.

O som de comprimidos chacoalhando em um frasco faz meu olhar voltar para o médico.

"Você precisa tomar estes comprimidos uma vez por dia. São vitaminas pré-natais. Você não tem nenhuma alergia e não está tomando nenhum medicamento, certo?"

“Certo”, concordo, pegando o frasquinho dele.

“O fato de eu conseguir ver que são gêmeos significa que você está de pelo menos seis semanas. Não sou especialista em gravidez, mas podemos tentar prever a data prevista se você souber quando engravidou. Quando vocês tiveram relações sexuais sem proteção?”

“Quando eles não tiveram?” Ivan ri baixinho.

Dmitri o encara com um olhar severo e olhos semicerrados, mas a expressão se dissipa quando eu também caio na gargalhada. Não deveria ser tão engraçado, mas é.

“Desculpe, eu gosto do Ivan sarcástico”, confesso, rindo entre as palavras.

“Já se passaram um pouco mais de seis semanas desde a nossa primeira vez”, diz Dmitri, apertando minha mão suavemente. “Podem estar mais perto de sete.”

O Dr. Petrov acena com a cabeça. “As estimativas da data prevista para o

parto nunca são exatas, uma semana de folga não fará diferença a longo prazo. Vamos ficar de olho em você e monitorar seu progresso. Se algo estiver desconfortável a ponto de te deixar nervosa, venha me ver. Enjoos matinais são comuns entre a quarta e a décima quinta semana, então, a menos que você esteja vomitando tanto a ponto de não conseguir se manter hidratada ou alimentada, não precisará de mim."

Isso acontece? Será que vou vomitar tanto a ponto de ficar desidratada? Armani vai ficar furioso se eu estiver andando por aí sem estar hidratada e com os eletrólitos à flor da pele.

"Isso parece horrível", resmungo.

"Sim", concorda o médico, com simpatia. "Bem, infelizmente, não tenho nenhum medicamento para náuseas seguro para gestantes aqui, mas existem alguns remédios naturais que podem ajudar a aliviar os piores enjoos. As cozinhas devem ter gengibre, e alimentos secos como pão e biscoitos também podem ajudar."

Bom, pelo menos é bom saber.

"A Jade está fazendo aulas de luta, vamos precisar de um atestado para ela __"

"E se o instrutor contar para as pessoas?", pergunto, nervosa. "Eles podem fazer isso?"

"Não", responde o Dr. Petrov imediatamente. "Os instrutores estão sujeitos ao mesmo sigilo que todos os funcionários. Eles gostam de fofocar entre si, é claro. Mas qualquer vazamento de informações médicas seria um grande problema para Deus."

O homem encarregado de fazer cumprir as regras e políticas do Império, formalmente conhecido como o Lorde. Ele tem uma mesa de Lordes menores que o apoiam e sistemas inteiros em funcionamento para manter seu poder, mas eu nunca o vi. Ele mora aqui durante o semestre, como todos nós, só não faço ideia de onde. Não sei seu nome nem sua aparência, mas se ele representar uma ameaça para os instrutores caso eles revelem seus segredos, acho que eles não o farão.

Na pior das hipóteses, o professor de combate me dá trabalho e eu abandono a disciplina.

Enquanto começava a escrever meu atestado, o médico mencionou os nomes dos alimentos que eu não podia comer e as coisas que eu devia evitar. A maioria delas não era um problema. Eu ainda não tive coragem de experimentar peixe cru, a textura da carne crua me assusta, e queijo não pasteurizado é sofisticado demais para o meu paladar. Além disso, eu já não bebo álcool nem café.

Vou me lembrar de não comer uvas no café da manhã, porque aparentemente

elas contêm compostos potencialmente tóxicos que podem causar complicações na gravidez. Mas, pelo menos, elas não são as minhas favoritas.

Com o bilhete e as vitaminas em mãos, voltamos para a casa do Dmitri para passar a noite. Não transamos, mas ele me abraça por horas, dormindo comigo até precisar me levar de volta para o meu quarto.

Mesmo podendo, não volto para a cama imediatamente. Se eu não posso contar para os meus irmãos aqui, porque eles vão contar para o papai, só tenho uma pessoa que talvez possa me ajudar. Pego meu e-mail, sento na beirada da cama e começo a digitar.

EU

Se eu precisasse de você do meu lado para alguma coisa, você quebraria a minha confiança?

EU

Tipo, se eu quisesse te contar uma coisa antes de contar para o papai, você poderia fazer isso por mim? Sem contar para ele?

Felizmente, parece que ele já está acordado, mesmo com a diferença de fuso horário.

APOLO

APOLLO

Você está perguntando para o segundo em comando da Máfia? Ou para o seu irmão?

EU

Talvez para os dois?

EU

Mas principalmente para o meu irmão.

APOLLO

Todo mundo nessa notícia está vivo?

EU

Meu Deus, sim! Você está louco?

APOLLO

Não me venha com gírias de mensagens, é nojento.

APOLLO

Me diga o que você precisa.

EU

Você promete não contar para o papai até que possamos fazer isso juntos?

APOLLO

Uma promessa de um membro da máfia não deveria significar nada para você.

EU

Uma promessa do meu irmão jamais poderia não significar nada.

Leva um minuto para ele responder, o silêncio pesado da espera aumenta ainda mais a tensão dentro de mim.

APOLLO

Você tem a minha palavra.

Eu respiro fundo e digito.

EU

Estou grávida.

É melhor arrancar o curativo de uma vez, né?
Ele responde antes que eu possa acrescentar mais alguma coisa.

APOLO

Jade.

EU

Está tudo bem! Quer dizer, obviamente não foi planejado. Mas eu estou bem, de verdade.

APOLO

Lembre-me de revogar seus privilégios de promessa.

Dei uma risada nervosa. Não sei se ele está chateado com a gravidez, mas sei que ele está se culpando por esse segredo.

APOLO

Alguém sabe?

EU

Só o pai e, hum, o irmão dele.

APOLO

E quem, por favor, é o pai? Tenho uma lista para anotar o nome dele.

Reprimo um suspiro, sem saber se ele está falando sério.

EU

De jeito nenhum!

EU

De jeito nenhum, você está do meu lado, você prometeu! Meu lado quer muito que ele viva.

APOLO

Eu posso aleijá-lo sem acabar com a vida dele. É bem fácil, eu garanto.

Soltei um rosnado de frustração, desejando que ele pudesse ouvir.

MEU

Sério, Apollo. Eu o amo e nós vamos nos casar. Vamos seguir todos os trâmites legais. Só preciso de você do meu lado, não quero que ninguém da nossa família machuque o Dmitri.

APOLLO

Dmitri Morozov?

Droga.

EU

Prometa de novo.

APOLLO

Os russos estão mesmo em maus lençóis se o futuro pakhan tiver uma mulherzinha lutando suas batalhas por ele.

Franzei a testa. "Mulherzinha" é um pouco duro.

EU

Ele não está me pedindo para fazer isso. Ele aguentaria qualquer coisa que você jogasse nele. Só não quero que você jogue. Eu o amo. Não quero que ele me associe à dor de forma alguma.

EU

Não assuste o único homem que já me olhou desse jeito.

Mordo o lábio, digitando outra mensagem.

EU

Não tire de mim o pai dos meus futuros filhos.

APOLLO

Filhos, no plural?

EU

Pode agradecer ao papai por isso. Aparentemente, gêmeos são uma característica familiar.

APOLO

Minha promessa só vai até certo ponto. Quando você pretende contar para ele?

Meu rosto se ilumina com um sorriso.

EU

Assim que eu chegar em casa.

APOLO

Jade, isso não é cedo o suficiente.

EU

Quando mais eu deveria fazer isso? Mandando notícias assim por e-mail…

APOLO

Vamos conversar sobre isso depois. Por enquanto, mantenha segredo. Meus contatos estarão de olho.

Eu pisco. Então ele tem pessoas que poderiam me espionar.

EU

Elas não estiveram aqui o tempo todo?

APOLO

Você estaria grávida agora se tivessem?

Que atrevida.

EU

Não sei, fiquei muito boa em me esconder.

APOLO

Touché, maninha.

Capítulo 33



Jade

Depois de um dia de descanso, estou de volta ao meu inferno pessoal. Só que desta vez, chego à minha aula de luta com uma pequena sensação de liberdade. Chega de dar voltas correndo para evitar ser atingida, e chega de nós dos dedos doloridos de tanto praticar golpes.

A aula já está começando quando finalmente encontro a instrutora. Ela é a primeira que me chama a atenção, e sua colega já está no ringue, então terei que me virar com ela.

Espero até que ela esteja sozinha para me aproximar.

"Professora?" pergunto, chamando sua atenção.

Ela suspira antes mesmo de olhar para cima. "O que você quer?"

Quando seu olhar pouco acolhedor encontra o meu, forço um sorriso.

"Eu deveria te entregar isso."

Com cautela, ofereço a ela o atestado médico e começo a me preocupar quando ela o encara imediatamente. Pegando-o com mais agressividade do que o necessário, ela solta um suspiro pelo nariz antes de começar a ler. Meu estômago revira quando ela amassa o papel e o coloca de volta na minha mão aberta.

"Você não quer ficar com ele?", pergunto, franzindo a testa.

Ela debocha do atestado e acena para o resto da turma que está se aquecendo. "Anda logo, Moretti. Não tenho tempo para essa besteira."

"Você leu o papel, não é?", pergunto, ainda confusa. "Diz que eu não posso participar do treinamento. Vão me tirar da aula—"

“Eu li”, ela debocha. Sua hostilidade é surpreendente. Ela nunca foi rude antes, nem muito gentil, mas esse veneno em sua voz é totalmente novo. “Bela

falsificação, aprendeu isso na aula? Forme fila, Moretti. O treino vai começar.”

Meu estômago se revira de nervosismo. Não estou em uma aula de falsificação, e mesmo se estivesse, quem mentiria sobre isso? É tão fácil de verificar, e ela não vai acreditar em mim?

“Falsificação? O quê? Recebi o bilhete do Dr. Petrov, é muito real. Não posso lutar.”

Ela revira os olhos. “Sim, Dr. Petrov, o médico russo. Você acha que sou estúpida, Moretti? Forme fila, você vai treinar com uma das Espinhas hoje.”

Eu definitivamente não sou! No dia em que apareço com a prova de que estou grávida e não posso me envolver em brigas, ela quer que eu treine com garotos? Ela está louca?!

"O Dr. Petrov disse que você pode enviar um e-mail para ele com qualquer dúvida. Não vou me colocar em risco só porque você acha que estou aprontando alguma coisa." Que se dane. "Vou encontrar um dos meus irmãos."

"Svenson!" o instrutor chama uma das Thorns com um rosnado. "Temos uma fugitiva, tragam-na para o círculo e comecem a trabalhar."

Ao ouvi-la gritar, o grandalhão loiro bufa e começa a caminhar em nossa direção. Sem hesitar, grito com toda a força dos meus pulmões. A turma inteira para e eu corro para as escadas, lembrando que Ivan deve estar lá embaixo, na piscina.

“Não fique aí parada, pegue ela!”

Eu vou te pegar! Quase perco a cabeça, com medo demais para me virar e gritar na cara dela. Estou farta de professores que abusam do poder. A Empire precisa urgentemente de uma renovação completa da equipe!

“Não o seu maldito cachorro”, Svenson dispara, mas mesmo assim o ouço me seguindo.

Corro tão rápido que minhas pernas doem, descendo as escadas de pedra a toda velocidade enquanto passos desanimados me acompanham. Me jogo na sala da piscina, procurando freneticamente por Ivan. Encontro-o na parte rasa, aparentemente descansando com sua garrafa de água na mão.

Sem pensar, grito o nome dele e corro até ele, pulando na água completamente vestida para que ele possa me proteger. Pelo canto do olho, vejo os outros alunos de Morozov se levantarem, se preparando para uma briga.

"Jade?" Ele pergunta, boquiaberto, diminuindo rapidamente a distância entre nós. Ele me puxa para perto do peito, os olhos já começando a vasculhar a sala em busca de ameaças. "Ei, ei, ei", ele tenta acalmar. "O que aconteceu?"

Respiro fundo, tentando recuperar o fôlego. "Ela não acreditou em mim! Tentou me obrigar a brigar e mandou um cara atrás de mim!"

Um dos homens dele prende Svenson contra a parede no instante em que as

palavras saem da minha boca. Ele grunhe de dor, mas não reage. Não é exatamente culpa dele, mas eu realmente não me importo com ele agora.

“Como assim ela não acreditou em você?”

“Ela acha que eu falsifiquei o bilhete porque é do seu médico”, explico, ainda ofegante. “E se eu levasse um soco na barriga?”

“Calma aí, porra”, Svenson dispara, começando a se debater contra o brutamontes que o prendia contra a parede. “Eu não ia encostar nela, não quero morrer.”

“Então por que você a seguiu?”, Ivan pergunta friamente.

“Ia levá-la para a Armani”, ele resmunga. “Não pretendo perder a cabeça tão cedo. Não vou me indispor com os Moretti por causa de uma professora.”

É fácil acreditar nele quando nada do que ele diz soa como mentira.

“Ele não me tocou”, digo, erguendo o queixo para o homem em questão. Ele é bem menos assustador quando não tem controle sobre o próprio corpo. “Pode deixá-lo ir.”

O cara que estava segurando Svenson olha para Ivan em busca de instruções.

Seus olhos estão escuros enquanto ele me diz: “Ele não te tocou, mas te assustou.”

“Não foi culpa dele”, argumento suavemente. “Ninguém mais viu o bilhete, então ele não sabia de nada e seguiu devagar.”

“Ele pode ir”, Ivan cede, mas estreita os olhos para o homem. “Mas avise a todos no seu acampamento que ninguém mexe com a Jade. Ela não está mais sob a proteção apenas da família. Entendeu?”

“Entendi”, ele resmunga, endireitando-se. “Sempre um prazer, Morozov.”

“Lembre-se disso”, Ivan responde secamente. Virando-se para mim, ele me pega no colo e me leva para fora da piscina. A água escorre de nós, pedaços pesados grudando na minha roupa.

“Vamos, deixe-me te aquecer e secar.” Ivan se senta em um banco de madeira, me mantendo em seu colo com as pernas penduradas sobre sua coxa.

Várias toalhas são entregues a ele de uma vez, e só agora percebo o quanto os Morozovs são importantes no campus. Deve haver uns dez homens nesta sala praticamente nos atendendo. Deixo Ivan me enrolar, tremendo um pouco com o frio.

“Um de vocês vá buscar o Dmitri. Diga a ele que o Ivan disse que a Koroleva dele está bem”, instrui Ivan, enfatizando bastante o “bem”. “Mas ela precisa dele. Tragam-no aqui, nós esperamos.”

Alguém com porte físico semelhante ao de Ivan se dirige à porta, já se afastando rapidamente. Nossa, esses caras são rápidos.

“Você está bem?”, pergunta Ivan, continuando a tentar me secar o melhor

que pode. Com o uniforme encharcado, só vou conseguir me secar completamente quando trocar de roupa. Mesmo assim, estar menos encharcado pelas roupas já ajuda.

Eu tusso, limpando a garganta. “Estou bem.”

Ivan pede para alguém pegar sua garrafa de água, e ela é entregue num instante. Percebendo que minhas mãos estão tremendo, provavelmente por causa da adrenalina residual, ele leva a garrafa aberta até meus lábios. Virando o líquido lentamente na minha boca, ele observa atentamente quando engulo para não me dar demais.

"Merda", ele sibila, apertando minhas coxas contra si. Eu não tinha percebido que elas estavam começando a tremer. "Ela está morta."

"Eu estou b-bem", sussurro, levando a boca à boca para beber mais um pouco.

"Você não está bem, você está em choque", ele responde. "Precisamos que você troque de roupa e a leve de volta ao médico para que ele possa monitorar seus sinais vitais."

"Eu não estou em choque", asseguro a ele. Eu já estive em choque antes. "Só me fez lembrar."

“Te fez lembrar?” Ivan pergunta. “Te fez lembrar de quê, Jade?”

Nossos olhares se encontram e eu junto minhas mãos, começando a acariciá-las com os polegares. Me acalmar sozinha não é garantia de nada, nem sempre funciona. Mas saber que estou cercada por pessoas que querem me proteger é o que vai me ajudar a me acalmar.

“Jade”, Ivan repete, tocando suavemente o dorso da mão na minha testa. “Do que isso te fez lembrar?”

Da última vez que senti medo assim…

Embora Ivan já tenha ouvido minha história, as pessoas ao nosso redor não ouviram. Tenho certeza de que é isso que ele está supondo, que meu medo exacerbado seja resultado de ter que fugir para salvar minha vida antes, mas vou confirmar isso para ele em outra ocasião.

Eu estremeço, aconchegando a cabeça em seu peito. "Te conto depois", murmuro baixinho.

Queria que Dmitri estivesse aqui. Ele provavelmente me tiraria dos braços de Ivan e me abraçaria ainda mais forte, mas tudo bem. O mundo inteiro desaparece quando estou em seus braços, e eu realmente acho que quero que o mundo derreta agora.

Tentada a dormir, meus olhos se fecham, mas Ivan me sacode.

"Não faça isso", ele avisa bruscamente. "Você vai me matar do coração."

"Ivan", uma voz desconhecida fala. É o mesmo cara de antes. Aquele que

imobilizou Svenson no concreto em dois segundos. E ele está segurando uma pilha de tecido que lembra vagamente um uniforme escolar.

"Aqui", ele oferece, estendendo o pacote de roupas secas.

“Minhas peças de reposição”, explica Ivan, pegando-as dele. “Boa ideia.”

Ele acena com a cabeça, prestes a se afastar ou se virar.

“Qual é o seu nome?”, pergunto ao grandalhão antes que ele possa sair.

Sua resposta é imediata e direta. “Anatoly, Koroleva.”

Eu sorrio. “O que isso significa? Koroleva.”

Anatoly hesita, olhando para Ivan.

O irmão do meu namorado dá um sorriso irônico. “Koroleva é um termo para rainha. É como chamamos a esposa do Pakhan.”

Meu coração dispara, mas uma dúvida persiste. “Mas Dmitri ainda não é Pakhan.”

“Não, mas o Pakhan está solteiro no momento, e isso faz de você a Koroleva.”

Eu aceno com a cabeça, compreendendo. “Bem, obrigada, Anatoly. Você agiu tão rápido, e eu agradeço muito.”

“É meu trabalho”, diz ele com cautela, mas seus olhos se tornam suaves e melosos. Ah, ele é um gigante gentil até ser provocado, eu sei disso.

“E ele será recompensado por proteger sua Koroleva com ferocidade.”

Ivan me carrega até o vestiário privativo, me coloca em um provador e fica de guarda na porta enquanto visto suas roupas. Elas me servem muito melhor do que as do Matteo, mas ainda estão um pouco largas. Nada que eu não possa usar sem que elas caiam, porém.

Ele me deixa voltar sozinha para a sala da piscina, mas me puxa de volta para o seu colo quando nos sentamos. Percebo que minha reação agressiva à ameaça o preocupa. Ele checa meu pulso e a temperatura da minha testa várias vezes, observando meus membros para garantir que parem de tremer.

Quando a porta se abre com um estrondo, não me assusto. Relaxo e suspiro.

Meu homem está aqui.

"O que aconteceu?", pergunta Dmitri, ajoelhando-se à nossa frente.

Suas mãos imediatamente envolvem a lateral do meu rosto, seus lábios se inclinando para roçar minhas bochechas. Sorrio, sabendo que ele não está apenas me cumprimentando. Ele está sentindo a temperatura do meu rosto enquanto tenta não me estressar com seu jeito maternal.

"Você está bem?", ele pergunta, massageando meu queixo com os polegares. "Não se machucou?"

"Estou bem", respondo, absorvendo o conforto que ele me oferece.

"Os bebês?", ele pergunta, olhando para minha barriga lisa.

Eu aceno com a cabeça. "Eles também estão bem."

Nossos lábios se encontram em um beijo intenso, levando embora a dor do dia.

Ele solta um suspiro pesado e se vira para o irmão mais novo.

"O que aconteceu?"

Ivan encara o irmão e, de forma sinistra, seus lábios se curvam em um sorriso. "Precisamos dar uma lição a um instrutor."

Capítulo 34



Jade

Quando volto para o meu quarto, minhas esperanças de me enfiar debaixo das cobertas e dormir até não aguentar mais são destruídas num instante. Mesmo que eu não tivesse que faltar à aula de Enganação para dormir, não conseguiria agora. Não estou sozinha aqui.

Matteo está sentado na minha cama, com os braços cruzados. "O que você está vestindo?"

"Hum, uma história engraçada", digo sem jeito, tentando não me encolher.

"Ah, adoraria ouvir isso", ele diz arrastado, me olhando de cima a baixo. "Como exatamente minha irmãzinha acaba vestindo um uniforme masculino com uma história engraçada, hein?"

"Bem", pigarreio. "Tudo começou quando eu caí na piscina."

"O quê?", ele pergunta de repente, menos desconfiado e mais preocupado. "Você caiu? Você está bem?"

“Estou bem, estou bem”, insisto. “Nenhum arranhão, prometo. Só caí na água e meu uniforme ficou todo molhado.”

Ele acena com a cabeça, se acalmando. “Então, de quem são as roupas que você está usando?”

“Meu amigo Ivan estava lá e me deu as roupas extras dele—”

“Ivan?”, ele pergunta, confuso. “Você tem um amigo? Um homem?”

“Bem, sim—”

Suas narinas se dilatam enquanto ele inspira surpreso. “O quê? Quem é esse cara? Por que eu não sei nada sobre ele? É Ivan Morozov, não é? É por isso que você perguntou sobre ele? Você anda sendo amiga dele às escondidas? Ele deu

uma surra naquele cara por você?”

“Eu perguntei sobre ele antes mesmo de conhecê-lo”, digo firmemente. “Eu literalmente perguntei na primeira noite, se você se lembra. E eu só estava curiosa—”

“Curiosa porque você acha ele bonito ou algo assim? Por que vocês são amigos?”

Ai, meu Deus, alguém me ajude.

“Matteo, você precisa maneirar nesse interrogatório. Não consigo acompanhar.”

“É mesmo? Pois é, não acredito que minha irmãzinha está saindo com um cara! Como é que a gente não percebeu? Será que não estamos te vigiando direito?”

“Se você me vigiar mais, nunca vai sair do meu lado”, retruco secamente.

“Perfeito”, ele responde bruscamente. “Já que, aparentemente, tempo sozinha é quando você se esgueira pelo campus para encontrar estranhos!”

“Ele não é um estranho, ele é meu amigo! Você disse que eu podia fazer amigos.”

“Garotas!”, ele dispara. “Amigas, era isso que eu queria dizer. Não dá para confiar em homens, Jade. Somos todos horríveis.”

Franzei a testa. “Não é verdade.”

“É sim”, ele insiste. “Como eu sei que você não está fazendo coisas impróprias com esse tal de Ivan? Ou que ele não quer fazer isso toda vez que está com você?”

Meu Deus, se você soubesse só metade da história.

“Matteo, por favor”, imploro, respirando fundo para me acalmar. “Desculpe por não ter te contado antes, mas eu não queria que você surtasse.”

Ele balança a cabeça. “Bom, você viu como isso funcionou.”

“O Ivan é mesmo meu amigo”, repito. “Por favor, não estrague tudo. Eu prometo, juro por Deus, que não estou me encontrando às escondidas com ele.”

Não é uma mentira completa. Mais ou menos.

“Se ele é mesmo seu amigo, você não se importaria se o papai e todo mundo soubesse”, ele argumenta teimosamente.

“Claro que me importaria”, retruco. “Vocês são todos tão superprotetores, eu não queria que ele saísse correndo e gritando por causa de vocês.”

“Você tem vergonha de nós ou dele?”

“Ai, meu Deus, de nenhum dos dois”, resmungo, jogando a cabeça para trás e esfregando o rosto. “Você se sentiria melhor se passasse um tempo com a gente uma vez? Eu te apresento e você vê que somos só amigos.”

Ele hesita, como se estivesse pensando. “Não sei…”

“Sua opinião é muito importante para mim”, digo sinceramente. “Se você conseguir fazer isso sem tentar brigar com ele, eu gostaria que vocês se conhecessem. Acho que vocês vão se dar bem.”

“Por que eu deveria gostar dele?”, ele debocha.

“Bem, ele é legal?”

“Animais de estimação também são, eu te arranjo um cachorro.”

“Ele é engraçado—”

Matteo bufa. "Eu também sou assim, então por que você precisa desse moleque?"

"Por favor", sussurro, com a expressão se fechando. "Você não pode fazer isso por mim?"

"Ah, não", ele diz, balançando a cabeça. "Você não pode usar essa cara comigo. Não é justo."

"Eu não estou usando cara nenhuma", resmungo, negando.

"Guarde esse seu lábio inferior", ele implora. "Você vai deixar meu coração todo mole e triste. Eu não consigo ser um bom irmão com o coração mole e deprimido."

"Irmão?", repito.

"Você sabe o que eu quero dizer", afirma Matteo.

"Sei", confirmo. "Então, você vai conhecê-lo? E que isso seja o nosso segredinho?"

Ele geme, inclinando a cabeça para trás.

E, no fim das contas…

“Tudo bem, eu o encontrarei, mas só guardarei seu segredo se, depois de tudo, eu acreditar que ele é realmente seu amigo.”

Por enquanto, está bom.

O "por enquanto" não dura muito, pois Matteo exige que usemos nosso dia livre para passar um tempo com Ivan imediatamente. Felizmente, consigo avisá-lo rapidamente antes que Matteo o ataque de surpresa.

"Preciso que você passe um tempo comigo e com o Matteo hoje", sussurro apressadamente para ele na fila das panquecas no café da manhã. Meus irmãos estão ocupados demais enchendo seus próprios pratos em outras estações para nos notar.

"Ele sabe?"

"Só que somos amigos", admito. "Ele me pegou com suas roupas."

"Não vou ficar calado se ele me atacar", avisa Ivan.

"Meu Deus", gemo. "Ninguém está atacando ninguém. Ele precisa ver que não estamos brincando para manter segredo, então precisamos passar um tempo juntos hoje. Alguma ideia?"

Ele faz uma pausa, ponderando. "Leve-o para a piscina depois do almoço."

Franzei a testa. "Nadar não vai ajudar em nada." Matteo vai surtar se a primeira atividade que Ivan sugerir for eu de biquíni.

"Não vamos nadar."

Ele não tem tempo de explicar antes de termos que nos separar.

Matteo está como sempre no café da manhã, roubando boa parte do meu prato e devorando o dele. Sou grata por ele não estar levantando suspeitas por estar mal-humorado ou estranho. Armani perceberia imediatamente e exigiria saber o que está acontecendo.

Falando em Armani, ele sai do café da manhã mais cedo, aparentemente com aulas particulares marcadas para hoje. Ele não é o único que some; Remo e Nico aparentemente vão fazer uma trilha nas montanhas hoje. Quase me alegro por tudo o que preciso fazer é me encontrar com Ivan e Matteo sem deixar escapar nada sobre Dmitri. Trilha e treinamento com armas parecem uma péssima maneira de passar o tempo livre.

Depois do almoço, Matteo me segue a contragosto para encontrar Ivan.

"Tudo o que estou dizendo é que seguir as ordens desse estranho—"

"Ele não é um estranho", lembro-o pela enésima vez.

"—é irresponsável, e eu não gosto de receber ordens", completa ele.

“Bem, talvez o Ivan também não goste de receber ordens do meu cão de guarda superprotetor. Você escolheu a hora — em cima da hora, diga-se de passagem — então ele que escolhe o lugar.”

“Você acabou de dizer palavrão?” Matteo pergunta, com um sorriso de orelha a orelha. “Tá bom, boca suja.”

Revirando os olhos, dou um tapa no ombro dele. “Já falei palavrão na sua frente antes, que dramático, hein?”

“Você anda bem atrevida ultimamente”, ele declara. “Eu ia culpar esse meu novo amigo, mas eu gosto, então ele não leva o crédito.”

“Matteo, se alguém me ensinou a ser atrevida, foi você.”

Satisfeito, ele acena com a cabeça. “Ótimo.”

Ivan já está nos esperando na sala de bilhar, sentado em um banco com seu uniforme escolar de sempre. Quando nos vê entrar, ele se levanta.

“Ah, então você sabe onde guardar suas roupas”, Matteo pergunta imediatamente. “Surpreendente que você não esteja usando as da Jade, já que vocês duas estão trocando de roupa agora.”

“A saia não combina com as minhas pernas”, Ivan responde sarcasticamente.

Matteo não ri, mas eu rio.

Preciso tossir para disfarçar, e meu irmão não está nada contente por alguém me fazer rir na frente dele. Um ótimo começo.

“Engraçado”, Matteo diz arrastado, sem a menor intenção de dizer isso.

“Está se sentindo excluída?” Ivan estala a língua. “Se você quiser transar comigo, bem…”

Meus olhos se arregalam.

“Obrigada pela oferta, mas sou celibatária.”

Fiquei ainda mais perplexo com essa resposta. Mesmo que ele não tenha ficado celibatário durante o semestre, Matteo não se interessa por caras. Pelo menos, ele nunca deu a entender isso. Nem mesmo quando conversamos sobre o assunto.

"Bom, então temos isso em comum", diz Ivan, com naturalidade.

Matteo parece ofendido. "Bobagem."

Dando de ombros, Ivan não se importa com a dúvida dele. "Sou o segundo filho, Matteo. Tenho certeza de que você sabe o que isso significa para a minha família."

Levantando a cabeça, ele olha entre Ivan e eu. "Isso é sério mesmo? Cara, você é um ímã de balas para o seu irmão? Que coisa mais doentia."

"Eloquente", murmura Ivan.

"Ei", protesto, beliscando Matteo com mais força do que normalmente faria. "Não o chame assim. Você disse que seria legal!"

“Ai, que dor!”, ele rosna, fazendo uma careta de dor.

“Seja legal, ou eu conto pro papai que eu também tenho um amigo só pra poder dedurar você por ter sido malvado com ele!”

Meu irmão franze a testa. “Traidor.”

Ivan suspira, com dor. “Então, vamos esclarecer as coisas?”

“Claro que sim”, Matteo bufa.

“Não tenho más intenções com a Jade. Não bebo, não uso drogas e não transo. Nunca vou me casar, então não precisa se preocupar com tentativas de conquistá-la. Somos amigos. Ela é engraçada, inteligente e forte. Não por ser uma Moretti, mas por tudo que ela sobreviveu. Ela é uma guerreira, e eu vou continuar sendo amigo dela. Nem mesmo sua objeção vai impedir isso, então é melhor você aceitar.”

Prendo a respiração, meu coração tão quente que poderia derreter. Queria poder correr e abraçá-lo agora mesmo, mas farei isso mais tarde.

Com os olhos gentis de sempre, Matteo o observa. "Você contou para ele? Sobre o que aconteceu antes?"

"Contei", sussurro.

"Se você confia nele para isso... tudo bem", Matteo suspira, dando um tapinha no meu ombro. "Não vou me opor a ele. Mas se ele fizer alguma coisa, e eu digo qualquer coisa, eu o mato tão rápido que Nico nem terá tempo de torturá-lo. Estou falando sério, Jade, eu acabo com esse filho da puta."

Respirando aliviada, o abraço forte. "Obrigada, Matteo."

"Sim, sim, eu sou o melhor, eu sei. Cante meus louvores, irmãzinha."

"Não exatamente o melhor", corrijo. "Você poderia ter omitido a parte do assassinato."

"Não, eu não poderia."

Claro que não, resmungo.

Volto-me para meu melhor amigo, radiante com um sorriso. "Então, agora que esclarecemos isso, o que estamos fazendo aqui?"

"Por aqui", responde ele, com um tom ameaçador, apontando para uma porta misteriosa.

Matteo e eu o seguimos, encontrando uma antiga escada de cimento.

Meu irmão estremece, olhando para baixo. "Bom, um covil do mal, será que podemos esperar um monólogo de vilão em breve, ou não?"

Ivan ergue uma sobrancelha. "Com medo de um porão?"

Resmungando, esfrego as têmporas. "Ah, chega de sarcasmo, vocês dois. Quero saber o que o Ivan tem para nos mostrar."

Sem dizer mais nada, nós três descemos as escadas. Caminho devagar, certificando-me de não tropeçar. Não está completamente escuro, mas a iluminação é fraca e dificulta a visão. Ao chegarmos ao térreo, todo o cômodo brilha com uma nova luz.

"Tem um cinema aqui?", exclamo, completamente impressionada com a enorme estrutura.

Antigo, mas ainda em bom estado, sofás e poltronas reclináveis estão dispostos ao longo do piso de madeira, de frente para uma tela de projeção gigantesca. A capa de Coyote Ugly já está aberta, e um leve cheiro de refrigerante e pipoca paira no ar. Há também uma grande cesta de cobertores, ao lado, para quem quiser pegar.

Matteo cruza os braços, sem se impressionar. "Ele sabe qual é o seu filme favorito?"

“Eu também sei o tipo sanguíneo dela”, brinca Ivan.

Eu rio. “Nem sei o meu.”

Quando meu irmão não ri também, faço beicinho.

“Qual é, Matteo, tem um cinema subterrâneo aqui, literalmente escondido debaixo de uma piscina. Não estrague tudo fazendo beicinho.”

“Tudo bem”, ele cede. “Mas vamos sentar juntos e eu não vou dividir minha pipoca.”

Eu sorrio. “Combinado.”

Capítulo 35



Dmitri

Com o irmão mais novo de Jade suficientemente apaziguado depois de se encontrar com Ivan e assistir a um filme no porão secreto dos Morozov, minha garota pode respirar um pouco mais aliviada. Ela pareceu achar que tudo correu tão bem quanto o esperado, e Ivan concorda.

Infelizmente, seu alívio recém-conquistado está prestes a encontrar outro fator de estresse. Marquei uma reunião à meia-noite com a Academia Lorde do Império, e ela precisa estar presente. Começaremos nossa caminhada até lá em alguns minutos.

"Eu queria que pudéssemos ficar aqui", ela sussurra, roçando o nariz na lateral do meu pescoço. "Poderíamos nos divertir muito mais."

"Tempress", eu a repreendo.

Se esta reunião fosse sobre qualquer coisa que não fosse a segurança de Jade, eu também preferiria ficar aqui e venerá-la. Infelizmente, algumas coisas são mais urgentes do que sexo. Mesmo um sexo realmente bom, nunca senti nada igual.

"Estou te incentivando a fazer isso acabar logo?", pergunta minha Krasotka, com a voz assumindo aquele tom sensual que eu tanto amo.

Eu já quero que isso acabe logo. Quero permissão para matar a mulher que tentou fazer um homem adulto arrastar minha esposa grávida para uma luta. Não me importo se ainda não fizemos nossos votos; assim que as duas linhas rosas apareceram naquele teste, Jade se tornou minha esposa. A cerimônia é mais uma formalidade do que qualquer outra coisa neste momento. E se um homem não pode matar alguém que ameaça sua esposa e seu filho que ainda vai nascer, a

justiça está morta.

"Não sei quanto tempo vai levar, meu bem."

"Que pena", ela murmura. "Você já viu o Senhor antes?"

"Sim, eu o conheço."

Ele é um exibicionista ambulante, mas é bom o suficiente no que faz. Tem um talento especial para dar show, mas infelizmente, acho que esse instrutor não fez o suficiente para merecer uma execução. Mas que se dane, eu vou tentar.

"Ele é assustador?"

Will? William é assustador?

Talvez se você considerar as pessoas que o apoiam, sim. Mas ele é só um homem comum com habilidades medianas. Não posso culpá-lo por isso. Por que ele saberia matar do jeito que eu sei, se os atiradores dele simplesmente destroem qualquer um que tente atacá-lo?

Suponho que ser "intocável" possa fazer as pessoas te temerem. Mas Jade não tem nada a temer dele.

"Não", digo com confiança. "Ele não vai te assustar."

“Certo, ótimo”, ela responde, relaxando os ombros.

Dando um beijo em sua testa, pergunto: “Pronta para isso, Krasotka?”

Quando ela acena com a cabeça, pegamos Ivan e saímos.

Jade

O local de encontro do Lorde é assustador. Quem quer se encontrar em um telhado à meia-noite, quando está frio? Aparentemente, esse esquisito que quer ser o Batman quer. Quer dizer, ele não está usando máscara, mas bem que poderia estar usando uma capa.

Ai, como eu queria uma capa. Está congelando aqui em cima.

Aposto que a cabeça raspada dele também está fria. Ele tem uma penugem descolorida em cima da superfície arredondada, certamente não o suficiente para manter a cabeça e as orelhas aquecidas. Ele é pálido e usa luvas de couro pretas que contrastariam muito com sua pele clara se seus braços não estivessem cobertos pela capa azul-escura.

Tremo silenciosamente dentro do meu suéter enquanto o Lorde cumprimenta Dmitri com um aperto de mãos formal. Ivan não sai do meu lado depois de fazer o mesmo, praticamente grudado em mim enquanto nos sentamos. Há quatro cadeiras, uma para cada um de nós, mas Dmitri e o Lorde sentam-se por último,

acomodando-se lentamente.

"Fui informado sobre o seu problema", diz o recém-chegado, iniciando a conversa imediatamente. As estrelas dançam no céu acima de nós, e o som do vento soprando entre as copas das árvores cria uma trilha sonora sutil no ar. "Uma grande confusão, receio. A Empire gostaria de se desculpar formalmente pelas ações da Sra. Haller."

Haller! Esse é o nome dela. Ela mencionou no primeiro dia, mas entrou por um ouvido e saiu pelo outro. O sobrenome dela não revela a qual família criminosa ela pertence, mas pelo menos tenho um nome para ela na minha cabeça.

"Ela foi suspensa pelos próximos quatro semestres e só será recontratada após treinamento e interrogatório extensivo. Ela estará fora da ilha em uma semana."

Nossa. Eu não esperava uma punição tão direta e drástica.

"Isso não é suficiente", Dmitri vocifera, aparentemente discordando de mim.

O silêncio que se segue é denso e desconfortável, mas logo se dissipa.

"E como você sugere que eu a puna, exatamente?"

Dmitri não hesita nem vacila. "Você poderia me deixar quebrar o pescoço dela no meio do pátio para todos verem", sugere ele, com a maior naturalidade.

"Dmitri", exclamo, olhando para ele com os olhos arregalados. Ele não retribui o olhar, mantendo-o fixo no homem à sua frente.

O Lorde solta um longo suspiro de resignação. "Alguma sugestão menos dramática? Talvez algo mais apropriado para uma tentativa de crime?"

Dmitri cerra os dentes. "Certo, que tal você me deixar tentar quebrar o pescoço dela no pátio para todos verem?"

"Vejo que esta reunião será muito produtiva, ótimo", diz o Lorde, acendendo um cigarro com um fósforo enquanto o sarcasmo transborda de cada palavra. O aroma de cravo-da-índia inunda instantaneamente o ar fresco ao nosso redor.

Preocupada que esta reunião vá sair do controle, me antecipo a Dmitri.

"Você poderia fazê-la lutar", sugiro gentilmente.

"Jade..." Dmitri se vira para me olhar, balançando a cabeça. Ele não quer que eu me envolva nisso porque eu não deveria ter que lidar com situações como essa. Ele cuidaria de tudo sozinho se eu não precisasse vir.

O Lorde me observa atentamente. "Lutar?"

"Quer dizer, sim." Dou de ombros. "Foi isso que ela tentou fazer comigo, não foi? Escolher algum grandalhão para espancá-la e pronto. Com certeza um instrutor de luta consegue lidar com um treino de sparring nada amigável, não é?"

Para meu completo espanto, o Senhor sorri. "Sua noiva é esperta, Morozov.

Não está neste mundo há muito tempo, e já entende as regras, não é?"

Quer dizer, ela não tem certeza por que você está falando dela na terceira pessoa. Mas obrigada pelo elogio, eu acho? Além disso, adoro ser chamada de noiva dele.

"Olho por olho não há, mas quando a tentativa chega a esse ponto... bem, algo precisa ser feito, não é?"

"Não é o suficiente", argumenta Dmitri, teimosamente.

“Certamente você tem ideia de alguém que poderia aplicar essa punição que seria suficiente para você.” O Lorde faz uma pausa antes de acrescentar uma diretriz adicional. “No entanto, devo insistir que você escolha alguém que não seja você mesma ou alguém do seu sangue. É um assunto delicado. Não gostaria que você quebrasse uma regra em nome da vingança. Ter que executar um herdeiro não me renderia muitos favores.”

Outro arrepio me atinge e eu estremeço.

Com um olhar preocupado, Ivan estende a mão para tocar meu rosto. “Droga, Jade”, diz ele, apreensivo. “Me avise quando estiver com frio da próxima vez.” Ele tira o sobretudo e me envolve nele como um cobertor antes que eu possa piscar.

A vergonha de quase quebrar meus dentes compensa o calor imediato que seu casaco proporciona. Ivan beija o topo da minha cabeça antes de se sentar novamente, e até seus lábios estão mais quentes do que os meus.

"Como você está tão quente?", murmuro, puxando o tecido para mais perto.

"Ficar irritado faz isso", responde o Lorde por ele. "Então, o que vai ser? Uma briga antes de a mandarmos embora? Uma suspensão mais longa? O que fará você sair desta mesa satisfeito, Dmitri?"

Prendo a respiração aguardando sua resposta.

"Mandá-la embora", ele responde, com a voz dura como pedra. "Não preciso que você a castigue ainda mais, eu mesmo cuidarei disso."

Droga, será que ele vai mandar alguém matá-la fora do campus?

Não sei se devo ficar horrorizada por ele realmente querer a morte dela por quase ter me machucado ou insanamente excitada.

Quando aperto as pernas, percebo que não importa como eu deveria me sentir. Eu já sinto. Com a região entre as coxas úmida e dolorida, me pergunto se minha temperatura corporal começará a subir. Seria bom.

O Lorde bate palmas, satisfeito com a resposta. "Por todos os meios, lide com seus assuntos dentro das regras, como achar melhor, eu sempre prefiro assim. Como um gesto de boa vontade, vamos ajustar a suspensão dela para uma proibição vitalícia."

"Proibição curta", Ivan murmura baixinho.

“Sim, uma suspensão curta mesmo.” O Lorde riu, percebendo a piada. “Menos papelada para mim e um plano de vingança sólido para vocês. Maravilha.”

Tudo termina bem rápido depois disso, com nós três saindo primeiro.

Quando voltamos para o quarto de Dmitri, tiro o casaco de Ivan e meu suéter também. Meu homem tenta falar, mas o calo antes que ele possa. Passei de congelar a arder de desejo em questão de minutos. Sentir-me excitada com a ideia de alguém matar por mim provavelmente não é uma característica da qual me orgulhe, mas estou tão excitada que não me importo.

Puxo as costuras da camisa dele, arrancando um botão no processo.

“Me foda”, ordeno, alcançando seu cinto.

“Calma, meu bem”, ele me incentiva, me beijando com mais paixão do que pressa. “Temos horas, não precisa ter pressa.”

“Eu te quero agora”, imploro.

“Shhh”, ele diz suavemente. “Krasotka, seu rosto está quente.”

“O seu também está quente”, respondo, rindo baixinho.

Ele balança a cabeça e nossos beijos terminam. “Sim, você é deslumbrante, mas não, quer dizer, seu rosto está queimando de calor agora. Você está bem?”

Franzei a testa, levando as costas das mãos às minhas bochechas. O calor praticamente me queima.

“Que estranho”, comentei, pressionando as mãos com mais força.

A pele fica úmida com o suor e meu estômago revira.

Com a mão na boca, empurro Dmitri e corro para o banheiro dele, mal conseguindo chegar ao vaso sanitário antes de vomitar. A bile arde, e eu me encolho, uma onda de desconforto me invadindo por completo.

Meu estômago se revira, e eu tusso o excesso que estava na minha garganta, apenas para sentir meu cabelo sendo puxado para trás.

"N-não", eu sussurro, mortificada. "Vá embora."

"Nem pensar", responde Dmitri, afastando cada fio de cabelo solto e começando a massagear minhas costas. "Vou ficar aqui."

Meus olhos ardem com lágrimas dolorosas, lacrimejando enquanto eu pisco. Acho que não vou vomitar de novo, mas me recuso a me mexer, por precaução.

"Não quero que você me veja toda nojenta", sussurro, com a voz rouca.

“Você não é nojenta”, ele afirma com firmeza, continuando a massagear minhas costas. “Você se sente melhor ou ainda tem mais alguma coisa?”

Eu faço uma careta, mas fecho a tampa do vaso, dou descarga sem respondê-lo e me levanto. Dmitri não me deixa sozinha por um segundo enquanto eu pego uma escova de dentes reserva e começo a esfregar a boca para tirar o gosto ácido. Faço gargarejo com enxaguante bucal duas vezes e me olho no espelho

quando termino, apenas para descobrir que meu rosto está mais pálido do que nunca.

Eu franzo a testa para mim mesma. “Eu queria transar.”

Dmitri concorda com a cabeça, beijando meu ombro. “Eu sei, Krasotka. Tudo bem.”

“Não está”, discordo. “Eu ainda estou excitada, e agora estou com uma aparência horrível.”

Seu olhar no espelho se torna penetrante. “Você não está com uma aparência horrível.”

“Então ainda podemos transar?”, pergunto esperançosa.

Depositando alguns beijos de boca aberta no meu pescoço e na gola, ele murmura. "Nada de sexo hoje, amor. Mas se seu estômago se acalmar e você ainda quiser alguma coisa, eu te dedilho até você encharcar minha mão de esperma, que tal?"

Não é tão atraente quanto ser penetrada com força no colchão, mas serve. Ele provavelmente só não quer me balançar muito e me deixar enjoada.

"Tá bom", murmuro.

"Vamos lá, amor", ele sussurra, pegando minha mão. "Vamos pegar um pouco de água para você bebericar, e eu vou massagear suas costas."

Meu Deus, eu o adoro.

"Obrigada."

"Pelo quê?", ele pergunta, franzindo a testa.

"Só por ser você."

Capítulo 36



Jade
Um mês depois

O tempo está incrivelmente agradável hoje. Está quente, mas não úmido, abafado ou quente demais. O ar está fresco por causa da água gelada do oceano. É o dia perfeito para sorvete, e é exatamente isso que Ivan e eu estamos saboreando agora.

Poder passear à luz do dia com ele é tão bom, e não ter que me preocupar em ser vista é ainda melhor. Armani passou o dia todo fora, nas montanhas, trabalhando com os candidatos a atiradores de elite de longo alcance. Ele selecionou cinco alunos com potencial e foi com eles para praticar e aprimorar suas habilidades.

Os gêmeos estão lá fora com ele, não atirando, mas agindo como seus guarda-costas não oficiais. Eles não vão deixar nada acontecer com ele enquanto ele estiver distraído trabalhando, mas Remo diz que não é grande coisa. Matteo está na cama tirando um cochilo depois do almoço, sem sentir necessidade de ir junto, já que confia em Ivan agora. Ele trocou algumas palavras menos ríspidas com ele nas últimas semanas, e eu percebo que ele aceitou nossa amizade.

Meus enjoos matinais ainda estão me incomodando um pouco, mas não quero pensar nisso agora. Esse sorvete de pêssego que os funcionários da cozinha fizeram está fenomenal, e eu não vou vomitar.

"Gostou do seu?", pergunto a Ivan, apontando para o sabor de morango em sua taça.

"Está bom", ele responde, dando outra colherada.

Decidimos sentar perto da praia, o que nos dava um pouco de privacidade

sem nos escondermos completamente. Dmitri está por aqui em algum lugar, nos observando de longe. Descobri que ele passa a maior parte do tempo me observando, e reconhecer o olhar dele se tornou instintivo. É doce, mas também um pouco triste. Logo, o semestre vai acabar, e ele nunca mais vai precisar me observar de cima de uma árvore, porque estará bem ao meu lado.

Eu murmuro, assentindo com a cabeça. "Qual sabor o Dmitri teria escolhido?"

Ivan pensa um pouco. "Provavelmente pêssego, já que você escolheu."

"Ele gosta de pêssego?"

"Não sei se ele já experimentou alguma vez." Ele dá de ombros. "Mas ele experimentaria por você."

Minhas bochechas se iluminam enquanto eu sorrio para ele. "Sabe uma das minhas coisas favoritas sobre o Dmitri?"

Ele dá um sorrisinho irônico. "O pau dele?"

Reviro os olhos. "Não—" Bem, sim, mas não, não é esse o ponto. "—Eu ia dizer você, seu idiota. Ter um namorado que vem com um melhor amigo? Isso é muito foda." Os lábios de Ivan se curvam num sorriso, absorvendo minhas palavras.

"É, é muito foda", ele concorda. "Mas você devia se acostumar a chamá-lo de marido, sabia?"

Engulo em seco. "Deveria?"

"Ele já se refere a você como esposa", ele aponta casualmente.

Meus lábios se entreabrem. "É mesmo?"

"Sim", ele concorda. "Desde que você engravidou, quando ele dá instruções aos homens sobre você durante a semana, ele diz 'minha esposa' isso, 'minha esposa' aquilo."

"Marido", experimento a palavra, saboreando-a na minha língua. "Hum, gostei."

“Você devia chamá-lo assim na cama.” Ele pisca.

Dou uma risada abafada. “Você tem a mente poluída, Ivan.”

“Bem, quando não se pode transar, brincar sobre isso é o mais perto que se chega.”

Minha risada se dissipa. “Ivan, você sabe que eu não me importo se você—”

“Não”, ele interrompe, não me deixando terminar. “Nunca vai acontecer, sestra.”

“Sestra?”

Ele sorri. “Irmã em russo.”

Meu coração se enternece. “Como se diz irmão?”

“Pirralho”, ele diz, enrolando o R.

“Ugh, muito parecido com pirralho. Vou encontrar um apelido para você, não se preocupe.”

Ivan balança a cabeça. “Sem pressa, temos tempo.”

Espero que sim. Quero tempo infinito com meu melhor amigo e meu marido.

“Suas roupas estão servindo melhor agora, aliás?”

Ufa, ainda bem que ele me lembrou. "Sim! Estão perfeitos, obrigada de novo!"

O Ivan pessoalmente encontrou uns uniformes antigos e costurou elástico neles para que esticassem conforme minha barriga fosse crescendo. Só tenho uma barriguinha pequena agora, mas está crescendo, e meu uniforme sob medida não estava dando conta.

"Não é nada demais", ele diz, dando de ombros.

Esperamos que, como meus irmãos não souberam do incidente na aula de luta — só que eu finalmente desisti do curso —, eles simplesmente presumam que eu ganhei uns quilinhos sem os exercícios constantes. Por enquanto, a blusa não está levantando o suficiente para levantar suspeitas, então vamos deixar rolar.

“Você é modesto demais”, observo, terminando meu lanche. O de Ivan também acabou. “Quer ir tomar um refrigerante?”, pergunto. Talvez um refrigerante de gengibre me ajude a acalmar o estômago. Essas crianças são exigentes.

“Parece bom”, ele concorda, levantando-se. Caminhamos juntos, procurando a lixeira mais próxima para jogarmos nosso lixo.

Assim que nos aproximamos, um murmúrio de sussurros começa por perto, alto o suficiente para chegar aos nossos ouvidos. Quando nos viramos, vejo o Senhor caminhando pelo campus com uma figura misteriosa de preto.

“O que está acontecendo?”, pergunto, jogando meu copo descartável fora.

“Não sei”, responde Ivan, cautelosamente.

Por que diabos o Senhor está andando por aí com esse cara com cara de ceifador?

Mal nos aproximamos quando Ivan estende o braço, fazendo-me congelar. "Espere", ele ordena.

"É um carrasco", ouço alguém sussurrar. "Alguém se deu mal."

"Que diabos?", exclamo, sem fôlego.

"Quem eles estão procurando?", pergunta outro aluno em voz alta.

Perto de mim, vejo Dmitri aparecer, saindo de trás de um grupo de árvores. Uma sensação doentia de pavor me invade, e Ivan se enrijece. Prendo a respiração enquanto ele nos olha, sua expressão indecifrável, e então ele se vira para o carrasco.

"Não", sussurro. "O que ele está fazendo?"

"Jade—"

"Não, Ivan, o que está acontecendo?", grito.

Quando o Senhor encontra Dmitri com seus olhos e o aponta, Ivan me segura contra o peito antes que eu possa sair correndo em direção a eles. Eu grito e me debato em seus braços, chutando e balançando os braços.

“Dmitri!” Eu grito, com a voz embargada. “Ivan, nós temos que—”

“Cale a boca”, ele adverte. A ordem grave foi dita diretamente no meu ouvido. Ivan nunca tinha me dito isso antes. “Não se coloque na mira. Deixe que ele lide com isso.”

Estamos tão perto, mas não perto o suficiente. Eu não sei o que o Senhor está dizendo a Dmitri, mas sei que não pode ser nada bom. Um carrasco está perto demais do amor da minha vida neste momento.

O som de um avião ecoa acima de nós, mas eu o ignoro, incapaz de desviar o olhar da cena à nossa frente.

"Você quer um interrogatório?", pergunta Dmitri em voz alta o suficiente para que eu ouça. "Vamos fazer aqui mesmo."

Ele se ajoelha e, em seguida, se ajoelha com os dois joelhos.

"Ivan, por que ele está ajoelhado?", pergunto, tentando me soltar de suas mãos. "Ivan—" começo a ofegar de preocupação, mas ele apenas me segura com mais força.

"Vá em frente, faça seu maldito interrogatório. Você não tem nada."

O Lorde balança a cabeça. "Receio que isso não seja verdade."

De forma assustadora, o carrasco se aproxima de Dmitri por trás, parado com uma faca na mão. Não consigo acreditar no que vejo. Dmitri de joelhos, imobilizado por uma ameaça implícita.

“Nos apresentaram fotos suas saindo das instalações—”

Meu coração dispara. Não, de jeito nenhum. Eles não podem machucá-lo por isso, muito menos matá-lo!

“Fotos não são provas admissíveis aqui”, Dmitri vocifera.

“Fotos tiradas aqui não são”, o Lorde rebate. “Estas não foram tiradas aqui.”

Meu Deus, vou vomitar.

“I-Ivan”, eu murmuro.

“Shhh”, ele me acalma. “Respire fundo.”

Ele ainda não me solta.

“Eu nunca saí deste campus sem autorização, fotos podem ser adulteradas.”

“Receio que precisarei ver alguma prova de que você não saiu ou—”

O Lorde para de falar quando o som de um motor se aproxima. Todos olham para cima, apenas para ver um avião pousando na pequena pista próxima.

O vento ao nosso redor aumenta e tira o ar dos meus pulmões quando vejo quem é o responsável. Um alívio me atinge como um soco no estômago.

Meus joelhos cedem completamente, mas Ivan me segura firme, sem me deixar cair no chão. Apollo sai do avião com ar de superioridade e vai direto para a confusão, os olhos escondidos por óculos escuros de grife. Meu irmão está aqui, graças a Deus. Ele vai resolver isso, eu sei que vai.

Ainda me mantendo pressionada contra ele, Ivan nos aproxima, mas me lembra de ficar quieta, fazendo um gesto para que eu não perceba. Nenhum dos meus outros irmãos está com ele, mas Apollo não está sozinho. Perto do avião, dois homens permanecem de guarda, enquanto outros dois seguem meu irmão mais velho.

“Moretti”, o Senhor do Império o cumprimenta cautelosamente. “Não estávamos esperando por você.”

“Eu imaginei”, responde Apolo, observando o homem. Sem lhe dirigir mais nenhuma palavra, Apolo volta sua atenção para Dmitri. “Levante-se, esta inquisição acabou.”

Meu coração dispara quando ele se levanta, gaguejando ao ver o carrasco brandir sua faca. Seu gesto ameaçador não é bem recebido, atraindo a atenção dos homens do meu irmão. “A menos que você queira dar seu último suspiro hoje”, adverte Apolo, com palavras duras e letais, “sugiro que recue.”

O olhar do Senhor se endurece sobre Apolo. “Ora, diga-me, você acha que pode aconselhar meus homens?”

“Eu tenho as suas provas”, meu irmão o informa. “E, francamente, não tenho tempo para esse teatro ridículo que você está tentando fazer. O crime do qual ele é acusado nem sequer justifica a pena de morte, e você tem um carrasco aqui? Poupe-me do drama, Will.”

Contenho as lágrimas, deixando a calma do meu irmão me envolver. Dmitri não pode ser morto por seja lá o que for isso, e é só nisso que preciso me agarrar. Ele vai ficar bem, Apollo vai garantir isso.

“Que provas você poderia ter contra mim, Moretti?”, pergunta o Lorde — cujo nome aparentemente é Will —, enfatizando o uso do nosso sobrenome. Ele sabe que seu nome é Apollo, mas está ativamente evitando usá-lo. Provavelmente como uma resposta ao uso do seu nome por Apollo. Parece que o Lorde do Império não gosta de conexões pessoais.

“Você está acusando o Sr. Morozov de entrar e sair ilegalmente do Império, mas a única prova que você tem é uma denúncia equivocada e fotos granuladas tiradas de um barco em movimento. A ausência de Dmitri das dependências da escola na data acusada foi justificada, e eu tenho a documentação para provar isso.”

“Você acha mesmo?” pergunta o Lorde, com o interesse aguçado. Ele não parece mais ressentido com a chegada de Apolo, mas quase animado com o que tem reservado para ele. Ivan disse que esse homem gosta de se divertir, e talvez não estivesse exagerando.

“Dmitri Morozov não pode ser punido por deixar as dependências na data acusada, porque saiu por um motivo aceitável.”

“Puta merda”, Ivan sussurra. Olho para trás e vejo uma luz se acender em seus olhos.

“O quê, o quê, o quê?” pergunto apressadamente, apavorada com o que ele acabou de deduzir.

“Só existem duas maneiras aceitáveis de sair sem avisar ninguém quando você é pego. Morte na família imediata, ou… droga, ele realmente vai fazer isso.”

“O quê!” exclamo, respirando com dificuldade.

“Fechamos o acordo no dia em que o acusado foi visto”, informa Apolo enigmaticamente, entregando uma pilha grossa de papéis a Will. “Essas coisas precisam ser resolvidas pessoalmente, como você bem sabe. Contratos selados com sangue e tudo mais.”

Contratos selados com sangue. O quê? Os únicos contratos selados com sangue são casamentos arranjados. Nunca estive tão grato pela genialidade de Apolo.

“Um casamento.” O Lorde ri baixinho, examinando os documentos. “Inteligente. Algum motivo para tanta pressa?”

Apolo suspira. “Por que mais alguém apressaria um casamento? Pelo amor verdadeiro e pela criação de herdeiros. Se me derem licença, meu cunhado e eu temos assuntos a tratar. Considerem esta reunião como uma demissão da minha irmã de todas as aulas futuras. A Ordem não confia mais suas mulheres à Academia Imperial. Você entende, não é, Will?”

O Lorde se enrijece, mas Apolo não lhe dá outra oportunidade para falar. Ele conduz Dmitri para longe da cena e indica a Ivan com a cabeça. Sem precisar de mais nada, Ivan me conduz também, seguindo os dois em direção ao local onde seu avião está estacionado.

Capítulo 37



Dmitri

A única razão pela qual não estou tremendo de raiva agora é porque preciso manter a calma pelo bem de Jade. Eu poderia matar William ali mesmo por tê-la assustado daquele jeito. O grito desesperado dela, com meu nome, vai ficar ecoando na minha cabeça pelo resto da minha vida. Nunca mais quero ouvir aquilo.

Antes que Ivan consiga alcançar o irmão de Jade e eu, olho-o nos olhos. "Obrigado", digo sem hesitar.

Sou um homem seguro o suficiente para reconhecer o mérito de quem o merece. Apollo usou seus contatos para saber o que ia acontecer hoje, disso eu tenho certeza. Sei que o que ele fez não foi por mim, mas não estou agradecendo por mim, estou agradecendo por Jade.

“Você tem um inimigo para enfrentar”, responde Apollo. “Não sei quem está tentando te matar, mas sei que não são as mesmas pessoas que estão tentando te separar da Jade.”

Como ele tem tanta certeza, eu não sei, mas estou inclinado a acreditar. Quem quer que esteja atrás da Jade quer separá-la da família, não quer que eu seja expulso da ilha, muito menos morto. Não acredito que Will trouxe um carrasco para tirar umas fotos suspeitas. Será que ele esperava que eu confessasse algo mais? Nem pensar.

“Tenho uma ideia”, digo, cerrando os dentes. “Isso será resolvido, mas Jade e Ivan precisam ir com você. Achamos que Kim e Bruce, ou talvez outra pessoa, estão tentando casá-la à força, deixando-a vulnerável ao afastá-la da sua família. Você precisa garantir que ela esteja sempre cercada por pessoas importantes—”

“Confie em mim, eu já sei”, ele responde arrastado, interrompendo. “Ela estará segura.”

Antes que eu possa acrescentar algo, o rosto de Jade, banhado em lágrimas, está diante de mim, e seus braços se lançam ao redor do meu pescoço. Eu a puxo para perto, acariciando a nuca dela com uma mão e envolvendo-a com o outro braço.

“Ei, shhh”, sussurro suavemente, tentando acalmá-la. “Está tudo bem, meu bem. Respire fundo, eu estou aqui com você.”

“Eu estava com m-muito medo”, ela chora, tentando me puxar para mais perto, eliminando qualquer espaço entre nós. Ela me arranharia até a alma se pudesse, e eu deixaria.

“Não temos muito tempo”, avisa o irmão dela, e eu concordo com a cabeça.

Acariciando seus cabelos, dou um beijo forte em sua testa. “Você pode me ouvir, meu amor? Lembra de como eu te ensinei a controlar suas reações, tá? Preciso que você respire.”

Tremendo, ela expira. “T-tá bom.”

“Eles não poderiam ter me machucado, eu estou bem, está tudo bem.” Droga, isso é tão difícil. “Mas eu preciso que você seja forte por mim, tá bom? Você tem que ir—”

“Não!”

“Você tem que ir com o Apollo, meu bem”, eu digo, mas ela chora ainda mais. “Eu tenho que lidar com essa ameaça, e não posso ter você comigo enquanto faço isso.”

Ela estremece e me abraça com mais força. "Não."

Droga, meu coração dispara. "Ivan irá com você, Krasotka. Você será forte, e eu irei te encontrar em breve, certo?"

"N-de jeito nenhum", ela chora, tremendo em meus braços. "Eu não vou."

"Você vai", argumento, dando outro beijo intenso no topo de sua cabeça. Meu corpo a envolve com mais força, mantendo-a perto enquanto ela tenta controlar os soluços. "Você vai, e você estará segura."

"Eu n-não quero", minha Jade protesta, agarrando-se a mim como se sua vida dependesse da nossa conexão. "Eu não posso—"

"Você pode", corrijo-a firmemente, acariciando seu rosto enrugado com as mãos e erguendo seus olhos para os meus. "Você vai."

Mais lágrimas rolam por suas bochechas, atingindo meus dedos.

“Você precisa controlar suas emoções como eu te ensinei”, digo a ela, com a voz carregada de urgência. Venho treinando Jade nas habilidades necessárias para manter a calma sob pressão há algumas semanas, e não tem sido fácil para ela, mas ela está aprendendo. “É difícil, mas preciso que você faça isso por mim.

Pelos bebês.”

Ela engasga e olha para a barriga tão rápido que quase bate a cabeça no meu queixo. “Ai, meu Deus, você acha que eles estão bem? Será que eu estou machucando eles?”

“Eles estão bem.” Eu sei que estão. “Você não está machucando eles, mas seu estresse não é bom para o desenvolvimento deles. Ivan e sua família vão te proteger, mas você precisa protegê-los. Entendeu?”

Seu aceno de cabeça é trêmulo enquanto ela solta um suspiro entrecortado.

"Eu não quero te deixar." A confissão de Jade sai num sussurro.

"Você não vai me deixar", eu a asseguro. "Haverá momentos em nossas vidas em que não poderei ter você por perto, tanto para sua segurança quanto para a minha sanidade. Se eu não soubesse que você está cem por cento segura, eu não conseguiria funcionar, entende?"

"Eu também não consigo funcionar se você não estiver segura", ela protesta, franzindo a testa enquanto suas lágrimas começam a secar.

"Desculpe, meu amor", digo, levantando seu queixo. "Mas você vai ficar bem, porque Ivan vai garantir isso."

Uma sirene de alerta soa, e eu reprimo um gemido. Se Jade souber que estou tão infeliz quanto ela com isso, só vai tornar tudo mais difícil para ela.

"Chegou a hora."

Duas palavras a fizeram me abraçar com mais força do que nunca. Jade me aperta com tanta força, tremendo contra meu corpo.

"Ivan", murmuro, segurando meu irmãozinho pelo braço. "Leve-a."

"Não", Jade choraminga.

Acalmá-la foi inútil; Ivan e Apollo terão que fazer isso de novo no avião.

"Eu te amo", prometo, puxando seu rosto para perto do meu.

Eu a beijo até que ela se derreta e então faço um sinal para Ivan intervir. Com ela relaxada e alheia a tudo, ele consegue tirar minha garota de cima de mim e colocá-la em seus braços.

"Nãoooo!", ela grita, tentando se debater em vão.

Meu irmão a segura com firmeza suficiente e nos lugares certos para proteger sua barriga, mas manter o resto do corpo no lugar. Ele se afasta sem olhar para trás, sabendo que não temos muito tempo.

Apollo me observa da lateral do avião enquanto Ivan acalma Jade, quase a embalando enquanto se aproximam da escada. Meu amor pode achar que essa separação será terrível para ela, mas não será. Ivan tem uma conexão com ela e sabe como mantê-la feliz. Ela estará segura e distraída, exatamente como eu preciso.

Com os punhos cerrados, observo Ivan e Jade desaparecerem no avião.

Assim que tenho certeza de que meu irmão a acomodou, dou um aceno para Apollo e saio correndo; antes que eu não consiga mais me afastar.

Jade

Nas primeiras horas do voo, desmaiei de sono, adormecendo em cima do Ivan enquanto ele me acalmava. Ele acariciava minhas costas, sussurrava palavras de conforto, beijava meu rosto e me assegurava que tudo ficaria bem. Eu estava exausta e sobrecarregada, sem conseguir lutar contra o cansaço.

Era como se trinta pedras estivessem me esmagando ao mesmo tempo e a única coisa que eu podia fazer era desligar o cérebro para escapar. Felizmente, dormi sem sonhos.

Quando acordo e consigo controlar minhas emoções novamente, Ivan me deixa sozinha com Apollo para que ele possa se refrescar e tomar um drinque no banheiro privativo. Ele não quer me deixar, mas eu chorei tanto na camisa dele que ficou horrível, e ele merece um momento para se trocar e se recompor. Dmitri é irmão dele, e tenho certeza de que hoje também foi um dia terrível para ele.

Sem dizer uma palavra, me aproximo da poltrona de couro macia em frente ao meu irmão mais velho e me sento, soltando um suspiro.

"Obrigada por vir me ver", digo ao meu irmão, sentindo-me um pouco envergonhada por ele ter presenciado meu desabafo.

Dou um gole na minha garrafa d'água, tentando reidratar o que derramei. Agora seria o momento perfeito para Armani vir me resgatar com um suco isotônico, mas, infelizmente, ele ainda está na Empire.

Apollo acena lentamente com a cabeça, jogando o celular de lado e me dando toda a sua atenção. "Sempre virei te buscar, Jade."

"Você salvou o Dmitri", comento, roendo as unhas. "Quer dizer, eu sei que você disse que eles não podiam matá-lo, mas para mim, parecia que eu ia vê-lo morrer."

"Eu sei", responde Apollo. "Foi por isso que eu fiz isso."

Nunca fui de fingir, e acredito que Apollo fez tudo isso por mim. Ele não tem nenhum compromisso com Dmitri, ou pelo menos, não tinha antes. Não faço ideia do que ele colocou naquele contrato de casamento, mas tenho certeza de que podemos conversar sobre isso depois.

“De qualquer forma, sou grata.”

“Lembre-se disso”, ele diz, e minhas sobrancelhas se franzem.

Preocupada, pergunto: “O que você quer dizer?”

Ignorando minha pergunta, ele faz a sua própria. “Então, você está com os dois irmãos ou não?”

Tossi ao dar o próximo gole de água, mal conseguindo segurar e engolindo com dificuldade. “O-o quê?”

“Não se faça de inocente comigo, maninha”, Apollo arrasta as palavras. “Você ficou grudada naquele homem como cola por horas.”

Meu queixo cai. “Ivan? Nós não somos... não, somos amigos.”

Ele levanta uma sobrancelha, duvidoso. “Tem certeza disso?”

“Mais do que certa”, respondo com desdém. “Nós somos apenas... próximos. Ele me faz sentir segura.”

“E Dmitri”, diz Apollo lentamente. “Ele te faz sentir segura?”

“Mais do que qualquer outra pessoa no mundo”, admito.

É meio difícil dizer, já que Apollo costumava ser a única pessoa com quem eu me sentia tão segura. Mas Dmitri é a minha pessoa. Meu marido agora, e ele me faz sentir que ninguém nunca mais poderá me machucar.

"E ele não se importa que você se apegue ao irmão dele desse jeito?"

Faço uma careta ao ouvir a descrição. "Não tem nada de romântico ou sexual nisso."

Ele pisca, cético. "Não tem nada de sexual em sentar no colo dele e deixar que ele beije seu rosto?" Eu dificilmente chamaria dormir em cima dele, em um momento de angústia, de "se apegar a ele", mas suponho que a descrição não esteja muito longe da realidade.

"Nenhum de nós fica tipo..." Eu gemo, tentando explicar. "A gente não se vê dessa forma, então não parece."

Ele dá de ombros. "Parece improvável."

“Ele nunca ficou excitado”, eu disparo. “É isso que você quer ouvir? Nós não queremos um ao outro desse jeito.”

“E isso te irrita?”

“Não, me frustra ter que me repetir e explicar coisas de relacionamento para o meu irmão. Eu não quero falar sobre o que me excita ou não.”

Seus lábios se contraem, como se ele estivesse tentando conter uma risada. “Te excita?”

“Eu não quero falar sobre o que me excita ou não, melhor assim?” Bufo, cruzando os braços. “Meu Deus, o que é que irmãos têm com conversas constrangedoras? Isso te dá algum tipo de prazer fraternal?”

Ele sorri levemente. “Não, mas te distrai durante o pouso, não é?”

O quê?

Espera.

“Caramba!”, exclamo, olhando pela janela. “Já estamos no chão? Como você __”

“Você odeia pousar”, ele comenta, simplesmente. “E desta vez, você não precisou passar por isso. De nada.”

Meus lábios ameaçam tremer e eu me levanto da cadeira só para abraçá-lo pelo pescoço. “Obrigada, Apollo.”

Ele resmunga com a força do abraço e dá dois tapinhas desajeitados nas minhas costas. “Eu só te distraí, não te dei um milhão de dólares. Nem fui gentil.”

“Você é um ótimo irmão mais velho.”

“Tá bom?”, ele responde, confuso.

“Para um cara tão legal, você pensaria que teria uma namorada.”

Ao ouvir isso, ele resmunga, se desvencilhando de mim e se levantando da cadeira. “Eu não sou nada legal e com certeza não quero uma namorada.”

“Você seria um ótimo namorado”, retruco. “Tão atencioso, e—”

“Não”, ele me interrompe.

“Não?”

“Não, não vamos falar disso. Quer que eu te ajude com o papai, ou o quê?”

Faço beicinho, mas cedo. “Você tem um plano?”

“Se eu tenho um plano?” ele resmunga, ofendido. “Já estamos na segunda fase.”

Ah. Bom.

“Qual foi a primeira fase?”

“Ligar para o papai enquanto você estivesse dormindo.”

Droga. Na verdade, não foi tão bom assim.

“O quê? O que você disse para ele?”

“O que você acha?” Ele arqueia uma sobrancelha grossa. “Eu o avisei com o que eu estava voltando para casa.”

“Você fez o quê?” Meu coração dispara. “Você disse que ia guardar segredo __”

“E eu fiz isso”, ele argumenta. “Mas entrar de cabeça sem pensar não é como essa empreitada se torna um sucesso. Dante Moretti é um homem reacionário. Dei a ele tempo para digerir, de nada. De novo.”

“Não vejo como—”

“Você não tem ideia dos rumores que ele ouviu sobre o seu tempo na Empire. Como você acha que ele reagiria ao ver seu rosto inchado e choroso enquanto você está ao lado de um estranho? Ele mataria Ivan ali mesmo na pista de decolagem antes de fazer uma única pergunta.”

“Eu duvido muito—”

“E outra coisa”, ele interrompe. “Sua vida foi ameaçada várias vezes, ele precisava ser informado disso. Ele não é apenas nosso pai—”

“Ele é nosso capo, certo, entendi”, completo, roubando suas palavras não ditas. “Obrigada, Apollo. Eu sei que você está fazendo o melhor. Só estou com medo.”

Uma única mão no meu ombro é todo o conforto que ele me oferece. "Você vai ficar bem. A segunda fase é bem simples."

Capítulo 38



Jade

Quando descemos as escadas do avião, leva dois segundos para eu entender por que Apollo ligou para nosso pai antes de aterrissarmos. Ele parece furioso mesmo com o aviso prévio, mas não deixo passar o fato de que o tio Cesar está com a arma do meu pai na cintura. Eles o desarmaram, e ele deixou. Então ele está furioso, mas não assassino. É um começo.

O sol bate tão forte em nós que levanto a mão para me proteger da luz.

Ninguém se aproxima até que papai dá um passo à frente.

Com os olhos embaçados, observo Ivan se colocar à minha frente, me separando do campo de visão do meu pai. Espio por cima do ombro dele, olhando para ele com as sobrancelhas franzidas.

Apolo suspira ao meu lado, apertando a ponte do nariz. "Isso vai ser divertido", resmunga sarcasticamente.

"É ele, então?", pergunta meu pai, com a voz carregada de fúria. Ele não se aproxima, mantendo-se firme enquanto Cássio, Elio e o tio César o flanqueiam. "Este é o russo desgraçado que desonrou minha filhinha?"

Solto um som de protesto, espiando por trás da minha barreira masculina o máximo que ele permite. "Eu não fui desonrada!"

"Tudo bem", diz meu pai, corrigindo-se. "Este é o russo desgraçado que engravidou minha filhinha?"

"Pai—" Apolo começa, mas é interrompido.

"E se for?", desafia Ivan, cerrando os dentes. "É assim que você recebe seu genro? Sua hospitalidade deixa a desejar."

Tenho que morder o lábio para conter o riso. Ivan é maluco de provocar meu

pai desse jeito, mas acho que ele não vê as coisas dessa forma. Ele confia na sua capacidade de me proteger e de se manter vivo contra qualquer um.

"Ah, então ele é magrelo e burro", brinca o tio César, virando o olhar para o meu. "Boa escolha, querida."

Antes que eu possa dizer umas boas verdades para ele, Apollo intervém.

"Este não é Dmitri Morozov, este é o irmão dele, Ivan. Ele é o guarda dela e, pelo que vi, é irritantemente bom no que faz."

"Ah, é?", a mandíbula do meu pai se contrai. "Então Dmitri é covarde demais para se juntar a nós?"

Eu amo muito meu pai, mas agora, quero chutar meu sapato e jogar nele. Como ele pode dizer essas coisas sobre alguém que ele nem conhece? Como ele não sabe o quanto é difícil para nós ficarmos separados?

"Ele não é covarde", grito, segurando as lágrimas. Já chorei tudo o que tinha para chorar. Não aguento mais soluçar. Dmitri disse que eu preciso controlar minhas emoções e o estresse pelo bem dos bebês, e eu vou tentar, com certeza.

"Ele me fez sair mais cedo por causa de uma ameaça, e ele vai resolver isso. Ele não é covarde, ele está me protegendo."

E por mais difícil que seja lidar com a ausência dele, eu sei que ele está fazendo a coisa certa.

"Para que diabos ela precisa de um guarda aqui?", pergunta Elio, ignorando o que eu disse sobre Dmitri.

“Não seria a primeira vez que uma família se voltaria contra a filha por causa de uma gravidez fora do casamento, seria?” Ivan questiona.

Todos ficam em silêncio, atônitos, e a raiva no rosto do meu pai se transforma em mágoa.

“Você está mesmo preocupada com isso, Jade?”

“Não”, respondo imediatamente. “Eu sei que você nunca me machucaria. Não é… não é sobre isso. Mas eu quero o Ivan aqui de qualquer jeito.”

Minha melhor amiga concorda firmemente com a cabeça. “Se o Dmitri não puder estar aqui, eu estarei.”

“E antes que você pergunte, aparentemente, ela não está com os dois irmãos. Ela simplesmente cuida deste como um animal de estimação, mimando-o sem nenhuma intenção nefasta, acredite se quiser.”

Quero repreendê-lo por chamar Ivan de animal de estimação, mas parece que as coisas estão começando a se acalmar e não quero estragar tudo.

"Papai?" pergunto, contornando Ivan lentamente para que ele me deixe. "Posso te dar um abraço agora?"

Seu maxilar tenso relaxa e ele abre os braços, esticando-os para os lados. "Claro, minha filhinha."

Corro até ele, pulo em seus braços e o abraço forte. "Senti tanta saudade, papai."

"Ah, ela usou a carta do 'papai'", tio César ri. "Você está perdido, Dante."

Ficamos suspensos no tempo, abraçados pelo tempo que quisermos, até que ele me coloca no chão devagar. Seus olhos se fixam na minha pequena barriga e brilham.

"O bebê está saudável?" ele pergunta, sua preocupação derretendo meu coração.

“Os dois são ótimos”, respondo, com um sorriso enorme. Só de pensar neles crescendo fortes e saudáveis lá dentro, me sinto a pessoa mais poderosa do mundo.

“Os dois?”, ele gagueja. “Apolo não disse que eram gêmeos, eu—”

“Queria dar à minha irmã pelo menos uma coisa para contar para vocês”, revela Apolo, juntando-se ao nosso grupo. “Ela queria fazer isso sozinha, mas vocês sabem, as circunstâncias.”

“Circunstâncias”, concorda papai, com um novo sinal de perigo no olhar. “Isso será resolvido em breve.”

“Seu tio merece um oi?”, pergunta César, mudando de assunto e estendendo a mão para mim.

Deixo que ele me puxe para um abraço e sorrio contra o seu peito. “Olá, tio.”

“Tudo bem, sobrinha?”, ele pergunta. “O voo foi tranquilo?”

“Eu meio que apaguei durante a maior parte do tempo”, admito. “Triste e tudo mais.”

Nosso abraço se afrouxa, e ele afasta meu cabelo do meu rosto para me olhar melhor. “Você sente falta do seu marido, é?”

Eu aceno com a cabeça, mordendo o lábio para que ele não trema.

“Bom, não podemos deixar isso acontecer, podemos?” Ele estala a língua, cutucando meu queixo para que eu o levante. “Vamos te acomodar. Tenho certeza de que Martha vai te mimar o suficiente por todos nós.”

Eu sorrio com isso. “Vocês trouxeram dois carros? Como vamos caber todos nós?”

“Vamos ficar bem”, responde Apollo por ele. “Você pode sentar no colo do seu quase-namorado.”

“Nem pensar”, resmunga meu pai.

Apollo dá de ombros. “Deveria tê-los visto no avião.”

Bem, isso foi melhor do que eu esperava. Acho.

Assim que estacionamos em casa, pego na mão do Ivan e o levo correndo para dentro, morrendo de vontade de ver a Martha e abraçá-la de novo. Ela é a pessoa mais próxima de uma avó que eu já tive, e eu a adoro. Espero que ela tenha sentido minha falta tanto quanto eu senti a dela.

A primeira coisa que vejo são seus cabelos grisalhos curtos enquanto ela está debruçada sobre o balcão da cozinha, arrumando um prato de doces.

"Martha", chamo, correndo em sua direção com um sorriso enorme. "Cheguei."

"Querida", ela responde, com os olhos brilhando de alegria. Eu a abraço carinhosamente, soltando o Ivan para fazer isso.

"Senti sua falta", digo, me afastando um pouco para que ela possa olhar para o meu rosto, como sei que ela gosta. "Você também sentiu minha falta?"

“Claro”, ela responde imediatamente. Martha me observa, sorrindo ao ver o que vê. “Veja como você cresceu, Jade. Você está apaixonada, não é? Pelo homem que te deu isso?”, pergunta ela, apontando para minha pequena barriga.

“Estou”, admito, corando. “Mal posso esperar para você conhecê-lo.”

“Este não é ele?”, pergunta ela, olhando curiosamente por cima do meu ombro para Ivan.

Rindo baixinho, estendo a mão para ele e o puxo para perto de mim.

“Martha, este é Ivan, meu amigo”, apresento-os. “Ele é irmão de Dmitri e meu guarda. Vai ficar conosco por um tempo.”

“É um prazer conhecê-la, signora”, Ivan a cumprimenta, usando um nome italiano respeitoso. Eu não pedi que ele fizesse isso, o que torna o gesto ainda mais significativo.

“E você, olha só como é bonito”, ela o elogia, sorrindo. “O que você gosta de comer, Ivan?”

“Ah, eu como qualquer coisa—” ele começa, mas Martha não dá bola.

“Quais são as comidas favoritas dele?”, ela me pergunta.

“Ele é como o Matteo, só que menos bagunceiro”, eu digo. “Ele gosta de tudo mesmo.”

Ela murmura, satisfeita com a resposta.

Sabendo que ela gosta de se superar, acrescento: “Mas se você quiser fazer algo especial para ele, ele adora morangos.”

“Você gosta de bolo de morango?”, ela pergunta, sem esperar por uma resposta. “Vamos comer de sobremesa.”

“Você não precisa—”

“Deixa ela fazer”, eu o interrompo, beliscando sua costela. “Cozinhar para nós é o jeito que a Martha demonstra o amor dela.”

“Tudo bem então”, ele diz cuidadosamente, piscando. “Obrigado, seria

ótimo.”

“E você”, ela se dirige a mim novamente. “Seu pai me mandou uma mensagem dizendo que você está esperando gêmeos! Esses bebezinhos que você tem, eles têm algum favorito?”

“Ainda não sei”, admito. “Acho que qualquer um serve por enquanto, mas eles podem ficar mais específicos em breve. Estar em casa significa mais opções. Estou esperando que o Apollo me busque para satisfazer meus desejos noturnos pelo menos algumas vezes.”

Cubro meus lábios com o dedo e compartilhamos uma risada cúmplice.

Martha aprova. “Ótimo, esse menino precisa aprender a cuidar de uma mulher. A hora dele está chegando, eu sinto.”

“Dedos cruzados”, concordo, cheia de esperança.

“O Leon está te mandando mensagem”, anuncia Elio, aparecendo de repente ao meu lado com meu celular na mão. “Deixamos ele carregado para você.”

“Obrigada”, respondo baixinho, pegando o aparelho. “Como você está?”

Ele dá de ombros. “Na mesma.”

“Senti sua falta”, digo com leveza. Elio e eu não somos tão próximos quanto poderíamos ser, mas ainda o amo e o admiro. Espero que nosso relacionamento continue a crescer.

“Também senti sua falta”, ele responde baixinho, tocando meu braço delicadamente. “Me avisa se precisar de alguma coisa?”

“Claro.”

Ele acena com a cabeça e se retira, desaparecendo de vista enquanto eu abro meu celular.

LEON

Acabei de saber de tudo. Eu teria ido se soubesse. Como você está?

EU

Estou bem.

EU

Sinto falta do Dmitri, mas estou segura e confortável. Obrigada por perguntar.

LEON

Quer que eu dê uma passada aí? Precisa de alguma coisa?

EU

Não, não. Sei que você está ocupado! Vamos nos visitar quando tudo isso acabar. Cuide da Cleo e do Bastian em casa até que tudo se resolva.

LEON

Tem certeza? O Cassio não está sendo um idiota, está?

Franzei a testa para o meu celular.

EU

Não? Por que o Cassio seria um idiota?

LEON

Jade, querida.

LEON

Você é a primeira grávida que ele vê desde a Isobel.

Meu estômago dá um nó.

EU

Espera, sério? E a Cleo e a Melani?

LEON

Ele só as viu depois dos partos.

LEON

O Cassio nem foi conhecer a Mila ainda.

Ah, Cassio.

EU

Ah :(

EU

Bem, ele não foi malvado. Ele até me abraçou.

Foi um abraço lateral rápido no carro, mas um abraço que ele iniciou, mesmo assim.

LEON

Ótimo, me avise se isso mudar.

EU

Pode deixar, irmãozão.

LEON

E a Cleo disse que você pode mandar mensagem para ela se tiver alguma dúvida ou quiser conversar.

Ela disse isso? Que legal. Não tenho falado tanto com ela quanto com a Melani, mas tenho a impressão de que ela não é tão próxima da família quanto a Melani.

EU

Talvez eu aceite a oferta dela!

Provavelmente vou precisar de toda a ajuda possível.

Capítulo 39



Jade

O jantar está… constrangedor, para dizer o mínimo.

Pelo menos pudemos trocar de roupa. Um dos guardas pegou algumas peças básicas para o Ivan — principalmente camisetas brancas e calças jeans — mas amanhã pediremos opções melhores para ele. Eu, por outro lado, voltei para minhas leggings confortáveis e suéteres folgados. Muitas das minhas roupas mais estilosas provavelmente não vão servir, mas por enquanto, essas têm bastante espaço.

Também estou feliz que o tio Cesar tenha ficado para jantar conosco, já que ele está fazendo comentários no estilo Matteo. Ele está tentando aliviar o clima o máximo possível.

“Então, além do óbvio, você aprendeu alguma coisa divertida na escola, querida?”, pergunta o tio Cesar, recebendo um olhar fulminante do meu pai. Isso não o incomoda nem um pouco.

“Muito”, respondo, feliz por falar sobre qualquer coisa que não seja minha vida amorosa. Não posso dizer o nome de Dmitri sem que todos façam cara feia. “Javier Cabrera foi meu professor de facas, e ele acha que eu poderia me dar muito bem com lâminas personalizadas. Ele acha que minhas habilidades melhorariam bastante com cabos menores, para que minhas mãos se atrapalhassem menos com as facas maiores.”

“O Herdeiro da Guarda?”, pergunta o tio César com um sorriso.

“Sim, ele é legal—”

“Ele tentou se casar com ela”, interrompe Apollo, divertido.

Reviro os olhos. “Foi o pai dele que fez o pedido, não ele.”

“O Javi não tem interesse na Jade desse jeito”, acrescenta Ivan, concordando comigo.

Apolo dá uma risadinha, girando o vinho na taça. “Você deve saber muito sobre isso, não é?”

Ivan não morde a isca, apenas olha para Apollo.

"Também fiquei muito bom em fazer crepes", relato. Havia outras coisas que praticávamos na aula, mas crepes eram a parte mais divertida. São como pequenas panquecas molengas que você pode enrolar com todo tipo de recheio. "Ah, e decidi que odeio aula de luta. Além disso, Ivan deu uma surra em um cara por falar sobre o que ele gostaria de fazer comigo, já que eu estava vulnerável depois de tomar uma bala de goma de maconha."

"O quê?", várias vozes exclamam, em tom de deboche.

“Sim”, respondo, feliz. Vou fazer minha família gostar do Ivan de um jeito ou de outro, e isso parece um bom começo. “Eu estava comendo bolo de chocolate com meus irmãos quando começou uma briga, e um cara com o dobro do tamanho dele estava sangrando no chão aos pés do Ivan. Ele o entregou para o Armani, e o Armani o fez pegar o barco de emergência para casa com a promessa de caçá-lo depois que o semestre acabasse.”

“Que se dane esperar até o semestre acabar”, Elio rosna.

“Quem é esse cara?”, meu pai pergunta, insistindo.

“Ele já está morto”, Ivan avisa a todos na mesa, me deixando boquiaberta.

Todos olham para ele enquanto ele se senta ao meu lado, mexendo casualmente no macarrão como se não tivesse acabado de nos dar essa notícia bombástica.

“Ele está?”, pergunto, boquiaberta.

“Sim”, ele relata. “Dmitri cortou a própria garganta e jogou o corpo do barco a cerca de dois quilômetros e meio da costa da ilha. Ele nadou de volta.”

Nossa, que horror.

“Ele fez isso?” pergunto, fazendo beicinho como se meu marido matar alguém fosse adorável em vez de horrível.

“Romântico”, comenta o tio, dando um gole divertido no vinho.

“Eu esperava que a hemorragia interna o matasse durante o trajeto”, acrescenta Ivan. “Não consegui chutá-lo com força suficiente para quebrar as costelas sem que os deuses enlouquecessem, mas Dmitri aguentou firme. Ele sempre aguenta.”

Antes que alguém possa transformar isso em algo ruim, decido que já chega de jantar. O prato de Ivan está vazio e estou cansada demais para ficar acordada por muito mais tempo.

“Papai, estou muito cansada”, resmungo, virando-me para ele. “Posso ir para

a cama?”

“Claro, querida”, ele diz carinhosamente. “Vamos preparar um quarto para o seu… amigo.”

“Não tem nenhum quarto vago perto do dela”, Apollo interrompe. “Ele vai querer ficar perto—”

“Não me importo muito com o que ele quer”, responde papai secamente.

“Tenho certeza de que ele sente o mesmo por você, pai”, Apollo retruca com um sorriso divertido. “Com todo o respeito, é claro.”

É uma cena bizarra ver Apollo flertando com a falta de respeito com papai.

Interrompo antes que a situação fique ainda mais constrangedora. “Não, tudo bem, Ivan vai ficar no meu quarto.”

Meu pai parece surpreso, franzindo as sobrancelhas. “Só tem uma cama lá.”

“Eu te disse que eles praticamente dormiam um em cima do outro”, comenta Apolo, com um tom monótono.

Meu pai o encara com desdém. “Duvido que você estivesse falando sério.”

“É reconfortante”, defendo, erguendo o queixo. “E ele faz o trabalho dele melhor se estivermos no mesmo quarto.”

Sinto-me como uma criança tentando convencer meus pais superprotetores a me darem a permissão para dormir na casa dela. Eles não entendem meu relacionamento com Ivan, mas tudo bem. Um dia eles vão entender.

O maxilar de Cássio se contrai. “Como ele consegue trabalhar enquanto dorme?”

“Me teste”, oferece Ivan, sem hesitar. “Quando você achar que estou dormindo profundamente, tente tocar um fio de cabelo dela, e eu arranco sua mão antes que você possa piscar.”

Cássio inclina a cabeça para o lado, os olhos semicerrados como se avaliasse uma ameaça. "Isso é um desafio?"

Ele realmente não gosta do Ivan, tem sido grosseiro com ele desde que chegamos, e eu não sei como lidar com isso. Não estou acostumada com o Cássio sendo tão protetor comigo. Quer dizer, ele é meu irmão, assim como Matteo, Apollo, Armani e todos os outros, mas não está tão presente.

Preciso pensar em como abordar o assunto com ele em breve, porque não aguento mais essa discussão. Tudo o que eu quero é paz e distrações até ter o amor da minha vida de volta. Quando Dmitri voltar para casa, ele que lide com as brigas. Tenho certeza de que ele ficaria feliz em fazer isso.

Meu guarda de confiança retribui com um sorriso cruel. "Não é um desafio, é uma garantia." Ivan lança um olhar amplo ao redor do cômodo. "Não durmo profundamente desde antes de aprender a andar e falar. Dormindo ou não, ninguém chega perto de Jade enquanto meu coração bater, é simples assim."

"Arrogante", observa Cassio. "Considerando que você tem dezoito anos e uns setenta e cinco quilos."

"Rico", retruca Ivan. "Considerando que você está mais perto dos trinta do que dos vinte e ainda acha que tamanho importa, quando a menor lâmina pode rasgar gargantas tão bem quanto uma espada, e uma 9mm mata tão facilmente quanto qualquer outra munição."

Os dois se encaram, trocando insultos. Homens são tão ríspidos uns com os outros às vezes, juro. Tipo, será que a gente pode se acalmar um pouquinho, por favor?

Contendo um suspiro de irritação, olho para o meu pai. "Podemos ir dormir agora? Foi um dia muito longo."

Meu pai olha para Ivan e para mim, relutante. "Tudo bem."

Nossa, como eu amo esses homens teimosos. Dou um beijo na bochecha do meu pai, dou boa noite para o resto da mesa e levo Ivan para o andar de cima.

Depois de escovarmos os dentes, Ivan veste uma calça de moletom e uma camiseta regata, e decidimos ligar a TV em volume baixo e ir para a cama. Já tínhamos tomado banho antes de nos trocarmos; Ivan usou o banheiro do Apollo rapidamente e eu o meu. Só nos restava tentar relaxar. Lidaríamos com o estresse do dia amanhã.

"Desculpe por tudo isso", digo nervosamente, me aconchegando debaixo das cobertas ao lado dele. "Não entendo por que eles estão tão estranhos com você."

Ivan ri baixinho, balançando a cabeça e me puxando para um abraço. Minha cabeça repousa em seu peito, seus braços me envolvendo como um cobertor quentinho.

"Eles acham que estamos transando", ele observa. "Ou pelo menos, acham que queremos."

Franzei um pouco a testa. "Não estamos, e não queremos."

“Não, mas eles não estão loucos de presumir isso. A maioria dos humanos são seres inerentemente sexuais. Amizades como a nossa não são comuns.”

Suspirando, fecho os olhos. “Que triste, não é?”

“Talvez para eles”, Ivan murmura. “Mas eu não me importo com os relacionamentos de ninguém, e eles não deveriam se importar com os meus.”

“Você acha que o Dmitri vai ficar fora por muito tempo?” Não consigo evitar perguntar.

“Não sei, Jade”, ele responde honestamente. “Vamos ter que ir um dia de cada vez. Vou fazer o meu melhor para te manter feliz, mas juro que o Dmitri vai fazer o que for preciso para voltar para você.”

“Um dia de cada vez?” Repito.

Mesmo de olhos fechados, sinto sua cabeça inclinar em um aceno de cabeça.

Acho que consigo lidar com isso.

Capítulo 40



Jade

Um dia vira dois, dois viram quatro, e quatro se transformam em sete. Sete dias sem uma palavra do Dmitri, mas, felizmente, tenho o Ivan. Ele é o melhor em me manter ocupada. Nada comigo por horas, assiste a filmes comigo e ajuda a Martha e a mim na cozinha. Não poderia ser mais grata por ele.

Como agora, ele está assistindo TV em silêncio enquanto eu decido se quero ou não acordar completamente deste cochilo da tarde. Cochilos se tornaram quase uma necessidade para mim, especialmente com dias cheios de atividades; me canso facilmente. Minha barriga também começou a crescer mais, o que me ajuda a me sentir mais satisfeita. Sem o Dmitri, gosto de saber que tenho meu Ivan e meus bebês.

Pensando que podia comer um lanche, decido começar a abrir os olhos quando uma voz me faz congelar. "Devo acreditar que você não está apaixonado pela minha filha quando a segura e a olha desse jeito?"

Fico imóvel, controlando a respiração para que ele não perceba que estou acordada. Uma conversa seria boa para Ivan e meu pai. Há um atrito óbvio entre eles, e sei que não é só porque ele é irmão do meu futuro marido. Somos muito carinhosos, e Dante Moretti não gosta de ver ninguém me tocando.

E Ivan não confia totalmente no meu pai. Ele não disse isso, mas eu sei. Ele não confia em homens de confiança nem um pouco. Com tudo o que me aconteceu no passado, ele tem receio de confiar em alguém para cuidar de mim — até mesmo da minha própria família. Eu só queria que ele percebesse que Dante sente o mesmo em relação a ele — desconfiança em nome da minha proteção.

“Ainda estamos falando disso?”, responde Ivan, mantendo a voz baixa. Ele pode achar que estou dormindo, ou pode estar me ajudando a manter o mistério. De qualquer forma, sou grata porque preciso ouvir isso.

“Você está no meu sofá com a minha filha literalmente em cima de você”, diz meu pai, sem demonstrar nenhuma emoção. “O único motivo pelo qual não estamos fazendo muito mais do que conversar é por causa dela.”

Ameaças veladas são o ganha-pão de um mafioso.

"Ser abraçada é reconfortante para Jade", responde Ivan, indiferente à insinuação de Dante. "Ela também deita a cabeça nos seus filhos, se você reparou."

"Sim", concorda ele. "Os irmãos dela."

"É isso que você quer de mim? Um título familiar? Bem, você está com sorte, já que serei irmão dela assim que o meu voltar. Tecnicamente, já sou no papel."

Quase consigo ouvir meu pai rangendo os dentes. "Você ultrapassou os limites da relação fraternal com ela, e sabe disso."

“Mas você não consegue conceber relacionamentos que não sejam familiares ou sexuais”, argumenta Ivan. “Isso é problema seu, não meu. Eu posso abraçar a Jade 24 horas por dia e nunca querer transar com ela, se é isso que você está tentando entender. Ela é do Dmitri, eu não cruzaria essa linha mesmo se quisesse.”

Sem entender nada, meu pai rosna. “Então seu irmão está te atrapalhando, é isso?”

“Pelo amor de Deus”, Ivan responde com a voz rouca. “Não, o Dmitri não está me atrapalhando. Eu morreria, mataria, faria qualquer coisa pela Jade, e não é porque estou apaixonado por ela. Estou começando a achar que toda essa família está carente de afeto se é realmente tão difícil para vocês entenderem o que é afeto além do sexo.”

Duro, mas não totalmente impreciso.

“Não acredito em você.”

Ivan solta uma risada abafada. “É, eu entendi, obrigado.”

“Não acredito em você”, Dante repete. “Porque qualquer um que reconheça o quão perfeita minha filha é, que não a queira para si, é um mentiroso. Ou—”

Contendo um suspiro, entendo o que ele deduziu.

“Ah”, meu pai diz simplesmente.

Ivan se enrijece, e eu quase acabo com essa farsa acordando só para confortá-lo e tranquilizá-lo. Dante jamais o exporia, nem mesmo para o tio César ou qualquer um dos meus irmãos. Ele me protege, mas não é um monstro. E com Nico, ele tem experiência nessa área.

“Tudo bem”, ele diz, com um tom mais leve e alegre. “Ótimo.”

“Ótimo?”, Ivan repete, perplexo.

“Ótimo”, afirma meu pai. É como se as peças do quebra-cabeça tivessem se encaixado para ele, e ele não poderia estar mais satisfeito com o resultado.

O fato de Ivan ser gay não é exatamente o motivo pelo qual não temos intimidade sexual. Há uma infinidade de razões, uma delas sendo que eu e o irmão dele somos perfeitos um para o outro. Nascemos um para o outro e não temos a menor intenção de abrir nosso relacionamento para outra pessoa. Mas eu entendo por que isso ajuda meu pai a nos compreender melhor. Não posso afirmar que, se Ivan se interessasse por mulheres, as coisas não seriam diferentes, porque eu não sei.

Dmitri provavelmente diria a mesma coisa. Minha ligação com o irmão dele é inegável, mas não adianta ficar pensando em possibilidades. Eu jamais gostaria que Ivan mudasse. Eu o adoro e o amo exatamente como ele é. Nunca terei um amigo mais próximo, e jamais sonharia que isso mudasse. Somos perfeitos assim.

Cauteloso, Ivan pergunta: "Então, chega de interrogatórios?"

Consigo ouvir o que parece ser o início de uma resposta quando Dante é interrompido.

"Temos uma atualização da Empire." É Apollo, e há um tom tenso em sua voz normalmente controlada.

Papai também ouve e imediatamente fica em alerta. "O que foi?"

"Nico e Armani estão desaparecidos."

Meu coração aperta dolorosamente atrás das minhas costelas. O-o quê?

Um silêncio ensurdecedor paira sobre nós por uma fração de segundo até que nosso pai responde. "Desaparecidos?"

"Meus contatos confirmaram, sim. Armani não compareceu a nenhum dos seus seminários e Nico não foi visto desde que partimos. O que você quer fazer?"

Com a mente a mil, abro os olhos bem a tempo de ver Ivan soltar um suspiro e beliscar a ponte do nariz. "Você não precisa fazer nada."

"Por que diabos você diria isso?", retruca meu pai, passando rapidamente da preocupação à raiva.

"Eles estão com Dmitri", explica Ivan, chocando até a mim.

Olho para Apollo, que cruza os braços em descrença, e meu pai, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

"É melhor começar a explicar antes que ele mande o tio Cesar te colocar numa cadeira de interrogatório", aconselha Apollo.

Ivan percebe que estou acordada e beija o topo da minha cabeça antes de se

levantar e passar a mão pelo rosto. "Nico e Dmitri têm uma relação profissional, e já faz anos."

"Aquele negócio fora do campus?", pergunto de repente, tentando entender o que Ivan está insinuando.

Meu pai dá um passo calculado para frente, com a intenção de intimidar. "Que negócio fora do campus?"

Ivan acena com a cabeça. "Dmitri entra e sai do Empire, e Nico vai com ele."

"Isso não é possível", argumenta Apollo.

"É sim", discorda Ivan. "Nossa família faz isso desde que o lugar foi fundado."

"É por isso que eles têm coisas para vender", concluo rapidamente. "Dmitri traz tudo." Eu não sabia que Nico ia com ele, no entanto.

Meu pai está ficando cada vez mais impaciente. "O que meu filho tem a ver com isso?"

"Como você deve saber, Nico tem uma certa inclinação para a violência. Indo com Dmitri, ele consegue dar vazão a essa inclinação ao extremo, algo que não pode fazer no campus."

Ele sai para matar pessoas, eu percebo.

Ah, Nico.

"E Armani?" pergunta Apollo. "Você está presumindo que ele está com eles."

Ivan solta uma risada amarga. "Dmitri saiu para lidar com uma ameaça contra ele — e, portanto, potencialmente contra Jade — e você acha plausível que Armani não tenha se imposto a essa missão?"

"Podemos confirmar isso?" pergunta meu pai, olhando para Apollo.

"Capo, tem alguém no portão dizendo que está aqui por Jade e Ivan", interrompe um guarda, entrando rapidamente na sala conosco.

“Quem é?” Meu pai grita.

“Diz que se chama Anatoly Petrov.”

“Anatoly!” Eu exclamo, pulando de pé. Estou prestes a correr para o portão quando Ivan me segura pela cintura.

“O quê?” Eu reclamo, me debatendo em seus braços. “Ele provavelmente sabe de alguma coisa!”

“Se for mesmo ele”, diz Ivan cautelosamente, ainda me segurando em seus braços. “Use esse seu cérebro grande e lindo para se lembrar de que existem pessoas que querem você morta, garota ansiosa.”

“Anatoly é nosso amigo”, digo ao meu pai. “Ele já me protegeu antes e eu confio nele. Se for ele, deixe-o entrar. Dmitri provavelmente o mandou.”

Há um momento de hesitação antes de Dante executar uma ordem como Capo. “Tragam-no para dentro, com cautela.”

“Sem machucá-lo”, acrescento, encarando o guarda de forma ameaçadora.

Ele acena com a cabeça em confirmação e desaparece para fora de casa.

Dirigindo-se a Ivan, meu pai pergunta: "Você confia nesse cara?"

Sua resposta é imediata e confiante. "Ele é jovem, mas é um dos nossos melhores. Já incapacitou várias pessoas simplesmente por fazerem comentários sobre Jade, sem que ela estivesse presente. Ele não representa uma ameaça para ela ou para sua família."

"Ah, eu não sabia disso", digo, sorrindo para mim mesma. "Que fofo."

"Que bom, ela também gosta desse", Apollo suspira sarcasticamente.

"Sabe, seu mau humor não precisa estar sempre presente", provoco. "É permitido tirar uma folga."

"Mas então, como você saberia que eu não sou uma impostora?"

Se Matteo estivesse aqui, ele se ofereceria para tentar arrancar o rosto dele, mas seria interrompido pelo gigante gentil até se tornar violento, sendo escoltado para a sala de estar.

"Koroleva", ouço sua voz grave cumprimentar. O sotaque russo em sua voz é tão adorável. Me lembra de quando conheci Dmitri, e ele ainda não tinha se livrado completamente do sotaque. "Que bom te ver em segurança."

"Igualmente", respondo, sorrindo.

É o Anatoly! Eu poderia ter corrido para lá sem problemas.

"O que você está fazendo aqui?", pergunta Ivan. A pergunta não é rude nem exigente, mas sim curiosa.

"Dmitri me ordenou que viesse ajudar a proteger Jade", explica Anatoly. "Ele também me enviou aqui com informações para o capo Moretti."

“Sobre meus filhos?” Papai pergunta apressadamente. Percebo que ele está se segurando para não arrancar a resposta do meu amigo aos trancos e barrancos, e sou muito grata por isso. O autocontrole que ele exerce para me manter feliz é realmente admirável.

“Da”, responde Anatoly, usando a confirmação em russo como um reflexo. “Dmitri saiu da Empire com eles, já que Nico e Armani se recusaram a deixá-lo. Eles têm uma pista e, se estiverem certos, não ficarão fora por mais de uma semana, duas no máximo.”

Uma semana! Quase grito de felicidade. Uma semana é como se não houvesse amanhã! Eu passei meses estressada com a saudade do meu homem, e ele está fazendo um trabalho impecável na missão. Meu Deus, estou tão feliz que poderia gritar!

“Remo e Matteo fizeram um acordo para assumir as aulas do Armani enquanto continuam com as deles, para que ele não seja multado e eles não percam um semestre como punição. Eles voltam para casa assim que o semestre

terminar.”

“Hum”, Apollo diz, mais perplexo do que eu jamais o vi. “Responsável e estratégico da parte deles. Tem certeza de que eles bolaram isso?”

“Seja legal”, repreendo, estreitando os olhos para ele.

“Não”, ele responde.

Mudando de assunto, sorrio para o nosso novo convidado, dando um tapinha no braço dele. “Anatoly, seu molenga, você bate em gente por mim? Eu não sabia disso.”

Juro que sinto um rubor subir pelo pescoço dele. “Não é nada demais.”

“Ele quebrou ossos”, acrescenta Ivan, dando uma risadinha. “Não precisa ser modesto, Anatoly. Agora é a hora de impressionar a família dela enquanto você tem a chance.”

Recuando, surpresa, encaro o grandalhão boquiaberta. “O que disseram que te fez quebrar ossos?”

Cautelosamente, ele olha ao redor da sala e balança a cabeça, os cabelos loiros ondulando. “Não vou repetir, Koroleva.”

“Estou mais curioso para saber como ele escapou das consequências por quebrar vários ossos no campus”, pergunta Apollo, inclinando a cabeça. “O Senhor geralmente considera tentativa de homicídio uma acusação aplicável em casos semelhantes.”

Os olhos de Anatoly alternam entre mim e Apollo e voltam para Ivan, como se ele não soubesse o que pode dizer.

Vagamente, Ivan diz: “Ele é muito bom no que faz.”

Não sei como alguém poderia não notar um cara tão grande quanto o Anatoly dando uma surra em outra pessoa, mas quem sou eu para questionar? Eu só acho fofo!

"Espere", interrompe meu pai. "O Dmitri te mandou aqui para proteger a Jade?"

"Sim", responde Anatoly, cautelosamente. "Serei o braço direito do Ivan, estarei por perto o tempo todo."

Lançando-me um olhar severo, meu pai aponta para Anatoly. "Ele não vai dormir no seu quarto, e eu juro por Deus, vou perder a cabeça se te pegar abraçado com ele no meu sofá, como você faz com esse aqui." Ele enfatiza sua afirmação gesticulando para Ivan.

Confuso, Anatoly franze as sobrancelhas grossas. "Eu jamais faria isso—"

“Pai”, resmungo, esfregando a nuca. “O Anatoly pode ter o próprio quarto e eu não fico abraçada com ele. Meu Deus, você é tão dramático.”

“Gostaria de repetir que jamais faria isso”, diz o grandalhão com firmeza. “A Jade é minha Koroleva, eu a protegerei com a minha vida, e isso é tudo.”

“Eu também sou sua amiga”, protesto, quase fazendo beicinho. Às vezes, detesto essa devoção inabalável em me manter viva. A vida do Anatoly também tem valor.

“Sou sua arma antes de ser sua amiga.”

As palavras me chocam, mas, por favor, meu irmão.

“Essa é a minha favorita”, diz Apollo, aprovando.

Não posso dizer a ele que não quero que ele seja uma arma para mim, só quero que ele seja um amigo. Dmitri não gostaria que eu dissesse nada que o fizesse me proteger menos... como se ele fosse me ouvir. Ele é leal às ordens do meu marido.

Mesmo assim, eu ficaria arrasada se Anatoly se machucasse me protegendo. Ele é tão jovem e tem tanto potencial. Depois que tudo isso acabar, espero que Dmitri o coloque em uma posição mais segura.

Com isso resolvido, meu pai estende a mão para mim.

"Jade? Posso falar com você, querida?"

Mordendo o lábio, aceno com a cabeça. "Claro." Pego sua mão e olho para Ivan. "Nos dê um minuto? Você pode ir com Apollo para ajudar Anatoly a se acomodar?"

Sei que ele não gosta de me deixar sozinha nem por um minuto, mas meu pai e eu ainda não conversamos sobre tudo desde que voltei para casa. Definitivamente, chegou a hora, mesmo que seja difícil.

Depois de uma pausa, Ivan concorda. "Tudo bem, não vamos demorar."

Eu sorrio. Sei que não vão.

Capítulo 41



Dante

Depois de levar Jade para um cômodo mais reservado da casa, sentamos um com o outro e eu simplesmente pergunto, iniciando a conversa. Há tantas coisas que quero dizer a ela, mas, acima de tudo, preciso ter certeza de que ela está bem. Falando por experiência própria, ter um filho aos dezoito anos, quanto mais gêmeos… é muita coisa para lidar. Principalmente quando se cresce sem muita infância.

"Jade, por que você não me disse que estava interessada em ter um relacionamento com Dmitri quando tudo começou?" A culpa estampada em seu rosto diante da minha pergunta a machuca, eu percebo.

"Eu queria te contar", ela diz, com a firmeza de uma promessa.

"Mas?"

"Eu nunca tinha tido uma paixão de verdade antes", ela continua, com as bochechas corando de vergonha. "Quando descobri que o Dmitri também estava interessado em mim, tudo o que eu conseguia pensar era nos meus irmãos descobrindo e estragando tudo."

Ela respira fundo e eu espero que ela continue.

"Eu não queria que eles me afastassem dele, ou pior, magoassem o primeiro cara de quem eu realmente gostava. Então começamos a nos encontrar às escondidas e, eventualmente, os segredos foram se acumulando. E aí eu engravidei; não tinha como eu te contar—"

"Ele te disse que você não podia me contar?", pergunto, tentando controlar meu tom exigente. Minha filha já passou por muito estresse na última semana e eu me recuso a piorar a situação, se puder evitar.

“Não, não”, Jade interrompe, preocupada. “Ele queria contar para todo mundo imediatamente. É que… eu estava com medo.”

Meu peito se aperta com um estalo. “De mim?”

“Pai, não”, ela sussurra, triste. “Não de você, mas de te decepcionar. Ou, sei lá.” Mexendo nas unhas, ela pensa em como quer expressar seus sentimentos. “Eu só achei que mandar um e-mail para o meu pai dizendo que engravidei na primeira vez que saí de casa, de um homem que ele nem sabe que estou namorando, seria horrível. Eu não queria que você pensasse que sou irresponsável ou que interpretasse mal o que eu dissesse e achasse que eu precisava de ajuda.”

Ela não queria que eu lesse a palavra "grávida" e pegasse um avião para buscá-la e matar o responsável. Não posso ficar brava com ela por ter um raciocínio lógico, e é isso que parece ser o caso. Minha filha é sábia além da sua idade, e eu não deveria me surpreender que ela tenha pensado em contar para o Apollo antes de me contar.

"Achei que esperar para te contar pessoalmente seria melhor, mas aí tudo ficou tão louco tão rápido, e quando me dei conta, já estava num avião com o Apollo e ele me disse que já tinha contado tudo."

Aquele garoto é responsável por quase todos os meus cabelos brancos, mas eu não poderia pedir um futuro líder melhor para esta família. Eu já sabia disso há algum tempo, mas observar a interação dele com a Jade e como ele lidou com essa situação só reforçou essa certeza. Apollo será o melhor Capo que a organização já viu, sem dúvida alguma.

"Não é o futuro que eu teria imaginado para você, se tivesse a chance", digo a ela calmamente. Seus lábios se curvam em um leve franzir de testa, e eu gostaria de poder dizer isso mais rápido. "Mas se esse homem te tratar bem e você o amar, eu não vou te impedir."

Jade solta um suspiro de alívio. "Você está dizendo isso porque estou grávida ou confiaria que eu o amaria mesmo se não houvesse bebês?"

“Seria muito mais difícil sem eles”, admito, sem querer mentir. “Mas ainda assim aceitaria sua escolha, querida.”

O sorriso dela se alarga. “Sério?”

“Ser pai, como aprendi, é dar aos filhos o máximo de oportunidades possível. O que eles fazem com o que recebem não deve ser controlado. É a sua vida, Jade. Estou aqui para garantir que você fique segura, saudável e feliz. Fora isso, não é meu papel te controlar, por mais difícil que seja.”

Minha filha assente, soltando um suspiro. “Quando cheguei aqui, o Matteo disse que você sempre quis uma menina. É verdade?”

Uma pergunta capciosa.

“Sempre amei meus filhos”, começo rapidamente. “Nunca desejei que eles fossem diferentes do que são. Mas sim, sempre esperei ter uma menina também. Filhas são uma dádiva, tanto quanto filhos.” Talvez até mais.

Seu lábio inferior se projeta, os olhos suavizando ao assimilar a informação. “Sempre quis um pai”, admite. “Costumava perguntar por você.”

“Meu bem.” Não sei o que dizer, porque como compensar quase dezoito anos de ausência? Se eu soubesse dela, teria vindo buscá-la.

Sem perguntas.

“Lembra quando conversamos sobre o meu nariz?”, ela pergunta, com um olhar culpado surgindo em seu rosto. Uma sensação horrível se espalha pelo meu estômago, como se eu soubesse o que ela vai dizer antes mesmo de ela falar. Eu simplesmente sinto que vai doer.

Eu aceno com a cabeça, tentando manter a calma.

“Desculpe por ter mentido”, ela sussurra, com a voz assombrada e oca. “Eu não tinha cinco anos, eu tinha três, uma—”

“Você não caiu”, completo por ela, sabendo que deve ser verdade, apesar de eu querer muito que não seja.

“Essa foi a primeira vez que eu realmente chorei por você”, ela sussurra. “No hospital, eu estava gritando pelo meu pai, mas a Kim só disse que eu não tinha pai, e eu bati a cabeça com muita força, então fiquei confusa.”

Ela chorou por mim. Com três anos de idade, ela estava quebrada, sangrando e assustada, e eu não pude estar lá por ela. Eu poderia enforcar aquele desgraçado por ter tocado na minha filha, e nunca vou conseguir superar isso. O tempo nos foi roubado de uma forma que não pode ser recuperada.

Mas que se dane, vou tentar com todas as minhas forças.

"Estou tão feliz por ter te conhecido", ela dispara, com lágrimas brotando em seus olhos num piscar de olhos. "A vida não tem sentido sem esta família. Você mudou tudo para mim."

Puta merda, estou prestes a chorar na frente da minha filha.

“Jade—” eu sussurro, tossindo para limpar a garganta da emoção que se aproxima. “Não houve um dia sequer desde que te encontrei em que eu não tenha pensado em como estou com raiva de mim mesmo. Eu nunca deveria ter —”

Ela funga, enxugando os olhos marejados.

“Eu deveria ter procurado sua mãe depois que nossos encontros terminaram. Eu já tinha engravidado a Alina com camisinhas antes, e não deveria ter presumido que isso nunca mais aconteceria. Você deveria ter crescido aqui. Eu deveria ter te segurado, te criado e vivido com seu riso e choro preenchendo esta casa. Eu deveria ter—”

“P-pare”, ela interrompe. “Está tudo bem, pai. Eu estou aqui agora.”

Lágrimas escorrem pela minha bochecha e eu balanço a cabeça. "Não está tudo bem, Jade. O que você passou naquela casa..." Só de pensar nisso, meu estômago dói. "Eu poderia ter evitado. Fui irresponsável e você pagou o preço."

"Não foi sua culpa", ela insiste. "Eu jamais poderia te culpar."

Já me culpo o suficiente por nós duas. "Independentemente da culpa, passarei o resto da minha vida compensando o tempo que perdi da sua."

Esta é uma promessa que jamais quebrarei. Nem mesmo a morte me impedirá de fazer minha filha feliz. Se eu partir deste mundo antes de compensar o tempo perdido, meus filhos me substituirão.

“Você já compensou tudo”, ela sussurra, recompondo-se. “Eu costumava pensar que talvez conseguisse escapar daquela cidade e construir uma vida melhor para mim. Imaginava trabalhar em uma lanchonete ganhando uma miséria e dividindo um apartamento minúsculo com uma colega de quarto. Ou, de alguma forma, conseguir uma bolsa de estudos para a faculdade.”

Essas opções não me animam, querida.

“Mas era isso que eu imaginava para mim antes de você destruir todos os meus sonhos em questão de dias. Da noite para o dia, eu tinha uma família, dinheiro, conforto e a possibilidade de viver de um jeito que eu achava que só estrelas de cinema conseguiam. Eu não tive a melhor infância, mas acredite em mim quando digo que valeu muito a pena. Eu faria tudo de novo cem vezes só para estar exatamente onde estou agora, e ainda assim valeria a pena.”

Minha filha bondosa me oferece um alívio momentâneo da minha dor constante. O que deveria ser uma tarefa impossível se torna fácil graças à minha filha caçula.

“Você é incrível, Jade”, digo com firmeza. “E se algum dia você tiver medo, vergonha ou preocupação de me contar alguma coisa, lembre-se disso. Você é incrível aos dezoito anos e grávida, e será incrível daqui a dez, vinte, trinta anos. Nada vai mudar o amor que sinto por você. Nada.”

Ela acena com a cabeça, engolindo em seco. “Estou tão feliz por termos conversado.”

“Eu também, querida”, digo, abrindo os braços. “Vem cá.”

Minhas bochechas úmidas tocam meu peito enquanto minha filha me abraça, envolvendo-me com os braços. “Você vai ser mais legal com o Ivan agora?”, ela pergunta, a voz abafada pela minha blusa.

“Estou trabalhando nisso”, respondo, falando sério. Desde que descobri que ele não está realmente tentando se aproveitar da minha filha em um momento de necessidade, tem sido mais fácil tolerar a cara dele.

“E você não vai contar para ninguém o que descobriu, né? Eu sei que você

nunca o denunciaria de propósito, mas, literalmente, ninguém sabe."

"Ele não contou para o irmão dele?", pergunto, genuinamente surpresa.

Não escondo muitas coisas do meu irmão, e meus filhos são todos iguais. É verdade que alguns têm um relacionamento mais próximo do que outros, mas cada um deles tem alguém em quem confiar.

"Mas ele te contou?"

Jade acena com a cabeça. "Ele está preocupado que Dmitri possa compartilhar algumas opiniões bem repugnantes que o bisavô deles tinha", ela me diz baixinho. "É difícil dizer a ele que não há nada com que se preocupar quando ele está tão desconfiado. Tipo, eu sei que Dmitri não é assim. Mas não cabe a mim insistir nisso; se Ivan quer ser cauteloso, é uma escolha dele."

Eu resmungo em compreensão. Muitas formas de pensar mais antigas e conservadoras não são incomuns no nosso mundo. Mas Ivan não tem nada a temer com a Máfia, e Jade sabe julgar bem as pessoas. Espero que ela esteja certa, porque se o marido dela disser uma palavra contra Nico ou Armani, eu o destruirei.

Limpando a garganta, enxuguei as palmas das mãos suadas na calça. "Encontrei algo enquanto você estava fora e não sabia se você gostaria de ver ou não."

Pensei muito se deveria ou não mencionar isso para ela. Jade ainda não se abriu completamente sobre sua infância, e eu sei que Kim era horrível com ela. A Kim que eu conhecia... Não consigo imaginá-la com um lado tão sombrio. Se não fosse pela minha própria filha me dizendo o contrário, não sei se acreditaria.

Kim era um doce. Ela era linda e engraçada, uma luz nas sombras de um período muito difícil para mim. Eu nunca tinha traído Alina, mas depois que Matteo nasceu, estávamos praticamente divorciados. Ela não queria mais filhos e, apesar das aparências, filhos eram tudo o que ela queria de mim. Alina não sentia um pingo de amor por mim, e nunca doeu tanto quanto naquela noite em que ela me disse para encontrar outra pessoa para me divertir.

Conheci Kimberly Donovan naquela noite, trabalhando em uma lanchonete 24 horas, e nosso caso durou três meses. Ela não foi um caso de uma noite só, mas também não queria ficar comigo para sempre. Eu não podia me divorciar de Alina, e ela não seria a outra. Eu nem podia culpá-la.

"O que foi?", Jade se pergunta.

"Você não precisa ver", começo com cautela. "Mas encontrei uma foto antiga minha com a Kim. Se meus cálculos estiverem certos, ela pode estar grávida de você na foto—"

"Eu quero ver", ela interrompe imediatamente.

"Ela foi horrível com você", digo em voz alta, deixando claro que não

esqueci, enquanto contenho minha raiva. “Não quero que você pense que estou mostrando isso para que você a veja de uma forma diferente, só quero te dar uma visão do passado. Se você quiser.”

“Eu quero”, ela repete firmemente. “Por favor, pai?”

“Tudo bem”, concordo, tirando um envelope gasto do bolso interno do meu casaco esportivo. Expirando fundo, abro-o com as mãos firmes, retirando uma foto de quase vinte anos atrás.

Jade se aproxima, inclinando-se para ver melhor. A foto não está tão desfocada para ser tão antiga. É só eu e Kim na lanchonete, juntas embaixo de uma placa de neon. Ela está sorrindo com o cabelo preso em um rabo de cavalo enquanto eu olho para o lado, distraída por Cesar.

Minha filha torce o nariz, apertando os olhos para ver direito.

"Era aqui que ela trabalhava—"

"Essa não é a Kim", ela declara, me interrompendo.

Minha cabeça se inclina para trás, chocada com a confiança dela. "É sim. Faz muito tempo, tenho certeza de que ela está diferente—"

"Não", Jade repete, balançando a cabeça. "Quem quer que seja, até que se parece um pouco com ela, eu acho. Mas a Kim tem um pequeno espaço entre os dentes da frente e o cabelo liso como uma tábua."

Kim nunca teve diastema, os dentes dela eram naturalmente retos. Eu nunca tinha visto o cabelo dela liso também. Sempre foi meio cacheado, como o da Jade.

"Esta é Kimberly Donovan", repito. "Você pode ver, o crachá dela diz Kim."

"Pai", ela diz com mais firmeza. "Estou te dizendo, eu nunca vi essa mulher antes."

Uma sensação ruim de desconforto me invade. "Como você disse que ela é?"

"Cabelo castanho, diastema entre os dois dentes da frente, cabelo liso na altura dos ombros, bronzeador artificial, ela tem uma pequena cicatriz no lábio onde costumava ter um piercing."

Não. Acredito.

Minha expressão deve ter mudado com a compreensão, porque Jade começa a parecer assustada.

"O que foi? No que você está pensando?"

“A Kim não te criou”, deixei as palavras escaparem, incapaz de mentir. “A Karina criou.”

“Q-quem?”

“A irmã da Kimberly”, respondi entre dentes cerrados. “Não sei como nem porquê, mas a Karina é exatamente quem você está descrevendo.”

Jade piscou, assimilando a informação.

“A Kim e a Karina não se falavam há cinco anos quando eu a conheci. Elas eram melhores amigas na infância, mas a Karina sempre teve uma inveja insaciável da Kimberly. Não sei como, já que elas são gêmeas.”

Tem tantos gêmeos na minha vida. Como isso acontece?

“Você acha que a Kim me entregou para ela?”

Duvido muito.

“Você não acha”, ela murmurou, com a expressão desanimada. “Você acha que a Karina a magoou e me levou? Ela assumiu o nome da Kim e simplesmente… me levou?”

“Esse parece o cenário mais provável, sim.”

Meu autocontrole está por um fio, mas me recuso a deixar Jade pensar que é ela quem está me perturbando. Ela não fez nada de errado, apenas foi enganada a vida inteira.

"Então, minha mãe de verdade ainda pode estar por aí, né?", ela pergunta, mordendo o lábio. "Talvez?"

"Não quero criar falsas esperanças", aviso. "Mas posso te garantir uma coisa: vou descobrir tudo para você, Jade. Não vou parar até que ela pague pelo que fez."

Vou fazer Karina desejar nunca ter nascido.

Capítulo 42



Dmitri

Se você me dissesse, há um ano, que dois filhos dos Moretti estariam me acompanhando na caçada à minha mãe, eu teria rido na sua cara. Os Morozov e os Moretti se toleram, na melhor das hipóteses. Não somos aliados, mas sabemos que a ideia de uma guerra entre nós seria prejudicial para ambas as organizações. Ser apenas uma espécie de amigo do Nico era o máximo que eu imaginava que nossa relação pudesse chegar. Agora, somos família.

Depois de colocar Jade em segurança, precisei passar uma semana no campus, usando todos os recursos disponíveis para rastrear Nina e acabar com isso de vez. Sei que ela é responsável por enviar aquelas fotos para o Senhor, e ela vai se arrepender de ter me dado sequer uma pista.

Tive que recorrer aos serviços da família do Thiago por um preço absurdamente alto, mas a essa altura, estou disposta a tudo. Inclusive a confiar em dois homens que não gostam nem um pouco de mim. Ainda tenho um hematoma no queixo de quando o Armani me deu um soco, exigindo saber onde estava a irmã dele. Se ele tivesse esperado três segundos, eu teria contado.

Nico o afastou de mim antes que o irmão pudesse fazer mais do que um soco, mas exigiu que eu falasse. Eu entendi, não sou teimosa o suficiente para fingir que não. Eles foram passar um dia nas montanhas e voltaram e a irmãzinha tinha sumido.

Matteo estava se sentindo extremamente culpado por saber da amizade dela com Ivan, e se sentiu responsável até eu começar a explicar. A irmã deles estava grávida, era minha filha, e voltou para casa. Achei que a cabeça de Armani fosse explodir quando contei que Apollo nos casou. Confessei que Jade queria muito

contar para eles, mas nunca conseguia encontrar as palavras certas ou o momento certo.

Ela adora os irmãos, mas lidar com a superproteção deles ainda não é fácil para ela. Jade cresceu sem ninguém que se importasse com ela, e ter tantas pessoas se importando tanto com ela e com a sua segurança ainda é algo novo para ela.

Assim que a poeira da revelação dos nossos segredos baixou, expliquei que iria embora depois de encontrar minha mãe. Disse a eles que sabia que ela era capaz de representar uma ameaça não só para mim, mas para todos que são importantes para mim. O clima mudou instantaneamente.

Armani e Nico se agarraram a mim, recusando-se a me deixar fazer isso sozinha. Armani ainda não gosta muito de mim, isso é óbvio, mas Nico confia em mim há anos. Bem, tanto quanto Nico Moretti confia em alguém.

Com a ajuda deles e dos Espiões de Oliveira, abandonamos a Academia do Império oito dias depois que Jade e Ivan fugiram com Apollo. Oito dias infernais sem poder me comunicar com meu maldito coração. A única coisa que me mantém de pé é saber que Ivan está com ela. Confio a vida dela a ele, sei que ele nunca me decepcionaria. Ele manterá Jade, nossos bebês e a si mesmo vivos.

Ivan e eu temos um pacto: ele não pode morrer a menos que eu esteja lá. E se eu estiver lá, não há a menor chance de ele morrer. Ivan não é um segundo filho Morozov para mim, ele é meu irmão.

Nós três rastreamos Nina em uma cidade remota nos arredores de Pittsburgh. Encontrá-la em território Moretti me dá a sensação ruim de que, mesmo estando sozinha, ela fez alguns amigos. Não há sinais físicos de que ela tenha associados, mas se Bruce ou Kim tiverem algo a ver com ela estar tão longe, na costa leste, a poucas horas de onde Jade cresceu... droga, eu nem consigo pensar nisso.

Nosso plano está indo de vento em popa até agora. Com Armani posicionado no telhado do armazém abandonado que escolhemos, ele consegue ficar de olho em qualquer problema iminente. Nico e eu, bem, estamos lá dentro com Nina, cercando-a enquanto ela está amordaçada e amarrada a uma cadeira de metal no meio da sala. Sequestrá-la foi quase fácil demais, mas não vou reclamar.

"Ela está acordando", aponta Nico, vendo seus olhos começarem a se abrir. Aplicamos um sedativo forte nela há uma hora, garantindo que teríamos bastante tempo para movê-la.

Os olhos da minha mãe passam de sonolentos e confusos para arregalados e preocupados em questão de segundos, seu medo como um pequeno prêmio para mim. É bom vê-la assustada, mesmo que isso não compense o medo que ela causou em Jade, muito menos o quanto ela machucou Anya.

"Nina", cuspo seu nome como o veneno que é. "Você se comportou mal."

Ela engasga com a fita adesiva sobre a boca, tentando falar. Não quero ouvir sua voz horrível, mas talvez seja necessário. Arrancando a fita com um estalo rápido, saboreio seu grito de dor.

"Você achou que eu não viria atrás de você?", pergunto, inclinando-me e ficando cara a cara com ela. "Eu não sou o papai, não tenho essa mesma compaixão da qual você vem se beneficiando."

"Eu n-não fiz nada—"

“Você é uma péssima mentirosa”, eu a interrompo bruscamente. “Eu já sei que foi você.”

Ela balança a cabeça rapidamente de um lado para o outro. “Foram eles, eles me disseram—”

Dessa vez, ela se interrompe, mas minha suspeita se confirma. Não preciso que ela fale por conta própria. A tortura me dará tudo o que preciso saber.

“Eu não estava tentando machucá-la”, ela tenta se justificar, sabendo que estou furiosa por ela ter chegado perto de Jade. “Eu só queria te provocar.”

Tenho que rir da audácia dela. “Não se faça de boba. Você sabe que isso é muito mais do que a sua transgressão atual. Você perdeu a sua vida quando machucou a Anya.”

Ela fez coisas muito piores do que machucá-la, mas não vou dar a ela essa satisfação nem me dar aquela dor de estômago dizendo isso. As coisas horríveis que ela planejou fazer com a minha irmãzinha e o fato de não só ter assistido, como também gravado os gritos dela para mandar para o meu pai... me dá arrepios só de pensar nisso.

Estou olhando nos olhos da pura maldade, e não vou deixar que ela tente me convencer do contrário. Não há como esconder a crueldade que a define.

“Eu a ouvi gritando por você naquela gravação que você mandou”, informo, usando toda a minha força para não começar a tremer. “Enquanto os homens que você contratou destruíam a sanidade dela por dentro, ela implorou. Ela suplicou para que a mãe a salvasse. E, por fim, implorou para que a mãe a matasse. Ela tinha quinze anos, era sua filhinha, e você riu enquanto ela implorava por eutanásia.”

Mãe, por favor, dói.

Por favor, me mate.

Por favor.

“Dmitri”, Nina soluça. “Me desculpe, eu amo a Anya, eu nunca quis—”

Ela está falando sério? Ela realmente acha que pode me manipular agora? Depois de tudo o que ela já me mostrou que fez? O olhar morto nos olhos da minha irmã provavelmente nunca vai desaparecer, e ela não está nem aí. Ela só não quer morrer, mas agora não tem escolha. A vida dela está nas minhas mãos,

e eu não tenho motivo para não acabar com ela.

"Você achou que eu imploraria como a Anya fez?", rosnei, rangendo os dentes na frente do rosto dela. "Você achou que eu não seria quem faria você implorar?"

"Eu te criei—"

"Você tentou me arruinar", retruquei. "Mães não usam seus filhos para se vingar."

Eu colo a fita adesiva de volta na boca dela para que ela cale a boca e me viro para Nico atrás de mim. "Deixe-a à beira da morte, mas lembre-se, ela é minha presa."

Brincando com uma pequena faca, o homem acena com a cabeça, um leve sorriso surgindo no canto da boca. "Os rumores sobre sua irmã são verdadeiros, então?"

"Eles não chegam nem perto da gravidade da situação", digo a ele, pronunciando as palavras com dificuldade. Nico sempre soube que algo ruim tinha acontecido com ela, mas não conversamos sobre isso. Eu não conversei com ninguém. Nem mesmo com Ivan, e ele sabe tanto quanto eu.

Um brilho letal reluz em seus olhos. "Bem, então, vamos precisar de alguns dias. Se você quer que ela sofra como merece."

"Faça o que for preciso."

Quero voltar para casa e ver minha esposa mais do que tudo, mas se Nico puder infligir a Nina ao menos uma pequena parte da dor que ela causou à minha irmãzinha, alguns dias a mais longe valerão a pena.

Capítulo 43



Dmitri

Ao entrar na mansão da Costa Leste, Jade é a primeira coisa que vejo. Ela está com meu irmão em um sofá grande e está radiante como sempre. Ivan está cobrindo seu rosto de beijos, fazendo-a rir e se contorcer; o som me revigora. Quando eles não me notam, continuo observando.

"Eu queria que você tivesse barba por fazer como o Dmitri", Jade suspira, ainda sorrindo suavemente enquanto pensa em mim. Feliz por ver que ainda estou em seus pensamentos, sorrio também.

"Eu não conseguiria deixar a barba crescer nem se tentasse", Ivan brinca, cutucando a ponta do nariz dela.

"Eu sei, eu sei", ela responde em tom de brincadeira. "Não se preocupe, eu gosto do seu rosto macio e sedoso do jeito que é. Você realmente cuida da pele comigo, ao contrário do Matteo."

Ivan bufa. "Eu também sinto falta do Dmitri, Jade. Ele vai voltar logo."

"É", ela concorda tristemente. "Logo."

"Mais cedo do que você imagina, Krasotka", digo, anunciando minha chegada e entrando na sala.

Jade se levanta do sofá num pulo, boquiaberta, me encarando.

"Meu Deus, estou sonhando de novo?"

"Se você está, eu também", responde Ivan, igualmente surpreso ao me ver.

Jade não precisa de mais provas de que isso é real. Minha garota corre em minha direção o mais rápido que pode, e eu a seguro quando ela cai em meus braços, protegendo sua barriga.

Seu corpo irradia calor enquanto ela sobe em mim, envolvendo minhas

pernas firmemente em volta da minha cintura. "Você está aqui", ela exclama, seus lábios roçando a lateral do meu pescoço.

Respiramos um ao outro, seu doce perfume me envolvendo.

"Droga, que saudade", gemo, inspirando com o nariz enterrado em seus cabelos. Um leve traço do cheiro de Ivan ainda persiste em seu odor, mas não me incomoda nem um pouco.

O alívio que sinto ao saber que ele a manteve por perto o suficiente para que seu cheiro a impregnasse é indescritível. Não confio em ninguém com ela como confio no meu irmão. Ele a manteve feliz e segura, eu sei disso, mesmo antes de receber um relatório. Posso sentir isso em seu abraço.

Minhas mãos se espalham sobre sua barriga como se fossem atraídas por ímãs. "Os bebês?"

“Felizes e saudáveis”, ela responde, sorrindo ao meu toque. “Acho que estão dormindo agora, mas vão me dar fome daqui a uma hora. A hora do lanche já virou rotina para eles.” A risada que se segue às suas palavras é contagiante.

“Que bom”, murmuro, acariciando sua barriga por cima da camiseta. “Você está dormindo?”

Ela bufa. “Ultimamente, mais durante o dia. Temos um par de corujas em casa, amor. Igual a você.”

“É mesmo?”, pergunto, ouvindo palavras que soam como música para meus ouvidos.

Assim que eu conseguir um médico, eu o farei. Preciso vê-los de novo. O jeito como o rosto da minha esposa se ilumina quando ouve os batimentos cardíacos deles é tudo para mim.

“É, eles são muito pequenos para chutar, mas eu os sinto se mexendo o tempo todo.”

“Que bom”, comento, feliz.

Enquanto meus olhos se voltam para Ivan por cima do ombro dela, Jade me cutuca nas costelas e acena para ele. Silenciosamente me dando permissão para deixá-la, vou cumprimentá-lo. Diminuindo a distância entre Ivan e eu, sinto como se tivessem se passado uma eternidade, quando na verdade foram apenas duas semanas. Meu amor e respeito por ele nunca foram tão grandes.

"Ela tem o seu cheiro", digo, observando seus olhos se arregalarem com um toque de medo.

"Dmitri, nós não... não é nada disso." Ele está preocupado, obviamente. Os dois só se aproximaram, e ele não quer que eu pense que ultrapassaram os limites. Ivan é puro demais para palavras. Claro, não acho que ele tenha ido longe demais.

"Eu sei, irmão", digo a ele, dando um tapinha nas costas dele.

"Sério", ele enfatiza. "Estou falando sério."

“Eu falo sério mesmo”, esclareço, olhando em seus olhos. “Eu sei, Ivan.”

Sempre soube que meu irmãozinho não valoriza a companhia de mulheres. Houve momentos em que considerei que talvez Jade fosse uma exceção para ele, mas essa ideia surgiu da minha admiração pela minha garota perfeita, mais do que qualquer outra coisa. Não sei por que Ivan não falou comigo sobre isso antes. Tenho lhe dado tempo para se abrir comigo, mas temo que seu silêncio seja fruto do medo, e não posso permitir que ele continue com medo se for esse o caso.

A julgar pelo movimento da sua garganta e pela preocupação em seus olhos, me arrependo de ter ficado calada por tanto tempo.

Abraçando-o com tanta força que nossos corpos se chocam, peço desculpas em silêncio. "O melhor irmão do mundo", comento baixinho, deixando o elogio entre nós dois. "Obrigado por manter minha esposa segura."

Ele pigarreia, tossindo para afastar a emoção. "Obrigado por me deixar fazer isso."

"Anatoly entregou minha mensagem aqui em segurança?"

"Sim", ele responde com naturalidade. "Ele está aqui desde então. Mal consigo fazê-lo descansar."

Dou uma risadinha. "Parece alguém que eu conheço."

Ivan bufa, não gostando de ser confrontado. "É, é. Bom, eu sou seu irmão. Eu não trabalharia tanto para você com o que você paga ao Anatoly."

Nossa, como eu senti falta do meu irmãozinho.

"Ele está ganhando mais agora." Muito mais.

“Eu suspeitava disso”, ele responde. “Você não deixaria ninguém ganhando menos do que uma boa grana protegendo a Jade, principalmente morando na mesma casa que ela.”

Com certeza. Ninguém em quem eu não confie de verdade chega perto da minha mulher.

“Nico!” ouço Jade chamar. “Armani!” ela acrescenta, gritando de animação. “Vocês chegaram!”

Quando me viro para olhá-la, ela já está abraçando os dois com força, apertando-os o máximo que consegue. Distribuindo beijos nas bochechas de ambos, ela finalmente os solta para ficar sozinha.

“Nossa”, Armani resmunga. “Você está mesmo grávida, né?”

Jade cora, tocando a barriga. “Sim, estou. Desculpem por não ter contado para vocês antes. Ou para mim mesma, sabe?”

"São gêmeos, né?" Nico pergunta, olhando para a barriga dela como se fosse algo estranho.

"São sim", ela responde, radiante.

"Eles estão com quatorze semanas agora." Ela está tão orgulhosa enquanto conta isso. Minha preciosa filha vai ser a melhor mãe do mundo. Criada num ambiente tão horrível, eu entenderia perfeitamente se isso fosse difícil para ela, mas ela parece estar se saindo muito bem.

Os dois continuam olhando para ela, absorvendo tudo. Eu os informei sobre meu casamento improvisado, mas feliz, com Jade e sua gravidez, mas não esperava que eles assimilassem a informação até verem. Parece que a realidade está finalmente se impondo para os dois.

“Quer tocar?”, pergunta ela, apontando para a barriga. “Eles não se mexem muito durante o dia, principalmente quando estou tentando dormir, então você não vai sentir nada.”

Ótimo, porque eles não vão sentir meus filhos se mexerem antes de mim.

Tentativamente, Armani acena com a cabeça e estende a mão. Nico hesita antes de fazer o mesmo. Observo, maravilhado, minha esposa apresentar seus irmãos aos nossos bebês com o maior sorriso radiante.

“Ainda não temos nomes, e não sabemos os sexos, mas…” ela para de falar, apontando para o lado esquerdo, abaixo das costelas. “O bebê A costuma ficar por aqui, e o bebê B fica aqui.” Ela aponta para o lado direito, mais perto do peito do que dos quadris.

As sobrancelhas de Armani se franzem. "Estou olhando diretamente para você e literalmente tocando sua barriga, e ainda é difícil acreditar que você está grávida."

Jade concorda com a cabeça. "Acredite em mim, você se acostuma."

"Duvido", responde Nico, retirando a mão. "Então você está feliz?"

"Muito feliz", ela confirma, aquecendo meu coração.

"Então seu marido pode continuar vivendo", informa Nico.

Que apoio convincente.

"A vida dele ainda está em discussão", ressoa uma voz mais grave.

E meu sogro entra.

Capítulo 44



Jade

“Pai, não, não é”, respondo secamente, cortando sua ameaça pela raiz.

“Está tudo bem, Krasotka”, Dmitri me tranquiliza, dando tapinhas reconfortantes em meus ombros.

“Não, não é”, insisto. “Se alguém tentar machucar o Dmitri, vou contar para a Martha, e se isso não te assustar o suficiente, eu vou embora com ele.”

Não quero ameaçar, mas preciso. Eu jamais conseguiria machucar minha família, e ir embora me destruiria. E mesmo assim, eu faria isso, pelo meu marido e pelos meus filhos.

“Jade”, pergunta meu pai, devastado.

“Eu não quero”, digo firmemente. “Eu poderia viver aqui a vida inteira e nunca querer ir embora. Mas eu vou embora se você me obrigar.”

Meu peito dói só de dizer isso, mas não vou voltar atrás.

“Ei, ei, ei”, uma voz brincalhona ressoa. “Por que você está indo embora? Eu acabei de chegar.”

O clima melhora instantaneamente quando Matteo entra na sala com ar de superioridade, seguido de perto por Remo. Um sorriso enorme se abre em meus lábios e eu solto um gritinho. “Você está aqui! Como você veio parar aqui?!” Meu irmão sorridente me encontra no meio do caminho enquanto corro até ele, me pegando no colo e me girando em um abraço.

“Senti falta do meu irmão favorito”, ele responde, sem dar muita importância a como está em casa antes do fim do semestre. Ele me coloca no chão e acena para Apollo. “Valeu pelo jato, seu idiota, uma carona do aeroporto também teria sido bem-vinda.”

“Você sabia?” Meu pai e eu perguntamos em uníssono.

Apollo dá de ombros, indiferente. “Ele pediu um voo.”

“E a formatura?” Meu pai pergunta a Matteo, parecendo preocupado.

“Não se preocupe, agora sou um mestre da negociação. Podemos ir para o próximo semestre, todos nós, se quisermos.”

Eu definitivamente não vou voltar, não com dois bebês que precisam de mim.

“Como você conseguiu isso?” Armani pergunta, surpreso como todos os outros.

“Fácil.” Matteo dá de ombros. “Levei um tiro.”

O caos se instala.

“Você levou um tiro?”

“Você está brincando comigo?”

“Cara, o quê?”

“O que diabos aconteceu?”

“Não tudo de uma vez, droga.” Matteo ri, segurando o peito. “Mas estou sentindo muito carinho, foi legal.”

“Comece a falar”, Apollo ordena.

“Nossa, vejo que você ainda não tirou essa vara do seu traseiro.” Matteo mostra o dedo do meio para ele, mas continua. “Um acidente com a arma no estande de tiro me atingiu no ombro. É só um arranhão, na verdade, e o médico de lá já me deu pontos. O coitado que estava segurando a arma ficou morrendo de medo, como se eu fosse incendiá-lo ou algo assim, mas não foi culpa dele, a arma era velha e ruim. Usei o ferimento e o que aconteceu com a Jade para nos liberar mais cedo. Nico, Remo e eu podemos ir no próximo semestre, se quisermos, sem penalidades. Armani ainda pode trabalhar lá, se quiser, e Jade está livre para voltar, mas ele não espera que isso aconteça.”

"Você está bem, né?" pergunto preocupada, olhando para o ombro coberto pela camisa dele. Não me importo de voltar para a Empire, meu irmão levou um tiro!

"Claro", ele responde com naturalidade. "Sou invencível pra caralho."

"O médico ainda vai te examinar", ordena nosso pai, sem deixar espaço para discussão.

"Tá bom, tudo bem." Matteo dispensa a pergunta com um gesto de mão. "A Martha está cozinhando? É hora do jantar e eu tô morrendo de fome." Olhando para mim, ele dá um sorriso irônico. "Aposto que minha irmãzinha também tá, já que ela tem bebês a caminho."

Com culpa, faço uma careta. "Desculpa, eu escondi isso de você. Você não tá muito bravo, tá?"

"Com a minha irmãzinha?" ele debocha. "Nunca, eu prometi a ela que sempre a apoiaria, mesmo quando ela me irritasse."

Nos abraçamos novamente e, de alguma forma, Matteo consegue reunir todos à mesa de jantar, incluindo Ivan e Anatoly. Papai ainda observa Dmitri com atenção, mas não diz nada de ruim para ele.

Ou Matteo se combinou com Martha para que o jantar estivesse pronto para nós, ou sentiu o cheiro do outro cômodo, não sei ao certo. Mas há pilhas de filé mignon, batatas, legumes e muito mais, prontos para serem devorados.

"Minha comida favorita agora é filé", digo a Dmitri, animada para saborear a suculenta carne vermelha à minha frente. "Antes eu preferia massa, mas Martha acha que os bebês estão roubando todo o meu ferro e me fazendo desejar bife para compensar."

"Roubando todo o seu ferro?", ele pergunta, preocupado.

“Não precisa se preocupar”, eu o tranquilizo. “É bem normal, e eu não fico tonta nem nada, então está se equilibrando com a alimentação.”

Ele se animou com isso. “Seu enjoo melhorou?”

“Sim”, respondo. “Graças a Deus, não tenho mais enjoos matinais.”

“Você teve enjoos matinais?”, pergunta meu pai. Agora ele é o preocupado.

“No começo”, responde Dmitri por mim. “Logo depois das primeiras seis semanas, ela vomitava quase todas as manhãs.”

“Era tão irritante”, resmungo. “Mais um incômodo do que uma dor propriamente dita, pelo menos. Mas o Dmitri tinha o Dr. Petrov de prontidão. Eu me sentia como se o Armani estivesse falando no meu ouvido todos os dias, me obrigando a me reidratar.”

Meu pai não parece estar assimilando bem o fato de não ter estado presente quando eu estava doente. Ele não parece estar lidando bem com nada disso.

"Ela poderia ter se machucado", ele rosna, apertando a faca de carne com mais força. "Em que momento você teria entrado em contato com a família dela para pedir ajuda, hein?"

"Pai", eu o repreendo, franzindo a testa. "Por favor, podemos simplesmente jantar em paz?"

Dmitri fez tudo por mim e muito mais, e eu não vou tolerar que ele seja insultado.

"Tudo bem, posso ser hospitaleiro", meu pai cede, voltando o olhar para meu marido. "Como você e minha filha se conheceram?"

Ah, que maneira terrível de conhecer Dmitri. O fator conto de fadas não tem muita relevância na nossa história.

“O desafio de comida, né?” Matteo deduz, roubando uma mordida das minhas batatas com queijo.

“Não”, responde Dmitri, balançando a cabeça. “A gente se conheceu no barco.”

Aparentemente, vamos ficar com a verdade. Ótimo!

Meu irmão engasga, parando no meio de roubar outra mordida do meu prato. “Sua danadinha”, ele acusa. “Foi lá que você foi quando estava perdida?”

“Tá bom, eu estava perdida”, me defendo, com um sorriso sem graça. “Só não estava me esforçando muito para me encontrar depois de dar de cara com o Dmitri.”

“Então é por isso que você escolheu ele para o desafio de comida? Você já tinha uma ideia de que ele poderia gostar de você.” Matteo dá um toque no meu nariz. “Inteligente, maninha.”

“Por causa da festa”, aponta Dmitri, respondendo à pergunta do meu irmão. Escondo o rosto nas mãos. Eu estava meio que torcendo para que ele não mencionasse a festa.

Parece que o segredo foi revelado.

“Festa?”, pergunta Armani, com a mandíbula tremendo.

“Ops?”, me encolho, olhando em volta nervosamente.

“Eles não sabem?”, pergunta meu marido, divertido. “Olha só você, ainda guardando segredos, Krasotka.”

“Teve uma festa?”, pergunta meu pai, já tenso de novo.

“Primeira noite”, responde Dmitri, assentindo.

“Você foi escondida para a festa da primeira noite para flertar com esse cara?”, Matteo arregala os olhos, como se não pudesse acreditar. “Sua reputação de boa moça vai por água abaixo hoje, maninha.”

“Eu não o procurei exatamente para flertar com ele. Nós nos encontramos por acaso—”

“E ela me pediu para tirar a camisa para que ela pudesse escrever em mim com o batom dela—”

“O quê!?”

O desabafo vem de Matteo, é claro.

“Me reivindicou em letras grandes, em negrito e vermelhas. Minha, bem no meu peito”, diz meu marido, orgulhoso. “A única festa no Empire que já valeu a pena.”

“Gostaria que me dessem um pouco de contexto antes que seu pai tenha um derrame e eu tenha que limpar a bagunça”, anuncia o tio Cesar.

“Era só uma brincadeira”, defendo. “Dmitri foi e tem sido um cavalheiro o tempo todo que estive com ele.”

“Cavalheiros não engravidam mulheres solteiras”, discorda meu pai.

“Bem”, resmungo, não gostando do tom dele. “Se você precisa saber, ele

tentou esperar várias vezes. Fui eu quem tomou a iniciativa—”

“Ai, que nojo”, interrompe Matteo, tapando os ouvidos. “Eu não me inscrevi para ouvir falar da minha irmã com tesão—”

Ouvem-se protestos coletivos contra a escolha de palavras dele.

“Não digam ‘com tesão’ à mesa”, interrompe Apollo, franzindo a testa.

“Isso está indo muito mal”, resmungo, passando a mão pelo rosto. “Podemos parar de me tratar como uma criança sentada na mesa dos adultos? Se o Emilio dissesse que a Melani quer transar com ele, nenhum de vocês ia surtar.”

“É, porque a Melani é gostosa, e você é nossa irmã”, aponta Matteo. “Totalmente diferente.”

Suspiro porque é, e não é.

“Que tal pularmos essa parte?”, sugiro.

“Há algo que eu gostaria de mencionar”, interrompe Dmitri, estendendo a mão para mim. “O contrato de casamento, embora genial, tem um erro.”

“Ah?”, pergunta Apolo, com um leve sorriso nos lábios. “Não tem dinheiro para isso?”

“Poder pagar?”, pergunto, franzindo o nariz. “O que tem para pagar?”

Apolo parece ofendido. “Você não achou que eu a daria a ele de graça?”

“Me dar a ele?”, questiono, ofendida com a ideia. “Você me vendeu para Dmitri?”

“É costume”, confirma meu marido, acalmando um pouco minha preocupação. “Não me importo com o dinheiro.”

“Então, qual é o erro?”, pergunta Cássio, aparentemente entediado enquanto mexe no prato. Ele mal levantou os olhos da comida durante todo o jantar.

“Por mais que eu tenha gostado de ver, você errou o nome da Jade. Ela gostaria de usar hífen. Precisa ser corrigido de Morozov para Moretti-Morozov.”

Oh, Dmitri. Meu coração dispara e eu o seguro com a mão livre, segurando-o para que não exploda do meu peito.

A maioria das pessoas à mesa troca olhares de choque. E então lá está meu Matteo.

“Uau”, ele pontua sua exclamação com um assobio. “E você está bem com isso?”

“Sim”, responde Dmitri, sem hesitar nem por um instante. “Jade viveu quase a vida inteira com o nome errado, e eu não vou tirar o nome certo dela assim que ela o encontrou.”

“Que generoso da sua parte”, afirma Cassio, ainda com um tom cauteloso.

“Não preciso de elogios por dar à minha esposa tudo o que ela quer”, responde ele secamente. “Nossos filhos terão o sobrenome dela, assim como o meu. Não há nada de difícil nisso para mim. Se minha esposa deseja honrar seus

muitos irmãos e seu pai com isso, ela terá exatamente como quiser.”

Dois “minhas esposas” em um só fôlego. Alguém me abane.

Vejo nos olhos do meu pai o momento em que eles se suavizam ao ver Dmitri. É aqui que ele decide que o homem que amo é digno de mim. Ou, pelo menos, tão digno quanto Dante Moretti jamais admitirá.

Dmitri deposita um beijo no dorso da minha mão, e eu me derreto. Sou a garota mais sortuda do mundo desde que conheci esse homem, eu juro.

Papai se levanta e, por um instante, temo que ele esteja bravo. Mas não, ele vem até mim e encosta os lábios no dorso da minha mão, me envolvendo em um abraço. "Minha doce filha", ele murmura, apertando-me com mais força. "Você me deixa tão orgulhoso todos os dias."

As palavras me envolvem e penetram fundo em meu coração. Meu pai tem orgulho de mim. Dezoito anos e grávida, casada sem a permissão dele, trazendo homens russos — estranhos — para dentro de casa, e ele ainda tem orgulho de mim.

"Eu te amo muito, papai", sussurro, segurando as lágrimas que ameaçam cair.

Ele me dá outro beijo na testa. "Eu te amo mais que a própria vida, figlia."

Leva um minuto para que papai e eu nos separemos, mas quando ele se senta novamente, um pensamento me ocorre.

“Voltando ao assunto por um minuto”, começo, pigarreando e olhando para meu irmão mais velho. “De quanto dinheiro você está extorquindo do meu marido, exatamente?”

Apolo acena com a mão, como quem diz, displicentemente. “Não precisa se preocupar, irmã. O dinheiro está sendo bem usado.”

“Como eu vou saber disso?”, pergunto, franzindo os lábios. “O que você vai fazer com ele?”

“Bem, metade já foi depositada em dois fundos fiduciários para seus primogênitos”, ele responde. “A outra metade está separada.”

Ah, irmão. “Para quê?”

Encontrando o olhar de Dmitri em vez do meu, ele diz: “É o dinheiro que vou usar para matar seu marido se ele algum dia te machucar.”

“Apolo!”, repreendo.

Qualquer protesto que eu estivesse prestes a começar é abafado pela gargalhada estrondosa do meu marido, que chega a tremer o peito. Para meu completo espanto, o resto da mesa se junta a ele. Até Apollo solta uma risadinha discreta.

"Essa piada é horrível", resmungo, cruzando os braços.

O grupo ri ainda mais alto.

"Ele não está brincando", resmunga Matteo, como se quisesse explicar como

isso poderia tornar a situação mais engraçada de alguma forma.

"Isso é ainda pior." Estreito os olhos para ele e afasto o resto do meu prato do seu alcance. "Chega de comida por rirmos de matar o Dmitri."

Matteo faz beicinho, projetando o lábio imediatamente. "Ah, qual é. É engraçado, maninha. Até seu marido acha engraçado."

“Eu tenho uma irmã”, afirma Dmitri simplesmente. “É engraçado como, por mais diferentes que sejamos, somos iguais quando se trata de proteger os nossos.” Olhando para Apollo, ele continua: “E pode ter certeza de que, se por algum motivo eu machucar a Jade, você não precisará me matar. Eu ordeno que Ivan faça isso, e ele fará.”

“Que conversa horrível para um jantar”, resmungo alto. “Podemos falar sobre bebês fofinhos ou arco-íris ou algo assim?”

“Falando em bebês”, interrompe Cassio, finalmente levantando os olhos do prato. “Onde exatamente vocês dois pretendem criar esses gêmeos Moretti-Morozov?”

“Ah, é mesmo”, comenta Matteo. “Os Morozov são da Costa Oeste, não são?”

Armani deixa cair o garfo. “Vocês vão se mudar?”

“Hum”, mordo o lábio, olhando para Dmitri. “Não tenho certeza?”

“Você não pensou nisso?”, pergunta meu pai, parecendo preocupado.

“Conversei com meu pai”, responde Dmitri, ainda calmo. Ele não está preocupado, então tento não ficar também. “Ele quer se aposentar nos próximos seis anos. Até lá, posso morar aqui e voltar quando precisar. Jade e eu ainda precisamos conversar sobre o que ela quer, mas eu falei sério sobre manter o lado Moretti dela vivo. Se ela quiser ficar nesta casa ou a poucos minutos daqui, estou disposto a fazer dar certo.”

“Podemos ficar?”, sussurro, quase incrédula.

Dmitri sorri. “Nos próximos seis anos, posso ir para onde você me indicar, Krasotka. Tudo o que você quiser, é seu.”

“Você sempre será bem-vinda aqui, querida”, acrescenta papai.

“Ivan e Dmitri também?”, pergunto, confirmando.

Ele ri baixinho. “Para você? Claro.”

“E Anatoly?”

“Quem você quiser.”

“Vou me mudar para o quarto andar com o Cassio”, anuncia Nico, revirando os olhos. “Não me inscrevi para ouvir gêmeos berrando a casa inteira no meio da noite, muito obrigado.”

Matteo bufa, jogando um pãozinho no peito de Nico. “Você já está perdendo a corrida de tio favorito, e eles nem nasceram ainda.”

“Como vou viver com essa tragédia?”, pergunta Nico, bocejando.

Não tenho certeza se gostaria de competir com nove pessoas por esse título.

Mudando de assunto, Apolo fala em seguida. “Então, aquela ameaça que você foi resolver, presumo que esteja tudo resolvido?”

O sorriso de Dmitri desaparece, mas ele acena com a cabeça. "Sim. Foi minha mãe, e sim, ela está morta." Ele diz isso com tanta naturalidade que não consigo perceber se ele está sofrendo. Mesmo assim, aperto seu antebraço, mostrando que estou aqui para ele. "Mas não foi ela quem tentou atacar a Jade; ela só queria me matar."

Há um desconforto na mesa, mas pelo menos não é um desconforto de raiva.

"Ela está morta para mim há anos, então não quero mais falar sobre ela. Ainda há a questão do Bruce e da Kim, e eu gostaria de ajudar com isso."

"Karina", corrijo baixinho.

"O que foi, meu bem?", pergunta Dmitri em voz baixa.

"Eu explico depois", digo, dando um tapinha em sua mão.

“Aceitaremos toda a ajuda possível”, diz meu pai ao meu marido, seu orgulho bem menos importante do que conseguir justiça para mim. “Podemos conversar sobre isso amanhã.”

Dou-lhe um sorriso de gratidão e, felizmente, o clima melhora enquanto todos continuamos a comer. Ainda não sei o que aconteceu com a irmãzinha do Dmitri e não vou me intrometer. Se um dia eu a conhecer, não quero que ela pense que sua história já foi contada por outros. Se Dmitri foi capaz de matar a própria mãe para vingá-la, sei que deve ter sido algo terrível. Como alguém que consegue se colocar no lugar dela, não preciso de detalhes para saber que desejo a ela tudo de bom em sua recuperação. Não importa quanto tempo leve.

Quando o jantar termina e a noite chega ao fim, ninguém questiona quando Dmitri, Ivan e eu vamos para o meu quarto dormir. Temos muita coisa para resolver, e Ivan certamente precisará de um quarto só para ele em breve, mas por esta noite, nos permitimos relaxar. Todos os horrores e dificuldades ficam em segundo plano, e simplesmente existimos juntos.

É perfeito.

Capítulo 45



Dante

Naquela noite, Dmitri Morozov deixou minha filha na cama com o irmão para vir conversar comigo, de homem para homem. Senti uma vontade imediata de lhe dar um soco, mas, pelo bem de Jade, me contive. Quando lhe ofereci uma bebida, um copo do mesmo uísque que eu já estava bebendo, ele recusou.

“Não bebo mais”, informou-me. “O cheiro incomoda Jade, então parei. Não quero que ela sinta o cheiro no meu hálito como sentia no dele.”

Quando olhei para minha bebida com uma expressão de nojo, ele balançou a cabeça. "Não pare por causa dela. Ela gosta que você não fique pisando em ovos perto dela. Eu mesmo mal gostava de beber, tomava doses para aliviar a dor mais do que qualquer outra coisa. Mas se você gosta, não pare. Jade se sente forte quando você a trata como ela é. Como se ela não precisasse ser mimada."

Infelizmente para o meu desejo de odiá-lo, Dmitri tornou isso impossível. Ele ama minha filha do jeito que ela merece, mesmo que ela seja perfeita demais para que alguém a mereça.

Conversamos por horas, falando sobre a mãe dele e a Jade. Depois de entrar em contato com o pai dele, planejamos com vários aliados, avisando a todos. Eu sabia que levaria um tempo, mas ter ajuda extra foi bom. Quando se trata de proteger seus filhos, você faz tudo o que for preciso.

Conforme os dias e, eventualmente, as semanas foram passando, meu desprezo por Dmitri praticamente desapareceu por completo. O jeito como ele faz minha filha rir e sorrir, o jeito como ele a ama... é simplesmente lindo.

Duas semanas atrás, foi ele quem me convidou para o ultrassom, ganhando um enorme sorriso de gratidão da minha filha e ainda mais do meu respeito.

Procurar por Karina e Bruce tem sido como procurar uma agulha num palheiro, mas depois de quase um mês de espera, talvez tenhamos uma pista. Estou procurando por Dmitri para lhe contar isso quando ouço vozes na cozinha. Vozes baixas.

"Shhh", a voz feminina sussurra. "Está tudo bem, podemos ficar quietos."

"Jade—"

Meu peito aperta ao ouvir o nome da minha filha sair da boca dele.

Um gemido de reclamação escapa de Jade. "Dmitri, por favor, você está me matando."

No corredor, dou alguns passos em silêncio, e seus corpos aparecem à vista. Jade está diante de Dmitri, que se encosta no balcão da cozinha, olhando para ela.

"Eu já te disse, Krasotka, em breve", ele a tranquiliza. "Não aqui."

Fazendo beicinho, ela bate o pé levemente, frustrada. "Sim, aqui", argumenta minha filha. "Esta casa também é minha. Ninguém espera que a gente não..."

"Não se trata de expectativas, mas sim de respeito", diz ele suavemente.

"Dmitri, eu não dou a mínima para respeito", ela cospe as palavras, e eu me encolho quando suas mãos alcançam o cinto dele. "Estou grávida e preciso disso, não posso ter?"

Ou vou embora ou me anuncio, só não sei o que é pior. É perturbador ver isso, para dizer o mínimo. Mas estou presa à palavra respeito. Será que ele está mesmo mantendo as mãos longe da Jade só porque está debaixo do meu teto? Parece que todo dia Dmitri me dá mais um motivo para gostar dele, e eu não sei como impedir isso.

Dmitri pega as mãos dela, puxando-as suavemente para fora do cinto e levando-as até a boca. Ele beija as palmas das mãos dela e as segura. "Quer ir a algum lugar, Krasotka? Podemos sair e eu posso cuidar de você em um hotel—"

"Não", ela sibila. "Eu não quero transar em um hotel, eu quero que você me foda aqui mesmo—"

Não, não, de jeito nenhum.

Não aguento mais ouvir isso.

Mandando mensagens rapidinho, escrevo para ela.

> EU
>
> Estou prestes a sair com seus irmãos por algumas horas. Você se importa se o Dmitri e o Ivan ficarem aqui?

Será que eu quero deixar minha filha sozinha em casa para transar com esse cara? Claro que não. Mas, aparentemente, as opções são: ou eu dou um tempo a sós para eles, ou minha filha dá uma bronca nele por não dar a ela o que ela quer.

Sou um homem que gerou dez filhos, então tenho uma noção única de como os hormônios da gravidez podem afetar as mulheres. Consigo entender, mas mesmo assim nunca mais quero presenciar isso.

Ouço o celular dela tocar e ela bufar enquanto pega o aparelho.

"Ah, graças a Deus", ela geme, lendo a mensagem. Ela digita uma resposta rápida antes de mostrar a tela para ele. "Podemos ir para o meu quarto agora?"

Os lábios dele se contraem enquanto lê a mensagem, e eu já estou saindo antes que ele possa beijá-la. A mensagem dela aparece silenciosamente na minha tela segundos depois.

> JADE
>
> Ok, divirta-se! Ou seja durona e assustadora, o que for mais apropriado.

Suspirando, reúno todos os meus filhos e os obrigo a sair de casa comigo.

Capítulo 46



Dmitri

Minha esposa sobe as escadas correndo, me puxando atrás dela como se não estivesse quase no segundo trimestre de gravidez. Sua alegria me causa um pouco de culpa, mas negar sexo nesta casa tem sido extremamente necessário. Embora seu pai e irmãos possam ter começado a gostar de mim nas últimas semanas desde que cheguei, eu poderia arruinar tudo isso submetendo-os ao som da minha esposa em êxtase.

É claro que não consegui resistir completamente ao seu toque. Seria praticamente impossível. Ela me pede sexo desde o minuto em que cheguei. Implorando silenciosamente com os olhos, implorando de fato com os lábios. Tem sido um verdadeiro teste de força, resistir a ela e dar-lhe algo para aliviar seus hormônios e acalmá-la.

Tenho a dedilhado diariamente, mantendo-a quieta no chuveiro ou abafando seus gemidos cobrindo sua boca com a mão. Não consegui lhe dar minha boca ou meu pau, por mais que ela tenha implorado. Não há como mantê-la quieta com nenhum dos dois, e não tem sido difícil apenas para ela. Eu a desejo desde o segundo em que cheguei.

Ela é absolutamente deslumbrante, como sempre foi, mas ainda mais agora. Ela está gerando meus filhos, e seu corpo está mudando de uma forma belíssima. Seu rosto está radiante, seus seios estão fartos, suas bochechas sempre têm um tom rosado, e seus quadris estão mais proeminentes de um jeito que me fascina.

Nos tocamos constantemente, acariciando e apertando. Ela com meus braços, peito e ombros. Eu com os braços, rosto, quadris e bunda dela. Temos brincado de sedução, e claramente chegamos ao clímax. Jade estava a segundos de tirar

meu pau para fora na cozinha da casa da família dela, e eu não podia deixar que nos pegassem lá. Eu estava prestes a levá-la para a casa da piscina e finalmente ceder lá.

Ao menos os jardineiros cortando a grama criariam algum tipo de barreira para os nossos sons, mas não seria o que minha esposa merece. Um hotel nos daria a cama e a privacidade, mas eu entendo por que ela prefere ficar aqui.

Esta é a casa dela, e se ela quer que eu cuide da sua bucetinha carente na própria cama dela enquanto a família está fora, eu posso dar isso a ela. Não acredito tão facilmente que todos os irmãos dela, o pai e o tio tenham simplesmente decidido sair por algumas horas. Mesmo assim, não vou questionar. Não quando ela esperou tanto por mim e finalmente teve uma oportunidade para conseguir exatamente o que quer.

Minha esposa quer transar, e eu estou mais do que disposto a proporcionar isso.

“Calma, Krasotka”, eu a encorajo enquanto chegamos ao topo da escada. “Temos tempo.”

“De jeito nenhum”, ela retruca, me empurrando para a porta do quarto dela. “Não vou perder um segundo. Quero tudo, e para tudo, precisamos de tempo.”

Minha esposa me empurra para dentro do seu quarto familiar, batendo a porta atrás de nós e trancando-a por precaução. Uma porta trancada não teria sido garantia suficiente para mim antes, mas o fato de o próprio pai dela ter mandado uma mensagem dizendo que todos estavam saindo, é o bastante.

“Por que você ainda está de calças?”, ela faz beicinho, olhando para a minha parte de baixo com decepção.

“Jade—”

“Ah, não”, ela me interrompe, balançando a cabeça e estreitando os olhos. “Não me chame de Jade; você leu a mensagem, é hora de ir, mocinho.”

Tenho que conter o riso. Hora de ir.

“Meu bem”, corrijo, acariciando seu rosto. “Calma, minha garota gananciosa. Você sabe que eu vou cuidar de você, respire fundo, meu amor.”

Trêmula, ela inspira e expira.

“Mais uma, Krasotka”, instruo. “Mostre que está pronta para mim.”

Como lhe foi dito, Jade inspira profundamente, expirando com mais controle do que da última vez.

“Essa é uma boa esposa”, elogio, observando-a estremecer antes de selar meus lábios nos dela. Ela geme com o contato, as mãos trêmulas agarrando minha camisa em busca de firmeza. Deslizo uma das mãos para sua lombar, usando a alavanca para puxá-la contra mim, fazendo-a arfar. “Você sabe o que eu vou fazer com você, meu bem?”

“Me foder”, ela sussurra, ofegante, os olhos inundados de desejo.

Eu balanço a cabeça negativamente e ela geme.

"Primeiro, vou devorar sua buceta doce e molhada", informo, conduzindo-a de costas até a cama. "Vou me fartar, lambendo você até você gozar em todo o meu rosto. E então, minha querida esposa, vou te foder até você implorar que não aguenta mais. Alguma objeção?"

"Não", ela responde apressadamente, quase gritando a palavra.

Minha esposa está tão faminta que não posso fazê-la esperar muito mais.

Sem aviso prévio, puxo as pontas do vestido dela com as mãos, tirando-o e jogando-o para o lado. Seu peito está nu, os mamilos já rígidos, eretos para mim. Ela tem dispensado o sutiã ultimamente, alegando ser sensível demais para o tecido apertado em volta dos seios. Claro que não reclamei.

"Tire essa calcinha para mim, Krasotka", ordeno, acariciando seus seios com as duas mãos. São macios, mas pesados, e tão apetitosos quanto o resto dela.

Minha cabeça se inclina para baixo, arqueando as costas para levar minha boca ao seu peito. Jade se livra da calcinha enquanto fecho meus lábios em torno de seu mamilo rosado e arrebitado. Suas costelas se expandem com um suspiro, a boca se abrindo em um "O" largo.

"Mmm", gemo enquanto ela geme.

Precisando provar os dois, mudo para o outro seio dela, sugando a ponta para dentro da minha boca. Minha língua gira em torno dele enquanto meu polegar massageia o outro, e Jade se contorce até que sua calcinha caia no chão aos nossos pés.

Ainda provocando seus mamilos, meus braços envolvem a parte de trás de suas pernas, levantando-a do chão e caindo com ela na cama. Suas costas se chocam contra o colchão, os cabelos escuros caindo sobre seu peito e braços. Estar entre suas pernas faz com que o calor de sua intimidade pressione o volume em minhas calças, me fazendo gemer.

"Suas roupas", ela protesta, tentando puxar minha camisa para fora dos meus ombros.

"Você quer me ver?", pergunto, sentando-me sobre os calcanhares para tirar meu cinto.

"Uhum", ela murmura.

“Minha esposa linda e gananciosa”, digo, olhando para ela estendida embaixo de mim. Seus joelhos estão abertos, sem pudor em expor a buceta molhada que tem entre as coxas.

Tiro minha camisa sem esforço, jogando-a para fora da cama, junto com o cinto. Se eu tirar meu pau agora, ela não vai conseguir parar de pensar nele, então não tiro. Eu não estava mentindo sobre sentir falta do gosto dela, e não

posso tê-la no meu pau até que meu paladar esteja encharcado de gozo dela.

Distraindo-a para que ela não pense na minha calça, distribuo beijos ardentes por toda a sua perna, provocando-a ainda mais quando chego à parte interna da coxa. O cheiro da excitação dela é como uma droga irresistível.

Sem aviso prévio, deslizo minha língua por suas dobras macias, roçando-a e lambendo sua vagina. Seus quadris se arqueiam para fora da cama, e ela geme com apenas uma lambida.

"Viu por que você teve que esperar por isso, meu bem? Você é tão receptiva, eu nunca conseguiria fazer isso com sua família em casa." Para reforçar ainda mais meu ponto, pressiono um beijo profundo bem em seu clitóris e provoco seu centro com meu dedo indicador.

"Ahhh", ela geme, se pressionando com mais força contra minha boca. "Mais, mais, mais", ela implora, desesperada para chegar ao orgasmo, mas nós apenas começamos.

Enfiando um dedo grosso em seu orifício apertado, sorrio enquanto ela arfa. Minha língua gira em torno de sua carne sensível, provocando e atormentando o ponto que a enlouquece. Acelero o ritmo dos meus dedos, deslizando um segundo para dentro e bombeando para dentro e para fora. Meus dedos se curvam e deslizam pelas paredes macias e esponjosas, estimulando ainda mais os nervos enquanto trabalho. Os gemidos e suspiros de Jade ficam mais altos, e ela enfia a mão no meu cabelo, agarrando com força para me manter aqui. Como se eu fosse deixar meu lugar favorito por vontade própria.

"Dmitri", ela ofega, começando a se esfregar contra minha língua. "T-tão perto."

A vagina dela aperta meus dedos como um torno, tentando me espremer com tanta força que não consigo tirá-los. A pele dela fica cada vez mais quente a cada lambida.

"Eu sei, Krasotka", murmuro, mal levantando meus lábios dos dela para falar. "Eu sei que você está quase lá, meu bem. Eu consigo sentir o gosto."

"Ai meu Deus!", ela grita, batendo com a mão livre no colchão e puxando o cobertor com força, formando um punho trêmulo. "Porra, eu te amo tanto", ela balbucia, prestes a ter um orgasmo. "Você cuida tão bem da minha vagina... ai meu Deus..."

Eu chupo o clitóris dela, fazendo-a gritar e jogar a cabeça para trás, se esfregando contra mim a cada onda de prazer. Suas paredes pulsam ao redor dos meus dedos, o gozo inundando-os enquanto ela perde completamente o controle. Proporcioná-la até o último segundo do clímax é uma das minhas partes favoritas, assim como a maneira como ela implora e suplica sem dizer uma palavra, movendo os quadris e respirando tão ofegantemente que suas costelas

tremem.

Quando sua respiração ofegante se torna mais suave e seus movimentos cessam, eu me afasto lentamente. Sem querer desperdiçar uma gota sequer do seu néctar, chupo meus dedos entre os lábios, saboreando seu gosto com um sorriso satisfeito. A luxúria ainda persiste em seus olhos enquanto ela me observa, mas a urgência se foi.

“Eu também te amo, meu bem”, digo a ela, sem esquecer o jeito como ela gritou essa declaração. “Você foi tão bom para mim.”

“Eu tento”, ela ofega, tentando fazer uma piada.

Eu sei que ela já se sente melhor e provavelmente poderia ficar satisfeita por mais alguns dias só com aquele orgasmo. Mas não é o suficiente.

Minha esposa precisa de pau.

“Você se sente melhor, amor?”, pergunto, procurando o botão da minha calça. “Ou precisa de mais?”

“Mais”, ela responde imediatamente, os olhos fixos no volume na minha calça.

“É mesmo?”, provoco, abaixando o zíper. Inclinando-me, meus lábios roçam seu monte de Vênus. “Você precisa da minha boca de novo, meu bem?”

Seu clitóris ainda está tão sensível que, quando sopro nele, arrepios percorrem seus braços, pequenas bolinhas decorando sua pele pálida.

“Seu pau”, ela corrige, balançando a cabeça. “Por favor, Dmitri?”

“Minha esposa tão educada, usando seus bons modos”, elogio, levantando-me para tirar as roupas que ainda me restavam. Só consigo provocá-la até certo ponto antes de começar a me provocar também.

Todo o interesse fora do meu pau desaparece assim que ele sai, e seus olhos me devoram.

Dou duas estocadas lentas, circulando a ponta no final de cada uma. Os olhos de Jade escurecem com o movimento, e ela lambe os lábios. “É meu”, diz ela firmemente, com ciúmes da mão que me envolve.

“É sim”, concordo, voltando para a cama e me ajoelhando entre suas pernas. “Tudo em mim é seu, Jade. Cada pedacinho de mim.”

Quando me inclino para beijá-la, ela retribui o beijo com fervor, sem se importar com o gosto que ainda persiste na minha boca. Jade desliza os dedos pelo meu peito, alcançando até envolvê-los completamente.

"Quero ajudar a colocar", ela sussurra, com as pupilas dilatadas.

Meu membro rígido se contrai em seu aperto, e eu gemo.

"É mesmo?", pergunto, começando a beijar seu queixo.

"Adoro segurá-lo", ela responde. "É tão quente e pesado, macio, mas tão firme."

"Porra, você é preciosa", murmuro, beijando-a mais uma vez. "Guia para dentro, Krasotka."

Jade retribui o beijo, movendo meu pênis para onde ela mais precisa. Ela arrasta a glande entre os lábios da sua vagina, desenhando um círculo ao redor do clitóris com a ponta.

“Boa garota”, eu a encorajo, deixando seus lábios acariciarem sua garganta com beijos.

Ela não prolonga a provocação, me guiando para baixo até que eu esteja encaixado em sua entrada. Minha esposa solta meus dedos, envolvendo meu bíceps com eles.

“Por favor, Dmitri”, ela implora docemente. “Preciso de você dentro.”

Não há necessidade de implorar neste momento, embora ouvir a palavra “por favor” em seus lábios me dê uma onda de prazer que percorre meus testículos.

Já esperamos o suficiente, nada pode me impedir agora.

Uma estocada, e estou enterrado até a metade em seu calor mais doce.

Duas estocadas, e estou completamente dentro dela, jurando nunca mais ficar tanto tempo sem ela.

Capítulo 47



Jade

Doce, doce alívio.

Sentir meu marido me preencher é exatamente o que eu precisava. Toda a minha vontade dele, que vinha crescendo há dias, finalmente está se dissipando. O fogo percorre minhas veias a cada estocada lenta, enquanto ele se acomoda dentro de mim. Ele nos aquece, me esticando suavemente ao seu redor.

Mesmo com o ritmo lento, já estou embriagada por ele.

"Tão bom", gemo, soltando um longo suspiro.

"É mesmo?", ele responde arrastado, com os olhos famintos me devorando de cima. "Essa sua boceta dolorida finalmente está sendo satisfeita, meu bem?"

"Mmm, porra", concordo, assentindo.

Dmitri não tem pressa, penetrando e recuando com movimentos longos e precisos. Minhas paredes protestam a cada vez que ele sai, tentando retê-lo com contrações fortes. Ele adora isso, recuando ainda mais devagar só para sentir o puxão.

"Olha só para você", diz ele, levantando uma das minhas pernas pela coxa e trazendo-a mais para o lado, me abrindo ainda mais para ter uma visão melhor. "Tão linda."

O elogio é como um toque direto no meu clitóris, uma onda de calor percorrendo todo o meu corpo. Minhas bochechas devem estar vermelhas como sangue enquanto solto um gemido abafado.

“Gosta disso, esposa?” ele pergunta, movendo os quadris para a frente com mais força do que antes. “Gosta quando eu digo como você fica linda deitada de costas, com as pernas bem abertas, enquanto eu enfio meu pau nessa sua

bucetinha gostosa?”

Eu aceno com a cabeça ansiosamente, ofegando enquanto ele acelera o ritmo. “Você sabe que sim.”

“Isso mesmo”, ele concorda. “Eu sei exatamente do que você precisa, meu amor.”

Um prazer quase cegante percorre minha espinha enquanto ele se inclina mais para a frente, colocando a pélvis diretamente contra meu clitóris a cada nova estocada. Dmitri me penetra com mais força e velocidade, me deixando louca. Ele não está mais prolongando cada momento e agora partiu para a coisa realmente intensa.

É impossível esconder os sons ou abafar meus gemidos. Ele obtém reações cruas e sem filtros a cada movimento. Minhas mãos sobem e se agarram ao seu peito, precisando da estabilidade do meu toque.

"Porra", Dmitri pragueja, apertando minhas laterais com mais força. "Você é tão gostosa, Krasotka."

"Dmitri", eu gemo, apertando seu peito com mais força, minhas unhas cravando suavemente em sua pele. "Não pare, por favor, não pare—"

"Shhh", ele sussurra, continuando a mover os quadris. "Eu não vou parar, meu bem."

Continuamos por tanto tempo que o tempo parece se esvair ao nosso redor, como um conceito inventado, sem absolutamente nenhum propósito ou impacto em nossas vidas. Somos apenas eu e ele. Dmitri e eu, dois corpos e duas almas entrelaçadas, adorando um ao outro.

Quando terminamos, meus membros parecem minhocas de goma prestes a se desprenderem. Tudo está deliciosamente dolorido, e meu marido não hesita em cuidar de mim.

Dmitri me carrega no colo até o chuveiro, entrando sob o jato quente enquanto ainda estou em seus braços. O sêmen escorre pelas minhas coxas, pingando lentamente enquanto ele me levanta, me apoiando com seus braços fortes.

"Apoie-se em mim se precisar, Krasotka", ele instrui suavemente. "Eu estou aqui com você, Jade." Aceito o convite com gratidão, encostando a cabeça em seu peito enquanto a chuva suave cai sobre nós e ao nosso redor.

"Como você não está exausto?", pergunto, bocejando. "Você fez a maior parte do trabalho, e eu me sinto como se tivesse corrido onze quilômetros."

“Só sete?” ele provoca, beijando meu pescoço docemente.

Eu estremeço, mas balanço a cabeça. “Eu não aguentaria nem mais um quarto de milha, então nem pense nisso”, aviso, beijando seu peito em resposta.

Ele ri baixinho e pega um frasco enquanto me mantém aconchegada contra

ele. Dmitri começa a ensaboar o corpo, enchendo o chuveiro com um ar quente e cítrico com aroma de baunilha. Assim que suas mãos começam a massagear meus braços, eu me aconchego ainda mais contra ele. É tão bom — tão incrivelmente relaxante — que eu poderia dormir assim.

“Guarde esses gemidos para você, meu bem”, ele murmura, continuando a me lavar, suas mãos descendo para massagear minha barriga em seguida. “A menos que você queira mais uma rodada, afinal?”

Meu estômago se revira e eu gemo pateticamente. "Não me tente, marido. Mal consigo manter os olhos abertos, quanto mais as pernas."

Seu pau endurece e se contrai contra minha lateral. "Me chame de seu marido de novo e eu abro suas pernas para você", ele diz, a voz carregada de desejo. "Não tenho problema nenhum em te foder aqui mesmo, nos meus braços, esposa."

Ai, meu Deus.

Minhas coxas tremem e, de repente, não me sinto mais tão cansada nem tão dolorida.

"Dmitri?", pergunto, a voz tremendo um pouco.

"Sim, Krasotka?"

Meus dedos brincam com os pelos do peito dele, girando-os antes de descerem pela barriga. "Preciso do meu marido", sussurro, envolvendo meus dedos na grossa haste do seu pau duro para enfatizar minha afirmação.

Num movimento rápido, ele me levanta, passando os braços pela parte de trás das minhas coxas, me puxando para cima até a altura dos meus olhos, e pressiona meus lábios num beijo apaixonado.

Seu pênis roça na minha vagina, provocando meu clitóris com fricção enquanto atacamos a boca um do outro. Nossas línguas se entrelaçam com uma delicadeza desordenada, deslizando ousadamente para dentro e para fora dos lábios ávidos enquanto Dmitri me prende contra a parede de azulejos. Mantendo-me suspensa com pouco esforço, ele usa a parede como apoio para alcançar uma das mãos.

Ele toca a cabeça do pênis no meu clitóris, observando-o como eu.

"Uma boa menina para o seu marido", ele sussurra, provocando-me com outro toque. "Quer outra transa, querida? Uma bem gostosa e intensa?"

Algo na demonstração de força dele me deixa molhada, e não só com o sêmen que ainda resta. Cada toque dele é como eletricidade percorrendo minhas veias. Sempre amei o tamanho do Dmitri e a sensação de estar perto dele. Mas o jeito como ele me levanta e controla cada grama do meu peso me dá vontade de me ajoelhar e mostrar o quanto o amo.

Posso chupar o pau dele quando quiser, é um processo bem mais silencioso

da minha parte, e o Dmitri consegue controlar as reações muito melhor do que eu. Então, por mais que eu queira oferecer minha boca para ele foder, precisamos aproveitar bem esse tempo.

“Sim, eu quero outro.” Só de me ouvir dizer isso, sinto um aperto no vazio, tão vazia e pronta para ele. “Você é tão gostoso na minha buceta, Dmitri”, digo, lambendo seu lábio inferior só para sentir o gosto dele de novo. “Já estou com saudades.”

Seus olhos profundos me encaram com um calor que me queima.

“Perfeito pra caralho”, ele murmura, abaixando seu pau grosso para encontrar minha entrada. “Você, minha linda esposa, nasceu pra mim.”

Sem hesitar um segundo a mais, ele penetra fundo, enfiando cada centímetro do seu comprimento na minha vagina ansiosa. O ângulo é tão preciso que a água escorre dele e dança até meu clitóris, provocando o botão sensível e inchado. A combinação é suficiente para me fazer gritar. Com a voz embargada pelo som, inclino-me para a frente, cravando meus dentes no músculo denso do seu ombro.

Não há um começo lento como antes, apenas estocadas fortes e profundas que fazem gemidos abafados vibrarem contra meus lábios e sua pele.

Não sei quanto tempo ele demora, o suficiente para eu gozar gritando pelo menos duas vezes. Quando ele goza dentro de mim de novo, sei que não consigo aguentar outra rodada. Vou praticamente entrar em coma de prazer se fizermos isso. Então Dmitri nos lava, me mimando ao cuidar também do meu cabelo. Ele ensaboa e condiciona, tomando cuidado com os nós que encontra.

Quando saímos, ele me seca com a toalha também, distribuindo beijos pelo meu corpo enquanto seca. Ficar nua com ele é uma tentação enorme, mas, pela primeira vez, consigo resistir.

Enquanto ele seca meu cabelo, uma batida suave ressoa na porta do banheiro.

"Se vocês ainda não terminaram, é hora de parar. Os carros estão começando a voltar para a garagem." É o Ivan.

Meu Deus, eu tinha me esquecido do Ivan.

Meu rosto fica vermelho no reflexo do espelho do banheiro, e Dmitri sorri de canto.

Parece que um de nós se lembrou que o irmão dele também mora aqui.

A luxúria realmente pode derreter o cérebro, droga.

"Quanto você ouviu?", pergunto com a voz rouca, nervosa mesmo sabendo que ele já nos ouviu antes. Não devemos fazer disso um hábito.

"Jade, acho que não ouvi nada", ele responde, parecendo divertido. "Não se preocupe, só se vista e tente parar de corar tanto."

Leitor de mentes, penso comigo mesma, esfregando as bochechas para tentar disfarçar o rubor.

"Já vamos", diz Dmitri.

"Precisamos comprar fones de ouvido para ele ou algo assim", resmungo. "Coitado."

Meu marido dá uma risadinha, beijando meu ombro de leve. "O Ivan não se importa de nos ouvir, e ele não usa fones de ouvido por um motivo. Ele é seu guarda-costas, Jade", diz ele, me lembrando gentilmente. "Tudo bem você não o ver dessa forma, mas em nenhum momento, quando você está perto, ele deixa de pensar em te proteger. É tão importante para ele quanto para mim."

"Acho que sim", concordo, meio a contragosto.

Consigo conviver com o Ivan sendo meu guarda-costas, contanto que ele continue sendo meu melhor amigo também. Isso me importa muito mais do que ter a proteção dele. Proteção pode ser contratada e substituída, mas amigos como o Ivan não.

Dmitri me abraça por trás, dando um beijo na lateral do meu rosto. "Vem, Krasotka, vamos te vestir com um vestido novo. Você vai precisar comer alguma coisa para compensar tudo o que eu te fiz passar."

Um sanduíche de bife delicioso poderia me fazer chorar agora, então eu o sigo animadamente para fora do banheiro e para o meu closet.

Quando terminamos de nos vestir, ouço a algazarra familiar que acompanha meus irmãos começar a ecoar pela casa.

Dmitri começa a preparar um lanche para mim enquanto Ivan e eu nos sentamos juntos no pequeno canto da cozinha. Eu ainda não vi todos, mas é claro, Matteo nos encontra primeiro.

"Bom, você está de muito melhor humor", comenta Matteo, e eu coro.

“Não pergunte sobre isso”, Ivan avisa, o que lhe rende um pequeno chute meu por baixo da mesa. Ele nem se mexe, claro.

Matteo olha entre nós. “Por que não pergunta? O que você fez?”

“Nada”, respondo rápido demais.

Com os olhos semicerrados, Matteo dá um peteleco no ombro de Ivan. “O que ela fez?”

“Você não quer saber”, diz ele, disfarçando um sorriso.

“É, eu quero sim”, Matteo rebate, quase ofendido.

“Tá bom”, responde Ivan, dando de ombros. “A Jade está feliz porque meu irmão finalmente transou com ela enquanto você estava fora, e ela estava esperando por isso desde que ele chegou.”

“Ivan”, eu digo com a voz trêmula.

“Nossa, que nojo.” Meu irmão faz uma careta.

“Você não precisava ouvir”, acrescenta Ivan.

“Que nojo ainda maior”, protesta Matteo. “Você é um péssimo cara.”

Dmitri beija a lateral da minha têmpora, oferecendo a mim e a Ivan um prato de morangos com cobertura de chocolate. Sorrio para ele em agradecimento, continuando a ouvir a discussão dos nossos irmãos.

"Viu só?", continua Ivan, acenando para um Matteo visivelmente desconfortável. "Ele está aprendendo a não ser intrometido, um pouquinho de informação demais de cada vez."

Bufando, Matteo senta-se ao lado de Ivan, lançando-lhe um olhar fulminante. "Se você está tentando me treinar, petiscos seriam bem-vindos."

Revirando os olhos, Ivan deixa cair um dos morangos com chocolate na palma da mão aberta do meu irmão. "Pronto, feliz?"

Matteo pega o morango e o joga na boca. "Muito melhor."

"Eu diria que você é um bom menino por comer seu petisco, mas falar de boca cheia não é muito educado da sua parte."

“Minha boca definitivamente não está cheia, e você ainda pode me chamar de bom menino.”

Nossa, desde quando esses dois ficam brincando?

Dmitri e eu trocamos um olhar, mas ele está menos interessado neles e mais interessado em me beijar. Quando nossos lábios se separam, eu suspiro feliz.

Isso é tudo que eu preciso.

Capítulo 48



Dmitri

Armani e Apollo Moretti decidiram me interrogar. Sinceramente, estou surpreso que tenham demorado tanto para fazer algo assim. Oferecer-me uma bebida sob o pretexto de me separar da minha esposa para bisbilhotar é uma jogada inteligente, mesmo que seja bastante previsível. Pelo menos a seleção de bebidas deles é impressionante. Se vou beber, quero que seja uma bebida boa. Vou escovar os dentes duas vezes antes de ir para a cama mais tarde.

Jade queria dormir cedo hoje, ainda exausta da nossa incrível transa de hoje, mas por mais intenso que tenha sido, eu não conseguiria ir para a cama às sete nem se quisesse. Ivan está com ela, trabalhando no laptop enquanto ela dorme, a menos que ela o convença a segurá-la. De qualquer forma, ela está segura, e eu estou a poucos andares de distância.

Também não estou amarrado a uma cadeira e sendo cutucado e examinado com armas para obter informações, mas mesmo assim estou sendo interrogado sobre meu passado e minhas intenções.

Achei que já tinha deixado claro antes, mas não me importo de continuar provando meu valor. Jade merece pessoas que se importem o suficiente com o bem-estar dela para me sentar e me investigar. Continuarei respondendo às perguntas sem reclamar.

Nico também está aqui, mas eu já consegui a aprovação dele. Sinceramente, acho que ele só está aqui pelos drinques, embora se recuse a ficar bêbado até que a situação com Karina esteja resolvida de vez. Com ele sentado casualmente por perto e Anatoly de pé no canto — em guarda, mesmo sem eu ter pedido — Apollo e Armani tentam invadir minha mente com palavras em vez de socos.

"Com quantas mulheres você estava antes da Jade?", pergunta Armani.

Ele geralmente se limita a perguntas com um contexto semelhante: quem eu era antes da Jade. Apollo, por outro lado, está mais interessado em quem eu pretendo ser agora que tenho a Jade.

Girando o gim no meu copo, encaro Armani. "Não contei."

O homem tatuado franziu a testa em resposta. "Não é uma delícia?"

Nico bufou, demonstrando interesse na nossa conversa pela primeira vez esta noite. "Armani, não sei se você deveria estar julgando o número de parceiros."

Contive o riso. Os rumores de que Armani é um pouco mulherengo são verdadeiros, então. Faz sentido, já vi homens e mulheres olhando para ele antes, e eles parecem gostar do que veem.

"Não estamos falando de mim", ele retrucou, bufando para o irmão. Você pensaria que, depois de algumas horas, eles perderiam o interesse, mas isso ainda não aconteceu.

"Quem se importa com sexo?", Apollo perguntou arrastado, balançando a cabeça. "Você nunca amou uma mulher antes dela, certo?"

Minha resposta foi imediata. "Claro que não."

Eu diria que, com exceção da minha irmã, não há ninguém como ela. Mas nós dois sabemos que não é a esse tipo de amor que ele se refere. Ninguém jamais chegou perto de Jade. Não na forma como ela me faz sentir, não na maneira como sua beleza me cativa, não na forma como ela me inspira a ser um homem melhor, nada. Ninguém consegue tocar a forma como Jade se gravou no meu coração.

"E quanto a Ivan?", pergunta Armani, arqueando uma sobrancelha. "Ele já esteve apaixonado? Talvez recentemente, e pela minha irmãzinha—"

"Ivan está fora de questão", aviso, interrompendo. "Suas teorias da conspiração sobre ele e minha esposa não me interessam nem um pouco." Um leve sorriso surge em seus lábios, como se ele se orgulhasse de ter conseguido me provocar, mesmo que minimamente.

“E quanto àquele ali?”, pergunta ele, acenando com a cabeça na direção de Anatoly. “Você confia nele tanto quanto confia no seu irmão? Ele também passa muito tempo com a Jade, não é?” Armani não acha que Jade tenha interesse romântico pelo guarda, ele só quer saber se eu acho que Anatoly a deseja.

Os Moretti são extremamente protetores com os seus, e essa é a única razão pela qual estou tolerando esse tipo de pergunta. Se qualquer outra pessoa estivesse falando comigo desse jeito, eu a mataria por insinuar que minha esposa é algo além de eternamente leal. Mas não é isso que ele está tentando insinuar, então consigo manter a calma.

“Anatoly”, chamo casualmente, chamando sua atenção. “O que você acha da

minha esposa?”

Sem hesitar, ele responde: “Protetora”.

“E quando você olha para ela, o que vê?”

“Minha Koroleva.”

“E?”

“E a mãe do futuro Pakhan.”

Voltando-me para Armani, levanto uma sobrancelha. “Satisfeito?”

“Depende do que Koroleva significa”, ele resmunga.

“Rainha”, Apollo traduz para ele, um raro sorriso iluminando seu rosto.

Armani cede, suspirando antes de tomar um gole generoso de sua bebida. “Então vocês vão ficar por aqui?”

“Por um tempo”, digo cautelosamente. “Vamos ficar o mais perto possível, pelo maior tempo possível, mas é provável que nos mudemos para uma casa separada em breve.”

Imediatamente, Armani fica na defensiva novamente. “Por que vocês iriam se mudar?”

“Tenho certeza de que você imagina”, diz Apollo, arrastando as palavras.

Franjando o nariz, os lábios de Armani se contorcem em desgosto. “Sério?”

“Como você acha que ela engravidou exatamente?” Nico pergunta, entediado.

Sem querer aumentar a raiva dele, mudo um pouco de assunto. Ainda dentro do tema principal, mas longe da minha vida sexual com Jade. Ela ficaria tão vermelha se estivesse aqui, mortificada com a ideia de seus irmãos ouvirem algo sobre nós nesse sentido.

“Privacidade é uma preocupação para nós”, informo-lhes cuidadosamente. “Seremos pais de primeira viagem, e Jade está nervosa para não fazer nada de errado com os gêmeos, então imagino que ficaremos aqui por um bom tempo. Ela ficará feliz em ter a ajuda do seu pai. Mas, eventualmente, precisaremos de espaço. Dante sugeriu construir uma casa nesta propriedade, e eu concordo, mas a decisão final será de Jade.”

“E se ela nunca quiser ir embora?”, pergunta Apollo.

“Acho que Jade nunca vai querer deixar sua família”, respondo honestamente. “Mas ela eventualmente quer estar no oeste comigo. Ela também tem família para conhecer lá. Ela poderá nos visitar quando quiser, e reservaremos tempo suficiente para todos vocês. Meu território já é uma zona segura para os Moretti — nosso casamento consolidou isso.”

“Então, quando Matteo quiser se mudar para lá com você, você vai permitir?”

Parece que Nico tem a mesma intuição que eu. Matteo pode simplesmente

preferir ir embora comigo e com Jade em vez de ficar com a família dele. Será uma situação delicada quando chegar a hora, mas é claro que eu não diria não a ele.

Duvido que Matteo se torne alguém com quem eu tenha um relacionamento próximo, não da maneira como imagino uma futura amizade entre Apollo e eu, ou mesmo da forma como meu estranho relacionamento com Nico se desenvolveu. Mas Matteo é o primeiro melhor amigo de Jade, irmão ou não. Se ele quiser vir conosco, será por ela, e eu jamais negaria algo à minha esposa.

"Não vou rejeitá-lo", respondo diplomaticamente.

Antes que o interrogatório possa continuar, uma luz vermelha pisca no relógio de Apollo e um alarme silencioso começa a soar. O silêncio toma conta do cômodo, e eu automaticamente entendo que algo está errado.

“Temos visitas”, anuncia Apollo friamente, levantando-se de um salto e atirando o copo para o lado. Ele nem se abala quando o copo cai da mesa e se estilhaça no chão. Afastando o paletó do quadril, ele saca a pistola no mesmo instante em que eu me levanto.

“Anatoly, vá ver como estão Jade e Ivan”, ordeno, mas ele já está indo em direção à porta para fazer exatamente isso. “Não a perca de vista até que eu vá buscá-lo.”

“Entendido”, ele rosna, não para mim, mas para a situação.

“Armani, vá buscar os outros. Certifique-se de que estejam acordados e em alerta”, instrui Apollo. “Nico e Dmitri, vocês vêm comigo.”

Não hesitamos em segui-lo, sabendo que os guardas da propriedade lhe enviaram a localização. Apollo não espera pelo pai, entrando em ação com Nico e eu como seu único apoio real. Eu também não ficaria esperando por instruções. Herdeiros precisam assumir a responsabilidade quando coisas assim acontecem, e já esperamos por isso tempo demais.

Não muito longe do portão principal, encontramos um grupo de guardas, todos cercando uma pequena figura mal disfarçada de preto — armas em punho. Ela é pequena, quase dócil, mas seu rosto não consegue esconder o veneno que corre em suas veias.

Pela foto que Dante me mostrou, sei exatamente quem é.

Ela é exatamente quem todos nós estávamos esperando para eliminar.

Karina.

Meu sangue começa a ferver conforme nos aproximamos, um nojo doentio crescendo em meu estômago. A tentação de executá-la agora mesmo, sem permissão, é muito forte. O fato de Bruce não estar ao lado dela é a única coisa que me impede de apertar o gatilho. Talvez precisemos usá-la para encontrá-lo. Droga, ele pode até estar aqui.

"Finalmente resolveu se mostrar?", pergunta Apollo, com a voz dura e fria.

Karina sorri para ele, e eu sei que ela não pode estar aqui sozinha. Ninguém tem tanta confiança cercado por lobos se não tiver um plano de fuga.

Em vez de se dirigir a ele, ela me olha, tentando parecer sedutora. "Dmitri Morozov", ela ronrona. "Como está a mamãe?"

Eu sei o que ela está fazendo.

Ela está confirmando que teve contato com Nina — que a ajudou a me perturbar enquanto estávamos na ilha. Tudo bem, eu já suspeitava que as duas tinham se cruzado. Não sei por que Karina acharia que isso poderia me abalar de alguma forma.

"Por que você não pergunta a ela mesma?", pergunto de volta, com a arma apontada para um tiro certeiro entre os olhos dela, e minhas mãos letalmente firmes. "Afinal, você vai para o mesmo lugar."

Karina tenta manter a compostura, mas não consegue esconder aquele pequeno lampejo de medo em seus olhos. "Onde está seu namorado covarde?", pergunto, olhando para ela com desdém enquanto ela tenta não tremer de joelhos. "Ele te mandou aqui para morrer por ele?"

Sua máscara destemida escorrega completamente, mas ela a puxa de volta para o lugar. "Ele vai matar todos vocês. E depois, vou incendiar este lugar até o chão com aquela vadia da Jade ainda lá dentro. Ela merece ser incinerada!"

Por mais que eu tente, não consigo entender a ilusão de Karina de que Jade seja algum tipo de prostituta ardilosa. Insistência de Bruce, talvez. Talvez ele a tenha convencido da ideia de torturar Jade por causa do jeito que ela "olha para ele" ou algo ainda mais ridículo.

"Tragam-na para dentro", Nico ordena, furioso com o insulto à sua irmã.

A fúria irradia de nós três, mas não podemos puxar o gatilho. Não cabe a nós decidir, é do Dante. Jade pode ser minha esposa, mas é filha dele, e foi tirada dele. Ele perdeu quase dezoito anos da vida dela, e ele é quem deveria matar o responsável por isso.

Bruce, porém, quem puser as mãos nele primeiro vai devorá-lo vivo.

Os guardas agarram Karina, arrastando-a do chão e carregando-a para dentro. Normalmente, resolveríamos isso em qualquer outro lugar. Um armazém, um celeiro, no meio da floresta… mas não temos como nos mover agora.

“Quero metade de vocês vasculhando a propriedade”, ordena Apollo aos guardas, com um tom severo. “Ela não está sozinha.”

“Vou levar Jade para o quarto seguro”, digo a ele assim que Karina começa a se debater demais para me ouvir. “Vou mandar Ivan e Anatoly descerem.”

“Ela não vai”, ele responde, impassível. “Ela não vai se esconder disso.”

Cerrando as mãos em punhos, ignoro suas palavras, embora ele

provavelmente esteja certo.

“Já volto.”

Isso termina esta noite.

Tudo.

Capítulo 49



Jade

É verdade o que dizem sobre a calmaria que precede a tempestade.

Uma pressão envolve meus braços, uma sensação leve, mas facilmente perceptível, apesar do meu estado sonolento. Estou mergulhada na escuridão, distante demais da realidade para reconhecer o que está acontecendo. Até que sua voz chega aos meus ouvidos, um som suave, porém firme.

"Jade", a voz preocupada de Dmitri me desperta de um sono profundo.

"Não", resmungo, fazendo beicinho. Conforme meu corpo começa a despertar, percebo que são as mãos dele que estão em meus braços, me sacudindo levemente para me acordar. Tentar me tirar da cama antes que eu abra os olhos é típico do Matteo, então fico um pouco alarmada que Dmitri esteja tentando fazer isso.

Mãos grandes acariciam meu rosto, e o tom de voz de Dmitri se torna mais grave. "Você precisa se levantar, vou te levar para o quarto de segurança."

Qualquer resquício de sonolência por ter sido acordada tão repentinamente desaparece, e deixo meu marido me puxar da cama. "O que está acontecendo?", pergunto, automaticamente levando a mão à barriga enquanto uma onda de ansiedade me invade.

"Karina está aqui", ele rosna baixinho, me ajudando a calçar os tênis. É tão estranho sem meias, mas acho que não há tempo para pegar um par.

"E-ela está?" O terror me sobe pela espinha, gélido e indesejado.

Eu não deveria ter medo dela. Eu deveria saber que Dmitri e minha família me protegerão, mas o tipo de medo que Karina e Bruce incutiram em mim não desaparece assim. Ele persiste e se agrava, ficando cada vez mais forte quanto

mais tempo você fica longe dele. Talvez eu nunca me sinta completamente segura, não enquanto eles estiverem vivos.

A resposta de Dmitri é imediata. "Sim, ela foi encontrada nos arredores da propriedade, nós a amarramos lá embaixo, mas não sabemos se isso é uma armadilha—"

"Espere", eu me apresso em dizer antes que ele possa me levar para o quarto de Apollo e me jogar em segurança. "Eu preciso vê-la."

"Não", ele responde imediatamente. "É exatamente isso que ela quer, Jade."

"Eu preciso", eu sussurro, com a voz embargada. "Minha mãe—"

“Jade, você vai ser mãe”, ele afirma com firmeza, os olhos faiscando enquanto minhas mãos cobrem a barriga. “Ela é perigosa e eu não a quero perto de você.”

Eu também não a quero perto de mim, mas será que algum dia conseguirei as respostas que preciso se fugir e me esconder? Será que algum dia saberei o que realmente aconteceu com a minha mãe biológica?

“Você não vai deixar ela me tocar”, insisto, tentando controlar a respiração. Se meu marido achar que estou entrando em pânico demais, ele não vai me ouvir. Para o meu próprio bem e para o bem da sanidade dele. “Eu fico com você e com o Ivan, e se as coisas piorarem, você pode me colocar no quarto de segurança. Eu não vou resistir, eu juro.” É uma promessa sincera. Posso ter aprendido a mentir, mas não vou usar minhas habilidades de dissimulação com o homem que amo mais do que a própria vida.

Dmitri hesita, e eu entendo, de verdade. Uma grande parte de mim quer fugir e se esconder, garantindo que nada me alcance ou aos nossos bebês. A garota quebrada dentro de mim merece um desfecho, e se eu não puder nem mesmo dar a ela uma chance, estarei traindo uma parte de mim mesma.

"Ao primeiro sinal de problema, vou te pegar no colo e te levar para um lugar seguro", ele avisa, com a voz tensa de cautela. "Ao primeiro sinal."

"Claro", concordo, apertando sua mão na minha. "Obrigada, você não imagina o quanto significa para mim que você leve em consideração o que eu quero, eu—"

"Nunca. Você nunca precisa me agradecer", ele completa. "Você é minha esposa, Jade. Minha pessoa."

Apesar da vontade de correr para onde estava o conflito, eu o abracei, pressionando meu corpo contra o dele para mostrar o quanto ele significa para mim. Seu abraço me energizou, me dando uma dose de confiança que eu não teria sem ele. Foi rápido, mas fez toda a diferença. Endireitando a coluna, nos separamos e nossos olhares se encontraram.

Sem precisar dizer mais nada, saímos correndo escada abaixo.

A primeira coisa que vi foram corpos.

Todos os meus irmãos, com exceção de Leon e Emilio, que estão com suas famílias longe dali, cercam Karina, que está amarrada, observando-a atentamente. Ela está exatamente como eu me lembrava, só que mais magra. Suas bochechas estão encovadas e seus olhos parecem avermelhados, talvez até com sangue. A vida na fuga não tem sido fácil para Karina Donovan.

Ótimo.

Apolo nos nota primeiro, caminhando a passos largos até nós enquanto balança a cabeça. "Eu te disse que ela ia querer estar aqui", diz ele a Dmitri, parecendo irritado.

Meu irmão mais velho me conhece muito bem.

"Eu tinha que tentar", responde meu marido, igualmente irritado.

Mais rápido do que eu consigo processar, Ivan se agarra a mim.

“Você está me ouvindo?” ele pergunta, as palavras praticamente escapando de seus dentes. “Cada palavra, Jade.” O modo melhor amigo está oficialmente desligado; acho que estou finalmente vendo Ivan como um guarda de verdade. “Cada. Palavra.”

“Entendi”, respondo, mantendo a voz firme para que ele saiba que estou ouvindo.

Os olhos de Ivan encontram os meus, e uma profunda compreensão surge entre nós. Eu sei que ele não me quer aqui, e ele sabe que eu preciso estar. Ele fará o que for preciso para me manter segura e feliz, não importa o que aconteça, e eu o amo por isso.

“Preciso de você comigo”, diz Apolo ao meu marido, fazendo com que minha cabeça gire de volta para os dois. A ideia de Dmitri me deixar em paz me dá náuseas, mas se Apolo precisa dele, ele tem que ir. Ivan me protege.

Explicando-se, Apolo continua: “Não confio que essa vadia esteja sozinha, e esta propriedade é grande demais para que eu possa vigiar cada centímetro.”

Dmitri parece preferir abrir a própria barriga e comer as próprias entranhas a me deixar, mas Cássio se aproxima, tomando o seu lugar. “Nós cuidamos dela. Suas habilidades são necessárias em outro lugar.” Cássio é um homem forte, mas suas habilidades vão além da força bruta. Ele é um solucionador de problemas e um estrategista. Dmitri… ele é um aniquilador.

“Droga”, ele resmunga. “Tudo bem, vamos lá.” Me dando um beijo forte no topo da cabeça, ele acena para Ivan. “Você sabe o que fazer.”

Claro que sabe, ele nasceu para isso.

Apolo obriga Armani e Remo a irem com ele, deixando Elio, Matteo e Nico conosco, guardando as saídas com olhares treinados e extrema cautela. Todos estão armados e em alerta. Do outro lado da sala, quase consigo sentir o desejo

de Matteo de estar ao meu lado também. Como provavelmente recebeu ordens para isso, ele permanece concentrado, mas continua me lançando olhares furtivos a cada poucos segundos.

Cássio e Ivan me flanqueiam enquanto Dmitri e Apolo desaparecem, certificando-se de que estou cercada antes de me levarem para mais perto de onde toda a confusão está acontecendo. Tio César está por perto, vigiando as costas do meu pai enquanto ele se aproxima da nossa prisioneira. Só que ela não está olhando para ele, está me observando por cima do ombro dele, tendo acabado de notar minha presença. Só de olhar para ela, os pelos da minha nuca se arrepiam.

Karina gargalha, jogando a cabeça para trás para dar o máximo efeito. "Ah, ótimo, veja só quem temos aqui." Seus olhos são como brasas na minha pele. Karina me olha como se eu fosse lixo, e praticamente sempre foi assim.

Recusando-me a deixar que ela me veja estremecer, mantenho o rosto neutro.

"A vadia está grávida aos dezoito", ela debocha. "Que surpresa—"

“Cala a boca!”, exige meu pai, o tom sendo o único aviso que ele se dispõe a dar. “Minha filha não é da sua conta.”

Meu pai abre uma faca grande de forma ameaçadora. A lâmina é afiada como uma navalha, prateada e reluzente sob as luzes. É grossa e intimidadora em suas mãos habilidosas.

“Onde está Kim, Karina?”

Sua voz tem uma calma fria que soa mais letal do que qualquer grito que eu já tenha ouvido. Ele está totalmente no controle agora, usando a vantagem para deixar claro que ela está abaixo dele. Esta é a casa dele, e ela é uma convidada indesejada.

Ela solta outra risada aguda e insana. “Ah, você já percebeu que eu não sou a sua preciosa Kimberly, não é?”

O jeito como ela pronuncia o nome da própria irmã me causa arrepios. O que meu pai disse antes é verdade. Karina odeia Kim.

Como alguém pode odiar a própria irmã gêmea?

Qualquer ilusão que eu tivesse criado sobre Kim ter me passado para Karina evaporou completamente. A relação delas não é baseada em confiança, admiração ou amor. Duvido que elas trocariam gentilezas tomando chá, muito menos uma criança.

Então a pergunta continua: onde está minha mãe?

"Foi o nome que entregou tudo? Quer dizer, eu literalmente dei a ela o nome da cor verde. Kimberly detestava a cor verde—"

Ela me deu o nome de Jade só para provocar ainda mais a Kim?

“Não, você acha que ela odiava verde?”, meu pai dispara, interrompendo-a.

“É só uma cor, ela não se importava nem um pouco em escolher uma cor para detestar.”

Não sei se ele está falando a verdade, mas vou escolher acreditar. Não posso viver o resto da minha vida pensando que minha mãe odiaria meu nome.

“Você mal a conhecia”, Karina cospe as palavras. “Se você a conhecesse de verdade, nunca teria enfiado seu pau nela, seu idiota!”

Uma imagem perturbadora que me recuso a pensar, mas meu pai não se abala.

“Você se safou enquanto sua sorte permitiu”, meu pai avisa. “Você não vai escapar dessa, a hora de confessar é agora. Fale, antes que você perca a capacidade de falar.”

Seus olhos assombrosos se arregalam, e seu divertimento se esvai. "E depois?", pergunta ela amargamente. "O que você vai fazer quando eu não puder mais falar e te dar o que você quer? Você já perdeu, Dante. Um conceito estranho para você, tenho certeza."

O aperto do meu pai na faca se intensifica, e ele a leva até o pescoço dela, girando-a para cutucar a ponta com força suficiente sob o queixo para causar um pequeno corte. Ela solta um sibilo quando um pequeno rastro de sangue carmesim escorre por sua garganta, o sangue jorrando e oxidando instantaneamente.

Sinto Ivan e Cassio em alerta, examinando os arredores, mas não consigo desviar o olhar desse horror. O desprezo de Karina por mim é profundo. Como alguém pode me odiar tanto? O que eu fiz?

“É aí que você se engana, Karina”, responde o pai, com a voz carregada de malícia. “Eu já tenho tudo o que preciso e todos que amo. Gostaria de dar à minha filha um desfecho para a perda da mãe, mas, no fim das contas, eu sobreviverei sem ela. Dormirei em paz à noite, tendo apenas a lembrança da sua morte como consolo. Eu não preciso de você e, como você vê, eu nunca posso perder.”

Não sei se ele está falando sério, mas o tom dele é mais do que convincente. Consigo imaginar o momento em que a ficha cai para ela e a imediata compreensão quando ela se convence. Dante também consegue ver.

Aproximando-se, ele baixa a voz num tom ameaçador. "Você achou que segredos a protegeriam? Eu não amava a mãe de nove dos meus filhos, e você acha que eu sinto alguma coisa pela Kim?"

Eu não acho que seja verdade. Sei que ele amava a Alina, mesmo que não estivessem apaixonados. Meu pai não é o tipo de homem que consegue sentir outra coisa além de amor por alguém que lhe deu os filhos que ele tanto ama.

Mas a mentira dele... ah, como ela irrita a Karina.

"Eu sei que você ama", ela rosna, agarrando-se à esperança e ao ódio.

“A mulher é deslumbrante”, admite ele, puxando a faca do queixo dela para brandi-la displicentemente em seu rosto, num gesto de deboche casual, enquanto continua a falar. “Engraçada, gentil e, em geral, melhor que você em todos os sentidos imagináveis. Gostei do tempo que passei com ela, mas não a amo. Certamente não a coloco acima do meu desejo de te matar aqui mesmo. Pense nisso, gêmeo inferior. Entenda que, quando eu roubar o último suspiro dos seus pulmões, você deixará este mundo tão pateticamente quanto existiu nele. Você. Não. Venceu.”

Um novo tipo de maldade reluz em seus olhos e, antes que meu pai possa guardar a faca, ela nos ataca a todos sem mover um dedo.

“Gêmea inferior?” ela arrasta as palavras, sentindo o gosto amargo da ofensa na língua. “Como posso ser a inferior se tirei tudo dela?” A bile queima minha garganta, mas Karina não terminou. “Roubei o nome dela, a filhinha dela e a maldita vida dela.”

“Você está mentindo.” Não queria que essas palavras saíssem, mas saíram.

Ivan se enrijece, apertando levemente meu braço em repreensão. Ele não quer que eu interaja com ela de jeito nenhum, mas como eu poderia me conter? Ele ouviu o que ela acabou de dizer? Karina está dizendo que minha mãe está morta e que ela é a responsável por isso.

Um sorriso irônico se alarga em seus lábios enquanto seus olhos me encaram fixamente. "Você tem razão", concorda Karina, assentindo com uma falsa simpatia. "De fato, deixei uma coisa com ela. Admito que foi um acidente. Eu jamais teria dado algo tão importante a ela intencionalmente."

Uma onda gélida de pavor me invade, e observo Cesar se aproximar, indo para o lado do meu pai. Ele também sente isso, a terrível sensação de que algo ruim vai acontecer.

“Gêmeos dão tanto trabalho, não é?” Ela solta um longo suspiro, balançando a cabeça enquanto me encara. “Seu irmão estava muito perto da barriga da Kim. Cortei a garganta dele bem na hora em que eu a estava abrindo para tirar vocês duas. Que pena. Ele valeria por dez de vocês para mim. Você sabe quanto um dos inimigos de Dante pagaria por um filho Moretti? Meu Deus, eu estaria nadando em ouro.”

Vou vomitar.

Não tem…

Não, ela está inventando tudo isso para me magoar.

Ela não pode ser tão cruel a ponto de estripar a própria irmã, pode? O suor faz minhas mãos suarem enquanto as palavras dela se repetem num ciclo venenoso na minha cabeça. Seu irmão estava muito perto da barriga da Kim.

Se ela não estiver mentindo, está mais doente do que eu jamais poderia imaginar. Ela o culpa pela própria morte. Não pelo fato de ter realizado uma cesariana forçada e sem licença em Kim, mas pelo fato de ele não estar posicionado corretamente para ela?

A postura antes severa e fria de Dante se quebrou, e eu sei que ele acredita nela. Gostaria que não acreditasse, porque a ideia é insuportável. Se for verdade... meu Deus.

"Ah", ela diz com condescendência. "Eu ganhei agora, Dante? Não se preocupe, eu não sou totalmente sem coração, eu os enterrei juntos."

Um suor frio começa a me invadir, e a náusea toma conta do meu estômago.

É verdade.

Eu tinha outro irmão.

Eu tinha um gêmeo.

Eu tinha um irmão gêmeo, e Karina o matou.

Dmitri me preparou para a ideia de que minha mãe poderia estar morta, mas uma gêmea? Eu jamais poderia ter me preparado para a possibilidade de isso me ser roubado.

Olho para a mulher perturbada à minha frente e não consigo entender como compartilhamos o mesmo DNA.

"Em retrospectiva, foi bom que a criancinha tenha morrido", ela pondera, de repente ainda mais satisfeita com nosso silêncio. "Tirar uma mulher de Dante Moretti não é nada comparado a tirar um filho dele. Posso aceitar que você ame Jade; não esperava por isso, é verdade. Mas você não vai viver apenas sem a mãe dela, você terá que viver sem a outra metade dela."

Não, não, não.

"Pare de falar", meu pai rosna, a ordem escapando por entre sua fachada impassível.

Karina não escuta, saboreando cada reação que consegue arrancar dele.

"Você tem dois pares de gêmeos, não é? Como é saber que você gerou três, mas só conhecerá cinco dos seis?"

"Dmitri!" uma voz chama do fundo da casa. É como um pedido de socorro ou um grito de preocupação, não consigo decidir, mas faz meus ouvidos zumbirem de sangue.

O medo percorre minha espinha e agarro o braço de Ivan. "Você tem que ir ver—"

"De jeito nenhum", ele responde, com a voz trêmula.

"Eu cuido dela", Cassio diz rapidamente. Quando Ivan não se move, ele acrescenta: "Você daria a sua vida por ela, mas eu também. Vá ver como ele está."

Ele parece que vai recusar, mas eu acaricio seu rosto, beijando os cantos de sua boca. "Por favor, eu não consigo viver sem ele. Ivan, por favor—"

"Leve-a para o quarto seguro", ele ordena, beijando meu rosto em resposta. "Vá agora", Ivan instrui. Sacando uma arma da parte de trás do cinto, ele começa a correr. Mas, assim que ele foge do quarto, desaparecendo de nossa vista, Cassio não consegue me tirar de lá a tempo.

Um caos inesperado se instaura enquanto tiros cortam o ar, e um grito sobe pela minha garganta. Os tiros não vêm de nenhum de nós, eles vêm em nossa direção.

Minhas mãos cobrem a frente do meu estômago e me encolho, sentindo os raios quentes das balas muito perto de mim. Observo horrorizada enquanto Cassio se atira na linha de fogo para me empurrar. Antes que eu possa piscar, ele me derruba no chão, usando seu corpo para me proteger. Mas ele não é o único.

Tio Cesar está em cima de nós em um segundo apartamento, nos pressionando com seu corpo.

Não consigo ver nada, mas ouço risadas. Risadas horríveis e assustadoras vindas de Karina. Pior ainda, sinto sangue. Não o meu, e não o de Cassio.

Quando o zumbido das balas cessa, meu irmão tira nosso tio de cima de nós, com as mãos trêmulas enquanto o coloca de costas para examiná-lo.

"Jade, diga que você está bem", ele exige asperamente.

Eu não estou bem.

“Eu não fui atingido”, digo apressadamente. E, mais importante, ninguém caiu em cima de mim.

Me ajoelho rapidamente, ignorando estupidamente o que acontecia ao nosso redor para ajudar meu irmão a cuidar do tio César. Acho que meu coração para de bater quando vejo a gravidade do ferimento. Sua camisa, antes branca, está vermelha como escarlate, com a maior parte da cor concentrada no peito. Ele foi atingido, várias vezes, pelo que parece, e não está usando colete à prova de balas.

“Seu idiota”, sussurra Cássio, abraçando-o com força. “Por que você faria isso? Eu poderia ter—” Ele engasga com as palavras, lutando para falar. “Eu poderia tê-los visto de novo.”

Cássio não estava apenas disposto a morrer para me salvar, ele estava disposto a morrer para ver Isobel e seu filho. Uma onda terrível de emoção me atinge, mas o tio César sorri. Sangue mancha seu sorriso, e ele estende a mão para acariciar a mão do meu irmão, que está em desespero.

"Vou mandar um oi por você, maninha."

"Mande um oi você mesma", sugere Karina, apontando uma arma diretamente para o coração de Cássio. Não sei como ela saiu da cadeira nem

onde meu pai está, mas não consigo pensar enquanto começo a gritar desesperadamente de medo por Cássio.

Meus gritos de horror não a detêm, apenas endurecem suas feições enquanto ela segura a pistola com firmeza. "Dois filhos Moretti agora", vangloria-se Karina, lambendo os lábios. "Estou tão feliz que você esteja aqui para ver isso, Jade."

Antes que seu dedo pudesse alcançar o gatilho, a arma foi arrancada de sua mão, uma bala atravessando seu pulso.

Seu grito grunhe quando a arma voa de suas mãos, e a dor é tão intensa que anula sua vantagem anterior. Antes que eu possa piscar, Karina é derrubada por um único soco, um golpe rápido na lateral do queixo que a atinge com um baque surdo. Um golpe desferido por Nico que eu não esperava.

Ainda consciente, mas ferida, ela cospe um bocado de sangue e o encara com raiva. "Que surpresa, um Moretti que bate em mulheres."

"Você não é uma mulher", meu irmão rebate. "Você é uma escória."

Nico balança a perna para trás e a impulsiona para a frente com um chute rápido, acertando o rosto de Karina como uma bola de futebol, com tanta força que ele estala para trás com um estalo horrível. Ela desmaia, o sangue espalhando-se pelo chão ao redor de seu rosto destroçado.

Minhas mãos tremem, escorregadias de sangue, enquanto tento manter o peito do tio Cesar unido. "V-você está bem", digo a ele, mas as lágrimas que escorrem pelo meu rosto não convencem. "O doutor pode te curar. Eu—"

Os tiros cessaram e a voz de Ivan ressoa ao longe. "Bruce caiu, mas Anatoly também. Droga, ele está vivo. Merda! Chamem os médicos!"

Bruce estava aqui, por isso alguém gritou por Dmitri.

Minha cabeça balança e eu choro ainda mais. Isso não está acontecendo. Isso é um pesadelo doentio, e eu vou acordar, e tudo ficará bem.

A boca do meu tio engasga e um líquido carmesim espirra de seus lábios. "Ajude sua amiga, Jade. Eu... eu já fui embora."

Me recuso a acreditar no que ouço.

"Papai!" Eu grito, com a voz embargada.

Cássio encara o homem que o ajudou a criar desde o nascimento, com o olhar vago, mesmo enquanto suas mãos continuam pressionando os ferimentos fatais.

Tio César começa a fechar os olhos, e eu entro em pânico. "Nãoooo, pare com isso! Pai!"

Meu pai cai de joelhos ao meu lado; sua cabeça está sangrando de um lado, e há um ferimento de bala em seu braço, mas ele parece não se importar.

"César", ele rosna, sacudindo-o. "Não ouse..."

“Cuide deles”, sussurra seu irmão moribundo em resposta, os olhos pesados demais para se manterem abertos.

Meus soluços são ensurdecedores, lágrimas enchendo meus olhos mais rápido do que conseguem cair. Eu ainda não tive tempo suficiente com ele. Não pode ter acabado.

Por favor, Deus, por favor, não pode ter acabado.

“Não”, implora meu pai, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

“Eu... eu aguentei mais do que pensava.”

Palavras horríveis que todos os homens nesta sala entendem. Na máfia, chegar aos quarenta anos já é uma conquista. Eu só nunca imaginei que, com toda a proteção e poder que possuímos como a Organização, algo assim pudesse acontecer conosco.

Braços fortes me envolvem por trás e, sem nem olhar para trás, sei que é Dmitri. "Por favor, diga que você não está ferido", imploro, fechando os olhos com força caso o pior tenha acontecido.

"Estou bem, meu bem", ele murmura no meu ouvido. "Vamos, dê um tempo para o seu pai se recuperar." Se recuperar, que palavra horrível.

Me aconchego em seus braços, o abraçando e permitindo que ele me levante do chão ensanguentado.

Como isso aconteceu?

"Meu tio", choro, agarrando-me a ele em busca de forças. "Não é justo."

"Eu sei, meu bem, eu sei", ele me acalma, acariciando meus cabelos.

Consigo ouvir meu pai implorando para que o irmão continue respirando, mas temo que seja tarde demais. Havia tanto sangue.

"Ele está morto, não é?" Eu sussurro, quase inaudível.

"Ele se foi, Krasotka", ele confirma. "Sinto muito, mas ele se foi."

Eu aceno com a cabeça em seu pescoço, deixando minhas lágrimas escorrerem por sua pele. Este foi o pior dia da minha vida. Pior do que toda a tortura de Bruce, pior do que descobrir que quem eu pensava ser minha mãe nunca me amaria... pior do que tudo isso.

Perdi meu tio, a esperança da vida da minha mãe, e o gêmeo que nunca conhecerei.

Com os lábios trêmulos, imploro por boas notícias. "Meus irmãos estão bem?"

“Nico, Elio e Matteo eliminaram a maioria dos atiradores que estavam de tocaia nesta sala”, ele começa, me atualizando sobre tudo o que eu não conseguiria acompanhar. “Elio tem um corte no lábio e talvez algumas costelas machucadas, mas ele está bem. Matteo provavelmente está com uma concussão, mas também está bem. Todos eles vão ficar bem.”

Isso deveria me fazer sentir melhor, mas o alívio é passageiro.

“Eu odeio hoje”, digo a ele, soluçando ainda mais.

“Eu sei, meu amor.” Dmitri me embala, me consolando o máximo que pode antes de me entregar a Ivan. Há uma bagunça enorme para limpar, e de jeito nenhum ele vai me deixar fazer parte disso.

“Shhh”, Ivan sussurra, me abraçando forte. “Vamos te limpar e esperar para saber como o Anatoly está, tá bom? Ele vai sair dessa, e vai querer saber que você está bem.”

“Ele matou o Bruce?”, pergunto, tentando controlar meu coração e afastar a profunda tristeza que o envolve. Preciso proteger meus bebês, mesmo que isso signifique enxugar as lágrimas quando não quero parar de chorar.

“Matou, sestra”, ele responde suavemente. “A arma do Anatoly foi arrancada da mão por um tiro, e mesmo assim ele conseguiu matá-lo. Ele tem alguns ferimentos a mais e um corte enorme no braço, mas acabou com o Bruce de vez.”

“Ele matou meu demônio”, murmuro, me sentindo culpada. “Ele também poderia ter morrido.”

“Mas ele não fez isso”, Ivan rebate. “Eles tinham reforços e um plano muito bem calculado para chegar até você, e mesmo assim nós os detivemos. Está tudo bem, Jade. Acabou. Os demônios se foram, e todos os seus monstros vão te proteger.”

Meus monstros favoritos.

Minha família.

Eles vão cuidar da Karina, tenho certeza. Roubando cada pedacinho de vida que ainda resta nela até que ela deixe de existir. Não sei por quanto tempo Nico vai conseguir prolongar o que está fazendo com ela.

Considerando que ela é responsável pela morte do nosso tio, presumo que ele vai dar a ela tudo o que tem e mais. Principalmente se ele souber da notícia sobre o nosso irmão.

Dante Moretti deveria ter onze filhos, e vai para casa com dez. Além disso, terá que enterrar um irmão.

Não sei como poderei fazê-lo se sentir melhor.

Capítulo 50



Jade

O funeral será uma semana depois. É íntimo, com a presença apenas dos nossos amigos e familiares mais próximos. As flores estão desabrochando no jardim, pequenas pétalas brancas espalhadas aos pés de todos. Foi ideia do Apollo fazer o funeral em casa, sabendo que o tio Cesar não gostaria de outra forma.

Meu irmão mais velho tem se esforçado bastante, aliviando muito o peso da situação para o nosso pai. Apollo é ótimo em controlar suas emoções, melhor do que qualquer pessoa que eu conheça, mas nem ele é imune à dor avassaladora que nossa família sente. Já vi sua fachada ruir mais de uma vez, e mesmo assim, ele continua seguindo em frente.

Emilio e Melani estão aqui com os dois filhos. Foi uma maneira horrível de conhecer minha cunhada pela primeira vez, mas sei que não estou sozinha ao dizer que tê-la aqui com seus bebês trouxe um pouco de luz a este momento difícil. Valerio e Mila são absolutamente preciosos e muito bem-comportados, espalhando sorrisos por onde passam.

Da mesma forma, Bastian, filho de Leon e Cleo, é um raio de sol, sentado no colo do meu pai durante a cerimônia. Percebo que ele está ajudando, porque mesmo que seja difícil para meu pai sorrir, ele não consegue conter o riso do neto.

Como o semestre acabou, Colton também está aqui, por causa da Armani. Os dois sentam-se estoicamente na última fila, de smoking, passando um frasco de bebida entre si. Cassio está sentado com eles, mas recusa a bebida sempre que lhe oferecem.

Nenhum de nós conseguiu lidar de verdade com a situação ainda, mas estou

melhor do que a maioria, com Dmitri e Ivan me dando apoio. Dmitri nunca deixa de me lembrar que o tio Cesar odiaria me ver triste e que ele ficará mais feliz no céu se puder ver que estou bem aqui embaixo sem ele.

Nunca parei para pensar muito sobre o que acredito quando se trata de religião, espiritualidade ou qualquer coisa do tipo. Mas agora, preciso acreditar. Preciso saber que César está lá em cima, fazendo companhia a Isobel e Angel. Ele gostaria que eu pensasse assim, então vou pensar.

Elio está sentado com Martha, sendo ele quem conseguiu convencê-la a sair de casa. Ela está silenciosamente devastada, assim como todos nós.

Anatoly está aqui, ainda se recuperando dos ferimentos, com o ombro quebrado imobilizado por cima do smoking e um hematoma no rosto cicatrizando. Ele está sentado com o pai, Dr. Petrov, que fez a viagem para apoiá-lo. Os dois parecem ter uma relação tranquila. Aliás, eu nem tinha me dado conta de que compartilhavam o mesmo sobrenome até ele aparecer com flores na mão, procurando pelo filho.

O pai de Dmitri também fez a viagem para estar aqui conosco, como sinal de respeito, mas não pode ficar muito tempo. Deixar Anya apenas com seus guardas o deixa extremamente desconfortável, e todos nós entendemos. Ele faz questão de me cumprimentar formalmente, me acolhendo em sua família de braços abertos. Ele até me chama de Nevestka, que significa nora em russo.

Ele sai com a primeira leva de convidados, deixando principalmente a família para trás enquanto começamos o serviço fúnebre. Eu choro, claro, mas consigo me conter para não soluçar incontrolavelmente enquanto Matteo segura minha mão. Algumas lágrimas também escorrem de seus olhos, mas ele não as deixa por muito tempo, enxugando-as com as costas da manga da camisa.

O tio Cesar tem um jazigo bem ao lado do túmulo compartilhado de Isobel e Angel. Eu nem sabia que existia na propriedade, mas existe. As lápides deles são iguais. Enquanto a de Isobel diz "Mãe e Filho que Amam", a do tio Cesar diz "Irmão, Tio, Amigo".

Depois que o caixão é baixado, as flores são jogadas e a terra é assentada, Dmitri beija minha testa, me afastando de Matteo.

“Eu e o Nico temos uma coisa para você, querida. Você consegue se manter forte por mim?”

Sem saber o que ele queria dizer, concordei automaticamente. “Sempre.”

Nesse instante, Nico caminhou em nossa direção. Ele havia faltado ao funeral para observá-lo do telhado, ou pelo menos eu pensava que sim. Mas agora ele estava comandando um grupo de guardas, carregando o que parecia ser outro caixão.

Um misto de alívio e tragédia me atingiu. “Vocês os encontraram, não é?”

“Encontramos”, ele confirmou, apertando meus braços. Nico deve ter torturado Karina para descobrir o local original do enterro. Suas habilidades nunca me assustaram de verdade, mas agora tenho um motivo para ser grata por elas. “Eles estão em paz agora, Jade. Acho que deveríamos enterrá-los com o resto da sua família, não acha?”

Meus lábios tremem, mas eu aceno com a cabeça rapidamente. "Sim."

"Meu pai sabe?"

Dmitri abaixa a cabeça tristemente. "Quando os desenterramos, não podíamos negar a ele o direito de vê-los. Mas Jade, acredite em mim, não me peça para olhar dentro do caixão, ok? São só ossos, querida, já faz muitos anos. Você nunca vai esquecer se olhar."

"Eu confio em você", digo com a voz rouca, apoiando a cabeça em seu peito.

Ele solta um suspiro de alívio e me abraça mais forte.

Observamos os guardas trabalharem como máquinas, cavando o espaço para minha mãe e minha irmã gêmea. Não sei se alguém lhe pede ajuda ou se ele se oferece, mas Colton tira o chapéu e o casaco, pegando uma pá para ajudar a moldar o terreno retangular.

Nico se aproxima e me dá o primeiro beijo que já me deu na lateral do rosto. "Quer dizer alguma coisa?"

"Não consigo", admito. Se eu disser alguma coisa, vou desabar.

"Tudo bem", ele responde imediatamente. "Fale com eles quando estiver pronta. Eles estarão aqui. Cássio visita Isobel e Angel o tempo todo."

Assinto, fungando para conter a emoção que me aperta a garganta. "Obrigada __"

"Não", ele diz automaticamente. "Não me agradeça por isso."

Agradeço a ele em silêncio, mesmo assim. Nunca deixarei de ser grata a Nico.

"Se algum dia precisar", ele hesita, "de um gêmeo para conversar, sabe que pode vir falar comigo?"

Nem consigo responder, preferindo abraçá-lo com força. Ele me envolve em seus braços também, sem nem se mexer quando Matteo nos abraça também, entrando na brincadeira.

Assim que o caixão é enterrado, observo enquanto uma lápide personalizada é colocada em seu lugar. Um suspiro trêmulo escapa dos meus lábios quando percebo… que lhe deram um nome. A bela pedra de mármore traz os nomes Kimberly e Sage Moretti. Mãe. Filho e Irmão.

“Foi o papai que escolheu?”, pergunto, com a voz trêmula.

“Foi ele”, confirma Nico.

Ele também deu ao filho um nome em homenagem a um tom de verde. Não

um nome italiano como os dos meus irmãos. Mas algo que combina com o meu. Ou ele realmente quis dizer que Kimberly não odiava a cor, ou está se esforçando ao máximo para me ajudar a amar meu nome, apesar de toda a controvérsia em torno dele.

Preciso ir ver, e vou, abrindo caminho entre a multidão de familiares para encontrá-lo com Mila nos braços, observando, atordoado, a poeira começar a baixar. Ela está usando um vestidinho de bebê tão lindo, branco em vez de preto.

"Eu te amo muito", murmuro, me aconchegando ao seu lado.

"Eu também te amo, meu bem", ele responde, com a voz embargada.

Minha sobrinha não percebe o clima sombrio, estende a mão para pegar um pouco do meu cabelo e levá-lo à boca para mastigar.

"Ja, Ja, Ja", ela canta, ainda sem conseguir dizer meu nome.

"Menina esperta", eu digo carinhosamente, fazendo cócegas na bochecha dela com o dedo.

Apesar de toda a tristeza e da profunda saudade dos nossos familiares que já se foram, a risadinha daquela menininha é suficiente para fazer eu e o papai sorrirmos.

Vamos ficar bem, e serão as próximas gerações de crianças que nos ajudarão a superar isso. Mesmo quando o presente é sombrio e sem graça, há a luz do futuro para aguardar.

Em breve, terei meus próprios filhos para abraçar. Para tornar os dias ruins em bons, e os melhores dias ainda melhores. E tudo o que tenho, devo a esta família. Os Morettis e os Morozovs. As melhores pessoas do mundo inteiro.

Capítulo 51



Jade
4 Meses Depois

Os gritos desesperados da minha sala de parto cessaram, e minha dor rapidamente se transformou em adrenalina. Optei por um parto domiciliar com muito cuidado, com o Doc como meu principal auxiliar e o Dr. Petrov de prontidão do lado de fora, caso fosse necessário. O Doc fez o parto de Nico, Remo e Matteo anos atrás e foi sincero quando Dmitri o questionou sobre sua confiança em realizar o parto dos nossos bebês.

Ele possui experiência e formação incomparáveis na área médica e, como tínhamos todos os equipamentos e suprimentos de um hospital, concordou que era seguro o suficiente para tentar em casa. Decidi não usar anestesia epidural, o que deixou meu marido preocupado, mas a ideia de uma agulha na coluna me assustava mais do que o próprio processo de dar à luz dois bebês.

Felizmente, a dor foi suportável e nenhum dos bebês estava em posição difícil. Consegui suportar as piores contrações e respirar fundo durante as ondas de ansiedade. Eu suava muito, mas Dmitri fez uma compressa fria na minha testa enquanto segurava minha mão e me ajudava a lidar com a situação. Foi uma experiência desagradável e indescritível, mas valeu muito a pena.

Agora temos dois bebês lindos e saudáveis. Um menino e uma menina, assim como eu e a Sage. Os sexos foram uma surpresa; Dmitri e eu decidimos esperar, mas escolhemos dois nomes para cada opção, por precaução.

Ainda estou tremendo por causa da adrenalina e das endorfinas, mas a placenta finalmente acabou. O médico disse que meus sinais vitais estão bons e que o sangramento está na medida certa. Então, que bom, não vou ter uma

hemorragia.

Dmitri está segurando nossa filhinha enquanto nosso bebê descansa no meu peito, também em contato pele a pele. Os dois têm tufos de cabelo escuro na cabeça, e eu nem consigo descrever a sensação de plenitude que sinto no meu coração.

"Eles são tão perfeitos", sussurro.

"Você foi incrível, Krasotka", Dmitri me diz, provavelmente pela quinquagésima vez.

"Fomos ótimos", corrijo. "Eu não os teria sem você."

Ele sorri como se nunca tivesse estado tão feliz.

O médico ainda está na sala, descartando o resto das toalhas, luvas e instrumentos que já não são mais estéreis. Ele ficará pelos próximos dias, monitorando minha recuperação. Não estou nada ansiosa pela dor e desconforto pós-parto, mas vale a pena, sabendo que terei esses bebezinhos comigo.

"Pode deixar meus irmãos e meu pai entrarem?", pergunto baixinho ao médico. Minha garganta ainda está um pouco seca, mas só posso comer gelo picado nas primeiras horas, senão vomito, pelo visto.

Dmitri e eu trocamos os bebês, passando-os de mão em mão enquanto dormem. Quero que meu pai segure meu filho primeiro, e sei que será muito importante para Dmitri entregá-lo a ele. Estou igualmente ansiosa para colocar minha filhinha nos braços do avô também, mas há um método em nosso plano.

“Normalmente, as mães de recém-nascidos só permitem a entrada de algumas pessoas selecionadas, pode ser muito estressante com um bebê e tanta gente”, ele avisa gentilmente.

“A maioria das mães de recém-nascidos costuma ter nove irmãos?”, brinco, dando-lhe uma risada cansada.

“Eles não vão ficar muito tempo”, Dmitri garante. Ele saberá quando ficar demais para mim e não hesitará em expulsar o grupo.

“Contanto que você tenha certeza”, Doc concorda, indo até a porta trancada para destrancá-la e deixar o grupo de homens que esperava entrar.

Apollo e nosso pai são os primeiros a passar pela porta, com Ivan e Matteo logo atrás. Uma parte de mim queria que Ivan estivesse aqui para o parto, mas no fim das contas, optamos por ter apenas Dmitri e eu. Acho que foi uma boa decisão que nos aproximou ainda mais.

Meu marido oferece nosso filhinho primeiro ao pai, passando-o para ele com o máximo cuidado. Matteo senta-se ao meu lado e estende a mão para apertar a minha.

"Meu Deus, você é mãe!", ele exclama baixinho, olhando para o pequeno pacotinho em meus braços.

"Quer segurá-la?", ofereço, sorrindo para o seu rosto emocionado.

"Ai, meu Deus!", ele suspira. "Sim, com certeza."

Ele é tão delicado nesse momento, movendo-se devagar e com cuidado. Assim que a segura, apoiando sua cabecinha, ele se senta novamente. Matteo a encara como se não acreditasse no que vê, e Ivan se aproxima por trás para fazer o mesmo.

"Ela tem tanto cabelo!", diz meu irmão, admirado.

"O irmão dela também", responde Ivan, depois de observá-lo rapidamente.

Cada um dos meus irmãos me cumprimenta à sua maneira antes de circular pela sala, olhando para meus filhos, esperando a vez de pegá-los no colo. Exceto o Cássio. Ele me dá um beijo na cabeça e se senta longe de onde todos estão. Sei que ele está desconfortável, provavelmente apavorado desde que entrei em trabalho de parto. Só fico feliz que ele tenha conseguido vir me ver. Significa mais do que posso expressar.

"Vocês já escolheram o nome dele?", pergunta meu pai, mal conseguindo desviar os olhos do meu filho. "De algum deles?"

"Já escolhemos", admito, já emocionada. Dmitri beija o topo da minha cabeça, e é como se a força dele irradiasse para mim. "Vocês querem saber quem são?"

"Claro", respondem várias pessoas ao mesmo tempo.

Dou uma risadinha, enxugando uma pequena lágrima no canto do olho.

"Bem, pai", digo a ele primeiro, já que ele perguntou. "Você está segurando Cesar Ivan Moretti-Morozov. Ele pesa 3,4 kg."

"Cesar?", ele pergunta, inspirando profundamente.

"Em homenagem ao melhor tio do mundo inteiro", digo com a voz embargada, controlando a respiração para conter as lágrimas. "E Ivan, em homenagem ao meu melhor amigo do mundo inteiro."

"Jade", Ivan murmura. Tomado pela mesma emoção que eu, ele se aproxima da minha cama e beija a lateral da minha cabeça. "É uma honra", ele sussurra para mim mesmo.

"Não me diga que o nome desse pequeno é Matteo, ou eu vou me afogar nas minhas próprias lágrimas", meu irmão brinca, aliviando o clima no quarto.

Todos rimos juntos, e eu olho para minha filha em seus braços.

“Você está segurando Isobella Anla Moretti-Morozov, e ela pesa apenas três quilos e meio”, digo a ele, anunciando o nome dela para todos na sala antes de me virar para encontrar Cassio. “Para Isobel, a irmã que eu nunca cheguei a conhecer, e Anla, para o seu anjinho no céu.”

Suas mãos tremem, mas ele as aperta, tentando conter a emoção. Ele engole em seco, olhando para o pequeno embrulho rosado nos braços de Matteo do

outro lado da sala. “Posso segurá-la?”

“Claro que pode”, responde Matteo por mim, entregando Isobella para Ivan, que a leva cuidadosamente até Cassio.

Todos nós observamos enquanto ele olha para minha filha, lágrimas escorrendo livremente por suas bochechas. Ele a segura como se ela fosse a coisa mais frágil do universo, sem nunca desviar o olhar dela. Ivan permanece ao lado dele, zelando por ela como se já estivesse protegendo-a de tudo o que a vida possa trazer.

Atraindo meu olhar, meu pai entrega meu bebê para Apollo.

Meu irmão mais velho se aproxima da minha cama, olhando entre meu filho e eu.

"Ele parece um Cesar", comenta, aprovando. "Boa escolha, maninha."

"Obrigada", fungo. "Ele não é tão pequenininho?"

"Ele vai crescer", garante.

"Não tão rápido."

"Não", concorda. "Não tão rápido."

Depois de um tempo, um chorinho de Isobella sinaliza que é hora de esvaziar o quarto. Ivan e Dmitri ficam enquanto tento amamentar pela primeira vez. Ivan desvia o olhar, mas permanece por perto para me dar apoio moral.

Por mais estranho que eu imaginasse que seria, acontece naturalmente. Temos fórmula e uma bomba de tirar leite à mão, caso algo dê errado, mas por enquanto, apenas me deito e observo, maravilhada, enquanto amamento meus bebês.

"Você está bem, Krasotka?", pergunta Dmitri, tocando meu rosto suavemente.

"Nunca me senti melhor", respondo, dando-lhe um sorriso atordoado.

O sorriso dele é tão lindo. "Eu também não, meu bem."

Epílogo



Jade
Dois Meses Depois

Eu achava meu marido irresistível antes, mas nada se compara à forma como ele fica segurando nossos dois bebês. É injusto, na verdade. Não consigo ficar longe dele, ainda mais agora que fui liberada para ter relações sexuais, mas não estou pronta para outra gravidez.

Enquanto observo da porta, Dmitri murmura para nossos filhos de dois meses em russo enquanto eles dormem profundamente em seu peito nu. Ele os embala suavemente em sua cadeira, virando a cabeça para dar atenção igual à nossa filha e ao nosso filho.

Esses três significam tudo para mim.

Apolo me pega olhando e faz uma careta de nojo. "Não fique desejando seu marido na minha frente. Prefiro manter meu almoço no estômago, obrigada."

Matteo riu baixinho ao ver a cara de nojo do nosso irmão. "Eu acho fofo."

"Não consigo evitar", suspirei sonhadora. "Ele não te deixa toda derretida?"

"Ah, sim", respondeu Matteo, sem rodeios. "Meus ovários, que nem existem, estão derretendo."

"Obrigada por entender", ri, adorando o jeito tranquilo dele.

Muita coisa aconteceu desde o nascimento deles, incluindo o anel enorme no meu dedo. Dmitri me pediu em casamento no nosso primeiro jantar em família, onde eu finalmente pude sentar em uma cadeira de verdade. Embora já estivéssemos casados no papel há meses, ele me disse que ia me dar um casamento de verdade. Com todos os detalhes e pompa. Claro que eu disse sim, mas o fiz prometer que me daria pelo menos um ano para que nossos gêmeos

pudessem participar.

Quer dizer, o que é melhor do que duas criancinhas adoráveis, todas arrumadas, caminhando com a mamãe até o altar?

O Dmitri também pensou muito no meu anel de noivado. É uma esmeralda verde-sálvia, corte princesa, com pequenos diamantes brancos na aliança. Agora posso levar meu irmão comigo para onde eu for. Nunca vou me esquecer dele, a cor do meu anel é uma lembrança permanente.

"Mas não vou mentir", Matteo continua, mais sério. "Seus filhos estão me dando vontade de ter um bebê. Eles são perfeitos demais, Jade. Você arrasou, maninha."

Apolo geme. "Meu Deus, nos ajude."

Matteo levanta o dedo do meio, franzindo a testa para o nosso irmão.

“Não sei”, murmuro, sorrindo ao pensar em Matteo se tornando pai. “Seriam bebês incríveis. A casa não pararia de rir.”

“Obrigado”, ele enfatiza.

Dou uma risadinha. “Só estou sendo sincera.”

Não consigo imaginar o que as habilidades de festa do Matteo reservariam para os filhos dele. Infelizmente, ele ainda não pôde me mostrar pessoalmente, mas farei questão de deixá-lo à vontade na minha festa de vinte anos. Perder o Cesar tão perto dos meus dezenove anos este ano não deixou ninguém exatamente no clima de festa.

Mas tudo bem, estamos nos recuperando e temos bastante tempo.

“Seus convidados estão chegando”, informa Apollo, olhando pela janela, com um tom desanimado.

Uma onda de empolgação me invade, mas Matteo ainda chega primeiro lá embaixo. Estou mais cautelosa ao correr, já que ainda estou perdendo o peso da gravidez e me adaptando às mudanças no meu corpo. Mas não me importo.

Hoje vou poder passar um tempo com a minha primeira amiga!

Matteo e Cole parecem estar em um impasse quando viro a esquina, e encontro Ana parada atrás do seu meio-irmão, pacientemente.

"Oi!", grito animada. "Você chegou!"

Matteo parece relaxar quando vê Apollo me seguindo. Tudo para deixar Cole em desvantagem numérica, suponho.

Tanto faz, não me importo com as palhaçadas hoje. Hoje tento pela segunda vez fazer uma amiga, e garotos mal-humorados não vão estragar meu humor. Meu marido lindo está cuidando dos nossos bebês, e posso relaxar sabendo disso.

"A viagem foi tranquila? Precisa de alguma coisa?"

Cole a deixa passar por ele e me cumprimentar. "Foi ótima", ela responde

tranquilamente. "Não é uma viagem muito longa."

Nova York fica a cerca de duas horas de onde moramos.

"Que bom", digo animada. "Podemos tomar uns drinques no jardim, ou posso te mostrar a cidade. Ou—"

"Drinks no jardim parecem uma boa ideia", ela me interrompe antes que eu possa falar demais.

"Legal." Sorrio; essa também era minha primeira opção.

Estou prestes a indicar que ela me siga quando Apollo fala.

“Killian decidiu não vir?” A pergunta é para Cole, não para Ana.

“Ele está por perto”, responde Cole enigmaticamente.

“Confiante”, observa Apollo. “Incomum para o futuro Monarca. Ele está bem?”

“Sua falsa preocupação precisa de um pouco de trabalho”, diz Cole, sem demonstrar emoção.

“Eu tentei.” Apollo dá de ombros.

“Não acredito que você deu à luz gêmeos há dois meses”, diz Ana, mudando de assunto com naturalidade. “Você está incrível.”

Quase a abraço com força. Ela é tão gentil!

“Obrigada”, respondo, feliz.

Ignoramos os rapazes que nos seguem de longe enquanto a levo para o jardim, onde Martha preparou três tipos de chá e dois tipos de doces com opções de frutas frescas. Não posso culpá-la por exagerar, ela está tão animada quanto eu, sabendo o quanto ter uma amiga de verdade significa para mim.

Ana e eu temos trocado mensagens há semanas, tentando planejar isso.

Cada uma se serve de uma bebida e eu mordo o lábio, sem saber por onde começar.

"Algo te incomodando, Jade?", pergunta Ana, mexendo o chá.

“Sinto-me um pouco como se estivéssemos num encontro supervisionado”, admito nervosamente, olhando por cima do ombro para os homens que nos observam pela janela. “Quer dizer, meu pai organizou isto com a sua família. Sou casada, tenho dois filhos e meu pai está a marcar as melhores datas para eu passar tempo com vocês.”

Ela ri baixinho. “Então é a primeira vez que se encontra com uma amiga da alta sociedade?”

“É a primeira vez que se encontra com qualquer amiga”, corrijo. “Tenho o Ivan, mas ele também é meu irmão agora. Todos os meus amigos são ou meus irmãos, pagos para me protegerem, ou meu marido.”

“Parece bem plausível”, comenta Ana, sorrindo. “Este lugar é uma graça”, diz-me, observando o quintal. “Você e o Dmitri estão a planear ficar na costa

leste?”

Assinto com a cabeça, dando um gole no meu chá de morango com leite de coco. O sabor fresco, veranil e adocicado está perfeitamente equilibrado. "Pelo menos por um tempo. Gosto de ter meu pai tão perto, e é bom ver meus irmãos aceitando aos poucos o Dmitri e o Ivan aqui."

"Homens são como gatos", ela afirma. "Teimosos e lentos para aceitar coisas de que não gostam, mas leais e amorosos com aqueles de quem gostam."

"Gosto disso", dou uma risadinha.

Quando ela sorri, eu sorrio também.

"Você mora com o Cole e o Killian, certo?", pergunto, tentando saber mais sobre ela.

Antes de ela aparecer, pesquisei no Google como fazer amigos — não me julguem, toda ajuda é bem-vinda — e a dica principal era ter cuidado com o equilíbrio na conversa. Preciso mostrar que também me interesso pela vida dela.

"Passo metade do ano em Nova York e a outra metade em Londres, sim", ela concorda. "Minha mãe mora em Londres com a Bron, mas o Cole e o Killian não gostam que eu fique longe deles."

Me identifico totalmente, garota.

"Vocês se dão bem?"

Ela meio que suspira. "Depende do dia, na verdade. Às vezes, não sei se o Cole está tentando ser meu irmão ou meu marido."

"Nossa, isso deve ser confuso." Dou outro gole na minha bebida. "Mas provavelmente existe um jeito de testarmos isso."

Ana inclina a cabeça para mim, erguendo uma sobrancelha. "Essa parece a cara de uma ideia. Você fica parecendo o Matteo quando está tramando alguma travessura."

"Travessura?" Eu exclamo, em tom de brincadeira. "Eu só ia sugerir que fôssemos nadar."

Seus dentes brancos aparecem por trás dos lábios brilhantes, e um sorriso se abre em seu rosto. "Só um mergulho inocente, né? Eu não trouxe maiô."

"Ah, tenho certeza de que tenho um que você pode pegar emprestado", respondo, dando de ombros levemente. "E se o Cole por acaso te vir, vou garantir que o Armani saiba que ele tem ótimo gosto. Afinal, foi ele quem escolheu todas as minhas roupas."

Uma risadinha escapa de Ana, e ela cobre a boca com a mão. "Ah, você é uma encrenqueira, Jade. Seremos ótimas amigas, eu sinto isso."

Eu também sinto.

Coisas boas estão acontecendo comigo agora.

Depois de todo o medo, trauma e dor, finalmente posso ser feliz.

Valeu muito a pena.

Dmitri

Apesar de já ter passado da hora da soneca dele, meu filho está acordado e cheio de risadinhas. Ele estava cochilando há um tempo, e eu quase achei que tinha apagado quando acordou de repente, mais animado do que nunca. Como a irmã gêmea dele consegue dormir profundamente no meu peito enquanto ele continua babando e balbuciando bem ao lado dela é um mistério para mim.

Isobella é uma princesinha de verdade, então acho que faz sentido que ela consiga dormir apesar da tempestade que é o Cesar. Meu bebê, por outro lado, é pura energia. Cesar está sempre pronto para socializar e brincar. É tão exaustivo quanto lindo.

Agora, por exemplo, se tento deitar a Isobella, o Cesar estende a mão para ela e provavelmente chora, o que a acorda. A Isobella é extremamente doce e raramente tem crises de choro, mas chora quando se assusta, e eu me desfaço toda vez que seus olhos se enchem de lágrimas.

Ser pai é tão milagroso quanto doloroso. Quero aconchegá-los e protegê-los do mundo grande e cruel ao nosso redor. Às vezes, quero protegê-los tanto que chega a doer, e eles não poderiam estar mais seguros. É como se eu estivesse esperando o pior acontecer, porque ser tão feliz assim nunca pareceu uma possibilidade antes.

A Jade fez isso por mim, abrindo meus olhos para um novo nível de felicidade. Eu amo minha esposa demais.

"Ele ainda não dormiu?"

Ao ouvir a voz familiar, César vira a cabeça para o lado e encontra um de seus muitos tios na porta.

"Bem acordado", confirmo, rindo baixinho. "Você se importaria de distraí-lo para que eu possa colocar Isobella para dormir?"

Nico olha para meu filho, inclinando a cabeça para ele. Ele ainda não se acostumou totalmente com a presença de bebês em casa, mas está se saindo bem. César o adora, então, claramente, ele está fazendo algo certo.

"Claro", concorda ele, aproximando-se de nós e estendendo as mãos. César o pega com avidez, soltando um gritinho quando Nico o aconchega em seu peito.

Felizmente, Isobella continua dormindo tranquilamente.

"Vamos lá, meu pequeno", diz Nico, abraçando-o com carinho. "Vamos dar

uma volta e eu te deixo com o Matteo. Você parece agitado. Ele vai te acalmar."

“Obrigada”, digo sem emitir som, e ele acena com a cabeça. Levantando-me com cuidado, balanço minha filha nos braços antes de lhe dar um beijo na cabeça e colocá-la no berço.

Seu nariz se enruga quando a coloco no berço, e seus olhos se fecham com força. Mas ela acaba se acalmando novamente, permanecendo sonolenta.

Pegando o receptor do monitor de bebê, dou uma última olhada nela antes de sair do quarto do bebê. Anatoly está em seu posto, sentado bem na porta, segurando um livro que não lhe interessa muito.

Enquanto estamos todos em casa, ele não precisa ser tão rigoroso com a vigilância, mas isso não o impede. Já lhe disse várias vezes que pode usar o celular ou o laptop quando há tanta gente por perto, mas ele não me ouve. Está constantemente em alerta, pronto para agir a qualquer momento. Mesmo me sentindo um pouco mal por ele nunca conseguir relaxar, não poderia pedir uma mentalidade melhor. Afinal, é por isso que ele foi escolhido como guarda dos meus filhos.

Há homens que trabalham para a minha família há décadas, e eu não confiaria em nenhum deles como confio no Anatoly. Ele daria a vida pelos meus filhos.

Muitos homens matariam por elas, mas arriscar a própria vida? Isso é um nível de compromisso completamente diferente. É familiar, não transacional.

"Vou só ver como a Jade está", informo, acenando com a cabeça para a porta por onde acabei de sair. "A Isabela está dormindo e o César está com o Nico e o Matteo."

Anatoly inclina a cabeça em sinal de concordância. "Vou ficar."

"Bom trabalho", respondo com um aceno de cabeça.

Anatoly não sabe agradecer, mas geralmente recebe elogios muito bem. Ele quase se encolhe quando a Jade expressa gratidão a ele, então normalmente evito.

Dando meia-volta, sigo para a cozinha. Jade está conversando com Ana Knight há pouco mais de uma hora, e eu já sinto saudades dela. Meu peito dói de saudade quando estamos separados, mas eu sabia que queria dar espaço a ela hoje. Jade merece a chance de fazer amigos, e eu não vou atrapalhar isso.

Encontro Cole antes de qualquer outra pessoa, curiosamente. Ele está parado perto da janela panorâmica, observando a piscina e o jardim de dentro. Eu meio que esperava que ele ficasse grudado na sua meia-irmã o dia todo, mas parece que ele está se controlando.

Eu não me importo com o garoto, acho. Já que, ao contrário do irmão mais velho, ele não pediu a mão da minha esposa em casamento, eu não o detesto.

“Alguém já atirou em alguém?” pergunto, aproximando-me casualmente.

Os olhos de Cole se voltam para mim e ele resmunga. “Não.”

Então Apollo deve estar levando a supervisão a sério. Tenho certeza de que ele vai manter Matteo na linha.

“Seu bebê acabou de se juntar a eles”, ele me diz, com um tom entediado e sem vida.

Quando olho pelo vidro, vejo Matteo fazendo cócegas no queixo do meu bebê, deixando-o radiante.

“Ele gosta da atenção”, respondo, sorrindo carinhosamente.

Ali perto, a geladeira se abre, chamando minha atenção. Meus lábios se curvam num sorriso e meus pés começam a se mover imediatamente.

“Olha só você aprendendo a andar na ponta dos pés”, comento, sorrindo para o rosto corado dela.

Minha esposa está usando uma toalha como se fosse um roupão. Ela a dividiu ao meio, enrolou nos ombros e mal cobre o biquíni verde minúsculo e absurdamente apertado. Seu cabelo está úmido da piscina, caindo desgrenhado em volta dos seios fartos. Ela é uma visão.

"Eu costumo dar umas escapadas", ela provoca, mordendo o lábio.

Jade destampa uma garrafa de água gelada e toma alguns goles generosos. Nadar a deixa com sede rapidinho.

"Está se divertindo, Krasotka?"

O sorriso dela se alarga. "Está ótimo. O César acordou?"

Dou uma risadinha, alcançando seus quadris e puxando-a para perto de mim. A água grudada em seu corpo não me incomoda nem um pouco. "Ele nunca chegou a dormir de verdade. Mas a Isobella apagou."

“Minha querida”, Jade sussurra. O brilho nos olhos dela quando falamos dos nossos filhos sempre me deixa sem fôlego. “Tomara que um pouco de sol faça o Cesar dormir até a hora de dormir.”

Cruzando os dedos, porque eu adoraria transar com a minha esposa hoje à noite. Silenciosamente, no chuveiro, mas dentro dela, mesmo assim. Não me canso dessa mulher.

Dou um beijo rápido nos lábios dela, me afastando antes que ela possa insistir. “Como você convenceu o Ivan a deixar você entrar sozinha com o Cole aqui?”

Ela revira os lindos olhos azuis. “Ele te viu, claro.”

Dando uma risadinha, sorrio. “Claro.”

Se tem alguém mais paranoico do que eu com a segurança da Jade, é o meu irmãozinho.

“Ah, pelo amor de Deus”, resmunga uma voz grave. “Tenta não respirar

tanto perto dela, senão ela vai acabar com trigêmeos dessa vez.”

Matteo Moretti, pessoal.

Jade ri baixinho, enterrando o rosto na minha camisa antes de se dirigir a ele. “Você ia adorar se eu tivesse mais três bebês.”

O irmão mais novo da minha esposa bufa. “Talvez. Mas isso não significa que você deva fazer isso agora! Espera até esses aqui conseguirem andar, pelo menos, poxa.”

Considerando que Jade e eu estamos transando sem camisinha desde que ela foi liberada para ter relações sexuais, eu deveria dizer para ele não criar muitas expectativas. Eu ejaculo fora, já que ela não toma anticoncepcional e não quer engravidar agora, mas isso só vai funcionar por um tempo.

Eu me ofereci para usar camisinha — com dificuldade, mas usei — e Jade me lançou um olhar tão fulminante. Ela anseia por essa experiência genuína de pele com pele e não será convencida do contrário. Certamente não vou reclamar. Adoro a sensação de tê-la em meus braços.

"Devo voltar para a Ana", sugere Jade, usando meus ombros para se apoiar e me dar um beijo rápido. "Precisa de alguma coisa?"

Seus tornozelos nos meus ombros.

"Não, meu bem. Vá se divertir", respondo com tranquilidade.

Não tenho pressa. Por mais que eu a deseje, sei que a terei para sempre. Posso dedicar um pouco do seu tempo a outros se isso significar mantê-la tão feliz quanto parece e se sente agora.

Ser marido dela e pai dos seus filhos é a minha maior conquista e o meu verdadeiro propósito. A minha vida superou todos os meus desejos, sonhos e expectativas. Tudo por causa da Jade Moretti, que se chocou contra mim enquanto eu estava perdido num barco.

O melhor dia da minha vida, que deu início a uma sequência de dias cada vez melhores.

E essa sequência continua firme e forte.

Notas Finais

Muito obrigada a todos pela leitura! Império Oculto foi um trabalho feito com muito carinho. É o livro mais longo que já escrevi e o mais diferente dos meus trabalhos anteriores, mas estou muito feliz por tê-lo escrito.

Adoro Jade, Dmitri, Ivan e todos os Morettis. Na verdade, tenho um carinho enorme por todos os personagens que não eram maus!

Sei que a pergunta que mais me farão é se darei aos irmãos Moretti seus próprios livros, e a resposta é que eu adoraria. No entanto, como ainda sou uma autora com um público pequeno, preciso me concentrar no que está funcionando. Então, na verdade, a resposta depende inteiramente de vocês. Se esta história cativar pessoas suficientes e houver demanda, começarei a escrever o livro 2 o mais rápido possível. Já tenho alguns nomes em mente, e aposto que nenhum de vocês adivinharia quem!

Além da possibilidade de isso se tornar uma série, eu só queria dizer o quanto amei trabalhar neste projeto. Ele ganhou vida própria e eu não poderia estar mais grata por esses personagens e pelo que eles me ensinaram.

Muito obrigada a todos novamente, e espero trazer mais novidades em breve! Este é o único trabalho meu realmente assim, então, por favor, controlem suas expectativas ao lerem meus outros trabalhos, haha. Tenho várias novelas curtas e bobinhas, e um romance alienígena bem divertido também, mas nada neste nível (ainda)!

Se quiserem mais Morettis, me avisem deixando uma avaliação em Hidden Empire ou compartilhando com seus amigos!

Agradecimentos

Primeiramente, não tenho palavras para agradecer à minha designer de capa, Sandra. Dei a ela pouquíssimas informações sobre o que eu procurava, e ela ARRASOU. Esta é uma das minhas capas de livro favoritas, e realmente me ajudou a fazer deste livro o melhor possível!

Um agradecimento especial à minha leitora alfa, Abigail. Assim como às minhas leitoras beta, Hannah, Jessi, Britt, Kay e Khushi. O esforço de vocês significa muito!

Um enorme agradecimento à minha querida amiga Sarah Blue por seu constante incentivo e incríveis conselhos literários. Você me motiva todos os dias!

Obrigada aos meus leitores por me permitirem compartilhar meu trabalho com vocês e a todos que compartilham meus livros com outras pessoas. Amo todos vocês!

Redes sociais da autora

Instagram: @Kindakassiee
TikTok: @Kassandramann
Goodreads: K.L. Mann
Grupo do Facebook: K.L Mann’s Chaotic Queens



Outras obras

Livro divertido, fofo e aconchegante:
Invasão da Irmandade Z (M/F, Romance Alienígena)

Novelas da série Desejos Profundos:
A Bailarina Perfeita do Papai (MM, Diferença de Idade, Pai Solteiro)
O Rebelde Perdido do Papai (MM, Diferença de Idade, Homem da Montanha)
O Doce Streamer do Papai (MM, Diferença de Idade, Faz-Tudo)

Novelas sobre sentimentos proibidos:
Papai Vai Primeiro (MM, Diferença de Idade, Tabu, Sogro)
Coloque-me em campo, treinador (MM, treinador/padrasto, diferença de idade)
Leve-me embora, motociclista (MM, Motociclista x Modelo)

Independente(s)
Lábios de Doce (FF, Irmãs Postiças, Halloween)
Presenteado aos Bilionários (MMF, Melhores Amigos do Irmão, Criação)
Tudo o que eu quero para o Natal é um orc brilhante (MF, Novela de Romance Monstruoso)
Queime, bebê queimado (MF, Segunda chance, diferença de idade, ex da mãe)

Minis da Universidade de Tombstone:
Desafio ou Morte (MMF, Ellie, Jace e Mikael)
Feliz ou Mortem (FF, Jamie e Gretchen)
Aquecer-se ou queimar (MMM, Sam, Hunt e Paulo)

Série Universidade ao Luar:
Minha Meia-Irmã é uma Vampira (MMMMFF, Alcateia de Vampiros e Lobisomens)

Série Criaturas Condenadas:
Cordeiro Cordeiro (MF, almas gêmeas, bruxa x demônio)
Anjo (MMF, gravidez, humano x demônios)

Série Noite de Desafios:
Farei Qualquer Coisa (MF, casamento arranjado/forçado)
Eu Queimarei Qualquer Um (MFM, Brother’s Best Friends/“Amor Proibido”)
Conquistarei Qualquer Lugar (Dueto parte 1, MMF, Famílias Rivais, De Amigos a Amantes)
Resistirei a qualquer tempestade (Dueto parte 2, MMF, Famílias rivais, De amigos a amantes)